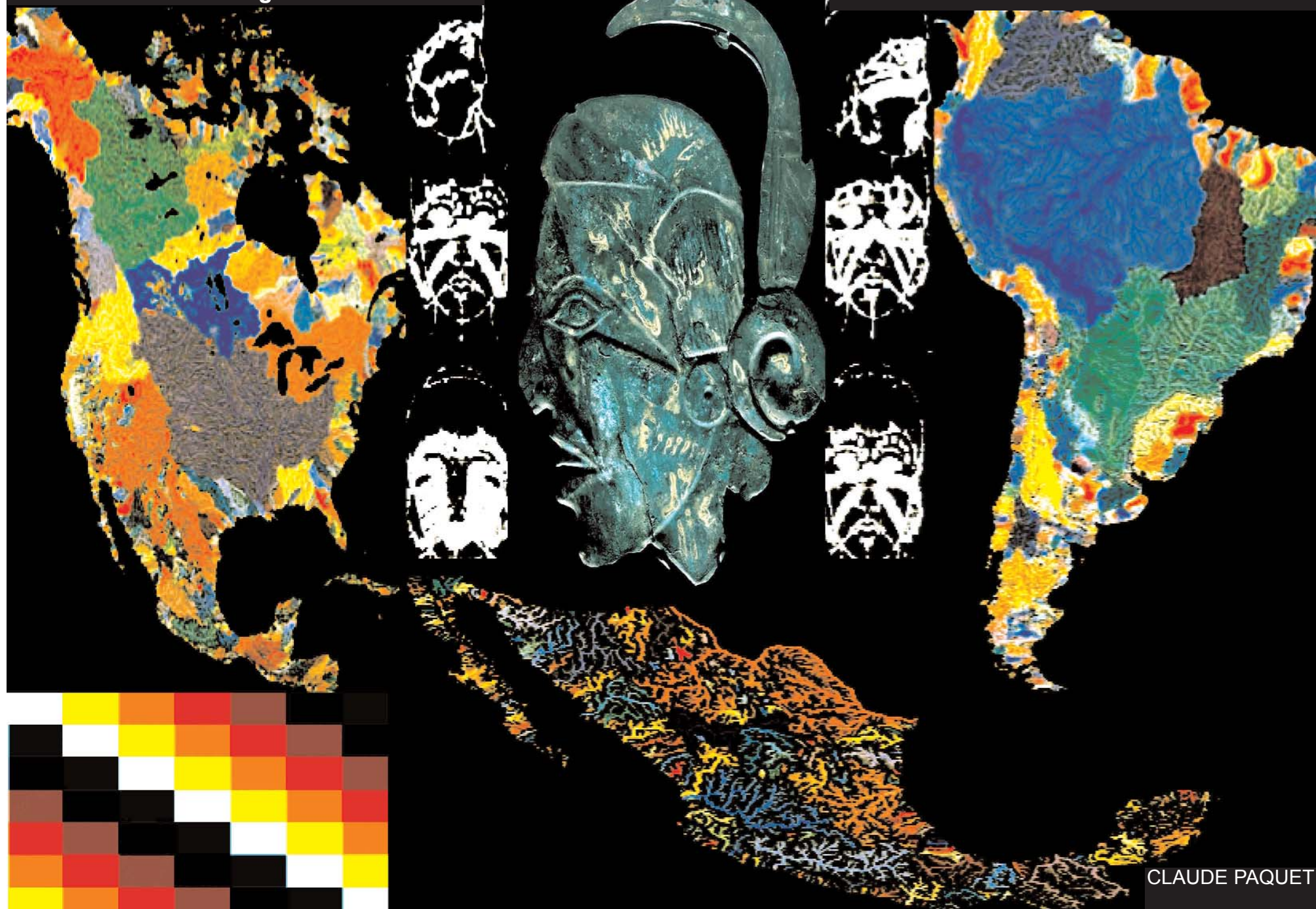
Abya Yala vem de duas palavras: "Abe" que significa sangue e "Yala" que significa espaço, território. Então isso significaria uma terra de sangue

ABYA YALA

É por isso que Abya Yala, uma terra de sangue vital e madura, sempre jovem ... é a designação escolhida para nomear o continente americano nativo.

CLAUDE PAQUET

ABYA YALA ANCESTRAL (PRE-COLOMBIANO)

CLAUDE PAQUET

Abia Yala ou Abya Yar (terra de sangue, terra jovem, ainda nascendo): Nome que os Kunas dão ao continente americano. Segundo a história oral do povo Kuna, a Terra passou, até hoje, por quatro estágios históricos de sua evolução. Um nome diferente de continente pertence a cada estágio: Gwalagun Yala, Dagargun Yala Yaladingua Yala e, finalmente, Abia Yala, terra de sangue em seu sentido mais amplo.

Etimologicamente, a palavra Abya Yala vem de duas palavras: "Abe" que significa sangue e "Yala" que significa espaço, território. Significaria, portanto, uma terra de sangue. Porém, possui outros significados como: terra em plena maturidade, terra de sangue vital, terra de vida, terra nobre que acolhe a todos. Território também salvo, preferido, amado e como uma terra em juventude permanente. As autoridades tradicionais, os Sailamar (grandes poetas) argumentavam o seguinte: "todos usam o nome da América para o nosso continente, mas depositamos o nome verdadeiro que para nós é Abya Yala, e que significa terra em juventude permanente, terra sangue ... Colocar nomes estrangeiros em nossas cidades e continentes é o mesmo que submeter nossa identidade à vontade de nossos invasores e seus herdeiros ". Desde então, os povos indígenas e suas organizações, bem como movimentos sociais e grupos culturais da América Latina e outras regiões do mundo, usam o nome Abya Yala em seus discursos e documentos políticos.

E é por isso que Abya Yala, uma terra vital e madura no sangue, sempre jovem ... é uma designação que vem ganhando força e é adotada por muitos povos a cada dia. Chamando América Abya Yala, eles também recuperam a luta pela afirmação de seus territórios em homenagem aos Kuna; os pioneiros com sua revolução de 1925 e a criação da primeira autonomia indígena em 1930.

Em segundo lugar, o uso do termo "Abya Yala" em vez de "Novo Mundo" ou "América" tem implicações ideológicas que indicam o apoio aos direitos dos povos indígenas. Hoje, Abya Yala se tornou um conceito universal para os povos indígenas, uma autodesignação, como um contraponto à América e dá um sentimento de unidade e pertencimento. Faz parte de um processo de construção de identidade política, parte desse processo de descolonização do pensamento, que é uma das características desse novo ciclo de lutas e movimentos dos povos indígenas. Abya Yala é um símbolo de luta, construção e recuperação de territórios e novos léxicos políticos, porque a linguagem também se territorializa, gera identidade, dá nome próprio; constitui uma forma de apropriação do espaço, da sua história, dos seus mundos.

Essa história começa há milhares de anos, essa história é longa, é rica, é cheia de sabedoria, de lições para a vida, para conduzir nosso povo de maneira adequada, para defender a Mãe Terra. Essas sabedorias foram legadas por grandes personalidades, homens e mulheres, que nos deixaram o "Anmar danikid igar" ou nossa história ligada à de Abya Yala.

REVOLUTIONNAIRES KUNA

Le svastica kuna symbolise la légende de la poulpe KIKIR dont les tentacules en tourbillonnant aux quatre points cardinaux donna naissance à un arc-en-ciel puis au soleil et à la lune à l'origine du monde.
(aucun lien à faire avec l'idéologie nazie)

MANIDINIWIEBINABBI
1907 - 1993

MANIBINIGDIGINYA
1907 - 1973

CEFERINO COLMAN
1897 - 1983

NIBAGINYA CABÚ
1882 - 1974

AMMA IED
1908 – 1999

NIGA KANTULE
1890 - 1977

OLOMAILI
1881 - 1974

IGWANAISI
1890 - 1972

IGWANABIGINYA
1897 - 1989

NUGELIBBE
1902 - 1980

OLODEBILIGINYA
1892 - 1970

YABILIGINYA
1882 - 1972

IGWADINGIBBILER
1890 - 1973

ILLUSTRATION : OLOGWAGDI

A REVOLUÇÃO KUNA (1925)

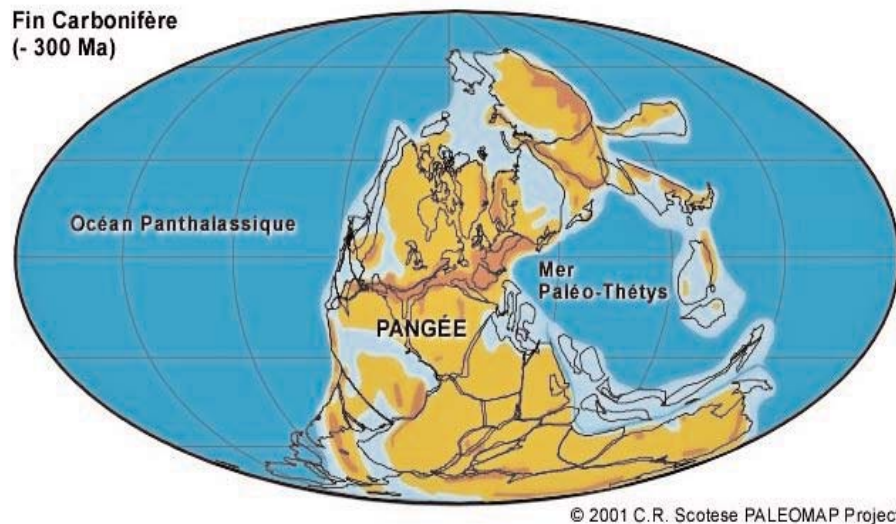
A Revolução Kuna começou em 25 de fevereiro de 1925, quando um grupo armado atacou a polícia panamenha que havia participado da violenta repressão às práticas culturais Kuna e abusou de pessoas de várias comunidades. Os Kunas se levantaram em armas para se opor às políticas assimilacionistas do governo nacional. Primeira etapa de um longo processo de afirmação da identidade e reivindicações territoriais, essa revolta é hoje conhecida como Revolução Kuna (Revolución Dule). Após a revolta, a área foi reconhecida como reserva Guna Yala com status de autônomo. Eles foram os primeiros povos indígenas a serem assim organizados no Panamá. O status autônomo dos Kuna foi oficialmente reconhecido em 1930 em resposta à pressão política dos governantes Kuna. A Comarca de Kuna Yala foi fundada em 1938 com o nome de Comarca de San Blas. A comarca foi formada nas províncias de Colón e Panamá. A estrutura governamental de Kuna Yala está definida na Carta Orgânica, da Lei 16 de 1953. Atualmente são governadas pelas autoridades tradicionais.

ABYA YALA PANGEAN

A PANGEA

Nos últimos 3,5 bilhões de anos, vários supercontinentes se formaram e se estilhaçaram, alterando radicalmente a história de nosso planeta. Há mais de um século, o cientista Alfred Wegener propôs a noção de um supercontinente antigo, que ele chamou de Pangaea. Como prova, fósseis, plantas idênticas - algumas extintas - também são encontradas em continentes hoje muito díspares. O mesmo é verdade para cadeias de montanhas: os Apalaches nos Estados Unidos e as Montanhas Atlas em Marrocos já fizeram parte das Montanhas Pangéia Central. Eles podem ter sido formados pela colisão dos supercontinentes Gondwana e Laurussia. Perto do equador, a (futura)

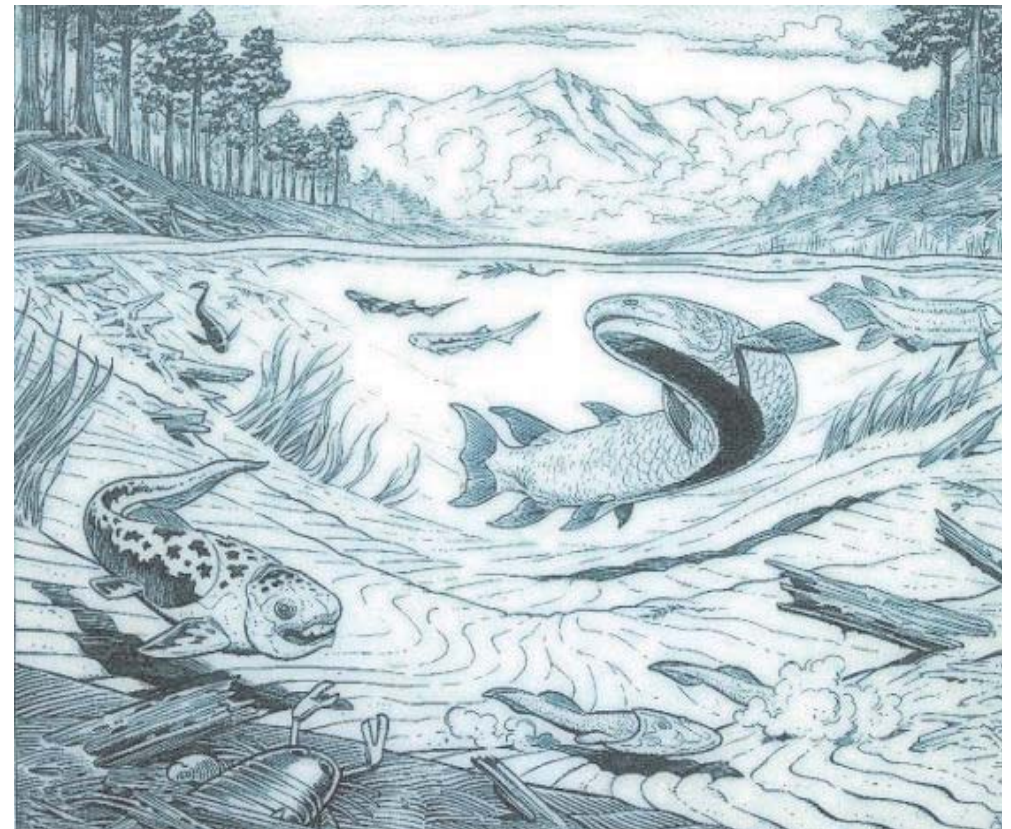
Fin Carbonifère (- 300 Ma)

© 2001 C.R. Scotese PALEOMAP Project

Pangéia começa sua formação com a união de Gondwana e Laurussia. O oceano Panthalassa cobre o resto do planeta. Existem alguns oceanos menores: Paleotethys, Prototethys, o oceano Rheic, o oceano Ural fechado pela colisão da Sibéria e da Báltica.

ANIMAIS SELVAGENS

Uma grande extinção em massa, a Extinção Devoniana, ocorre no Devoniano Superior, entre o Frasniano e o Famenniano, que afeta até 70% das espécies vivas. A causa de tal extinção conjecturada como de origem extraterrestre, um impacto de meteorito, vestígios credíveis de tal impacto não foram descobertos. Provavelmente seria uma "pluma gigante", um oceano de magma que perfura a crosta terrestre, emergindo das entranhas da Terra. No início do período Devoniano, o clima era muito quente, depois no final a temperatura vai arrefecer calmamente, fazendo com que as espécies marinhas saiam da água para se aquecer, é também neste período que as espécies marinhas começaram. ter nadadeiras e pulmões ajudando-os a sair da água e respirar.

BIOTOPES MARINHOS

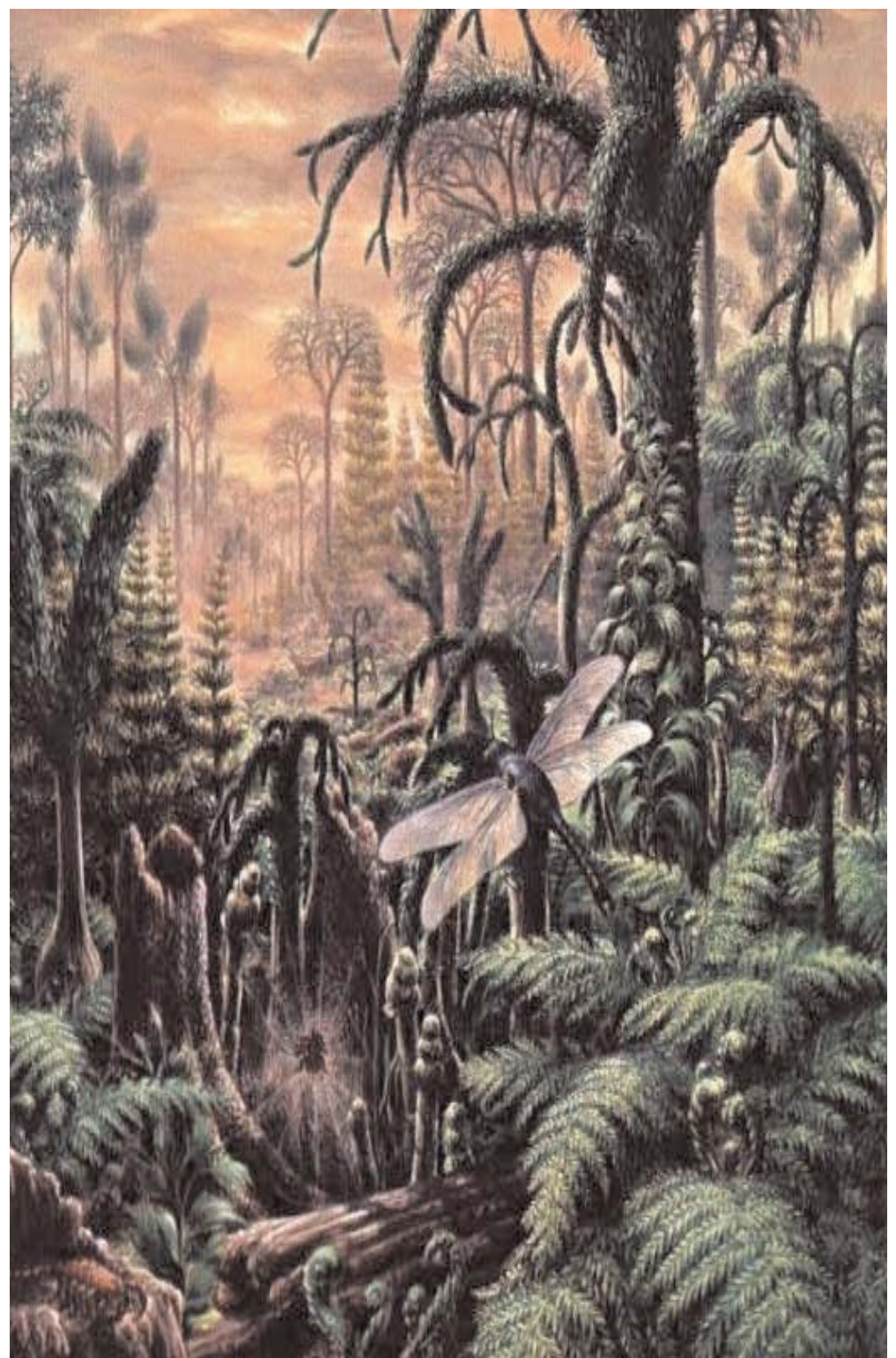
O nível do mar está alto. A fauna marinha é dominada por ectoprocta, vários tipos de braquiópodes e corais. Os trilobitas ainda são comuns, mas menos diversos do que em épocas anteriores. Os peixes de prato grande, os placodermes, foram acompanhados durante o Devoniano Médio pelas primeiras ervilhas.

sons com escalas, que depois se diversificaram. Os primeiros tubarões aparecem no início do Devoniano. Peixes com ossos, alguns de grande porte, logo se juntam a eles. Durante o Devoniano tardio, nossos ancestrais, os peixes de ossos lobados evoluíram para os primeiros tetrápodes, como o Tiktaalik roseae, que caminhava pela terra no final do Devoniano. Ammonoidea aparece no final do Devoniano ou no final do Siluriano, mas só se torna abundante durante o Mesozóico. As formas mais evoluídas de graptólitos estão desaparecendo.
Comparável ao deserto africano do Namibe e à bacia do Lago Eyre na Austrália, o clima de Pangea - ao que parece - era geralmente árido, com períodos de chuva curtos e recorrentes que às vezes incluíam grandes inundações.

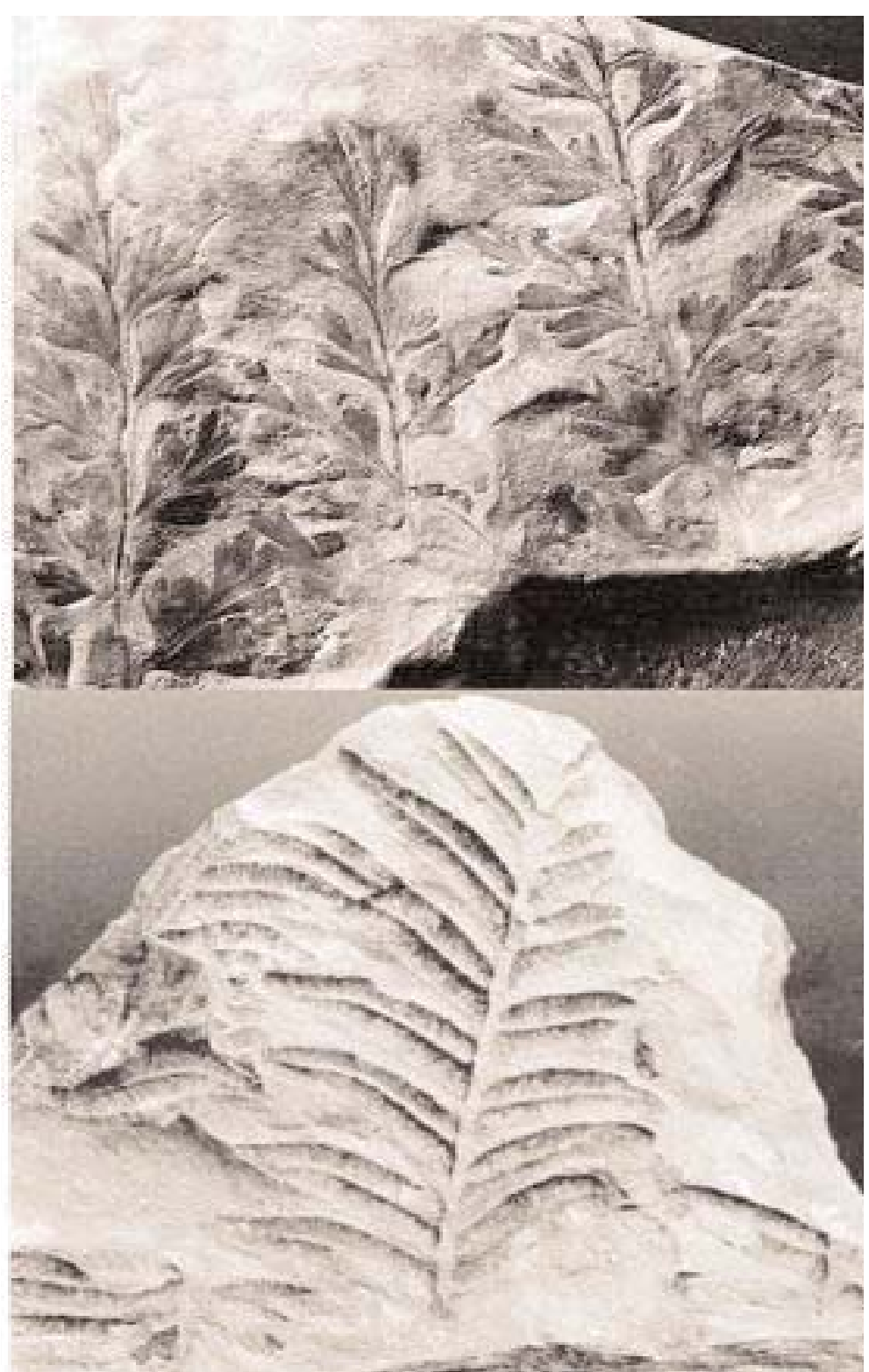
TERRESTRIAL BIOTOPES
Na terra, bactérias e algas silurianas são unidas durante este período por plantas primitivas que criaram as primeiras suculentas e abrigaram artrópodes, como mariposas e escorpiões, e miriápodes, artrópodes já estavam presentes na Terra antes do Devoniano. Os primeiros vestígios fósseis de insetos datam do final do Devoniano. No final do Devoniano, os primeiros anfíbios e artrópodes estavam firmemente estabelecidos na Terra. Nas florestas do Devoniano Superior existem plantas primitivas: surgiram licófitas, esfenófitas, samambaias e progimnospermas. A maioria dessas plantas tem raízes e folhas verdadeiras. As samambaias se especiaram em formas gigantes de árvores. No final do Devoniano, surgiram as primeiras plantas com sementes. O rápido surgimento de tantos grupos de plantas diferentes é conhecido como Explosão Devoniana. Os artrópodes primitivos coevoluem com essas várias plantas. A dependência evolutiva entre insetos e plantas com sementes é característica do mundo moderno e tem suas raízes no Devoniano.

Para colonizar terra seca, você tem que ser capaz de se reproduzir lá. Como fazer sem o oceano? Plantas e animais mostram uma imaginação fértil. Você não apaga suas origens tão facilmente, especialmente quando se trata de se reproduzir. Resquício dessa mania que os peixes tinham por liberar seu sêmen na água, os primeiros anfíbios, após milhões de anos de colonização terrestre, ainda retornam ao pântano, como as rãs atuais, para acasalar e desovar.

O outro ramo dos tetrápodes - os vertebrados amnióticos - que mais tarde darão origem aos famosos dinossauros, pássaros ou mamíferos, segue um caminho mais ousado. Para melhor se libertar do oceano primordial, ele o recria artificialmente. "Esses animais inventaram o ovo que pode ser posto da água", explica o enigmático Philippe Janvier, do Museu Nacional de História Natural. O que contém esse ovo tão original? Membrana cheia de água, o âmnio, que protege o embrião e permite que ele se desenvolva em meio aquático. Uma inovação que os mamíferos preservaram na forma de líquido amniótico e que permitiu aos vertebrados saírem definitivamente da costa para conquistar terras mais altas e secas.
Para as plantas, acontecia exatamente a mesma coisa: uma espécie de interiorização do oceano primordial por meio do que podemos chamar de câmara polínica do óvulo ".

Porque, como os anfíbios, as primeiras plantas terrestres permanecem intimamente ligadas, para sua reprodução, ao meio aquático. São criptogramas, um grande grupo de plantas sem flores, cujo representante mais conhecido, a samambaia, ainda hoje precisa de água para se reproduzir; mesmo que seja orvalho da manhã. Porque seus antterozoides, equivalentes aos espermatozóides para as plantas, devem nadar no ambiente externo , graças aos seus cílios vibráteis para a oosfera, ou gameta feminino, que um deles fertilizará. o que aconteceu, milhões de anos antes, nas profundezas do mar. O aparecimento do óvulo permitirá que as plantas se libertem do primordial oceano, recriando-o como os vertebrados amnióticos farão mais tarde. Novas samambaias. As chamadas samambaias com óvulos que irão prosperar algumas dezenas de milhões de anos antes da extinção, começam a produzir novos esporos femininos que germinam para constituir um órgão fechado - o óvulo - em que as oosferas se desenvolverão. Esporos masculinos, eles são grãos de pólen liberados pelo vento. Aquelas que conseguem se prender ao óvulo liberam antterozóides, que terão que nadar na gota d'água que banha a câmara polínica, para se encontrarem com a oosfera. Uma gota simples para o oceano.

Tivemos que esperar pelos fanerógamos, 300 milhões de anos atrás, para ver as plantas terrestres cortar permanentemente as pontes com suas origens aquáticas. Nessas plantas que surgiram no Carbonífero - e que acabaram protegendo o embrião neste verdadeiro cofre que é a semente - o núcleo reprodutor masculino não precisa mais nadar. Nem mesmo, aliás, para se locomover por si só: é liberado "chave na mão" por um tubo polínico que penetra nos tecidos do órgão feminino. Pela primeira vez na história da vida, um organismo pode se reproduzir em um ambiente completamente seco. Os animais ainda são incapazes disso. Esses fanerogâmicos aperfeiçoarão o processo, protegendo as sementes de uma fruta, como as sementes de uma maçã. Um refinamento que fará desses chamados fanerogâmicos de angiospermas, os mestres indiscutíveis da flora terrestre

JOGGINS CLIFF - NOVA SCOTIA - CANADA

Cerca de 300 milhões de anos atrás, a atual costa leste da Baía de Chignectou, ao norte da Baía de Fundy, era uma floresta tropical próxima ao equador. Conhecida como a "Idade do Carvão de Galápagos", as Falésias Fósseis de Joggins fornecem um exemplo notável da evolução da vida na Terra durante o período conhecido como Período da Pensilvânia da história da Terra. A paleontologia foi reconhecida desde meados do século 19, quando Sir Charles Lyell declarou que a "floresta de árvores fósseis de carvão" exposta nos penhascos ao longo da orla marítima era "o fenômeno mais maravilhoso que já vi". Nascido na Escócia, Lyell é o pai da geologia moderna. Seu exame desta floresta fóssil resolveu a então calorosamente debatida teoria da origem do carvão, confirmando que o carvão foi formado no local a partir de material decomposto de florestas antigas. Essas árvores de 300 milhões de anos eram em sua maioria licópodes, ou escamas, assim chamadas por causa do formato de sua casca. Ancestrais dos musgos de clube de hoje, esses gigantes da Idade do Carvão (Carbonífero) alcançaram 30 metros de altura. Lyell estava acompanhado por um jovem da Nova Escócia, William Dawson, que mais tarde se tornou Sir William e o mais importante geólogo canadense do século XIX. Em 1852, Lyell e Dawson descobriram os restos do mais antigo réptil fóssil conhecido em um toco de árvore fossilizado. Um século e meio depois, esse animal do tamanho de um lagarto chamado Hylonomus lyelli, ou "morador da floresta", ainda é a criatura verdadeiramente terrestre mais antiga já encontrada. Ele estava aparentemente preso em um toco oco de árvore, onde foi preservado quando o lodo de um sistema de rio sinuoso foi levado pelo que Dawson chama de "depósito bizarro". O sítio contém os vestígios mais importantes do mundo dos dois elementos característicos da "era do carvão": os tetrápodes terrestres, nomeadamente os primeiros répteis e os primeiros amniotas, e as "florestas carboníferas húmidas" que lhes serviam de habitat. O surgimento dos amniotas, os primeiros vertebrados a adquirir a capacidade de se reproduzir fora da água, foi um dos eventos mais significativos da história da vida na Terra.

As primeiras formas de vida, provavelmente bactérias, teriam surgido há quase 3,5 bilhões de anos. 97% de todos os nossos átomos são de origem estelar, portanto, extraterrestres. São 600 milhões de anos de organismos com corpos planos, aparecem algas e musgos vegetais. Depois, os invertebrados marinhos, que graças ao cálcio intergaláctico produzido pelas explosões de supernovas cujas nuvens cósmicas atingem a Terra, começam a sofrer mutações em vertebrados : crustáceos e peixes. Sem cálcio, sem ossos e dentes, sem esqueletos, sem vertebrados.

BURGESS SCHIST

Descoberto em 1909 pelo paleontólogo Charles Doolittle Walcott, o Burgess Shale são rochas sedimentares formadas por partículas de argila e silte depositadas ao longo de um recife há cerca de 505 milhões de anos, ou seja, logo após a famosa explosão cambriana. A camada de xisto está embutida em uma parede das Montanhas Rochosas no Parque Nacional de Yoho, na encosta oeste do Monte Stephen, no Canadá.

Esses xistos tornaram-se famosos porque contêm fósseis de animais que viviam naquela época extraordinariamente bem preservados e que hoje nos parecem muito estranhos. Esses fósseis são particularmente notáveis porque vemos as impressões das partes moles dos animais da época, e em 3D, o que é extremamente raro. Charles Walcott inicialmente afirmou que os organismos da fauna de Burgess pertenciam a categorias extintas, dentro de grupos de animais que ainda existem hoje. No entanto, muitos desses animais parecem um tanto bizarros para nós, e as descrições detalhadas que foram fornecidas subseqüentemente destacaram a dificuldade de aplicar as definições correspondentes aos grupos modernos a eles.

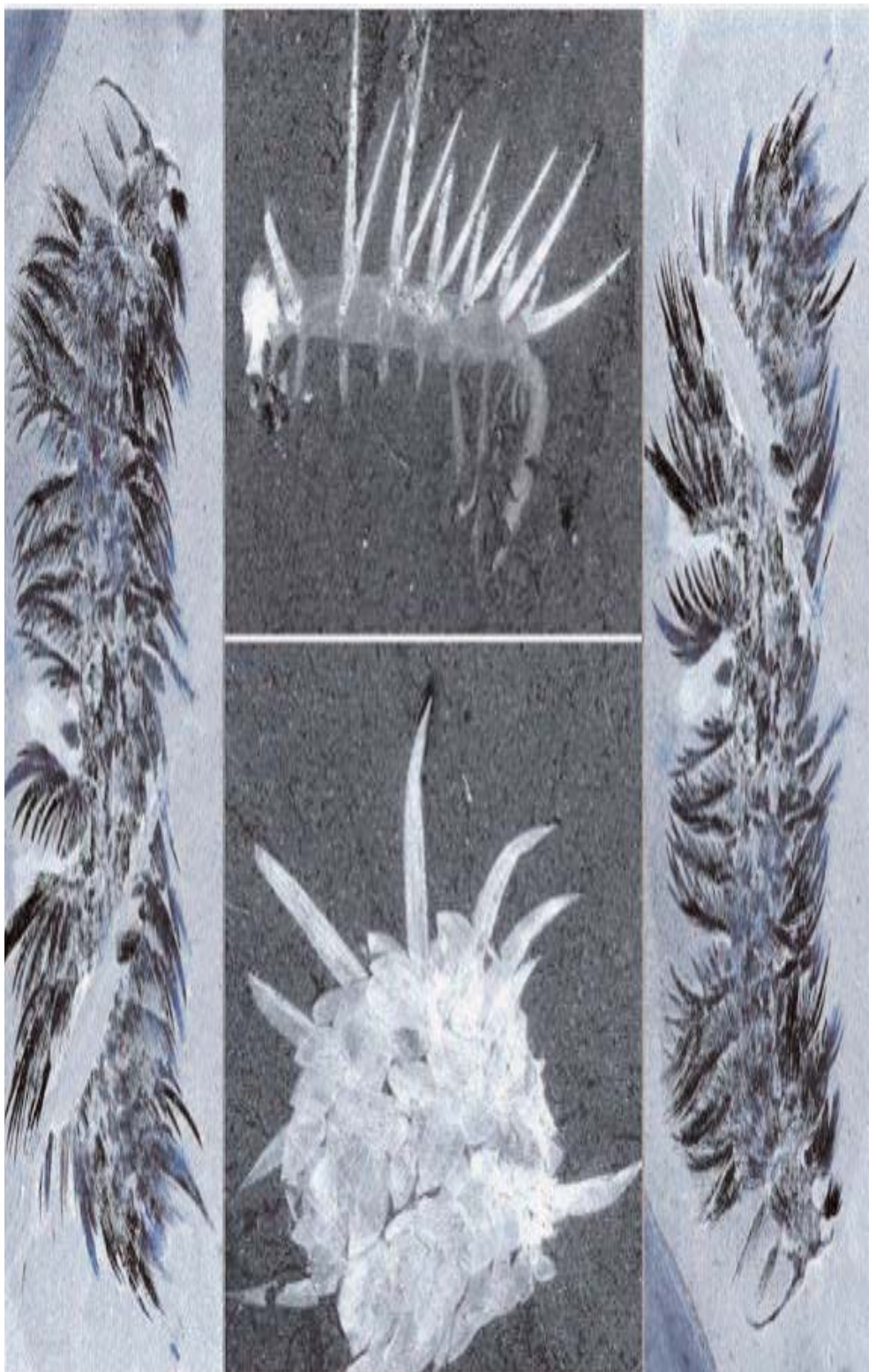
Alguns, especialmente Stephen Jay Gould, viram nisso uma prova de que a explosão cambriana foi um período de experimentação, uma vez que as organizações daquela época tinham muito mais planos organizacionais do que hoje (e, portanto, atestavam uma disparidade evolucionária maior). Por sorte, apenas alguns desses planos organizacionais sobreviveram, constituindo os ramos que conhecemos hoje. Se Gould estivesse certo, e se as criaturas bizarras de Burgess Shale - que ele chamava de "maravilhas estranhas" - fossem de fato ramos extintos, a Explosão Cambriana foi um tempo de inovação evolutiva em uma escala muito maior do que nunca havíamos suspeitado antes.

Os pesquisadores analisaram os folhelhos milímetro a milímetro e concluíram que essas rochas sedimentares não se formaram lentamente, mas como resultado de uma série de deslizamentos repentinos que enterraram rapidamente os animais que viviam na base do recife. A lama infiltrou-se nos órgãos e, graças a finas camadas de sedimentos, eles se separaram do corpo em diferentes micro-níveis. É por isso que uma certa estrutura tridimensional foi preservada, mesmo durante fortes compressões do lodo. Além disso, ao isolar repentinamente as partes moles do oxigênio contido na água, esse rápido enterro desacelerou sua decomposição. É por isso que, hoje, os cientistas podem estudar lá com lazer mais de 65.000 espécimes pertencentes a 120 espécies.

O Burgess Shale fornece evidências fósseis diretas do aparecimento de uma série de grupos de animais em ambientes marinhos quase desocupados antes da explosão cambriana. Essa radiação evolutiva ocorreu ao mesmo tempo que um súbito aumento da complexidade dos ecossistemas, marcado pelo surgimento de novos tipos de interação entre as espécies resultantes de inovações ecológicas - como novos modos de alimentação e locomoção.

A explicação para a explosão cambriana pode não estar nem no meio ambiente, nem nos genes reguladores, mas nas complexas interações ecológicas entre os animais. A explosão pode ter resultado da coevolução, os diferentes habitantes do ecossistema cambriano tendo sido "forçados" a evoluir por mudanças que ocorreram dentro deste ecossistema.

Por exemplo, o aparecimento de predadores pode ter estimulado a evolução do esqueleto (incluindo placas mineralizadas) para proteção ou, no caso do nado, como meio de fuga. Antes da propagação da predação, vários "experimentos" de planos de organização poderiam ter ocorrido, em um contexto de interações entre espécies provavelmente ainda bastante limitado. A instalação em ambientes até então inexplorados era para permitir a sobrevivência de organismos mesmo mal adaptados, talvez dotados de um dos curiosos planos organizacionais observados no Cambriano. A interação dos organismos com o meio ambiente, sem dúvida, criou novos nichos ecológicos (lugares particulares ocupados por espécies em um ecossistema).

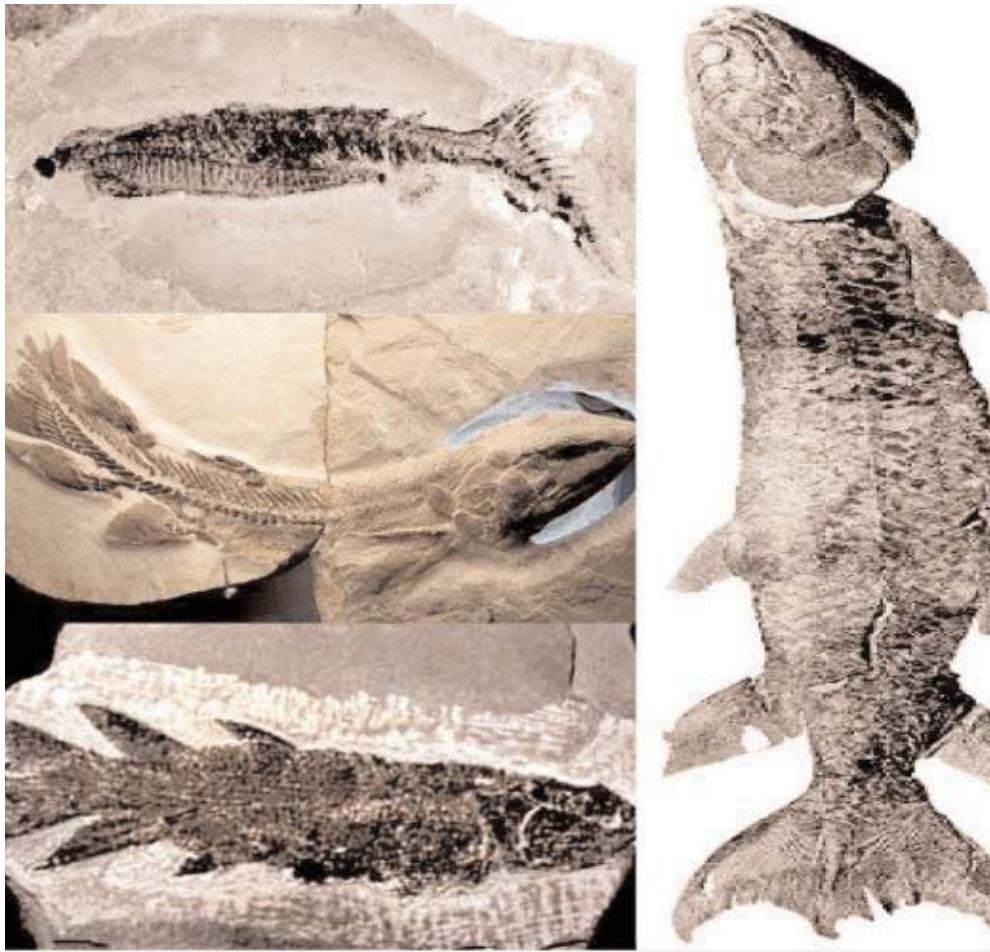
Pode-se pensar no surgimento do zooplâncton, trazendo matéria orgânica para os organismos bentônicos, ou de escavação, que possibilitou novas interações com os sedimentos. Mas, depois de dezenas de milhões de anos, a proliferação de organismos ocupando esses nichos levou a uma competição que eliminou aqueles dotados de planos organizacionais menos adaptados, restando apenas os ancestrais dos ramos atuais. No final da Explosão Cambriana, as estruturas ecológicas fundamentais dos ecossistemas marinhos modernos estavam firmemente estabelecidas.

Miguasha

Os Micmacs de Gaspésie chamam de setor Megouasag: penhasco vermelho. Tendo se tornado Miguasha com o tempo, o lugar ainda é tão vermelho. No extremo oeste de Baie-des-Chaleurs, no lado norte do rio Ristigouche, Miguasha deve sua coloração vermelha à formação geológica de Bonaventure. Mas o lugar deve a sua fama mais à formação que se encontra logo abaixo, ao nível da praia. Por 125 anos, a Formação Escuminac foi famosa entre os paleontólogos em todo o mundo. E por um bom motivo: ele entregou milhares de fósseis surpreendentemente bem preservados, principalmente peixes que viveram no Devoniano, 380 milhões de anos atrás.

Há cerca de 360 milhões de anos, o eusthenopteron foordi, o famoso peixe fóssil descoberto por volta de 1960 em Miguasha, na Península de Gaspé, em Quebec, possuindo respiração terrestre e podendo rastejar, empreende a difícil e perigosa saída da água e se encontra em um ambiente totalmente diferente onde as samambaias, entre outras, atingem mais de 30 metros de altura. Nesse período do Devoniano Superior, Miguasha era um enorme lago de água doce, com baixo teor de oxigênio e pobre em bactérias, o que teria facilitado a fossilização das espécies.

A deriva continental apenas começou. Todos os continentes estão unidos em uma massa compacta sob o equador. Comparações entre os espécimes encontrados em Miguasha e os da Escócia, Groenlândia, norte da Alemanha e Rússia indicam que esses fósseis são as primeiras evidências biológicas que demonstram que os continentes estavam unidos entre si naquela época e tinham um clima do tipo tropical. É a Terra, este planeta com continentes irreconhecíveis, cujo hemisfério norte é coberto por um oceano sem fim? Os seis continentes que conhecemos, os dois grandes oceanos, tudo isso ainda não existe. E o clima parece mais quente do que hoje ... não há gelo no Pólo Norte! Mesmo os dias não têm a mesma duração! Este continente único, Pangea, não foi posteriormente deslocado. Bem-vindo ao Devoniano Superior. Para esta visita à Terra há 380 milhões de anos, devemos esquecer o que estamos acostumados a ver em nosso planeta e nos colocar na pele de um viajante espacial que chega em um novo planeta. A mudança de cenário é bastante completa.

Uma olhada nas espécies vivas também é confusa. Se as regiões tropicais estão em lugares cobertos por florestas, as árvores nelas contidas não são muito diversas. Já no solo, as pequenas plantas não lenhosas apresentam uma maior variedade. E você tem que ter muito cuidado para ver os animais. Escondidos na liteira do solo, alguns invertebrados vivem por conta própria. Mas na água é outra história.

Naturalmente, os invertebrados são numerosos, mas os peixes também são abundantes e variados. Mas eles parecem engraçados e poucos deles se parecem com as espécies de hoje. Com razão, o Devoniano foi apelidado de Idade de Peixes, em referência à proliferação evolutiva que operou durante este período.

Hoje encontramos descendentes do "Dipneuste", outro peixe pulmonado que rasteja, na Austrália, África e América do Sul.
Mais incrível ainda, além de respirar, nosso primeiro ancestral se move contando com ossos articulados (nossos atuais membros, pernas e antebraços). Essa descoberta científica nos leva a todo um questionamento filosófico : Na verdade, descendemos dos peixes.
Sim, o homem descende dos peixes e a evolução ao longo de vários milhões de anos tornou-se mais complexa: anfíbios, dinossauros, pássaros, primatas (50 milhões de anos atrás) e finalmente o Australopithecus arbóreo (5 milhões de anos atrás). Anos) nosso ancestral primata seguido pelo Homo erectus (um milhão de anos) e Neandertais (300.000 anos) e finalmente Homo sapiens, nosso ancestral imediato de 40.000 anos.

Surge assim uma constante inevitável, o objetivo da vida é aumentar a Consciência dos seres vivos e cada célula troca continuamente informações com seu ambiente para aumentar seus "pontos de memória". A construção do cérebro humano cujos 1.013 neurônios, uma vez implantados no tecido conjuntivo cerebral, são conectados por 1.015 sinapses é um desempenho que desafia qualquer imaginação. Seguindo o teorema de Brogliano, nem é preciso dizer que, doravante, criação e evolução andam de mãos dadas.

Criação e evolução são então apresentadas como dois infinitos : o Universo como magnitude infinita e a natureza de nosso mundo terrestre como infinito de formas temporais possíveis e diversidade de coisas vivas. Dois universos aparentemente contraditórios e ainda assim unidos em uma única totalidade : "ímpeto vital" e "evolução criativa" formando um Todo em "criação contínua de novidades imprevisíveis", como escreve o filósofo Bergson em Evolução criativa.
A fauna de Miguasha é uma das mais representativas do Devoniano. É reconhecida como uma janela para a ramificação dos vertebrados durante a Idade dos Peixes, mas também atesta a ramificação dos invertebrados nos domínios aquático e terrestre, neste momento crucial em que o reino animal deixou o ambiente aquático para fazer a conquista de os continentes emergentes. Desde as primeiras escavações registradas, no verão de 1879, mais de 17.000 espécimes de vertebrados, invertebrados e plantas foram extraídos do penhasco. Desse número, cerca de 10.000 exemplares estão no acervo do Museu de História Natural do Parque Nacional de Miguasha.

O restante está disperso nas coleções de cerca de trinta centros de pesquisa, museus e universidades no Canadá e em vários países ao redor do mundo. Essa fauna inclui cerca de vinte espécies de peixes essencialmente endêmicos, ou seja, não encontrados em outras regiões do globo. Essas espécies testemunham diferentes estágios da evolução dos vertebrados e pertencem a diferentes grupos, muitos dos quais já estão extintos. Eles incluem algumas das formas mais primitivas, bem como algumas das mais especializadas e sofisticadas na história evolutiva dos peixes. Toda uma panóplia de formas coexiste. Com grandes carnívoros com corpos poderosos e dentes afiados, pequenos peixes subterrâneos filtrando a lama para encontrar seu sustento, pequenos peixes espinhosos que vivem em cardumes, o ecossistema tem tantos predadores quanto presas.

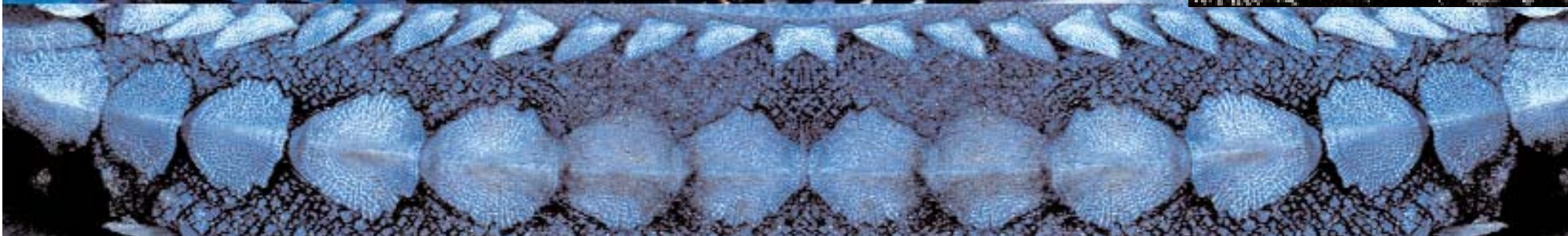
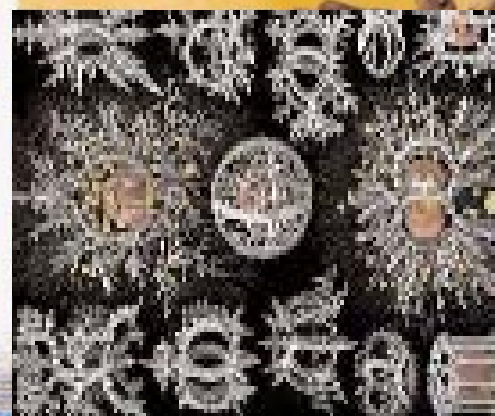
No sopé dos recém-formados Apalaches, um grande estuário se estende e serve de ligação entre um rio que nasce nas montanhas e o mar que se estende mais longe. A água é pobre em oxigênio, então ter pulmões parece ser a norma em muitas espécies de peixes. O oxigênio que eles não conseguem passar pelas guelras, eles o extraem do ar em algumas baforadas. Tanto que algumas espécies de Miguasha foram capazes de sobreviver fora da água por um curto período de tempo, e talvez até rastejar ao longo da costa usando suas fortes nadadeiras para voltar à água. Prova de que o homem descende não só dos macacos, mas também dos peixes. Juntos, esses vertebrados e invertebrados aquáticos e terrestres formavam parte integrante de um ecossistema agora desaparecido, mas cujos vestígios são suficientemente abundantes e detalhados para que seja possível reconstruí-lo com precisão. Em termos de números, o placoderme Bothriolepis canadensis é a espécie mais numerosa. No Museu de História Natural, esta espécie representa 28% dos 10.000 exemplares da coleção nacional, um verdadeiro santuário em Bothriolepis! Até mesmo um peixe de culto como o Eusthenopteron foi representado por 1.600 espécimes em 2006. E contamos até 600 espécimes por metro quadrado do pequeno acanthodian Triazeugacanthus affinis na superfície de certas camadas! Isso quer dizer a altíssima concentração de fósseis encontrados em Miguasha. Tal local é uma riqueza "quase renovável", uma vez que apenas uma pequena fração da formação foi escavada e novos afloramentos foram detectados no interior nos últimos anos. O que as escavações nos reservam nos próximos anos?

E aqui estão os contos míticos da pré-história que vêm jogar a perturbação festiva.

Quando o arqueólogo Henry Lothe pensa ter reconhecido em um afresco primitivo no deserto de Thassali um astronauta em um traje espacial a quem ele batiza de "deus marciano", ele se engana. Porque pergaminhos muito antigos escritos em escrita cuneiforme e pictogramas descobertos pelo sacerdote Berosus da Babilônia contam que seres dotados de poderes extraordinários viveram nas margens do Golfo Pérsico. Um deles, o Oannès, é um peixe que vive durante o dia fora d'água, dotado de razão e que, como nós, tem uma linguagem articulada. Graças a ele, teríamos aprendido a escrever e a dominar as artes e a alquimia. Anfíbio, Oannès retira-se ao entardecer para o fundo do mar até ao dia seguinte. A história pode ficar lá até o dia em que uma história semelhante foi descoberta entre os Dogons, uma tribo africana que vive no norte do Mali e que cultua Nommos, um deus-peixe de Sírio que nos trouxe a civilização. Seu cérebro lembra o de um cetáceo, mais desenvolvido que o nosso e equipado com sonar, herança de seus distantes ancestrais aquáticos.

O nariz está situado entre os dois olhos, uma herança de seus tempos anfíbios, que lhe permitia respirar enquanto nadava na superfície e era o mais invisível possível para a caça. Suas narinas também são verticais e com fecho ajustável. Tem uma boca grande forrada de dentes afiados, herança da época em que engolia animais marinhos. Ele se comunica por meio de cliques com outros animais marinhos e por meio de uma linguagem articulada conosco. O outro tipo de contato é feito na direção oposta. O espírito do deus-peixe é chamado pelo xamã que o controla. Ele vem a ele e nele. A natureza de o xamã é então duplo, tanto humano quanto animal.

Vemos que a permeabilidade também se exerce entre a humanidade e o mundo animal, cujo papel é particularmente importante. Esse conceito de permeabilidade entre mundos é, de fato, muito freqüentemente encontrado nas crenças, e isso em todo o mundo. Funciona nos dois sentidos. Como acabamos de ver, o xamã poderá ir para o outro mundo durante o transe ou receber certos espíritos.

Aqui está um texto escrito em 1926 por Ludwig Bolk, que escreve "que do ponto de vista estritamente da anatomia evolutiva, o macaco é mais evoluído do que o homem, exceto por seu desenvolvimento comemorativo". Agora vamos comparar este texto com esta lenda dos índios Urus, uma tribo primitiva peruana ameaçada de extinção que pensa que eles são os descendentes degenerados de homens-macacos gigantes. Vamos agora comparar, em vez de sintetizar esses dois elementos. Essa ciência nos ensina que o macaco é anatomicamente mais evoluído, tudo bem, mas nada no desenvolvimento do cérebro. Os Urus, por outro lado, pensam que são degenerados em comparação com os homens-macaco anteriores aos macacos. Podemos, portanto, especular que existiram seres, talvez macacos, mais inteligentes do que nós. Vamos chamá-los de "Os Antigos", mas comparados a eles, estamos em um processo de retardo mental, parando no estágio intermediário de desenvolvimento ... degenerado como os Urus acreditam. É possível ? E é aqui que as pesquisas genéticas mais recentes nos ensinam a descoberta de um progenitor arcaico até então desconhecido. Que teria havido cruzamento há um milhão de anos entre esse ancestral desconhecido com o Homo erectus que, por sua vez, transmite os genes do ancestral desconhecido aos neandetais que, por sua vez, acasalam com o Hommo sapiens. Então, esses Grandes Antigos? Uma nova raça de macaco com um cérebro evoluído, do qual os alienígenas teriam sido os progenitores? O que mais pode ser dito! Ai sim ! As profecias Hopi dos kachinas que viram nesses seres mitológicos extraterrestres que verdadeiramente semearam a Terra em um passado distante. O que mais podemos dizer senão que as grandes pirâmides egípcias estavam alinhadas com a posição das estrelas do arreio de Orion, assim como as aldeias e locais sagrados Hopi também eram uma projeção na Terra das estrelas da constelação de Orion. Uma façanha técnica difícil de conceber, exceto pensar que os Antigos possuíam um conhecimento que lhes veio de outro mundo. E agora a mesa está posta! Por vários bilhões de anos, os seres vivos darão saltos cada vez mais complexos para se diversificar: a passagem do unicelular para o binário, a passagem do invertebrado para os vertebrados, anfíbios, dinossauros, pássaros, primatas e, finalmente, Australopithecus. Arbóreo, nosso ancestral.Devemos nossa existência à nossa percepção das cores. É parte integrante das funções acionadas pela evolução para garantir nossa sobrevivência. Nosso campo de visão tem estado entre 400-800 nanômetros por milhões de anos, desde a era de nossos ancestrais Australopithecus arbóreos. Por que vemos as cores específicas para este campo? Na verdade, alguns animais veem infravermelho, além de 800 nanômetros, outros ultravioleta, abaixo de 400, não nós. Os insetos, principalmente as borboletas, reconhecem uma ampla gama de cores, enquanto os animais noturnos, grande parte dos quais são mamíferos, e os herbívoros diurnos distinguem uma gama restrita. Apenas primatas e hominídeos são exceções, são frugívoros e, como as borboletas, devem perceber uma ampla gama de cores e formas que correspondem aos frutos que precisam consumir para viver e aos que devem rejeitar por serem perigosos ou tóxicos para a saúde. Portanto, percebemos cores e formas de acordo com nossa estratégia de exploração dos recursos naturais que garantem nossa sobrevivência. Além disso, "colorimos" os demais animais e plantas da criação de acordo com sua utilidade ou não, sua periculosidade ou não, sem falar no uso de adornos brilhantes entre animais da mesma espécie para fins reprodutivos. As cores percebidas pelos hominídeos têm um significado crucial para sua própria existência: percebemos intensidades de luz que organizamos em signos úteis para nossa sobrevivência. As cores se manifestam por meio de nossos órgãos de percepção projetados de acordo com as necessidades da evolução. Em todos os animais, o espectro visível varia do azul para o vermelho. A clorofila, que vemos em verde, absorve as radiações azuis e vermelhas. Isso significa que a fotossíntese que forma a base de toda a vida na Terra ocorre em uma janela que corresponde exatamente às possibilidades visuais dos animais. A cor é essencialmente uma luz organizada que só é perceptível por seres organizados.

MÃE TERRA

É a era da peregrinação; errante do Australopithecus primordial de 7 a 2 milhões de anos atrás. Por milênios, o Australopithecus foi principalmente vegetariano e viveu uma jornada crescente, movendo-se de um lugar para outro em busca do alimento necessário. Essa atividade era essencialmente individualista, cada um sendo responsável por sua sobrevivência. Podemos falar aqui de uma relativa coexistência pacífica entre grupos de hominídeos em um mundo totalmente cruel. A agressão foi principalmente de natureza defensiva. (Chatwin) Trata-se de imaginar nosso ancestral arbóreo vivendo em um ambiente de predadores carnívoros, entender que ele é regularmente atacado e que toda sua agressividade vegetariana está voltada para a defesa de sua sobrevivência. Também pensamos na agressividade defensiva da mãe protegendo seu filho.

É a era do matriarcado centrado na fêmea, porque ela não só dá a vida mas, sobretudo, a protege, é a garantia da evolução da espécie. Esta era matriarcal durará quase 5 milhões de anos, várias vezes mais do que a do patriarcado, que data de cerca de 2 milhões de anos até os dias atuais. A dieta matriarcal se baseia principalmente no vegetarianismo (colheita), enquanto a do patriarcado se concentra principalmente na carne (caça). A mulher sempre estará associada ao mundo das plantas, à terra nutritiva, à agricultura, à fertilidade da vida.

Os períodos de superpopulação em grupos de australopitecos vegetarianos desencadearam mecanismos de regularização, sendo o principal deles a exclusão social dos jejuns masculinos, pelo macho alfa, classificado como supranumerário e forçado a viver nos limites do território reivindicado pelo grupo. Esses "supérfluos" não têm acesso aos recursos alimentares do grupo, nem acesso às fêmeas para o acasalamento. Os não reprodutores, os supérfluos, muitas vezes solitários, privados da proteção do grupo, sofrem cruelmente ameaças do mundo exterior e estão mais expostos à queda de predadores predadores ferozes. Também excluídos dos territórios nutritivos onde os recursos abundam, eles muitas vezes enfrentam a fome, de modo que precisam viajar regularmente longas distâncias para atender às suas necessidades.

"O caminho é feito caminhando"

Como não podem mais contar com o grupo para ajudá-los e apoiá-los, estão condenados a reformar com os excluídos uma nova comunidade capaz de atender às suas necessidades. Por serem jovens, esses supérfluos estão mais aptos a experimentar novos comportamentos e muitas vezes têm tempo livre para observar o comportamento dos predadores a fim de se protegerem melhor deles.

No geral, eles descobrem não apenas novos comportamentos, mas também novos alimentos. Em tempos de fome, eles não hesitam em ir provar as carcaças de animais abandonados por predadores. A princípio acidentais, esses comportamentos gradualmente se tornam habituais: saquear ninhos de pássaros para roubar os ovos ou devorar os filhotes, comer placenta e fetos que são abortados naturalmente, consumir jejuns de animais nascentes. Assim, é estabelecida uma dieta substitutiva que rapidamente se tornará complementar ao vegetarianismo inicial.

Quando grandes mudanças climáticas, como glaciações aparecem no horizonte, ocorrem com elas perturbações que perturbam todo o ecossistema da flora e da fauna: predadores estritos morrem da escassez de animais,os vegetarianos estritos estão morrendo pela escassez de plantas e frutas, apenas os supérfluos, tanto carnívoros quanto vegetarianos, têm sido capazes de se adaptar às novas condições ambientais. Os excluídos tornaram-se dominadores de um novo paradigma existencial, formam comunidades "do futuro" e adotam comportamentos como a ação direta de predação em grupo, ancestral da caça.

Assim, tudo aconteceu como se os mecanismos de exclusão tivessem "programado" os mecanismos transformadores que permitiram o nascimento dos hominíneos. Em suma, os marginalizados salvaram nossa espécie da extinção natural, oferecendo-lhe um melhor equilíbrio ecológico que aumentou nossa autonomia em relação ao ambiente natural circundante.

Das várias famílias de Australopithecus, apenas a linhagem de Australopithecus africanus e seus descendentes como Homo habilis, Homo erectus, homem de Neandertal e finalmente Homo sapiens também chamado de Cro-Magnon incluem carne em seu menu; tornando-se assim onívoro. A integração da carne em sua dieta é de capital importância na história da evolução e marca o início da caça após um longo período de carnificina, incluindo canibalismo. Na verdade, apenas a linha do Australopithecus (Homo habilis) onívoro sobreviverá; os vegetarianos estritos desaparecerão, incapazes de compensar os efeitos nocivos da idade do gelo nas plantas que os alimentaram; enfraquecidos, tornam-se presas fáceis para os carnívoros. O Homo habilis deve sua sobrevivência também a uma importante mudança anatômica: o alongamento das pernas que lhe permite chegar eventualmente à posição ereta, liberando assim as mãos para outras ocupações. Seu único código de "conduta" é a natureza, é a linguagem da natureza onde tudo se desenvolve no nível dos instintos e comportamentos inatos. De vegetariano a onívoro e, portanto, também carnívoro, ele adapta seu comportamento à sua nova dieta e adota a caça como outro meio de subsistência.

Talvez pela primeira vez uma atividade (caça) requeira a cooperação dos membros do grupo com vistas a um objetivo e associação precisos na partilha da caça abatida. Assim nascerá a noção de grupo, tribo ou se prefere a sociabilidade necessária para o ataque mas também para a defesa contra outros predadores.

A chegada da carne na dieta introduz no comportamento a agressividade ofensiva necessária à caça de ataque (predação) que complementa a agressividade defensiva das plantas arbóreas vegetarianas. A partir de agora, o desenvolvimento da agressividade no Australopithecus seguirá as regras da caça. Pela primeira vez, assistimos a uma partilha de tarefas: a agressividade materna defensiva servirá principalmente para proteger o acampamento e os recém-nascidos e para colher bagas, nozes, tubérculos e frutos enquanto o macho predador vai caçar; embora a fêmea às vezes possa participar do esforço de predação caçando pequenos animais ao redor do acampamento base. (aqui nada de sexismo, a agressividade da mulher sendo idêntica à do homem em intensidade, pelo menos)

Mas antes de chegar lá, todo um processo evolutivo, espalhado por centenas de milhares de anos, deve ter sido realizado, como a passagem para a estação estacionária que facilita a corrida, a criação de ferramentas pelo desenvolvimento de um cérebro, capaz também de memorizar os conceitos abstratos necessários ao planejamento (da caça) e sua transmissão por um modo rudimentar de comunicação, em suma, o surgimento da mente pela qual ela pode atuar de forma previsível sobre o meio ambiente e sentir as forças que governam a natureza, o cosmos e a emergência de arquétipos fundamentais como hieróglifos do inconsciente.

Com a caça, o cérebro do Australopithecus dobra de tamanho, não da noite para o dia, mas se espalha por algumas centenas de milhares ou mesmo milhões de anos. (Naquela época, aproveitávamos o tempo necessário para fazer as coisas direito). Pacientemente, o Australopithecus, desfavorecido por natureza, vai criar, a partir de ossos (facas, porrete) e galhos (sagaie), as armas necessárias à sua sobrevivência. Sem armas, é seguro apostar que não existiríamos. Porque as hordas dos tempos pré-históricos vivem em um mundo de terror implacável e crueldade onde a morte era impensada, aconteceu de repente, período de "matar para viver". O Australopithecus estava com medo, sim! por instinto, mas o medo de morrer não existia.

"Com o Australopithecus (Homo Habilis), entre 3 milhões e 1 milhão de anos atrás, surgem as primeiras ferramentas, vestígios de comportamento técnico, externos à anatomia. A reprodução dos mesmos gestos organizados em sequências lógicas e eficientes prova a existência dos primeiros conceitos . O manuseio e o uso dessas ferramentas formaram uma força motriz na cadeia de ideias. Encontramos restos de caça e coleta que mostram a observação e a previsão do comportamento animal. Desenvolvidas indicam a existência de um local de reunião, um local protegido onde o os jovens poderiam ser educados e as mulheres alimentadas pelos caçadores, o que implica a existência de um processo de aprendizagem prolongado em relação a outros primatas, portanto, uma modalidade educacional que permite a transmissão de um comportamento social adquirido. um (a revelação) de seu equivalente no domínio sagrado (inconsciente) inacessível pela razão ". (Bernard G. Campbell ed., Humankind Emerging, 4ª ed., Boston-Toronto, 1983, p. 228)

Tanto que a ferramenta é inseparável do sagrado. Não só garante a sobrevivência e o desenvolvimento da espécie, mas produz todo um universo de relações mítico-religiosas, ainda que seja o domínio da distância pelo lançamento da lança, que alimenta a imaginação criadora. O economista antropólogo Marshall Sahlins (1972) estima que "o caçador-coletor poderia acumular o que era necessário para viver (comida, abrigo, plantas medicinais, ferramentas) após quinze horas de esforço por semana; portanto, o resto de seu tempo ele usava livremente para brincar e descansar. Tal era a sociedade da abundância original. " Nosso ancestral, portanto, teve tempo para brincar, mas também para se concentrar e refletir sobre sua condição e, acima de tudo, para experimentar.

O conhecimento das técnicas de caça leva o Homo erectus a conquistar novos territórios acompanhando a migração dos animais. Ao deixar sua alma mater; África (paraíso terrestre), o Homo erectus empreende um longo período de peregrinação (peregrinação de Gilgamesh, Adão e Eva) que o levará a uma conquista, a uma imensa expansão de seu território para a Ásia até China e Rússia, para a Europa até agora como Espanha. Graças a esta expansão prodigiosa, a espécie humana adquire uma fabulosa bagagem de conhecimento e adaptação a diferentes ambientes, tanto climáticos como alimentares. Este novo conhecimento disseminado no espaço corresponde aos fundamentos das populações atuais; a espécie humana é dividida em ramos raciais (modificações anatômicas) e desenvolve especificidades culturais inerentes à frequência de novos territórios. (alimentos, habitats, etc.).

Lembremo-nos: quanto mais a vida evolui, mais diversificado é o viver. Será o mesmo para o território. Falaremos de territorialidade, de território cultural vinculado a um grupo específico: caucasiano vinculado às condições particulares do sudeste da Rússia, negróide ao sul do Saara na África e mongolóide nas estepes da Ásia Central; Os nativos americanos estão relacionados ao grupo mongolóide no início e irão adquirir caracteres cada vez mais específicos.

A passagem do homem arcaico dos tempos pré-históricos ao homem antigo, portanto, durou vários séculos. Desta longa evolução nasceu toda uma panóplia de conceitos que vão desde o intercâmbio econômico até a organização social passando por uma técnica primitiva centrada principalmente no uso da água, do fogo, da terra. Tranquilamente surgiu a experiência da civilização baseada na escolha consciente do indivíduo pela vida coletiva regida por leis e regras.Toda uma série de conceitos espirituais seguiram o mesmo caminho evolutivo que vai do sonho à magia, ao animismo totêmico aos deuses. O mundo fervilhava de Deuses, eles próprios também especializados: Deus da caça, da agricultura, da guerra, das florestas, da chuva etc. Assim, o aspecto astrológico, uma abordagem mais intuitiva, próxima do mito e da tradição também teve um crescimento considerável. Enquanto os pensadores védicos e budistas enfatizaram a relação corpo / alma-cosmos / espírito, os filósofos árabes eles começou a estabelecer as correspondências entre o corpo, os céus e a natureza.

As estrelas e as estrelas fazem parte do universo familiar do homem. Incapaz de atingir fisicamente o cosmos, o homem ali se projeta simbolicamente para estender o território de seu reino. O céu está povoado de aparências humanas e animais. As constelações estelares tornam-se signos do zodíaco com seu bestiário de touro, carneiro, peixe, leão, escorpião e tecem uma rede de correspondências com o corpo humano dividido em doze partes ligadas a signos astrológicos. Cada membro e órgão encontra sua contraparte nos céus. Assim, o carneiro governa a cabeça e o rosto do homem, o touro, o pescoço, a garganta; Gêmeos, ombros, braços, mãos; Câncer, tórax, costelas e pulmões; Leão, estômago, coração e costas; Virgem, barriga e intestinos; Libra, abdômen inferior sob os quadris, virilha, umbigo; Escorpião, órgãos sexuais, bexiga, útero; Sagitário, coxas; Capricórnio, joelhos; Aquário, as pernas até os calcanhares e, finalmente, Peixes, os pés.

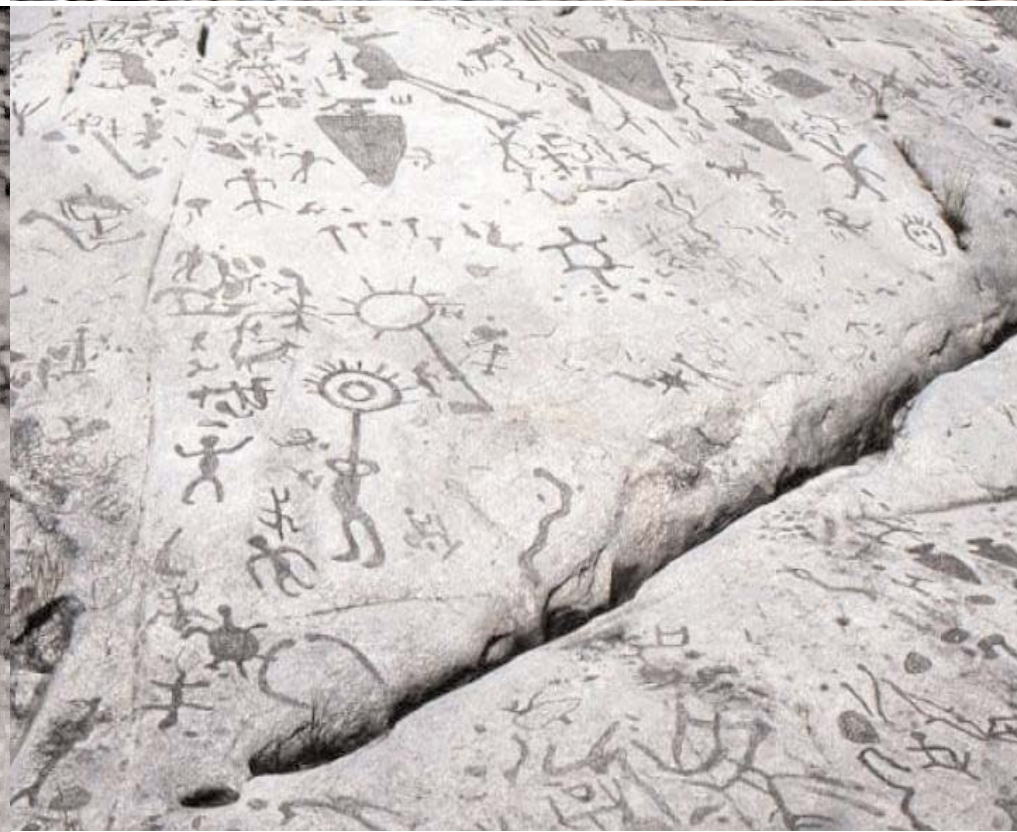
O respeito pelo corpo e seus órgãos estava profundamente enraizado nas sociedades tradicionais. Todo um ritual de vida estava acontecendo ao seu redor. O movimento das estrelas, a posição dos planetas principalmente a influência da lua, pontuam intervenções medicinais e terapias antigas. O cosmos penetra até nas partes mais íntimas do corpo feminino, a influência dos planetas na gestação foi a seguinte: "Durante o primeiro mês, Saturno domina a concepção do embrião. Júpiter ocupa o seu lugar no segundo, faz a carne e membros. No terceiro mês, Marte com seu calor separa os membros e organiza a cabeça, os braços e as pernas. O Sol dominante no quarto mês cria o coração e dá movimento à alma sensível. No quinto mês, Vênus forma as orelhas, nariz, pênis e testículos nos homens, seios e vulva nas mulheres, fortalece os ossos e vértebras e forma os dedos das mãos e dos pés. Durante o sexto mês, sob a influência de Mercúrio, forma os órgãos da voz e da visão , cabelos e unhas começam a crescer. Em sete, a lua preenche todos os vazios da carne com água, dando-lhe a nutrição de que necessita. mês e nono mês, volta à ordem de Saturno, que idem e Júpiter que alternadamente aquece o feto para melhor aclimatá-lo à sua nova vida.

É por meio da energia vital que irradia de seu corpo que o homem toma consciência da Vida Universal. Negar é também negar o espírito e a alma que habitam a natureza terrestre. Vivemos, portanto, em um tecido de teofanias, signos e informações que a mente analisa, o homem, nesse sentido, é um pontífice, um construtor de uma ponte entre a realidade interna e a externa.

"O corpo é como a terra, seus ossos são montanhas, sua medula minas, o abdômen é como o mar, os intestinos são como rios, as veias são rios, a carne é como poeira e lama. Os pelos no corpo são como plantas , os locais onde cresce são como solo fértil, e os locais onde nada cresce como solo salino. Do rosto aos pés, o corpo é uma cidade povoada, o seu dorso é a região deserta, a frente é o leste, o seu fundo o oeste, seu direito o sul e seu esquerdo o norte. Sua respiração é como o vento, suas palavras são trovões, seus gritos são relâmpagos. Sua risada é como o vento. luz do meio-dia, seu choro é como a chuva, sua tristeza é como o escuridão da noite, e seu sono como a morte, assim como sua vigilância é como a vida.Os dias de sua infância são a primavera, (segue) a maturidade do verão é o outono, e a velhice é como o inverno. estrelas s e suas rotações. Seu nascimento e presença são como constelações nascentes, e sua morte e ausência são como a hora de dormir. "

Diversas civilizações orientais, da Oceania e da América adotaram imediatamente uma visão completamente diferente onde "a tarefa do homem é integrar-se ao mundo dos fenômenos; seu dever é encontrar o lugar e o lugar que lhe pertence nesta totalidade que é a terra .

PETROGLIFOS - SINAIS DE VIDA E MISTÉRIOS

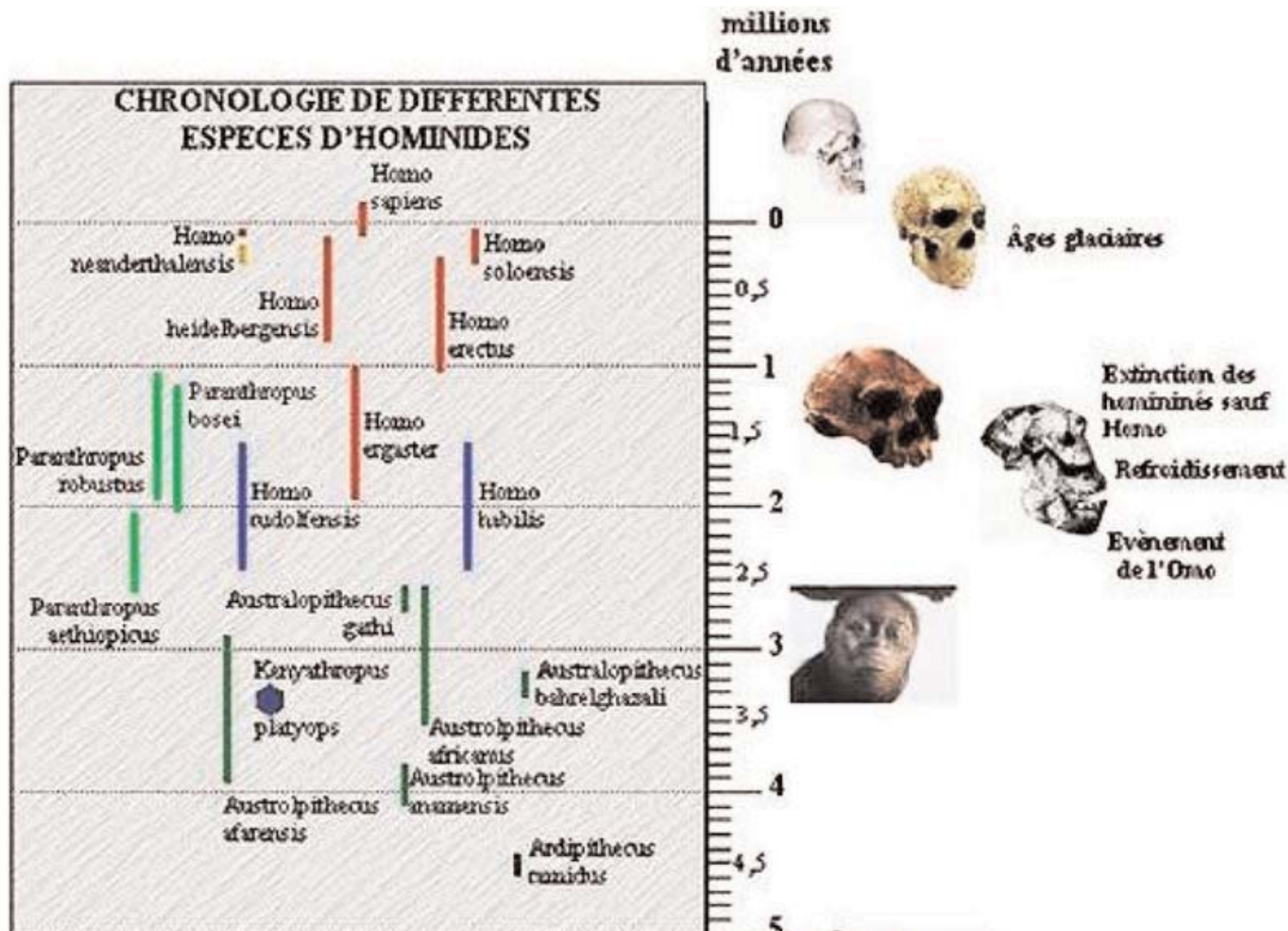
Os petróglifos e pictogramas são os registros de um povo sem língua escrita e são raras conexões com as antigas culturas indígenas da província. Eles registram cerimônias de amadurecimento, realizadas por jovens, e foram marcadores fúnebres ou guardiães dos mortos. Eles comemoram os potlatches e eventos semissecretos que ocorreram durante as cerimônias de inverno. Outros marcaram os limites dos territórios de caça e pesca. Alguns sites podem ter feito parte de rituais xamânicos secretos. Alguns foram registros de desastres: inundações, deslizamentos de terra, tempestades e guerras. Muitos parecem ter sido registros pessoais de experiências individuais. Embora em alguns casos existam explicações etnográficas do motivo pelo qual uma escultura ou pintura em particular foi feita. A idade de muito poucos petróglifos e pictogramas é conhecida.

Origem do homo

O Homo habilis, nosso ancestral mais antigo identificado (3 milhões de anos), está localizado no berço africano. Homo erectus que primeiro migrou da África para a Ásia há dois milhões de anos ... e uma segunda vez para a Europa um milhão de anos depois. De -500.000, todos os fósseis encontrados na África confirmam que o Homo erectus evoluiu para o homem moderno. 100.000 anos atrás, na Ásia e no Oriente Médio, encontramos esse tipo de evolução em direção ao Homo sapiens. Na Europa, cerca de -40.000 aparece Cro-Magnon. Todos esses fósseis são unânimes ... e os métodos de datação confirmam isso.

As principais etapas da hominização

Para Teilhard de Chardin "hominização é o conjunto de processos evolutivos pelos quais os humanos adquiriram os caracteres que os distinguem de outros primatas".

* A evolução do gênero Homo é marcada por:

* bipedalismo é o primeiro estágio de hominização adquirido nos Australopithecines.
Outros estágios estão gradualmente sendo colocados em prática:

* o aumento no volume do cérebro vai de 300-400 cm3 nos australopitecíneos para cerca de 1.400 cm3 nos humanos modernos, mas ... o Homo sapiens neanderthalensis tinha um volume cefálico maior da ordem de 1.600 cm3. A comparação dos crânios com os modelos endocranianos mostra um aumento do volume craniano e uma vascularização cada vez mais importante.

· a linguagem requer a presença de um aparelho vocal e o desenvolvimento de certas áreas do cérebro (áreas de Broca). Graças aos moldes endocranianos e aos estudos básicos dos crânios, os especialistas acreditam que o Homo erectus pode falar.

A genética populacional lida com as flutuações ao longo do tempo nas frequências de diferentes alelos do mesmo gene em uma ou mais populações, sob a influência da seleção natural, deriva genética, mutações e migrações, e busca explicar a adaptação e a especiação. Este aplicativo deu origem ao neodarwinismo. Permite compreender os mecanismos de conservação e / ou desaparecimento de populações e / ou espécies. A população é um conjunto de indivíduos que apresenta uma unidade de reprodução: todos os indivíduos têm a mesma probabilidade de cruzar, mas se reproduzem menos ou não com as populações vizinhas. Uma população é determinada por critérios espaciais e temporais e por um genoma coletivo, a soma dos genótipos individuais: não é uma espécie. Esta população é um modelo, raramente corresponde à realidade.

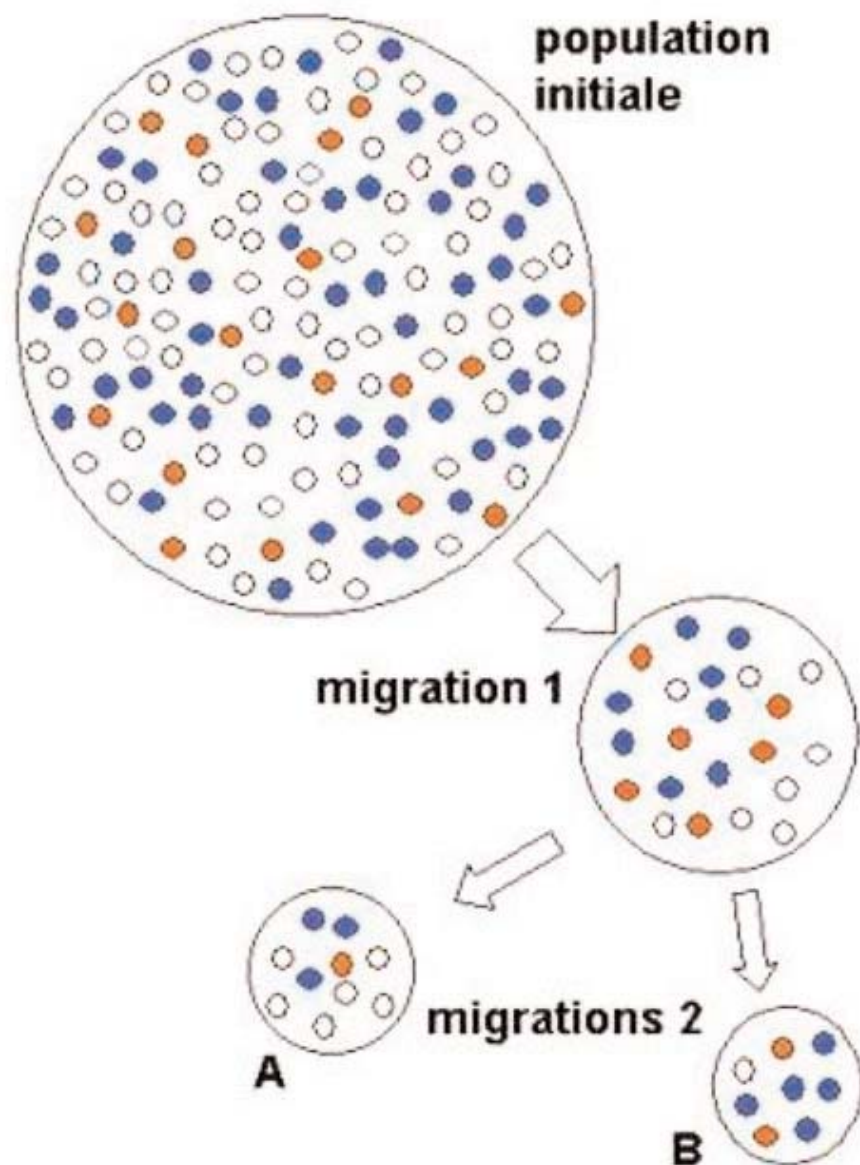
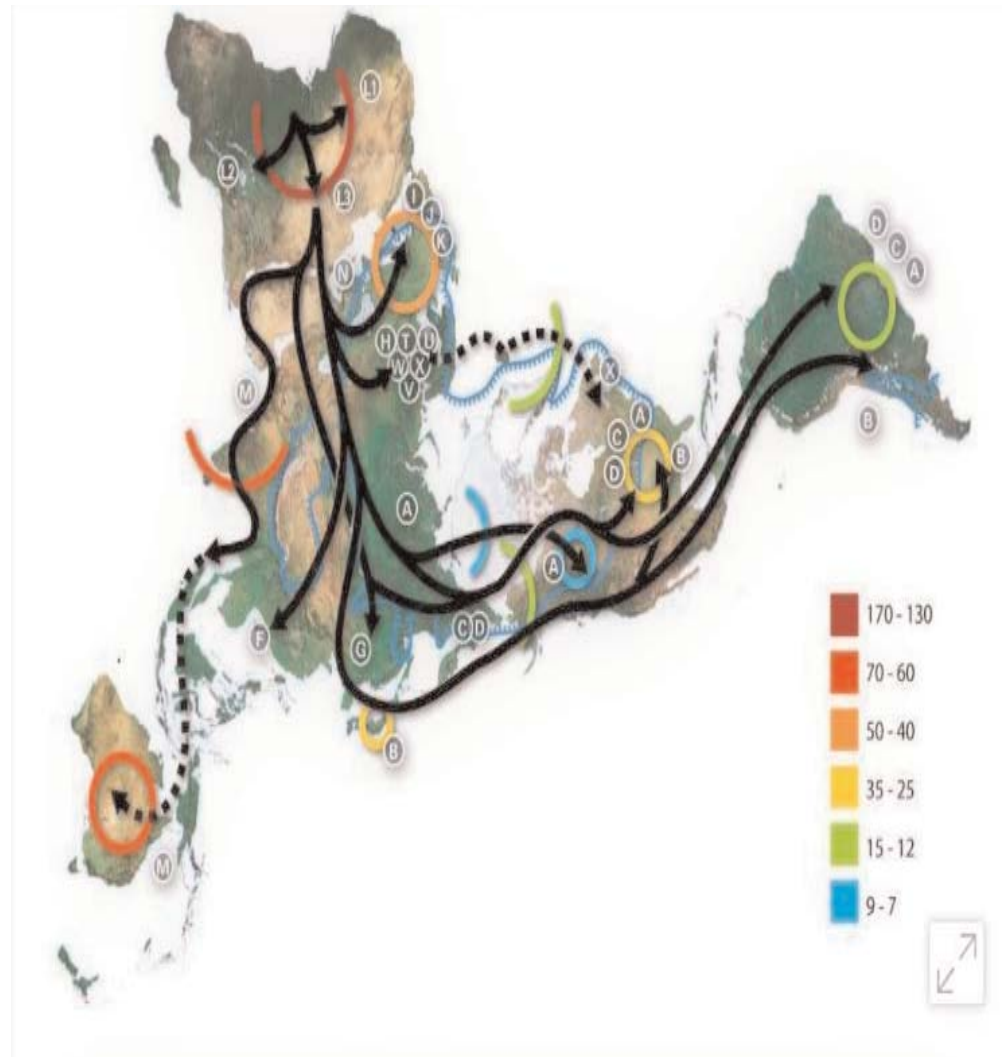
É muito difícil prever a variabilidade genética de uma população devido a mutações, transmissão simultânea de vários genes, etc. Para evitar esses problemas, um modelo ideal e prático foi desenvolvido para os inúmeros estudos matemáticos da genética populacional: as frequências dos alelos e dos genótipos seguem a lei de Hardy-Weinberg, um modelo de referência em genética populacional. Essa lei estabelece que as frequências alélicas e genotípicas permanecem estáveis de geração em geração. Este é apenas um modelo!

Polimorfismo: em uma população, um gene é considerado polimórfico se tiver pelo menos dois alelos com frequência maior ou igual a 1%. Caso contrário, se o gene ainda existir em várias cópias, ele é polialélico. Um gene polimórfico é necessariamente polimórfico. A variabilidade genética é o resultado de mutações que fazem com que novos alelos apareçam. Mutações, efeito fundador, deriva genética e pressões de seleção variável levam a diferenças genéticas cada vez mais importantes.

Mutações, efeito fundador, deriva genética e pressões de seleção variável levam a diferenças genéticas cada vez mais importantes. Enquanto as migrações são a ocasião para a transmissão de alelos de uma população para outra, a deriva genética e a seleção causam variações na frequência dos alelos internamente nas populações. Este modelo é intuitivamente justificado: é claro que todos os indivíduos de uma geração não produzirão o mesmo número de descendentes; alguns não terão filhos (não transmitem genes), outros terão famílias grandes e passarão várias cópias de seus genes para a próxima geração. Se a população for grande, a perda de uma cópia de determinado alelo presente em um indivíduo sem descendência será compensada pelo fato de outro indivíduo com o mesmo alelo possuir diversos descendentes. Desse modo, as frequências dos alelos flutuam pouco em grandes populações.

Consequências da deriva genética

* A endogamia da população aumentará.
* O número de indivíduos homozigotos também aumentará.
* As frequências de alelos flutuam de geração em geração
* A amplitude dessas flutuações será maior quando a população for pequena.
* Populações de uma população mãe se diferenciarão geneticamente

Considere que duas populações se separam em um determinado momento. Eles terão inicialmente as mesmas frequências alélicas, mas experimentarão processos de deriva genética independente. Cada uma das populações terá frequências alélicas que mudam aleatoriamente ao longo do tempo. Eles irão, portanto, divergir geneticamente. A variabilidade genética das espécies aumentará, principalmente por ser composta por pequenas populações isoladas umas das outras. A frequência alélica de um grupo migratório muitas vezes não é representativa da população de onde vem. Este é o efeito fundador.

Existem três genes presentes na população inicial do nosso exemplo com muitos brancos, um pouco menos azuis e alguns vermelhos. Após uma primeira migração, os genes branco e azul são representados em partes iguais, mas os genes vermelhos são sobre-representados, os migrantes tendo esse gene "muito", os que ficaram menos. Vemos durante as próximas duas migrações que a distribuição muda novamente ... podemos ver que os humanos que partiram levaram certos genes, deixaram outros ... e certos genes, raros, podem ter desaparecido. Assim, o grupo sanguíneo B, muito presente na Ásia, terra de origem das pequenas populações de caçadores-coletores que cruzaram a Beringia para colonizar a América, é quase inexistente nas atuais populações ameríndias: perdidas no caminho, sem dúvida! Apesar de todos esses perigos, qualquer homem pode ter filhos com qualquer mulher no planeta e seus filhos serão férteis, vemos isso todos os dias, então ainda somos a mesma e única espécie Homo sapiens sapiens, c 'é a própria definição da espécie !

Migrações

Os povos nômades, cuja economia se baseia na caça e na coleta, muitas vezes foram considerados um exemplo de modo de vida característico do período Paleolítico, uma fase que representa pelo menos 95% da história humana. O exame de tal sociedade e, em particular, a questão das migrações internacionais em tempos pré-históricos revela semelhanças e diferenças que podem nos fazer refletir e pensar melhor sobre as migrações modernas ... Traçamos o parentesco dos DNAs mitocondriais (portanto de origem materna) em amostras de todo o planeta e obtemos um mapa da colonização da Terra ao longo da história da humanidade que é aproximadamente o mesmo que aquele obtido com fósseis e deduções lógicas que fomos capazes de fazer com o tempo e as diferentes datas. Sendo a lacuna genética tanto maior quanto mais antiga for a separação, isso também corresponde a uma espécie de datação.

Migração e "mistura" de Homens

Se nos voltarmos agora para a história ... As migrações continuaram em ondas sucessivas, mais ou menos importantes conforme a época, mas de forma suficiente para "misturar" os povos ao longo da história. A migração foi de leste para oeste e de norte para sul, com algumas exceções. Há mais de cem anos, em 1910 e 1911, os arqueólogos encontraram treze dentes em uma caverna na Cotte de St-Brélade, na ilha de Jersey.

.

De acordo com as primeiras análises, eles pertencem a um único homem de Neandertal. Um grupo de cientistas do Museu de História Natural de Londres, da Universidade de Kent e do Instituto Max-Planck de Antropologia Evolucionária decidiu atualizar sua descrição datada. Os novos elementos assim obtidos redefinem a suposta história desses dentes. Eles pertenceriam a dois indivíduos, talvez nascidos do amor entre os neandertais e o Homo sapiens.

.

Uma datação recente dos sedimentos colhidos na mesma época dos dentes permite estimar sua idade: 48.000 anos antes de nossa era. É um dos mais recentes vestígios de Neandertal que conhecemos, pois parece ter desaparecido por volta de 40.000 aC. Os cientistas acreditam que durante este período, os neandertais podem ter encontrado seu primo Homo sapiens nesta região da Europa.

Dentes de Neandertais e Homo sapiens
A análise morfológica dos 13 dentes fornece sua cota de pistas que sustentam a tese de um encontro e reprodução entre as duas espécies humanas. Todos os dentes apresentam características próprias dos neandertais, nomeadamente as dimensões da coroa e da raiz, bem como a forma desta última, que são comparáveis a outros dentes neandertais conhecidos, mas também têm estruturas próprias. aos dentes dos homens modernos. Os cientistas então levantaram a hipótese de que esses dentes pertencem a indivíduos cujos pais são mestiços entre neandertais e Homo sapiens.

Alguns pesquisadores argumentam há algum tempo que as inovações que surgiram nessa época poderiam ter sua origem no Homo sapiens. No sítio Bacho Kiro, também podemos observar a presença de dentes de urso das cavernas transformados em pingentes, alguns dos quais são surpreendentemente semelhantes aos ornamentos feitos posteriormente pelos Neandertais na Europa Ocidental.

Estes teriam, portanto, adotado tecnologias e uma cultura inicialmente trazidas pelo Homo sapiens, o que não é tão surpreendente quando lembramos que temos evidências de hibridização entre esses hominídeos. O que acrescentar uma nova sala aos debates sobre esta questão, porque agora parece claro que o primeiro Homo sapiens

Personal ornaments and bone tools from Bacho Kiro cave (Bulgaria) in Hublin et al., 2020.

Personal ornaments and bone tools from Grotte du Renne, Arcy-sur-Cure, France. Modified from Fig.1 Caron F, d'Errico F, Del Moral P, Santos F, Zilhão J (2011) The Reality of Neandertal Symbolic Behavior at the Grotte du Renne, Arcy-sur-Cure, France. PLOS ONE 6(6): e21545. https://doi.org/10.1371/journal.pone.0021545

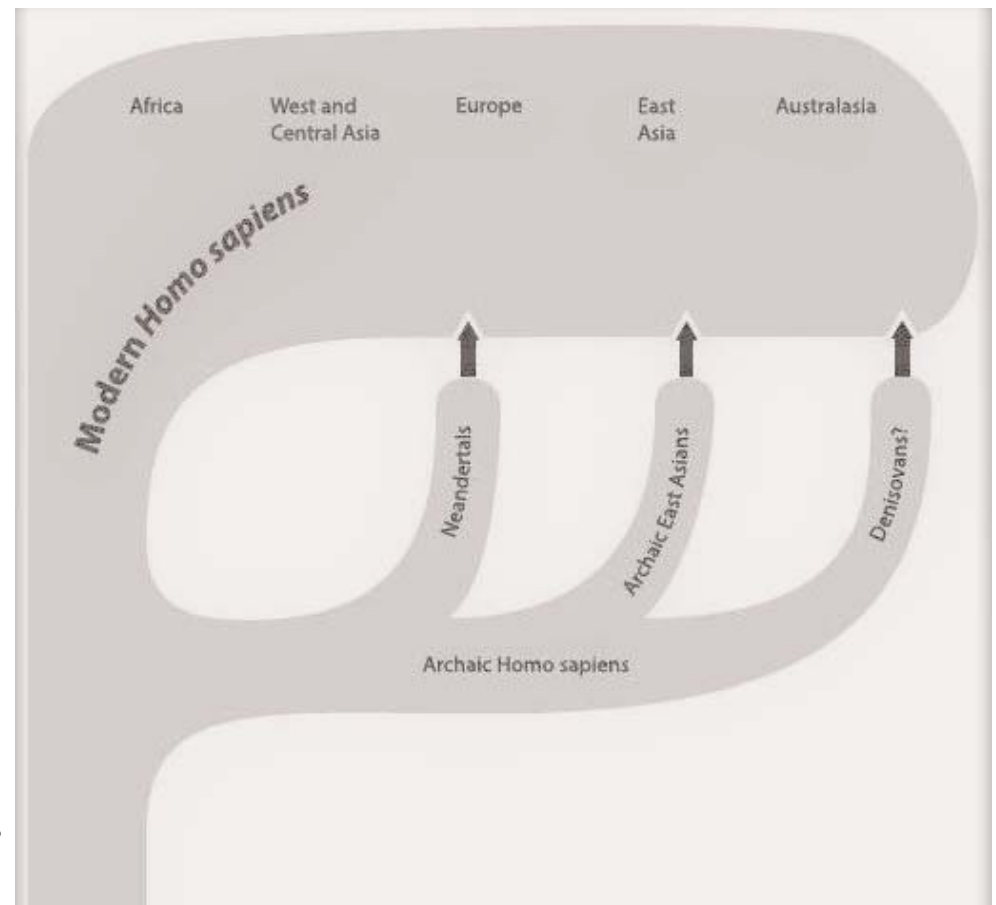
chegou à Europa 5000 anos antes do que geralmente tinha sido admitido até agora. Especialmente porque sabemos que cerca de 8.000 anos depois, é o Homo sapiens quem assume a ascensão no continente com a extinção final dos Neandertais.

Assimilação de homens arcaicos por homens modernos

Dois modelos principais dominaram a discussão sobre a origem do homem. O primeiro é o modelo mais amplamente aceito. Este é de origem africana recente. O segundo é o da evolução multirregional. O modelo de origem africana recente sugere que os humanos modernos apareceram pela primeira vez na África e depois se espalharam pela Eurásia, substituindo os homens arcaicos presentes. De acordo com esse modelo, muito pouca troca genética ocorreu entre humanos modernos e humanos arcaicos. O modelo multirregional sugere que as características humanas modernas surgiram em diferentes regiões do mundo em épocas diferentes. Traços modernos então se espalham por meio do intercâmbio genético entre diferentes populações.

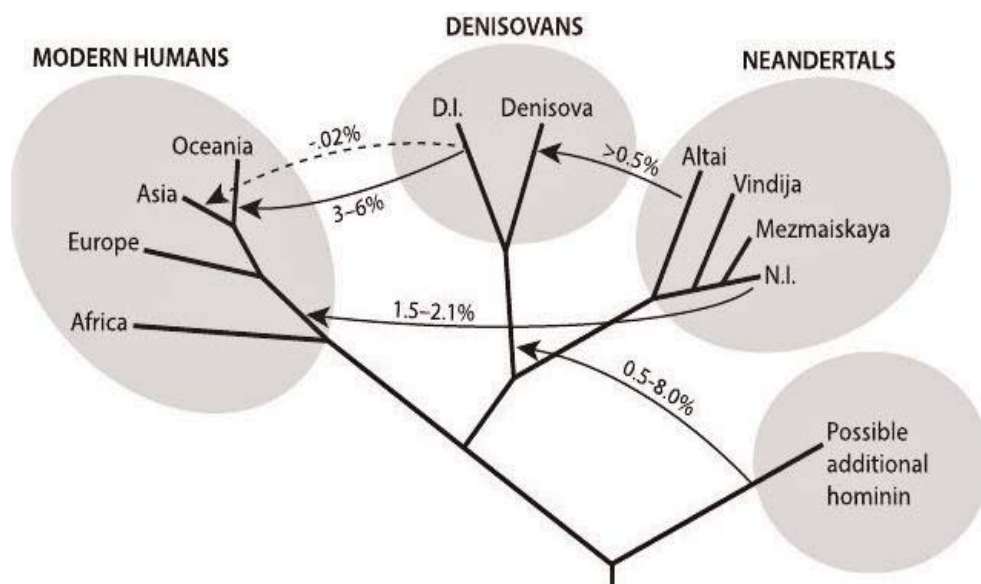
Uma alternativa a esses modelos é a assimilação. Isso sugere que o homem moderno apareceu na África antes de se espalhar para a Eurásia como um modelo de origem africana recente. No entanto, ao contrário do último, assume que muitos fluxos de genes ocorreram entre diferentes populações.

O modelo de assimilação baseia-se na observação de uma certa continuidade na morfologia dos esqueletos entre o homem arcaico e o homem moderno, com indivíduos localizados cronologicamente entre as duas populações e apresentando uma morfologia intermediária.

Os primeiros estudos genéticos (baseados no DNA mitocondrial) indicaram uma origem relativamente recente do homem moderno na África. Esses resultados foram então confirmados por estudos de DNA nuclear. Então, os primeiros estudos do antigo DNA mitocondrial em amostras de Neandertais mostraram que a linha materna do Neandertal estava fora das variações das linhas maternas do homem moderno. Estudos subsequentes do antigo DNA nuclear dos Neandertais mostraram que os humanos modernos e os Neandertais, no entanto, compartilhavam uma série de marcadores SNP derivados que superavam aqueles que seriam compartilhados entre duas populações humanas que o fariam. divergiu por várias centenas de milhares de anos. Além disso, essas duas populações compartilham o mesmo haplótipo do gene FOXP2 responsável pelas habilidades relacionadas à linguagem. No entanto, neste caso específico, esse gene deve ter sido herdado por ambas as populações de um ancestral comum, e não herdado por humanos modernos de Neandertais. Em 2010, o primeiro genoma completo de um homem de Neandertal mostrou que os Neandertais compartilham mais SNPs com os eurasianos do que com os africanos. A explicação mais parcimoniosa para esses dados é que os eurasianos herdaram entre 1,6 e 2,1% de seu genoma dos neandertais após cruzamentos entre as duas populações. No mesmo ano, foi identificada uma nova espécie de homem arcaico na Sibéria: os homens de Denisova.

Curiosamente, os melanésios herdaram entre 4% e 6% do DNA dessa população. Finalmente, muito recentemente, o estudo de uma amostra de um homem de Neandertal da Sibéria mostrou que ele havia herdado uma pequena parte do DNA do homem moderno. Surpreendentemente, parece que europeus e asiáticos herdaram uma parte equivalente do DNA do neandertal, enquanto os neandertais estão predominantemente presentes na Europa e não na Ásia. Assim, foi sugerido que a herança do DNA de Neandertal em humanos modernos deve ter ocorrido apenas uma vez, quando os humanos modernos deixaram a África, possivelmente no Oriente Médio. No entanto, estudos recentes mostraram que vários episódios de cruzamentos entre 86.000 e 37.000 anos são necessários para explicar os dados. Como os denisovanos compartilham mais SNPs com os melanésios, a data desse cruzamento deve ter chegado após o último cruzamento entre humanos modernos e neandertais. A participação do DNA de Neandertal em humanos modernos diminuiu com o tempo.

De fato, foi maior nos primeiros humanos modernos a chegar à Eurásia. Assim, o indivíduo de Pestera cu Oase na Romênia tinha entre 6 e 9% do DNA de Neandertal. Esse DNA de Neandertal foi então perdido pelos humanos modernos por meio da seleção natural. Na verdade, uma forte seleção positiva ou negativa desempenhou um papel importante nos humanos modernos. Assim, foi demonstrada uma seleção positiva para a ingestão de Neandertal, em particular no sistema imunológico, ou nas características do cabelo ou da pele. Esta seleção ajudou o homem moderno a se adaptar ao seu ambiente fora da África. Os denisovanos também contribuíram para a adaptação de certas populações, em particular dos tibetanos, que herdaram dos denisovanos sua adaptação a grandes altitudes. A seleção negativa é visível em particular no cromossomo X, que contém grandes regiões sem nenhum marcador de Neandertal.
Isso pode ser explicado pelo fato de o cromossomo X abrigar genes responsáveis pela redução da fertilidade masculina. Assim, os homens que herdaram o DNA de Neandertal tinham uma tendência maior de se tornarem inférteis.

Embora as diferenças tecnológicas provavelmente tenham desempenhado um papel nas interações entre os humanos modernos e os neandertais, está se tornando cada vez mais evidente que os neandertais não eram inferiores aos humanos modernos em termos de inteligência ou habilidade. adaptativo. No entanto, há fortes evidências arqueológicas, genéticas e biológicas que sugerem que os Neandertais (e possivelmente outras populações arcaicas) eram muito mais numerosos do que os humanos modernos. Assim, alguns estudos sugerem que os humanos modernos superaram os neandertais cerca de dez vezes no sudoeste da França. Essa diferença no tamanho da população também ajuda a explicar a proporção relativamente baixa (<10%) de DNA de Neandertal em humanos modernos.

Esses resultados apóiam a teoria da assimilação. As populações de homens arcaicos eram de fato poucas em número. A figura abaixo resume os diferentes fluxos de genes entre humanos modernos, Neandertais, Denisovanos e outra população possível:

Este diagrama é certamente muito simplificado em comparação com o que realmente aconteceu, uma vez que o fluxo de genes deve ter ocorrido várias vezes entre as diferentes populações. A proporção de homens arcaicos era maior nos primeiros humanos modernos, como pode ser visto no indivíduo de Pestera cu Oase ou no estudo recente de Qiaomei Fu sobre a história genética da Europa durante a Idade do Gelo. .

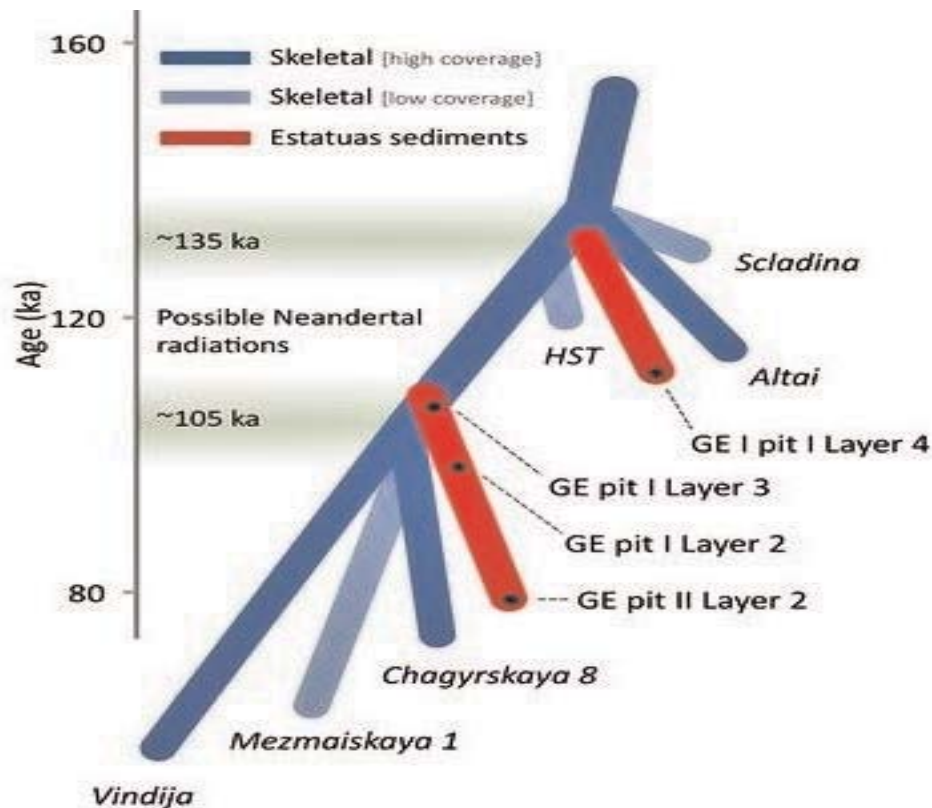
Existem dois candidatos possíveis para identificar os denisovanos. O primeiro consiste em uma série de fósseis chineses que atualmente são considerados uma população sucessora do Homo Erectus. Eles não são Neandertais, embora tenham semelhanças em alguns traços arcaicos. O segundo é o fóssil Ngandong na ilha de Java, considerado um Homo Erectus tardio.

Os autores deste artigo acreditam firmemente que todos os dados genéticos e paleoantropológicos atuais reforçam o modelo de assimilação de populações arcaicas pelo homem moderno. Na Sibéria, os pesquisadores instalaram uma grade na caverna Denisova para amostrar sistematicamente camadas de solo para DNA.
Extração do genoma do Neandertal
sedimentos da caverna

A análise do DNA antigo de humanos arcaicos melhorou dramaticamente nossa compreensão de sua evolução e interações com os humanos modernos. Hoje, o genoma completo ou parcial de 23 homens arcaicos foi determinado: 18 neandertais da Eurásia, quatro denisovanos e um filho de pai denisoviano e mãe neandertal siberiana. Embora muitos sítios paleolíticos tenham sido escavados, poucos encontraram os restos de esqueletos humanos arcaicos. Em 2017, pesquisadores extraíram DNA mitocondrial de humanos arcaicos de sedimentos em uma caverna.

Benjamin Vernot e seus colegas acabaram de publicar um artigo intitulado: Desvendando a história da população de Neandertal usando DNA nuclear e mitocondrial de sedimentos de cavernas. Eles analisaram os sedimentos de três cavernas eurasianas: a caverna Denisova e a caverna Chagyrskaya ambas localizadas nas montanhas Altai e a Galería de las Estatuas localizada no norte da Espanha no complexo Atapuerca. Os autores foram capazes de determinar uma sequência mitocondrial de uma camada de sedimento da caverna Chagyrskaya e três camadas de sedimento da Galería de las Estatuas. Esses dados podem ser comparados à sequência mitocondrial publicada anteriormente da camada sedimentar da Caverna Denisova, bem como sequências mitocondriais de humanos arcaicos de esqueletos (em preto abaixo):

A sequência da camada 4 de Estatuas está agrupada com a sequência Neandertal de Hohlenstein-Stadel (HST) na Alemanha, cujo esqueleto é datado de aproximadamente 120.000 anos. Essas duas sequências são encontradas na base de todos os Neandertais cuja sequência mitocondrial é conhecida. Esta camada 4 das Estatuas é datada de 112.000 anos, quase contemporânea ao homem de Neandertal de Hohlenstein-Stadel.

Os autores então determinaram onde as diferentes amostras de sedimentos dos três sítios arqueológicos são colocadas na filogenia estabelecida a partir dos genomas dos esqueletos. Assim, eles mostraram que as amostras de Neandertais da caverna Denisova pertenciam à linhagem representada pelos Neandertais de Altai. A amostra Denisovan do mesmo site pertence à linha Denisovan publicada anteriormente. Na caverna Chagyrskaya, as amostras estão na linha representada pelo Chagyrskaya individual 8. Na Galería de las Estatuas, as amostras da camada 2 da fossa 2 e das camadas 2 e 3 da fossa 1 divergem entre 115 e 100.000 anos do Neandertal árvore. na posição dos ancestrais dos Neandertais de Vindija, Chagyrskaya 8 e Mezmaiskaya 1. Por outro lado, as amostras da camada 4 do fosso 1 divergem entre 135 e 122.000 anos da árvore Neandertal na posição dos ancestrais dos Neandertais de Hohlenstein- Stadel, Scladina e Altai, de acordo com a diversidade mitocondrial identificada acima:
A antiga caverna siberiana foi o lar de neandertais, denisovanos e humanos modernos, possivelmente ao mesmo tempo

Dez anos atrás, antropólogos chocaram o mundo quando descobriram um osso de dedo mínimo fóssil de um grupo então desconhecido de humanos extintos na caverna Denisova na Sibéria. O grupo foi nomeado "Denisovans" em sua homenagem. Agora, uma extensa análise de DNA nos solos da caverna revela que ela também foi o lar de humanos modernos, que chegaram cedo o suficiente para ter vivido lá ao lado de denisovanos e neandertais.

O novo estudo "dá [aos pesquisadores] um vislumbre sem precedentes do passado", diz Mikkel Winther Pedersen, um paleoecologista molecular da Universidade de Copenhagen que não esteve envolvido no trabalho. "Isso mostra literalmente o que eles só podiam especular."

Sabe-se que humanos, incluindo Neandertais e Denisovanos, ocuparam a Caverna de Denisova por pelo menos 300.000 anos. Entre os oito fósseis humanos encontrados estão o dedo mínimo, três ossos de Neandertal e até mesmo um de uma criança com pai Neandertal e pai Denisovano. A caverna também contém ferramentas de pedra sofisticadas e joias de níveis superiores e posteriores. Mas nenhum fóssil humano moderno foi encontrado lá. Esses artefatos, estudos extensivos de DNA desses ossos e até mesmo um estudo inicial do DNA do solo consolidaram a importância da caverna na reconstrução da evolução humana.

Mas oito fósseis não são muitos, então Elena Zavala, uma estudante graduada do Instituto Max Planck de Antropologia Evolutiva, e seus colegas se juntaram a pesquisadores russos para ver que tipo de DNA estava presente nos solos da caverna. Com três quartos.

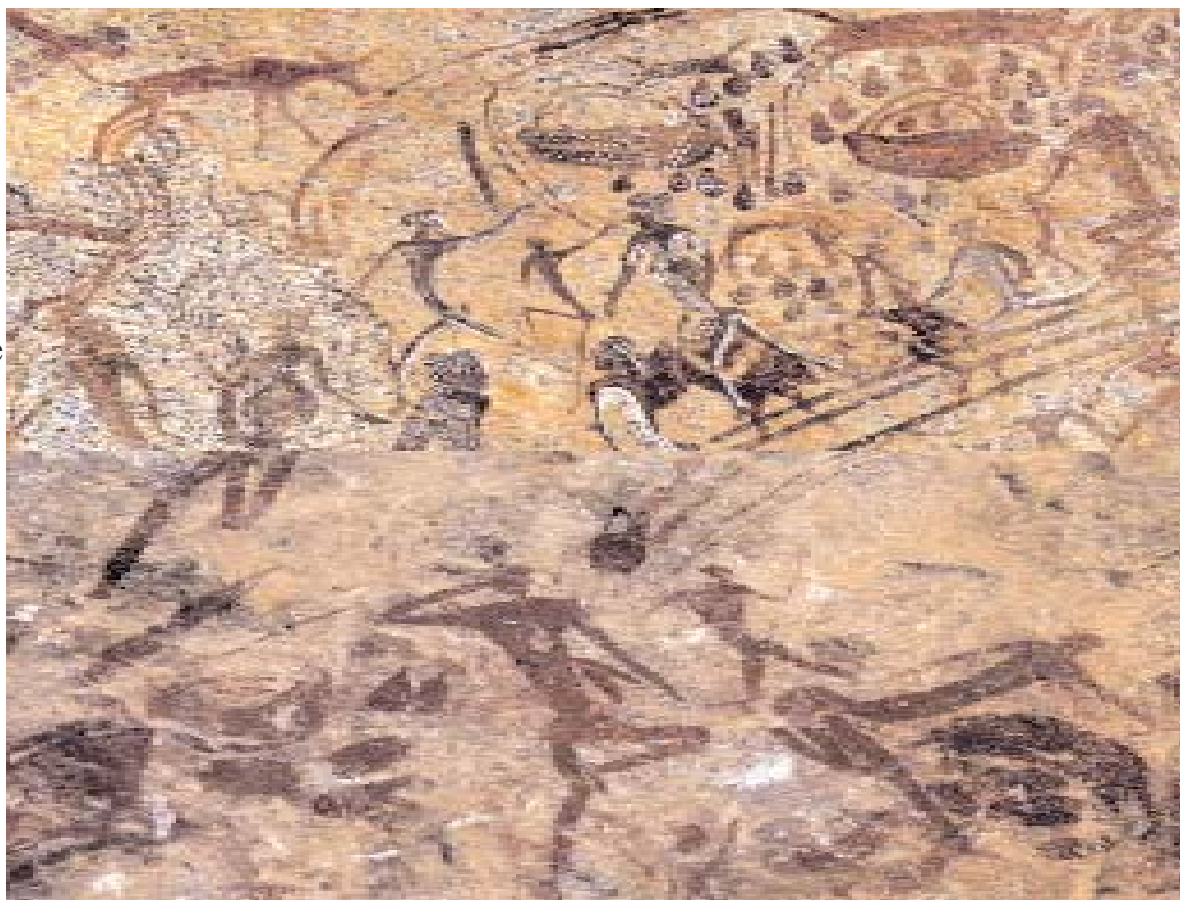
Os pesquisadores têm estudado DNA isolado de solos por mais de 40 anos, incluindo o sequenciamento de DNA de permafrost, mas foi apenas nos últimos 4 anos que alguém encontrou DNA humano extinto em solos antigos.

Junto com outra equipe de especialistas que já havia datado as camadas da caverna, os pesquisadores desenterraram 728 amostras de solo. Após 2 anos de análise, durante os quais isolaram e sequenciaram as amostras, os pesquisadores encontraram DNA humano em 175 delas. Isso torna o estudo "o maior e mais sistemático de seu tipo", explica Katerina Douka, uma arqueóloga do Instituto Max Planck para a Ciência da História Humana que não esteve envolvida no trabalho.

Os dados revelam uma história complexa de habitação humana e animal, com diferentes grupos entrando e saindo da caverna ao longo do tempo, Zavala e colegas relatam hoje na Nature. Seu trabalho confirma que os denisovanos foram os primeiros habitantes humanos da caverna, cerca de 300.000 anos atrás. Eles desapareceram 130.000 anos atrás, sendo seguidos por outro grupo de denisovanos, que provavelmente fez muitas ferramentas de pedra, cerca de 30.000 anos depois. Os neandertais apareceram pela primeira vez em cena há cerca de 170.000 anos, com diferentes grupos usando a caverna em momentos diferentes, alguns coincidindo com os denisovanos.

Os últimos a chegar foram os humanos modernos, que surgiram há cerca de 45.000 anos. A camada do solo que corresponde a este período continha DNA de todos os três grupos humanos, relatam os pesquisadores. "Os períodos [de cada camada] são muito grandes, então não podemos dizer concretamente se eles se sobrepõem ou não", diz Zavala. Mas, acrescenta Douka, "não consigo pensar em outro local onde três espécies humanas tenham vivido no tempo."

Considerando as joias sofisticadas e os artefatos de camadas posteriores, alguns pesquisadores suspeitaram que os modernos estivessem lá. Mas ninguém sabia que eles haviam chegado há 45.000 anos e se confundido com nossos dois primos arcaicos. "Isso sugere uma interação mais complicada entre humanos arcaicos e modernos", diz Ron Pinhasi, um antropólogo evolucionista da Universidade de Viena que não esteve envolvido no trabalho. Amostras de solo também forneceram algumas evidências. DNA de muitas espécies de animais. Cerca de 170.000 anos atrás, o clima mudou de mais quente para mais frio, e os neandertais se estabeleceram lá, junto com diferentes espécies de hienas e ursos.

É a combinação de dados genômicos de fósseis e amostras de solo que realmente destaca o novo trabalho, explica Pinhasi. "Esta é uma direção muito promissora [para trabalhos futuros]. Douka concorda e diz que o novo estudo deve ajudar o DNA do solo antigo a se tornar" uma ferramenta arqueológica dominante. " e que esses vários hominídeos alguma vez se encontraram, muito menos o fato de que eles se cruzaram em várias ocasiões e coexistiram por milênios.

HOMO SAPIENS

O Homo sapiens, também chamado de homem moderno, apareceu na África. Os mais antigos representantes conhecidos da nossa espécie têm 300.000 anos e foram desenterrados no Marrocos, no sítio de Jbel Irhoud. Por muito tempo, acreditou-se que eles não deixaram seu "berço" até muito mais tarde, cerca de 70.000 anos atrás, durante uma grande onda.

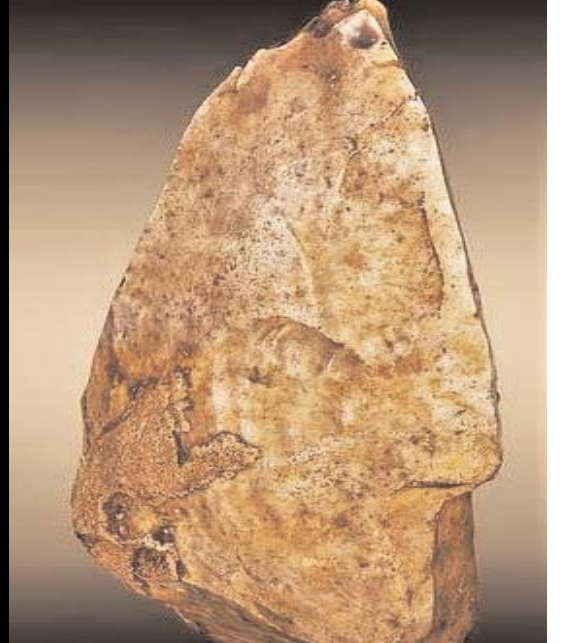
Mas, nos últimos anos, as descobertas têm continuado a questionar essa teoria, avançando cada vez mais a data de suas primeiras migrações e ampliando a área de sua dispersão. O Apidima 1 foi descoberto na frente de outro crânio, chamado Apidima 2. De acordo com o estudo - e a presença no osso occipital de uma protuberância óssea horizontal - seria um Neandertal de 170.000 anos. Esta nova descoberta reforça a ideia de que ocorreram várias dispersões de seres humanos fora da África. O movimento migratório e a colonização da Eurásia são certamente muito mais complexos do que se pensava. Em vez de uma única saída de hominídeos da África para povoar a Europa e a Ásia, deve ter havido várias dispersões, algumas das quais não resultaram em assentamentos permanentes.

A abóbada da caverna de Misliya desabou há cerca de 160.000 anos, permitindo proteger até hoje este fóssil e outros materiais e objetos enterrados nos sedimentos. Evidências arqueológicas revelam que seus ocupantes eram caçadores capazes de matar animais de grande porte, como auroques, cervos persas e gazelas, e que controlavam o uso do fogo nas lareiras. Eles também fizeram ferramentas de pedra semelhantes às encontradas entre os humanos modernos mais antigos da África.

Outros fósseis mais antigos de humanos modernos foram encontrados na África, mas os períodos e as rotas da migração do Homo sapiens para fora do continente africano são essenciais para a compreensão da evolução de nossa espécie.

Um corredor muito importante para as migrações de hominídeos, o Oriente Próximo foi ocupado em épocas diferentes por humanos modernos e Neandertais. Esta última descoberta abre a possibilidade de cruzamentos entre essas espécies e misturas genéticas entre diferentes populações locais muito mais cedo do que se pensava.

Na verdade, as pistas encontradas em Misliya corroboram hipóteses baseadas em dados genéticos de que os humanos modernos migraram da África há mais de 220.000 anos. Várias descobertas arqueológicas e fósseis recentes na Ásia também adiam a data da primeira aparição do homem moderno nesta parte do mundo e, portanto, sua saída da África. Essa descoberta contribui para um melhor entendimento de nossas origens. No Paleolítico Superior, o Homo sapiens sapiens inventou a arte (cavernas, estatuetas talhadas em marfim, etc.) e fez ferramentas cada vez mais econômicas em termos de material. primeiro, mas mais sofisticado, mais diversificado e mais eficiente, com lâminas e lamínulas, e pequenos pedaços cortados chamados microburinas, micrólitos. Ele também usou ossos, chifres e marfim para fazer lanças, agulhas e arpões.

As manifestações artísticas do Mesolítico são caracterizadas por figuras geométricas ou esquemáticas gravadas ou pintadas (em ocre) em paredes de rocha, seixos ou lajes de pedra e em objetos. Existem também pingentes e estatuetas esculpidas. As culturas mesolíticas são distinguidas pela miniaturização e geometrização de ferramentas de pedra. O período é marcado por uma crescente regionalização das indústrias líticas. O Neolítico marcou uma virada decisiva. O uso da cerâmica (que permitiu o abandono do nomadismo) e das ferramentas de pedra polida são os seus traços característicos. É a forma e a decoração da olaria que vai servir de referência.

Nossos ancestrais comuns

Como vimos no capítulo anterior, parece bem aceito, pelo menos pela comunidade científica, que todos nós temos ancestrais comuns na África. Cada um de nós tem 2 pais e cada um tem 2 pais etc. ou 2n ... ancestrais. Considere o tempo agora: por volta do ano 1200, ou 33 gerações atrás, cada um de nós tinha 233 ancestrais ou mais de 8 bilhões ... No entanto, a população mundial mal atingiu seu primeiro bilhão por volta de 1830 ... então reduza este número de ancestrais portanto, aumentamos nosso parentesco na mesma proporção e podemos ver que devemos, matematicamente, ser todos pais! Especialmente porque, quanto mais recuamos no tempo, menos pessoas havia, então mais ancestrais comuns temos ... Então, todos os nossos genes são cópias dos genes de nossos ancestrais comuns, os primeiros humanos. E mil séculos é muito curto para que muitas mudanças significativas tenham ocorrido. Cor da pele: uma simples questão de genes reguladores. Todos nós temos melanócitos, que produzem melanina (um pigmento natural) sob o controle genético dos mesmos genes. Os melanócitos são células da pele que possuem extensões e contêm melanossomas, organelas celulares que, por sua vez, contêm melanina que ocorre em duas formas em humanos, ambas as formas presentes em todos os casos, mas em diferentes proporções: os grânulos de eumelanina, redondos e tenros, são encontrados em maior número na pele negra e amarela; Grânulos de feomelanina, mais irregulares, presentes em maior número na pele clara, principalmente nos ruivos. É a quantidade de melanina produzida nos melanócitos que escurece a nossa epiderme em maior ou menor grau. Ao mesmo tempo, a quantidade e a intensidade dos raios solares influenciam o nosso corpo, que produz mais ou menos melanina: é um bronzeado.

Pessoas que estão continuamente expostas ao sol desenvolvem um bronzeado permanente. De uma região tropical ao norte, você encontra populações cada vez mais claras, sem se fragmentar. É impossível determinar de que ponto um indivíduo é branco, preto ou amarelo porque todos os tons estão presentes.

UM GENOMA SIBERIANO REVELA A DUPLA ASCENSÃO DOS NATIVOS AMERICANOS.

Um esqueleto do Paleolítico Superior da Sibéria, o de um menino. Dependendo dos genes do menino de 3 ou 4 anos, os traços físicos indicam que ele tinha pele negra, olhos castanhos e cabelos castanhos. Seu esqueleto foi descoberto no sítio Mal'ta, ao longo do rio Belaya, perto do lago Baikal. As escavações arqueológicas realizadas entre 1928 e 1958 permitiram descobrir cerca de trinta estatuetas antropomórficas e também o enterro do menino acompanhado por um colar de pérolas, um pingente em forma de pássaro, uma tiara de marfim, uma 'placa , uma pulseira de marfim e ferramentas de pedra. O corpo foi coberto com uma laje de pedra. Paleantologistas assim nomearam o menino: O homem de Mal'ta, 24.000 anos de idade.

As datas do radiocarbono 14 nos ossos deram uma data de aproximadamente 24.000 anos. Testes de mitocôndria, cromossomo Y e DNA autossômico foram realizados nesta amostra denominada MA-1.

Os resultados dos testes de DNA mitocondrial colocam a amostra no haplogrupo U *: uma linha muito rara ou extinta hoje. A figura abaixo localiza o esqueleto de Mal'ta (MA-1) na árvore filogenética U, bem como um esqueleto encontrado em Dolni Vestonice (DV-14) que tem 31.500 anos.

Haplogrupo: Em genética, este termo se refere a um grupo de humanos descendentes de um único ancestral com características hereditárias específicas. Os caracteres genéticos são passados de pai para filho (cromossomo Y) ou de mãe para filha (mitocôndrias).

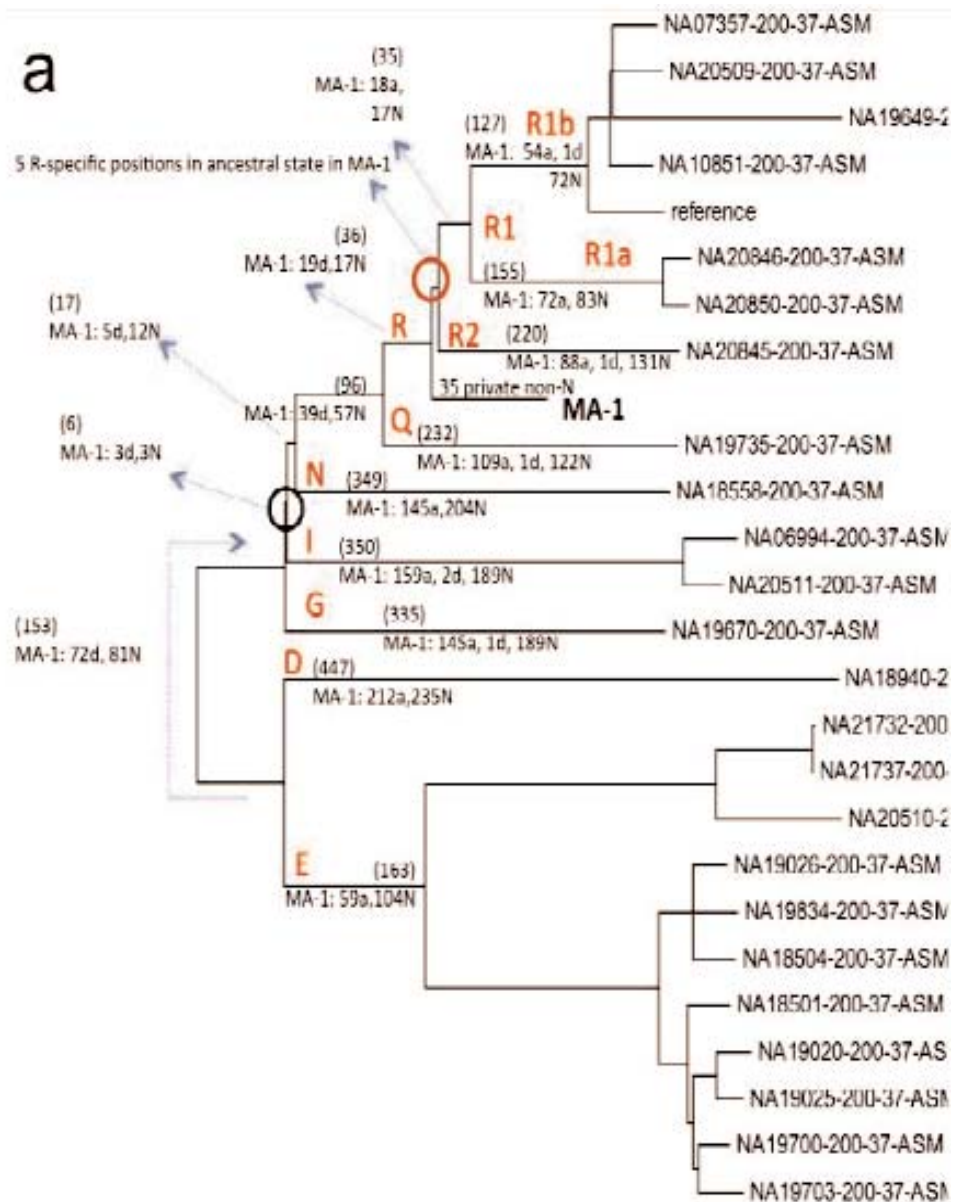
A distribuição atual do haplogrupo U abrange uma grande área geográfica, incluindo o Norte da África, o Oriente Médio, o Sul e a Ásia Central, a Sibéria Ocidental e a Europa. O haplogrupo U também foi encontrado em alta frequência nos caçadores-coletores do Paleolítico Superior e do Mesolítico na Europa.

O DNA do cromossomo Y foi sequenciado em 5,8 milhões de pares de bases. Os resultados mostraram que o esqueleto de Mal'ta está localizado na base do haplogrupo R: (gráfico abaixo)

Figure 1 | Sample locations and MA-1 genetic affinities. **a**, Geographical locations of Mal'ta and Afontova Gora-2 in south-central Siberia. For reference, Palaeolithic sites with individuals belonging to mtDNA haplogroup U are shown (red and black triangles): 1, Oberkassel; 2, Hohle Fels; 3, Dolni Vestonice; 4, Kostenki-14. A Palaeolithic site with an individual belonging to mtDNA haplogroup B is represented by the square: 5, Tianyuan Cave. Notable Palaeolithic sites with Venus figurines are marked by brown circles: 6, Laussel; 7, Lespugue; 8, Grimaldi; 9, Willendorf; 10, Gargarino. Other notable Palaeolithic sites are shown by grey circles: 11, Sungir; 12, Yana RHS.

O Haplogrupo R atualmente se estende ao oeste da Eurásia, sul da Ásia e região de Altai no sul da Sibéria. O haplogrupo irmão de R: Haplogrupo Q é mais comum entre os nativos americanos. Além disso, os indivíduos do haplogrupo Q mais próximos dos nativos americanos localizados na Eurásia estão atualmente localizados no sul de Altai.

Para caracterizar o DNA autossômico do esqueleto de Mal'ta, foi realizada uma análise de componentes principais abrangendo uma grande população global. A amostra de Mal'ta está localizada em uma área intocada entre europeus e nativos americanos, e longe dos asiáticos orientais. A medição da afinidade do esqueleto de Mal'ta com 147 populações globais não africanas foi realizada usando uma ferramenta chamada estatística f3. O valor obtido é proporcional à quantidade de genoma compartilhada entre os indivíduos:

A afinidade genética do esqueleto MA-1 é, portanto, maior primeiro para as populações ameríndias (pontos vermelhos) do que para as populações do nordeste da Europa e noroeste da Sibéria (pontos amarelos).

Uma árvore de máxima verossimilhança foi construída a partir de 11 genomas modernos da população mundial, a partir de 4 genomas eurasianos: Mari (população fino-úgrica das margens do Volga), avar (população caucasiana), indiano e tajique (população da Ásia Central) e Denisova genoma humano:

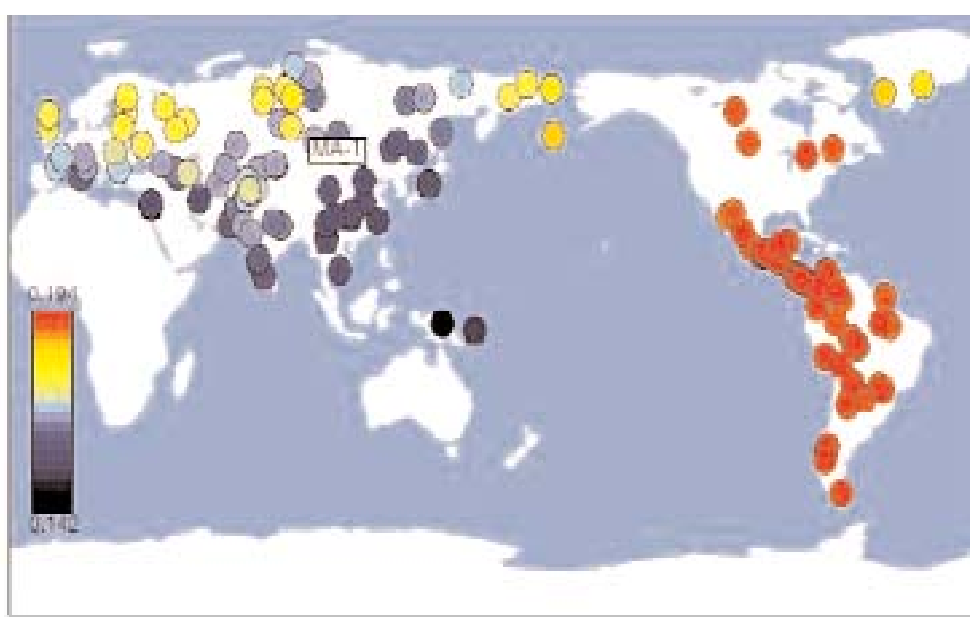



Figure 1 | Sample locations and MA-1 genetic affinities. . c, Heat map of the statistic f_3(Yoruba, MA-1, X) where X is one of 147 worldwide non-African populations (standar errors shown in Supplementary Fig. 21). The graded heat key represents the magnitude of the computed f_3 statistics.

O Homem de Mal'ta está localizado em um galho na base das amostras da Eurásia. No entanto, um resíduo significativo foi encontrado na covariância de MA-1 e Karitiana: uma população nativa americana. Portanto, o fluxo gênico é inferido entre essas linhas, provavelmente de MA-1 a Karitiana, e não o contrário. Este fluxo gênico da população do Paleolítico Superior da região de Mal'ta para os ancestrais dos Nativos Americanos ocorreu antes da dispersão dos Nativos Americanos, conforme mostrado pelos testes D (Yoruba, MA-1, Han, X). Em contraste, os nativos americanos estão mais próximos dos asiáticos do que dos papuas na Nova Guiné. No entanto, esse não é o caso do MA-1, que não está mais próximo dos asiáticos do que dos papuas. A explicação mais provável é que os nativos americanos têm ascendência dupla e são o resultado de uma mistura genética entre asiáticos orientais e eurasianos ocidentais.

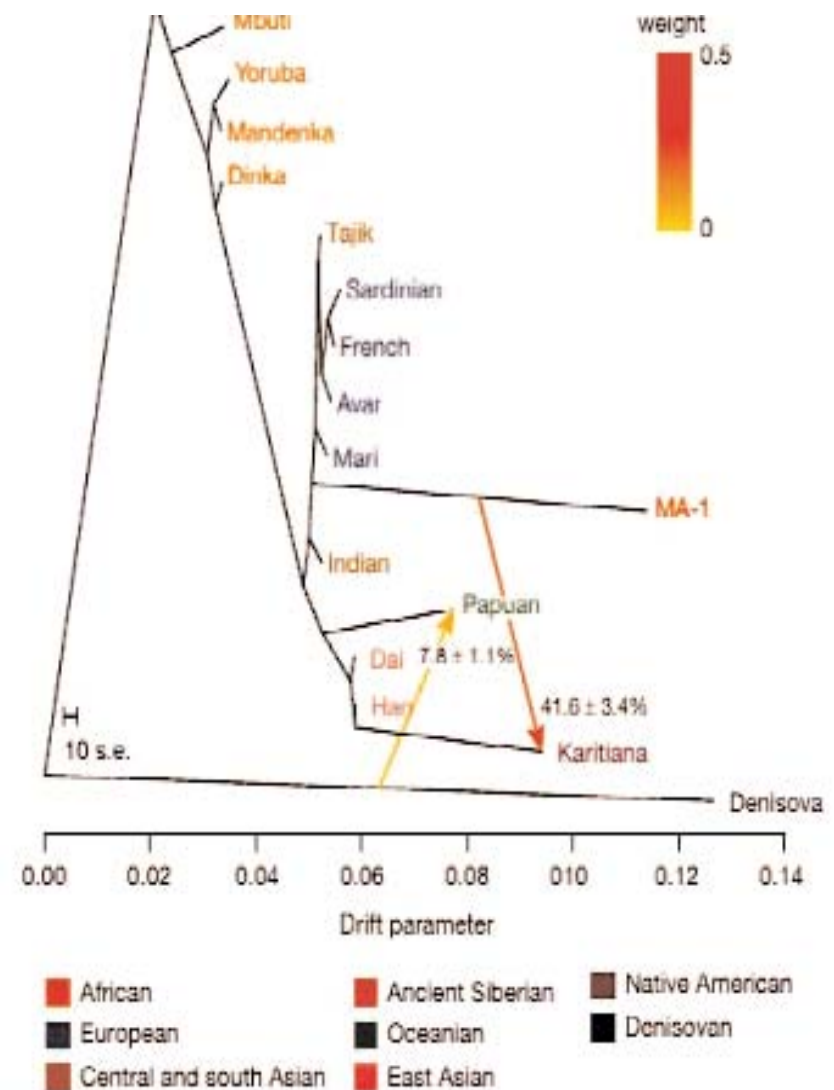



Figure 2 | Admixture graph for MA-1 and 16 complete genomes. An admixture graph with two migration edges (depicted by arrows) was fitted using TreeMix[21] to relate MA-1 to 11 modern genomes from worldwide populations[22], 4 modern genomes produced in this study (Avar, Mari, Indian and Tajik), and the Denisova genome[22]. Trees without migration, graphs with different number of migration edges, and residual matrices are shown in Supplementary Information, section 11. The drift parameter is proportional to $2N_e$ generations, where N_e is the effective population size. The migration weight represents the fraction of ancestry derived from the migration edge. The scale bar shows ten times the average standard error (s.e.) of the entries in the sample covariance matrix. Note that the length of the branch leading to MA-1 is affected by this ancient genome being represented by haploid genotypes.

Dispersões humanas no nordeste da Ásia pouco antes e depois do último máximo de gelo provavelmente levaram a migrações para Beringia e depois para as Américas. Como o MA-1 é anterior ao último máximo glacial, os autores testaram outro esqueleto localizado em Afontova-Gora, nas margens do Enisei, no centro-sul da Sibéria. Este esqueleto é datado de 17.000 anos atrás. Os testes autossômicos desta amostra (AG-2) são semelhantes aos obtidos para MA-1. É, portanto, mais próximo dos nativos americanos do que dos asiáticos. Este estudo tem quatro implicações importantes:

§ Os nativos americanos e os eurasianos ocidentais de hoje compartilham uma ancestralidade comum por meio do fluxo gênico das populações siberianas do Paleolítico Superior aos primeiros americanos.

§ este link explica a presença do haplogrupo X mitocondrial em ameríndios. Este haplogrupo está presente nos eurasianos ocidentais, mas ausente nos asiáticos orientais.

§ A transmissão de caracteres específicos dos eurasianos ocidentais para os nativos americanos ocorreu por meio da migração através da Beringia, ao invés do Atlântico.

§ A presença de uma assinatura genômica da Eurásia Ocidental na região de Baikal antes e depois do último máximo glacial sugere que o centro-sul da Sibéria foi ocupada por humanos durante os períodos mais frios do último período glacial.

BERINGY

Os aborígenes de hoje são descendentes de grupos que chegaram às Américas em duas ondas: primeiro, cerca de 12.000 anos atrás, e depois 9.000 anos atrás. Essa datação provisória deve evoluir com o estudo paleogenético da Caverna do Peixe Azul, que corrige uma primeira onda em cerca de 24.000 anos. Essas duas ondas migratórias estão na origem de todos os grupos ameríndios que povoavam toda a América na época da chegada de Cristóvão Colombo em 1492. A população indígena é então estimada em mais de 50 milhões de pessoas que falam mais de 1.000 línguas diferentes. De acordo com a escola americana de antropologia, sua teoria sobre o assunto. Por outro lado, as recentes descobertas feitas por uma equipe francesa adiam a chegada dos primeiros migrantes para quase 40.000 anos. Ela tira essa conclusão das pinturas rupestres encontradas nos sítios de Pedra Furada no Brasil em 1986 e nas de Monte Verde no Chile em 1988. De qualquer forma, é importante lembrar aqui que foi o jesuíta Joseph de Acosta quem formulou pela primeira época, em 1529, a teoria da penetração na América pelo Estreito de Bering dos caçadores siberianos. Migrando da Sibéria para o Alasca, os Ancestrais se encontraram no meio da tundra e em poucos séculos alcançaram a região das pradarias e o sudoeste americano através do corredor do rio MacKenzie ou ao longo da costa do Pacífico. A partir daí, em alguns séculos, eles colonizaram o norte e o sul das Américas. Essas mesmas florestas no Canadá são o lar de dezenas de tribos nativas americanas, como os Cree no leste e os Athabascans no oeste.

A
DISPERSÃO DOS ANCESTORES NAS AMÉRICAS

Os primeiros estudos genômicos mostraram que os ancestrais dos nativos americanos divergiram das populações da Sibéria e do Leste Asiático há cerca de 25.000 anos. Então, ocorreu uma divergência entre 22.000 e 18.000 anos entre os antigos beríngios e os ameríndios, que então se dividiram em dois grupos: os norte-ameríndios e os sul-ameríndios entre 17.500 e 14.600 anos ao sul da Beringia Oriental (atual Alasca) (em homenagem a Vitus Behring , um navegador dinamarquês pago pelos russos que explorou a região em 1728).

AS GRANDES MIGRAÇÕES PARA AS AMÉRICAS

O TREINAMENTO GENÔMICO DOS ANCESTORES DOS PRIMEIROS AMERICANOS NO NORDESTE DA ÁSIA

A origem da população das Américas é objeto de intenso debate no campo da arqueogenética. Duas descobertas recentes são importantes neste debate. O indivíduo Upward Sun River 1 (USR1) de um sepultamento duplo de crianças no Alasca e datado de cerca de 11.500 anos atrás representa uma linhagem até então desconhecida que divergia de qualquer população nativa americana entre 22.000 e 18.000 anos atrás, e antes da separação entre os dois principais ramos relativos aos ameríndios do Norte e do Sul que teriam divergido entre 17.500 e 14.600 anos. Dois outros indivíduos dos sítios arqueológicos de Duvanny Yar (Kolyma1) no nordeste da Sibéria, datados de 9.800 anos de idade e Ust'-Kyakhta-3 na região do Lago Baikal, datado de 14.000 anos atrás também representariam populações originalmente do assentamento das Américas e que teria divergido das populações ameríndias antes do indivíduo de Upward Sun River. Além disso, seis indivíduos neolíticos primitivos da Caverna Devil's Gate na bacia do rio Amur mostram continuidade genética nesta região até o momento e com a maioria das populações atuais na Sibéria.

Destes doze indivíduos, seis foram eliminados por contaminação. Entre os últimos seis indivíduos, apenas três não têm ancestralidade da Eurásia Ocidental: dois indivíduos do Neolítico Inferior e um da Idade do Ferro.

Os autores realizaram a Análise de Componentes Principais para comparar o genoma desses indivíduos com o de outros indivíduos antigos ou contemporâneos. Na figura abaixo, os caçadores-coletores ocidentais (WHG) estão localizados à esquerda (discos cinza), os primeiros americanos (FAM) na parte superior (discos vermelhos) e os indivíduos de Houtaomuga na parte inferior direita (discos ciano), perto de outras populações da região da Bacia de Amur:

Curiosamente, os dois indivíduos USR1 e Kolyma1 situam-se entre os primeiros americanos e as populações do Leste Asiático. Curiosamente, os dois indivíduos USR1 e Kolyma1 situam-se entre os primeiros americanos e as populações do Leste Asiático. Os autores então usaram o software qpAdm e qpWave para construir um gráfico demográfico para destacar as diferentes misturas genéticas:

De acordo com este modelo, o USR1 individual viria de duas fontes ancestrais. O primeiro inclui uma mistura entre os primeiros americanos e uma população próxima ao menino de Mal'ta (ANE). A segunda fonte inclui outra população próxima ao menino de Mal'ta e uma população próxima a indivíduos de Houtaomuga. Este último componente representa entre 6 e 35% do genoma de USR1.

Dates	Phase	Period	Samples
13000–11000	Phase I	Early Neolithic-1	M45*, 45.31x
8000–7500	Phase II	Early Neolithic-2	M54A*, 0.83x M54B, 0.00x M54C, 0.00x
6300–5500	Phase III	Middle Neolithic	M50, 0.00x M80, 1.39x M82, 0.00x M86, 0.00x M89, 0.95x M92, 0.01x M93, 0.00x M94, 0.15x M95, 0.02x
5500–5000	Phase IV	Middle Neolithic	M73, 0.01x M91, 0.89x
3000–2500	Phase V	Bronze Age	M258, 1.20x
2500–2300	Phase VI	Early Iron Age	M69A, 0.70x M69B, 1.26x M69C, 0.10x M74A, 1.40x M74B*, 0.51x M88, 0.02x

Curiosamente, os primeiros americanos e o indivíduo USR1 não fazem parte de um único ramo. A fonte do nativo americano no USR1 individual pertence apenas ao ramo norte do nativo americano. Além disso, não há fluxo gênico de uma população próxima ao menino Mal'ta no ancestral comum de USR1 e dos primeiros americanos. Em conclusão, a interpretação mais provável desses resultados é que a divergência entre os ramos Ameríndios do Norte e do Sul ocorreu na Ásia imediatamente após o fim do isolamento beríngio que de fato deve ter ocorrido fora de Beringia:

Este modelo explica a presença do sinal da bacia do rio Amur entre os antigos beríngios sem invocar várias passagens pelo estreito de Bering para as quais não há evidências arqueológicas claras. Os autores presumem que os sul-ameríndios foram os primeiros a cruzar o estreito de Bering, seguidos pelos norte-ameríndios que antes tiveram tempo de interagir com as populações da Bacia do Amur. Essa hipótese também facilita a interação com a população Y próxima aos Onges ou ao ex-indivíduo Tianyuan e identificada no genoma de algumas populações ameríndias.

LA SEPTENTRION.

A geografia simples está sempre associada a uma geografia sagrada e mítica dos pontos cardeais presentes na tradição greco-latina, bem como na Eurásia, Índia, China e até mesmo em certas regiões africanas:

"O norte está freqüentemente sob o signo do masculino, da criação, da força, da luz, da inocência virginal e da justiça, sendo o sul" feminino "e" matriz ".

Apolo, o deus grego mais singular, é o deus do Norte, o deus dos hiperbóreos. Na Idade Média e no Renascimento, a tradição geográfico-mística de Guillaume Postel localizou o paraíso no Pólo Norte. No século 17, o Pólo Norte era frequentemente avaliado como um abismo de água e como um lugar de renascimento e morte. No século XIX, a erudita geografia considerava-o um mar "livre de gelo". Por fim, a Estrela Polar, referência para todos os navegadores, costuma ser considerada o centro absoluto em torno do qual gira o céu, o "umbigo" do céu para os Yakuts, o "pilar" para os lapões ".

Uma difusa crença no pensamento grego, base dos cultos apolíneos, vê o hiperbóreo, descendente de gigantescos povos semidivinos dos tempos antediluvianos, vivendo portanto no Extremo Norte, o lendário espaço da felicidade. Pode-se perguntar se os mitos que preservam o culto dos "grandes ancestrais" não têm origem real, história e geografia, as das populações mediterrâneas e das sucessivas migrações de povos nômades da Ásia Central de países periglaciais: o Cáucaso, a Cítia , Mongólia. A nostalgia de um espaço original, uniformemente branco, cor que se tornou símbolo de pureza e paz, seria assim preservada através dos mitos; uma nostalgia de uma época de ouro perdida no Pólo, onde os hiperbóreos perseguiam fraternalmente uma vida comunitária com os deuses sem travar uma guerra com os povos vizinhos; uma sociedade ártica de homens fortes e

"Norte, montanha, humanidade primordial, povo feliz e imortal: essas ideias são encontradas como se estivessem em um ninho em várias civilizações antigas, fragmentos dessas ideias míticas se encontram espalhados por todas as civilizações até o Ártico.

Este espaço ao norte tem um nome: Thule. Thule- Tele: longe; Thu-al: Norte (celta); Tholos ou Tolos: nevoeiro (grego); Tula: equilíbrio (sânscrito); Tulor mexicano está na tradição esotérica, o Distante Terra, a Ilha Branca, o Pólo das Luzes, o Santuário do Mundo. Thule, baía da Estrela Polar, está diretamente acima do Pólo celestial. Como Jerusalém, pólo judaico-cristão ou Meca, com a Kaaba, pólo do Islã, Thule é o pólo dos hiperbóreos. "

"O nome de Thule, citado pela primeira vez pelo navegador Pythéas, remonta às primeiras populações indo-europeias; assumiu uma nuance diferente em cada língua: Thuath em gaélico significa" o norte "ou" a esquerda " , Thyle em antigo saxão e Tiule em gótico significam "o limite extremo" e, em sânscrito, Tula, "Libra", designa a constelação da Ursa Maior localizada no Norte. Esta ilha distante, esta colina sagrada, localizada "ali" em o Noroeste, é a ilha do Outro Mundo, o Sid irlandês, paraíso celta, refúgio de paz e deleite onde o tempo passa para sempre, sem doenças, sem constrangimentos morais ou hierarquia social. Thule, fabulosa ilha onde os dias não têm fim, terra mítica na qual contaremos coisas maravilhosas.

Em torno do nome será assim construído ao longo do tempo e das culturas, todo um labirinto de mitos que unem Hiperbórea, até Atlântida, mas também de viagens e verdadeiras descobertas. A magia do nome de Thule reside talvez precisamente no facto de misturar constantemente o real e o imaginário, a geografia e a história mas também a poesia mitológica, fonte da literatura. Ironicamente, o destino de Thule pode ser rastreado até a história de uma viagem, uma fonte de acalorado debate por parte dos geógrafos desde a Antiguidade até a Idade Média e a Renascença. Uma história em grande parte perdida mas viva nas memórias e cujas imprecisões abrem precisamente uma brecha da qual a imaginação e os mitos podem emergir. A expressão "Ultima Thule" atravessou os séculos para chegar até nós, cercada pela magia de terras distantes e pelo mistério dos limites do mundo conhecido. É assim que poetas e filósofos do início do Império Romano, como Sêneca e Virgílio, foram os primeiros a usá-lo, longe dos debates em curso em torno da realidade geográfica. Os que vieram depois contentaram-se em retomar a imagem romântica de Thule que, como todas as boas imagens, beira o irreal e fascina.

Basta despertar o encanto ao ouvir o nome mágico evocado pela primeira linha de uma balada. "ele foi um rei de THULE… ..." "Este mito de Thule será retomado em todas as literaturas, na Idade Média no ciclo da Távola Redonda, e no período romântico por Goethe em sua lírica Ballade du roi de Thule. Este poema cantado, ou mentido, será musicado por Gounod e Berlioz. Goethe canta este nobre reino distante onde o amor fiel (como o mito) transcende o tempo: Es war ein Kônig em Thule ... Esta balada, traduzida de Gérard de Nerval, teve um sucesso imenso. Ultima thule, a magia da palavra, a evocação misteriosa do insondável repousa talvez mais sobre a consonância das sílabas que atingem o ouvido e, portanto, sobre a música da frase, que sobre um descrição geográfica precisa que sempre faltará.

NORDICIDADE

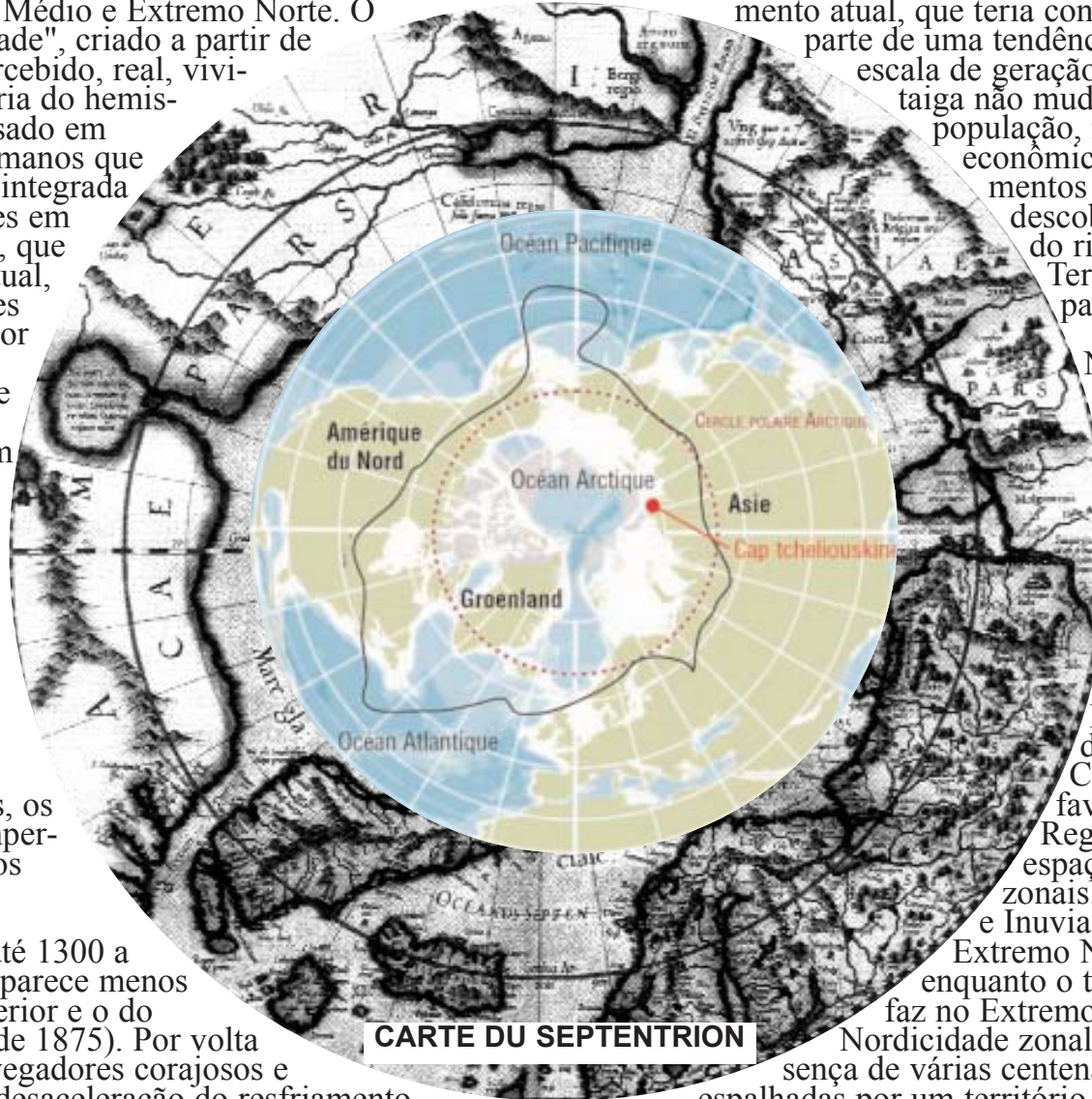
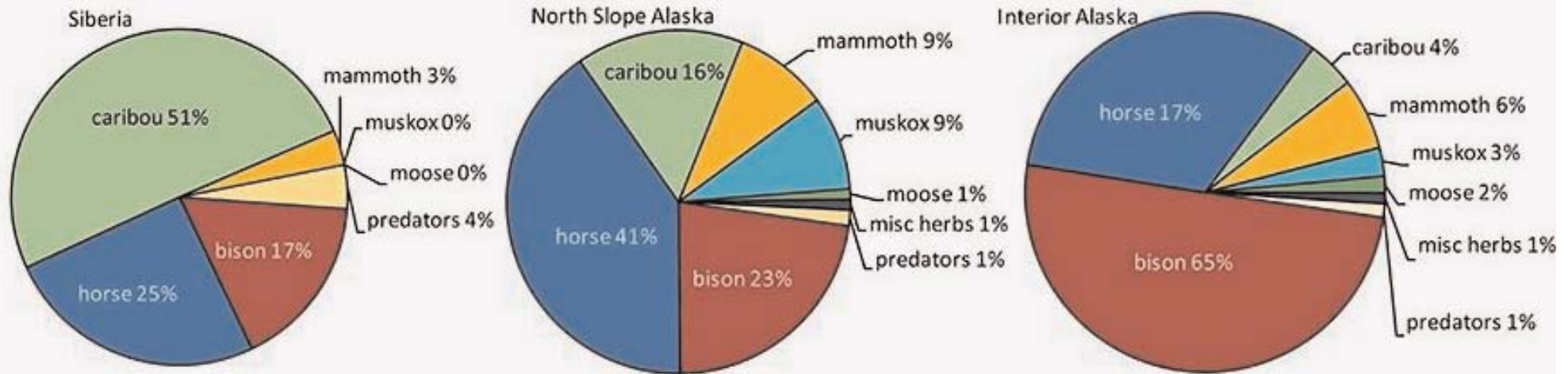
O Canadá é um dos países circumpolares e, como tal, os geógrafos desenvolveram um conceito particular de estudo denominado nordologia.

Este termo é um canadianismo criado pelo geógrafo de Quebec, Louis-Edmond Hamelin, designando o estado físico, climático, sociológico e até psicológico do Médio e Extremo Norte. O conceito global de "nordicidade", criado a partir de 1960, refere-se ao estado percebido, real, vivido e até inventado da zona fria do hemisfério boreal. Ele está interessado em todos os temas naturais e humanos que podem levar à compreensão integrada de fatos, ideias e intervenções em altas latitudes. A abordagem, que vai além do puro ato intelectual, prevê o advento de aplicações tecnológicas concernentes, por exemplo, à habitabilidade e espera que o indivíduo avalie suas próprias atividades. A Nordicidade, mais do que um domínio setorial, considera todo o Norte e todo o Norte como um todo. Os dicionários francês e inglês consideram a palavra canadense. Mesmo que permaneçamos insuficientemente informados e reduzidos a frágeis hipóteses, há uma paleo-nordicidade. Por meio de vários métodos de datação e outros documentos, os pesquisadores revelam a temperatura e as culturas dos séculos anteriores.

Assim, dos anos 400 a 700 até 1300 a 1500, o clima da zona norte parece menos frio do que o do período anterior e o do período posterior (até cerca de 1875). Por volta do ano 1000, os vikings, navegadores corajosos e habilidosos, aproveitaram a desaceleração do resfriamento para chegar à costa oeste do Atlântico (no sítio histórico de L'Anse aux Meadows na Terra Nova). Parece haver mais. As partes do país próximas ao Alasca apresentam os testemunhos surpreendentes de cartógrafos como Mercator em 1595. Como, sem saber de nada, esses cientistas europeus poderiam ter mencionado a "região de Bergi" (as Cordilheiras), traçado o estreito de '"Anian" (Bering) entre a Ásia e a América, além de desenhar o Delta do Mackenzie onde ele está, logo ao norte do Círculo Polar Ártico? O noroeste do Canadá é conhecido pelo Pacífico, sem referência às migrações terrestres de povos asiáticos há cerca de 24.000 anos. Essas penetrações na América também devem se beneficiar de períodos vantajosos do ponto de vista do meio ambiente. O futuro dirá se o aquecimento atual, que teria consequências contraditórias, faz parte de uma tendência de longo prazo. Em uma escala de geração, os limites do permafrost ou taiga não mudam muito; por outro lado, as de população, mentalidades e produções econômicas podem experimentar movimentos significativos. Na era das descobertas, especialmente por causa do rigor do inverno, o Canadá e a Terra Nova eram considerados países nitidamente frios.

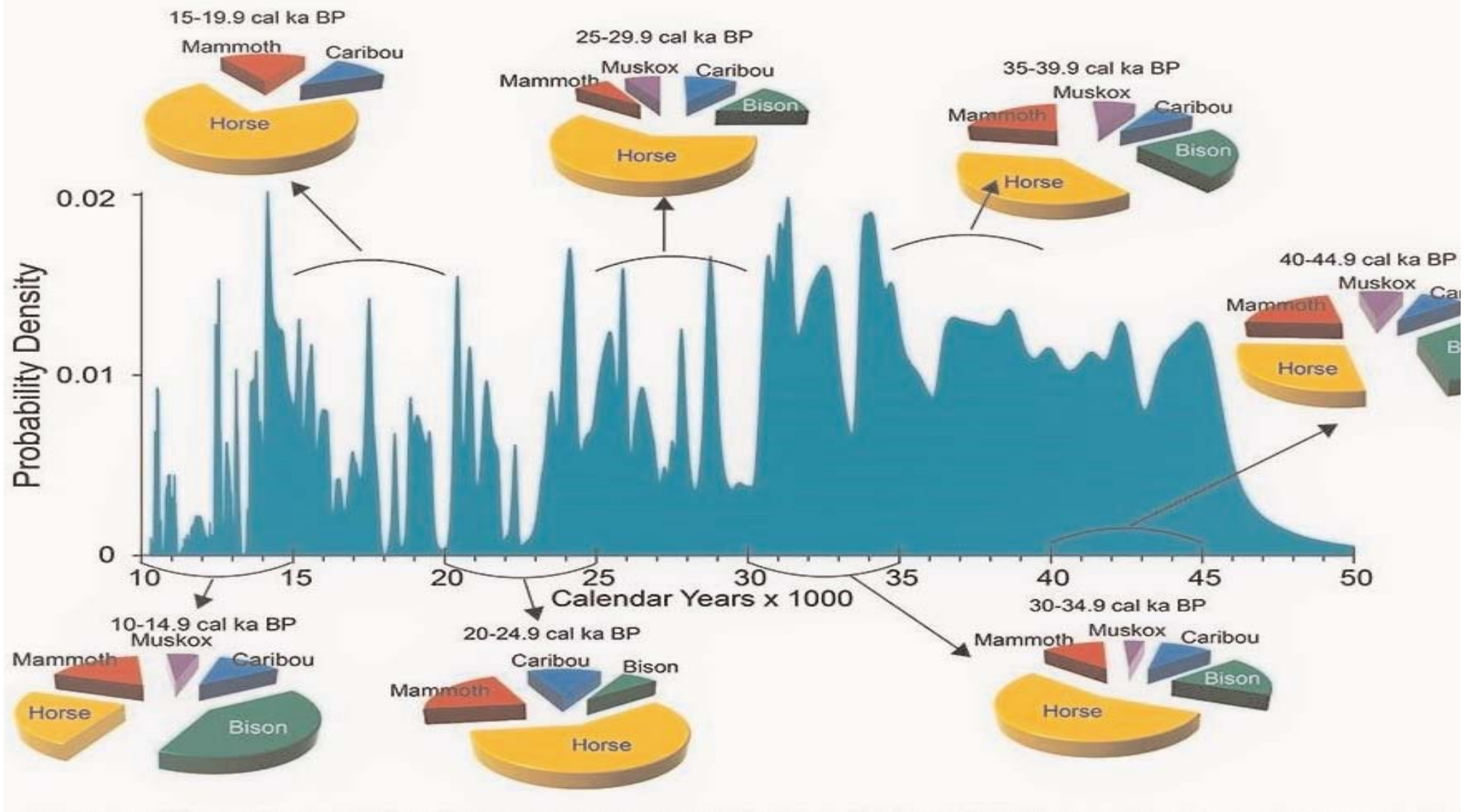
Nordicidade dos lugares: As definições do Norte dependem dos critérios escolhidos. Inicialmente, o Ártico é considerado um espaço de noite ou dia polar, tanto pelo congelamento do subsolo quanto pela ausência de árvores (além da "Linha das Árvores").

Comparada com a nordicidade de Norden (Finno-Escandinávia) e mesmo com a do norte da Rússia, a do norte do Canadá é mais severa, o que não favorece a colonização por lá. Regiões do norte do Canadá: os espaços políticos indígenas são interzonais. Nunavut (ao nordeste e centro) e Inuvialuit (ao noroeste) abrangem o Extremo Norte e o Extremo Norte, enquanto o território de Nunavik-Labrador o faz no Extremo Norte e no Meio Norte. Nordicidade zonal: No norte canadense, a presença de várias centenas de pequenas aglomerações espalhadas por um território maior que a Europa dá a impressão de microcosmos vivendo em paraposição; de fato, pelo menos por meio de telecomunicações e serviços aéreos, pequenas comunidades e cidades estão ligadas umas às outras, bem como ao poderoso sul do país.

CARTE DU SEPTENTRION

Outros bioartefatos de Beringian

Estando tão ao norte, Beringia é seu próprio freezer e preservou os restos mortais de muitos de seus antigos habitantes. As descobertas mais espetaculares aconteceram no oeste de Beringia, Sibéria, onde múmias e esqueletos de mamíferos extintos do Pleistoceno foram encontrados. Múmias e esqueletos não são tão comuns no leste de Beringia, mas na década de 1980 uma múmia Steppe Bison foi encontrada perto de Fairbanks. A múmia, chamada Blue Babe, está agora em exibição no Museu da Universidade do Alasca.

Os ossos individuais desses animais quase todos extintos são muito mais comuns. Esses ossos não são fósseis mineralizados como a maioria dos restos de dinossauros, mas ainda são ossos, às vezes com medula dentro. Como os ossos foram congelados, eles tendem a ser bem preservados e são adequados para uma variedade de análises de isótopos e DNA. Mineiros em toda a Beringia exibem regularmente ossos da megafauna do Pleistoceno em busca de tesouros minerais. Alguns rios também expõem ossos à medida que serpenteiam por seus vales. A Reserva Nacional Bering Land Bridge no noroeste do Alasca e outros parques no Alasca foram a fonte de muitos ossos do Pleistoceno. A maioria desses ossos são ossos desarticulados individuais, embora esqueletos como o de "Bison Bob" raramente tenham sido encontrados no norte do Alasca em 2012. Simplesmente identificando os ossos, podemos descobrir quais espécies estavam presentes e onde eles estão. Abundância relativa destes espécies em diferentes ambientes. A partir daí, é imediatamente evidente que Beringia não era um ecossistema grande e homogêneo, mas era composto por diversos ecossistemas. Por exemplo, no final do Pleistoceno. 45.000 a 11.700 anos atrás) na Sibéria, os caribus eram as espécies mais comuns, seguidos por cavalos e bisões, enquanto no norte do Alasca, o cavalo era mais comum, seguido por bisões e caribus, e no interior do Alasca, os bisões dominavam a paisagem, seguido por cavalo e mamute.

Quase todas as datações obtidas em vestígios de Beringian do Pleistoceno vêm de ossos desarticulados e, portanto, vêm de análises 14C. Portanto, a maior parte de nossas informações sobre as idades da megafauna de Beringian data do final do Pleistoceno. Centenas de ossos datados de 14C do norte do Alasca mostram que, além de serem espacialmente diversos, as abundâncias relativas de diferentes espécies mudaram com o tempo. Em particular, o número relativo de cavalos e bisões mudou nos últimos 45.000 anos, sugerindo que as flutuações climáticas e ambientais favoreceram algumas espécies de forma diferente em relação a outras.

Isso resultou em um clima mais continental com pouca chuva e céu claro: condições que produziram um bioma único chamado Mammoth Steppe, diferente de tudo o que se encontra hoje em Beringia.

O clima era muito frio para as árvores, e as condições secas favoreciam as pastagens de estepe, que forneciam alimento abundante para a megafauna que pastava; A megafauna do Pleistoceno Superior era pastora, não pastora (ou xilófagos). Prados secos e baixos níveis de neve também forneciam um substrato firme sobre o qual os ungulados podiam caminhar facilmente durante todo o ano.

A Beringia moderna é coberta por vastas extensões de permafrost, turfa, vegetação de tundra esponjosa e florestas boreais consistindo principalmente de coníferas. Grande parte dela fica enterrada na neve durante metade do ano e, no verão frio e úmido, fervilha de mosquitos. Este moderno ecossistema é o lar de uma fração dos animais que viveram lá durante o Pleistoceno. Então, o que foi diferente? Sem surpresa, o clima foi geralmente mais frio e seco durante a maior parte do Pleistoceno, o que parece torná-lo menos acolhedor para a megafauna.

Como o nível do mar estava muito mais baixo, a massa de terra de Beringia era maior e incluía a vasta Ponte Terrestre de Bering. Isso resultou em um clima mais continental com pouca chuva e céu claro: condições que produziram um bioma único chamado Mammoth Steppe, diferente de tudo o que se encontra hoje em Beringia. O clima era muito frio para as árvores, e as condições secas favoreciam as pastagens de estepe, que forneciam alimento abundante para a megafauna que pastava; A megafauna do Pleistoceno Superior era pastora, não pastora (ou xilófagos). Prados secos e baixos níveis de neve também forneciam um substrato firme sobre o qual os ungulados podiam caminhar facilmente durante todo o ano.

A Mammoth Steppe era um bioma complexo que mudou ao longo do tempo e em toda a região. O resultado foi um ecossistema semelhante a um mosaico que variava em resposta a um clima em constante mudança. Durante o Pleistoceno, o clima mudou muito mais drasticamente do que nos últimos 10.000 anos, o período conhecido como Holoceno, um período climático notavelmente estável em comparação com o milhão de anos anterior. O clima instável do Pleistoceno causou mudanças rápidas nas comunidades de plantas e, portanto, na alimentação dos herbívoros da megafauna. A abundância e distribuição desses animais teriam variado em resposta às mudanças. Por ser grande, a megafauna poderia ter se movido pela paisagem seguindo manchas de habitat favorável tanto sazonalmente quanto em escalas de tempo mais longas.

Devido aos baixos níveis de neve e tempo claro, o greening teria ocorrido mais cedo do que agora, então a temporada de cultivo de Mammoth Steppe provavelmente teria sido mais longa. O céu claro de um clima continental pode ter permitido temperaturas mais quentes durante a estação de crescimento do que ocorre com o clima moderno mais nublado. Os solos da Mammoth Steppe eram, portanto, mais secos, mais quentes e mais férteis do que hoje. Isso teria melhorado a produtividade da planta e a megafauna, que poderia pastar o tempo todo e crescer durante o verão. Com o crescimento de plantas nutritivas, a megafauna também poderia ter consumido o suficiente no verão para formar reservas e ajudá-los a sobreviver ao longo e frio inverno.

Era um ecossistema de megafauna completo com herbívoros e predadores consumindo-os. Como a maioria dos ecossistemas, havia muito mais herbívoros do que carnívoros. Os ursos gigantes de cara curta podem ter eliminado principalmente herbívoros já mortos, mas ursos marrons, leões e lobos, sem dúvida, caçaram e mataram suas presas. A datação por radiocarbono sugere que os leões podem ter se especializado na caça a cavalos.

O que aconteceu com cada um deles?

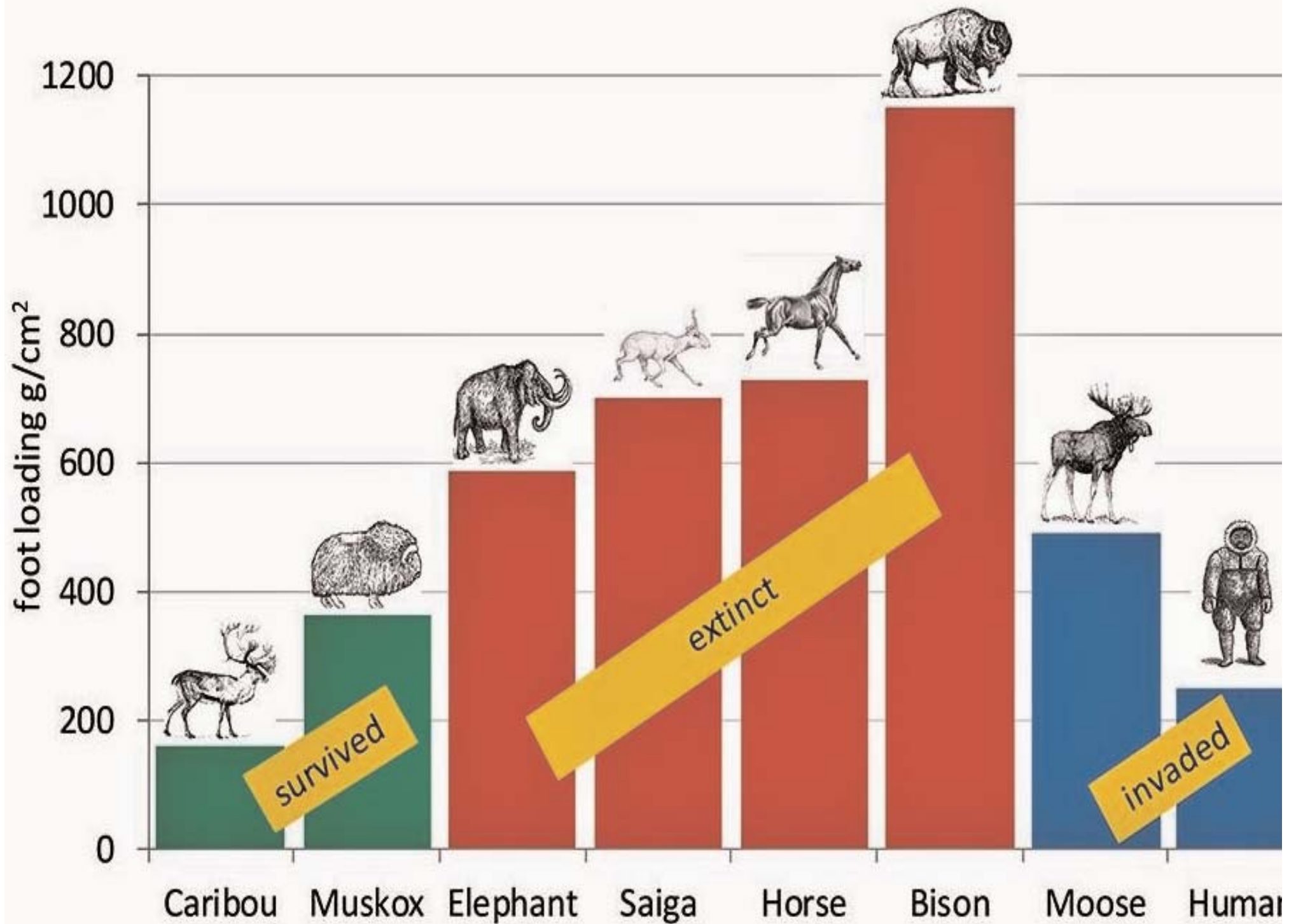
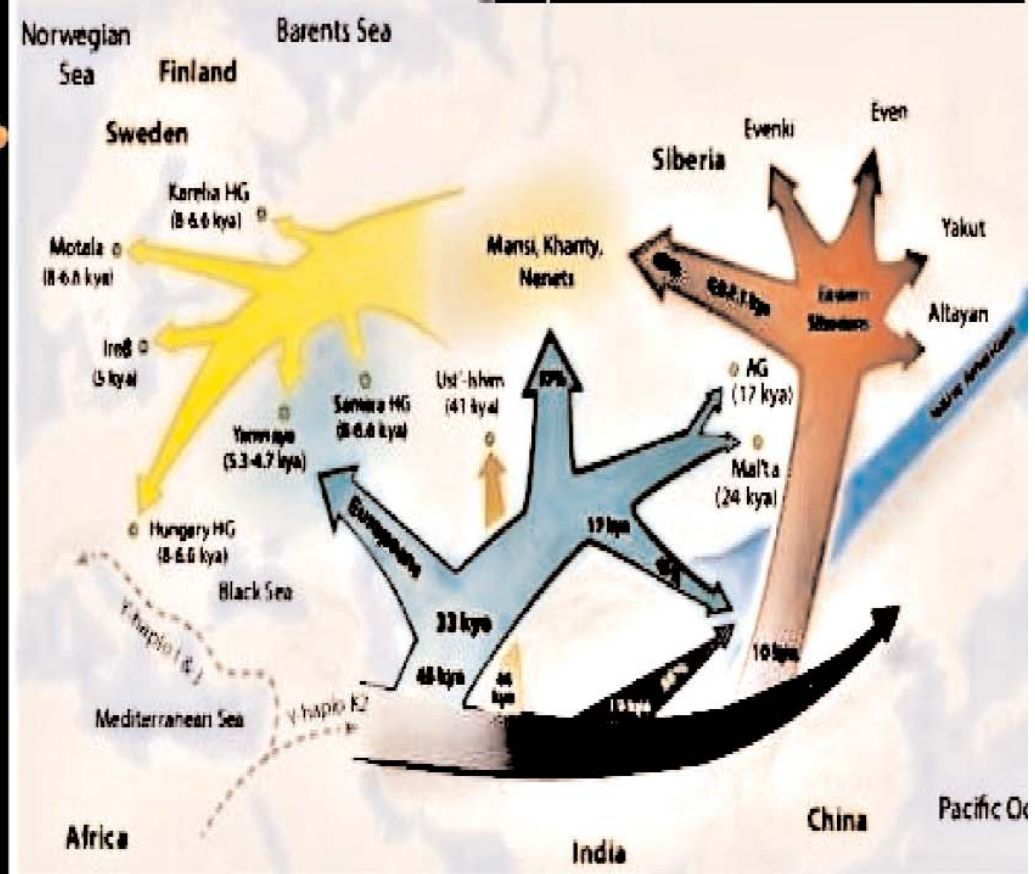
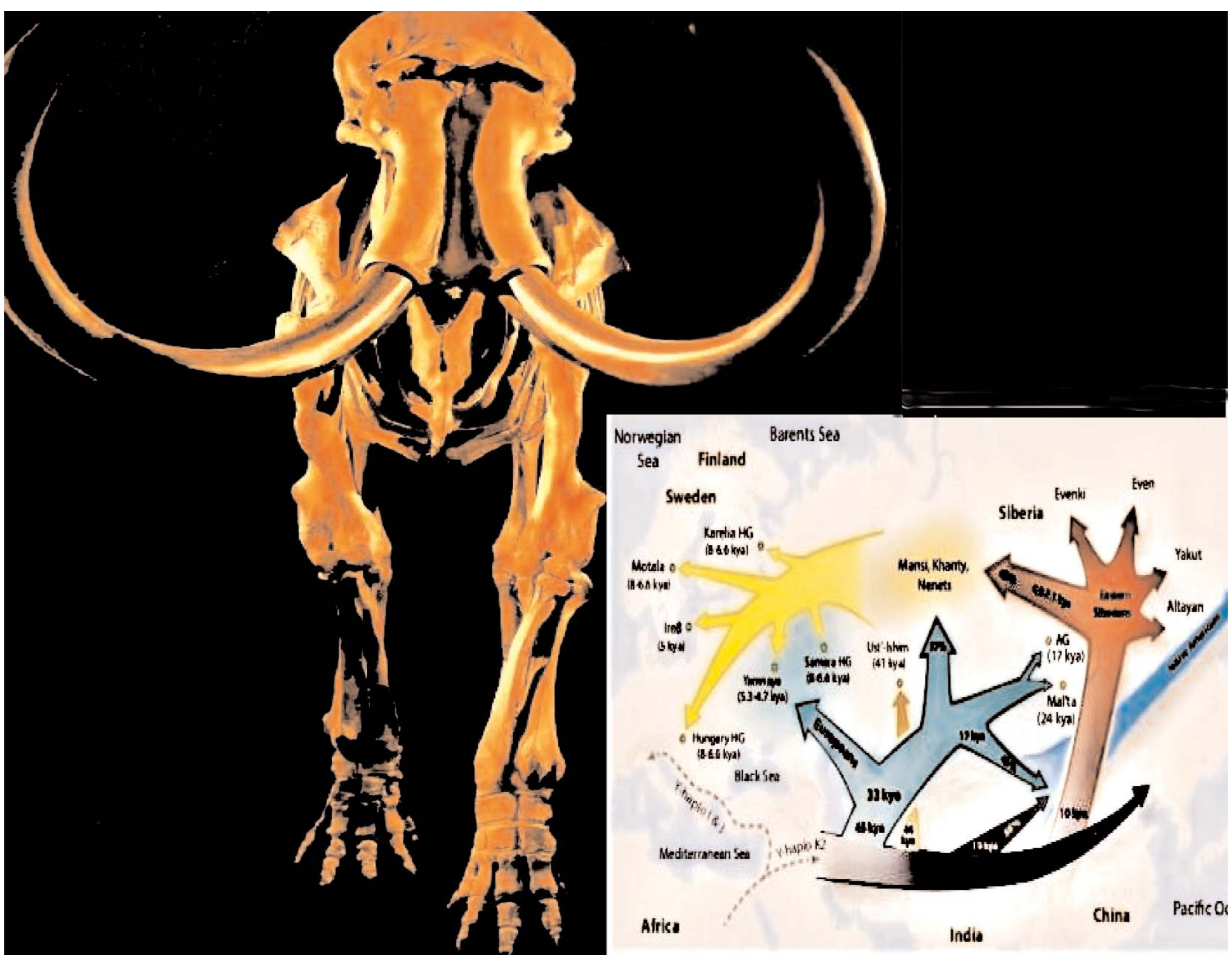
O ecossistema Mammoth Steppe desapareceu no final do Pleistoceno. Alguns especialistas argumentam que os humanos são responsáveis pela extinção da megafauna, mas por meio da Beringia sabemos que os humanos coexistiram com espécies extintas por longos períodos. As datas documentadas em 14 C mostram que os humanos no Alasca montaram cavalos, bisões e leões por mais de 1.000 anos e possivelmente mamutes também, e não temos evidências de caça excessiva desses animais. A região de Beringia é grande e a população humana primitiva era pequena. Uma explicação mais provável para as extinções é que o aquecimento prolongado no final do Pleistoceno causou mudanças ambientais que não favoreceram a megafauna da Mammoth Steppe.
Quando o clima esquentou, ficou mais úmido. Arbustos teriam invadido a região e substituído os prados. Muitos arbustos contêm produtos químicos que os protegem do pastejo de herbívoros e não são adequados para animais de pasto. Com o derretimento das geleiras e a elevação do nível do mar, o clima teria se tornado mais marítimo, com aumento da precipitação e da cobertura de nuvens. Apesar da tendência geral de aquecimento, a estação de cultivo de verão teria sido mais úmida, mais curta e provavelmente mais fria devido à diminuição. Como essas mudanças persistiram, a turfa teria se espalhado pela paisagem e afetado negativamente a megafauna. A turfa não é um alimento nutritivo e isola o solo favorecendo a propagação do permafrost, criando um substrato alagado e não comestível.

O substrato esponjoso e as neves mais profundas do inverno teriam um impacto negativo na megafauna. A maior parte da megafauna teria dificuldade para caminhar em neve profunda ou solo esponjoso devido aos pés pequenos em comparação ao alto peso corporal (carga elevada dos pés). Eles deveriam ter gasto mais energia caminhando ao mesmo tempo que os recursos alimentares eram escassos. Os herbívoros da megafauna que desapareceram de Beringia carregavam uma grande quantidade de pés, enquanto os caribus e almíscares que sobreviveram às mudanças no clima moderno têm uma baixa carga de pés, o que lhes permite se mover com mais facilidade. na paisagem atual. Alces e humanos que se instalaram na área à medida que os arbustos invadiram também têm territórios de megafauna extinta.

foot loading g/cm^2

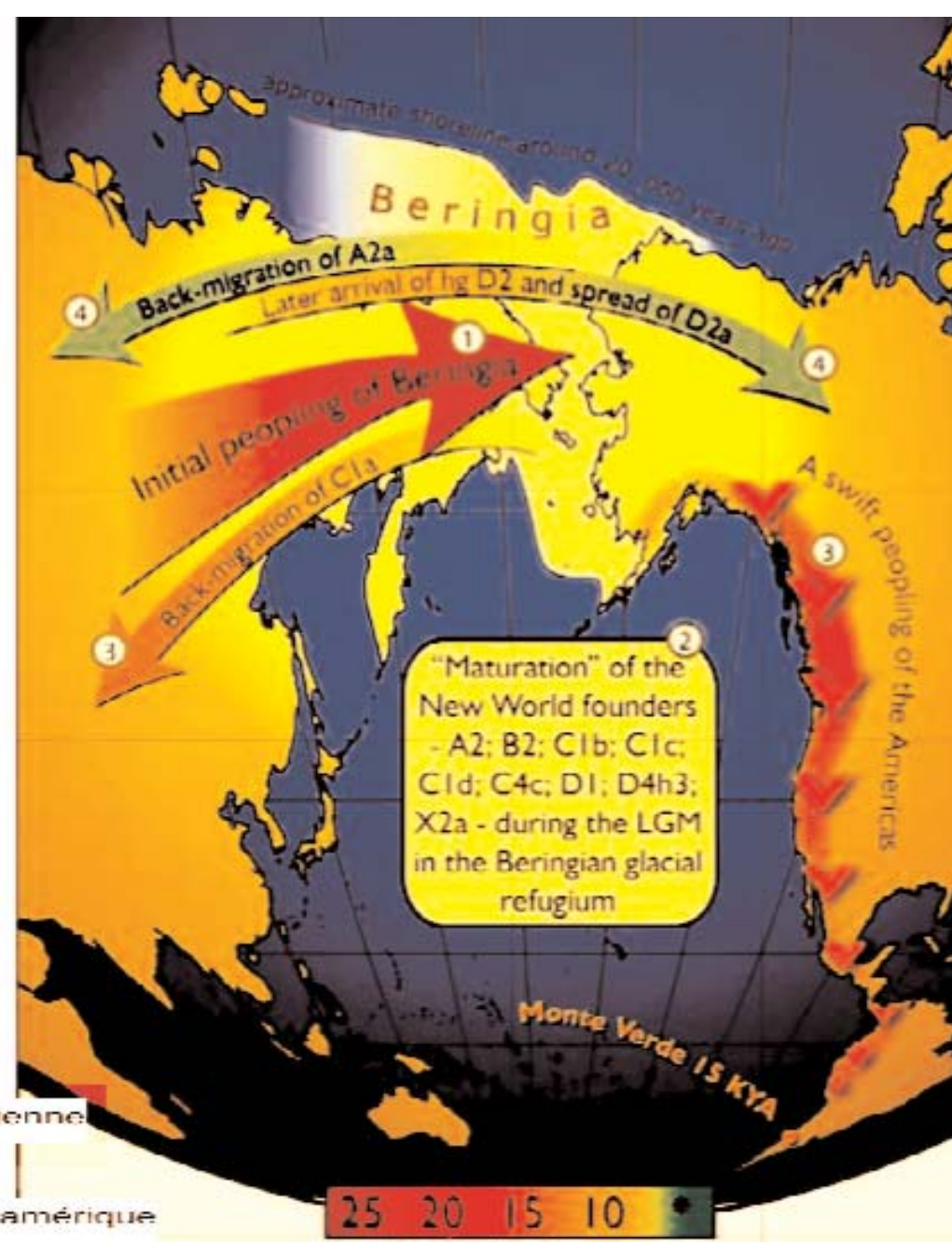
1200
1000
800
600
400
200
0

extinct
survived
invaded

Caribou
Muskox
Elephant
Saiga
Horse
Bison
Moose
Huma

Principales aires culturelles de l'Amérique précolombienne

Arctique | Nord-Ouest des États-Unis | Aridoamérique

Canada- USA

Mésoamérique | Aire isthmo-colombienne | Caraïbes | Amazonie | Andes

A MENINA DO SOL DE BERINGIAN

A análise do DNA encontrado nos ossos fossilizados de um bebê desenterrado no Alasca, nos Estados Unidos, revela a existência de uma população ancestral até então desconhecida: os Beringians. Pelo menos é o que a genética, mais precisamente a paleogenética, nos diz. Beringia não foi apenas uma terra de passagem, mas também um território investido, habitado e explorado durante vários milênios.

A menina morreu com seis semanas de idade. Seus restos mortais foram descobertos em 2013 no sítio arqueológico Upward Sun River. A comunidade local, a tribo de Healy Lake prestou homenagem a ela batizando-a de "Xach'itee 'aanenh t'eede gaay" ou "garotinha do nascer do sol". Esta jovem tem um dos dois genomas mais antigos já descobertos na América do Norte, mas sua peculiaridade reside mais no fato de pertencer a uma população de humanos até então desconhecida que os arqueólogos chamam de "Antigos Beringians ".

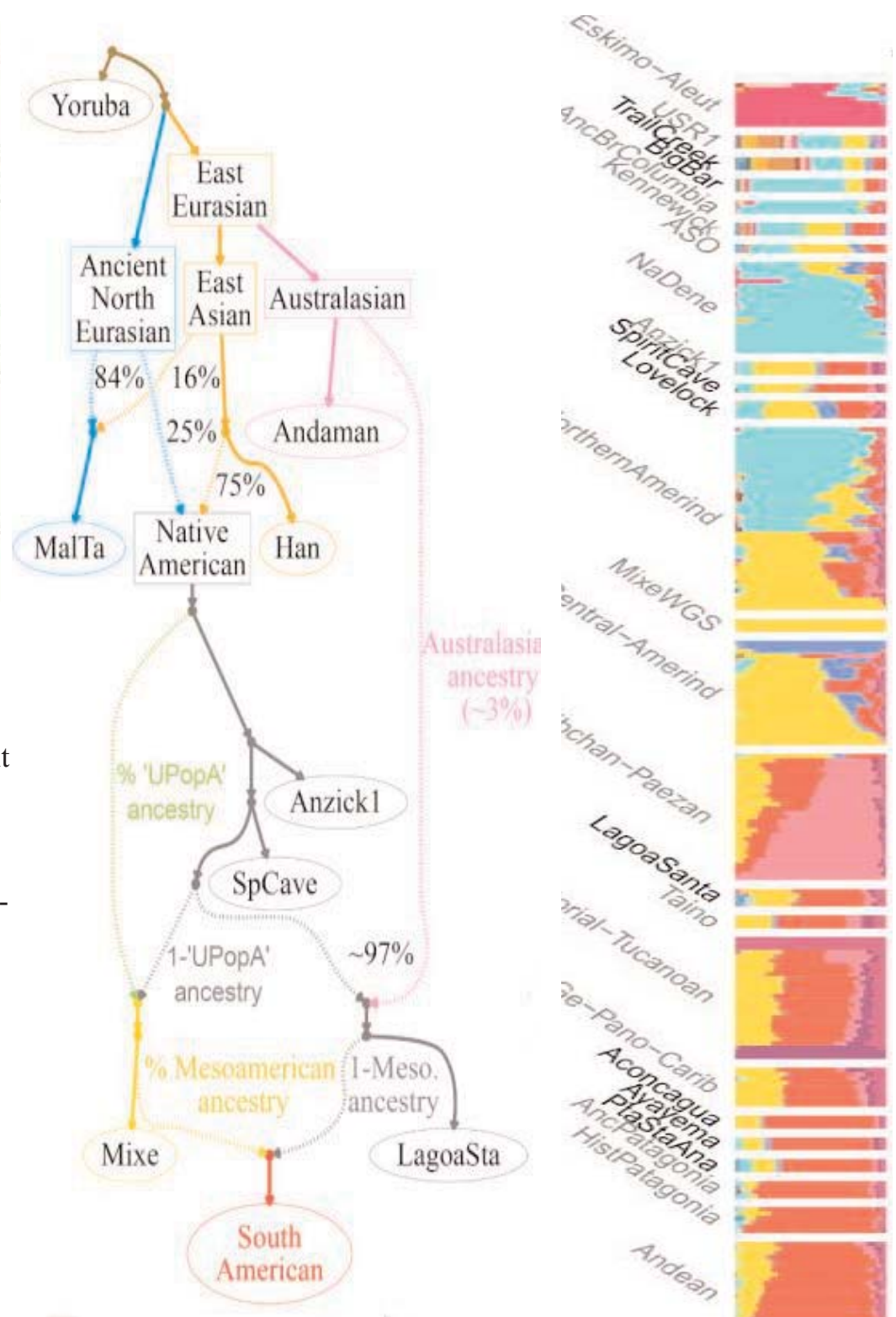
Na verdade, esses antigos beríngios são provavelmente os primeiros índios americanos na América do Norte, uma população anterior e distinta de outras populações nativas americanas conhecidas.

Além disso, a análise genética e a modelagem demográfica indicam que um único grupo ancestral indígena fundador se separou dos asiáticos do leste há aproximadamente 36.000 anos. Então, há 20.000 anos, esse povo se dividiu em dois grupos: os antigos beríngios e os ancestrais de todos os outros nativos americanos. Estes últimos teriam contornado a costa pacífica do continente, única forma, sem dúvida, que permitia aos primeiros ameríndios alimentar-se facilmente explorando os recursos do mar.

Para os cientistas, a Sunrise Maiden tornou-se mais conhecida pelo código USR1 em referência à localização de sua descoberta. Os resultados da análise genética mostram que USR1 forma um ramo com todos os nativos americanos, exceto com algumas populações esquimó-aleútes, athapaskan e algumas populações norte-americanas com as quais um fluxo gênico asiático foi previamente identificado. Além disso, USR1 e todas as populações nativas americanas são geneticamente equidistantes da população antiga representada pelo menino Mal'ta, que tem aproximadamente 24.000 anos. Todos esses resultados sugerem que USR1 e os atuais nativos americanos derivam da mesma população ancestral que herdou a ancestralidade do Leste Asiático e da Antiga Eurásia do Norte (ANE). Essa população ancestral seria então a base genética da população que se espalhou pela América.
Outro estudo mostrou que o indivíduo do Alasca USR1, representante dos antigos beríngios, permaneceu isolado e separado dos ameríndios do norte e do sul. O indivíduo de Creek Cave 2 (TrailCreek) estudado aqui é encontrado próximo a USR1 nas duas análises anteriores. Assim, esses dois antigos indivíduos do Alasca formam um grupo denominado Beringians Antigos e confirmam a hipótese de que a separação entre os Ameríndios do Norte e do Sul foi feita no sul do Alasca (Beringia Oriental), e não no Alasca. Isto implica em particular que os Athapaskans e os Inuit que habitam o Alasca hoje são Nativos Americanos, e se mudaram para o norte após 9000 anos (idade de TrailCreek).

Acredita-se que os nativos americanos do norte e do sul tenham divergido entre 17.500 e 14.600 anos atrás. Os sul-ameríndios alcançaram a América do Sul rapidamente. Os mesoamericanos se separaram primeiro, seguidos pelos sul-americanos localizados a leste e oeste dos Andes. No entanto, os indivíduos antigos neste estudo de Spirit Cave em Nevada e Lagoa Santa no Brasil, com cerca de 10.000 anos de idade, sugerem eventos demográficos complexos. No ramo sul-ameríndio, Spirit Cave está mais próxima do antigo indivíduo Anzick1, enquanto Lagoa Santa está mais próxima dos atuais grupos sul-ameríndios.

Assim, as populações asiáticas mais próximas da população na origem do fluxo gênico entre os Athapaskans e os esquimós Inuit são, respectivamente, os Koryaks e a população ligada ao antigo indivíduo Saqqaq. No entanto, os Athapaskans e os esquimós Inuit também derivam do ramo de origem de todos os índios norte-americanos.

Em resumo, a população beríngia ancestral da qual USR1 se originou começou a se separar das populações da Sibéria entre 36.000 e 24.500 anos atrás. O USR1 então se separou das populações nativas americanas há aproximadamente 20.900 anos. As populações da América do Norte e do Sul se separaram há cerca de 15.500 anos.

CAVERNA DE PEIXES AZUIS

A passagem dos primeiros humanos para o continente norte-americano pelo estreito de Bering acaba de dar um salto no tempo, remontando a 10.000 anos. Estimada até agora em cerca de -14.000 anos, de acordo com os mais antigos sítios arqueológicos datados, a presença humana no norte do continente deveria voltar a -24.000 anos, no auge da última glaciação.

Foi usando artefatos das cavernas Blue Fish, localizadas nas margens do rio Bluefish no norte de Yukon, perto da fronteira do Alasca, que os pesquisadores fizeram sua descoberta. O fragmento mais antigo, uma mandíbula de cavalo com as marcas de uma ferramenta de pedra supostamente usada para destacar sua língua, tem 19.650 anos no carbono 14, o que dá entre 23.000 e 24.000 anos em anos. TA calibrado (ou anos antes do presente). Este achado confirma análises anteriores e demonstra que é o mais antigo local de ocupação humana conhecido no Canadá. Isso indica que a Beringia oriental foi habitada durante a última idade do gelo. Esta descoberta também prova a hipótese de um isolamento territorial beríngio. O isolamento genético também deve corresponder ao isolamento geográfico. No auge da Idade do Gelo, Beringia estava isolada do resto do continente norte-americano por geleiras e estepes muito inóspitas para a ocupação humana no Ocidente. Era potencialmente uma área de refúgio, e os beríngios das Cavernas dos Peixes Azuis estariam, portanto, entre os ancestrais dos colonizadores que, no final da Idade do Gelo, povoariam o continente até a América do Sul ao longo das costas.

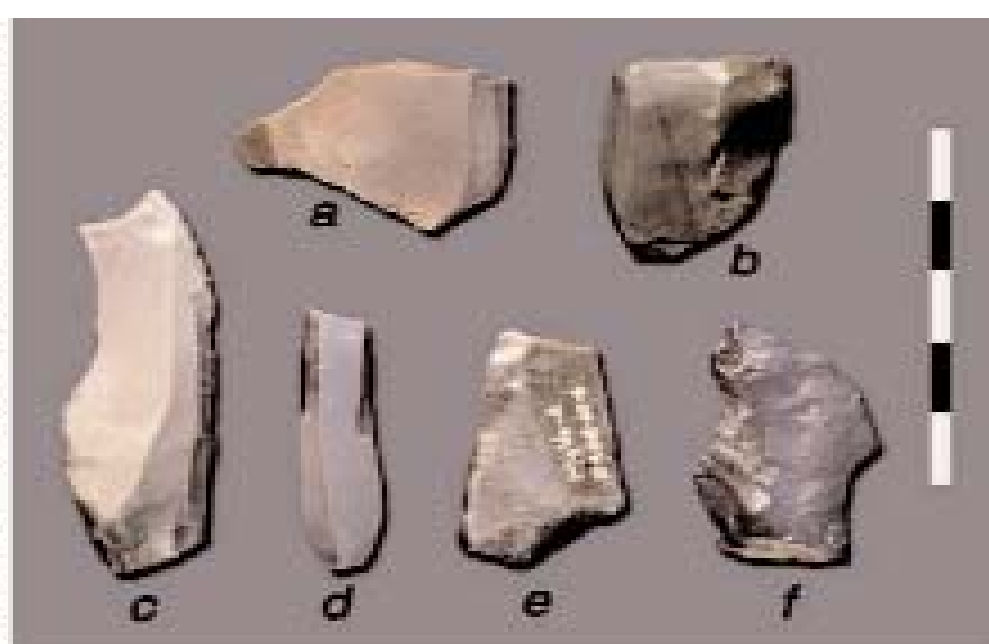



Figure 4 - Quelques unes des pièces lithiques (industrie à microlames & burins) de la grotte II: a) nucléus à microlames, b) nucléus à microlames, c) burin d'angle sur petite lame tronquée, d) burin d'angle (multiple) sur troncatures, e) burin d'angle (multiple) sur troncatures, f) burin d'angle déjeté sur encoches.

Table -- BLUEFISH CAVES (I,II,III) FAUNA

(Note: cf. -- closely comparable specimen identified; * -- extinct; ** -- not recently reported in Yukon; *** -- extinct in Yukon or reintroduced)

Fishes

Arctic grayling (*Thymallus arcticus*)
Longnose sucker (*Catostomus* sp.)
Inconnu (cf. *Stenodus leucichthys*)
Northern pike (*Esox lucius*)

Amphibians

Frog (*Rana* sp.)

Birds

Ptarmigan or grouse (Tetraonidae)
Snow Goose (*Chen caerulescens*)
American Widgeon (*Anas americana*)
Harlequin Duck (*Histrionicus histrionicus*)
Red-tailed Hawk (*Buteo jamaicensis*)
American Golden Plover (*Pluvialis dominica/fulva*)
Black-bellied Plover (cf. *Pluvialis squatarola*)
Small sandpiper (*Calidris* sp.)
Species like the Eskimo Curlew (cf. *Numenius borealis*) **
Species like the Solitary Sandpiper (cf. *Tringa solitaria*)
Snowy Owl (*Nyctea scandiaca*)
Hawk Owl (*Surnia ulula*)
Phoebe like Say's Phoebe (*Sayornis* cf. *S. saya*)
Flycatcher like the Olive-sided Flycatcher (*Contopus* cf. *C. borealis*)
Swallows (Hirundinidae)
Common Raven (*Corvus corax*)
Chickadee (*Parus* sp.)
Robin (*Turdus migratorius*)
Thrush like the Hermit Thrush or the Gray-cheeked Thrush (*Catharus guttatus/minimus*)
Waxwing (cf. *Bombycilla* sp.)
Common or Hoary Redpoll (*Carduelis flammea/hornemanni*)
Tree Sparrow or Chipping Sparrow (*Spizella arborea/passerina*)
Sparrow like Lincoln's Sparrow (cf. *Melospiza lincolnii*)
Snow Bunting (*Plectrophenax nivalis*)

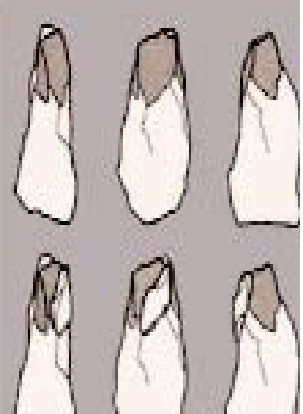
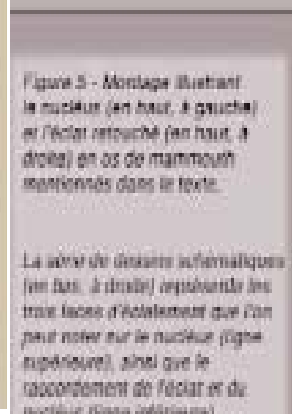



Table (cont.)

Mammals

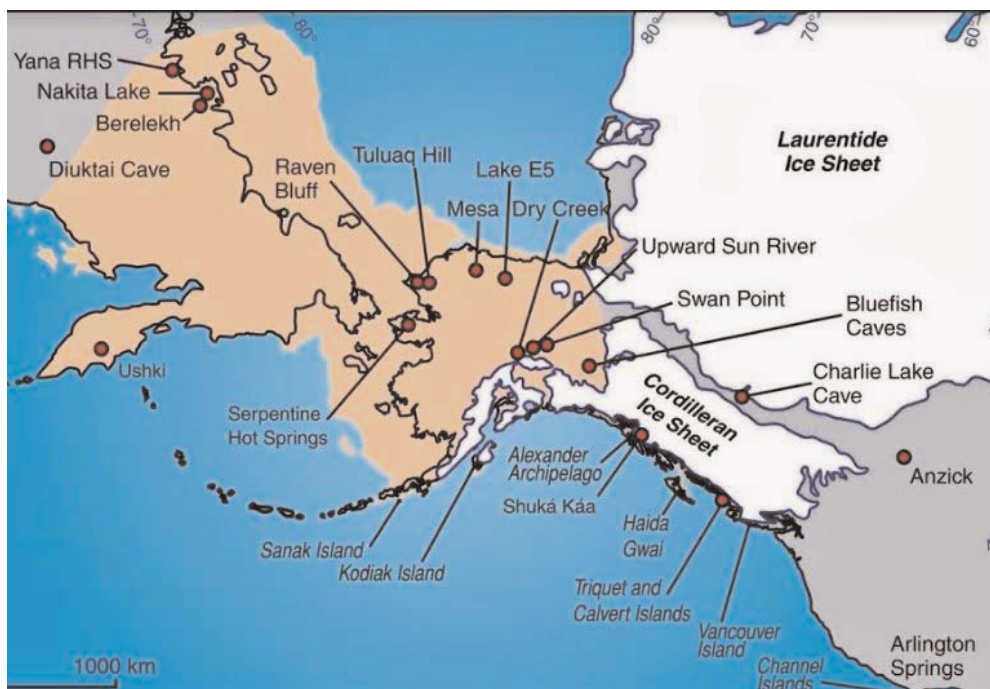
Red-backed vole (*Clethrionomys rutilus*)
Collared lemming (*Dicrostonyx torquatus*)
Brown lemming (*Lemmus sibiricus*)
Singing vole (*Microtus miurus*)
Tundra vole (*Microtus oeconomus*)
Meadow vole (*Microtus pennsylvanicus*)
Yellow-cheeked vole (*Microtus xanthognathus*)
Muskrat (*Ondatra zibethicus*)
Northern bog lemming (*Synaptomys borealis*)
Shrew (Soricidae)
Indirect human evidence (*Homo sapiens*)
Snowshoe hare (*Lepus americanus*)
Arctic hare (*Lepus arcticus*) **
Marmot (*Marmota* sp.)
Arctic ground squirrel (*Spermophilus parryii*)
Wolf (*Canis lupus*)
Arctic fox (*Alopex lagopus*)
Brown bear (*Ursus arctos*)
Ermine (*Mustela erminea*)
Least weasel (*Mustela nivalis*)
Beringian ferret (*Mustela eversmanni*) ***
American marten (*Martes americana*)
Short-faced skunk (*Brachyprotoma obtusata*) *
Cougar (*Felis concolor*)
American lion (*Panthera leo atrox*) *
Woolly mammoth (*Mammuthus primigenius*) *
Yukon horse (*Equus lambei*) *
Wapiti (*Cervus elaphus*) ***
Moose (*Alces* sp.)
Caribou (*Rangifer tarandus*)
Steppe bison (*Bison priscus*) *
Saiga antelope (*Saiga tatarica*) ***
Tundra muskox (*Ovibos moschatus*) ***
Dall sheep (*Ovis dalli*)

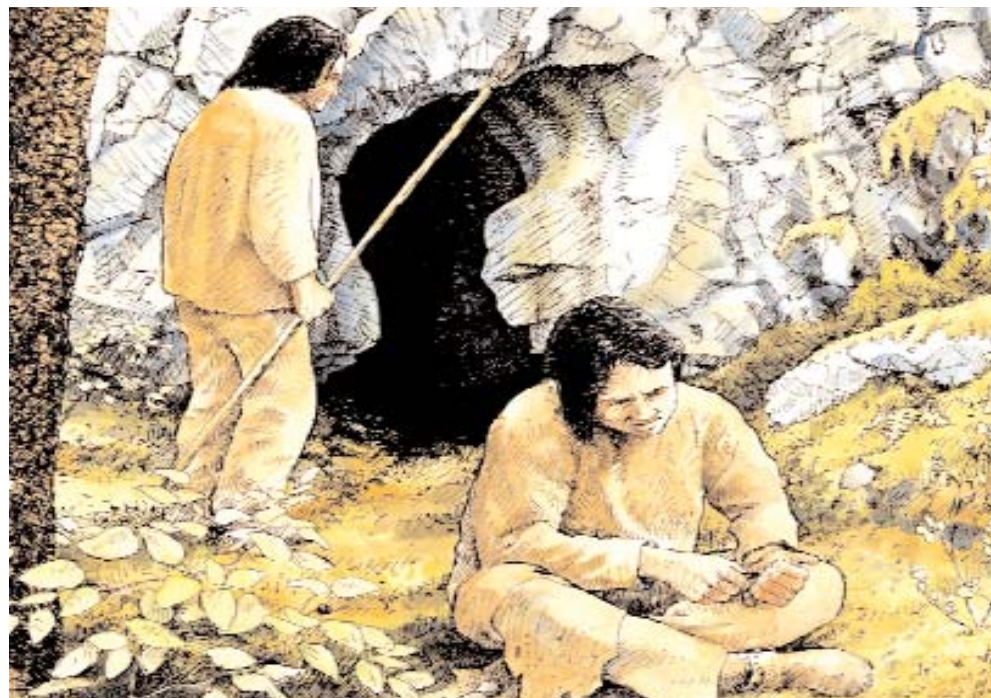
As cavernas forneceram, nas três, milhares de restos ósseos, cuja excelente conservação resulta de condições sedimentológicas e tafonômicas muito favoráveis. Essa fauna é composta por mamíferos de grande e pequeno porte, incluindo um grande número de microtinos, além de aves e peixes (Tabela 1). Pode ser dividido em duas séries provenientes de húmus de loess e cascalho respectivamente.

A fauna de loess é muito rica em quantidade, complexidade e diversidade. Nesse sentido, é consistente com o que Guthrie (1982, 1985) chamou de "fauna de mamutes" do Pleistoceno Superior Beringian. Nos leitos de Bluefish, este último é composto principalmente, em termos de megafauna, por formas como cavalo (Equus lambei), caribu ou rena (Rangifer tarandus), muflão (Ovis dalli), bisão (Bison priscus), alce ou alce (cf . Alces alces), alces ou veados (Cervus elaphus) e mamutes (Mammuthus primigenius); a caverna também contém o antílope Saiga (Saiga tatarica), o muskox (Ovibosmoschatus), o urso (Ursus), o lobo (Canis lupus) e o leão (Panthera), mas também espécimes de caribu e carneiro selvagem. América, representantes discretos de uma megafauna regional do Holoceno que também inclui alces, ursos e lobos.

Os restos faunísticos do Bluefish, formam sinais adicionais da presença humana. Esses traços consistem em uma variedade de cortes, incisões, arranhões, incubações e estrias que resultam de atividades intencionais de abate e descarnização de animais.
Essas determinações sugerem que as atividades culturais relacionadas à exploração da fauna de anchova ocorreram, esporadicamente, entre cerca de 25.000 AP e 10.000 AP.

Shuká K áa "- El hombre frente a nosotros

Estudos recentes de todo o genoma de povos indígenas antigos e modernos das Américas lançaram luz sobre os processos demográficos envolvidos nos primeiros assentamentos. O noroeste do Pacífico está se mostrando um ponto de interesse fascinante para esses estudos devido à sua associação com padrões de migração costeira e padrões genéticos ancestrais difíceis de conciliar apenas com o DNA moderno.

Aqui, relatamos a sequência de todo o genoma de um indivíduo antigo conhecido como "Shuká K áa" ("O Homem Antes de Nós") recuperado da Caverna On Your Knees (OYKC) no sudeste. do Alasca (sítio arqueológico 49-PET-408). Os restos mortais datam de cerca de 10.300 anos antes do presente (PB) e isótopos de seus dentes mostraram que ele comia uma dieta marinha. Também analisamos os genomas de baixa cobertura de três indivíduos mais recentes da costa vizinha de British Columbia datando de cerca de 6075 a 1750 anos atrás. A partir da série temporal de dados genéticos resultantes, mostramos que o noroeste do Pacífico tem continuidade genética há pelo menos 10.300 anos.

Também inferimos que a estrutura populacional existiu durante o final do Pleistoceno na América do Norte com Shuká Káa em uma linhagem ancestral diferente em comparação com outros indivíduos norte-americanos (ou seja, Anzick-1 e Kennewick Man) do final do Pleistoceno ou início do Holoceno. Apesar das mudanças regionais nos haplogrupos de DNA mitocondrial, concluímos a partir de indivíduos amostrados ao longo do tempo que os habitantes do norte da costa noroeste pertencem a uma linhagem genética inicial que pode ter se originado de uma migração costeira do noroeste. Pleistoceno Superior nas Américas. Declaração de significância porque apresentamos aqui sequências de todo o genoma de indivíduos da costa noroeste do país abrangendo um período de aproximadamente 10.000 anos e mostram que os modelos demográficos continentais não se aplicam necessariamente regionalmente. Em comparação com os dados paleogenômicos existentes, demonstramos que as amostras populacionais geograficamente relacionadas da costa noroeste exibem uma linhagem ancestral precoce e descobrimos que a estrutura populacional existia entre os grupos nativos na América do Norte já no final dos anos 1980-1900.

Os nativos americanos do noroeste do Pacífico sempre afirmaram ter raízes profundas na região. Agora, um ex-marinheiro pode apoiar essa afirmação. Cientistas que sequenciaram o DNA de restos humanos de 10.300 anos da caverna On Your Knees, no Alasca, descobriram que ele está intimamente relacionado a três esqueletos antigos encontrados ao longo da costa da Colúmbia Britânica, no Canadá. Esses três povos antigos eram, por sua vez, intimamente relacionados com as tribos Tsimshian, Tlingit, Nisga'a e Haida que vivem na região hoje. A nova descoberta revela parentesco direto com essas tribos e mostra, pela primeira vez a partir do DNA antigo, que pelo menos dois grupos diferentes de pessoas viveram na América do Norte há mais de 10.000 anos.

A equipe de geneticistas solicitou permissão às tribos Tlingit e Haida do Alasca, bem como às tribos mais ao sul da Colúmbia Britânica, para extrair DNA nuclear de Shuka Káa e de três outros esqueletos antigos. Eles puderam remover o último tecido remanescente dos molares e dentes de Shuka Káa de um esqueleto de 6.075 anos na Ilha Lucy, na Colúmbia Britânica (a apenas 300 quilômetros da caverna On Your Knees), um esqueleto de 2.500 anos de Prince Rupert Harbour na Colúmbia Britânica e outro esqueleto de 1.750 anos da mesma área. O projeto terminou com uma nota de boa vontade entre cientistas e nativos americanos, com uma cerimônia de sepultamento esquelético em 2008.

Afinidade genética de Shuká Káa e outros humanos pré-históricos da costa noroeste com populações indígenas globais e regionais. - (A) Shuká Káa apresenta maior afinidade genética com grupos ameríndios do que outras populações mundiais. O mapa de calor representa as estatísticas do grupo externo f 3 estimando a quantidade de deriva genética compartilhada entre Shuká Káa e cada uma das 156 populações contemporâneas desde sua divergência com a população iorubá africana. (B) Os dados sugerem que havia várias linhagens genéticas nas Américas há pelo menos 10.300 anos.

Un moulage de la mandibule humaine trouvée dans On your knees cave. (ceramic print)

O Shuka Káa, por outro lado, parece mais relacionado aos grupos que vivem na América do Sul e Central hoje, como os Karitiana, Suruí e Ticuna da Amazônia brasileira. Mas o sinal não é estatisticamente forte e pode ser apenas um sinal de que todas as tribos compartilham DNA dos mesmos ancestrais da Ásia ou Beringia, onde os humanos viveram antes de entrar nas Américas. Conectando os pontos entre todos os indivíduos antigos, a equipe de Malhi propõe que Shuká Káa também é ancestral de todos esses grupos, incluindo os tsimshian e tribos relacionadas no noroeste do Pacífico.

Em outra reviravolta interessante, a equipe descobriu que o grupo de esqueletos não era intimamente relacionado a dois outros Paleoíndios famosos: o homem Kennewick de 8.545 anos desenterrado nas margens do rio Columbia no estado de Washington, e o de 12.600 anos de idade filho Anzick de Montana. Isso sugere que pelo menos dois grupos de nômades chegaram à América do Norte pela ponte de terra do Estreito de Bering antes de 10.000 anos atrás, diz Malhi. Embora múltiplas migrações tenham sido documentadas há muito tempo, esta é a primeira evidência de DNA antigo de diferentes grupos que chegaram à América do Norte em uma data tão antiga.

Outros pesquisadores afirmam que a conexão entre os três esqueletos mais recentes e as tribos do noroeste do Pacífico é clara. Pode ser também que o Shuká Káa já estivesse vivo antes da formação da linhagem que deu origem aos atuais grupos do Noroeste. Quer o antigo marinheiro fosse um ancestral direto das tribos de hoje ou não, a descoberta do link de esqueletos recentes corresponde às tradições orais Tlingit e Tsimshian, que sugerem que os tsimshianos migraram para o oeste ao longo do rio Naas na Colúmbia Britânica até a costa, antes de se expandir para o norte e ao sul, diz Rosita Worl, presidente do Sealaska Heritage Institute em Juneau e membro da tribo Tlingit. O arqueólogo Timothy Heaton, da Universidade de Dakota do Sul em Vermillion, cuja equipe descobriu Shuká Káa, acrescenta que as ligações genéticas correspondem às gravuras que os Tlingit colocaram na lápide quando enterraram Shuká Káa de novo:

"Vivemos no sudeste do Alasca desde então tempos imemoriais. Shuka K áa é um testamento da nossa antiga ocupação desta terra. "

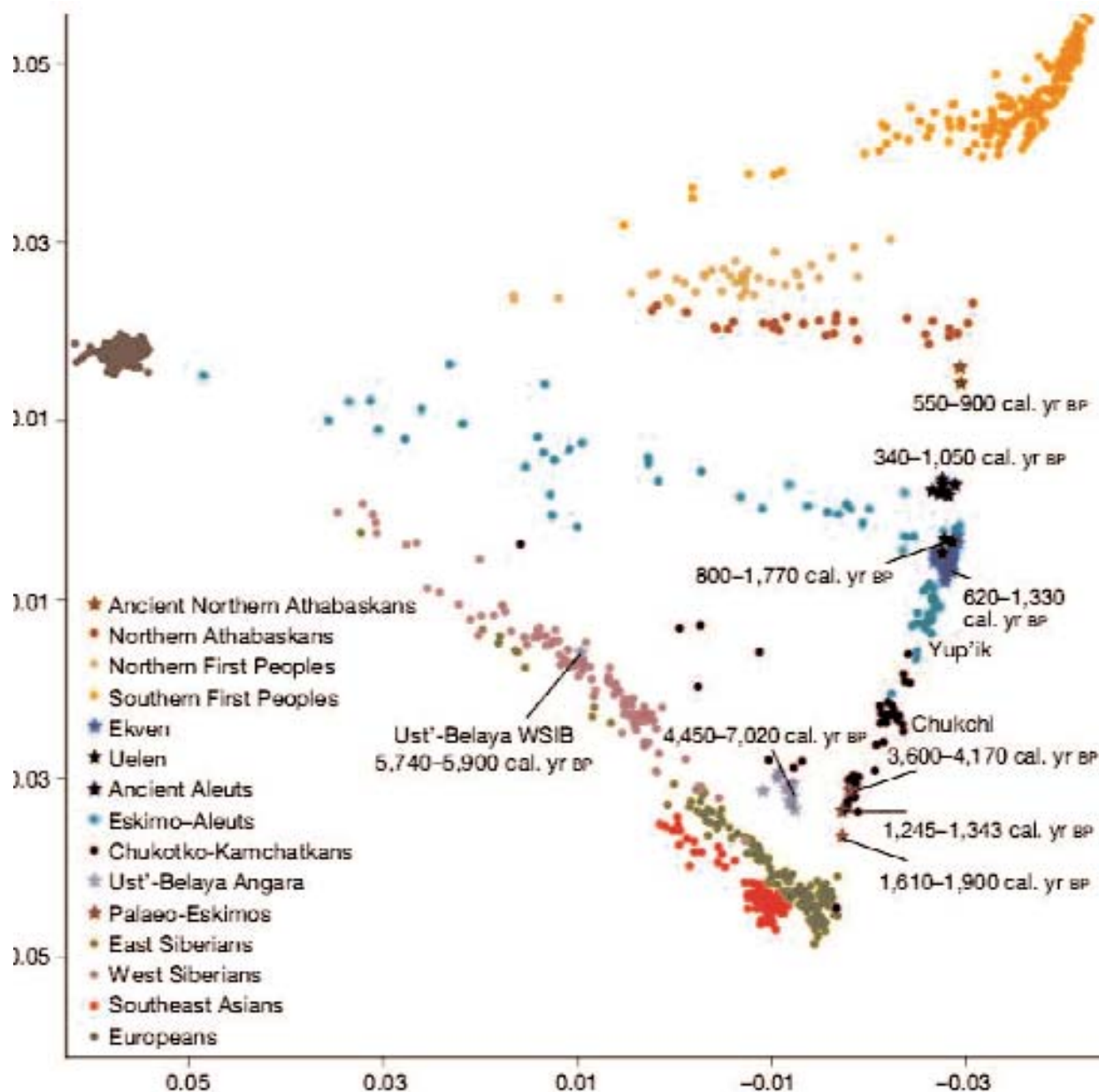
Os descendentes de algumas dessas linhagens ainda vivem na mesma região hoje, e alguns são co-autores do novo estudo. Sua participação é o resultado de uma colaboração de longo prazo entre cientistas e vários grupos indígenas que estão adotando os estudos genômicos como uma forma de aprender com seus ancestrais, disse Worl, que é meio Tlingit, Ch'aak '(Águia). Shangukeidi. - (Thunderbird) Kawdliyaayi Hit (House Below) Clan em Klukwan, Alasca. "" Apoiamos os testes de DNA de Shuka Kaa porque acreditávamos que a ciência acabaria por concordar com o que nossas tradições orais sempre disseram - que vivemos no sudeste do Alasca desde tempos imemoriais : "A ciência corrobora nossas histórias orais."

O PALEO-ESKIMO E OS TCHOUKOTKA E A DESCIDA GENÉTICA DO NORTE AMERICANO.

Os nativos americanos de hoje descendem de pelo menos quatro migrações antigas da Ásia. Os primeiros americanos entraram na América há cerca de 14.500 anos. Uma segunda migração geneticamente ligada a uma população da Australásia, chamada população Y, contribuiu para certos grupos na Amazônia. Uma migração paleo-esquimó se espalhou pela zona ártica da América há cerca de 5.000 anos. Finalmente, uma ancestralidade neo-esquimó se espalhou com a cultura Thule na região ártica também há cerca de 800 anos. Esta última linhagem está presente hoje nos grupos Yupik e Inuit.

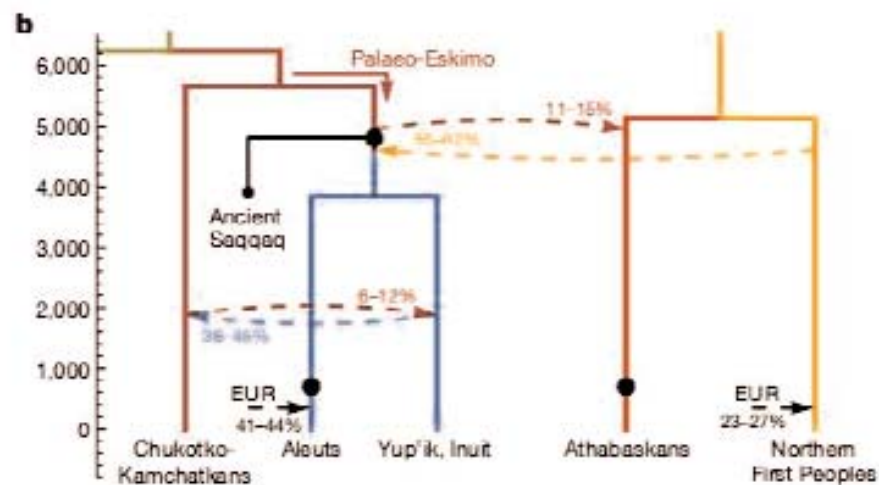
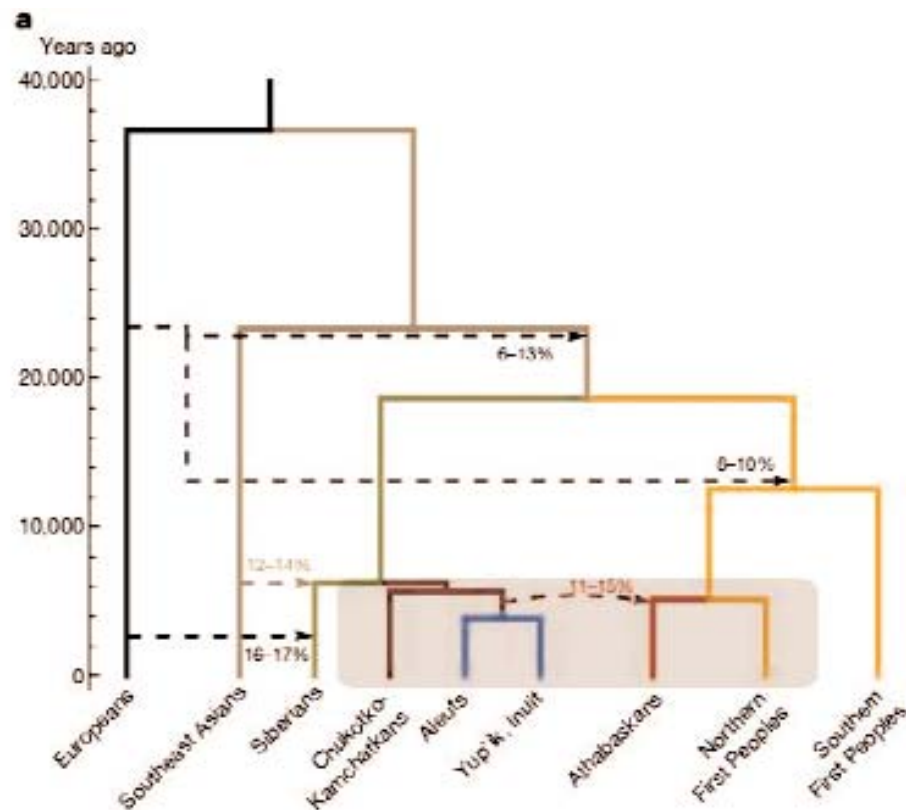
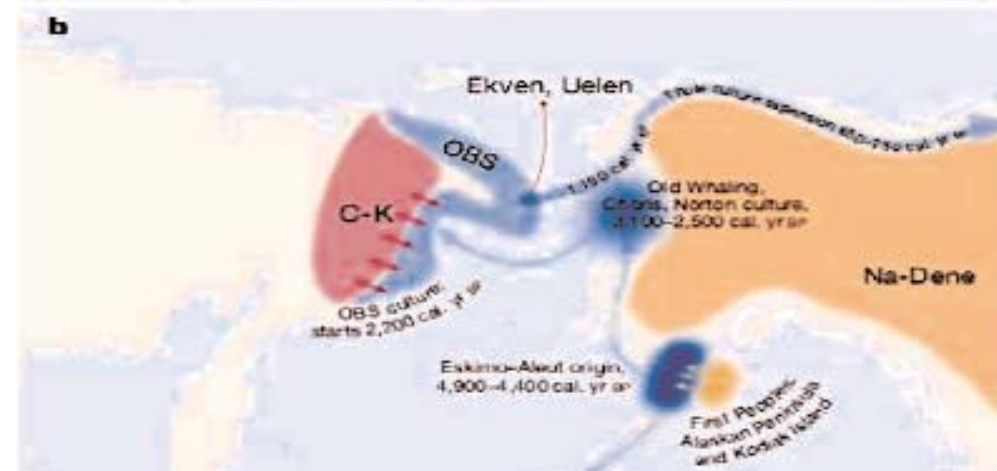
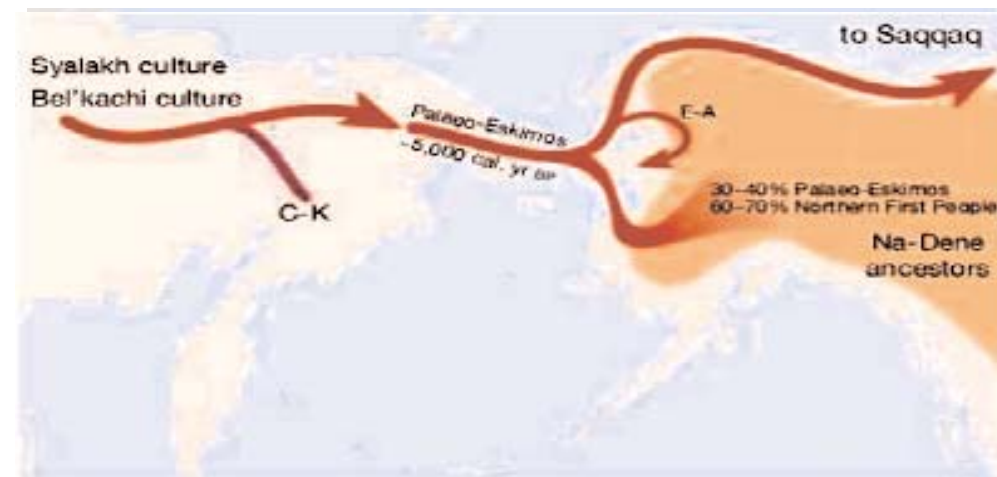
A extensão da ancestralidade paleo-esquimó em populações antigas e atuais é mal compreendida. Embora a arqueologia mostre a presença de culturas paleo-esquimós entre 5.000 e 700 anos, não se sabe se elas contribuíram geneticamente para grupos vizinhos como os tlingit do Alasca e os athabaskans, que falam a língua na-dene. Também não se sabe se houve misturas genéticas entre paleo e neo-esquimós.

Pavel Flegontov e seus colegas sequenciaram o genoma de 48 indivíduos antigos da região ártica da América e da Sibéria. Existem, portanto, 11 antigos Aleutas datados entre 2050 e 280 anos, três antigos Athabascans do Norte datados entre 900 e 550 anos, 21 antigos indivíduos dos sítios arqueológicos de Ekven e Ouelen em Tchoukotka datados entre 1770 e 620 anos, um Paleo-Esquimó do Meio A cultura Dorset datou entre 1900 e 1610 anos atrás e 12 indivíduos do sítio arqueológico de Ust'-Belaya perto do Lago Baikal dataram entre 7020 e 610 anos atrás.

Os autores realizaram uma análise de componentes principais: (gráfico ao lado)

Os indivíduos antigos encontram-se em um gradiente que se estende entre os sul-americanos (em laranja) na parte superior e os siberianos do leste (Koryaks e Itelmènes) (em verde) na parte inferior. Entre os indivíduos antigos neste estudo, os paleoesquimós (estrelas marrons) estão na parte inferior e os Athabascans do norte (estrelas marrons) no topo. As antigas Aleutas (estrelas azuis) estão localizadas sob as Athabascans, as Ekven (estrelas azuis claras) e Uelen (estrelas cinza escuro) sob as Aleutas. Por outro lado, os indivíduos de Ust'-Belaya (estrelas cinzentas) estão localizados fora desse gradiente, com os siberianos do oeste ou próximos aos siberianos do leste.

A análise de variantes raras nas populações siberiana e americana confirmam esses resultados. Ele também mostra que as misturas genéticas com populações vizinhas de ameríndios do norte reduziram a proporção de ancestrais PPE nos grupos Na-Dene ao longo do tempo. Esta análise também mostra que os atuais Yupiks e Inuit compartilham mais alelos com as populações siberianas que falam a língua Chukchi-Kamchadale.

Na figura ao lado, os ex-Atabhascans recebem 23% da ancestralidade PPE, os ex-Aleutas recebem 40% da ancestralidade PPE e 60% da ancestralidade norte-ameríndia, os idosos Ekven e Uelen recebem 85% da ancestralidade Aleuta e 15% da Siberiana e as populações Chukchi-Kamchadal recebem 91% da ancestralidade PPE e 9% da ancestralidade Aleuta Antiga. Um ponto importante é o fluxo gênico bidirecional entre as populações Chukchi-Kamchadal e os Neo-Esquimós, que não afeta os antigos Aleutas que podem ser agrupados entre paleo e neo-aleútes, mas que formam uma única população genética homogênea em contradição com os hipótese que sugere a chegada de uma nova população às Ilhas Aleutas há cerca de 1000 anos.

O modelo demográfico foi então refinado com o software Rarecoal. O resultado sugere que as linhagens Chukchi-Kamchadale e Eskimo-Aleut divergiram entre 6.200 e 4.900 anos atrás, quando a ancestralidade PPE se espalhou para os ancestrais dos Athabascans:

A posição do antigo Saqqaq está localizada logo após esse fluxo gênico, mas logo antes do fluxo gênico dos ancestrais dos norte-ameríndios para os ancestrais do esquimó-aleúte (55 a 62%). Finalmente, o fluxo gênico bidirecional entre as populações Chouktches-Kamtchadal e os esquimós é estimado entre 2300 e 1700 anos (de 6 a 12% para os esquimós e de 36 a 45% para os Tchouktches-Kamtchadales). O modelo também propõe uma contribuição significativa (entre 41 e 44%) dos europeus para as atuais aleutas, provavelmente durante o período colonial, e para os norte-americanos (entre 23 e 27%). O fluxo gênico bidirecional entre as populações Chukchi-Kamchadal e os esquimós ocorreu na Sibéria após uma migração de retorno para a Sibéria, antes de os esquimós se espalharem para a zona ártica da América do Norte com a cultura Thule:

A PRÉ-HISTÓRIA GENÉTICA DE GRANDE NORTE AMERICANO

Maanasa Raghavan acaba de publicar um artigo sobre a genética de antigas populações do Ártico americano, intitulado: A pré-história genética do Ártico do Novo Mundo.

Os primeiros humanos a povoar a região ártica do continente americano vieram do Estreito de Bering há cerca de 6.000 anos. As várias culturas arqueológicas que se sucederam na região estão divididas em dois grupos: os Paleo-Esquimós (em azul ao lado) e os Neo-Esquimós (em vermelho ao lado).

Os primeiros Paleo-esquimós chegaram há mais de 5.000 anos e criaram as culturas Denbigh, Pré-Dorset, Independence I e Saqqaq. Eles viveram até cerca de 800 AC. JC em tendas. Eles caçavam caribus, bois almiscarados e focas. Eles foram seguidos pela cultura Dorset entre 800 AC. JC e 1300 AD. JC. Os paleo-esquimós desapareceram repentinamente com o surgimento da cultura Thule dos neo-esquimós. Este último parece ter suas origens na antiga cultura siberiana do Mar de Bering, 2.200 anos atrás, que deu origem às culturas Birnirk e Punuk ao redor do Estreito de Bering, antes de se espalhar rapidamente para o leste a partir de 1300 DC. JC. Eles vieram com trenós puxados por cães e barcos de couro, e estavam caçando baleias. Eles então deram origem às culturas Inuit contemporâneas.

Fig. 1. Chronology of the prehistoric cultures in the New World Arctic and northeast Siberia. This framework is based on a combination of screened radiocarbon dates on associated terrestrial materials, typological studies, and contexts [e.g. (6, 9, 37, 40, 83–85)]. Fading colors symbolize uncertainties concerning the beginnings or ends of the archaeological cultures, owing to plateaus or wiggles in the radiocarbon calibration curve or lack of data. Defined archaeological phases within a culture are separated by a white line. Dark reddish-brown toward the top of the figure indicates historical times. Cultural contexts from which samples included in this study arise are highlighted in yellow.

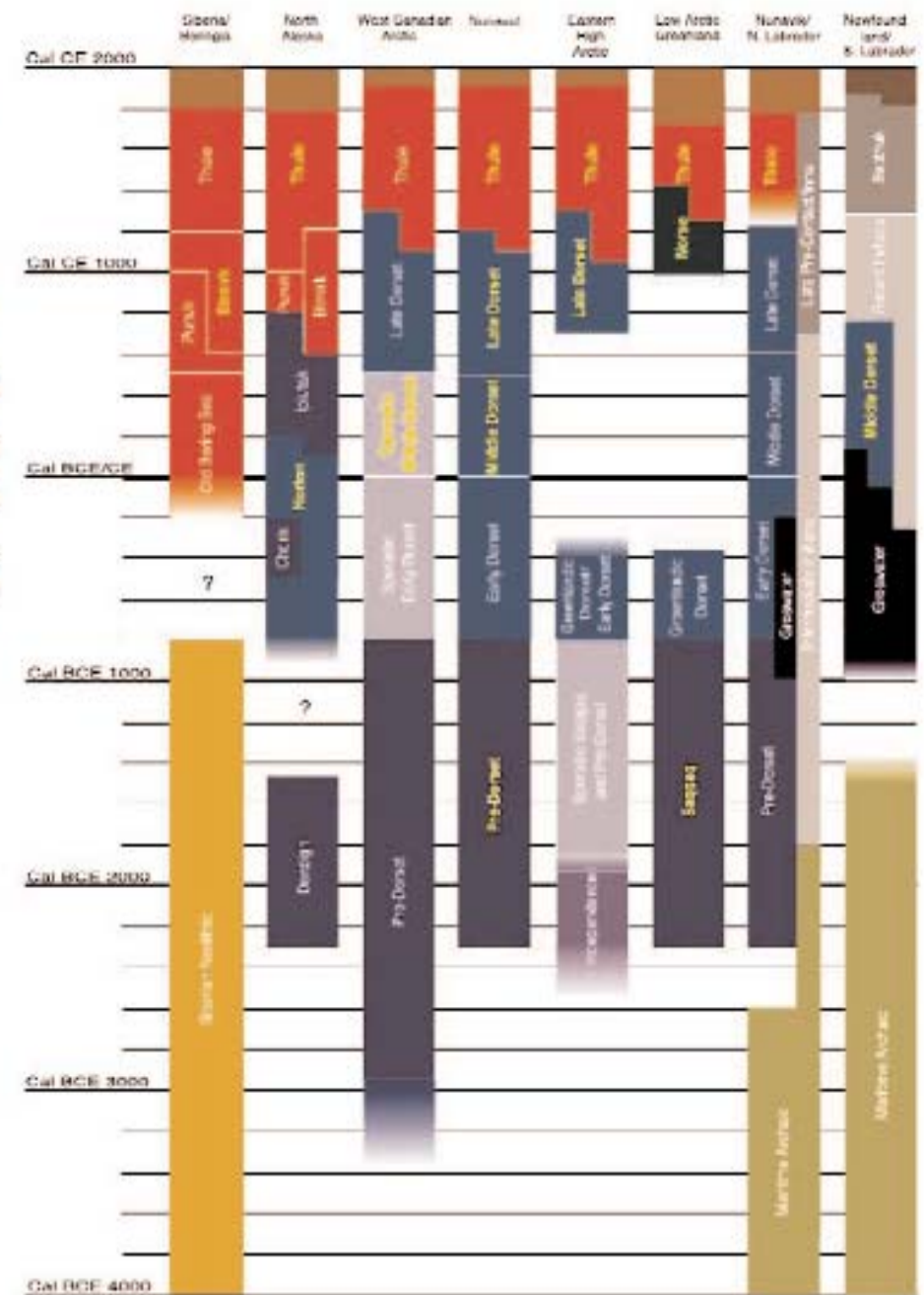
Neste estudo, os autores testaram 169 amostras pertencentes a indivíduos dessas culturas antigas:

154 amostras foram testadas para seu DNA mitocondrial e 26 amostras foram testadas em todo o seu genoma. Além disso, vários indivíduos contemporâneos foram sequenciados para comparação: 2 ameríndios da família Athapaskan, 2 Inuit da Groenlândia, 1 indivíduo das Ilhas Aleutas no sudoeste do Alasca e 2 Nivkhs Siberianos.

Fig. S1. Maps of North America/farcast Siberia and Greenland showing site locations for 169 samples analyzed in this study. Early Paleo-Eskimos (Pre-Dorset/Saqqaq) are shown in blue, Late Paleo-Eskimos (Dorset) in yellow, Neo-Eskimos (Thule) in orange, and other Arctic cultures (Norse, Norton and Birnirk) in green. Number of samples from each site is indicated within brackets.

Todos os Paleo-Esquimós pertencem ao haplogrupo mitocondrial D2a. Este haplogrupo também é encontrado nas ilhas Aleutas e entre os esquimós siberianos. As populações contemporâneas mais próximas geneticamente a esses paleo-esquimós são os inuítes da Groenlândia, os habitantes das ilhas Aleutas e os siberianos do Extremo Oriente. Os Athapaskans reagrupam-se com os Karitiana e a antiga amostra da cultura Clovis. Eles não estão perto dos Paleo-Esquimós, indicando que as migrações Ameríndias e Paleo-Esquimós foram de fato 2 migrações distintas. Os neo-esquimós Thule da Groenlândia e do Canadá unem-se aos contemporâneos Inuit da Groenlândia.

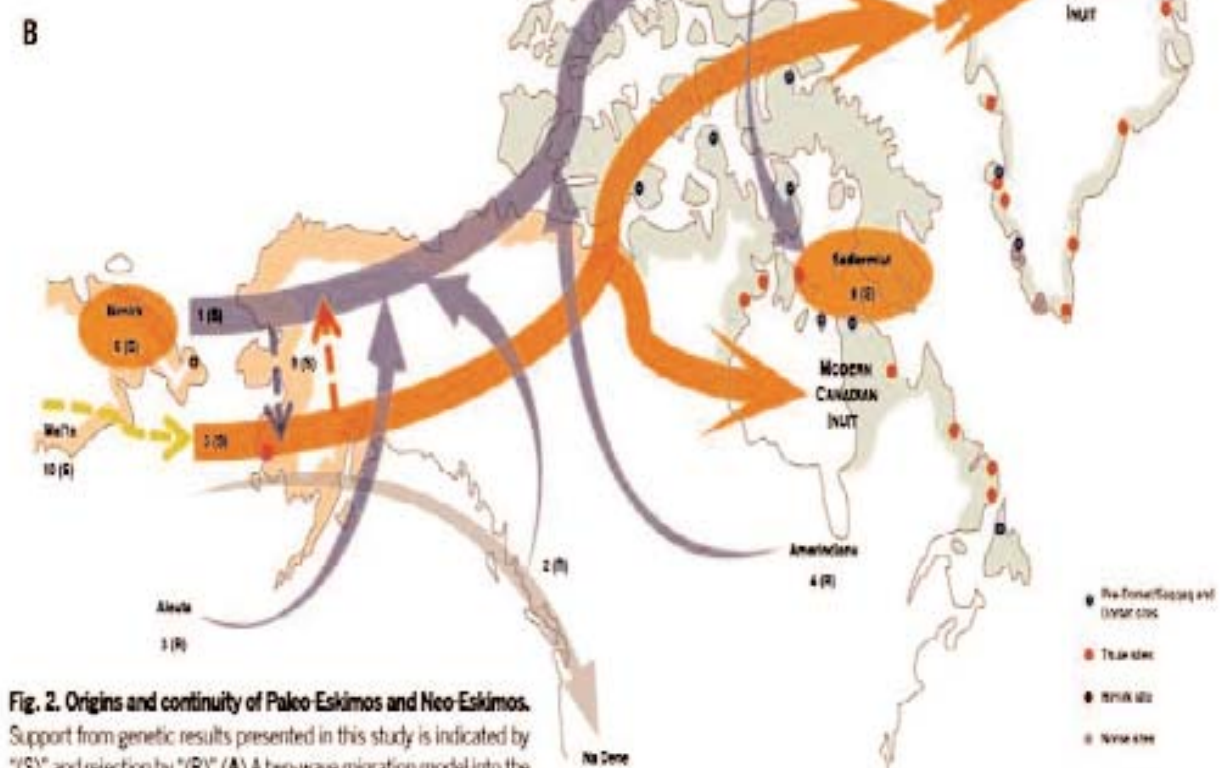
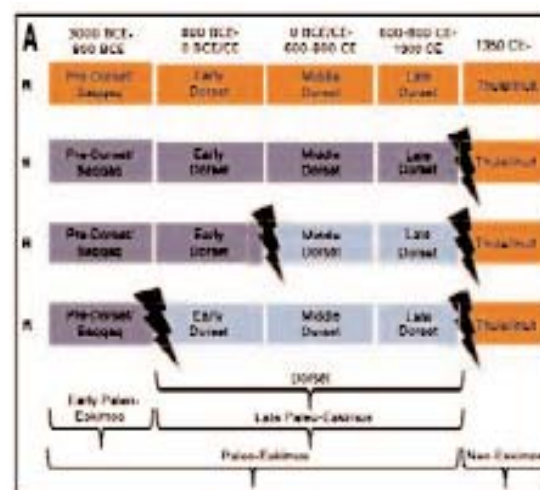
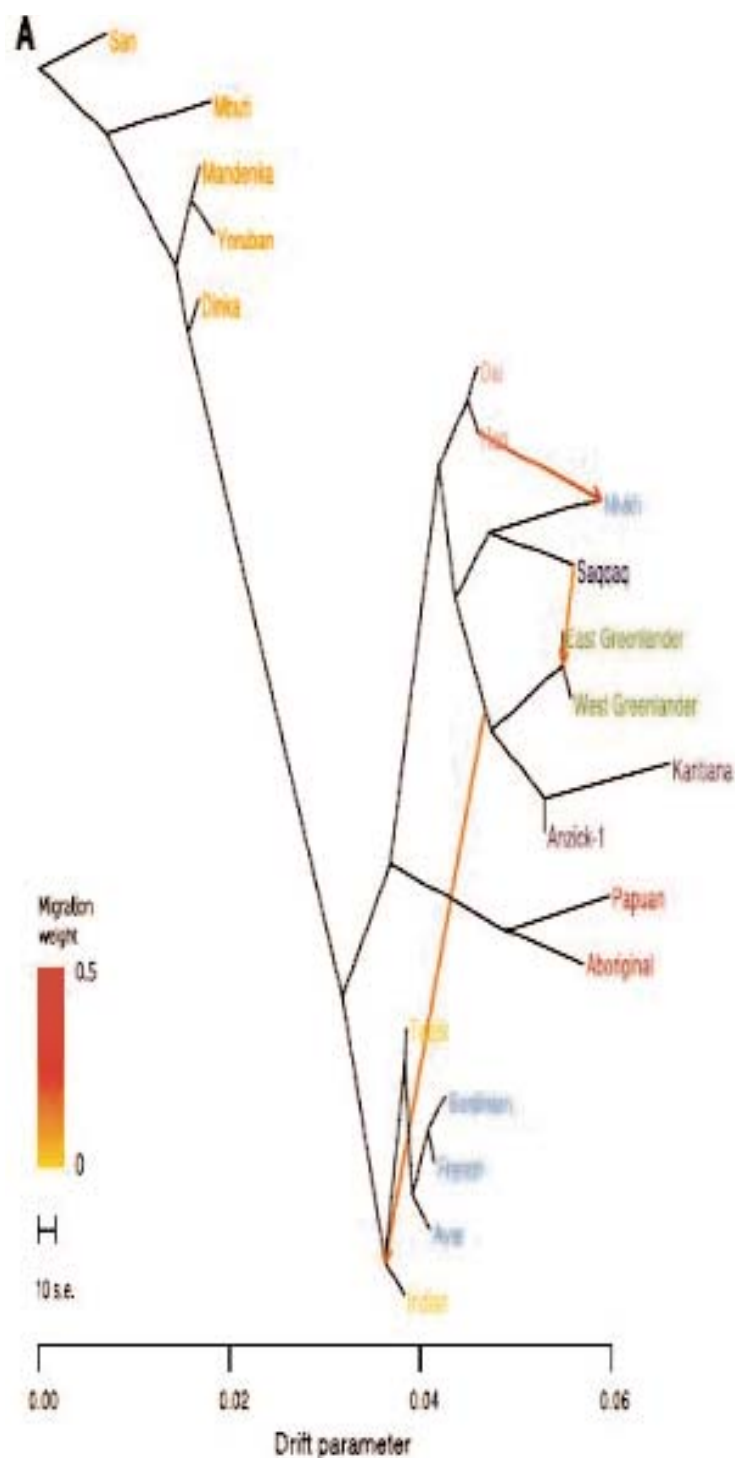



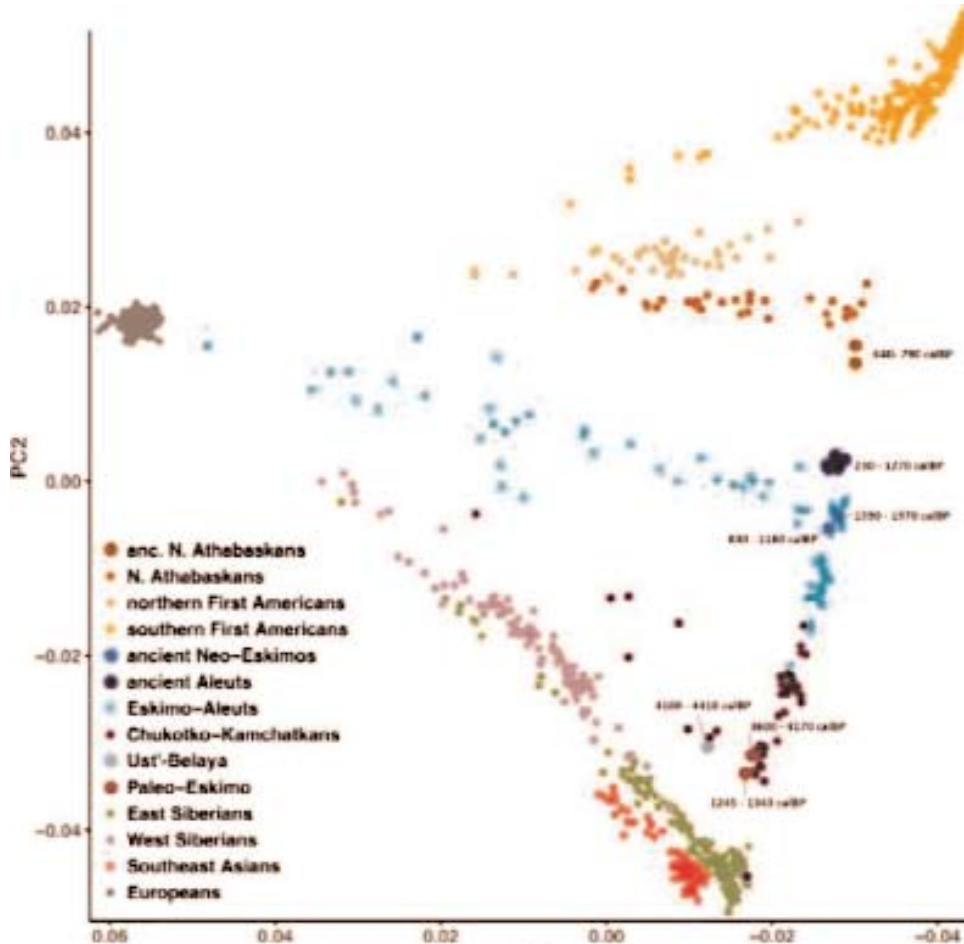
Fig. 2. Origins and continuity of Paleo-Eskimos and Neo-Eskimos. Support from genetic results presented in this study is indicated by "(S)" and rejection by "(R)". (**A**) A two-wave migration model into the New World Arctic, with continuity throughout the Paleo-Eskimo tradition, followed by the Neo-Eskimo migration, is supported. Black thunderbolt symbols represent genetic discontinuity. (**B**) This schematic summarizes the origins of Paleo- and Neo-Eskimos in the archaeological and genetic literature, including the present study, and their relationships with other ancient populations in the North American Arctic. See main text for details on the different scenarios represented by numbers 1 to 10 in the figure. For reference, we show the maximal geographical distribution of the Paleo-Eskimos and Neo-Eskimos in the New World Arctic and far-east Siberia (9). Additionally, plotted are Paleo-Eskimo (Pre-Dorset, Saqqaq, Dorset), Thule, Birnirk, and Norse sites from which samples in this study derive; for further information, see fig. S1 and table S1.

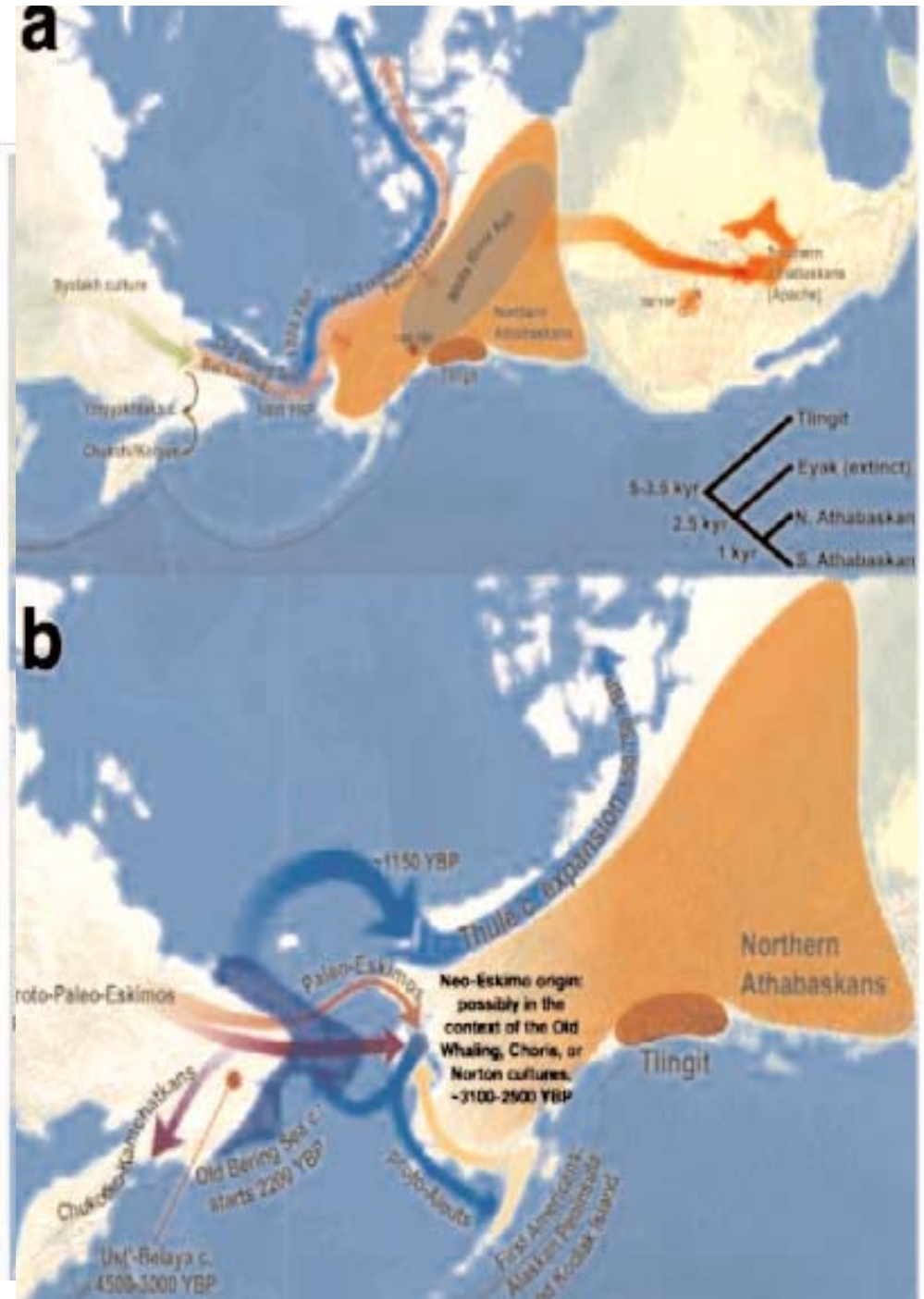
Ascendência paleo-inuíte na América do Norte

A evidência atual sugere que os nativos americanos contemporâneos descendem de pelo menos quatro migrações antigas da Ásia. A maior contribuição vem de populações que se separaram dos ancestrais dos atuais grupos do Leste Asiático há cerca de 23.000 anos e que ocuparam Beringia por milhares de anos antes de entrar na América do Norte e no Sul há cerca de 16.000 anos. A primeira divergência neste grupo de primeiros americanos deu origem a uma linhagem que contribuiu para grupos no norte da América do Norte (falando uma língua Na-Dene, Algonquiana ou Salish) e uma segunda linhagem que contribuiu para grupos da América do Sul e alguns grupos da América do Norte. O ex-indivíduo de Anzick pertence a esta segunda linha. Uma segunda fonte de ancestralidade asiática é aquela resultante da população hipotética Y, que contribuiu mais para as populações da Amazônia do que para as demais populações ameríndias. Uma terceira onda de migração contribuiu com cerca de 50% da ancestralidade das populações Neo-Eskimo: Inuit e Aleut. Finalmente, as populações Na-Dené, incluindo os Athabaskans, são o lar de um quarto ancestral de uma população Paleo-Eskimo que veio de Choukotka há cerca de 5.000 anos e se espalhou para o Ártico americano há cerca de 4.000 anos. O domínio da cultura paleo-esquimó no Ártico americano terminou de 1350 a 1150 anos atrás, com a chegada da cultura Thule primeiro no Alasca, antes de se expandir para o leste. 750 a 650 anos.

Estudos anteriores sobre os genomas de indivíduos paleo-esquimós mostraram que eles estão relacionados às populações do leste da Sibéria: Chukotka e Kamchatka. A data de divergência é estimada entre 6400 e 4400 anos.

Os paleogeneticistas sequenciaram o genoma de 17 indivíduos antigos, incluindo 11 indivíduos antigos das ilhas Aleutas (2320 a 140 anos), 3 antigos Athabaskans do Norte (790 a 640 anos), 2 neo-esquimós de Chukotka (1970 a 830 anos) e um ancião de a cultura Ust'-Belaya também de Tchoukotka (4410 a 4100 anos). Esses genomas foram comparados às populações atuais. Na figura abaixo, os primeiros indivíduos são indicados por estrelas. A cor corresponde a metapopulações: Athabaskans (ATH) em marrom claro, Norte-americanos (NAM) em marrom cinza, Sul-americanos não representados, Esquimós e Aleutas (EA) em azul cinza, Tchoukotka e Kamtchatka (CK) em roxo escuro, Proto-esquimó (PE) em marrom escuro, Siberianos do Leste em verde e Siberianos do Oeste em roxo claro (SIB): Os autores primeiro realizaram uma análise de componentes principais. Na figura abaixo, os europeus são os pontos cinza à esquerda, os sudeste asiáticos são os pontos rosa na parte inferior e os sul-americanos são os pontos laranja na parte superior direita. Os ex-indivíduos são representados por pontos maiores:

A figura abaixo revela um gradiente linear entre paleo-esquimós na parte inferior (grandes pontos marrons escuros) e sul-americanos na parte superior. Entre esses dois extremos, encontramos as populações de Choukotka e Kamtchatka do leste da Sibéria (pontos roxos), os atuais esquimós Aleutas (pontos verdes), os antigos neo-esquimós (grandes pontos azuis claros) e os antigos Aleutas (grandes pontos azuis) .). escuro), os antigos Athabascans (grandes pontos castanhos claros) e os actuais Athabascans (Na-Dené) (pontos castanhos claros).

Este estudo mostra dois resultados importantes sobre o patrimônio genético dos Paleo-Esquimós. Em primeiro lugar, os Paleo-esquimós estavam intimamente relacionados geneticamente à linhagem asiática que deu origem às atuais populações de esquimós e aleutas. Em segundo lugar, os paleo-esquimós deram uma contribuição substancial à ancestralidade das populações nativas americanas Na-Dené.

A figura ao lado resume os resultados obtidos neste estudo. A figura a indica a chegada de uma população da Sibéria Ocidental ao nordeste (seta verde) que dará origem à população Paleo-esquimó que se espalhará no Ártico americano (seta vermelha). Esta população paleo-esquimó mistura-se geneticamente com as populações Na-Dené. Mais tarde, a população Neo-Eskimo se espalhou do nordeste da Sibéria ao Ártico americano (seta azul). Todos esses resultados sugerem que as populações Na-Dené atuais têm entre 10 e 25% de ancestralidade paleo-esquimó.

Isso também é verdade para os três antigos Athabaskans que, no entanto, têm uma proporção ligeiramente maior de ancestralidade paleo-esquimó do que as populações Na-Dené atuais. Isso implica alguma continuidade genética ao longo de 800 anos, porém com uma ligeira diminuição na ancestralidade paleo-esquimó ao longo do tempo.

Na Figura b acima, os autores sugerem que os paleo-esquimós e os primeiros americanos se encontraram no oeste do Alasca nas culturas Old Whaling, Choris, Norton e Ipiutak. entre 3100 e 2500 anos. A cultura do antigo Mar de Bering (azul escuro) se espalhou 2.200 anos atrás. Finalmente, a cultura Thule se espalhou para o leste há cerca de 1150 anos.

Les points de sédentarisation inuit

O POVO DA GREENLAND

A região do Pólo Norte foi colonizada por humanos nos últimos 5.000 anos. Os primeiros paleo-esquimós chegaram de Beringia ao longo da costa norte do Alasca e do Canadá há cerca de 4.500 anos. Eles chegaram à Groenlândia 4.500 a 4.000 anos atrás. Cerca de 3.500 a 3.000 anos atrás, a cultura Dorset se desenvolveu no leste do Canadá ao redor da Baía de Hudson, então se espalhou para oeste e norte para chegar à Groenlândia 2.800 anos atrás e substituir a antiga cultura Paleo-Eskimo. Cerca de 1000 anos atrás, a cultura Thule emergiu ao longo da costa norte do Alasca, então se espalhou pela região do Pólo Norte para chegar à Groenlândia cerca de 1000 ou 800 anos atrás.

Controvérsias ainda existem hoje sobre uma possível mistura genética entre as populações Inuit das culturas Dorset e Thule. Existem pistas que mostram que a cultura Dorset morreu antes da chegada da cultura Thule. No entanto, outros estudos afirmam que as culturas Dorset e Thule coexistiram por 200 anos.

Os primeiros europeus chegaram à Groenlândia com os vikings da Noruega e da Islândia por volta do ano 985. Eles se estabeleceram nas costas sul e oeste. No entanto, acredita-se que a população Viking não sobreviveu após o ano de 1450. Então, em 1721, os dinamarqueses e noruegueses chegaram novamente à Groenlândia. Eles estabeleceram feitorias para trocar produtos com as comunidades locais ao longo da costa da Groenlândia.

A atual população da Groenlândia é mista e contém genes Inuit e europeus. No entanto, estudos mitocondriais mostraram que a grande maioria das linhagens maternas são de origem Inuit. Ao contrário, estudos do cromossomo Y mostraram que as linhagens paternas são altamente miscigenadas, com um componente europeu que chega a 45% da genética da população da Groenlândia.

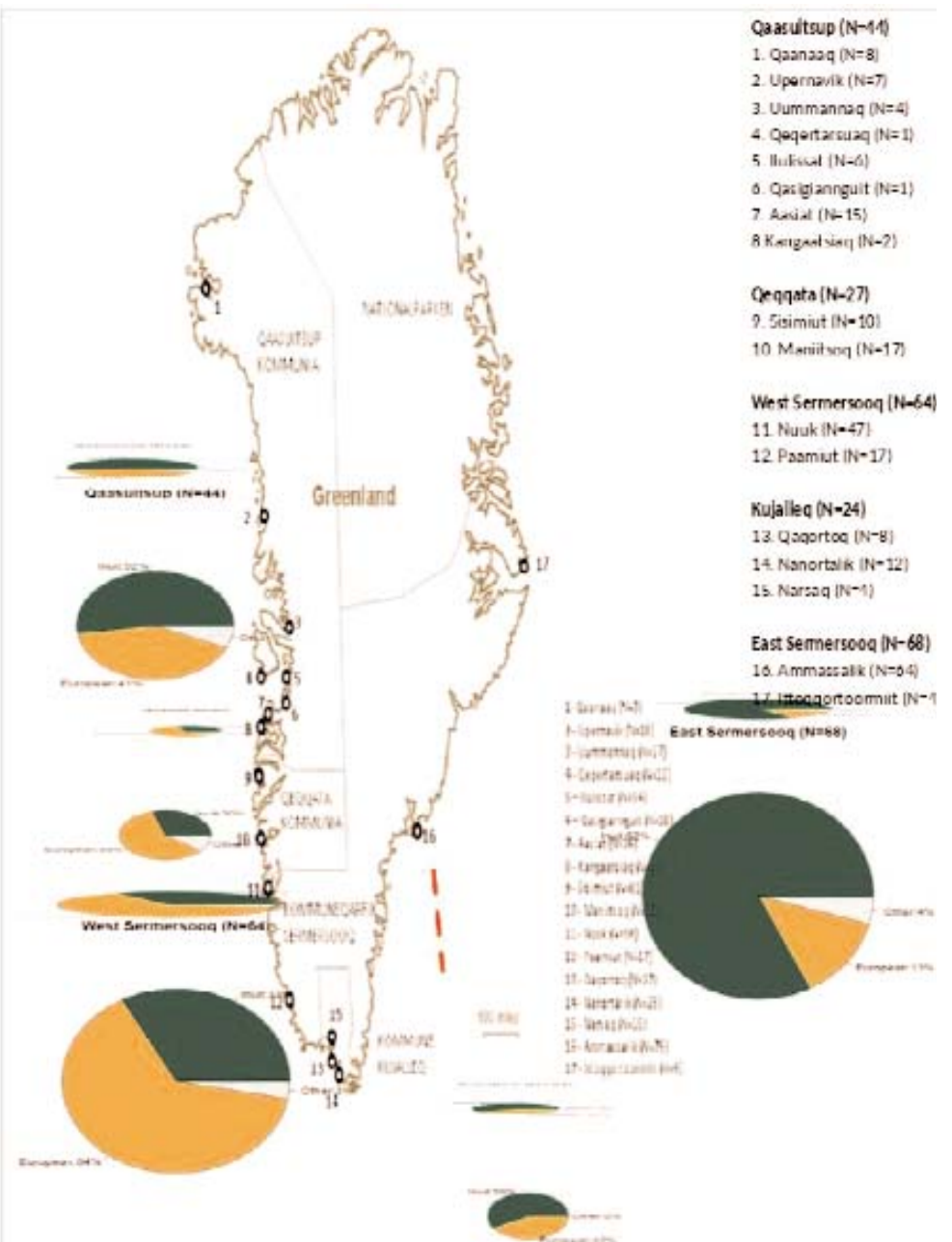
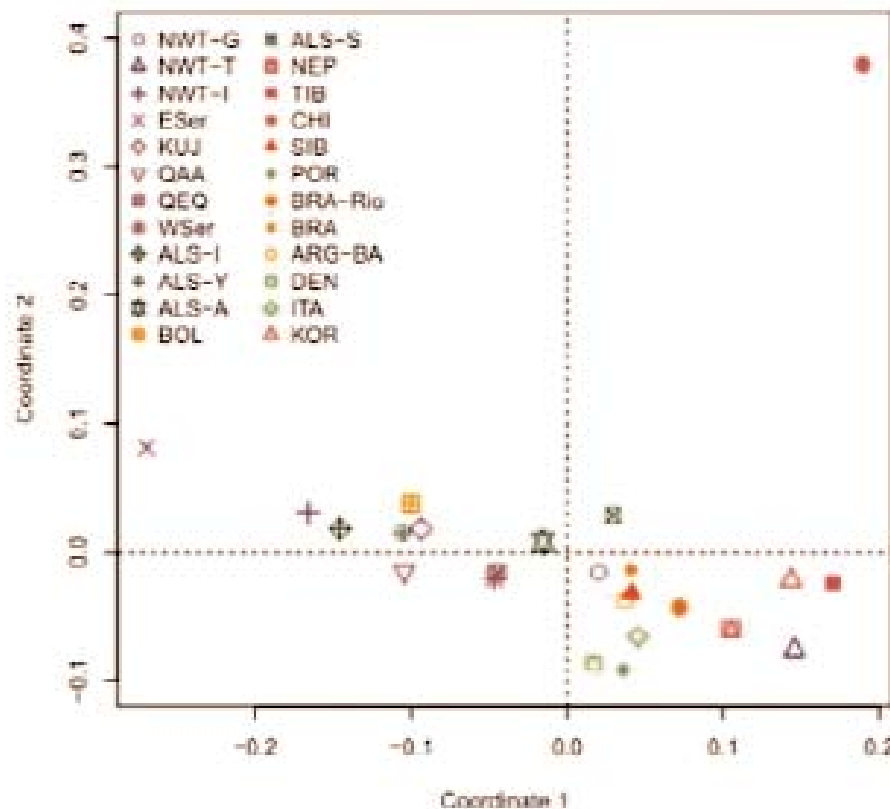



Figure B. The distribution of the Y-HGs (Inuit, European and other) in the five investigated ... of Greenland. Inuit: Q-NWT01 (xM265), Q-M3 (xM19, M194, L663, SA01 and L766). E... I-M170, R1a-M513 and R1b-M343.

Jill Katharina Olofsson acaba de publicar um artigo intitulado: População da Região Circumpolar do Norte - Insights do Cromossomo Y STR e SNP Typing of Greenlanders. Neste estudo, 227 homens da Groenlândia foram testados em 73 marcadores SNP e 17 marcadores STR. A fim de comparar esta população da Groenlândia com uma população escandinava, 241 dinamarqueses também foram testados, 21 haplogrupos diferentes do cromossomo Y foram identificados na população da Groenlândia:

Dois subclados de Q-M242 são predominantes: Q-NWT01 * e Q-M3 *. Cerca de 40% dos homens na Groenlândia têm um haplogrupo europeu (I, R1a ou R1b). Esses haplogrupos são encontrados principalmente nas costas oeste e sul. Estes 3 haplogrupos constituem a grande maioria da população dinamarquesa: I (39%), R1a (17%) e R1b (37%). 11 amostras da Groenlândia e 13 amostras da Dinamarca não puderam ser atribuídas a um haplogrupo dos SNPs testados. No entanto, uma previsão pode ser obtida a partir de seus marcadores STR. Assim, 1 amostra da Groenlândia poderia ser considerada pertencente ao haplogrupo Q-M242.

A maior diversidade da população da Groenlândia é encontrada entre o Sermersooq ocidental e a menor diversidade entre o Sermersooq oriental. Está dividido em três grupos:

§ Linhagens Inuit (Q-NWT01 e Q-M3)
§ Linhagens europeias (I, R1a e R1b)
§ Linhagens não determinadas

Há uma diminuição nas linhagens Inuit ao longo da costa da Groenlândia, de 82% entre os Sermersooq no leste para 30% entre os Qeqqata no oeste. As linhagens europeias crescem ao contrário de 13% entre os Sermersooq do leste para 64% entre os Sermersooq do oeste e 59% entre os Qeqqata. Uma análise multidimensional foi realizada para comparar as populações da Groenlândia com outras populações do mundo:

A população Sermersooq oriental (cruz roxa à esquerda) é separada de outras populações na Groenlândia, mas mais próxima de Inuvialuit, no noroeste do Canadá. As outras populações da Groenlândia estão próximas às populações do Alasca. As populações de Qeqqata e Sermersooq do oeste são as mais próximas das populações europeias.

A diversidade das linhagens europeias de populações da Groenlândia são semelhantes à diversidade dos dinamarqueses, exceto para o haplogrupo R1a, para o qual a diversidade das populações da Groenlândia é menor do que a dos dinamarqueses. As linhagens inuítes têm o dobro da diversidade das linhagens europeias. Podemos, portanto, pensar que as linhagens Inuit são mais recentes do que as linhagens europeias.

A comparação dos haplótipos STR das populações da Groenlândia pertencentes a uma linhagem Inuit com as populações do noroeste canadense, mostra que eles têm uma origem comum. A idade do subclado Q-NWT01 é estimada entre 7.000 e 14.300 e a idade do Q-M3 entre 4.400 e 10.900 anos. Este último é, portanto, mais recente, mas como há uma sobreposição significativa entre as duas estimativas, é difícil saber se é uma única colonização por esses dois subclados ou duas colonizações sucessivas. A idade do subclado Q-M3 na Groenlândia é menor do que a idade desse mesmo subclado no noroeste do Canadá. Portanto, é provável que os portadores do subclado Q-M3 sejam descendentes da cultura Thule que se originou no norte do Alasca.

Por outro lado, a idade do subclado Q-NWT01 na Groenlândia é mais velha do que a idade desse mesmo subclado no noroeste do Canadá. Pode ser que esse subclado tenha chegado à América do Norte e se espalhado com a cultura Dorset. Segundo essa hipótese, haveria, portanto, uma mistura genética entre as culturas Dorset e Thule.

A ORIGINALIDADE GENÉTICA DOS INUITS DE NUNAVIK

Os pesquisadores descobriram que os Inuit de Nunavik, no norte de Quebec, são geneticamente únicos. Eles seriam diferentes de qualquer outra população atual em todo o mundo. De acordo com esses cientistas, estudar os genes das populações indígenas minoritárias poderia ajudar a fornecer melhores cuidados de saúde adaptados a essas comunidades.

Em um estudo publicado segunda-feira na revista Proceedings of National Academy of Sciences, eles estabeleceram o perfil genético completo dos inuit na região de Nunavik - uma primeira vez, de acordo com eles.
Sirui Zhou lembra que apenas um pequeno grupo de inuits do Ártico foi objeto de perfis genéticos no mundo, como é o caso da maioria das populações indígenas do Canadá.

O estudo descobriu que o Inuit de Nunavik pode conter componentes genéticos derivados de antigas populações indígenas do Ártico porque, ao inspecionar partes do genoma do Inuit de Nunavik, descobriu aproximadamente 130 variações genéticas únicas. De acordo com os conhecimentos atuais, esta seria uma "quantidade substancial" .A ancestralidade genética dos paleo-esquimós está virtualmente extinta em todas as populações atuais. Mas os inuítes de Nunavik provavelmente têm o maior componente de ancestralidade paleo-esquimó.

ENCUENTRO PRE-COLOMBIANO

REUNIÃO PRÉ-COLOMBIANA

Talvez essa peculiaridade genética viesse do contato dos Inuit de Nunavik com a população Vikind por volta do ano 1000. De fato, um dos trabalhos geográficos mais interessantes que surgiram sobre o tema das descobertas dos escandinavos nas Américas é o de MP Stensby, professor de geografia da Universidade de Copenhagen, trabalho publicado em 1918. Aqui está a rota seguida pela expedição Viking que partiu do sul da Groenlândia e liderada por Thornfin Karlsefui no ano 1000, conforme interpretado pelo Sr. Stensby.

De acordo com as sagas nórdicas dos séculos 12 e 13, o explorador nórdico Leif Eriksson compra um barco de um marinheiro chamado Bjarni Herjolfsson, que afirma que, quando o vento soprou na costa oeste da Groenlândia, ele viu a costa de uma grande massa de terra. Eriksson vai procurá-lo. Ele e sua tripulação exploram duas ilhas; um eles chamam de Helluland, e outro eles chamam de Markland. Os estudiosos posteriormente os identificaram como Ilha Baffin e Labrador, respectivamente.

Ele teria subido primeiro a costa oeste da Groenlândia uma grande distância, então teria costurado Labrador até o Estreito de Belle Isle (região chamada Helluland), onde teria entrado no Golfo de São Lourenço ao longo da costa. Norte (chamado Furdustrand) para Pointe-aux-Vaches, perto de Tadoussac, que Karlsefui designou com o nome de Kjalarnes. De lá, ele subiu o rio São Lourenço (chamado Straumfjord) e alcançou e invernou em Île-aux-Lièvres (chamado Straumey). Continuando a subir o Straumfjord, a expedição Viking teria finalmente alcançado Montmagny (chamada Hop designando a pequena bacia na foz do Rivière-du-Sud). De acordo com Stensby, o famoso país de Vinland (o mais ocidental dos países descobertos pelos vikings) seria nada menos que a região sul do rio, em torno de Montmagny.

No entanto, de acordo com dados historicamente reconhecidos, os vikings (nórdicos) mudaram-se da Escandinávia no século 9 para a Islândia e a Groenlândia e subsequentemente continuaram suas explorações para o oeste para alcançar a costa de Labrador e a Ilha de Terra Nova. Por enquanto e até prova em contrário, Helluland seria Baffin Land e Markland seria Labrador. A Baffin Land forneceu a ave mais apreciada para a falcoaria, ou seja, o falcão branco, enquanto o Labrador forneceu a madeira de que precisavam. Vinland estaria localizada em Anse-aux-Meadows (Terra Nova), onde Leif Eriksson, filho do famoso Eric, o Vermelho, teria fundado uma pequena colônia comercial chamada Leifsbudir. Seu filho, o primeiro Viking nascido na América, chamava-se Snorri. Os vikings de l'Anse-aux-Meadows seriam, portanto, os primeiros europeus a pisar em solo americano e a estabelecer contato com os ameríndios e os inuítes. As lendas escandinavas, chamadas de "saga", de fato mencionam indivíduos chamados "Skraelings" que geralmente são associados aos Nativos do Novo Mundo, enquanto as lendas esquimós contam a presença dos Tunnits, uma tribo de homens gigantes que caçavam e pescavam em Baffin Land e Labrador. Tudo sugere que esses seres sobrenaturais eram vikings da Islândia

'Eriksson ficou em Vinland por quase um ano. Lá, eles constroem assentamentos e entram em contato com os povos indígenas da região - muito provavelmente Inuit ou Beothuk - a quem os normandos chamam de Skraelings (literalmente "miseráveis"). Os skraelings dão aos viajantes peles de animais e marfim em troca de ferramentas de metal e lã. Os outros encontros são menos bem-sucedidos: em várias ocasiões, os nórdicos matam Skraelings. Os skraelings vingam os assassinatos atirando flechas no navio invasor. Eriksson é morto no ataque e sua tripulação retorna à Groenlândia devido à resistência nativa a seus atos de violência.

A hostilidade dos Inuit e Beothuk para com os Vikings levou estes últimos a abandonar sua tentativa de colonização em Vinland. Tendo comido isso, é bem possível que após a luta, as fazendas Inuit tenham sido removidas para servir como espólios de guerra como era o costume da época, daí a mistura genômica de populações que teria estabelecido a especificidade genética dos Inuit de Nunavik .

Os Beothuk de Newfoundland são um bom exemplo. Vestido de peles de bestas e usando tranças adornadas com penas de pássaros, o corpo pintado de uma cor bronzeada, essas descrições parecem corresponder ao Beothuk que usava muito ocre vermelho. Quanto às origens étnicas dos Beothuk, a maioria dos antropólogos os classifica na família Montagnais (Innu). No entanto, sua cultura diferia em muitos aspectos daquela de outras nações nativas americanas. Na verdade, os Beothuk são os únicos, além das tendas no verão, a construir e habitar casas de madeira sobre madeira com telhados piramidais e calafetadas com musgo. São os únicos que conhecem a navegação em alto mar, ou seja, navegar em alto mar cruzando o oceano longe da vista da costa em suas grandes canoas de trinta remadores. Eles são os únicos a fazer salsichas de carne de ave, ovos e gordura, uma espécie de confit que se acumula em tripas de foca. Finalmente, os Beothuk eram altos, quase um metro e oitenta, olhos e pele claros, cabelos castanhos que cobriam com uma mistura de ocre vermelho e óleo de foca. Por tudo isso, alguns pesquisadores estão começando a acreditar que por volta do ano mil, haveria cruzamentos, portanto, compartilhamento de genes e conhecimentos (casa, navegação etc.) entre os vikings e eles.

Outra possibilidade de transmissão genômica européia na América é ainda mais antiga do que no ano 1000. História ou lenda, os "papas" irlandeses seriam os primeiros europeus a pisar em solo americano. Eis então a saga (história) desde que aparece, a partir do século XI, nas páginas recitadas pelos "skaldes" ou cronistas islandeses antes de ser transcrita em pergaminho nos séculos seguintes.

Povoada por celtas, a Irlanda se converteu ao cristianismo no século V. Por volta de 500, muitos mosteiros surgiram e monges que tomaram o nome de "papas" partiram em direção ao mar para descobrir novas terras desertas. Vestidos com suas grandes túnicas brancas e carregados em seus barcos com duas fileiras de remos, eles alcançaram as Ilhas Hébridas, as Órcades e outros empurraram para o norte para as Shetlands e as Ilhas Faroe, onde nomes de lugares ainda evocam sua presença. Assim, desde o início do século VIII por volta de 700 e conforme relatado por Dicuil, um grande analista da época, eles levaram uma existência pacífica de solidão e ascetismo até que os drakkars dos piratas escandinavos se lançaram no ataque. Das Hébridas, Shetlands e Ilhas Faroe. Hordas de vikings devastaram e queimaram os mosteiros irlandeses por volta de 770. Mais uma vez no exílio e determinados a fugir do domínio desses pagãos bárbaros, eles afundaram novamente no oceano em direção a uma ilha distante que sabiam ser habitada por crianças pequenas. Grupos de pescadores e Refugiados celtas. Era a Islândia, o "ultima Thule", o último conhecido no Atlântico Norte. Eles se estabeleceram lá e fundaram os estabelecimentos de Papey, Papos e Papylée, todos nomes de origem irlandesa, e viveram em paz por quase um século.

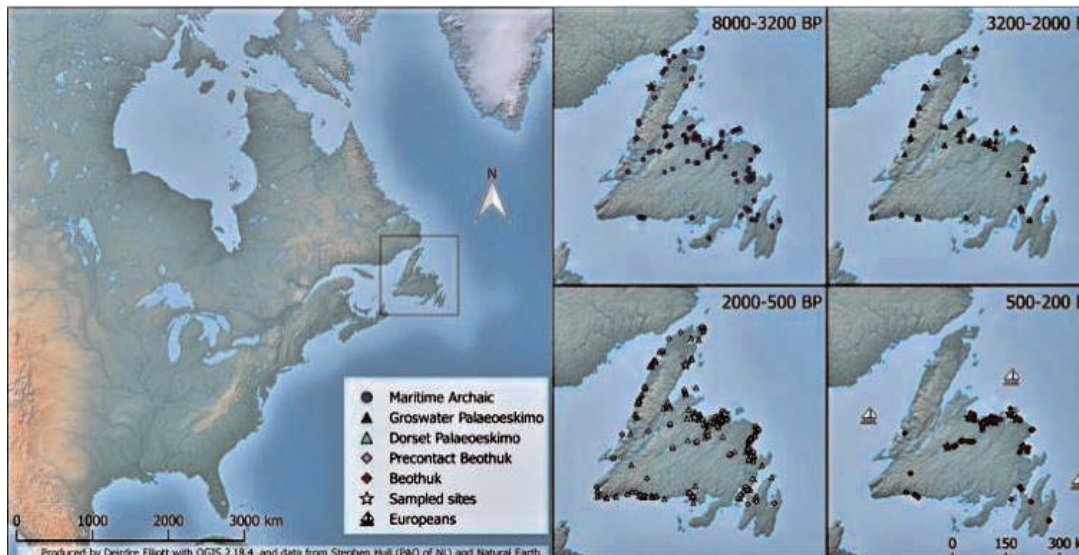
Em 874, dois chefes noruegueses Ingolf e Hjorlaf desembarcaram na costa sudoeste da Islândia e fundaram uma colônia no atual local de Reykjavik. Diante dessa nova erupção do inimigo secular e bárbaro, o pacífico povo irlandês-celta compreendeu que seus dias de liberdade social e religiosa haviam chegado ao fim. Uma nova caravana marítima dirigiu-se para o oeste em direção a terras desconhecidas. Impulsionados pelos ventos de nordeste, os fugitivos irlandeses se aproximaram da costa do Labrador e foram arrastados pelas correntes do estreito de Belle Isle e do Golfo de São Lourenço e se estabeleceram na Ilha da Cidade do Cabo. Breton entrando depois disso com os nômades da ilha: os Micmacs. Assim, por volta de 880, os papas irlandeses foram os primeiros europeus a pisar em solo americano, seiscentos anos antes de Cristóvão Colombo, Cabot, Corte Real e Jacques Cartier.

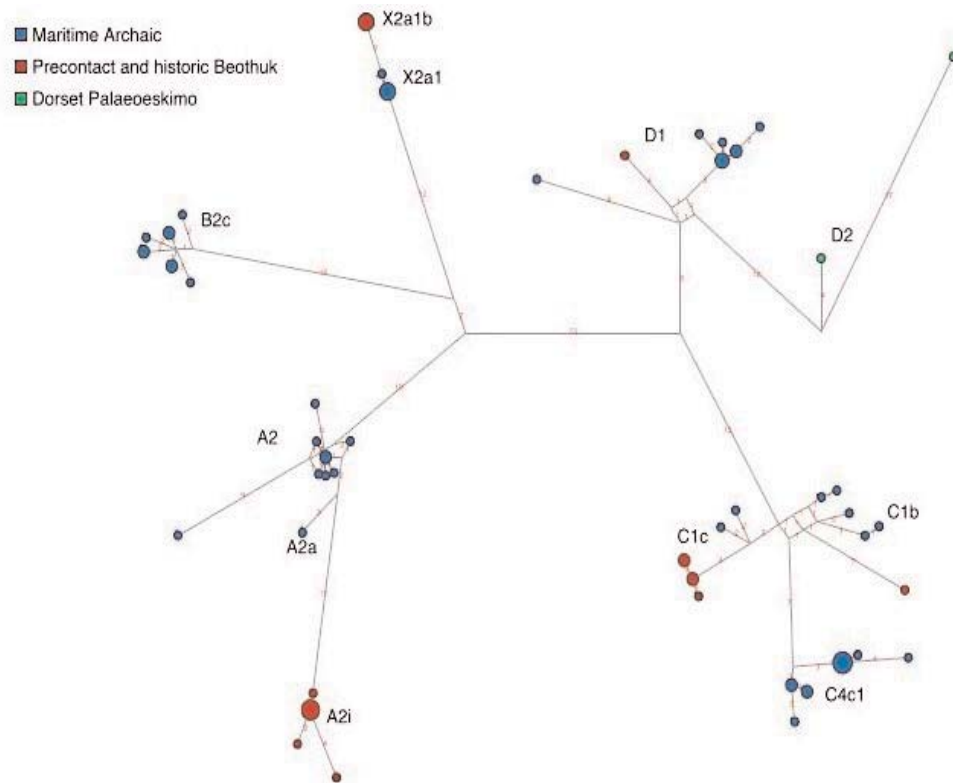
Os anais islandeses (1006) relatam testemunhos recolhidos dos esquimós pelos primeiros vikings que contam que no sul do golfo "viviam homens, que caminhavam vestidos de branco, carregando diante de si mastros nos quais eram fixados pedaços de coisas, enquanto cantava muito alto "; ou seja, a descrição de uma procissão de papas irlandeses em trajes monásticos. Além disso, os anais islandeses acrescentam que se trata do território denominado "Huitramannaland", ou seja, o "País dos homens brancos" e localizado a oeste de "Vinland" viking (Terra Nova) é a Ilha de Cape Breton.

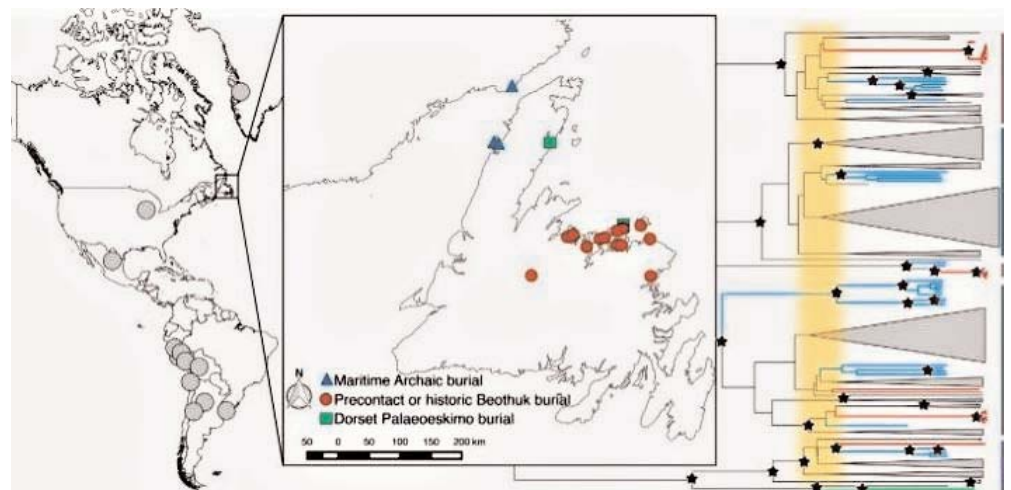
Então o tempo cumpriu seu trabalho e a pequena comunidade irlandesa desapareceu. O Mi'kmaq transformou a cruz em um fetiche de proteção e veneração e plantou outros nas áreas de caça e pesca. Sete séculos depois, Champlain encontrou em 1604 nesta região uma cruz de madeira envelhecida, "um sinal claro, ele escreve, de que no passado havia cristãos lá". Por sua vez, os primeiros missionários ficaram surpresos ao ver os Mi ' kmaq colocam cruzes em todos os lugares e até usam o sinal em suas roupas. Estes foram os últimos sobreviventes da colônia celta irlandesa em solo canadense. Manteremos a odisséia dos "papas" irlandeses como uma lenda, embora plausível, até que descobertas arqueológicas venham a impeli-la para o reino da história oficial.

Observe este retrato da época de um Mi'kmaq, a cruz cristã no topo do baú, à direita.

DNA mitocondrial antigo de Beothuk em Newfoundland, Canadá

Os vestígios mais antigos da ocupação em Labrador estão em L'Anse Amour e datam de 7.700 anos atrás. É uma das primeiras manifestações da cultura arcaica marítima. Esta tradição é caracterizada pela exploração dos recursos marinhos e se estende ao longo da costa de Newfoundland entre 4.500 e 3.400 anos atrás. Seu desaparecimento está provavelmente ligado ao resfriamento climático refletido pela diminuição das florestas de abetos, ou à competição com as primeiras chegadas da cultura pré-dorset paleo-esquimó, cujos primeiros vestígios na Terra Nova datam de cerca de 3800 anos. Então, as culturas Paleo-esquimós Groswater e Dorset prosperam na região. Quando os primeiros europeus chegaram, os ameríndios da Terra Nova eram chamados de Beothuk:

A maioria dos antropólogos classifica os Beothuk na família Montagnais (Innu). O primeiro ato de escravidão europeu foi cometido pelo português Gaspar Corte Real contra os Beothuk de Newfoundland em 1500. Esse sequestro seria usado para pagar as despesas da expedição após a venda dos índios como escravos. Vivendo na ilha de Newfoundland, os Beothuk exploravam recursos sazonais como salmão e focas, bem como caribu. Eles foram atacados, alguns mortos, outros capturados. "Gente assustadora e salvadora", expressão utilizada por Cartier. Quem são esses "selvagens terríveis" que Cartier encontra no Estreito de Belle Isle? Vestidos com peles de animais e com tranças adornadas com penas de pássaros, o corpo pintado de uma cor bronzeada, essas descrições parecem corresponder aos Beothuk, que usavam o ocre vermelho extensivamente e que teriam estado em uma expedição de caça na costa. território usual, Terra Nova. Posteriormente, eles foram exterminados pelos colonos ingleses que os caçaram e mataram assim como o cervo. O capitão Georges Cartwright, em sua volumosa obra "Um Diário de Transações e Eventos na Costa do Labrador", escreveu em 1770: "Seu número deve diminuir constantemente porque nosso povo está matando todos (Beothuk) que pode, destruindo suas provisões, saquear suas canoas e utensílios, tantas famílias inteiras morreram de fome por causa disso. Lamento dizer que os colonos são mais selvagens do que os próprios índios ... Se a invasão de seu território pelos europeus continua nesse ritmo, eles não vai sobreviver por muito tempo. Essa previsão acabou sendo correta. Após esses ataques, eles se refugiaram no interior, recusando qualquer contato posterior. Essa estratégia ajudou a isolá-los cada vez mais até a extinção da tribo em 1829.

Os geneticistas acabam de publicar um artigo intitulado: Descontinuidade genética entre as populações arcaicas marítimas e de Beothuk em Newfoundland, Canadá. Eles testaram o DNA mitocondrial de 151 indivíduos pertencentes às culturas arcaica marítima, paleo-esquimó e Beothuk. Os resultados foram obtidos para 74 indivíduos, incluindo 53 da cultura arcaica marítima, 2 da cultura Dorset e 19 de Beothuk. Eles pertencem aos conhecidos haplogrupos mitocondriais nativos americanos: A2, B2, C1, C4, D1, D2 e X2:

A diversidade mitocondrial é alta em Maritime Archaic e Beothuk, o que contrasta com resultados anteriores que mostraram baixa diversidade na cultura Dorset (haplogrupo único D2a). Não há relação de progênie entre as amostras Arcaicas Marítimas e as amostras de Beothuk, com exceção de indivíduos do haplogrupo X2a. Também é interessante notar que o homem de Kennewick na costa leste da América do Norte e datado de 8.800 anos atrás, pertencia a uma forma basal do haplogrupo X2a. Esses dados sugerem que a origem do haplogrupo mitocondrial X2a está no nordeste da América, e que ele se espalhou da costa do Pacífico Norte até a costa do Atlântico Norte, pelo menos há 4000 anos.

Os autores então usaram o software BEAST para desenhar uma árvore das diferentes linhagens maternas associadas às datas de separação dos diferentes ramos:

Esses resultados sugerem uma forte descontinuidade genética entre as populações Arcaicas Marítimas e Beothuk. Além disso, essas duas populações não descendem da mesma população ancestral da região. Este último, portanto, passou por várias ondas de migração humana.

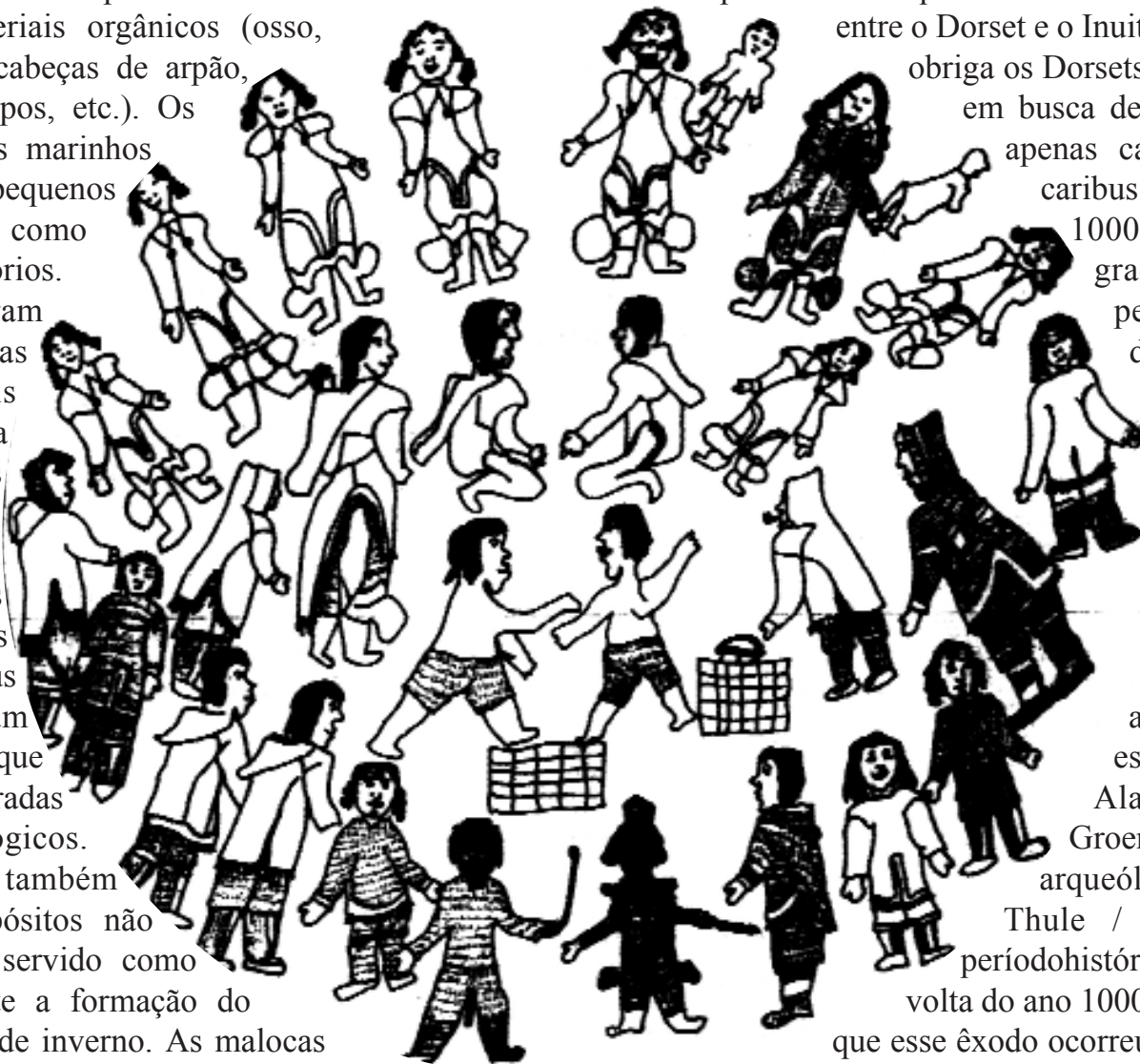
Na verdade, sua cultura diferia em muitos aspectos daquela de outras nações nativas americanas. Na verdade, os Beothuk são os únicos, além das tendas no verão, a construir e habitar casas de madeira sobre madeira com telhados piramidais e calafetadas com musgo. São os únicos que conhecem a navegação em alto mar, ou seja, velejar em alto mar cruzando o oceano longe da vista da costa em suas grandes canoas de trinta remadores. Eles são os únicos a fazer salsichas de carne de ave, ovos e gordura, uma espécie de confit que se acumula em tripas de foca. Finalmente, os Beothuk eram altos, quase um metro e oitenta, olhos e pele claros, cabelos castanhos que cobriam com uma mistura de ocre vermelho e óleo de foca. Por tudo isso, alguns pesquisadores estão começando a acreditar que por volta do ano mil, haveria cruzamentos, portanto, compartilhamento de genes e conhecimentos (casa, navegação etc.) entre os vikings e eles.

ABYA YALA ARCTIC

COMUNIDADES INUIT

An Inuk: Ex-esquimó.

Cerca de 5.000 anos atrás, uma primeira onda migratória Inuit cruzou o Estreito de Bering vindo do leste da Sibéria. Por volta de 4500, um longo movimento migratório começa do Alasca, um segundo se seguirá no ano 1000. Esses grupos, chamados de antigos paleo-esquimós, irão gradualmente povoar quase todas as ilhas e a borda norte do continente americano até a Groenlândia. O Ártico foi povoado há 4.500 anos por grupos de caçadores de origem do Alasca que teriam viajado para o leste em busca de caça. Esses movimentos em direção ao Ártico canadense e à Groenlândia teriam sido facilitados pelo aquecimento global. Esses grupos geralmente chamados de antigos Paleo-esquimós são divididos em três subgrupos: Independência I, um subgrupo associado aos territórios do extremo norte (Ellesmere e norte da Groenlândia), Saqqaq que é encontrado na região da Baía de Disko e áreas a sudoeste da Groenlândia e as pessoas Pré-Dorset encontradas em outras partes do Ártico canadense. Embora esses grupos tenham se adaptado de maneiras diferentes a ambientes distintos, sua tecnologia é semelhante: ferramentas microlíticas, altamente adequadas para a vida de um caçador ártico nômade. Os Pré-Dorset (4.000 - 2.500 anos AA) eram pequenos grupos de caçadores nômades que ocuparam a Península de Ungava e as costas da Baía de Hudson e da Baía de Ungava entre 4.000 e 2.500 anos AA. Eles viviam com base nos recursos terrestres, principalmente caribus, mas também caçavam alguns mamíferos marinhos. Eles complementavam sua dieta com pesca e coleta, dependendo da disponibilidade de recursos. Eles possivelmente tinham barcos semelhantes ao caiaque. A presença de restos de cães em alguns locais sugere que eles poderiam usar esses animais para transporte no inverno. A cultura pré-Dorset é caracterizada por ferramentas geralmente microlíticas: cinzéis, pequenas pontas moldadas, punções, raspadores e microlâminas. As estruturas habitacionais são geralmente compostas por duas fileiras paralelas de pedras e uma lareira central. Existem também tendas de verão sem acessórios internos e casas semi-subterrâneas nos campos de pedra. Os pré-Dorset desenvolveram a tecnologia das lâmpadas de pedra-sabão, eficientes em termos de luz e calor. Ao contrário dos ameríndios, ainda existem grupos relacionados aos inuítes norte-americanos no nordeste da Sibéria. A transição do final do Pre-Dorset para o início do Dorset foi mal documentada. Em algumas áreas, parece haver uma descontinuidade entre essas duas culturas. É provável que o desaparecimento pré-Dorset seja atribuído a um resfriamento que ocorreu entre 3.400 e 1.900 anos AA. Qualquer que seja a causa, o povo pré-Dorset de Nunavik desapareceu de certas regiões que permaneceram desocupadas por algum tempo antes da chegada dos grupos Dorset. Há cerca de 2.500 anos, os Inuit (Dorset) chegaram a toda a costa do Labrador e de Blanc-Sablon a Rivière-Saint-Paul, denominado "Quitzezaqui", o "Grande Rio". O povo Dorset (2.500 - 900 anos AA) apareceu no Ártico oriental por volta de 2.500 anos d.C provavelmente de uma bacia populacional pré-Dorset, embora as opiniões estejam divididas sobre a continuidade entre eles. Poderia ter havido continuidade técnica sem que houvesse continuidade na população local ou regional. Inicialmente, a cultura Dorset está presente principalmente no Baixo Ártico em Nunavut, Nunavik, Labrador e Terra Nova (2.500 anos AA).

Não apareceu no Alto Ártico até o final do período Dorset. Por várias centenas de anos, o Alto Ártico e o norte da Groenlândia foram persona non grata. O Dorsetian é caracterizado por uma variedade de ferramentas líticas: pontas triangulares, pseudo-burins, raspadores, raspadores semicirculares, enxós e micro-lâminas. A boa conservação em alguns sítios de Dorset também permitiu identificar uma indústria baseada em materiais orgânicos (osso, chifre, marfim e madeira: cabeças de arpão, foens, facas de neve, grampos, etc.). Os Dorsets caçavam mamíferos marinhos (exceto baleias grandes), pequenos mamíferos terrestres, bem como pássaros caribus e migratórios. Eles pescaram e colheram plantas diferentes. Suas estruturas habitacionais variavam em tamanho, na maioria das vezes estruturas de tendas, que frequentemente incluíam arranjos axiais. As tendas provavelmente foram usadas no verão, enquanto os iglus provavelmente foram construídos no inverno, já que facas de neve foram encontradas em vários sítios arqueológicos. Casas semi-subterrâneas também foram construídas nos depósitos não consolidados e podem ter servido como moradias de outono durante a formação do bloco de gelo, ou moradias de inverno. As malocas que surgiram durante o final do Dorset (entre 1450 e 1000 anos AA) tinham uma função de reunião da comunidade. Pequenos objetos artesanais são esculpidos em marfim, osso, chifre e pedra-sabão; essas são representações animais ou antropomórficas. O fim do período Dorset é assunto de vários debates. Para alguns, os Dorsets teriam desaparecido do Ártico Oriental antes da chegada dos Inuit. Para outros, a ocupação de Dorset em Nunavik teria durado até 1500 e as duas culturas teriam estado em contato. É possível que essas reuniões tenham ocorrido em determinados lugares; no entanto, parece claro que em Nunavik nenhum contato ocorreu entre o Dorset e o Inuit. Um clima de resfriamento obriga os Dorsets a migrar ao longo da costa em busca de alimento. Esses Inuit não apenas caçam focas, mas também caribus no interior. A partir do ano 1000, os Dorsets foram gradativamente substituídos pelos Thule, ancestrais diretos dos atuais Inuit e caçadores de grandes mamíferos marinhos como a baleia e a morsa. A maioria dos Inuit vive nas regiões do norte do Canadá, conhecidas como Nunaat ou "pátria Inuit", povoadas por pequenas aldeias e comunidades espalhadas pelo Ártico, do Alasca ao leste da Groenlândia. Por muitos anos, os arqueólogos acreditaram que os Thule / Inuit (900 anos AA - períodohistórico) deixaram o Alasca por volta do ano 1000, mas é cada vez mais certo que esse êxodo ocorreu muito mais tarde.

A cultura Thule se desenvolveu no noroeste do Alasca por volta de 1000 anos d.C. e depois migrou para o Ártico canadense. Foi durante o século 12 DC que os grupos Thule / Inuit se espalharam gradualmente no Ártico oriental, notavelmente na Groenlândia, na Ilha de Ellesmere e, finalmente, em Nunavik e Labrador. A subsistência Thule / Inuit foi orientada para a caça de grandes baleias. Eles desenvolveram uma tecnologia adaptada à exploração desse tipo de recurso. Seu sustento também se concentrava em mamíferos marinhos e terrestres menores e aves migratórias, dependendo da disponibilidade de recursos e regionalmente. Nesse período, vemos o surgimento dos umiaqs, grandes barcos com capacidade para várias pessoas, usados para a caça de baleias de grande porte e para viagens de longa distância. A tecnologia da Thule / Inuit é muito diversificada e engenhosa tanto para os materiais orgânicos, os quais eles privilegiaram, quanto para os materiais líticos. Eles construíram estruturas semi-subterrâneas, com um túnel de entrada, que lhes serviu principalmente de moradias no final do outono e início do inverno. No inverno, eles construíram iglus e, no verão, tendas de pele. Por volta dos séculos 13 e 14 dC, encontramos cada vez mais locais de Thule em ambientes onde os corpos d'água são rasos, o que implica uma mudança e diversificação dos recursos explorados. Grandes baleias são abandonadas em favor de focas, morsas e recursos terrestres. Novamente, os arqueólogos tendem a explicar essas mudanças como mudanças no clima. Esse período coincide com a Pequena Idade do Gelo (1400 a 1600), um episódio importante de resfriamento climático, mas provavelmente não foi o único fator que causou uma mudança nos meios de subsistência de Thule. O povo Thule do Canadá está geograficamente dividido da seguinte forma : Inuvialuit (oeste do Canadá) Nunavut (Territórios do Noroeste), Nunavik (norte de Quebec), Nunatsiavut (Labrador). Além disso, em Nunavik, Nunavimmiut são novamente subdivididos (identidades locais) entre Itivimiut (Ungava) e Tarramiut (Baía de Hudson).

NUNAMIUT

No início do século XX, alguns grupos ou famílias Inuit viviam no interior da terra chamada Nunamiut em oposição aos Sinamiut, o povo do mar. Reconhecia-se que a vida das pessoas do interior era mais miserável do que os do litoral: não tinham cachorros, faltavam gordura de foca para alimento e luz. Então, por que se estabelecer lá? Os testemunhos recolhidos revelam que os Nunamiut eram, em geral, indivíduos e respectivas famílias que tiveram de abandonar a costa forçados e forçados na sequência de algum acto de violência de que foram os autores ou as vítimas. O interior era o refúgio de pessoas consideradas perigosas e, portanto, condenadas ao ostracismo por sua comunidade. Alguns mais marginalizados simplesmente fugiram da presença de Brancos de quem eles temiam; o coração do terreno representa todas as vantagens do isolamento e do afastamento. Os Nunamiut adotaram um modo de vida intimamente ligado às migrações dos rebanhos de caribu e se autodenominavam Nallamiut, o povo que caça e fica nas passagens de caribu. Entre 60 e 80 caribus representava autossuficiência alimentar para uma família de quatro pessoas.

O motivo da ausência dos cães é a enorme quantidade de alimento extra necessária para mantê-los vivos. Estima-se que 10 caribus por cabeça de cão foram necessários para sua sobrevivência. Hoje em dia, a maioria dos Inuit são costeiros (Sinamiut) e freqüentam o interior apenas para caçar caribu e pescar char, depois retornam para suas aldeias na costa marítima.

O livro intitulado The Inuit way, a guide to inuit culture (Pauktuutit Inuit Women of Canada, 2006) oferece uma visão geral interessante de como deve ter sido o modo de vida Inuit antes e na época de seu primeiro contato com os europeus. Segundo esse livro, os inuit viviam em pequenos grupos familiares, autônomos e nômades, cuja sobrevivência e satisfação das necessidades materiais dependiam da caça, pesca e coleta. Para sobreviver em seu ambiente, eles tiveram que inventar tecnologias únicas, como iglu, caiaque, ulu (faca usada pelas mulheres), qulliq (lâmpada de pedra-sabão), roupas de pele e arpões para a cabeça. Completamente autossuficiente, os Inuit migravam de um lugar para outro de acordo com as variações ambientais e os ciclos anuais de disponibilidade de mamíferos terrestres e marinhos. Eles viajaram por todo o território ártico. A mobilidade caracterizou seu modo de vida. Antes da chegada dos europeus, os Inuit eram os donos do lugar. Os ancestrais dos Inuit, cuja cultura é semelhante à dos Inuppiats (norte do Alasca), Katladlits (Groenlândia) e Yuits (Sibéria e oeste do Alasca), chegaram 1.050 anos antes de nossa era. Os Inuit aplicavam o direito consuetudinário, que se distinguia por sua natureza informal, flexibilidade e uso de pressão social para promover um comportamento responsável. Eles desenvolveram uma rica cultura material a partir de tecnologias usadas para caça e pesca. Tradicionalmente, a 'visão de mundo' dos Inuit, conforme expressa em sua cosmologia e crenças espirituais, baseava-se fundamentalmente no reconhecimento de que sua sobrevivência dependia totalmente dos animais. Muitos tabus envolviam vários aspectos da vida dos Inuit, para quem o mundo natural e sobrenatural era explicado por uma rica mitologia. A vida para os Inuit na região de Ungava era, em sua maior parte, extremamente difícil. Encontrar o suficiente para comer, fosse em busca de caribus no interior ou na captura de focas na borda dos blocos de gelo, era uma luta diária. Em tempos de escassez, os inuítes caçavam lagópodes ou peixes, quando esses recursos estavam disponíveis. Sua sobrevivência a longo prazo, entretanto, dependia da abundância de caribus e focas, duas espécies que lhes permitiam não só se alimentar, mas também construir abrigos, roupas e uma fonte de combustível.

MULHERES INUIT (nuliak)

Uumarniyuq, a primeira mulher, é quem clama pela guerra e pela morte para que a humanidade evite o desaparecimento total devido à superpopulação da ilha primordial. A primeira mulher entendeu melhor do que ninguém que apenas sua dispersão para outras terras com vida limitada poderia garantir sua sobrevivência como espécie. Ela fez um umiaq por família para dispersá-los em outras terras. Para amenizar o desaparecimento do ser, conseqüência última da morte, ela estabeleceu uma continuidade na terra pela reencarnação do nome-da-alma do falecido no corpo dos recém-nascidos e no além, pela sobrevivência da alma etérea -duplo de humanos falecidos. A família é então rejeitada pelo marido (ui), os maridos que trocam sua esposa (aïparerq), a esposa (nuliak), o pai (atata), a mãe (anana), o avô (atatatsiarq), a avó (ananatsiark), filho (irniq), filha (paniq), tio paterno (akka), irmã do pai (atsak), sogra (arnaksak), padrasto (angutiksaq), cunhado (ningau), irmão mais velho (angaju), irmão mais novo (nukaq), homônimos (avvarriik), criança com o nome de um parente (atsiara). Tradicionalmente, as atividades femininas têm sido estão concentrados na aldeia, no acampamento sazonal ou nas imediações. Eles raramente se afastam de sua base, mesmo que participem de atividades de pesca ou coleta. Enquanto para os homens o acampamento é um ponto de partida e de retorno das atividades de caça e pesca, para as mulheres o acampamento é um local de estabilidade. Assim, a aldeia, o acampamento são percebidos como um espaço predominantemente feminino onde se expressa um forte matriarcado.

IIgluvigaq é, portanto, sinônimo de centralidade, concentração matriarcal que se opõe ao escopo, à dispersão do homem caçador. Assim, a palavra igluvigaq associada à mulher evoca o domicílio como uma matriz segura (iglu / útero) para a procriação e o desenvolvimento da família. Esta metáfora da casa-mulher está ligada ao iglu como um lugar de aconchego familiar, reprodução, nascimento, educação e alegria. Eles são os transformadores das matérias-primas trazidas pelo homem, tanto quanto transformam o esperma do homem em vida humana, quanto transformam o fruto da caça humana em produtos domésticos. A relação sexual durante a gestação é contada da seguinte forma : a cada relação, um cão / pênis entrava e vomitava comida para fazer o feto crescer, daí a importância de relações sexuais frequentes com os pais. Essa metáfora vem do fato de que durante as tempestades, costumávamos alimentar os cães à noite, deixando suas cabeças passarem, uma após a outra, pela entrada do iglu. A complementaridade entre as funções masculino / feminino é estreita : a mãe é um iglu / útero e o pai / cão assume uma função nutritiva durante a gestação. As relações de troca são proibidas porque enfraquecem o feto, impedindo-o de se formar. Em Inuktitut, o feto é denominado quassaq, que significa "quem vai coagular". O parto com a ajuda da parteira (sanaji) é fundamental, é ela que limpa o recém-nascido, corta o cordão com lâmina de pedra e amarra o cordão umbilical com o tendão do caribu. Esses dois atos separavam a criança da mãe biológica e a prendiam ao grupo. Seu papel é tanto mais importante quanto o feto, que se diz ser dotado de vontade, pode mudar de sexo pouco antes do nascimento. Nesse momento, ainda não está terminado e cabe à parteira aperfeiçoar esta criação em particular, desencorajando a mudança de sexo. Como vemos, uma pessoa não é uma entidade, mas um conjunto de componentes, uma construção que é, portanto, declinada em quatro etapas : o sangue da mulher (1) coagula para formar o feto que é nutrido pelo esperma do homem (2), a parteira (3) finaliza a gestação verificando se o sexo da criança está bem definido e é ela quem finaliza a construção da pessoa anunciando-lhe na forma de canções de ninar (aqausiit) evocando no modo de elogio as qualidades que ela teria e o caráter que seria dela em relação ao nome da alma do falecido (4) escolhido; portanto, define sua personalidade, mas também toda a sua rede de parentesco. A identidade inuit é uma identidade relacional. Após o nascimento, a mãe deixa o irniviq (local de nascimento) e se estabelece no kinirvik (local de relevailles), um confinamento que dura de cinco a seis semanas. A mãe é então acompanhada pela parteira ou por uma mulher na pós-menopausa que prepara suas refeições. De fato, é proibido que a mãe com tendência a sangramento pós-parto entre em contato com carne crua. Todas as peles de caribu sujas durante o parto, as peles de pássaros que eram usadas para limpar a criança e também a placenta (arraaq) ficam enterradas fora do alcance dos cães. Assim que a mãe pudesse fazer sexo novamente, a primeira vez ela deveria tirar o sêmen do pai que estava vazando de sua vulva e revestir o corpo do bebê com ele para fortalecê-lo. A ausência de filhos para um casal era uma calamidade. Foi necessário o ideal é ter uma filha para ajudar a mãe e um filho para ajudar o pai caçador. Para impedir a esterilidade do casal, tentamos então uma troca temporária de cônjuges para aumentar as chances de procriar, caso não fosse necessária a adoção. A situação de uma mulher com tendência ao aborto espontâneo é ainda mais dramática do que a esterilidade total. Por causa do ostracismo social (longo período de reclusão e severas proibições) de que era objeto, a mulher tendia a manter em segredo sua situação.

Além disso, o tema da mulher espancada é recorrente na tradição oral dos Inuit; violência frequentemente atribuída à mulher estéril. Freqüentemente, as histórias começam com um aborto espontâneo escondido dos parentes e onde o nanico é jogado para os cachorros que o devoram, dessa forma uma alma humana se reencarna em um cachorro. O runt reencarnado encontrou um nome (cachorro), integrou uma família (a matilha), tinha um emprego seguido de um longo período de descanso de verão e se alimentava regularmente. Por isso, segundo as informações obtidas, várias mulheres sonhavam em reencarnar como um cão de trenó. De um modo geral, as condições para as mulheres eram mais difíceis do que para os homens. A confecção de peles, roupas de pele e cobertores exigia que as famílias jovens mastigassem as peles para torná-las mais macias antes de serem costuradas pelos mais velhos. Para além das refeições, a confecção do caiaque, do oumiaq, da tenda de verão e a sua manutenção foi reservada às mulheres. As atividades sazonais ao ar livre eram uma oportunidade para as mulheres se socializarem. Juntos, eles garantiam a subsistência da comunidade, dedicando-se à pesca (carvão ártico no rio), à coleta de ovos de gaivotas, gansos selvagens, conchas (mexilhões) e outros moluscos, algas além da colheita de frutos silvestres, botões de salgueiro , azedas, bem como uma variedade de ervas aromáticas e plantas medicinais. É sabido que as mulheres trazem de volta uma variedade de fontes de alimentos com mais regularidade, de modo que a caça grande para os homens é menos lucrativa do que a pesca, capturando pequenos animais e coletando mulheres, mas, no entanto, continua sendo essencial, pelo menos. Era ela quem também cuidava do abastecimento de água que pegava no riacho e, no inverno, carregava a água gelada em pequenos trenós. Visitar famílias e celebrar reuniões são parte integrante da cultura Inuit. Eles permitem que você troque notícias, discuta, compartilhe uma refeição e dance juntos. As crianças participam de todas as atividades e assim aprendem os costumes ancestrais. A educação dos filhos é compartilhada por todas as mulheres e a adoção entre famílias é amplamente utilizada. Entre os Inuit, algumas meninas (cabelo cortado) são tratadas como meninos e até mesmo fumam cachimbo, e os meninos adotam comportamentos femininos. Essas crianças se vestem como as outras e aprendem as tarefas do outro sexo. Travestir não tem nada a ver com orientação sexual e certamente nada a ver com homossexualidade. Se a unidade familiar precisava com urgência de um novo caçador, então essa lógica prevalecia em matéria de aprendizagem, independentemente do sexo da criança. Muitas vezes, também era uma técnica de proteção contra espíritos malignos que assediavam a criança adotando o gênero do outro sexo para melhor desaparecer. Além disso, o xamã poderia decretar o disfarce de uma criança doente para que o mau presságio não a reconhecesse mais. Impensável, portanto, zombar de um travesti, especialmente porque ele está sob a proteção de um espírito cósmico chamado "o mestre da atmosfera". Em geral, entre os Inuit do Canadá, o travesti para na puberdade. O menino teve que desistir das tranças, se vestir de caçador e ir matar seu primeiro grande jogo. Na primeira menstruação, a menina vestia roupas femininas, fazia uma tatuagem no rosto e aprendia as tarefas da vida doméstica e da maternidade. Em casos extremos, se parar de vestir-se como um travesti degenerava em uma grande crise de identidade, foi decidido desposar um jovem travestido com uma jovem travesti para que um novo equilíbrio pudesse ser estabelecido. Em Nunavut e Nunavik, o travesti juvenil freqüentemente abria o caminho para uma vocação como xamã, e o xamã ou mulher que cruzava a fronteira de gênero era então considerado capaz de cruzar mais facilmente as fronteiras entre os mundos espirituais e os dos humanos. A homossexualidade entre os inuítes era uma das formas de sexualidade paliativa entre homens antes do casamento ou entre mulheres deixadas sozinhas durante longos períodos de caça. As canções tradicionais associam prontamente o beleza das mulheres às suas zonas erógenas. As mulheres cantam sobre a beleza de sua vulva, sua vagina, suas nádegas e seus seios. Além disso, esculturas antigas mostravam, revelavam o corpo feminino em toda a sua nudez, destacando os órgãos genitais como objetos de desejo. Tantas alusões eróticas que desapareceram com a chegada dos missionários.

A tatuagem foi praticada até o início do século XX. Os padrões identificaram um rito de passagem ou um momento específico no ciclo de vida, como puberdade, casamento, nascimento de um filho, morte de um dos pais ou um evento significativo como doença, assassinato, acidente. tantos sinais que indicavam o status e a notoriedade de uma pessoa. A expectativa de vida era curta, a idade pouco importava e a velhice era curta e rara. A violência diária contra as mulheres era frequente e as mulheres cometiam infanticídio em tempos de fome ainda entre 1920-1940. Na sociedade induzida quando a idosa havia perdido todos os seus parentes, ela era considerada órfã e tinha que ser cuidada por outra família. Quando sua situação se tornou muito difícil ou a sobrevivência do grupo foi ameaçada em caso de fome, ela pode decidir dar um fim à sua vida. Esse suicídio garantiu a ele um lugar feliz na vida após a morte. Como podemos ver, os Inuit planejam sua demografia por meio de "reguladores" : tabus sexuais, tabus alimentares, eutanásia, infanticídio. O aborto não é praticado. Seria uma ofensa à ordem natural. Uma criança nasce depois de receber um nome de alma, então, em suas mentes, o infanticídio diz respeito apenas a pessoas anônimas. Desde a assinatura do Acordo de James Bay em 1975, o papel social da mulher foi liberado para a participação nas organizações comunitárias criadas por este acordo. Desde o estabelecimento de lojas e outras instalações de serviço, novas profissões surgiram. Atualmente, a mulher induzida pode ser cooperativa de caixa, secretária, professora, enfermeira, tradutora. Mas ela ainda ocupa um lugar central na comunidade e no universo supraterrestre da cosmogonia induzida onde ela pode se tornar mulher-pássaro, mulher-sereia, mulher-deusa, mulher-madrasta, tantos personagens fantasmagóricos quase ilimitados do universo mitológico ártico . Em geral, a mulher está associada ao mundo terrestre, ao Sul, ao sol e ao verão, enquanto o homem está associado ao Norte, ao mundo marinho, à lua, ao inverno.

GENEALOGIA

Em geral, a família nuclear simples (pais, filhos, avô se viúvo ou viúvo) é a única estrutura social estável do grupo. Mas, como podemos compreender, a dureza do clima, a natureza perigosa das atividades no território obrigam a unidade de base a unir forças com outras para formar uma rede de ajuda mútua e solidariedade. Antes da sedentarização, os acampamentos de verão, que eram menores, reuniam famílias diretamente relacionadas, os acampamentos de outono, uma temporada de caça intensiva, reunia famílias extensas e, finalmente, os grandes acampamentos de inverno reuniam várias linhagens parentais. Quanto mais as dificuldades aumentam, mais estreitos são os laços entre os indivíduos. Por isso, a adoção, muito comum entre os inuítes, possibilita a ampliação da rede social do adotado ou do órfão e a troca de mulheres entre homens (aïparerq) constrói um parentesco paralelo tão sólido quanto o de sangue, este último deve cuidar da família do outro no caso de um golpe duro. A dinâmica do sistema tende à multiplicação máxima dos tipos de parcerias com o objetivo de alargar sempre o círculo das relações de ajuda mútua e solidariedade. O objetivo ideal, seu objetivo final, é eliminar qualquer possibilidade de se encontrar em uma posição de isolamento ou sem recursos onde, mais no Ártico do que em qualquer outro lugar, as chances de sobrevivência são mínimas. Entre os Inuit, cada indivíduo tem sua própria identidade, mas ela é sempre considerada em termos de sua relação com os outros, vivos ou mortos. A idade da razão é rapidamente atingida e todos então se tornam responsáveis por si mesmos e devem assumir a responsabilidade por suas escolhas. A genealogia desempenha um papel primordial na caracterização da relação que o vincula aos outros e pela qual é reconhecida a sua pertença ao grupo. Os filhos são nomeados em referência a uma pessoa que faleceu na maioria das vezes, cujas qualidades e defeitos eles herdaram junto com o nome. Antes da chegada dos missionários, o suicídio era uma brecha socialmente aceita, especialmente para sair de uma situação desesperadora como a de um velho que não quer mais ser responsabilidade de sua família em caso de fome. Esses seres eram, portanto, respeitados. Lâmina dos mortos voltam a viver nos recém-nascidos e o seu espírito os protege, mas se se verificar que o nome escolhido é prejudicial para a criança, é imediatamente mudado.

Cada criança recebe vários nomes em relação aos grupos sociais que frequenta por exemplo, recebe um nome do seu grupo de caça mas de todos o nome do avô ou avó é o mais forte do ponto de vista parental, seguido do nome mais carregado do ponto de vista sobrenatural e, finalmente, do poder vital. Se numa aldeia várias crianças têm o mesmo nome, ficam de facto ligadas umas às outras, o que aumenta ainda mais o círculo de relações. Com a cristianização, os inuit receberam nomes cristãos tirados da Bíblia para os anglicanos e do catálogo de santos para os católicos. Após a sedentarização, o governo federal decidiu dar sobrenomes a todos os Inuit, o que foi feito em alguma confusão para que todas as relações individuais e familiares perdessem sua coerência, mas a solidariedade continua porque, agora assumida pelas instituições socioeconômicas que os Inuit criaram para este propósito.

INUKSUK (un) - INUKSUIT (les) - INUNNGUAT (im
itação de Inuit)

Quer sejam as tribos africanas, os povos da Ásia, os aborígenes da Austrália, os Incas e Maias da América do Sul e mais perto de nós, os Ameríndios do Norte e os Inuit, todos deixaram no meio ambiente sinais, vestígios da sua existência . Inuksuit são imponentes figuras de pedra em forma humana que se destacam contra o horizonte árido da tundra. Povo nômade, o Inuit erigia o inuíte como balizador para delimitar um território, como sinalização para facilitar o movimento e também servia como depósito de alimento (caribu, peixe) em caso de sobrevivência. Durante o período de migração, os Inuit construíram inunnguat básicos ao longo dos trilhos para levar os caribus de volta aos caçadores. Essas imitações de pedra do Inuit (inunnguat) assustaram os caribus e os direcionaram ao local apropriado escolhido para o abate.

INUKTITUT

Língua falada pelos inuítes colocada em caráter silábico permitindo sua escrita em 1880 pelo missionário anglicano EJ Peck. Inuktitut tem um vocabulário rico e uma estrutura complexa que remonta a milhares de anos.) Existem cinco dialetos Inuit principais no Canadá : Inuvialuktun, Inuinnaqtun, Inuttitut e Inuttut agrupados no mesmo idioma, Inuktitut ou Inuttitut. No último censo, 70% dos Inuit disseram que conheciam a língua Inuit e quase dois terços disseram que o Inuktitut era sua língua materna (primeira língua aprendida). Inuktitut é mais usado em Nunavik e Nunavut; nove em cada dez inuit falam essa língua. O inuktitut ainda é a língua materna dominante hoje (96%) e é usado em atividades sociais, caça e pesca. Por outro lado, a língua do trabalho remunerado é o inglês, o que lhe confere um poderoso, pois é a língua, seguida do francês, que une todos, relegando o Inuktitut à esfera privada.

Alphabet syllabique de l'inuktitut

ᐁ	ai	ᐃ	i	ᐅ	u	ᐊ	a	•	
ᐯ	pai	ᐱ	pi	ᐳ	pu	ᐸ	pa	ᑉ	p
ᑌ	tai	ᑎ	ti	ᑐ	tu	ᑕ	ta	ᑦ	t
ᑫ	kai	ᑭ	ki	ᑯ	ku	ᑲ	ka	ᒃ	k
ᒉ	gai	ᒋ	gi	ᒍ	gu	ᒐ	ga	ᒡ	g
ᒣ	mai	ᒥ	mi	ᒧ	mu	ᒪ	ma	ᒻ	m
ᓀ	nai	ᓂ	ni	ᓄ	nu	ᓇ	na	ᓐ	n
ᓭ	sai	ᓯ	si	ᓱ	su	ᓴ	sa	ᔅ	s
ᓓ	lai	ᓕ	li	ᓗ	lu	ᓚ	la	ᓪ	l
ᔦ	jai	ᔨ	ji	ᔪ	ju	ᔭ	ja	ᔾ	j
ᕓ	vai	ᕕ	vi	ᕗ	vu	ᕙ	va	ᕝ	v
ᕃ	rai	ᕆ	ri	ᕈ	ru	ᕋ	ra	ᕐ	r
ᙯ	qai	ᕿ	qi	ᖁ	qu	ᖃ	qa	ᖅ	q
ᙰ	ngai	ᖏ	ngi	ᖑ	ngu	ᖓ	nga	ᖕ	ng

Observe que, embora os Inuit ouçam rádio principalmente em Inuktitut, a maioria assiste a programas de televisão em inglês em média (5,5 horas por dia). Mesmo assim, ensinar inuktitut do jardim de infância até o final do ensino médio mostrou um aumento acentuado na auto-estima quando as crianças aprendem em sua língua nativa. O sufixo miut indica o lugar onde se vive; exemplo Montrealmiut, Parismiut, Londonmiut ou Newyorkmiut. Krom Valentina, Keleutak Harriet, Quumaluk Qiallak,

CANÇÃO DE GORGE (katajjak)

Uma ampla gama de performances vocais guturais é usada para expressar escárnio, duelos e até canções de ninar. As canções e as músicas tradicionais parecem monótonas e repetitivas para nós, mas seguem o mesmo modelo do pensamento indígena. Eles se movem em círculo, de acordo com regras e um ritmo muito preciso. Eles param, respiram e começam de novo como os batimentos cardíacos. Então disse um velho cantor inuit : "Você acha que minha música sempre diz a mesma coisa ... mas cada vez que eu completava uma sequência, adicionava um pouco mais. Eu mudo minha música ". Este cantor explica que sua canção segue a imprevisibilidade do ritmo circular onde gansos, salmões, caribus reaparecem regularmente mas nunca são os mesmos ; cada ciclo é diferente, duas molas nunca mais serão iguais. Os sons emergem da garganta e a voz transforma em canção. Inicialmente, o canto gutural era um jogo competitivo disputado principalmente por mulheres que, frente a frente, tinham que emitir sons estranhos e uma determinada canção para fazer a outra rir. É uma competição incomum, pois perdemos enquanto rimos. Hoje em dia, sob a influência de missionários do sul, muitos Inuit estão aprendendo o canto bíblico do evangelho.

INUIT TOPONYMY

O território nasce uma vez nomeado. Assim, para os Inuit, os lugares designados têm uma ou mais identidades relacionadas ao ambiente ou espaço, mas, acima de tudo, o topônimo indica a influência dos Inuit no território. Antes anônima, a certidão de nascimento de um lugar é o seu batismo por homens. Só pelo poder das palavras o homem transforma um espaço neutro em um ambiente humanizado e, por poder ser transmitido de geração em geração, o topônimo passa a fazer parte do patrimônio da humanidade como guia para se locomover na superfície terrestre. Na cultura Inuit, o topônimo e a tradição oral das histórias são os guardiões da memória, as âncoras que fixam na memória o uso usual do lugar, a presença de um inuksuk, um incidente, uma emoção forte, o nome de um xamã falecido , uma anomalia da paisagem, características geográficas significativas (lagos, rios, baía, estreito), um ponto de encontro para jogos, um local de festa ou sepultura. Aqui estão alguns exemplos : hingilik = o lugar que tem uma capa, nuvuk = o ponto, qurluq = a queda, niaquqtalik = o lugar que tem uma cabeça, nauyaan = o local de nidificação das gaivotas, annialik = o local onde existe tem ártico char, anarvik = o lugar onde defecamos, iluvilik = o lugar onde há sepulturas, mannik = os ovos, tuktutuuq = onde estão os caribus, nilak = a foz de um rio, alliyarvik = o lugar onde alguém quebrou seu trenó, uhuilaq = o pênis cortado, unguarvik = o lugar onde viveram tempos difíceis., inukturvik = lugar onde comemos humanos. As mulheres nomeiam o território imediato do acampamento e o uso prático dos lugares enquanto o homem tem um conhecimento global do território, um conhecimento geográfico mais elaborado ligado às suas frequentes e longas viagens. Mas esse conhecimento geográfico está ameaçado pela sedentarização que levou a uma modificação profunda das atividades e dos ritmos da vida cotidiana que se tornaram rotineiros. Não são mais as condições meteorológicas que pontuaram a vida do caçador que são essenciais, mas os horários de escritório feminino. Os adolescentes de hoje percebem o território antes de tudo como um espaço de lazer e raramente se distanciam mais de 30 km da aldeia por medo da nevasca, não podendo analisar os sinais de alerta de uma

mudança repentina de temperatura. Quanto mais a prática em campo diminui, mais o conhecimento toponímico se torna confuso. O território perde a sua coerência, quanto mais os nomes são esquecidos, mais o território se atrofia, o vínculo de unidade entre o homem e o seu meio está em perigo, dando rédea solta à exploração do território pelos Qallunaat.

ARQUEOLOGIA INUIT

Tradicionalmente, os Inuit vivem ao longo das costas; portanto, não é surpreendente que a maioria dos sítios arqueológicos Inuit, Thule e Palaeo-Eskimo sejam encontrados perto do mar. No entanto, alguns sítios também foram identificados no interior, provavelmente devido a movimentos sazonais no objetivo de aquisição de matéria-prima, para o caribu caça ou armadilha. Assim, dois sítios Inuit foram identificados nas margens do Rio George: um perto de sua foz e outro na Ilha Ford. Os raros locais de arte rupestre descobertos no Ártico canadense estão todos localizados na região de Kangirsujuaq, na Ilha Qikirtaaluk em Nunavik. Existem pinturas rupestres representando exclusivamente rostos vistos de frente, com traços humanos, animais ou híbridos. Essas representações são atribuídas à cultura de Dorset, que habitou o Ártico entre 500 AC. AD e 1500 AD. Os rostos encontrados em locais de arte rupestre também se parecem com máscaras esculpidas pelos Dorsets. Entre os locais listados até o momento, o mais importante é, sem dúvida, o de Qajartalik, localizado perto da aldeia de Kangirsujuaq, no nordeste da ilha. Existem mais de 170 faces esculpidas em um afloramento de pedra-sabão (pedra-sabão) há cerca de 1.500 anos. A maioria das faces é simétrica. Alguns deles têm chifres e características felinas. Essas representações provavelmente tinham uma conotação espiritual para o povo de Dorset. Infelizmente, os petróglifos Qajartalik foram vandalizados em várias ocasiões. Os sítios arqueológicos identificados de origem nativa americana são encontrados nas margens do Rio George e seus afluentes. Estes são sítios históricos nativos americanos (Naskapi) e pré-históricos (Naskapi e arcaicos). Entre eles, o Mushuau Nipi, ou lago do Hutte Sauvage, é considerado um local de grande importância na pré-história ameríndia do norte. Locais importantes :

* As montanhas Torngat contêm vários sítios arqueológicos. * Sítio arqueológico não muito longe da aldeia de Kangirsuq, onde foram encontradas as fundações de uma maloca que seriam os restos mortais de vikings que provavelmente teriam se hospedado na região no século XI.

* Parque Nacional Tursujuq : a pesquisa arqueológica descobriu mais de 58 locais de ocupação predominantemente Inuit, apenas quatro desses locais são Cree e um mostra as ruínas de um antigo posto comercial. * Inukjuak localizado na margem norte do rio Innuksuac é conhecido por seus muitos sítios arqueológicos.

* A pesquisa arqueológica tornou possível datar a chegada ao sítio Ivujivik dos Inuit da Ilha de Baffin em quase 3.000 anos. * Kuujjuarapik, a pesquisa arqueológica situaria entre 600 e 800 anos a idade dos vestígios de ocupação humana dos lugares.

* Quaqtaq, ocupada, segundo escavações arqueológicas recentes, por vários povos durante 3500 anos.

* Objetos encontrados na Ilha Qikirtaq durante escavações arqueológicas em três locais (Keataina, Tyara, Toonoo) atestam que o povo Dorset ocupou a região de 800 aC a 1000 dC. Acredita-se que a máscara de Sugluk em miniatura, uma escultura de marfim de 2 cm encontrada no local de Tyara, data de 400 a.C.

CANIBALISMO

Território do Extremo, o Ártico também é o local de comportamento limítrofe, como o de Ataguttaaluk, apelidado de "rainha de Igloolik" pelos Qallunaats, que se tornou um famoso xamã que sobreviveu à fome de 1905-1906 comendo seu marido e seus filhos. E seus companheiros nos campos que morreram de fome. Desde então, o termo Inukturvik (lugar onde comíamos humanos) é comumente usado pelos Inuit para designar Igloolik, lugar da tragédia. Aqueles que comiam humanos (niqiturniq) estavam sujeitos a severas proibições alimentares ; tinha-se que comer à parte de alimentos bem cozidos e nunca consumir carne de urso polar que tem o mesmo gosto de carne humana, abster-se de todas as relações sexuais e evitar o contato com outras pessoas, suas armas e ferramentas. Apenas crianças pré-púberes e mulheres pós-menopáusicas serviram como intermediários. Depois de sua aventura canibal, a grande xamã Iktuksarjuat realizou por vários meses o rito propiciatório acordado para apaziguar as almas dos mortos que ela havia consumido. Ela então se casou com aquele que se tornou o "Rei de Igloolik", um dos principais chefes da região. O ano seguinte ao novo casamento de Ataguttaaluk foi rico em nascimentos na comunidade e ela também ficou grávida, um sinal de que os espíritos a perdoaram. Por dez anos, ela desistiu da adoção para famílias em luto, seus filhos recém-nascidos como dívidas de sangue, criando assim com seus credores relações de qiturngaqatigiit (aqueles que têm um filho em comum) e também de nuliksariit (aqueles cujos filhos são prometidos em casamento). Todos os filhos de Ataguttaaluk receberam os nomes das vítimas que uma vez salvaram sua vida, respeitando o costume de satisfazer as almas dos falecidos dando seus nomes aos primeiros filhos nascidos em sua família para restaurar o equilíbrio quebrado do grupo. . Sua aventura extraordinária fora do comum fortaleceu seus poderes xamânicos e impôs respeito misturado com medo. Tornou-se um mito durante sua vida, sua história foi passada de geração em geração através dos descendentes abundantes resultantes de seu novo casamento com Iktuksarjuat. Após a morte da sobrevivente, seu nome foi dado a muitos bebês, nascidos naquele ano. Em 1960, o complexo escolar Igloolik foi nomeado em sua homenagem e em 2004, 100 anos após seu ato de sobrevivência, mais de cem descendentes de Ataguttaaluk foram a Inukturvik para homenageá-lo. Outra história vivida de transgressão do canibalismo a fim de respeitar a linhagem aconteceu em Nunavik onde os habitantes da aldeia de Kangiqsualujjuaq guardam em memória de um ancestral que se sacrificou para garantir a sobrevivência de seus descendentes. A caminho de Labrador, uma família se viu no fim de sua reserva de comida. A avó convenceu sua família a deixá-la morrer e depois comê-la para garantir sua sobrevivência. Ela prometeu a eles que se eles honrassem seu desejo, eles teriam uma descendência prolífica. Em meados da década de 1960, havia mais de 300 Inuit desta avó que se sacrificou por sua família.

INUIT RUPEST PALEO

QAJARTALIK

Qajartalik é um sítio rochoso localizado no Estreito de Hudson, na região marinha de Nunavik (norte de Quebec). Existem mais de 180 gravuras de rostos com características humanas, incluindo, em alguns casos, atributos de animais. Esses petróglifos são distribuídos principalmente por dois grandes afloramentos de pedra-sabão comumente chamados de "pedra-sabão". É um lugar antigo onde as imagens foram gravadas pelos Dorsets que habitavam o Ártico antes dos Thule-Inuit. No entanto, desde sua descoberta, Qajartalik tornou-se de grande interesse cultural para os Inuit da vila de Kangiqsujuaq, que hoje se consideram os guardiões deste lugar.

Qajartalik, um termo na língua Inuktitut, significa "o lugar onde há um caiaque". Embora esta nave não seja retratada nas rochas, a formação geológica oval e oca onde o local é encontrado pode ter inspirado seu nome.

CAIAQUE

Barco multifuncional usado para caça de arpão (foca ou beluga), para lançar redes, matar caribu em vaus. Sua estrutura leve e nítida é coberta por peles de foca rapadas, esticadas e costuradas. O caiaque é desenhado à imagem do corpo de um vertebrado : tem uma espinha (a quilha) à qual estão fixadas as costelas (as pranchas) e um sexo masculino (o arco denominado isuujaq = que se parece com um pênis). O esterno do caribu que se transforma na proa do caiaque é denominado uirniq, (que sobe) construído sobre a raiz iuk (marido) e que, portanto, designa a parte frontal e elevada do caiaque e o trenó puxado por cães, a identidade principal sinais do outfitter masculino e do caçador. Normalmente, a estrutura do caiaque é feita de madeira flutuante, osso de baleia e chifre, depois peles de foca esticadas formando a pele externa. A coisa toda foi finalmente montada com correias de pele de foca e tendões de caribu. Para evitar que areia ou seixos perfurassem o revestimento, uma velha foca ou peles de caribu cobriam a parede interna. O remo longo com lâmina em cada extremidade é feito de madeira. Com 6,5 m de comprimento e 0,75 m no ponto mais largo, este barco era forte o suficiente para transportar um caçador adulto e a foca que ele acabava de matar. O oumiak é um grande barco usado para a transumância de uma família e todos os seus pertences entre os acampamentos de verão e inverno, se necessário. Como eram as mulheres que remavam, era chamado de "barco das mulheres" que transportava tendas, roupas, utensílios de cozinha, ferramentas, armas e até cachorros.

O site Qajartalik está localizado no Estreito de Hudson na Ilha de Qikertaaluk, perto da Baía de Whitley. Os petróglifos localizam-se em uma longa depressão granítica, cortada por veios de pedra-sabão, que forma uma bacia que se estende por cerca de 30 metros. A paisagem de tundra herbácea no norte de Nunavik é apresentada na forma de grandes extensões de musgos, líquenes, gramíneas e plantas com flores, bem como afloramentos rochosos intercalados com incontáveis lagos e rios que cruzam vastas planícies, vales e colinas.

Dorset, Thule, Inuit

Qajartalik é uma antiga pedreira que era frequentada por diferentes povos que exploravam a pedra-sabão ali para fazer objetos úteis, como lâmpadas a óleo e panelas. O local também foi utilizado para a produção de pinturas rupestres, imagens esculpidas em pedra. A cultura Dorset (550 aC - 950 dC) foi amplamente difundida no Ártico canadense. Esses caçadores-pescadores-coletoresos nômades subsistiam principalmente de mamíferos marinhos, como focas e morsas. Os dorsets são particularmente conhecidos pela sua arte móvel, ou seja, pequenas esculturas de animais, amuletos ou objetos associados ao xamanismo, como masquetes e miniaturas de estatuetas

em marfim e madeira flutuante os nômades subsistiam principalmente de mamíferos marinhos, como focas e morsas. Os dorsets são particularmente conhecidos pela sua arte móvel, ou seja, pequenas esculturas de animais, amuletos ou objetos associados ao xamanismo, como masquetes e miniaturas de estatuetas em marfim e madeira flutuante.

Por volta de 1150 CE, a cultura Dorset morreu. Embora as opiniões sobre o motivo desse desaparecimento estejam divididas, foi sugerido que o desaparecimento dos Dorsets segue o aquecimento global que pode ter prejudicado seu sustento. Foi nessa época que os Thule-Inuit migraram do oeste para o leste do Ártico. Na tradição oral, os Inuit referem-se ao Dorset usando o termo "Tuniit".

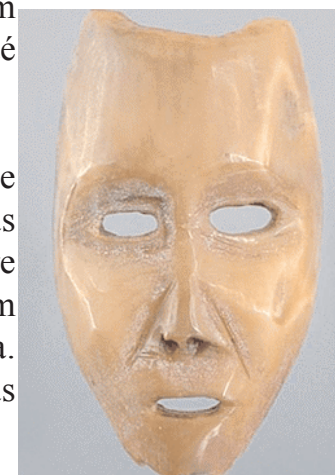
A cultura Thule se desenvolveu no noroeste do Alasca cerca de 1.000 anos atrás e então migrou para o Ártico canadense. Foi durante o século 13 DC que grupos Thule-Inuit chegaram a Nunavik. Eles são os ancestrais diretos dos Inuit hoje.

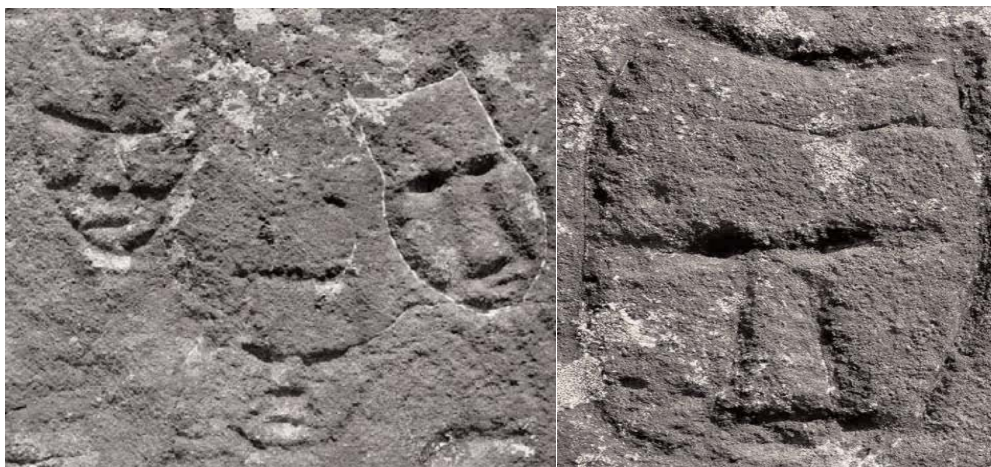
O povo Thule é caçador de grandes mamíferos marinhos, como a baleia-borboleta. Dependendo da disponibilidade de recursos, deslocavam-se constantemente no território estabelecendo acampamentos por períodos mais ou menos longos, mantendo grande mobilidade graças ao caiaque, ao umiaq (grande barco coberto por peles de foca) e ao trenó puxado por cães.

Não sabemos a idade precisa dos petróglifos em Qajartalik, mas eles estão associados ao Dorset, devido ao seu estado de preservação e porque estilisticamente se assemelham à sua arte móvel. Assim, essas imagens podem ter mais ou menos mil anos.

As 180 faces de Qajartalik

Cerca de 180 gravuras de rostos foram identificadas em Qajartalik. Sempre representados de frente, medem geralmente entre 10 e 30 cm, embora encontremos alguns medindo cerca de 3 cm, bem como alguns 60 cm. A largura e a profundidade das listras variam de aproximadamente 1 cm a alguns milímetros. Esses rostos têm características humanas que às vezes são antropo-zoomórficas. Algumas imagens híbridas combinam características humanas com elementos que lembram chifres ou orelhas pontudas. Algumas representações são gravadas com linhas no queixo que podem sugerir tatuagens, enquanto outras parecem ter bochechas inchadas e boca entreaberta, o que pode representar o ato de soprar, cantar ou mesmo falar. Embora algumas gravuras sejam isoladas, a maioria faz parte de grupos de até dez figuras.

Faces esquemáticas semelhantes às de Qajartalik foram encontradas gravadas sozinhas ou em grupos em porções de chifre de caribu, marfim de morsa ou osso, bem como em raras máscaras de madeira. Provavelmente eram usados pelos xamãs durante os rituais.

Comparações estilísticas entre pinturas rupestres e objetos de arte móveis parecem indicar que essas imagens foram gravadas no final da cultura Dorset. Foi um período caracterizado por grande tensão cultural. As mudanças climáticas afetaram a presença de caça enquanto o povo Thule gradualmente se estabeleceu no território de Dorset. É possível que o aumento das atividades xamânicas e a produção de gravuras a elas associadas possam ter ajudado a lidar com essas mudanças.

Os rostos gravados também podem referir-se aos ancestrais ou representar o desejo de marcar a presença dos dorsetianos na paisagem. No que se refere à atividade de extração da matéria-prima, também pode ser um gesto simbólico de troca com os espíritos: uma gravura em troca do material útil para a fabricação de uma lâmpada ou de um recipiente. Interpretados sobretudo em um contexto xamânico, esses rostos também poderiam representar os diferentes estágios de transformação de humano em animal.

Les cornes arrondies

ASTRONOMIA

As estrelas eram muito importantes para os Inuit, assim como para todos os povos caçadores. O tempo foi calculado de acordo com os movimentos previsíveis dos corpos celestes familiares: as estrelas, o sol e a lua. A trajetória dessas duas luminárias celestes e o paralelo das estrelas constituem para os Inuit o símbolo da ordem cósmica sublinhada por grandes rituais, em particular ritos de passagem. Todos os anos, durante o inverno polar, a lua cheia entre novembro e fevereiro se movia no céu sem nunca se pôr, com uma trajetória simétrica à do sol da meia-noite de verão, mas invertida; vamos, portanto, falar de uma lua cheia ao meio-dia. C é neste ponto que os Inuit organizaram celebrações rituais que deram lugares a tivaajut múltiplos torneios de canto de garganta e trocas conjuntas para impulsionar os ciclos cósmicos e aqueles da vida terrena para o renascimento da primavera. Para tanto, cada um teve que imitar o grito do pássaro cujos restos mortais foram usados para limpá-lo ao nascer. Vários mitos narram a origem das constelações humanas e animais. Um dos mais exemplares é o dos ullaktut, os caçadores de ursos : em uma noite sem lua, um urso foi visto perto de um acampamento, os caçadores imediatamente saíram em perseguição em trenós puxados por cães. De repente, assim que os caçadores fugiram dos cães para deter o urso, este, os cães e os caçadores gradualmente subiram para o céu. Os cães se tornaram as Plêiades (sakiattiat) que cercam o urso (nanurjuk - Alcyone) enquanto os caçadores formam os ullaktut (aqueles que correm) o Arreio de Órion. Um velho cão da equipe, mais lento do que os outros, ficava a meio caminho entre os caçadores e o urso; é Kajurjuk (Aldebaran).

A história astronômica mítica dos Inuit pode ser vista como um longo processo de diferenciação em elementos opostos, antagônicos e complementares (ver mitologia). Este processo começa com a diferenciação dos sexos (Irmã-Sol e Irmão-Lua), segue-se do dia (corvo) e da noite (raposa), dos mortos (o duplo da alma) e dos vivos (l 'nome da alma), guerra e paz. Sila constitui o seu princípio dinâmico, através das oposições bom tempo (nigiiq-feminino-vento sudeste) e mau tempo (Unnaq-masculino-vento Noroeste). Um eclipse solar total é um evento dramático porque os Inuit temiam o abalo dos pilares da Terra e a destruição do mundo, uma alusão à paixão incestuosa do Irmão Lua pela Irmã Sol.

Assim, a ordem de Sila, fonte de renovação dos ciclos cósmicos e vitais, foi ameaçada pela repetição do incesto, cujo eclipse é o sinal anunciador. Hoje, o conhecimento tradicional Inuit sobre as estrelas e as tradições relacionadas às estrelas estão desaparecendo rapidamente nas comunidades do Ártico. Nunavik não é exceção. Muitos outros fatores dificultam a transmissão do conhecimento tradicional Inuit de uma geração para a outra. As condições que levam ao aprendizado das estrelas, em particular, simplesmente não existem mais. Longas viagens ao ritmo de cães de trenó, durante as quais os inuítes paravam para acampar, ofereciam oportunidades ideais para transmitir bem esse conhecimento. Os mais velhos lembram que seu pai apontava as estrelas para eles quando, quando crianças, se sentavam ao lado dele no trenó; outros se lembram de sua mãe explicando as maravilhas do céu para eles enquanto esperavam os homens terminarem de construir o iglu para passar a noite. As viagens feitas pelos atuais caçadores Inuit de snowmobile, a antítese das viagens de trenós puxados por cães, deixam pouco tempo para admirar as estrelas. Além disso, alguns Anciões Inuit notaram que não percebem mais as estrelas tanto quanto no inverno devido ao brilho causado pela iluminação noturna nas comunidades. A "poluição luminosa" agora afeta todas as comunidades do Ártico canadense. As principais estrelas das mulheres Inuit :

Aagjuuk Duas estrelas As duas maiores estrelas da constelação da Águia (Aquila), nomeadamente Altair e Tarazed. Nas proximidades de Kangiqsualujjuaq, os Inuit usaram essas estrelas para navegar quando flutuaram no gelo marinho durante a caça às focas.

Angmaluktuq Redondo, lua cheia circular.

Aurora boreal de Aqsarniit

Pulamalangajuq Cubra com um cobertor Eclipse do sol ou da lua

Quturjuk Clavicles Uma combinação das seguintes estrelas: Capella e Menkalinan (constelação Coachman, Auriga) e Pollux e Castor (constelação de Gêmeos, Gêmeos)

Sakiatsiak Sternum - As Plêiades (constelação de Touro, Touro)

Pulsação Singuuriq, que aumenta e diminui A estrela Sirius (constelação Canis Major, Canis Major)

Siqiniq Sun

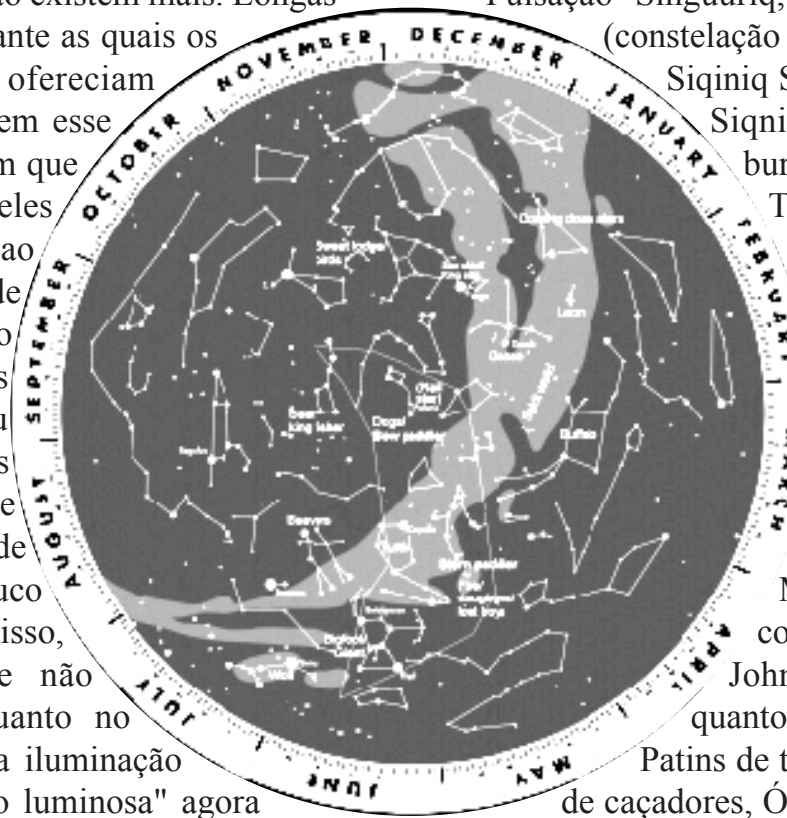
Siqniq Agluatuq Buraco de aglu, literalmente buraco de ar da foca Um halo ao redor do sol

Taqiilaq Sem lua Lua nova

Lua Taqqiq A influência da lua nas marés, principalmente na lua cheia e na lua nova, foi bem compreendida. O período em torno da lua cheia era conhecido como Ingaqaniqtumarik, um nome que se refere às fortes correntes de maré que ocorrem nessa época.

Tuktujuk Caribou - a Ursa Maior (Ursa Maior). A estrela polar. O Inuit usou esta constelação. dizer que horas são. De acordo com Johnny George Annanack, era "tão confiável quanto um relógio".

Patins de trenó Ullautut, Cinturão de Órion (constelação de caçadores, Órion)

Ulluriallak Big Star - Provavelmente o planeta Vênus

CALENDARIO INUIT - TEMPORADAS - MESES

Os Inuit distinguem seis temporadas. Primeiro, há upingaassak, (material da primavera) o período que anuncia a primavera, uma estação de turbulência com muitas tempestades de neve e nevascas. Os dias começam a se alongar, os blocos de gelo ganham vida, as focas aneladas começam a dar à luz perto dos orifícios de ventilação enquanto os ursos polares farejam o nariz ao vento para sentir o movimento dos casacos brancos e ensinar seus caçadores. Lemmings tem sua ninhada em seu ninho enterrado na neve, raposas estão à espreita. Caribou deixa as florestas na borda da linha das árvores para migrar para a tundra trazendo os lobos com eles. Então vem upingaak, primavera. O sol está caindo sobre o gelo que está se partindo em pedaços de gelo, os futuros leitos das morsas. A água do degelo escorre e cria um fermento de verde e azul na superfície do gelo marinho. Ratos e lemingues não estão mais seguros, além de raposas, falcões, corujas e corujas os perseguem incansavelmente dia e noite. Aves migratórias (eiders, gansos, gansos, mergulhões, andorinhas, gaivotas, etc.) aparecem às centenas de milhares para ocupar o seu local de nidificação na tundra, nas falésias e na costa. As flores e ervas explodiram em uma explosão de vida; de repente aparecem enxames de mosquitos que se reproduzem e se movem constantemente. Ptarmigan, lemingues, arminhos, lebres, doninhas começam sua muda, narvais, baleias-da-cabeça-branca e baleias-beluga nadam ao longo de canais cheios de krills que invadem às centenas de milhões as águas árticas das quais se empanturrarão.

Aujak, o verão, é uma época de fartura. Todas as espécies animais se empanturram o dia todo, constituindo sua reserva de gordura e energia, principalmente para as espécies migratórias com vistas ao retorno ao sul. Aujak também é um período de educação intensiva para recém-nascidos que devem aprender em tempo recorde como se alimentar e lutar contra predadores. Vários pássaros como o ganso estão em plena muda e não podem voar para a felicidade das raposas. A tundra úmida é pontilhada por frutas vermelhas. Por outro lado, aldeias Inuit como Salluit estão sofrendo as consequências prejudiciais do derretimento do permafrost devido ao aquecimento global. No final do verão, o sal ártico deixa o mar para retornar à água doce dos lagos e rios, áreas de desova. Depois veio o ukiassak, outono, literalmente "matéria para o pequeno inverno", portanto um período de preparação para o frio. A grama está murchando, as bagas foram colhidas, os insetos estão desaparecendo, as temperaturas estão caindo, o gelo está se formando, a pele ou a plumagem de inverno está ficando mais espessa, os lagópodes, lobos e raposas ficam brancos, termina o cio, gansos, gansos, eiders formam gigantescos veleiros e rumam para o sul, os lemingues voltam para suas tocas, as luzes do norte iluminam o céu, a noite fica mais longa, todo o equipamento para o pequeno inverno está pronto finalmente para receber ukiak, o pequeno inverno. Bilhões de flocos (qaniq) cobrem o solo enquanto o gelo marinho se reforma sob a ação de ventos fortes e marés poderosas. As ursos polares fêmeas voltam ao seu covil para dar à luz e hibernam em segurança como doninhas, esquilos terrestres, lemingues em suas tocas, enquanto charutos e trutas nadam nas águas temperadas no fundo dos lagos. De repente, o tempo parece ter parado, começa a noite ártica, aqui é ukiuk no meio do inverno. O frio extremo já faz com que algumas vítimas sejam rapidamente recuperadas pelos catadores. Focas com suas longas garras arranham os blocos de gelo e mantêm seus orifícios de ventilação, matilhas de lobos perseguem rebanhos de caribu e almíscar, enquanto raposas desenterram suas provisões de inverno de ovos e lemingues enterrados.

No ano para sobreviver à fome frequentemente presente neste período do frio polar. Os dias ficam cada vez mais longos e anunciam o upingaassak, um novo ciclo começa com o mês de março (ikkiakparmi - o sol nasce), seguido de abril (nascimento das focas bebês), maio (netchialervi - focas jovens vão para o mar), junho (kavarirvi - focas se aquecem ao sol ou norerwik - o pequeno caribu nasce), julho (noerivi - caribu têm seus primeiros chifres ou ichyavi ou itavik - nidificação de pássaros), agosto (itavik aipa - pássaros perdem sua penugem), setembro (amerairui - migração para o sul de caribu ou amerasoukapa - as fêmeas perdem seus chifres), outubro (ukighapaipa - início do inverno), novembro (akaaiarivi - reserva de carne para o Inuit), dezembro (kikkerlinium - o sol desaparece ou ubluilaut - nenhum dia ou amanhecer), janeiro (kaprida - está frio), fevereiro (hikkernaum - retorno do sol)

COSMOLOGÍA INUIT

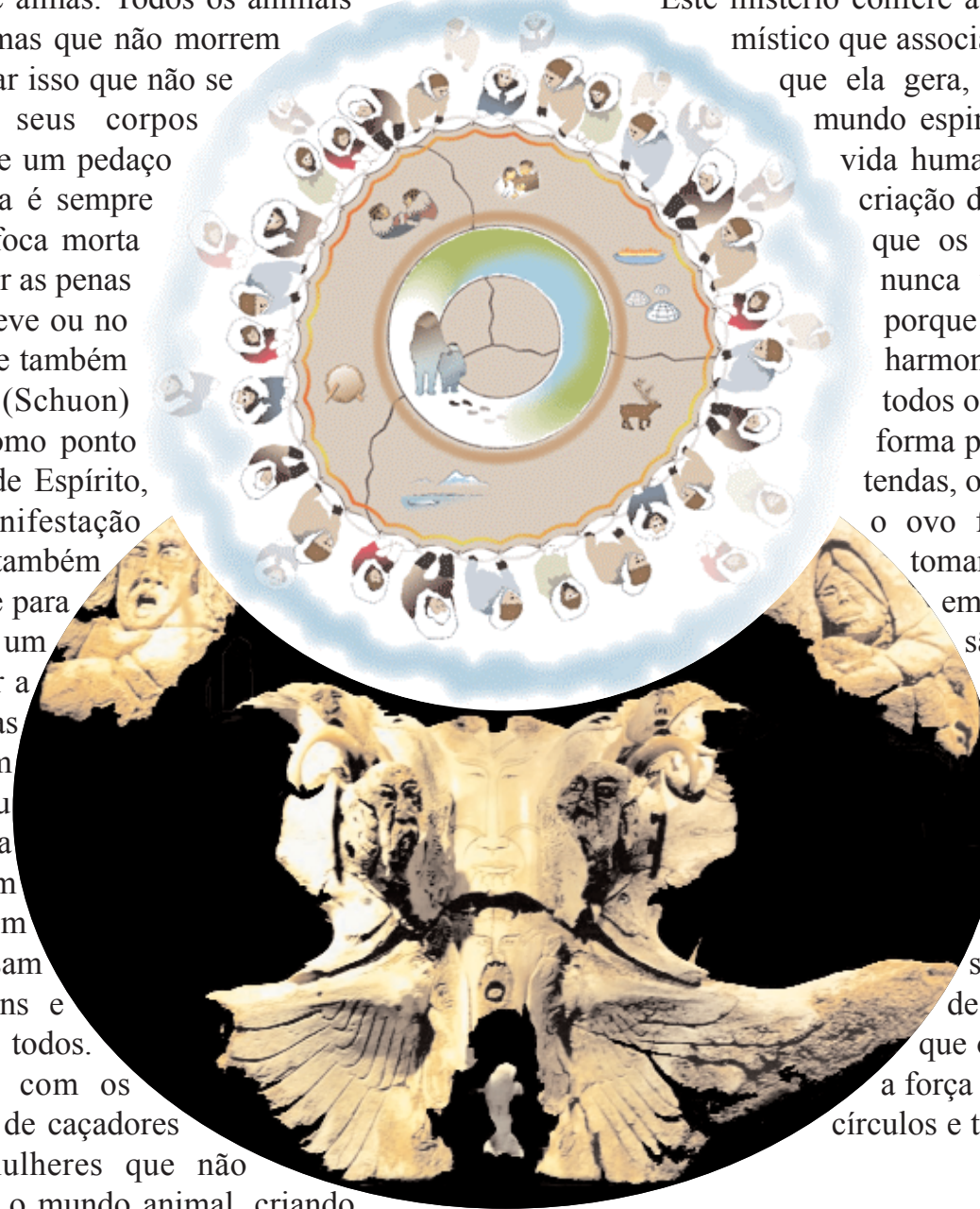
No começo não havia dia, nem morte, nem guerra. Não havia estações também, sem luz, sem gelo no mar, sem tempestades, sem tempestades, sem relâmpagos, sem ventos. De repente, da terra, privado de todos os habitantes, graças à força cósmica (Sila), ressurge dos montes de terra (niaquqtaak) e da turfa vida humana na forma de dois homens Inuit : Uumarnituq e Aakulujjuusi. A primeira foi tomada por esposa pela segunda e engravidou, com a barriga saliente. Quando estava para dar à luz, vendo que não havia saída, sua companheira compôs uma irinaliuti (canção mágica = ato xamânico) e agora o pênis se divide em dois e sai um bebê. Então apareceu o corvo que queria a luz do dia para encontrar sua comida e a raposa que prefere a noite para caçar. A alternância de dia e noite foi então criada. A cosmologia inuit, portanto, se desdobra na imagem da gestação que começa com a vida uterina na escuridão e na fusão com o corpo materno (mãe terra) e termina quando a criança nasce. Desde aquele dia o ciclo da vida humana como o ciclo sazonal da Mãe Terra concordam com o significado da Sila do Universo

A teoria da alma Inuit e da reencarnação pode ser resumida da seguinte forma : cada pessoa tem, durante sua vida, uma alma dupla (tarniq), uma imagem em miniatura da pessoa, encapsulada em uma bolha de ar (pudlaq) e alojada em o lado da virilha; também tem uma alma / nome (atiq), um princípio psíquico herdado de uma mente que inclui a soma das experiências e capacidades acumuladas por todos aqueles que anteriormente tinham um nome. Quando alguém morre, sua alma / duplo escapa da bolha e assume o tamanho da pessoa de quem é uma réplica. Ela vai rondar o local do cemitério até que a alma / nome consiga reencarnar. Para tanto, a alma / nome do falecido necessita que a mulher em que deseja entrar saia de sua casa para ir urinar e, ao fazê-lo, abrir uma passagem para ele. O desejo expresso pela alma tem um efeito de incentivo imediato e causa na mulher uma necessidade urgente de urinar. A virilha feminina torna-se uma entrada para a alma e uma saída para o feto. Uma vez realizado, a alma / duplo vai viver no além enquanto a alma / nome revive em um feto e, portanto, entra em um novo ciclo de vida humana.

ESPIRITUALIDADE INDÍGENA

O Universo como pensamento / palavra, é uma poética que se materializou ao se combinar com os materiais para formar um poema visual de formas, cores, sensações; o Universo é como um poema que cria sua própria linguagem verbo-voco-visual de acordo com a tradição arcaica dos primeiros povos. À beleza material das formas é justaposto que não menos misterioso e imaterial da Respiração, da Palavra, da Palavra expressa por cânticos inuítes na garganta e outros cantos xamanistas universais na origem de "No início era a Palavra" de a Bíblia. No Universo do xamanismo, uma ordem única conecta o mundo humano ao cósmico por meio do "pilar de ouro", uma espécie de interconexão entre os seres vivos naturais e os seres sobrenaturais. Natureza, homem, objetos são todos parte da dimensão sagrada da Terra e do Céu. Todas as tradições arcaicas vivem no espaço, não existe tempo linear, tudo é cíclico. No mundo das Origens, a natureza não é um símbolo das realidades espirituais, é "a" espiritualidade.
"Em suma, o sagrado é um elemento da estrutura da consciência e não uma etapa da história dessa consciência. Nos níveis mais arcaicos da cultura, viver como ser humano é em si um ato religioso, porque comida, sexo e o trabalho tem valor sacramental ".

O mundo é uma catedral e todos os seres vivos, humanos, animais, plantas e até mesmo toda a matéria "inerte" - montanhas sagradas - são portadores de almas. De inspiração xamanística, a cosmologia ameríndia e inuíte também concebem a presença do Espírito (Isuma) em todas as formas naturais e além de todas as formas. No mundo nativo, não há lugar para o leigo. Tudo na vida é sagrado e isso sem dúvida explica porque não o termo preciso não traduz a ideia de religião como a conhecemos. Eles não precisam de Deus, eles não o nomeiam. Eles não são teólogos que estudam o divino porque são o divino, são parte integrante dele. O Inuit tinha o maior respeito pelo mundo vivo (nuna).

Como todos os caçadores nativos, eles acreditam que o próprio ato de caçar e matar para comer faz parte de um poderoso ritual religioso. "O maior perigo para a vida", disse um inuk de Igluit, "é que a comida humana seja inteiramente feita de almas. Todos os animais que matamos e comemos têm almas que não morrem com o corpo. E devemos apaziguar isso que não se vingem do que tiramos de seus corpos "(Schreiber, 1980). É por isso que um pedaço de fígado de morsa ou de beluga é sempre jogado de volta ao mar, quer a foca morta receba água fresca para beber, quer as penas de pássaros sejam plantadas na neve ou no solo. Esta forma de espiritualidade também chamada de "polissintetismo" (Schuon) implica que qualquer criatura, como ponto de partida, pode chegar ao Grande Espírito, visto que tudo é Sua manifestação misteriosa. . A noção de respeito também é essencial na cultura Inuit porque para os Inuit, a falta de respeito por um animal ou um humano pode levar a dificuldades durante as próximas caças. O termo qikkutik também corresponde à vergonha ou arrependimento que uma pessoa pode sentir se desrespeitar um animal. Não está longe o tempo em que homens e animais conversam entre si. A aliança entre homens e plantas, ar e água era óbvia para todos. Os animais deixaram de falar com os homens seguindo a falta de jeito de caçadores desrespeitosos aos ritos ou mulheres que não mantinham a distância certa com o mundo animal, criando assim monstros, anões, gigantes, mutantes: os tupilaks. Para eles, o maior temor vem da certeza de que o desrespeito às regras da natureza leva ao desaparecimento do ser humano ou ao retorno ao estado animal. Como a maioria das outras sociedades indígenas, eles consideravam viver em harmonia com a natureza sua "arte" suprema. Este mistério confere às formas naturais um significado místico que associa ordem e harmonia com a beleza que ela gera, mas também significa que um mundo espiritual formidável está ao lado da vida humana da qual nos protegemos pela criação de amuletos protetores. É por isso que os Inuit dos tempos pré-históricos nunca tiveram uma palavra para arte, porque eles não precisavam dela. Toda a harmonia do cosmos, da terra, incluindo todos os vivos, está inscrita no círculo da forma perfeita que gera a vida. Assim, as tendas, os iglus, as lareiras são ovais como o ovo fértil. Os magos, reunidos para tomar decisões importantes, sentam-se em círculo. Em um círculo, todos são iguais, então só podem eclodir sabedoria, verdade, justiça, uma filosofia muito bem articulada pelo termo miyupimaatisiium: "estar bem na vida". As palavras ancestrais de Black Elk, oglada shaman, contadas por TC Mc Luhan danS Descalço no solo sagrado, expressa bem este ponto de vista: "Vocês notaram que tudo o que o índio faz é circular. Isso porque a força do universo também funciona em círculos e tudo tende a ser redondo.

.

(…) O céu é redondo e ouvi dizer que a terra é redonda como uma bola e todas as estrelas também. Quando o vento sopra mais forte, forma redemoinhos. Os pássaros fazem os seus ninhos em círculo porque têm a mesma religião que nós . O sol nasce em um círculo e se põe da mesma maneira. A lua faz o mesmo e ambas são redondas - Mesmo a mudança das estações forma um grande círculo e sempre retorna ao seu ponto de A vida dos seres humanos descreve um círculo - desde a infância para a infância - e também tudo o que é animado pela força do mundo. Nossas tendas eram redondas como ninhos de pássaros e sempre foram plantadas em um círculo, o Anel da Nação, um ninho feito de muitos ninhos onde, de acordo com a vontade dos Grandes Es levou, nossos filhos nasceram ". O círculo é o símbolo de uma filosofia que defende a integridade de um modo de vida cujas qualidades foram comprovadas por centenas de gerações; enquanto a perda do círculo é uma tragédia da perda do comportamento social de membros de uma tribo ou aldeia.

MITOLOGIAS (a)

Mitologias e lendas inuítes chegaram até nós graças a contos e esculturas dominadas por temas e personagens da vida espiritual. A noção fundamental da mitologia Inuit é a de equilíbrio; equilíbrio entre inverno e verão, entre dia e noite, entre vida e morte, tudo é animado, tudo tem alma. Relatos míticos mostram que a criação dos animais foi paralela à construção da humanidade. Havia pouca diferença entre eles, uma vez que compartilhavam as mesmas faculdades e se entendiam. Formaram laços íntimos e fortes por meio do casamento e da adoção. Por uma demografia muito forte, as ilhas ancestrais, berço dos seres, corriam o risco de afundar, os seres, a desaparecer. É assim que a diferenciação cresceu, cada um se afirmando como uma categoria separada; para manter o equilíbrio, o Inuk se tornará um caçador e os animais se tornarão uma caça. Sila é a personificação da ordem universal. Na terra, constitui o ar respirado pelos homens e animais e constitui um elo entre eles impondo respeito pelas regras da vida, a boa inteligência necessária para manter boas relações entre espíritos, humanos e animais. Ele é temido porque, se ele está chateado, o desencadeamento de seus elementos leva à fome e à morte. Inuusiq está intimamente ligado ao corpo. É o princípio vital comum a todas as entidades materiais. Esta vitalidade se manifesta em humanos e animais por meio do sangue, secreções corporais, incluindo sêmen, calor corporal e respiração. Ao contrário de Inuusiq, cujo princípio vital anima o corpo e desaparece com ele na morte, aqui está Tarniq, componente invisível e imortal (a alma), que pode escolher um novo envoltório corporal animal ou humano. As histórias míticas existem para nos lembrar que o equilíbrio cósmico do qual o homem participa é frágil e que todas as transformações em uma das esferas afetam as demais por se interpenetrarem. Entre as histórias de fundação, está a história de Aningaq (Irmão-Lua), o homem que comete incesto com sua irmã. Envergonhados, eles fogem para o céu com tochas para guiá-los. O irmão se levanta mais rápido, sua tocha se apaga e ele se torna a lua. Sua irmã passa por ele e continua seu caminho e sua tocha se torna o sol. Desde aquele dia, a lua e o sol foram estrelas irreparavelmente separados. A lua, que também é o paraíso Inuit, é masculina e o sol feminino. Com este mito da Irmã-Sol (Siqiniq) e do Irmão-Lua, começa uma nova etapa da cosmogênese Inuit, a de fortalecer as grandes regras de compartilhamento de papéis que estabelecem a sociedade humana, regulamentando a proibição do incesto, fundando a troca matrimonial, obrigação dos pais solidariedade e cuidado das viúvas e órfãos, regra da partilha do jogo.

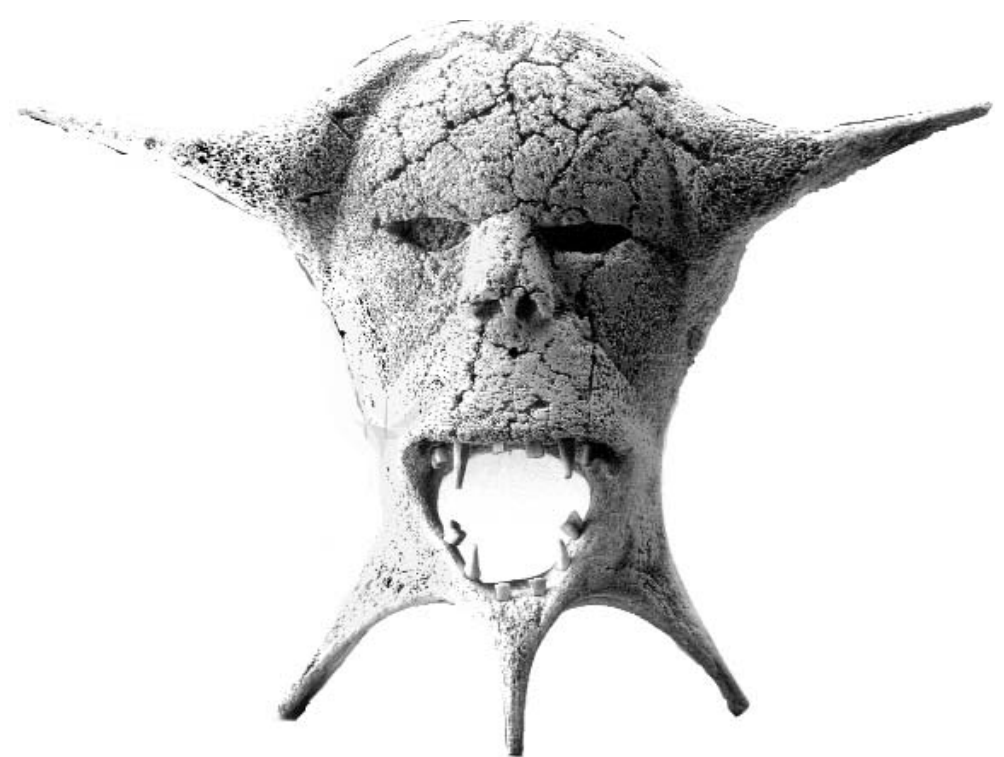
Sedna é "moradora interna" ou "Numen" - Ela é uma imaginação cultural de boa relação com a natureza, ela não é uma deusa nem uma divindade. Sedna representa uma parte importante da cosmologia Inuit - uma explicação da relação entre os humanos e a natureza. Sedna, como um habitante ou numen, é um conceito semelhante ao conceito científico de gravidade, assim como sila é como o conceito científico de força climática.

Qualquer violação das regras leva a represálias, como nos conta a história de Sedna. "A mulher de baixo no fundo do mar" Sedna, é uma deusa do mar de incrível poder, pois é ela quem controla a caça aos animais marinhos. Segundo a lenda, Sedna se casa com um cachorro e depois com um pássaro, o terrível fulmar do norte, o que a deixa muito infeliz. Ela foge com seu pai, mas seu marido furioso se transforma em uma tempestade tão devastadora que ele tem que jogá-la ao mar, pois o barco está em perigo de naufragar. Enquanto ela tenta agarrar e virar o barco, seu pai é forçado a cortar seus dez dedos que se transformam em focas, morsas, baleias, narvais, baleias beluga. A partir de agora, Sedna distribui as riquezas do mar aos homens que as merecem. Sua generosidade cessa se os homens quebrarem certas regras. Ela então retém todos os mamíferos marinhos na forma de piolhos misturados em seu cabelo. Nesse caso, apenas o xamã pode interceder para que ela perdoe e a vida marinha volte. Como ela não tem mais mãos e está cega, não consegue desembaraçar os cabelos, cabendo ao xamã visitá-la, pleitear a causa dos humanos, seduzi-la acariciando seus cabelos e, ao pintá-los, libertar piolhos / mamíferos marinhos. Assim, na realidade cotidiana, os meninos estão proibidos de olhar para as mulheres ao pentear seus cabelos. O despiolhamento mútuo era uma prática comum entre os inuit durante os dias em que as peles de pele eram o principal material para as roupas. Essa despiolhamento era até mesmo parte da abordagem amorosa. Freqüentemente, uma jovem era vista penteando o cabelo de um rapaz como um gesto de afeto.

Sedna, como filha mortal, era autodeterminada por resistir às expectativas do pai; ela fez suas próprias escolhas sobre com quem se casaria e onde moraria. O pai de Sedna representa uma relação desequilibrada com a natureza. Suas ações foram irresponsáveis e antinaturais. Ele não mostrou respeito pela alma, que é uma ética central para os caçadores Inuit. Ele escolheu salvar sua vida jogando a filha ao mar nas águas geladas do ártico, e então cortando seus dedos enquanto ela se agarrava ao lado de seu caiaque. Sedna permaneceu no fundo do mar, mas vingou o comportamento antiético de seu pai para restaurar a justiça e o equilíbrio. A transformação de Sedna de mulher humana em marinheiro foi consistente com sua capacidade de se fundir com outras formas de vida (ou seja, cães, fulmars) e aprender seus caminhos, borrando os limites das espécies, mas não as fronteiras de lâmina. Assim, Sedna, como anirniq-angakkuq (alma que é xamã), atravessa as almas de todos os seres. De acordo com a cosmologia orgânica e não dualística dos Inuit, o ser humano não se diferenciava de ser também um cachorro, um pássaro e um mamífero marinho.

Em resumo, a cosmologia Inuit de Sedna ilustra o tema da Natalidade, destacando a capacidade humana de `` aparecer " como uma pessoa diferenciada determinada a reconfigurar o mundo de uma maneira diferente e disposta a assumir a responsabilidade por quem ela é e pelo que faz.
Após a transmutação de Sedna em Mulher do Mar, ela continua a viver na "condição humana" de amar o mundo e ser interdependente com a família humana. Sedna expressa uma ampla gama de emoções, desde a frustração raivosa até o amor terno da mãe. Sua raiva é desencadeada na forma de tempestades e na retenção de animais marinhos que exerciam "poder supremo sobre os destinos da humanidade" e requeriam rituais para aliviá-la caso fosse ofendida.

O festival de Sedna não é celebrado anualmente, mas apenas quando o mau tempo ou a escassez de caça exigem, porque Sedna não solta os animais. O feriado é comemorado quando o acampamento está sob a pressão da fome. Seu objetivo é renovar as relações com a Sedna. Após a festa, dois xamãs mascarados, disfarçados de casal homem / mulher, organizam o emparelhamento de casais para "alegria" - a troca de parceiros sexuais. Os maridos temporários são chamados de "companheiros Sedna" e todos os filhos dessas uniões são "os descendência de Sedna "

Vários outros personagens míticos se enfrentam em batalhas que viram o céu e a terra de cabeça para baixo. Monstros, ogros, gigantes rondam em tempestades, esmagam iglus, matam cães; cabeças horríveis voam baixo para o chão perseguindo humanos. A morte é um tema recorrente nas lendas. É pela cabeça que a alma deixa o corpo; a morte constitui uma nova etapa no ciclo da vida, mas alguns mortos estão condenados a vagar eternamente nas montanhas Torngat (inferno). Este último, chamado Katjutaijuk, tem o formato de uma cabeça voadora com cabelos longos. À noite, eles se divertem pregando peças nos inuits como elfos. Diz-se que é com esses seres que as mulheres Inuit aprenderam o canto gutural. Os Tunits, gente pequena que mal se vê, perseguem quem está perto demais de onde moram. Por outro lado, é recomendável deixar alguma comida perto do local para que os Tunits tenham o que comer, pois são pequenos demais para serem caçadores. Cada um dos lagos contém um peixe gigante que se alimenta dos caribus ou dos caçadores que cruzam o lago. Essas histórias são, portanto, apresentadas como uma espécie de manual de uso do território que convém conhecer. Assim, as desventuras dos ancestrais devem servir de lição para seus descendentes. Por fim, os xamãs podem contar com seres auxiliares os Ijirait cujo nome significa o invisível, um povo de aparência humana cujos rostos apresentam certas características do caribu que os auxiliam na busca de soluções para os problemas terrenos. De torção em torção, os Inuit conseguiram eliminar um a um esses seres de humanidade incerta. Não mais sob a ameaça de anões, gigantes e espectros, os Inuit foram capazes de desenvolver sua sociedade de "homens por excelência". Mitos e lendas existem para lembrá-los de que os Inuit conseguiram restaurar a ordem em um mundo (Sila = universo) originalmente caótico.

LEYENDAS - HISTORIAS INUIT (el)

A tradição oral do conto fala de mulheres e homens, às vezes crianças e animais dotados de extraordinários poderes, força, coragem, tenacidade e até dotados de dons como a clarividência, colocando-os em contato com o mundo espiritual. Tanto para as lendas associadas principalmente à mitologia. É o contrário com a história que transmitiu informações sobre costumes, códigos morais, protocolos sociais, história familiar e acontecimentos, bem como a localização dos animais, seu comportamento, rastreamento, os principais locais, acampamentos, técnicas de aprisionamento, sem falar nos nomes dos locais. e vocabulário dedicado ao mar e ao continente. É assim que todo o conhecimento ancestral sobre a cosmologia Inuit, a história do povo, as provações e a luta pela sobrevivência foram perpetuados através da tradição oral. Em todas as sociedades, as lendas têm várias funções: codificar modos de comportamento, ordenar o cosmos, regular convenções sociais, inspirar pelo exemplo ou mesmo explicar vários fenômenos naturais que de outra forma seriam inexplicáveis. Essa forma milenar de contar histórias está particularmente presente na cultura Inuit. Aqui estão duas lendas :

1) Legenda de Luumaq. Guiado por sua mãe, um jovem Inuk cego atira em um urso perdido. A mãe era uma madrasta que sempre maltratava o filho. Ela disse que ele sentia falta do urso e guardou toda a carne para ela e sua filha. Felizmente, sua irmã veio secretamente para alimentá-lo. Sem o conhecimento de sua mãe, o menino recuperou a visão graças a dois mergulhões mágicos que o mergulharam no oceano. Mantendo o segredo de sua recuperação, a criança percebeu os truques da mãe. Preparando sua vingança, ele convenceu sua mãe a amarrar uma corda em sua cintura e de repente arpoou uma beluga arrastando a madrasta para o mar condenada ao castigo eterno. Ele ainda giraria em torno da terra agarrada a esse mamífero marinho. Seu grito lamentoso, que soa como "Luumaq", às vezes ainda ressoa para lembrar os inuítes de tratar bem os deficientes em sua comunidade.

(2) Atunga, existe em outras regiões do Ártico e inclui algumas variações locais. A versão reproduzida aqui é do narrador Johnny Annanack e está localizada perto de Kangiqsualujjuaq. De acordo com Annanack, essa lenda carrega uma mensagem poderosa contra a ociosidade: aqueles que são ativos e constantemente ocupados permanecem jovens, enquanto aqueles que apenas "passam o tempo" envelhecem rapidamente. Um homem chamado Atunga e sua esposa embarcaram em uma viagem ao redor do mundo, deixando sua filha pequena em casa. Eles viajaram de trenó puxado por cães e de barco. Eles se foram há anos e anos. Atunga e sua esposa até viajaram pela terra dos qallunaat [homens brancos], onde adquiriram pérolas para presentear sua filha. Quando finalmente chegaram em casa, a filha havia se tornado uma velha quando eles ainda eram relativamente jovens. A menina olhou para o presente de Atunga e disse: "Uma velha não liga para essas pérolas!" Você pode ver as pegadas de Atunga na rocha perto de Kangiqsualujjuaq. -Tradução gratuita de MacDonald (2000), Mas as mudanças sociais iniciadas com a ocidentalização (rádio, televisão, internet) significam que a arte de contar histórias, a riqueza dos contos diminuiu principalmente porque as gerações mais jovens de hoje passam menos tempo no campo, e, por isso, caçam menos, têm menos necessidade das informações necessárias veiculadas pelos idosos que preferem bater papo nas redes sociais. Juntos, esses fatores não fornecem o clima ideal no qual a arte de contar histórias poderia florescer.

SHAMAN - SHAMANISM

O xamã (angakkuk) é ao mesmo tempo curandeiro, feiticeiro, espiritualista, contador de histórias e homem de poder. Ele é o guardião do conhecimento histórico e mitológico de sua cultura, do conhecimento sagrado e secular; o ponto de encontro dos critérios e diretrizes fundamentais que orientam as relações humanas fora e na sociedade. Ele ou ela é um homem sábio, pois as mulheres podem se tornar xamãs sob a condição de serem pré-púberes, estéreis ou menopáusicas porque, enquanto a mulher estiver fértil, sua energia estará inteiramente dedicada à função reprodutiva. Já os travestis (mulher no homem ou homem na mulher) são considerados xamãs poderosos. Pela diversidade de seus dons, o xamã tem acesso às esferas onde as forças se encontram. humano, natural e sobrenatural; igualmente à vontade na geografia cósmica e terrestre.

Tempestades, fomes, doenças eram atribuíveis a entidades sobrenaturais ofendidas por membros da comunidade. O xamã devia a si mesmo em sonho ou em transe, deixar seu corpo para ir e ficar com os Espíritos que lhe mostraram como restaurar a harmonia. Os transes extáticos do xamã evocam o vôo de um pássaro que liberta o espírito do xamã da gravidade terrestre, podendo assim caminhar no outro mundo. Após exercícios ascéticos e numerosas mortificações, o xamã se banha em uma atmosfera especial, extraindo dela a energia restauradora das desordens terrenas. Uma das cerimônias que mais impressionam os europeus é, sem dúvida, o osapatchikan, a tenda que balança. Esta tenda era um local sagrado altamente venerado, usado apenas para o xamã em cerimônias especiais, como encontrar pessoas desaparecidas, encontrar um objeto importante ou resolver um caso excepcional. A cerimônia da tenda com tremores acontecia em noites sem lua. O xamã, com o rosto enegrecido de carvão, entrou na tenda e entoou invocações e depois diálogos e, de repente, o público viu a tenda se mover com força e ouviu gritos estridentes e suspiros. Depois de alguns minutos, um silêncio pesado seguiu a fúria, os assistentes então levantaram um pedaço da tenda e ainda sob o choque do estrondo, viram o oficiante deitado no chão e com as mãos amarradas em todo o agradecimento dos Espíritos. O xamã então se sacrificou para lutar contra as forças do mal e explicou as diretrizes dadas pelos Espíritos e saiu da provação. Para os nativos, os animais, principalmente o caribu dos Inuit e o urso-negro dos Cree, atuam como intermediários entre os homens e o mundo espiritual. Apenas os xamãs foram investidos de poderes mágicos para se unirem ao espírito do caribu e garantir sua cooperação para uma caçada bem-sucedida : "O xamã prepara o rito de outlickan meskina, a cerimônia Bone Tracks. Do ombro ou leitura da escápula. Este ritual é de grande importância simbólica e espiritual para a comunidade Innu. Uma vez que a escápula é removida da carcaça do caribu, ela é exposta às brasas. O calor do fogo quebra o osso por todos os lados. Essas fissuras dão o conhecimento de coisas que afetam a caça e outros presságios. Assim, uma longa fenda em linha reta de uma ponta a outra significa morte ou fome, um pequeno zigue-zague sem ramificações significa miséria. Rachaduras semelhantes a galhos com pequenas manchas queimadas nas bordas indicam abundância. Quando esses pontos estão próximos à base do osso, é um sinal de que o jogo está próximo. Quanto mais eles se afastam dele, maior é a distância percorrida para alcançá-lo. Por fim, a maior queimada sempre indica o acampamento tribal a partir do qual os Innu podem se orientar em sua caça ".

CONHECIMENTO TRADICIONAL

"A lei da natureza é simples. Não é possível mudá-lo, ele reina sobre tudo. Não é um regulamento estrito, não é um tribunal, nem é um grupo de nações deste mundo que poderia mudar a lei da natureza. Estamos sujeitos e sujeitos a essas leis naturais. Os nativos entenderam essas leis naturais. Eles deram a si próprios leis que coincidiam com as leis da natureza. É assim que eles sobreviveram. " Assim expressou um aborígine para explicar o que representa o conhecimento tradicional das nações ameríndias e inuítes desenvolvido por qualidades sensoriais, das quais as mais notáveis são a acuidade visual e uma extraordinária percepção auditiva. Todo conhecimento é baseado em uma moral. Por exemplo, a moral da caça leva em conta a disponibilidade de uma quantidade suficiente de alimentos e animais para garantir a comunidade. Implica uma noção de território de lugares ancestrais compartilhados eqüitativamente. Assim, as pessoas atendem às suas necessidades respeitando as outras pessoas em suas decisões de aumentar ou não o número de consumos; as famílias mais bem-sucedidas cuidam dos necessitados.

Da aquisição deste conhecimento (silatuniq) emerge um discernimento, um modo de ser, uma forma de sabedoria resultante de um processo de aprendizagem sustentado que integra conhecimentos genéricos associados à experiência pessoal. Recentemente, os mais velhos ensinaram qaujimajatuqangit ancestral em escolas públicas, incluindo conhecimento da vida selvagem e técnicas de caça, tratamento de peles, confecção de roupas, fabricação de caiaques e trenós e uso de ferramentas. Tradições, previsão do tempo e habilidade de navegar na tundra ou no mar e uma compreensão das relações familiares complexas.

ESCULTURA

A escultura possibilitou visualizar em formas e volumes próprios das artes plásticas os contos e lendas da tradição oral. Os primeiros entalhes em marfim de morsa e gravuras em osso de baleia pertencem aos tempos pré-históricos. O povo Dorset e Thule não produzia objetos de arte com o único propósito de admirar sua beleza. Para eles, duas palavras são usadas: "piujuq" é bom e "piunngituq" é ruim. O povo Thule era um artesão muito habilidoso que fazia objetos utilitários como agulhas (mirquti), raspadores, pentes, pontas de arpão (unaaq), facas (savik) e flechas e joias : anéis, alfinetes, pingentes. Escavações arqueológicas descobriram um raspador de osso de caribu (Yukon) com mais de 30.000 anos, as ferramentas mais antigas encontradas na América do Norte. As matérias-primas disponíveis são diversificadas, variando de madeira flutuante a chifre de caribu, incluindo pederneira, osso de baleia, dentes, ardósia, pedra-sabão e, claro, marfim de morsa. As peças de marfim eram menores e serviam como amuletos e talismãs associados ao poder espiritual. Algumas estatuetas de animais e seres fantásticos serviam como brinquedos para crianças ou para fins rituais. A partir de 1812, o Inuit esculpiu para negociar com o europeu Qallunaat. Antes de 1950, entretanto, essas memorabilia raramente eram apreciadas. Diz-se que em Inukjuak, o comerciante local de HBC os jogou em um grande balde e em troca deu ao escultor apenas cinco centavos de tabaco, chá ou farinha. Acredita-se que o caráter artesanal da arte Inuit começou a mudar assim que os Inuit passaram a produzir os objetos que mais vendiam nas feitorias, ou seja, aqueles que se conformavam à ideia que os estrangeiros tinham da vida Inuit. O advento da escultura em pedra na virada do século 20 desferiu um forte golpe no marfim e no osso de baleia como materiais, já que o osso de baleia deve secar entre 50 e 100 anos antes de ser branqueado e usado. Considerado em perigo, um a lei de 1975 proíbe o uso e importação de ossos de baleia. Escultores de ossos de baleia e marfim são muito raros desde então. Entre os Inuit, os conceitos "arte e artista" são termos que não existem no vocabulário. Assim, "sanannguati" designa "aquele que esculpe" e "sanannguaq", cuja etimologia é reveladora, designa escultura. Com efeito, "sana" significa a ação de fazer e "nnguaq" contém a ideia da representação inscrita no material.

Assim o desenho, o desenho, a forma tudo o que já está contido no material utilizado e surge graças ao talento dos sanannguati. Estamos falando de um artista-escultor que cria "takuminartuq" (agradável de assistir) em oposição a um produtor-escultor : um bom trabalhador que molda pedra rapidamente porque ele aponta para uma grande distribuição que felizmente tem repercussões no progresso econômico da comunidade . As primeiras esculturas produzidas para fins comerciais eram em pedra-sabão; uma pedra de cor acinzentada com uma textura macia ao toque. Com o passar dos anos, outros minerais mais pesados e densos, incluindo olivina verde-oliva e serpentina verde mais escura, foram usados. O entalhe de chifre de caribu é a especialidade das aldeias onde fica o rebanho de George River, o mais populoso do mundo, e o rebanho de Rivière-aux-feuilles. Os caribu perdem seus chifres todos os anos, mas você tem que esperar vários anos para que eles sequem e alvejem antes de usar. Em todos os casos e independentemente do material utilizado, todos os escultores inuítes afirmam que seres, animais, objetos já estão presentes dentro da matéria-prima e que seu papel serve apenas para identificá-los e revelá-los. Tanto é verdade que a arte Inuit não se baseia em critérios estéticos como a noção de " belo - belo", mas no de "muito bem feito - real". O artesanato é identificado com o trabalho dos ancestrais que fabricavam itens úteis. Assim, as esculturas tradicionais relacionavam-se com uma arte doméstica, enquanto as esculturas contemporâneas dos anos 1950 seriam uma arte de aculturação. De fato, pesquisas arqueológicas recentes indicam que a arte dos inuítes contemporâneos difere dos artefatos das populações árticas dos tempos pré-históricos; em outras, as esculturas ancestrais são menores do que as de hoje. Tanto é verdade que a escultura foi influenciada pelas convenções do mercado ocidental e a produção de peças maiores é uma inovação encomendada por marchands e colecionadores com o objetivo de apelar ao gosto do público. Além disso, abandonando os temas tradicionais, os escultores Inuit começaram a fazer réplicas de objetos estranhos, como xadrez e dominó, sob encomenda. A indústria de lembranças turísticas está conquistando o mercado. Apesar de tudo, a aculturação não é apenas prejudicial; nós mesmos, não passamos do cavalo à carruagem que conduz à má arte equestre. Assim, para certos historiadores da arte, a arte Inuit contemporânea, livre de laços tradicionais, encontrou um novo objetivo representativo de uma posição social diferente da sociedade Inuit em geral. Por volta de 1950, algumas comunidades conheceram a impressão de gravuras em pedra e contaram as histórias e a visão de mundo de seu povo. Por último, não esqueçamos que a escultura representa um formidável instrumento de integração social, pensemos no escultor Jiimi Kuuttuq Qungiaq, cego mas capaz de satisfazer as suas necessidades graças ao seu talento.

cachorro (esquimal, trineo)
O cachorro é o único animal doméstico que emigrou da Ásia para a América. Entre os Inuit, este canino domesticado e seu mestre formavam um todo simbólico quase inseparável. Entre os inuit de antigamente, o papel do cão era múltiplo e, em muitos aspectos, essencial. Assim, ele avistou os orifícios de respiração das focas, ele conseguiu encontrar o seu caminho na nevasca e puxou os trenós durante a viagem. No nível espiritual, ele sentiu a presença de espíritos perigosos e avisou seu mestre. Também protegia os humanos de qualquer perigo real. Sua urina, sangue, saliva e fezes, substâncias altamente valorizadas por sua potência, eram usadas para curar humanos. A forma de alimentar ou fazer passar fome um cão depende diretamente de seu status, status que ele deve principalmente à sua função, sendo a segurança alimentar prerrogativa do companheiro, às vezes do auxílio na caça. A refeição diária, em qualquer forma, não é um dado: a idade do cão, sexo, função e ritmo sazonal são todos parâmetros que devem ser levados em consideração. Entre a lama e a entrega de uma refeição preparada com cuidado, aumenta o trabalho humano, pois garante uma ração diária. Catadores, amantes de excrementos, mas também vegetarianos, os cães são responsáveis por remover tudo o que existe ao redor das casas. À primeira vista, parece que nenhum trabalho é feito para alimentar animais errantes, embora seja necessário um mínimo de intervenção para estabelecer a eliminação, nomeadamente a vigilância de alimentos e equipamentos de couro (o couro é um alimento comestível para cães), tarefa que cabe principalmente em mulheres, empregadas domésticas. Uma parte importante do controle é por meio da voz, dando nomes, zombarias e o uso de comentários, risos e, de maneira mais geral, incentivo, rejeição, etc. Mais do que uma técnica de lembrete, deve-se destacar que a função do treinamento verbal é promover a comunicação indireta entre as pessoas: os cães são usados como suporte para o não dito, para a crítica que nunca é falada diretamente, para o comportamento sexual inclusive não ousamos falar. São os homens que castram os machos e esterilizam as cadelas, que selecionam e trocam os machos reprodutores. Mas, por sua vez, as mulheres só intervêm quando detectam o calor e prendem as cadelas para evitar acasalamentos inadequados, quando cuidam das ninhadas e separam a mãe dos filhotes. Com relação ao assassinato, tanto a faca sacrificial quanto os produtos do sacrifício, as várias partes do corpo do cão permanecem em mãos masculinas, exceto a pele dada às mulheres para fazer roupas. Como regra geral, não matamos ou comemos nosso cão, exceto em casos de extrema fome.Nunca sacrificamos nosso companheiro, mas um animal pelo qual não temos sentimentos. A ideia de um distanciamento emocional necessário para o assassinato é confirmada. Em casos extremos de sobrevivência, era comido, o que tornava possível evitar o canibalismo. No passado, após um funeral, os cães podiam consumir cadáveres humanos. No nível cosmológico, encontramos o mito dessa mulher que se casa com um cachorro e dá à luz entidades meio-humanas e meio-caninas. Havia uma simbiose real entre os cães e os inuítes. O cão é o único animal que possui um nome que o liga a um dono que lhe confere uma dimensão humana nos animais. A substituição dos cães de trenó por motos de neve foi uma das maiores convulsões vividas pelos inuits desde o contato com os brancos. No dia a dia, o abandono dos cães é marcado pela liberação repentina de um tempo previamente concedido para cuidar deles e

HUSKY (qimmiq - cachorro esquimó)

Os primeiros homens vieram para a América com seus cães

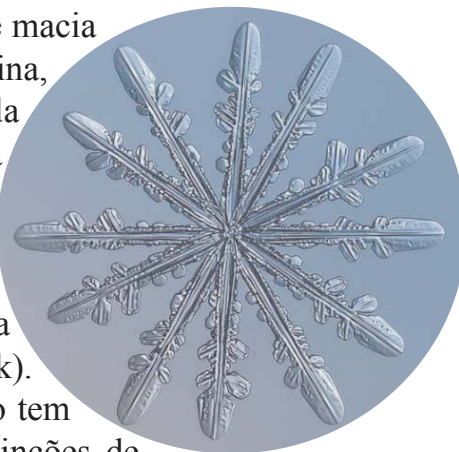
Os cães são os melhores amigos dos humanos há milhares de anos, e os cientistas estão tentando rastrear os principais marcos em sua história compartilhada. Um novo estudo genético e arqueológico realizado em várias universidades europeias e americanas mostra que quando os primeiros humanos pisaram na América, estavam acompanhados por seus cães domesticados na Sibéria. Cientistas realizaram análises genéticas em restos humanos e caninos em várias regiões: Sibéria, Beringia, a faixa de terra seca entre a Sibéria e o Alasca que serviu de porta de entrada para a América para o homem - hoje, o estreito de Bering -, e para a América do Norte. Parece que os primeiros lobos, ancestrais dos cães, foram domesticados na Sibéria há cerca de 23.000 anos, durante o último máximo glacial. Outro estudo, publicado em 2020, situou o início da domesticação do lobo um pouco mais para trás no tempo, há pelo menos 28.500 anos.

"A evidência combinada de restos humanos e caninos nos ajuda a refinar nossa compreensão da longa história dos cães e agora aponta para a Sibéria e o nordeste da Ásia como a região onde sua domesticação começou." Durante este período, quando as condições climáticas eram muito adversas, os lobos cinzentos (Canis lupus) e os humanos cobiçavam a mesma presa. Eles teriam então se aproximado gradualmente, aproveitando os despojos de caça uns dos outros. O lugar do lobo tem ganhado cada vez mais importância nas sociedades humanas, a ponto de se tornar um precioso aliado. Vivendo assim perto dos humanos, os lobos foram gradualmente domesticados até se tornarem uma nova subespécie, Canis lupus familiaris, o cão. Assim, eles seguiram seus mestres em sua jornada para o norte da América. 15.000 anos atrás, eles teriam cruzado o estreito de Bering com eles e os teriam seguido em sua rápida colonização do continente americano. "Os cães que os acompanharam, ao chegarem a um mundo totalmente novo, talvez fizessem parte de sua cultura tanto quanto as ferramentas de pedra que carregavam", conclui David Meltzer, antropólogo da Universidade de Dallas.

Excelente rastreador e grande caçador, este cão nórdico é o único animal que, depois de farejar um urso polar, sai em sua perseguição. Ele não hesita em virar o urso latindo furiosamente e o mantém parado até que o caçador chegue. Todas as famílias já tiveram pelo menos um cão husky para proteção contra ataques de ursos polares. O husky pesa em média cinquenta quilos e pode carregar ou arrastar o mesmo peso. Carregado com meia tonelada, o clássico time de dez cães viaja cerca de cinquenta quilômetros por dia, a uma velocidade de 5 a 7,5 km / h. Na tundra, os cães são atrelados em leque, pois não existem obstáculos em terreno aberto e em linha única na mata. O animal mais importante da equipe é o cão líder ou líder, cujo treinamento é um trabalho longo e árduo. Ela geralmente é uma mulher vigorosa, orgulhosa, imponente, mas obediente. O chicote é um símbolo de masculinidade geralmente equipado com um osso do pênis, idealmente de um urso polar. Para liderar a equipe canina: hak! hak !, certo e aí! a! a! saiu e uuau! para parar o trenó. Para que os cães possam puxar um trenó o dia todo, suas patas devem estar em excelentes condições. Os cães às vezes machucam as patas na primavera, e a neve derretida expõe cristas rochosas afiadas. Os Inuit então fizeram para elas botas de primo feitas de pele de foca ou caribu para protegê-los. Em uma noite gelada, os cães foram autorizados a dormir na varanda da entrada do iglu. Matar um de seus cães de trenó é um ato sério e excepcional. Matamos um cachorro que havia matado um ser humano por medo de que ele o fizesse novamente.

Às vezes, um xamã pedia que o cão favorito do dono gravemente doente fosse morto para salvar sua vida, acreditando que a força vital do cão fortaleceria a do convalescente. A perda de implementos de caça com o abate obrigatório de cães de trenó em 1960 foi catastrófica. O ivakkak é uma corrida de trenós puxados por cães (400 km) que atravessa várias aldeias de Nunavik todos os anos para promover a prática tradicional deste meio de transporte.

NEVE

Inuktitut tem muitas palavras ou frases para se referir à neve em diferentes formas ou condições. Essa grande variedade de termos lembra o vocabulário do jardineiro capaz de distinguir diferentes qualidades do solo. Em seu dicionário do Inuktitut de Nunavik (Quebec Ártico), o lingüista missionário Lucien Schneider (Dicionário Francês-Esquimó da Fala Ungava, 1970) cita uma dúzia de palavras básicas (isto é, não são tiradas de outra palavra) para designar neve, e dez para o gelo. Os exemplos incluem: neve qanik caindo, neve aputi no solo, neve cristalina pukak no solo, neve aniu para fazer água, gelo siku em geral, gelo de água doce nilak para beber, mingau de gelo qinu à beira-mar. Há neve recém-caída , caindo (apuq), a massa (maujualuq) de neve macia (mau), dura (sitidluqaaq) ou cristalina, neve derretida e congelada novamente, neve úmida pela chuva (kavisirdlak), neve pulverulenta, neve soprada pelo vento (pirqsirq), neve que cede sob nossos pés (kataktanaq), neve adequada para a construção de um iglu (illuvigassak). Cada variedade de água, neve e gelo tem uma cor diferente. Todas essas distinções de neve e gelo estão entre os assuntos Inuit para discussão, pois são de vital importância para a tomada de decisões que levem a uma expedição bem-sucedida.

Em suma, qualquer que seja o tipo de termo que usa para designar um tipo particular de neve ou gelo, o Inuktitut tem uma capacidade de distinção muito superior à da maioria das línguas.

NANUK - O REI DO ÁRTICO

Os Inuit têm convivido com o urso polar há milhares de anos e é, sem dúvida, o animal mais comum na imaginação dos povos do norte. Para eles, é o animal que mais se assemelha ao homem : caça e come focas e morsas, vive em uma casa de neve, tem duas pernas. Ele se impõe por sua inteligência e seu poder físico; nenhum outro animal tenta se aproximar, exceto o cão husky. Nanuk é, portanto, o mestre indiscutível dos mares e das terras árticas. Seu único rival são os humanos, ambos encontrando seus alimentos nas mesmas fontes. O Inuit notou que Nanuk é canhoto, especialmente quando ele agarra uma foca. É uma caminhada solitária pelos blocos de gelo dos mares árticos em busca de focas ou jovens morsas. Tradicionalmente, a busca ou captura de um urso polar era um rito de iniciação que marcava a passagem de um jovem menino Inuk para a idade adulta.

OTHER ARCTIC PEOPLES

Aleutas

Os ancestrais das Aleutas e dos Inuit chegaram à América do Norte. Milhares de anos depois que os primeiros povos viajaram da Ásia para a América do Norte através da Ponte da Terra de Bering (25.000 a 12.000 aC), os ancestrais das Aleutas e dos Inuit chegaram ao continente.

Essas pessoas provavelmente usavam peles pequenas ou chifres barcos para cruzar o Estreito de Bering (a via navegável que cobriu a ponte da Terra de Bering após o derretimento do gelo polar no final da última Idade do Gelo. Esses recém-chegados acabarão por se estabelecer em todo o Ártico e nas Ilhas Aleutas, na costa sudoeste do atual Alasca. Como seus ancestrais chegaram à América do Norte muito mais tarde, os modernos Aleutas e Inuit são mais próximos dos asiáticos do que dos indianos.

Cerca de 1.000 anos após sua chegada à América do Norte (3000 a 1000 AC), os ancestrais das Aleutas e dos modernos Inuit desenvolveram uma cultura distinta. As primeiras Aleutas estabeleceram-se na Ilha das Aleutas, a 1.400 milhas de distância do que hoje é o Alasca. Dois grupos principais de Aleutas estabeleceram aldeias permanentes nas costas das Ilhas Aleutas: Unalaska, mais perto do continente, e Atka, mais a oeste.

O ambiente das Aleutas é mais quente, ventoso e úmido do que o do Ártico Inuit congelado. As Aleutas compartilham experiência de caça com os Inuit, mas sua vida comunitária, na qual as pessoas são classificadas por posição hierárquica com base na riqueza, é mais parecida com a dos índios da costa noroeste de hoje.

A economia das Aleutas era baseada no mar. As Aleutas caçam mamíferos do oceano, como lontras marinhas, focas, o mar, leões marinhos, morsas e baleias, e eles pescavam, especialmente salmão e crustáceos. Eles também caçavam pássaros e colheu raízes e frutos silvestres.

As Aleutas viviam em "barabaras", grandes casas comunais construídas em fossos, com vigas de madeira flutuante ou ossos de baleia no telhado e paredes feitas de pedaços de grama. Buracos para fumaça no telhado ou uma passagem separada voltada para o leste serviam de porta. As casas foram aquecidas e iluminadas com lâmpadas de pedra a óleo.

Os caiaques aleútes, ou baïdarkas, eram feitos no estilo inuit: caiaques - peles de morsa ou foca cobertas pela luz, armações de madeira. Eles eram curtos, com a proa curvada para cima e a popa quadrada. Às vezes, os arcos tinham a forma do bico aberto de um pássaro. Normalmente havia dois cockpits: o traseiro para o remador e o frontal para o arpoador. O arpão usava uma prancha de arremesso para aumentar a vantagem, jogando o arpão para mais longe. As Aleutas também usavam barcos abertos maiores, chamados igilax.

As roupas aleútes eram eficazes contra a chuva e o frio em uma camada dupla e feitas principalmente de intestinos, especialmente intestinos de foca e pele. Parkas com capuz de comprimentos variados, estendendo-se até o quadril ou abaixo do joelho, serviam como casacos. Os caçadores usavam capacetes de madeira com longosviseiras decoradas com bigodes de marfim e leão-marinho.

Groupe aléoute	aléoute (700 loc.)	aléoute: du sud-ouest de l'Alaska
Groupe eskimo	yupik (16 000)	alutiiq: côte sud-centrale de l'Alaska yup'ik de l'Alaska central : côte de la mer de Béring yupik sibérien central : île alaskienne de Russie yupik naukanski : est de la péninsule des Tchouktches (Russie) yupik sirenikski : sud de la péninsule des Tchouktches (Russie)
	inuit (65 000)	inupiak de l'Alaska inuktun de l'Ouest canadien: mer de Beaufort, Arctique central inuktitut de l'Est canadien: Nunavut, baie d'Hudson, Nouveau-Québec inuinnaqtun: Nunavut et baie d'Hudson itivimiut: côtes québécoises de la baie d'Hudson tarramiut: baie d'Ungava (Québec) kalaallisut (groenlandais): Groenland

Bering Strait Inuit corralling a reindeer herd, drawn with ink on hide by Inuit artist George Ahgupuk
(The Anchorage Museum of History and Art, 70-156-2 detail 4.2)

As Aleutas adicionaram decorações às suas roupas usando pêlos de cabelo e pele de animal tingidos em cores diferentes.

As Aleutas também fizeram cestos elegantes, assim como as Índios da costa noroeste, usando azevém crescendo no praias. Os caules da grama foram cortados com as unhas para fazer fios, e alguns dos fios foram tingidos para fazer padrões de tecidos intrincados.

Outro traço cultural que os Aleutas tinham em comum com os índios da Costa Noroeste era o seu tipo de organização social. Os Aleutas estavam mais preocupados com posição e riqueza pessoal do que os Inuit. Chefes e nobres chegaram às suas fileiras por meio de suas posses, como preciosas conchas do mar ou âmbar. Sob os chefes e nobres estavam plebeus e escravos. Ao contrário dos índios da costa noroeste, as aleutas não praticavam o potlatch, uma festa elaborada em que os presentes são trocados.

O comércio de peles
Comerciantes e caçadores russos alteraram para sempre as Aleutas e seu modo de vida. Em 1741, Vitus Bering, um navegador dinamarquês a serviço do Czar da Rússia, Pedro o Grande, partiu de leste da Rússia até o Mar de Bering, as Ilhas Aleutas e Golfo do Alasca. Os relatos de Bering sobre a presença de numerosos mamíferos marinhos na área logo trouxeram veleiros para o promyshlenniki (russo para "traficantes de peles"). Eles já haviam cruzado a Sibéria, prendendo animais para suas peles. Agora eles tinham um domínio totalmente novo para explorar. Eles vieram primeiro para as Aleutas, que eram particularmente ricos em lontras marinhas. E eles aproveitaram as aleutas para fazer uma fortuna com peles. Comerciantes estavam navegando para uma aldeia indígena para fazer reféns à força, distribuiu armadilhas aos homens aleutas; obrigou-os a trazer peles em troca da libertação de mulheres e crianças, mulheres e crianças também foram obrigadas a trabalhar, limpando as peles que os homens recolhiam. Se os homens fizessem algum esforço para se rebelar ou não entregassem as peles, os comerciantes poderiam executar indivíduos ou destruir aldeias inteiras.

Os promyshlenniki trabalharam para o leste ao longo das Aleutas.
A primeira resistência organizada veio dos Unalaska Aleut no grupo Fox Island, quando, em 1761, eles exterminaram um grupo de comerciantes. No ano seguinte, eles conseguiram destruir uma frota de cinco navios. Os russos responderam em 1766 com uma armada de navios de guerra, tripulados por mercenários europeus e armados com canhões. Eles bombardearam muitas aldeias Aleutas, destruindo casas e matando muitas pessoas.

A resistência ao aleúte foi apenas esporádica depois disso. o promyshlenniki estabeleceu seu primeiro posto comercial permanente em América do Norte em Três Santos na Ilha Kodiak em 1784.
Autoridades e empresários russos começaram a regulamentar e restringir ainda mais o comportamento dos comerciantes no sentido de um tratamento um pouco melhor. Assim chamado as Aleutas e os Inuit deveriam ser pagos por seu trabalho. Milho os comerciantes constantemente os enganavam para cobrar de les custos de alimentos, proteção e outros preços inflacionados ou inventados gastos. Em 1799, o czar concedeu o foral da Sociedade Russo-Americana, criando um monopólio que competia em 1800 com a empresa britânica Hudson's Bay Company pelo mercado mundial de peles.

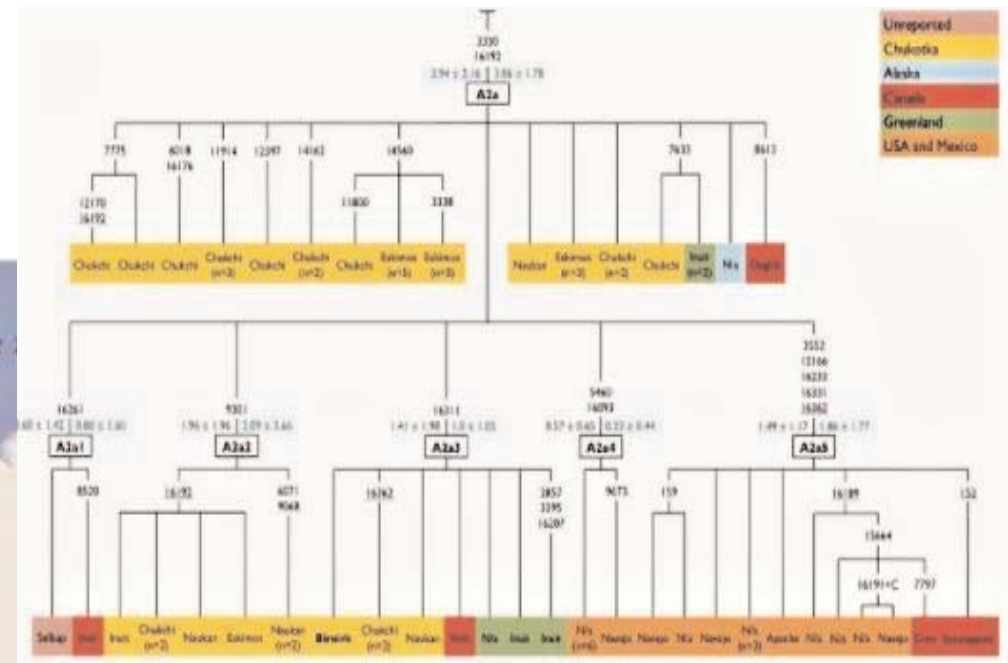
Essas Aleutas, que sobreviveram à violência do passado e às doenças trazidas pelos europeus, eram indispensáveis para essa enorme operação do comércio de peles. Afinal, eles eram alguns dos melhores caçadores de mamíferos marinhos do mundo.

ERSIBLE ALEUT
FIN-SKIN PARKA

DDiversidade mitocondrial ao redor do Estreito de Bering lança luz sobre migrações pré-históricas entre a Sibéria e a América do Norte ártica

Durante a última era glacial, entre 28.000 e 18.000 anos atrás, o Ártico Siberiano foi completamente abandonado ou muito pouco povoado. O aquecimento global entre 17.000 e 15.000 anos permitiu que algumas populações chegassem ao oeste do Alasca, enquanto outras permaneceram presas na Beringia. A primeira colonização do Novo Mundo foi seguida por um período de fluxo gênico entre as populações asiáticas e americanas. Assim, um estudo anterior mostrou que essa primeira colonização da América foi seguida por pelo menos dois movimentos de populações do nordeste da Eurásia para a América. O primeiro contribuiu para a chegada da maioria dos ancestrais nativos americanos. Os movimentos a seguir afetaram principalmente os grupos Na-Dene e Eskimo-Aleut.

Os haplogrupos mitocondriais das populações árticas do nordeste da Sibéria e da América do norte são predominantemente A2a, A2b, D2a e D4b1a2a1. Neste estudo, os autores obtiveram 52 novas sequências mitocondriais completas que foram adicionadas a 149 sequências publicadas anteriormente.

Das 201 sequências obtidas, 8 sequências pertencentes aos haplogrupos C5a2, C4b2 e D3 foram retiradas do estudo para focar nos 4 haplogrupos principais. 108 sequências pertencem aos 2 haplogrupos A2a e A2b. A2a é dividido em 5 subclados:

O subclado D2a1 é amplamente distribuído e abrange o Paleo-Eskimo (Saqqaq), datado de 3600 a 4200 anos, o Aleut (D2a1a), o Sireniki Esquimós (D2a1b) e a cultura do Dorset Médio. O subclado D2a2 está associado ao Tarambola Esquimós e Chaplin, bem como às populações Chukchi da costa ártica. A presença do subclado D2a2 na Sibéria é intrigante e pode estar ligada ao deslocamento de cerca de 50 Yupiks de Plover Bay para a Ilha Wrangel em 1926 pelo governo soviético.

A idade do haplogrupo D2a é estimada em cerca de 4300 anos e a idade do subclado D2a1a, especificamente Alleut, é de apenas 1200 anos. O haplogrupo D4b1a2 é separado em 2 subclados principais: D4b1a2a1 e D4b1a2a2:

A distribuição geográfica do haplogrupo D4b1a2 e sua idade de cerca de 9.400 anos podem ser atribuídos a certos siberianos diferenciados no refúgio Altai-Sayan, que então se mudaram para o nordeste da Sibéria. Assim, os toubalares de Altai estão geneticamente ligados às populações neo-esquimós com um ancestral comum de cerca de 5300 anos.

A filogeografia de A2 mostra que a Beringia central é o local de origem deste haplogrupo que surgiu há cerca de 15.000 anos. Esta data está de acordo com a arqueologia, que mostra um primeiro assentamento nesta área há 14.500 anos em Swan Point, no Alasca. Além disso, A2 está ausente do interior da Sibéria. Variações do haplogrupo D2a nas Ilhas Comandantes mostram que 5 sequências não são de origem alleutiana, mas sim de nativos americanos. Esses resultados estão de acordo com a história, que indica que as mulheres Tlingit de New Archangel, no sudeste do Alasca, foram realocadas em 1840 pela Russian Company of America.

A primeira colonização do Ártico da América do Norte foi feita pelos Paleo-esquimós há cerca de 5000 anos. Essa colonização coincidiu com o aquecimento global, que permitiu aos homens seguirem seu jogo: caribu e almíscar. Cerca de 1000 anos atrás, quase todos os grupos paleo-esquimós foram substituídos por grupos de cultura Thule do Alasca, também chamados de neo-esquimós. Eles foram os ancestrais diretos dos atuais Inuit e caçavam mamíferos marinhos, como as baleias. Embora os neo-esquimós sejam originários das costas árticas, não está claro se os inuítes e os paleo-esquimós são geneticamente do mesmo povo ou de grupos diferentes. Das 3 tribos esquimós (Sireniki, Chaplin e Naukan), apenas os Naukan são geneticamente semelhantes aos Inuit do Canadá e da Groenlândia, porque incluem o subclado D4b1a2a1. No entanto, os neo-esquimós, incluindo Naukan, não incluem o subclado D2a. Pelo contrário, o Sireniki inclui o subclado D2a1b, que é um traço do Paleo-esquimós. Mas temos que ter cuidado, pois esses resultados podem estar relacionados a um problema de sub-amostragem (poucas sequências obtidas hoje).

Os ancestrais diretos dos paleo-esquimós originam-se principalmente da península de Chukotka, no nordeste da Sibéria, enquanto os neo-esquimós são encontrados principalmente no norte do Alasca, mas também têm ancestrais altai-Sayan. Este estudo aponta para uma origem comum dos Paleo-esquimós, Alleut e Tlingit (com provavelmente outros grupos Na-Dene), cujos ancestrais comuns viveram na costa sul da Beringia durante o início do Holoceno.

As populações Na-Dené descem dos Paleo-esquimós

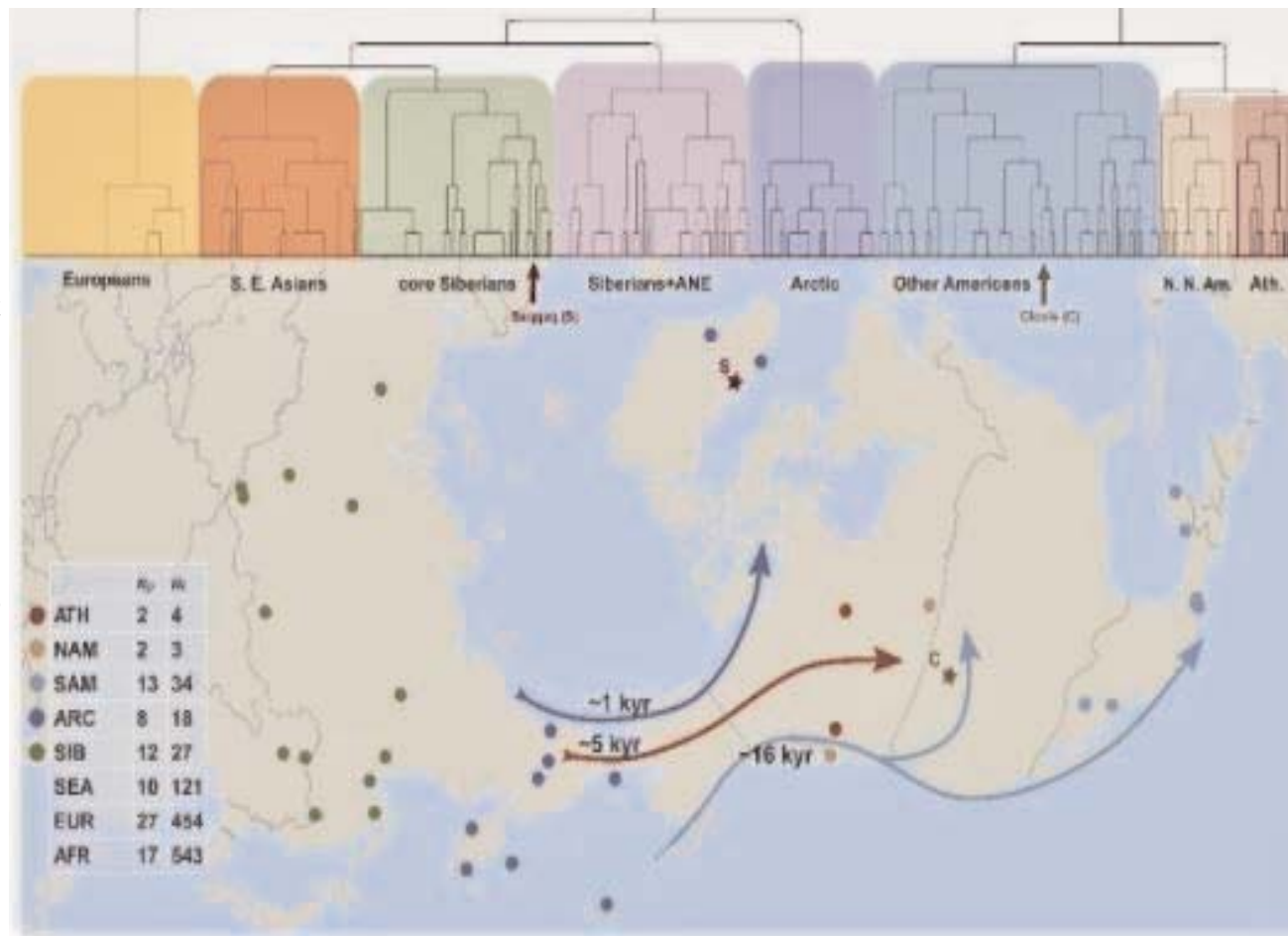
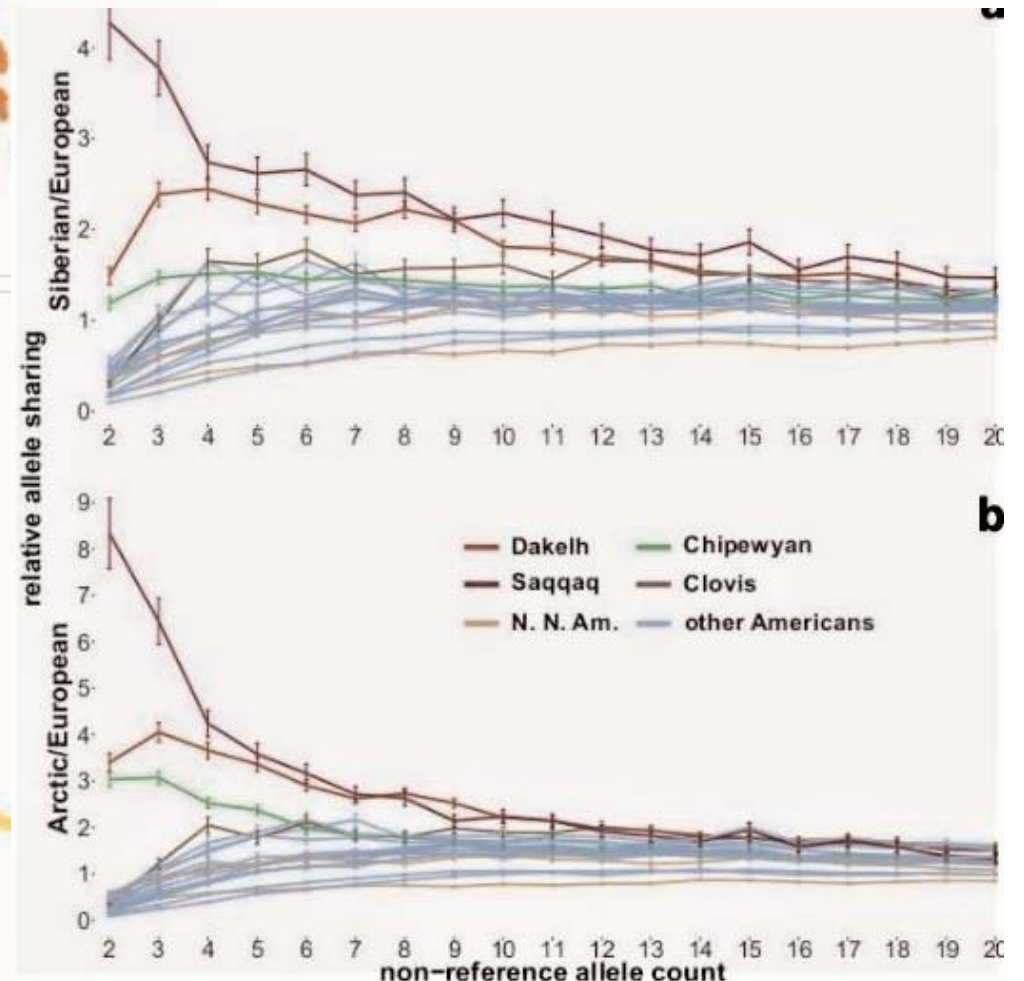
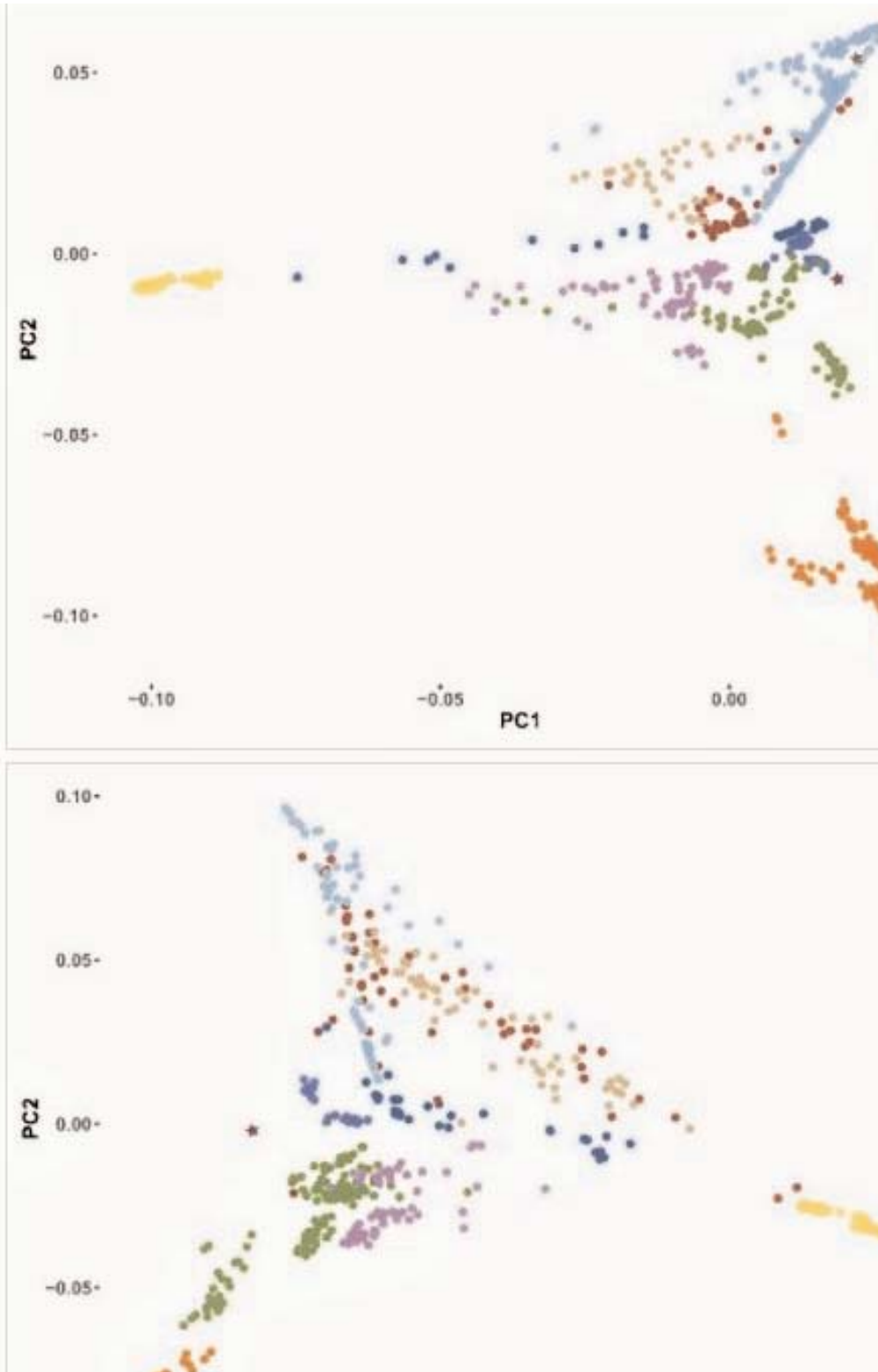
A família de línguas Na-Dené inclui Tlingit, Eyak e as ramificações Athapaskan do Norte e do Sul (Apaches). Eles são encontrados no Alasca e partes do Canadá ao longo da costa do Pacífico Norte, bem como mais ao sul. As populações Na-Dené são consideradas descendentes da segunda onda migratória através da Beringia e associadas aos Paleo-Esquimós (culturas Saqqaq e Dorset). Tem cerca de 4.800 anos. A primeira migração, datada de 16.000 anos atrás, corresponde à chegada dos primeiros humanos modernos à América. A terceira migração está associada à cultura Thule datada de cerca de 1000 anos, ancestral dos atuais Inuit e Esquimós. As duas últimas migrações são, portanto, claramente limitadas à região ártica da América.

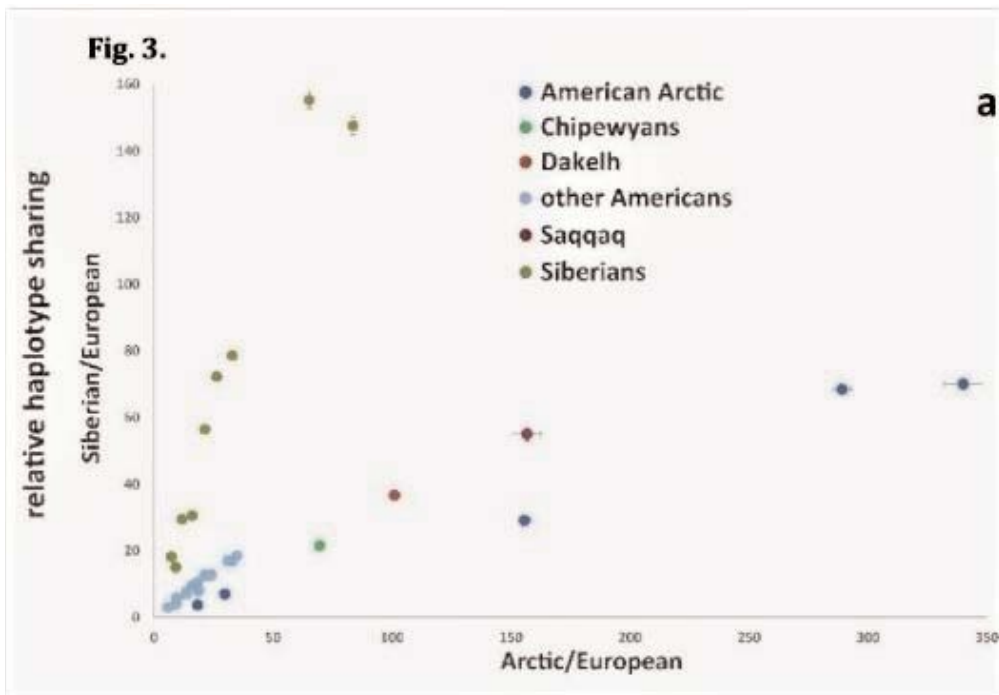
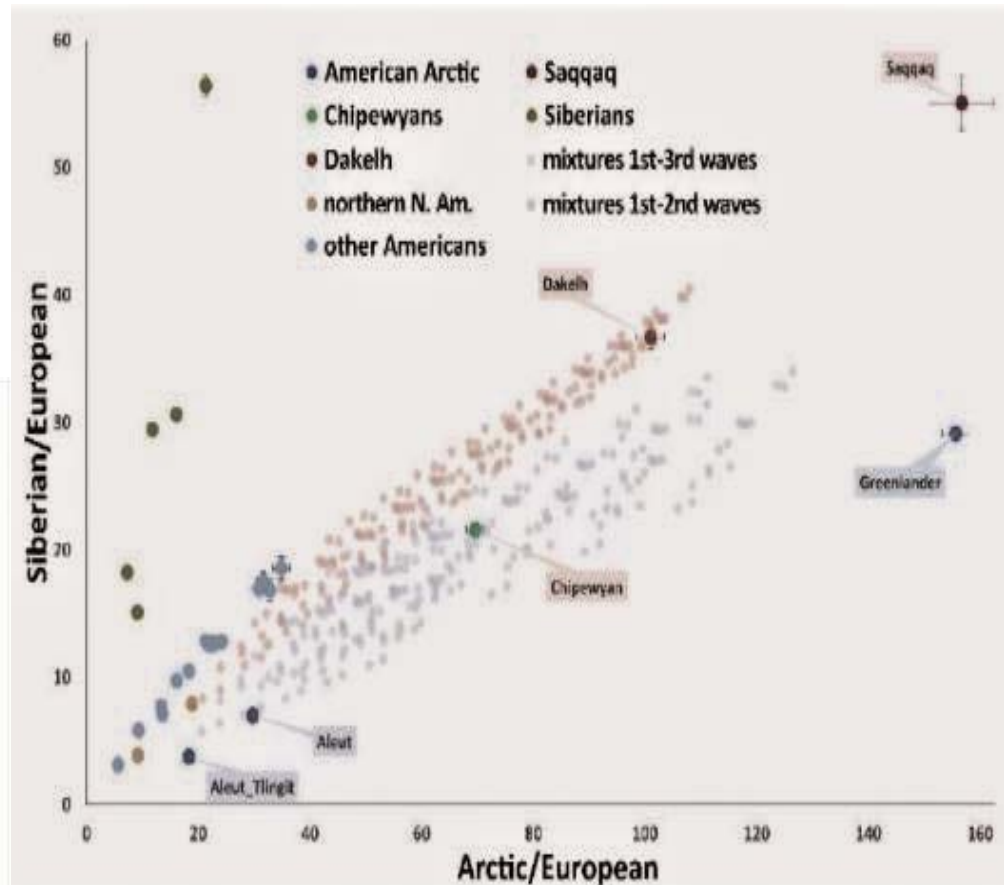
Embora seja claro que a primeira e a terceira migrações deixaram os descendentes atuais, o fato de as populações atuais descerem da segunda migração é um ponto muito controverso. A arqueologia mostra que a cultura paleo-esquimó foi substituída pela cultura de Thule, e os possíveis contatos entre eles permanecem incertos.

Um estudo genético recente mostrou que os Tchipewyans do Canadá que falam uma língua Na-Dené (North Athapascans), têm 16% de ancestralidade correspondente a uma população relacionada a um indivíduo Saqqaq da Groenlândia, 4.000 anos de idade e 84% de ancestralidade do Primeiros ameríndios. Mas os resultados deste estudo foram rejeitados por outros estudos que não vêem ancestralidade paleo-esquimó em populações Na-Dené.

Os paleo-geneticistas acabam de publicar um artigo intitulado: Populações Na-Dene descendem da migração paleo-esquimó para a América. Eles usaram imagens publicadas anteriormente de várias populações siberianas e nativas americanas:

Um estudo genético recente mostrou que os Tchipewyans do Canadá que falam uma língua Na-Dené (North Athapascans), têm 16% de ancestralidade correspondente a uma população relacionada a um indivíduo Saqqaq da Groenlândia, 4.000 anos de idade e 84% de ancestralidade do Primeiros ameríndios. Mas os resultados deste estudo foram rejeitados por outros estudos que não vêem ancestralidade paleo-esquimó em populações Na-Dené.

Os paleo-geneticistas acabam de publicar um artigo intitulado: Populações Na-Dene descendem da migração paleo-esquimó para a América. Eles usaram imagens publicadas anteriormente de várias populações siberianas e nativas americanas: Na figura acima, ATH corresponde a Athapascans, NAM às populações não-Na-Dené da América do Norte, SAM às populações da América do Sul e Central, ARC às populações ameríndias do Ártico, SIB às populações da Sibéria.

Os autores também adicionaram ao estudo populações africanas (AFR), europeias (EUR) e do sudeste asiático (SEA). Ao todo 1216 indivíduos pertencentes a 94 populações, incluindo dois genomas antigos (Saqqaq e Clovis) foram usados. Para os fins do estudo, os autores usaram dois conjuntos independentes de sequências: a plataforma HumanOrigins e a plataforma Illumina. Os autores realizaram análises com o software ADMIXTURE para esses dois conjuntos de dados:

Eles também realizaram análises de componentes principais com os dois conjuntos de dados:

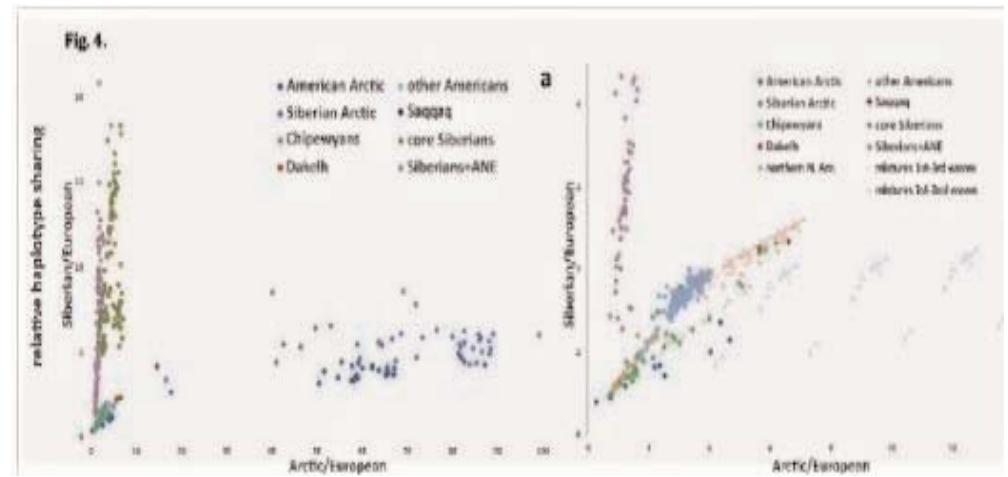
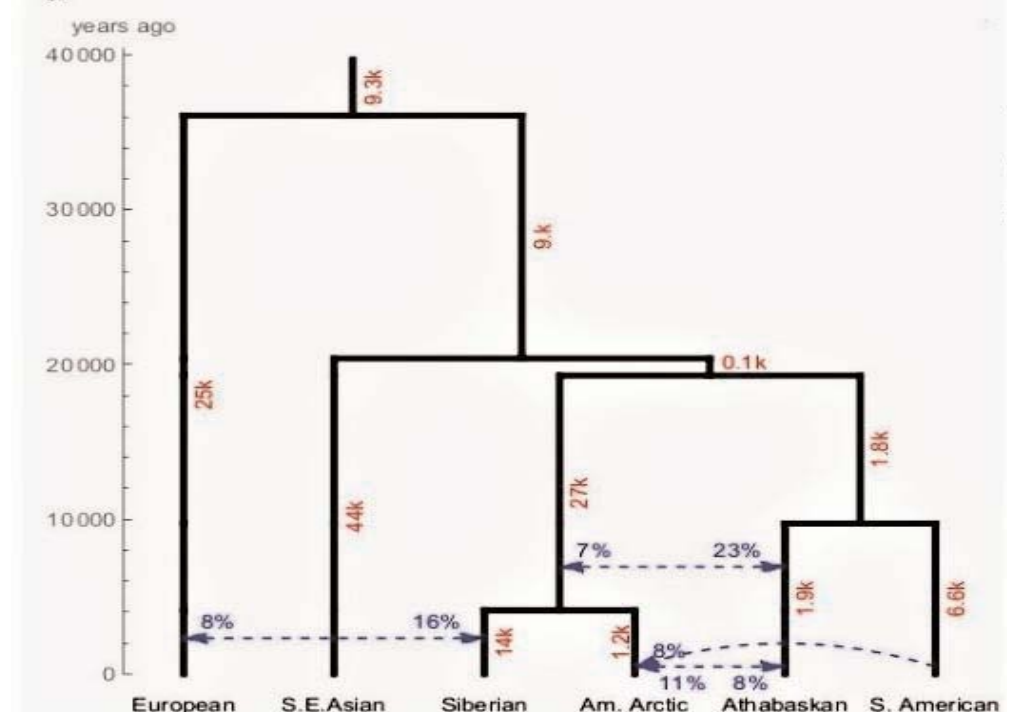
Como esses resultados não são muito convincentes para identificar a ancestralidade das populações Na-Dené, os autores usaram um método baseado no compartilhamento de alelos raros que fornecem bons resultados para identificar relações genéticas relativamente sutis. Esses raros alelos são observados em uma frequência de menos de 1%. Os autores calcularam o compartilhamento de alelos raros para todas as populações americanas com as populações da Sibéria (Figura A abaixo) e, em seguida, com as populações do Ártico (Figura B abaixo). As populações europeias serviram como uma população de grupo externo para estes cálculos:

O antigo indivíduo Saqqaq e os Athapaskans do Norte (Tchipewyans e Dakelh) claramente se destacam de outras populações nativas americanas. Este resultado era esperado para o ex-indivíduo Saqqaq, cujas estreitas relações com as populações da Sibéria e do Ártico são conhecidas. Por outro lado, o sinal é mais importante entre os Dakelh do que entre os Tchipewyans.

Os autores então representaram esses mesmos resultados em uma figura bidimensional, uma dimensão da qual corresponde à afinidade com os siberianos e a outra com as populações do Ártico:

As populações que não sejam da Sibéria e do Ártico estão, portanto, localizadas em uma linha próxima à bissetriz. As populações ameríndias resultantes da primeira migração são agrupadas, próximas à origem. Por outro lado, as populações Na-Dené estão localizadas mais longe da origem e mais perto do indivíduo Saqqaq.

Os autores então tentaram ver se as populações Na-Dené podem ser consideradas como uma mistura genética entre populações da primeira e segunda migrações, ou entre populações da primeira e terceira migrações. Claramente, a figura acima mostra que os indivíduos Dakelh podem ser considerados como resultantes de uma mistura genética entre a primeira e a segunda migrações. No entanto, os indivíduos Tchipewyan são mais propensos a serem encontrados em populações resultantes de uma mistura genética entre a primeira e a terceira migrações.

Os autores, então, estenderam o método, aplicando-o ao compartilhamento de haplótipos autossômicos:
Os resultados obtidos para os Dakelh e parte dos Tchipewyans mostram que eles podem ser considerados como resultantes de uma mistura genética entre os primeiros ameríndios (resultante da primeira migração) e aproximadamente 10 a 30% da ancestralidade Saqqaq (resultante da segunda migração) .

Os autores então construíram um modelo demográfico para as populações nativas americanas. Eles usaram o software Rarecoal para estimar os tempos de divergência e o tamanho da população. O resultado obtido contém seis grupos: (fig. 5)

Há, portanto, cerca de 23% de ancestralidade siberiana entre os Athapaskans do Norte. A mistura genética data entre 6.500 e 7.000 anos atrás. Um modelo mais simples fornece uma data de aproximadamente 4400 anos que corresponde, portanto, à mistura genética entre os primeiros ameríndios e os paleo-esquimós. Há menos ancestralidade ártica entre os Athapaskans do Norte (cerca de 7%). Esta ascendência paleo-esquimó entre os Na-Dené está ausente entre outras populações ameríndias. Em conclusão, os resultados deste estudo são consistentes com um fluxo gênico Paleo-Eskimo (entre 19 e 25%) nos ancestrais ameríndios de certos Na-Dené, então um fluxo gênico Neo-Eskimo mais baixo nas populações Na-. Esse fluxo gênico Paleo-esquimó é menor nos ancestrais dos Tchipewyans (16%). Portanto, apenas uma fração do Na-Dené tem essa ancestralidade paleo-esquimó. Esta migração paleo-esquimó se origina na Sibéria Central antes de se espalhar no Nordeste da Sibéria (cultura Syalak entre 6500 e 5200 anos). Então, parte dessa população forma a cultura Bel'kachi entre 5.200 e 4.100 anos atrás, ainda no nordeste da Sibéria, e outra cruza o estreito de Bering para chegar ao Alasca há 4.800 anos.

OS POVOS DE ALASKA

Os ancestrais dos nativos do Alasca migraram para a região há milhares de anos, em pelo menos duas ondas diferentes. Alguns são descendentes da terceira onda de migração, durante a qual as pessoas se estabeleceram no norte da América do Norte. Eles nunca migraram para as regiões do sul. Por isso, estudos genéticos mostram que eles não têm parentesco próximo com os povos indígenas sul-americanos. Os nativos do Alasca vieram da Ásia. Os antropólogos afirmaram que sua jornada da Ásia ao Alasca foi possibilitada pela ponte de Bering Land ou por viagens marítimas. Por todo o norte do Ártico e circumpolar, os ancestrais dos nativos do Alasca estabeleceram uma variedade de culturas indígenas complexas que se sucederam uns aos outros ao longo do tempo. Eles desenvolveram maneiras sofisticadas de lidar com um clima e meio ambiente hostis e com culturas profundamente enraizadas no local. Os grupos históricos foram definidos por suas línguas, que pertencem a várias famílias linguísticas importantes. Hoje, os nativos do Alasca constituem mais de 15% da população do Alasca.

Abaixo está uma lista abrangente dos vários povos nativos do Alasca, que são amplamente definidos por suas línguas históricas (dentro de cada cultura existem diferentes tribos):

Beringiana antiga
Athabascans do Alasca
Ahtna
Deg Hit'an
Denaina
Gwich'in
Hän
Holikachuk
Koyukon
Meias tanana

Dena'ina
Eles são os habitantes originais da região centro-sul do Alasca, que se estende de Seldovia no sul a Chickaloon no nordeste, Talkeetnaau no norte, Lime Village no noroeste e Pedro Bay no sudoeste. A terra natal de Dena'ina (Dena'ina Elnena) cobre uma área de mais de 41.000 milhas quadradas. Eles chegaram ao centro-sul do Alasca entre 1.000 e 1.500 anos atrás. Eles foram o único grupo Athabaskan do Alasca a viver na costa. A cultura Dena'ina é uma cultura de caçadores-coletores e tem um sistema matrilinear.

Tanacross
High Tanana
Kuskokwim Superior (Kolchan)
Eyak
Tlingit
Haida
Tsimshian
INUIT
Iñupiat, um grupo Inuit
Yupik
Yupik siberiano
Youpik
Cup'ik
Nunivak Cup'ig
Sugpiaq ~ Alutiiq
Chugach Sugpiaq
Koniag Alutiiq
Aleut (Unangan)

Os Dena'ina são o único grupo athabascano do norte a viver da água salgada, o que lhes permitiu ter o estilo de vida mais sedentário de todos os Athabascanos do norte. Os Dena'ina eram organizados em bandas regionais ou Ht'ana ("o povo de [um lugar ou região]"), que eram compostas por bandas locais. Os bandos regionais tinham várias aldeias ou qayeh, cada uma contendo habitações multifamiliares chamadas Nichil. Cada Nichil era chefiado por um qeshqa ("homem rico" ou "chefe"). Os homens e mulheres das aldeias pertencem ao clã de sua mãe. Os aldeões só podiam se casar fora de seu próprio clã e de sua própria metade, mantendo a diversidade do patrimônio genético e a força da linhagem da aldeia. Trabalhos arqueológicos sugerem que os Dena'ina ocuparam as áreas de Upper e Outer Cook Inlet nos últimos 1.000 anos, migrando das áreas de Mulchatna e Stony River, onde viveram por milhares de anos antes.

Os Yupiks

(Yup'ik no singular e Yupiit no plural na língua Yupik) são os nativos que vivem na metade sul da costa oeste do Alasca, especialmente no Delta de Yukon-Kuskokwim e ao longo do Rio Kuskokwim (Yupiks du central Alasca), no sul do Alasca (os Alutiiqs) e na ponta oriental da Rússia e na Ilha de São Lourenço, ao sul do Estreito de Bering (os Yupiks da Sibéria). Os Yupiit são relacionados aos Inuit e são membros do Conselho Circumpolar Inuit.

Os Yupiks do Delta de Yukon-Kuskokwim vivem em uma tundra subártica rica em vegetação e em vários cursos de água que servem como vias de comunicação. A falta de madeira é compensada pela abundância de madeira flutuante que flui pelos rios na primavera.

Os Yupiit do Alasca central são de longe o grupo Yupik mais numeroso. Aqueles que vivem na Ilha Nunivak são chamados de Cup'ig; aqueles que vivem na aldeia de Shevak são chamados de Cup'ik.

Devido à confusão dos exploradores russos em 1800, alguns Yupiit que viviam ao longo da fronteira com seus parentes Aleutas foram chamados de Aleutas, ou Alutiiq em Yupik. Esta denominação continua em vigor. Os Yupiit se autodenominaram como tal. O termo consiste em Yuk ("pessoa") e no sufixo -pik ("verdadeiro"). Tradicionalmente, as famílias passavam a primavera e o verão no acampamento de pesca, e depois se reuniam nas aldeias no inverno.

Na casa comum dos homens, o qasgiq, cerimônias e festividades aconteciam, incluindo canções, danças e tradições orais. O Qasgiq era usado principalmente durante os meses de inverno, à medida que grupos de famílias rastreavam as fontes de alimento durante a primavera, verão e outono. Todos os homens e meninos com mais de cinco anos de idade dormem e vivem lá. Este sistema de vida comum permite a troca intergeracional e a manutenção das tradições por meio da transmissão oral. É, portanto, o lugar onde os homens ensinam técnicas de sobrevivência e caça aos meninos. No inverno, os jovens também aprenderam a fazer ferramentas e caiaques.

Estas casas semi-subterrâneas são feitas de madeira flutuante, isoladas por húmus e abertas por uma entrada de túnel. A organização interna é um reflexo da organização social do grupo: os homens mais importantes ficam na retaguarda, onde é mais quente.

A organização de cerimônias comunitárias ou intercomunitárias é a única oportunidade para as mulheres entrarem.

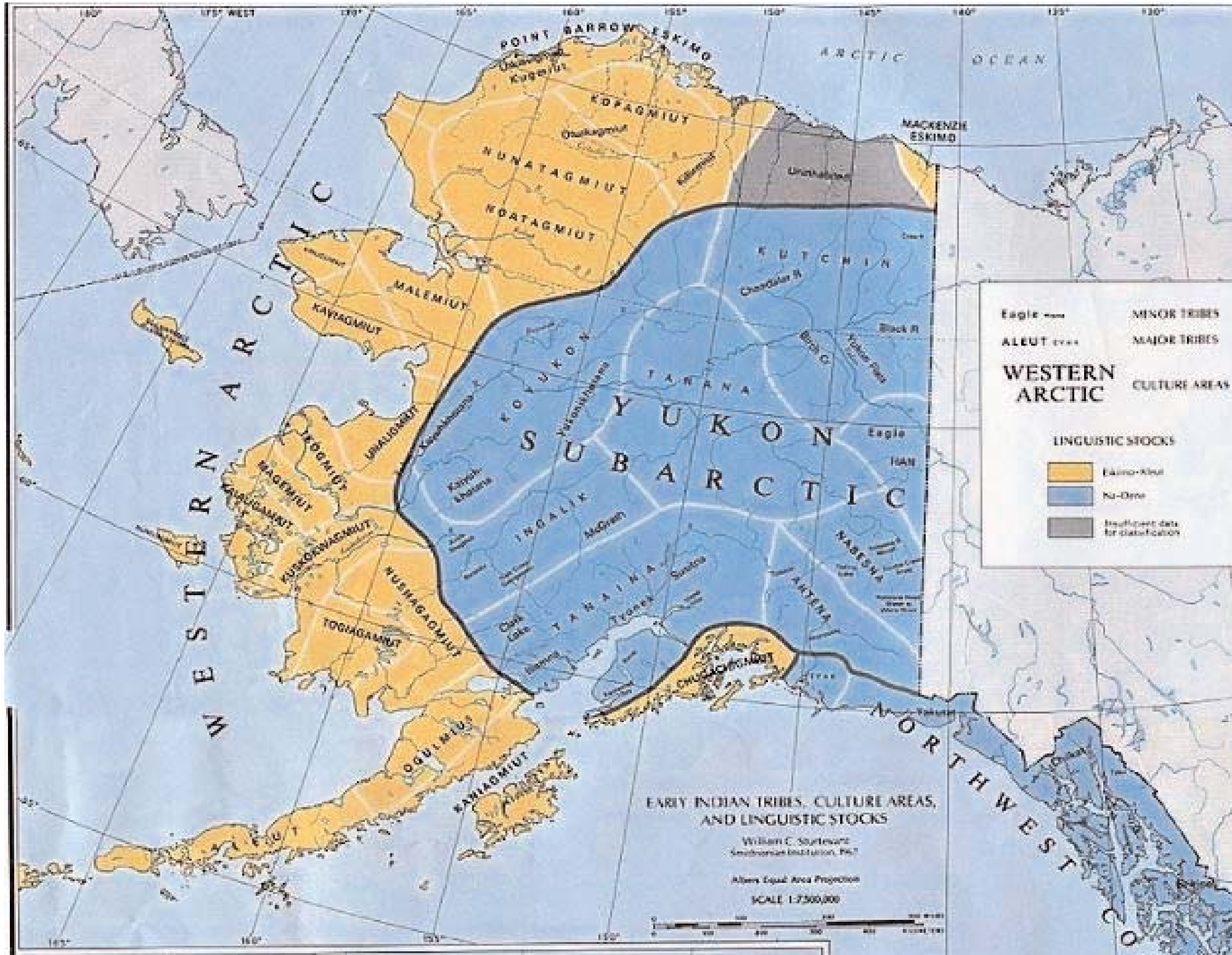
A casa das mulheres, a ena, era tradicionalmente a casa vizinha, e em alguns lugares as duas moradias eram conectadas por um túnel. As mulheres ensinaram as meninas a costurar, cozinhar e tecer. Os meninos viveram com a mãe até os cinco anos, depois mudaram-se para o qasgiq. Todo inverno, por três a seis semanas, meninos e meninas viajavam diariamente, e os homens ensinavam às meninas sobrevivência e habilidades de caça e fabricação de ferramentas, e as mulheres ensinavam os meninos a costurar e costurar. A cozinhar.

Para o Yupiit, cada ser e cada objeto tem uma alma, o "Yua", que merece respeito sob pena de punição e dano.

Muitas famílias mantiveram os meios tradicionais de subsistência, especialmente o salmão e a foca. Os yupiks falam cinco línguas distintas, que formam um grupo ligado ao ramo esquimó da família esquimó-aleúte.

Além da confecção de roupas, que é uma produção feminina vital e virtuosa, os Yupiit são famosos pela confecção de máscaras cerimoniais. Sua aparência varia de acordo com o uso, variando de máscaras para dedos pequenos a máscaras grandes que exigem vários usuários. No entanto, existem padrões que são estritamente observados. Assim, as máscaras são criadas especificamente para uma ocasião e de acordo com o sonho do xamã: é necessário que o espírito tenha aparecido para poder representá-lo corretamente. Se ele mesmo não o fizer, ele diz ao escultor o que fazer.

No entanto, mesmo que a continuidade formal seja inegável, cada máscara é única e sua fabricação está sujeita aos desejos e sensibilidade do escultor. Ele tira proveito de um repertório comum de formas, mas se apropria delas e as adapta. O Yupiit poderia, portanto, em uma máscara reconhecer a visão e o estilo de um escultor. Até recentemente, a habilidade de um homem de esculpir uma máscara era considerada tão fundamental quanto a habilidade de comer e respirar. Os mais dotados tiveram o privilégio de ser encarregados da realização das máscaras para o xamã.

O fabrico começou com a recolha de madeira, recuperada especificamente para a ocasião e sujeita a ritos particulares, de forma a respeitar o Yua. O escultor então seguiu as orientações do xamã para a forma do objeto, então o pintou e terminou adicionando os vários elementos relatados. Pintar a máscara era torná-la visível para o mundo espiritual e, apesar da chegada de tinturas químicas vendidas pelos ocidentais, a maioria dos Yupiit permaneceu fiel aos pigmentos naturais. Muitas vezes eram queimados após as cerimônias, daí a escassez de vestígios arqueológicos.

INGALIK

O Ingalik, um povo que vive ao longo do Alto Kuskokwim e do baixo Rio Yukon, bem como seus afluentes, o Anvik e o Innoko, no atual Alasca, eram os povos de língua Athapaskan mais antigos. Ao oeste e ao norte estavam os Inuit, que deram a Ingalik (pronuncia-se ING-guh-lick) seu nome tribal e sobreviveu à história.

Casas semi-subterrâneas de barro semelhantes às construídas pelos ocidentais eram usadas principalmente no inverno. Residências de verão eram casas construídas com pranchas de abeto, casca de árvore ou choupo, toras e abrigos temporários de arbustos. Cada aldeia normalmente tinha uma casa comum para os homens, uma grande sala estrutural com uma lareira central e bancos ao longo das paredes, usada como um centro cerimonial e de aconselhamento, bem como um manto, uma sauna semelhante aos kashim inuit.

As parkas, calças e botas Ingalik, feitas de peles de animais, se assemelhavam às dos Inuit, assim como seus arpões, seus propulsores, trenós e sapatos de neve. Exceto que geralmente canoas de casca de bétula eram usadas em vez de barcos cobertos com peles típicas de Inuit. Único para os povos da região, eles faziam pratos e tigelas de madeira para o
comércio com outras tribos.

Eles dependiam da caça, pesca e coleta para sua subsistência, assim como outras pessoas na região, mas sua localização ao longo dos rios onde correm os salmões regularmente significava que eles poderiam manter uma grande comunidade viva sem a aldeia, muito mais do que os Índios subárticos mais para o interior sim. Ainda assim, os Ingalik também perseguiam animais selvagens como caribus e alces nas florestas montanhosas a leste de seu território.

O Ingalik via o universo em quatro níveis, a Terra, o céu, um submundo superior e um submundo inferior. que eles chamam de "cauda de peixe". Todos os elementos da natureza, de acordo com suas crenças, possuíam espíritos ou yegs. Quando um humano morre, seu yeg geralmente vai para o submundo superior, onde o herói cultural Raven viveu, e outros fornecem para ir para "alto no céu" ou "rabo de peixe" dependendo do tipo de morte. As cerimônias Ingalik, lideradas por xamãs, incluíam uma cerimônia com sacrifícios de animais a cada duas semanas e uma cerimônia de doação semelhante a potlatches a cada temporada.

O TREINAMENTO GENÔMICO DOS ANCESTORES DOS PRIMEIROS AMERICANOS NO NORDESTE DA ÁSIA

A origem da população das Américas é objeto de intenso debate no campo da arqueogenética. Duas descobertas recentes são importantes neste debate. O indivíduo Upward Sun River 1 (USR1) de um sepultamento duplo de crianças no Alasca e datado de cerca de 11.500 anos atrás representa uma linhagem até então desconhecida que divergia de qualquer população nativa americana entre 22.000 e 18.000 anos atrás, e antes da separação entre os dois principais ramos relativos aos ameríndios do Norte e do Sul que teriam divergido entre 17.500 e 14.600 anos. Dois outros indivíduos dos sítios arqueológicos de Duvanny Yar (Kolyma1) no nordeste da Sibéria, datados de 9.800 anos de idade e Ust'-Kyakhta-3 na região do Lago Baikal, datado de 14.000 anos atrás também representariam populações originalmente do assentamento das Américas e que teria divergido das populações ameríndias antes do indivíduo de Upward Sun River. Além disso, seis indivíduos neolíticos primitivos da Caverna Devil's Gate na bacia do rio Amur mostram continuidade genética nesta região até o momento e com a maioria das populações atuais na Sibéria.

Destes doze indivíduos, seis foram eliminados por contaminação. Entre os últimos seis indivíduos, apenas três não têm ancestralidade da Eurásia Ocidental: dois indivíduos do Neolítico Inferior e um da Idade do Ferro.

Os autores realizaram a Análise de Componentes Principais para comparar o genoma desses indivíduos com o de outros indivíduos antigos ou contemporâneos. Na figura abaixo, os caçadores-coletores ocidentais (WHG) estão localizados à esquerda (discos cinza), os primeiros americanos (FAM) na parte superior (discos vermelhos) e os indivíduos de Houtaomuga na parte inferior direita (discos ciano), perto de outras populações da região da Bacia de Amur:

Curiosamente, os dois indivíduos USR1 e Kolyma1 situam-se entre os primeiros americanos e as populações do Leste Asiático.
Curiosamente, os dois indivíduos USR1 e Kolyma1 situam-se entre os primeiros americanos e as populações do Leste Asiático. Os autores então usaram o software qpAdm e qpWave para construir um gráfico demográfico para destacar as diferentes misturas genéticas:

De acordo com este modelo, o USR1 individual viria de duas fontes ancestrais. O primeiro inclui uma mistura entre os primeiros americanos e uma população próxima ao menino de Mal'ta (ANE). A segunda fonte inclui outra população próxima ao menino de Mal'ta e uma população próxima a indivíduos de Houtaomuga. Este último componente representa entre 6 e 35% do genoma de USR1.

Curiosamente, os primeiros americanos e o indivíduo USR1 não fazem parte de um único ramo. A fonte do nativo americano no USR1 individual pertence apenas ao ramo norte do nativo americano. Além disso, não há fluxo gênico de uma população próxima ao menino Mal'ta no ancestral comum de USR1 e dos primeiros americanos. Em conclusão, a interpretação mais provável desses resultados é que a divergência entre os ramos Ameríndios do Norte e do Sul ocorreu na Ásia imediatamente após o fim do isolamento beríngio que de fato deve ter ocorrido fora de Beringia:

Este modelo explica a presença do sinal da bacia do rio Amur entre os antigos beríngios sem invocar várias passagens pelo estreito de Bering para as quais não há evidências arqueológicas claras. Os autores presumem que os sul-ameríndios foram os primeiros a cruzar o estreito de Bering, seguidos pelos norte-ameríndios que antes tiveram tempo de interagir com as populações da Bacia do Amur. Essa hipótese também facilita a interação com a população Y próxima aos Onges ou ao ex-indivíduo Tianyuan e identificada no genoma de algumas populações ameríndias.

Migração americana de Bering

A Zona Cultural da Costa Noroeste segue a costa noroeste da América do Norte e se estende um pouco para o interior ao longo dos rios Nass e Skeena e do rio Fraser na Colúmbia Britânica. A hipótese mais conhecida sugeriria que as tribos da Mongólia e da Sibéria, em pequenos grupos de caçadores, haviam migrado da Ásia pelo Estreito de Bering (em homenagem a Vitus Behring, um navegador dinamarquês pago pelos russos que exploraram a região em 1728).)

Após o recuo das geleiras (8.000 anos antes de nossa era) em direção ao Pólo Norte, os nativos teriam retornado ao Norte para repovoar grande parte do território norte-americano. Há cerca de 8.000 anos, houve um aumento significativo da demografia ligada ao aquecimento global e à domesticação da mandioca, abóbora e batata-doce. Então, a população dos Estados Unidos permanece constante até cerca de 3.000 anos, quando um segundo período de expansão começa.

Eles teriam povoado todo o continente ao longo da costa do Pacífico até o extremo sul da América do Sul, onde os incas e astecas, por exemplo, criaram grandes impérios. Outros grupos de caçadores teriam se mudado para o norte, para os Grandes Lagos e além, estendendo-se até o Oceano Atlântico. Essas populações mongolóides sempre foram consideradas hoje como ancestrais de todos os nativos americanos. Eles deixaram vestígios de uma cultura chamada "caçadores de Clovis", em homenagem a uma cidade no Novo México onde, em 1932, foram descobertas pontas de flecha e ferramentas cortadas de acordo com uma técnica muito particular.

Posteriormente, traços semelhantes foram encontrados em centenas de outros locais no sul do Canadá, nos Estados Unidos e em lugares distantes como o Panamá. Por muito tempo, toda a pré-história ameríndia se baseou nesta dupla observação: o continente americano era habitado há apenas 24.000 anos e todos os atuais ameríndios necessariamente descendem desses povos mongolóides vindos da Ásia. A geografia da região, com as suas baías, fiordes e arquipélagos recortados em rochas íngremes que se transformam em montanhas costeiras, oferece muitos espaços abrigados para a construção de aldeias, obrigando os seus habitantes a adotar um estilo de vida marítimo. Os primeiros assentamentos humanos na costa noroeste provavelmente datam de cerca de 14.000 anos, o período após a última idade do gelo. A caça e a coleta são a base das sociedades, e os recursos mais valiosos são o salmão (para alimentação) e o cedro (para construção, artesanato e tecnologia). Regiões seguras e recursos abundantes dão origem a assentamentos permanentes de notável riqueza e complexidade política, apesar da ausência de uma economia baseada na agricultura. Alguns achados arqueológicos, incluindo ferramentas esculpidas artisticamente e objetos decorativos com milhares de anos, sugerem aos arqueólogos que as tradições espirituais e artísticas, como o potlatch, foram preservadas na costa noroeste por mais de 5.000 anos.

Alimentação e economia

Pesca, caça e coleta são os meios de subsistência na costa noroeste. Os recursos do mar, em particular, são de extrema importância. Os circuitos do salmão do Pacífico, que acompanham as suas migrações e permitem a captura de salmão que será consumido fresco ou seco ao longo do ano, estão no centro das preocupações. Os pescadores adaptam suas ferramentas, como redes, armadilhas e aterros, às diferentes condições do mar e do rio, bem como à presença de diferentes espécies de peixes locais. Eles empregam diferentes técnicas, como trolling ou jigging, usando anzóis carregados com isca para pescar; nós também lançamos ou lançamos nos riachos.

Os caçadores capturam mamíferos terrestres, incluindo veados-de-cauda-branca, ursos, alces (alces) e cabras da montanha, usando arcos e flechas, armadilhas, atordoadores e redes. Mamíferos marinhos, incluindo focas, baleias e botos, eles são espetados em água e redes quando os animais se aventuram na costa. Aves aquáticas abundantes são capturadas usando uma infinidade de redes.

Os diferentes povos complementam sua dieta com crustáceos, frutos silvestres, raízes comestíveis, bulbos e brotos verdes. Homens e mulheres juntos criam as ferramentas de que precisam. Como todos os tipos de alimentos às vezes se acumulam em quantidades grandes demais para suas necessidades imediatas, eles geralmente economizam alimentos para períodos mais frugais. Os homens trazem a maior parte do peixe e da caça, enquanto as mulheres cozinham e conservam a carne.

Hospedagem e transporte

Os povos indígenas da costa noroeste geralmente se refugiam no inverno em grandes estruturas de vigas e postes. Chamadas de "casas de tábuas", essas estruturas são revestidas por tábuas de cedro decoradas de forma diferenciada conforme as regiões. O cedro é uma madeira cobiçada porque seu grão longo e reto é ideal para trabalhar madeira, tanto de forma artística quanto utilitária. Carpintaria é trabalho de homem; Com lâminas de pedra ou concha, cunhas de madeira e martelos de pedra, eles fazem casas de tábuas, mas também todos os tipos de objetos do cotidiano. Por exemplo, os artesãos fazem muitas canoas irregulares, que lhes permitem se mover através de riachos rápidos e mar adentro.

Sociedade

A unidade social básica, em toda a costa noroeste, é um grande grupo de pessoas que geralmente têm ancestrais comuns. Entre os povos nórdicos, a filiação ao clã é geralmente transmitida pela mãe, mas no sul pode ser reivindicada em virtude da linhagem paterna ou materna. Em ambas as regiões, portanto, existe um grupo familiar muito unido que vive com seus cônjuges em uma casa ou em um grupo de casas, guiado e dirigido por líderes competentes. Esses líderes têm um título oficial ou herdam um nome importante dentro da linhagem e são responsáveis pela organização dos bens familiares, incluindo bens intangíveis como nomes, realização de rituais, canções especiais ou conhecimentos ocultos. A verdadeira riqueza, entretanto, é o domínio absoluto sobre propriedades como terrenos para construção, locais de reunião, áreas de caça, colônias de focas ou áreas de captura. Embora algumas áreas e águas pertençam a todos, os locais mais ricos em recursos são privados. No entanto, a partilha de alimentos pela comunidade continua a ser essencial.

A cultura Clovis está na origem da Nativos americanos contemporâneos

Morten Rasmussen acaba de publicar um artigo sobre o genoma de um esqueleto da cultura Clovis enterrado em Montana: O genoma de um ser humano do Pleistoceno Superior de um cemitério de Clovis no oeste de Montana.

O único cemitério conhecido associado à cultura Clovis com uma assembléia mortuária é o local de Anzick em Montana. Cem ferramentas de pedra e 15 ferramentas de osso da cultura Clovis estão associadas ao sepultamento de um menino de 1 a 2 anos. Os restos mortais estavam localizados logo abaixo dos artefatos e estavam cobertos de ocre vermelho. A datação por radiocarbono estimou a idade desse enterro entre 12.707 e 12.556 anos:

O teste de DNA mitocondrial mostrou que a espinha dorsal pertence ao haplogrupo D4h3a. É uma linhagem específica dos nativos americanos, hoje distribuída ao longo da costa do Pacífico nas Américas do Sul e do Norte. Sua distribuição atual sugere uma rota de migração costeira. Sua descoberta em Montana em um esqueleto de 12.600 anos coloca essa hipótese em questão. A idade deste haplogrupo foi estimada em cerca de 13.000 anos, o que corresponde bem à idade deste esqueleto.

O sequenciamento do DNA nuclear foi feito com uma taxa de cobertura de 14,4. O teste de DNA do cromossomo Y mostrou que a espinha dorsal pertence ao haplogrupo Q-L54 * (xM3), que também é específico para os nativos americanos. A idade de divergência entre os ramos Q-L54 * (xM3) e Q-M3 é estimada em cerca de 16.900 anos, sabendo-se que as sequências modernas acumularam em média 48,7 transversões deste nó da árvore filogenética, e que o esqueleto de Anzick acumulou 12.

Figure 2 | Genetic affinity of Anzick-1. a, Anzick-1 is most closely related to Native Americans. Heat map representing estimated outgroup f_3-statistics for shared genetic history between the Anzick-1 individual and each of 143 contemporary human populations outside sub-Saharan Africa. **b**, Anzick-1 is less closely related to Northern Native American populations and a Yaqui individual than to Central and Sout Karitiana. We computed *D*-statistics *X*) to test the hypothesis that a secor closely related to Anzick-1 as the Sou whiskers represent 1 and 3 standard

O genoma de Anzick foi comparado a 143 populações não africanas contemporâneas, incluindo 52 populações nativas americanas. O esqueleto da cultura Clovis está, portanto, muito mais próximo das populações nativas americanas do que de outras:

Shown are results from one of the converged runs at each K. We note that the model at K = 11 was found to have th the lowest cross validation index values (see Supplementary Information). At each K each sample is represented by Anzick-1 are magnified and presented horizontally at the top. Note that irrespective of the number of genetic compor shares all the components present in different contemporary Native American populations.

Curiosamente, o indivíduo Anzick mostra menos afinidade genética com as populações da América do Norte e Yaqui da América Central do que com as populações da América do Sul e Central (ver Figura 2b abaixo). Existem dois cenários possíveis para explicar esses dados:

§ a diversificação entre norte-americanos e sul-americanos é mais antiga do que a cultura Clovis, com o indivíduo de Anzick pertencendo à linhagem sul-americana.

§ O indivíduo de Anzick corresponde à época da separação entre norte-americanos e sul-americanos, mas as populações da América do Norte posteriormente receberam um fluxo gênico externo, provavelmente da Sibéria.

No entanto, os autores deste estudo não encontraram nenhum fluxo gênico externo em populações norte-americanas, o que sustenta a primeira hipótese. Assim, a estruturação dos nativos americanos seria mais antiga do que a cultura Clovis.

Os autores então compararam o genoma do esqueleto de Anzick com, por um lado, as populações nativas americanas e, por outro lado, o esqueleto do menino de Mal'ta, no sul da Sibéria. Os resultados mostraram que o fluxo gênico da linhagem do menino Mal'ta na população nativa americana é anterior à divergência entre as linhagens norte e sul americanas. Finalmente, os autores mostraram que o esqueleto de Anzick era um ascendente direto das populações Karitiana no Brasil e Maias:

Em conclusão, pode-se dizer que o filho de Anzick da cultura Clovis pertencia a uma população da qual muitos nativos americanos atuais são descendentes. Portanto, os nativos americanos de hoje são descendentes das pessoas que produziram a cultura Clovis. Este último, portanto, não é o resultado de uma migração Solutrean da Europa.

ÁREAS GEO-CULTURAIS AMERINDIANAS DE NORTE A SUL

(Indiens subarctiques)

Ahtena
Castor (Tsattine)
Béothuk
Transporteur (Dakelh)
Chipewyan
Chippewa (Ojibway)
cri
Dogrib
(Thlingchadinne)
Han
Lièvre (Kawchotinne)
Ingalik
Koyukon
Kutchin
Montagnais
Naskapi
Esclave (Etchareottine)
Tanaina
Tanana
Yellowknife (Tatsanottine)

Os primeiros povos da América do Norte desenvolveram a tradição paleo-indiana. Paleo-índios são caçadores de grandes mamíferos selvagens, como mamutes, mastodontes e preguiças gigantes. Esses paleo-índios vivem em pequenos bandos isolados de cerca de 15 a 50 pessoas. Eles sobrevivem coletando alimentos vegetais selvagens e caça, usando ferramentas simples. Dentro da tradição emergem várias culturas, incluindo a Clovis (9200 a 8900 aC) e a Cultura de Folsom (8500 a 8000 aC), que se caracterizam por inovações na fabricação de pontas de projéteis - as pontas de pedra nas ferramentas de caça paleo-indianas. A tradição Paleo-indiana desaparecerá lentamente à medida que o clima da América do Norte esquentar. O aumento das temperaturas matará muitos animais de caça de grande porte e, ao mesmo tempo, fornecerá aos primeiros índios novas espécies de flora e fauna para uso como fonte de alimento.

(Indiens de la côte nord-ouest)

Bella Coola
Quinnat
Roucoule
Cowichan
Duwamish
Haïda
Kalapuya
Kwakiutl
Maka
Nisqually
Nootka
Puyallup
Quileute
Quinault
Squaxon
Takelma
Tlingit
Tsimshian
Umpqua
Yaquina

Os primeiros índios do Noroeste desenvolveram a antiga cultura da Cordilheira. Culturas da Velha Cordilheira estão surgindo entre os índios do Vale do Rio Columbia (Washington e Orego). A cultura é caracterizada por várias estratégias de obtenção de alimentos. Os antigos índios da Cordilheira usavam pontas de projéteis em forma de folha de salgueiro para caçar pequenos animais, fazer anzóis e outras ferramentas simples para preparar plantas para comer.

Os índios do Noroeste também aprenderam a conservar peixes. Essa capacidade permite que preservem os milhares de salmão e outros peixes capturados durante a corrida em migrações anuais para áreas de desova para uso em outras épocas do ano.

(Indiens de Californie)

Achomawi (Indiens de la rivière Pit)
Cahuilla
Chimariko
Chumash
Costanoan
Cupeño
Diegueño (Tipai-Ipai)
Esselen
Gabrieleño
Hupa
Karok
Luiseno
Maidu
Miwok
Pomo
Salinas
Shasta
Tolowa
Wintun
Yahi
Yokuts
Yuki
Yourok

Os primeiros índios da tradição Folsom se estabeleceram na atual Lindermeier, Colorado, que se tornaria um dos primeiros sítios paleo-indianos a ser escavados. O povo de Lindermeier passa a maior parte do tempo em pequenos grupos, movendo-se de um lugar para outro, seguindo os rebanhos de bisões. Essas faixas de roaming se estendem por centenas de quilômetros de Lindermeier. Além do caráter distinto da Folsom com suas pontas de projétil, o povo de Lindermeier faz facas finas, brocas para fazer furos em madeira e pedra e raspadores para preparar peles de animais. Alguns deles são feitos de obsidiana, uma rocha de material vulcânico encontrada a mais de quinhentos quilômetros de distância. Esses objetos atestam a participação dos índios Lindermeier em uma vasta rede comercial.

(Indiens du Grand Bassin)

Bannock
Paiute
Shoshone
Ute
Lave-linge

O fim da última era do gelo causa mudanças dramáticas no continente norte-americano. À medida que a atmosfera da Terra aquece, o escoamento das geleiras derretidas cria os Grandes Lagos, o Rio Mississippi e outros cursos de água.

(Indiens des plaines)

Arapaho
Arikara
Assiniboine
Pieds noirs
Cheyenne
Comanche
Corbeau
Gros-Ventre (Atsina)
Hidatsa
Ioway
Kaw
Kiowa
Mandan
Missouria
Omaha
Osage
orteil
Pawnee
Ponça
Quapaw
Sarcee
Sioux (Dakota, Lakota, Nakota)
Tonkawa
Wichita

A cultura Folsom prospera na Grande
Região de planícies e partes do sudoeste.
Os Paleo-índios criaram uma tradição cultural baseada na caça de búfalos, já que as presas dos índios sobreviveram às mudanças climáticas na América do Norte, tornando-se herbívoros que se alimentam das gramíneas que cresceram nas Grandes Planícies.

Os Folsom Hunters desenvolvem um projétil mais curto e estreito do que seus predecessores Clovis. Com flautas em ambos os lados, essas pontas delicadas também são trabalhadas com muito mais cuidado, tornando os povos Folsom talvez os mais habilidosos pedreiros em toda a antiga América do Norte. Além de perseguir o bisão a pé, os pequenos bandos de caça de Folsom costumam se reunir para participar de caçadas comunais, nas quais conduzem rebanhos de bisões para recintos naturais e, em seguida, abatem os animais presos com suas lanças.

(Indiens du Nord-Est)

Abénaquis
Algonquin
Chippewa (Ojibway)
Érié
Huron (Wyandot)
Illinois
Iroquois (Haudenosaunee)
Cayuga
Mohawk
Oneida
Onondaga
Sénèque
Tuscarora
Kickapoo
Lenni Lenape (Delaware)
mahican
Malécite
Massachuset
Menominee
Meskwaki (Renard)
Miami
Micmac
Mohégan
Montauk
Nanticoke
Narragansett
Neutre
Niantic
Nipmuc
Ottawa
Passamaquoddy
Pennacook
Penobscot
Péquot
Potawatomi

A tradição arcaica caracterizada por
a maior variação nas estratégias de obtenção de alimentos substitui as culturas paleoindianas.

Índios arcaicos se adaptam a uma ampla variedade de novos ambientes e aprendem a explorar as fontes de alimento
disponíveis em cada um deles. Dependendo do ambiente, alguns passam a depender de alimentos vegetais silvestres, outros da pesca, alguns da caça e alguns de uma combinação dessas atividades. Esses alimentos variados permitem que os índios arcaicos se protejam da escassez de alimentos de maneira mais eficaz do que seus ancestrais paleo-indianos. Os primeiros índios arcaicos
estão começando a fazer experiências com o crescimento de plantas encontradas na natureza, como feijão, abóboras, pimentões e cabaças. Nesta fase, a agricultura primitiva dos índios e seus métodos resistentes produzem apenas uma pequena quantidade de comida - talvez apenas 5% de sua dieta. Suas principais fontes de alimento continuam sendo a caça de animais selvagens e a coleta de plantas silvestres.

No leste, a tradição arcaica será substituída pela tradição da floresta (1000 aC a 1600 dC), que se distingue por uma maior dependência da agricultura, do artesanato em cerâmica e da construção de túmulos.

O crescimento das populações seguir-se-á ao aumento das reservas alimentares. Aldeias arcaicas tornam-se cidades que abrigam milhares de famílias.

Powhatan
Roanoké
Sac
Shawnee
Susquehannock
Tionontati
Wampanoag
Wappinger
Winnebago (Ho-Chunk)

(Indiens du Plateau)

Cayuse
Coeur d'Alène
Colombie (Sinkuse)
Tête plate
Kalispel
Klamath
Klickitat
Kootenai
Modoc
Nez Percé
Ntlakyapamuk (Thompson)
Okanagan (Sinkaietk)
Palouse
Umatilla
Spokan
Stuwihamuk
Walla Walla
Wanapam
Wishram
Yakama

A cultura do Old Copper está surgindo na região dos Grandes Lagos. Índios arcaicos (8000-1000 aC) na região dos Grandes Lagos desenvolveram a "cultura do cobre antigo" após descobrirem depósitos de cobre nas margens do Lago Superior. Usando ferramentas simples, essas pessoas podem facilmente desenterrar o cobre em pedaços. Eles aprendem a dar forma ao metal, primeiro lascando e martelando, depois aquecendo o cobre para torná-lo mais maleável. A partir dessa matéria-prima, os índios criam ferramentas e armas, como projéteis, pontas de machados e lâminas, além de pulseiras brilhantes, miçangas e outros enfeites. Esses itens passarão a ser avaliados como produtos de luxo (wampum) em uma rede comercial que se desenvolverá em toda a região arborizada do Oriente.

(Indiens du sud-est)

Alabama
Apalachee
Atakapa
Caddo
Calusa
Catawba
Chitimacha
Choctaw
Coushatta
Ruisseau
Lumbee
Mobile
Natchez
Séminole
Shakori
Timucua
tunique
Yamasee
Yazoo
Yuch

A cultura Adena surge em pequenas colônias de o que é agora o sul de Ohio e partes da atual West Virginia, Pensilvânia, Kentucky e Indiana. A característica mais marcante de Adena é a construção de montes em forma de círculos, quadrados e pentágonos. O povo Adena construiu entre 300 a 500 montes. O conteúdo dos montes fornece evidências de que as estruturas foram construídas por motivos religiosos , em vez de fins defensivos. Usados para enterros de cadáveres ou restos cremados, muitos contêm itens de luxo para os mortos levarem consigo para a vida após a morte. Esses itens incluem ornamentos para o pescoço, cachimbos de ardósia para fumar tabaco e tábuas de pedra gravadas com desenhos e formas de animais que podem ter sido usados como carimbos para tatuagens corporais.

(Indiens du sud-ouest)

Akimel O'odham (Pima)
Apache
Coahuiltec
Havasupai
Hopi
Hualapai
Karankawa
Keres
Mojave
Navajo
Indiens Pueblo
Tewa
Tiwa
Tohono O'odham(Papago)
Towa (Jemez)
Yaqui
Yavapai
Yuma (Quechan)
Zuni

Os primeiros índios do sudoeste começaram a plantar campos de milho, que foi domesticado pela primeira vez no México pelo menos três milênios antes (5.000 aC). Inicialmente, o milho complementa o alimento obtido pela caça e coleta. Uma nova espécie de milho, uma espécie híbrida, cruzada com capim silvestre que produz espigas muito maiores e com mais fileiras de grãos, está se espalhando rapidamente na região.O cultivo do milho, portanto, está transformando a forma de vida indígena. Em vez de viver em pequenos grupos móveis, eles começaram a se estabelecer em aldeias maiores e mais permanentes.

Peuples autochtones du Canada -USA

Athapascan
Ingalik
Tanana
Tanaina
Inuit
Kutchin
Hare
Han
Inuit
Aleut
Ahtena
Yellowknife
Tutchone
Mountain
Dogrib
Tlingit
Nahane
(Kaska,
Tagish, Tahltan)
Inuit
Hudson
Bay
Slave
Haida
Chipewyan
Sekani
Tsimshian
Beaver
Naskapi
Bella Bella
Carrier
Bella Coola
Sarcee
Cree
Montagnais
Nootka
Kwakiutl
Shuswap
Beothuk
Lillooet
Cowichan
Stalo
Songish
Clallam
Columbia
Blackfoot
Ojibway
Micmac
Puyallup
Spokane
Metis
Algonkin
Malecite
Pend D'Oreille
Assiniboine
Yakama
Flathead
Anishinabe
Nipissing
Passamaquoddy
Chinook
Gros Ventre (Atsina)
(Chippewa)
Penobscot
Puyallup
Coeur D'Alene
Ottawa
Blood
Abenaki
Tillamook
Cayuse
Nez Perce
Crow
Hidatsa
Menominee
Huron
Klamath
Mandan
Winnebago
Massachuset
Yurok
Modoc
Bannock
Neutral
Iroquois
Mahican
Wappinger
Pequot
Wampanoag
Shoshone
Arikara
Narragansett
Wintun
Fox
Pomo
Northern
Sioux (Lakota)
Potawatomi
Montauk
Maidu
Paiute
Cheyenne
Sauk
Manhattan
Ponca
Miwok
Omaha
Kickapoo
Arapaho
Lenni Lenape
Castano
Ute
Pawnee
Iowa
Miami
Susquehannock
Yokuts
Washoe
Otoe
Missouri
Illinois
Paiute
Kansa
Powhatan
Shawnee
Chumash
Havasupai
Cuitoa
Luiseño
Cahuilla
Nahyssan
Hualapai
Santee
Osage
Meherrin
Mojave
Hopi
Yuchi
Sewee
Quapaw
Tiwa
Cherokee
Halchidhoma
Navajo
Cusabo
Tewa
Chickasaw
Wichita
Lumbee
Yavapai
Zuni
Keres
Napochi
Catawba
Yuma
Creek
Guale
Alabama
Kohuana
Maricopa
Piro
Kiowa
Hitchiti
Tacatacura
Tiou
Cocopa
Comanche
Caddo
Tunica
Saturiwa
Choctaw
Tohono O'odham
Kadohadacho
Tahome
Freshwater
Akimel O'odham
Apache
Hasanai
Natchez
Mobile
Timucua
Ais
Atakapa
Acolapissa
Seri
Guacata
Jeaga
Jumano
Karankawa
Seminole
Yaqui
Calusa
Atlantic Ocean
Coahuiltec
Gulf of
Mexico
Arawak
(Taino)
Totonac
Tarascan
Maya
Carib
Aztec

OS AMERINDIANOS DO CANADÁ

Comparando esse DNA antigo com o das populações indígenas atuais, os pesquisadores estabeleceram que os povos indígenas das Américas pertencem a cinco grandes linhagens espalhadas por toda a terra, todas com uma mesma origem.

"Todas as linhagens presentes nas populações indígenas das Américas são de linhagens ancestrais encontradas na Ásia. Mas essas próprias linhagens americanas não estão presentes na Ásia. Portanto, parece que surgiram em uma população da Ásia. Origem que divergia de um ancestral População asiática, então que se dispersava principalmente na América ", explica Dennis O'Rourke, antropólogo genético.

Os resultados apontam para o norte para localizar esta famosa população original. Alguns milhares de indivíduos que poderiam ter chegado a Beringia há mais de 24.000 anos - 40.000 anos AA.

- AA corresponde a "antes de hoje" antes do atual, ou seja, ao número de anos decorridos de um ponto de referência constante fixado por convenção até o ano 1950 de nossa era.

Os Paleoíndios se estabeleceram nas grandes planícies do Oeste americano, onde inventaram a ponta de projétil canelada, específica da cultura Clovis. Então, de lá, eles espalharam essa cultura pela América, migrando para o leste.

Durante o último milênio da Idade do Gelo, as populações humanas do oeste americano iniciaram uma grande migração, para o sul do México, sudeste para a Flórida e leste para a Nova Escócia. Os povos indígenas do Canadá, antigos e contemporâneos, habitam seis zonas culturais que, ao contrário das províncias e territórios, não têm fronteiras definidas e, em vez disso, referem-se à região em geral. A costa noroeste é uma dessas áreas. Os outros são as planícies, o planalto, o subártico, o ártico e as florestas orientais.

LAS PRIMERAS NACIONES DE LA COSTA NOROESTE

A Região Cultural da Costa Noroeste (Canadá), uma das seis incluídas no que hoje é o Canadá, reúne vários povos indígenas, incluindo Nuu-chah-nulth, Kwakwaka'awkws, Haida, povo Salish da Costa e Haislas. Geograficamente, a região reúne topografias extremas, que vão desde vastas praias a fiordes profundos e montanhas com picos nevados.

Muitas nações indígenas vivem na costa noroeste. Os Tlingit ocupam os territórios da ponta noroeste da Colúmbia Britânica e do sudoeste de Yukon até a costa sul do Alasca. Os haidas, por sua vez, habitam o Haida Gwaii, um arquipélago ao largo da costa norte da Colúmbia Britânica. Os povos de língua tsimshiana vivem ao longo dos rios Nass e Skeena, incluindo os Nisga'a e os Gitksans (Gitxsan). Espalhados ao longo da costa do Território de Tsimshian ao nordeste da Ilha de Vancouver estão Haislas, Heiltsuks, Oweekeno (Rivers Inlet) e Kwakwaka'wakws. Os Nuu-chah-nulth vivem na costa oeste da Ilha de Vancouver. Entre aqueles que ainda ocupam a terra estão os Salish da Costa, um grande grupo de Primeiras Nações que inclui os Salish da Costa Central e os Salish da Costa Norte.Também no norte da Colúmbia Britânica viviam três tribos, todas usando uma língua da família Tsimshian. A tribo Tsimshian, que vivia na costa do outro lado das Ilhas Queen Charlotte na foz do rio Skeena, os Gitksan viviam mais para o interior ao longo das margens do Skeena, e os Nisga'a (ou Niska) viviam na bacia de o rio Nass (Niska); os Kwakiutl (ou Kwakwala) eram uma das tribos mais importantes da Costa Noroeste, eles viviam na costa continental perto de Fort Rupert, bem como no norte da Ilha de Vancouver. Eles incluíam tribos próximas, como Bella Coola, que vivia nas margens dos rios Dean e Bella Coola e nos fiordes por onde esses rios corriam; o Kitimat, Makah e Nootka com quem havia semelhanças na língua Algonquiana-Wakashan. Os Bella Coola viviam nas margens dos rios Dean e Bella Coola e nos fiordes por onde esses rios corriam. Eles pertenciam à família linguística Salishan.Todas essas tribos do norte reuniram famosos escultores e artistas de totens. Os Coast Salish foram encontrados na costa leste da Ilha de Vancouver e na costa oposta à foz do Rio Columbia, na área das atuais cidades de Vancouver e Victoria. Eles falavam sete línguas pertencentes à família linguística Salishan. Os Chinooks (Chinouk) ocuparam a foz do rio Columbia em Oregon.

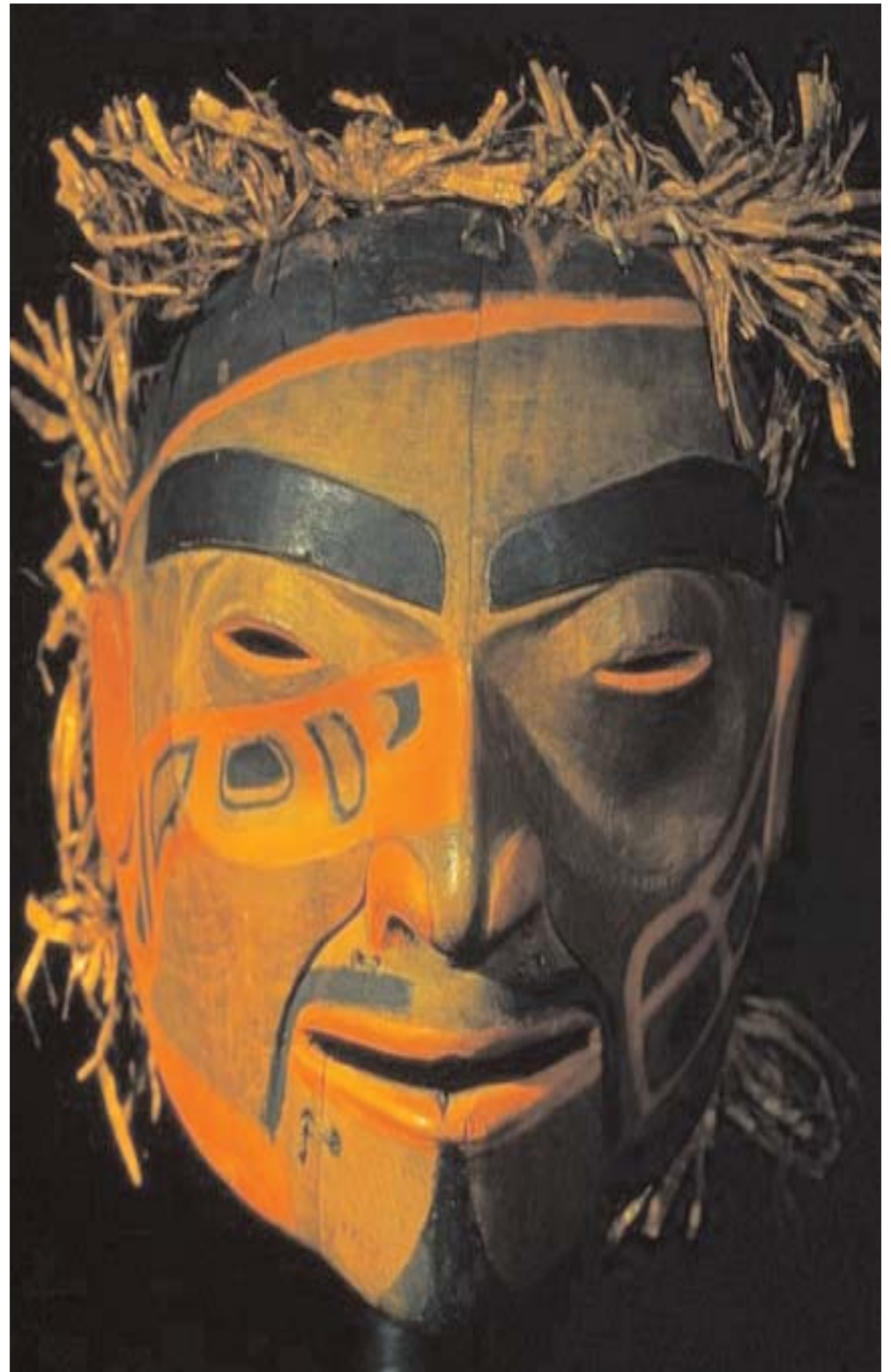
Geografia

A Zona Cultural da Costa Noroeste segue a costa noroeste da América do Norte e se estende um pouco para o interior ao longo dos rios Nass e Skeena e do rio Fraser na Colúmbia Britânica. A geografia da região, com as suas baías, fiordes e arquipélagos esculpidos em rochas íngremes que se transformam em montanhas costeiras, oferece muitos espaços abrigados para construir aldeias, obrigando os seus habitantes a adoptarem um estilo de vida marítimo.

Vida tradicional

Os primeiros assentamentos humanos na costa noroeste provavelmente datam de cerca de 14.000 anos atrás, o período após a última idade do gelo. A caça e a coleta são a base das sociedades, e os recursos mais valiosos são o salmão (para alimentação) e o cedro (para construção, artesanato e tecnologia). Regiões seguras e recursos abundantes dão origem a assentamentos permanentes de notável riqueza e complexidade política, apesar da ausência de uma economia baseada na agricultura. Alguns achados arqueológicos, incluindo ferramentas esculpidas com um grande preocupações artísticas e objetos decorativos com milhares de anos, sugerem aos arqueólogos que tradições espirituais e artísticas como o potlatch foram mantidas na costa noroeste por mais de 5.000 anos.

Alimentação e economia

Pesca, caça e coleta são os meios de subsistência na costa noroeste. Os recursos do mar, em particular, são de extrema importância. O salmão era para o povo da costa noroeste o que o bisão era para o povo das planícies. Este magnífico peixe, com carne nutritiva e rico em óleo, navegava todos os verões pelos muitos rios do Pacífico. Além disso, o oceano fornecia um suprimento abundante de peixes de águas profundas, como linguado e bacalhau, crustáceos e lontras marinhas, leões marinhos e baleias - que eram caçados com canoas cavadas em troncos de árvores por muitas dessas tribos costeiras. As corridas de

salmão do Pacífico, que acompanham suas migrações e permitem a captura de salmão que será consumido fresco ou seco durante todo o ano, estão no centro das preocupações. Os pescadores adaptam as suas ferramentas, como redes, armadilhas e açudes, às diferentes condições do mar e do rio, bem como à presença de diferentes espécies de peixes locais. Eles empregam diferentes técnicas, como trolling ou jigging, usando anzóis carregados com isca para pescar; também pescamos com arpão ou lança nos cursos de água.

Os caçadores capturam mamíferos terrestres, incluindo cervos de cauda preta, ursos, alces (alces) e cabras da montanha, usando arcos e flechas, armadilhas, atordoadores e redes. Mamíferos marinhos, incluindo focas, baleias e botos, são arpoados na água e com morcegos e redes quando os animais se aventuram na costa. As abundantes aves aquáticas são capturadas graças a uma infinidade de redes. Os diferentes povos complementam sua dieta com crustáceos, frutos silvestres, raízes comestíveis, bulbos e brotos verdes. Os recursos são distribuídos de forma desigual pelas regiões e os povos costeiros migram ou deixam suas aldeias de inverno para chegar a locais mais distantes, pois os recursos variam de estação para estação.

Embora a caça e a pesca sejam principalmente negócios masculinos, e as mulheres façam a maior parte da colheita das plantas e frutos do mar, a divisão do trabalho é complementar e cooperativa. Homens e mulheres juntos criam as ferramentas de que precisam. Como todos os tipos de alimentos às vezes são acumulados em quantidades grandes demais para suas necessidades imediatas, eles freqüentemente economizam alimentos para momentos mais frugais. Os homens trazem a maior parte do peixe e da caça, enquanto as mulheres cuidam do cozimento e conservação da carne.

Alojamento e transporte

Os povos indígenas da costa noroeste geralmente se abrigam no inverno em grandes estruturas de vigas e postes. Chamado "casas de tábuas", estas estruturas são revestidas com tábuas de cedro decoradas de forma distinta consoante as regiões. O cedro é uma madeira cobiçada porque seu grão longo e reto é ideal para trabalhar madeira, tanto de forma artística quanto utilitária.

Carpintaria é trabalho de homem; com lâminas de pedra ou de concha, cunhas de madeira e martelos de pedra, eles fazem casas de tábuas, mas também todos os tipos de objetos do cotidiano. Por exemplo, os artesãos fazem muitas canoas aparadas, o que lhes permite mover-se em riachos rápidos e offshore.

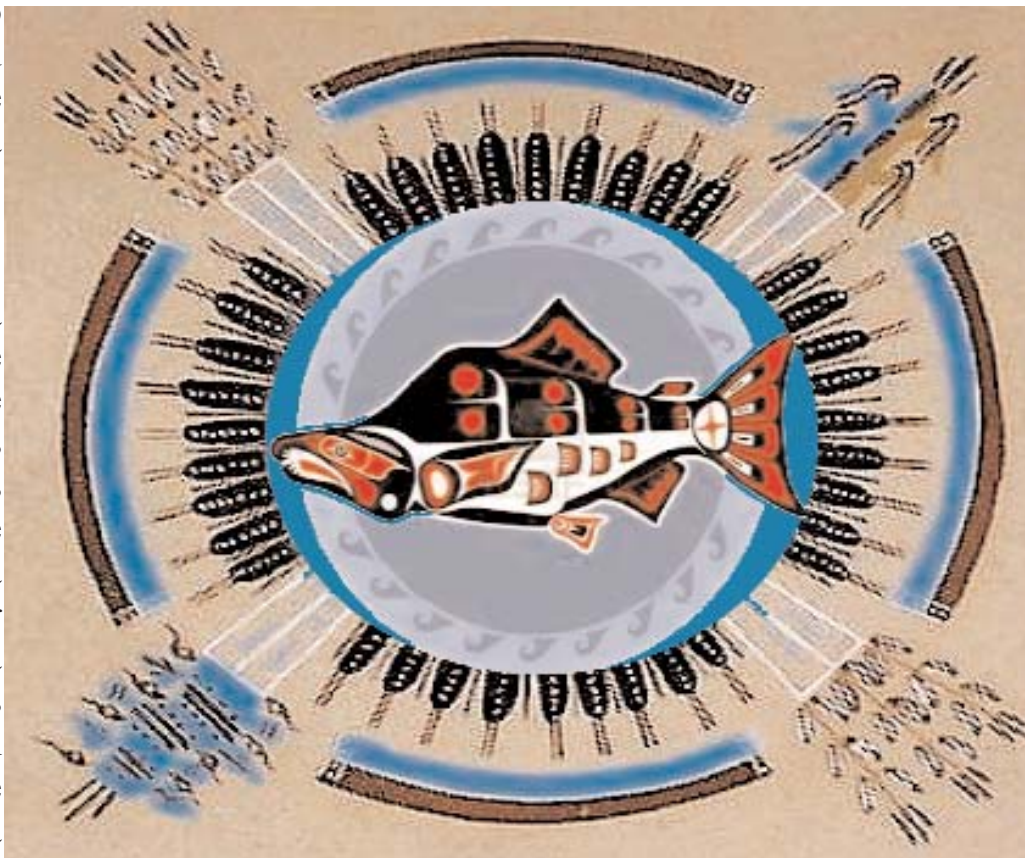
Confecções

As mulheres são responsáveis por confeccionar roupas para suas famílias. Eles tecem saias e capas de casca de cedro para a vida cotidiana. Em ocasiões especiais, os povos do Norte usam cobertores Chilkat ricamente decorados, feitos de casca de cedro e lã de cabra da montanha. O povo salish da costa tece lã de cabra montesa, acrescentando lã de cachorro, para fazer cobertores pesados com

bordas decoradas; eles são usados diariamente no tempo frio. Em todo o litoral, capas de pele completam esta loja de roupas.

As mulheres fazem outros itens do cotidiano, como linhas e redes de pesca, usando o barbante que tecem. Eles tecem cestos para colher, bem como lindos chapéus adornados com cascas de árvore e raízes de cedro. Os tapetes também são tecidos de casca de cedro ou junco, usados como móveis e coberturas para casas para melhor reter o calor.

Sociedade

A unidade social básica, em toda a costa noroeste, é um grande grupo de pessoas que geralmente têm ancestrais comuns. Entre os povos nórdicos, a filiação ao clã é geralmente transmitida pela mãe, mas no sul pode ser reivindicada em virtude da linha paterna ou materna. Em ambas as regiões, portanto, existe um grupo familiar unido que vive com seus cônjuges em uma casa ou grupo de casas, guiado e dirigido por líderes competentes. Esses líderes têm um título oficial ou herdam um nome importante dentro da linhagem e são responsáveis pela organização da propriedade familiar, incluindo bens intangíveis como nomes, realização de rituais, canções especiais ou conhecimentos ocultos. A verdadeira riqueza, entretanto, é o estrangulamento de propriedades como terrenos para construir casas, locais de coleta, áreas de caça, colônias de focas ou áreas de captura. Embora certos territórios e certas águas pertençam a todos, os locais com recursos mais abundantes são privados.

Essa propriedade imobiliária, além de uma gestão eficiente do trabalho familiar e do capital individual, permite que esses grupos e seus dirigentes sejam particularmente produtivos e acumulem consideráveis riquezas. A propriedade é a base e a manifestação do sistema de classificação e classes na Costa Noroeste. Em algumas comunidades, existem status sociais específicos governados por uma hierarquia interna e, em outras, categorias mais flexíveis. Alguma forma de distinção entre escalões inferiores e superiores é quase universal, assim como a prática da escravidão. Os escravos são comprados ou capturados em tempos de guerra. Embora compartilhem a casa de seus senhores, os escravos não gozam de plenos direitos civis e são forçados a realizar as tarefas domésticas.

As aldeias estão sempre localizadas perto de águas navegáveis, e as casas são orientadas paralelamente à praia, de frente para o mar. Embora todos tenham em comum parentesco, dialeto e interesse pela terra, são as famílias mais poderosas que governam as aldeias. Entre os povos Tsimshian e Nuu-chah-nulth da costa, os chefes de aldeia mais poderosos estendem sua influência por meio da união temporária de clãs durante o inverno. Lesões ou morte podem levar a conflitos, que às vezes se transformam em confrontos armados. A aquisição de bens, incluindo escravos, também é uma fonte de conflito. No entanto, o costume de consertar os erros dando ofertas é amplamente difundido por toda a costa e pode ajudar a limitar a escala dos confrontos.

Pessoas de alto escalão, mesmo que venham de linhagens ou aldeias diferentes, têm em comum o pertencimento à sua classe social e se encontram em associações rituais muitas vezes chamadas de "sociedades secretas". As mais importantes dessas associações são os laços matrimoniais e as trocas de presentes que eles acarretam. Os casamentos são organizados entre pessoas de diferentes grupos familiares, muitas vezes de aldeias distantes.

A fim de validar os direitos de linhagem e manter a classe social do casal, assembleias de testemunhas de vários clãs diferentes são convidadas para potlatches. Durante essas cerimônias, os anfitriões servem a refeição e distribuem presentes aos convidados. Se a troca e a troca acontecem, são os presentes e as festas que permanecem o principal meio de distribuição e troca de riquezas.

Cultura

A música e as artes decorativas fazem parte das atividades seculares e também dos eventos sagrados para os povos indígenas da costa noroeste. Os espíritos protetores ensinam às pessoas canções que são então usadas para transmitir as tradições de famílias ou sociedades secretas, frequentemente acompanhadas por encenações mascaradas de eventos lendários ou sobrenaturais. Existem canções para todas as ocasiões, seja para acalmar as crianças, para se prestarem a jogos, para expressar amor ou tristeza. A voz é o principal instrumento melódico, acompanhada por percussão, apitos ou trompas.

A arte escultórica e decorativa também faz parte da vida cotidiana. Artistas adicionam ornamentos a ferramentas, casas, cestas, roupas e objetos relacionados ao sobrenatural. A talha e a pintura em madeira, principalmente para a criação de totens, é uma das características que mais marcam a cultura indígena do Litoral Noroeste.

Os achados arqueológicos sugerem que essas tradições artísticas têm uma longa história na região e que o estilo distinto de algumas áreas guarda alguma semelhança com as tradições mais antigas em termos de forma. No Norte, as obras de arte são muito elaboradas e costumam levar os brasões da família a que pertencem. Os escultores Wakashan, por sua vez, criam máscaras excelentes para apresentações teatrais. Os Salish se concentram mais em objetos religiosos, prestando pouca atenção aos brasões das famílias. Em todas as regiões, possuir esculturas ou objetos de arte decorativa é sinal de riqueza e denota pertencer a uma classe social elevada.

TLINGIT

IÍndios da costa do Pacífico Norte, os Tlingit viviam no extremo norte, nas ilhas e, na costa sul do Alasca, da Baía de Yakutat ao Cabo Fox. Eles falavam tlingit, do grupo de línguas de Athapaskan, e estavam divididos em quatorze tribos ou grupos territoriais. Segundo suas lendas, alguns de seus ancestrais vieram do sul, outros do interior.

Os grupos Tlingit foram divididos em duas partes ou metades exogâmicas e matrilineais. As trocas de bens (potlatch) e serviços sempre ocorreram entre as metades (a metade oposta é o inimigo com o qual devemos sempre chegar a um acordo). As metades foram subdivididas em clãs, cujos membros descendiam do mesmo ancestral lendário. Dentro de um clã, todos os indivíduos não eram considerados da mesma forma: havia o chefe, mas também havia os "parentes pobres". Se todas essas pessoas estivessem unidas externamente, respeitariam uma etiqueta muito rígida entre si. Da mesma forma, nem todos os clãs eram igualmente importantes. O clã Raven e o clã Wolf eram os mais prestigiosos. No entanto, política e socialmente, a unidade fundamental era a linhagem. Cada linhagem era independente e tinha seu próprio líder; ele possuía e operava suas terras. A linhagem também formou a unidade cerimonial fundamental.

TLINGIT, TAKU TRIBE

A economia Tlingit era baseada na pesca. A comida principal era o salmão. Os Tlingit também caçavam mamíferos marinhos e, às vezes, mamíferos terrestres. Eles usaram a madeira para fazer casas, canoas, pratos, etc. Eles construíram grandes casas permanentes perto de boas áreas de pesca e em locais onde poderiam atracar seus barcos com segurança. Eles só ocupavam suas casas no inverno; durante o verão, eles se espalharam pelos vários locais de pesca e caça.

HAIDA

Índios das Ilhas Rainha Charlotte (Colúmbia Britânica) e da Ilha do Príncipe de Gales ao sul (Alasca). Eles falam Haida, uma língua relacionada ao Athapaskan, e são culturalmente muito próximos dos Tlingit e Tsimshian. A etnia foi dividida em duas unidades denominadas "metades": uma pertencia à metade desde o nascimento por descendência matrilinear; cada metade era composta de vários segmentos locais, ou linhagens, que tinham direitos a certos territórios economicamente importantes; cada linhagem ocupou uma ou mais casas em aldeias separadas que tinham seus chefes, cada casa também tendo a sua. Cada linhagem poderia fazer guerra e paz e organizar cerimônias.

Economicamente, as linhagens eram independentes umas das outras. Os haidas tinham uma economia que se baseava principalmente na pesca marítima (salmão, linguado e bacalhau) e na caça. Eles se destacaram na marcenaria e ficaram famosos por suas canoas e por sua produção artística; eles adornavam todos os seus objetos utilitários com seres sobrenaturais que eles representavam de uma forma muito convencional. Eles fizeram totens muito impressionantes nos quais foram esculpidos eventos importantes relacionados à história das famílias. Esses totens serviam como pilares fora e dentro da casa; eles também eram usados como totens mortuários ou comemorativos. A arte da costa noroeste dos Estados Unidos e Canadá foi descoberta bem tarde. Na verdade, havia uma grande moda na Europa para a arte negra, mas a arte da costa noroeste ainda era ignorada naquela época.

É graças à colônia francesa de artistas e intelectuais que viveram em Nova York durante a Segunda Guerra Mundial que foram descobertas as esculturas desta costa, principalmente as dos Haida. O potlatch, ou seja, a distribuição cerimonial de bens, era organizado por ocasião de certos eventos (construção de uma casa, montagem de um totem, funeral), mas também quando era necessário se vingar ou salvar a face após um insulto . Uma pessoa adquiria seu status por meio de potlatches organizados por sua família, não por meio daqueles que ele deu a si mesmo.

ARQUEOLOGIA PALEOINDIANA OCIDENTAL

K'aka'win, também conhecido como os petróglifos do lago Sproat, é um sítio de rocha aberta esculpido na parede vertical ao longo da borda do lago Sproat. Localizada no parque provincial de mesmo nome, no Vale Alberni, no centro da Ilha de Vancouver, está entre os primeiros sítios rochosos estudados no Canadá, no final do século XIX. Está localizado no território de Nuu-chah-nulth (Nootka), mais precisamente da Primeira Nação Hupacasath, um povo que fala uma língua da família Wakashane.

Junto ao mar e às montanhas

As cadeias da Ilha de Vancouver, algumas das quais atingem mais de 2.000 metros de altura, se estendem por quase todo o comprimento da ilha. Essas costas são fragmentadas por enseadas, baías e enseadas.

O Vale Alberni é cercado por montanhas e abriga flora e fauna excepcionalmente ricas. Existem florestas exuberantes com espécies como cedros ocidentais, abetos Douglas, cicutas ocidentais e, nas altitudes mais elevadas, ciprestes Nootka. Uma grande variedade de frutos silvestres, arbustos e samambaias, incluindo o notável amoreiro-bravo, também estão presentes aqui. A área está repleta de peixes, incluindo cinco espécies diferentes de salmão do Pacífico, truta assassina, truta arco-íris e muito mais. Os mamíferos incluem alces, ursos negros, lobos e puma de Roosevelt. Os pássaros são abundantes aqui e incluem a garça-real, o falcão-peregrino e algumas espécies raras, como o Açor do Norte nas Ilhas Rainha Charlotte. Por fim, entre os mamíferos marinhos que vivem na costa oeste da ilha, notamos a presença do leão marinho, da baleia cinzenta, da baleia jubarte e da baleia assassina.

Na cultura Nuu-chah-nulth (Nootka), a baleia assassina está intimamente associada ao lobo. Como ele, ele caça em grupos e compartilha as mesmas habilidades de caça. Ele também teria a habilidade de se transformar neste animal uma vez na terra.

K'AKA'WIN

K'aka'win é um termo na língua nuu-chah-nulth ou nootka que significa "algo preso às costas". Este termo se refere a uma baleia assassina e se refere à sua nadadeira dorsal. Outro topônimo está associado a este lugar, "qua queiyt'q K'aka'win oo t! Un A-xa'maqis", cujo significado é "a baleia assassina correndo na praia". Esta última menção se refere a um técnica de caça onde este mamífero ataca focas ou leões marinhos que jazem na costa.

Na cultura Nuu-chah-nulth (Nootka), a baleia assassina está intimamente associada ao lobo. Como ele, ele caça em grupos e compartilha as mesmas habilidades de caça. Ele também teria a habilidade de se transformar neste animal uma vez na terra.

O Nuu-chah-nulth (Nootka) da Ilha de Vancouver

Os Nuu-chah-nulth (Nootka) da Ilha de Vancouver eram tradicionalmente caçadores-pescadores-coletores que viviam em aldeias feitas de grandes casas de madeira multifamiliares. Os recursos marinhos, como o salmão, eram essenciais para sua subsistência. A importância da baleia e da caça para este grande mamífero é expressa nas canções, histórias orais e espiritualidade do Nuu-chah-nulth (Nootka). A importância deste universo marinho na cultura tradicional do Nuu-chah-nulth (Nootka) está representada nas imagens de K'aka'win embora a identificação precisa dessas criaturas, com a aparência híbrida, permaneça difícil.

A rocha onde os petróglifos estão localizados também é conhecida como "a casa de Kwatyat", o herói cultural de Nuu-chah-nulth (Nootka). Kwatyat é um Transformador, personagem que, segundo as histórias orais, tem o poder de transformar os elementos ao seu redor. Diz-se que foi ele quem deu aos seres vivos e às paisagens a forma de hoje. Nas culturas da costa noroeste, o Transformer é frequentemente descrito como um corvo. Este lugar continua sendo de grande importância para a Nação Hupacasath, que lhe dedicou muitas histórias e lutou por sua proteção.

Criaturas marinhas

O hibridismo dos seres domina em K'aka'win e sua identificação continua difícil. Algumas imagens nos apresentariam o lobo do mar, uma criatura metade lobo e metade baleia, freqüentemente mencionada nas histórias orais da costa noroeste. Outras imagens podem representar a "Serpente Relâmpago" ou Hiy'itl'iik / Haietlik. Esta criatura que é a manifestação do raio está intimamente relacionada ao Thunderbird. Segundo a crença, este último usa o raio para caçar baleias. A "Serpente Relampejante", também conhecida como arpão, cinto ou cão do Thunderbird integra as características de pássaros, lobos e peixes. Essas representações são encontradas em objetos relacionados à caça às baleias, como arpões e canoas. Por fim, a maioria das criaturas de K'aka'win tem nadadeiras dorsais específicas das baleias assassinas. Assim, cada uma das gravuras no local poderia ser uma versão diferente dos orcs sobrenaturais.

A baleia assassina, a dona das águas

As baleias assassinas, ou orcas, são seres importantes nas histórias e crenças dos povos da costa noroeste. Para eles, esses mamíferos marinhos são os ancestrais fundadores dos clãs, as células básicas da organização social. Algumas baleias assassinas podem, portanto, ser a representação de grandes chefes reencarnados. De acordo com a tradição oral, essas criaturas assumem a forma humana quando retornam para suas casas subaquáticas. É apenas entrando em suas canoas, caçando e pescando, que as baleias assassinas em forma humana se transformam na forma como as conhecemos. De acordo com outro relato, um lobo branco, uma vez no mar, teria se tornado a primeira baleia assassina. Esses dois predadores são admirados por sua sabedoria e destreza na caça. Notamos semelhanças em suas técnicas de coloração e caça, bem como em seu comportamento de matilha. A baleia assassina também está associada aos humanos, pois ambos caçam a mesma presa, a baleia.

SALISH

Índios de língua salish estabeleceram-se na costa do Pacífico do noroeste da América do Norte, a Costa Salish (Costa Salish) habita perto do Estreito da Geórgia e Puget Sound, em grande parte da Península Olímpica e na parte ocidental do estado de Washington; um dos grupos Salish, chamado Tillamook, vivia ao sul do rio Columbia, no Oregon. Outro grupo, o Bella-Coola, vivia mais ao norte ao longo dos rios Dean e Burke e no vale do rio Bella-Coola; eles também falavam uma língua Salish e provavelmente eram do grupo principal do povo Salish da Costa. Esses povos costeiros provavelmente vieram do interior, onde viviam os outros povos Salish. Culturalmente, eles eram próximos aos Chinooks.

Como todos os outros povos da costa noroeste, eles viviam principalmente da pesca. Apenas alguns grupos estabelecidos ao longo dos rios tinham a caça como sua principal atividade, o que era bastante incomum nesta região. O povo salish da costa construiu casas de madeira, habitações fixas nas quais viviam no inverno; às vezes, quando tinham que acampar ou ficar algum tempo no mesmo lugar, construíam cabanas cobertas com esteiras de palha, como os Salish do interior. Composto por parentes próximos, o grupo local formava a unidade social básica. Normalmente, cada grupo ou família extensa vivia na mesma casa grande. Um conjunto de casas formava uma aldeia de inverno onde se reuniam as pessoas que se dispersavam durante o verão para ir pescar, caçar e coletar. Não havia realmente um chefe de aldeia: cada família tinha um chefe a quem se podia pedir a opinião, mas ele não podia impor decisões.

Como em outras etnias costeiras, o potlatch, ou seja, a distribuição cerimonial de bens, adquiria prestígio para quem ganhava esse jogo de ostentação; também validou aos olhos das partes interessadas as mudanças de status social que poderiam afetar os indivíduos; assim era quando alguém se casava ou adquiria um nome e os direitos e privilégios associados a ele. No inverno, cerimônias rituais muito complexas aconteciam: alguns indivíduos realizavam as danças que os espíritos lhes haviam inspirado em sonhos; outros entraram em transe; outros ainda, sozinhos ou em grupo, realizaram façanhas às quais a comunidade tribal atribuiu valor especial e foram concedidos direitos exclusivos, o pleno gozo destes ocorrendo somente após o beneficiário ter confirmado seu direito de herdá-lo, mediante a celebração de casamento ou a compra do próprio direito.

LAS PRIMERAS NACIONES DE ESTANTE INTERIOR DE CANADÁ

Encravado entre as Montanhas Costeiras a oeste e as Montanhas Columbia e as Montanhas Rochosas a leste, o Planalto Interior é uma das regiões naturais mais diversificadas do Canadá. No Canadá, seis tribos ocuparam a diversa região do planalto interior da Colúmbia Britânica.

A tribo Inner Salish era a maior dessas tribos e consistia em cinco grupos que usavam uma língua da família Salishan. A tribo Lillooet vivia no Vale do Rio Lillooet. Ao sul e oeste ficava a Primeira Nação Thompson, que ocupava o vale do rio Fraser de Yale a Lillooet. O grupo mais ao norte e maior era o Shuswap, que controlava o rio Fraser de Lillooet a Alexandria e a leste das Montanhas Rochosas. Mais ao sul estava o grupo Okanagan, que vivia no vale do rio Okanagan. Até cerca de 1750, a tribo Kootenay viveu a leste das Montanhas Rochosas nas pradarias. Conduzidos para oeste pelas montanhas pelo Blackfoot, eles ocuparam o canto sudeste da Colúmbia Britânica. Eles pertenciam à família de línguas Koonetayan.

Os Chilcotin ocuparam as nascentes do rio Chilcotin e do distrito do Lago Anahim, esta tribo usava uma língua da família linguística Athaspaskan. Mais ao norte estavam os Portadores, que pertenciam à mesma família linguística. Eles viviam em uma grande área que compreendia os vales dos rios Fraser, Blackwater, Nechako e Bulkley.

A terceira tribo que usava a língua athaspascana era o Tahltan, que vivia ao norte do Carrier e controlava as terras da bacia de drenagem superior do rio Stikine. Ao norte do Tahltan, no topo do vale do rio Lewes, viviam os Tagish, que pertenciam à família lingüística Tlingit.

A área de cultivo do Plateau era essencialmente um grande vale entre as Montanhas Rochosas e as Cordilheiras da Costa que apresentava vários tipos de ambientes. A parte mais ao sul era semidesértica com cactos, arbustos e cascavéis. Na primavera, os rios e cachoeiras da região central fervilhavam de salmão. Ao norte, próximo à Cordilheira das Cascatas, estende-se um terreno rico em alces, veados e caribus. Apesar da variedade de ambientes locais, as tribos da Colúmbia Britânica usam métodos semelhantes para caçar, pescar, cozinhar e conservar seus alimentos. No entanto, o desenho de seu habitat varia de região para região. Também havia diferenças marcantes na organização social das diferentes tribos.

Mitologia

Nesta região predominantemente não agrícola, raramente há qualquer referência às entranhas da terra. Por outro lado, há uma profusão de mitos relacionados aos animais, em particular o Coiote que, sob o pretexto de Malandro, é frequentemente descrito como um ser egoísta, ganancioso e astuto, mostrando aos homens - por sua falta de jeito e sua incongruência escapadas - como não se comportar. Em outro lugar, os benefícios derivados de agradar aos Espíritos dos Animais são evocados no mito de Nez-Perce, contando como o Castor trouxe fogo à tribo.

CANADÁ-EUA PRIMEIRAS NAÇÕES DAS PLANÍCIES

A região cultural das planícies é uma vasta área que se estende do sul de Manitoba e do rio Mississippi às Montanhas Rochosas, a oeste, e do rio North Saskatchewan ao sul do Texas. O termo "povo das planícies" refere-se a uma série de nações aborígenes distintas, incluindo os Siksikas, Cree, Ojibway, Assiniboine (Nakota) e Dakota.

Várias nações indígenas consideram as planícies como seu território ancestral, incluindo os Siksikas, Piikani, Kainai, Dakotas, Stoneys-Nakodas, Cree, Assiniboine e Tsuut'ina.

Depois de um contato prolongado com europeus, muitas mulheres aborígines, principalmente as Plains Cree, casaram-se com os recém-chegados, dando origem aos Métis, um povo aborígine com uma cultura distinta. Embora esse tipo de mistura seja comum em outras partes do Canadá e já existam comunidades Métis consideráveis, as Planícies são frequentemente consideradas o berço físico, cultural e político do povo Métis.

Geografia

A região das planícies geralmente se refere ao sul de Alberta e Saskatchewan, bem como ao sudoeste de Manitoba. Tem um clima continental, caracterizado por verões quentes e secos e invernos muito frios. A grama alta cobre os imensos prados a leste; gramíneas baixas, sálvia e cactos são encontrados nas altas planícies áridas a oeste. Em ambos os lados da região estendem-se terras planas e prados. Ao leste, os rios esculpiram a terra e constituem a única fonte de água da região. As árvores crescem apenas nos vales e rapidamente se tornam mais visíveis nas bordas da área. Esta região é o lar de vários povos indígenas das planícies.

Vida tradicional

Primeira posição

Há cerca de 11.000 anos, pequenos bandos de caçadores nômades vagavam pelas planícies. Por milhares de anos, os búfalos caçaram com lanças, mas por volta de 200 DC um grupo conhecido como povo Avonlea (porque viveram durante o período Avonlea) se especializou na caça com arco. De acordo com algumas fontes, o povo de Avonlea chegou ao sul de Saskatchewan e Alberta por volta de 100 dC Por volta do ano 1000, seus membros começaram a cultivar a terra, mas principalmente continuaram a viver em nômades caçadores de bisões.

Comida

Tradicionalmente, o povo das planícies comem frutas, vegetais e caça na estação. Nozes, raízes e frutos silvestres são os alimentos básicos da dieta das planícies. O peixe é frequentemente usado como suplemento à carne de bisão por alguns povos das planícies.

Enquanto as mulheres colhem e cultivam, a caça, uma atividade tipicamente masculina, fornece a maior parte da comida. Os Caçadores das Planícies usam disfarces de pele de animal para arrastar os bisões para as armadilhas ou chegar perto o suficiente para matá-los com seus arcos e flechas. Os caçadores também incentivam os rebanhos de bisões a arremessar penhascos íngremes. O cavalo torna a caça mais fácil, mas os rifles carregados pela boca ainda são menos eficazes do que os arcos. O povo das planícies portanto, esperou a década de 1860 e a chegada dos rifles de carregamento por culatra para abandonar seus arcos e flechas. Em geral, as mulheres cuidam do preparo dos frutos da caça. Parte da carne é comida imediatamente, crua ou cozida, mas a maior parte dela é cortada e seca ao sol no inverno, ou picada e misturada com gordura e frutas vermelhas para fazer pemmican.

Hospedagem e transporte

Quando uma família se muda de um acampamento para outro, eles transportam seus pertences com a ajuda de cães de tração. Depois de 1776, certos povos indígenas das planícies usaram o travois, uma espécie de reboque triangular puxado por cães. Os povos indígenas da América do Norte domesticaram seus próprios cães, mas eles foram rapidamente substituídos por raças europeias após o primeiro contato. Em alguns casos, o travois é usado como base para uma habitação chamada tipi, uma estrutura cônica feita de postes de madeira cobertos com pele de búfalo. A chegada do cavalo permite a construção e transporte de travois maiores e, ao fazê-lo, tendas maiores. Algumas tribos nas planícies mais ao norte usam sapatos para neve durante o inverno.

Confecções

As mulheres fazem as roupas da família, muitas vezes usando peles de antílope, veado e búfalo: tangas, leggings e camisas para os homens e vestidos longos e leggings para as mulheres. As peles de búfalo às vezes são usadas para túnicas e mocassins. O bisão é um animal versátil; não apenas fornece alimento, mas seus chifres, ossos, tendões e pele são usados na confecção de lonas para tendas, escudos, ferramentas e utensílios.

Cultura

A variedade de culturas nativas das planícies se reflete em suas expressões artísticas, que vão desde tatuagens a roupas pintadas ou bordadas com penas de porco-espinho, a lonas tipi, escudos e recipientes feitos de peles de animais pintadas. A arte da planície também inclui gravuras em tigelas de madeira, colheres de chifre e cachimbos de pedra. Esses itens costumam ser adornados com símbolos associados à nação aborígine ou a um membro da banda que criou os designs.

Os povos das planícies são creditados com os primeiros powwows, eventos em que várias comunidades indígenas se reúnem para celebrar sua cultura. Usando ornamentos com penas sagradas de águia, pérolas ou itens coloridos, os povos indígenas das Planícies praticam canções e danças de powwow. Durante essas cerimônias, são usados tambores que representam a terra ou o ciclo da vida. Portanto, eles são de grande importância na cultura e espiritualidade de muitos povos indígenas das planícies. Algumas canções de powwow têm propriedades curativas, outras contam uma história específica, mas todas são consideradas sagradas.

Língua

As línguas faladas pelos povos indígenas das planícies do Canadá podem ser separadas em três famílias linguísticas. A Confederação Blackfoot fala Siksikái'powahsin: a língua Blackfoot, o Cree das Planícies (Nêhiyawak), a Barriga Gorda (Atsina) e os Ojibwés das Planícies falam a língua Algonquin. As línguas Sioux são as dos Assiniboine (Nakotas), os Stoneys-Nakodas e os Dakotas. A língua tsuut'ina (conhecida como sarsi) faz parte da família linguística athapaskan (ou dene)

As línguas de famílias distintas são totalmente diferentes e, dentro de cada família, as línguas são semelhantes, mas não iguais. A diversidade linguística e a grande mobilidade da população nômade

das planícies incentivou o desenvolvimento da comunicação baseada em gestos manuais e outros sinais.

Organização social

A capacidade dos povos das Planícies de se adaptarem ao meio ambiente,
especialmente no movimento dos rebanhos de bisões, se reflete em sua organização social. A maioria das nações aborígines são formadas por várias bandas independentes que são agrupadas livremente. Os chefes são respeitados e apoiados pela gangue, desde que tenham sucesso na busca de alimentos e na defesa contra os ataques inimigos. As bandas se movem de forma independente. Em tempos difíceis, grupos menores se formam e se dividem para aumentar as chances de encontrar comida suficiente.

Quando os bisões se reúnem em rebanhos maiores e a caça em grupo torna-se preferível, os bandos se reúnem em um único acampamento tribal por algumas semanas. Nesta época do ano, os povos da Planície se reúnem para as grandes celebrações, que são a principal forma de coesão tribal. Depois de fazer a dança do sol e ocasionalmente caçar búfalos, as bandas se separaram novamente. No outono, eles viajam para vales de rios, contrafortes e áreas verdes, onde seus acampamentos bem protegidos os aguardam para o inverno.

Religião e espiritualidade

As ideias e práticas religiosas estão presentes em todas as atividades diárias. As pessoas oram, esperando por ajuda, poder ou proteção dos Espíritos. Um indivíduo em busca de tal poder vai para um lugar solitário para orar até que um guardião espiritual apareça para ele em um sonho, ou durante a busca da visão. As experiências místicas por vezes dão origem a cultos, que desaparecem ao mesmo tempo que o seu iniciador ou se tornam muito populares. No final do século XIX, por exemplo, uma prática denominada "dança dos espíritos" ganhou força entre os povos do Planícies no Canadá e nos Estados Unidos. Inicialmente, esse ritual prevê o renascimento dos mortos e o retorno dos animais que se tornaram raros nas planícies. Alguns praticantes Dakota (Sioux) também acreditam que os trajes usados durante a dança dos espíritos os protegem dos projéteis dos colonizadores brancos. Acreditando que a dança dos espíritos tem uma conotação bélica (por ser erroneamente atribuída à explosão armada do final da década de 1890, que culminou no massacre de Wounded Knee, Dakota do Sul), as autoridades norte-americanas reprimem violentamente sua prática e a proíbem em as reservas de South Dakota. Embora a dança dos espíritos não seja amplamente praticada no Canadá, a polícia está tomando medidas para desencorajar a prática.

ARQUEOLOGIA DE PLANÍCIES

O Sítio Arqueológico de Brockinton, também conhecido como Sítio Histórico Nacional dos Locais Indígenas de Brockinton do Canadá, está localizado ao longo da encosta do Vale do Rio Souris, no sudoeste de Manitoba. É um local estratificado que contém três ocupações distintas: um antigo recinto onde bisões foram mortos e massacrados, que data de 800 DC. JC; uma ocupação da cultura de Duck Bay datando de 1100 a 1350 DC. JC; e uma ocupação da cultura Williams, a primeira a ser escavada, que data de 1600 DC. JC

O recinto do bisão consistia em uma série de estacas de 15 a 25 cm de diâmetro que eram cravadas no solo a uma profundidade de 20 a 40 cm. As estacas foram colocadas entre as árvores em uma longa fila de

A diorama depicting a buffalo jump on the northern Great Plains. By inciting a buffalo stampede and steering the rampaging animals over a cliff, early hunters could kill hundreds of buffalo at one time. *(Courtesy of Montana Historical Society, Helena)*

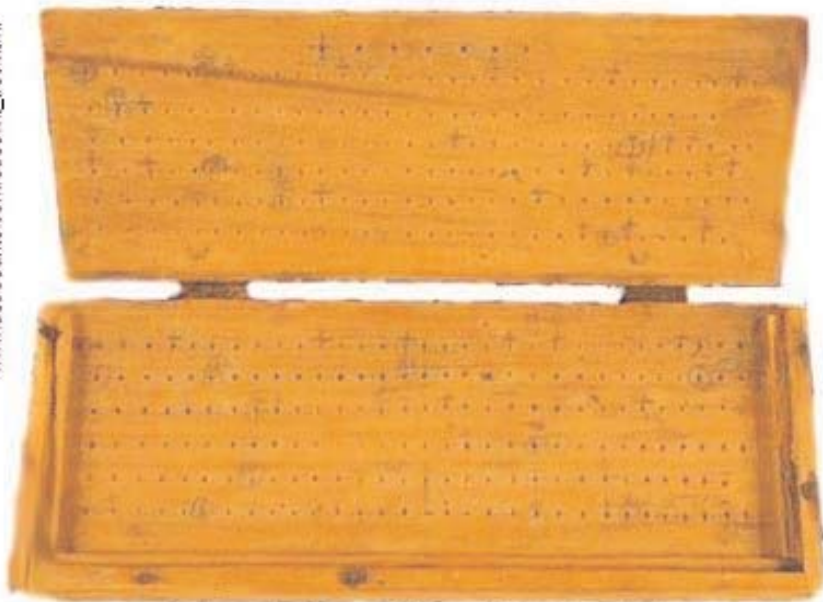
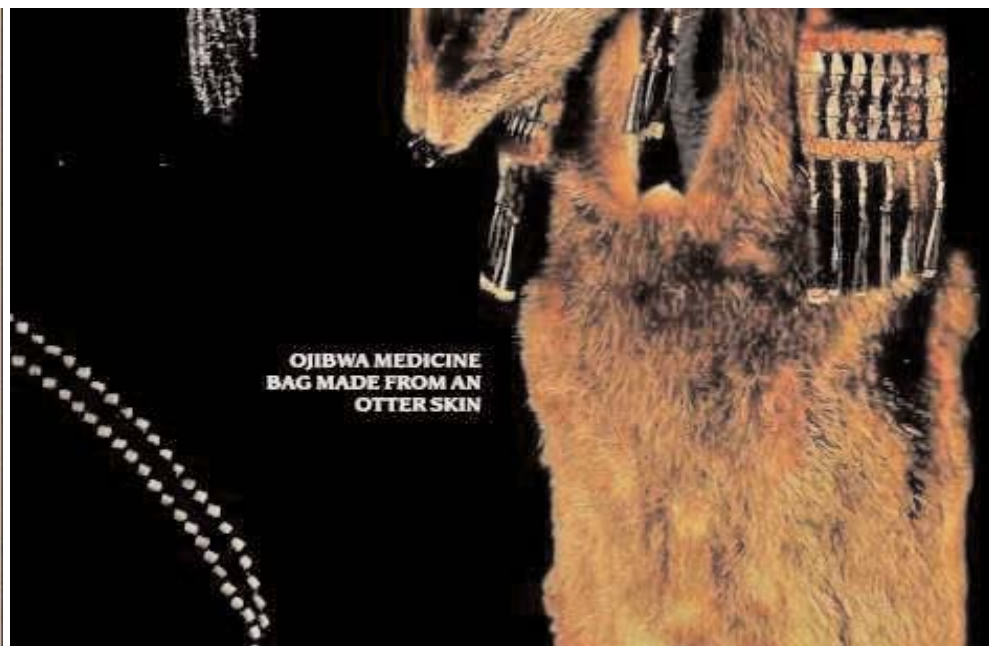
cerca de 1,5 metros de largura. A partir dos cercados que foram documentados no início da era do comércio de peles, pode-se presumir que o cercado de Brockinton era sustentado por galhos horizontais e mudas que se entrelaçavam entre as estacas e as árvores. As aberturas provavelmente estavam cobertas com peles. Os bisões foram direcionados, em seu curso, para a borda íngreme do penhasco e desabaram contra a estrutura no fundo do vale.
O que é especial sobre o gabinete Brockinton é que ele foi sistematicamente desmontado e os buracos das estacas foram preenchidos com vários ossos de bisão colocados verticalmente. A pesquisa realizada em Brockinton está entre as primeiras e mais bem documentadas sobre o assunto. O recinto foi repentinamente abandonado, deixando para trás traços de abate simples com fratura óssea mínima. Uma das maiores concentrações de pequenas pontas de flechas com entalhes nas pradarias foi encontrada aqui. Havia entre 20 e 90 por unidade de 2 m2.

O acampamento cultural de Duck Bay acima da primeira ocupação mostra a adaptação de um grupo indígena da floresta à caça sazonal de búfalos. Fragmentos foram encontrados em grandes vasos de cerâmica característicos de regiões arborizadas, com estampas de cordas e selos rasos. Havia também raspadores, bifaces e pontas de projéteis, incluindo bases quebradas que foram lançadas quando as flechas foram reparadas com novas pontas. Essas pessoas haviam adotado uma série de características das planícies, incluindo o uso de chert do rio Knife, no oeste de Dakota do Norte, para fazer ferramentas e mós de pedra para esmagar sementes. Três furadores de metal em miniatura e um raro (em Manitoba) apontador de granito canelado usado para achatar hastes de flechas de madeira também foram coletados. Entre os restos de animais estavam bisões, caninos, castores, veados, antílopes e ossos de peixes, refletindo uma economia mista.

A ocupação mais recente, um acampamento cultural Williams, mostra a importância primordial do bisão para um grupo de planícies que se distingue por um tipo de cerâmica com decoração única. Existem pequenas tigelas, algumas com pescoços curvos em forma de "S" e decoradas com padrões triangulares e horizontais impressos com duas cordas entrelaçadas e pequenos selos rasos feitos de juncos, tubos de penas de pássaros ou pequenos ossos de pássaros. Alguns vasos de massa densos, com superfícies semipolidas e decoração de listras largas, sugerem uma conexão com o Oneota do sul de Minnesota e Iowa. O termo "Oneota" refere-se a vários grupos que viveram na península das pradarias entre 1000 DC e 1650 DC. JC Entre os restos da aldeia encontramos raspadores, bifaces, flocos retocados, pontas de flecha, incluindo bases deixadas durante o reparo de flechas, furadores e agulhas de osso, e fragmentos de tubos tubulares em pipestone vermelho (provavelmente catlinita) e cinza (pedra-sabão).

O salto do búfalo

O bisão era um animal indispensável para os nativos das Grandes Planícies, tanto como entidade espiritual quanto como fonte essencial de sustento. Os nativos usavam todas as partes do corpo do animal para alimentação, roupas e para fazer ferramentas. A mais famosa das técnicas de caça empregadas foi a do salto do búfalo. A manada foi perseguida de modo a dirigi-la para a falésia, de onde vários bisões foram atirados ao vazio.

ROBE DE "MEDICINE MAN" en peau de bison peinte. Circa 1840-1850 Mandan ou Hidatsa, Haut-Missouri, U.S.A. Belle, très importante et rarissime robe de buffalo peinte d'un motif central du type "Feathered Circle" : Soleil de plumes ou "War Bonnet". Cette peau de bison était habituellement portée par un "Medicine Man".

(Ancien calendrier utilisé par le Medicine Man)

OJIBWA MEDICINE
BAG MADE FROM AN
OTTER SKIN

AS PRIMEIRAS NAÇÕES DAS GRANDES PLANÍCIES E PRADARIAS CENTRAIS

As Grandes Planícies da América do Norte se estendem das províncias canadenses de Alberta, Saskatchewan e Mannitoba até Arkansas, Texas e Novo México. A oeste estão as Montanhas Rochosas e a leste o Vale do Mississippi e o Missouri.

Neste território estendia-se o que os primeiros pioneiros acreditavam ser um deserto. Esta terra inóspita parecia desfavorável para a agricultura por causa do clima árido, ventos secos e terríveis tempestades.

Esta região está dividida em três áreas principais.
- A oeste fica o sopé das Rochosas, coberto de estepes, bastante estéreis e rochosas;
- Para o leste ondule as terras da Pradaria, onde a Bacia do Missouri e o Mississippi afunilam-se nos vales;
- Na zona central - que abrange a totalidade ou parte das províncias e estados de Alberta, Saskatchewan, Dakota do Norte e do Sul, Wyoming e Montana - estão as verdadeiras High Plains, um antigo domínio onde 60 milhões de bisões pastavam neste ambiente ideal, com sem obstáculos ou predadores para impedi-los de proliferar. Uma abundância de antílopes, alces e veados se misturaram a eles e todos comeram a grama exuberante dessas terras nativas. Ursos, lobos, pumas e muitos outros pequenos mamíferos povoaram as florestas e vales.

Esta região é cortada por rios como o Powder, Bighorn e Platte, que alimentavam vales verdejantes pontilhados de ilhotas de floresta, de vital importância para o modo de vida nômade de seus habitantes - os índios das planícies.

Antes da chegada dos europeus ao continente americano, os índios já haviam entendido que sua força estava na liberdade, mas tinham que viajar a pé: o cavalo não estava no continente até a chegada dos espanhóis.

Tribos

Em uma área de 2,5 milhões de quilômetros quadrados, viviam 200.000 índios. Alguns índios que viviam nas periferias dessa região foram rechaçados para a Planície pelos pioneiros que se apropriaram de suas terras.

Nas planícies do norte

Havia oito tribos principais das Primeiras Nações que habitavam as planícies do Canadá. Entre eles, os Blackfeet, Blood, Peigans, Gros Ventre e Plains Cree falavam uma língua relacionada com a língua algonquina. Os Assiniboine e os Sioux falavam línguas relacionadas com a família Siouenne. Enquanto o Sarcee falava uma língua de Athapaskan.

Os Blackfeet (ou Siksika) tinham território a leste das Montanhas Rochosas no local das atuais cidades de Edmonton e Calgary. Os Blackfoot, junto com seus aliados, os Bloods e Peigans, formaram uma aliança poderosa. Os Bloods viviam a sudoeste de Blackfoot, perto do sopé das Montanhas Rochosas. Os Peigans viviam ao sul dos Bloods, onde agora são Lethbridge e Medicine Hat.

Antes de 1800, os Gros Ventre viviam a leste dos Peigan. O território de Plains Cree estendia-se da borda norte das planícies, ao sul do rio Churchill até a borda oriental do território Blackfoot.
Os Assiniboine ocuparam toda a área ao sul de Plains Cree das planícies do leste do território Blackfoot. Os Sioux (ou Dakota) eram uma grande Confederação espalhada pelas planícies americanas e oeste do Canadá. Hoje, várias centenas de Sioux vivem nas reservas em Manitoba e Saskatchewan. Eles são os descendentes dos refugiados que vieram para o Canadá sob a liderança de Touro Sentado após a derrota da cavalaria americana em 1876 em Little Big Horn. Os Sarcee, que vieram do norte através do Lago Lesser Slave (Alberta), viviam ao longo do rio Athabasca, a noroeste do Blackfoot.

ARQUEOLOGIA PALEOINDIANA PLAIN

Áísínai'pi, o Writing-on-Stone, es un complejo de sitios rocosos en el sur de Alberta donde encontramos la mayor concentración de imágenes de las Grandes Llanuras. Miles de petroglifos y cientos de pictogramas se distribuyen en más de 150 sitios. La mayoría se encuentra en Writing-on-Stone / Áísínai'pi Provincial Park, un sitio histórico nacional canadiense. Este complejo rocoso está ubicado en un lugar sagrado del territorio tradicional de los Niitsítapi (Blackfoot).

Áísínai'pi es una palabra en el idioma Nitsipowasin o Niitsipussin que significa "está ilustrado, está escrito". Writing-on-Stone es una adaptación al inglés de este topónimo nativo.

En la tierra de los hoodoos o "chimeneas de hadas"

Los sitios rocosos se encuentran en el valle del río Milk, que atraviesa las praderas cubiertas de hierba de las Grandes Llanuras. La región de Áísínai'pi se caracteriza por altos acantilados que bordean el río y hoodoos (chimeneas de hadas). Estas monedas de formas fantásticas están formadas por rocas friables erosionadas, coronadas por otras rocas que son más resistentes a la erosión. Las Sweet Grass Hills, ubicadas aproximadamente a diez kilómetros al sur en el estado de Montana, completan este espectacular paisaje. En la región de Áísínai'pi abunda la rica y variada flora y fauna. Hay bosques ribereños de álamos, dos especies de cactus (Escobaria vivipara y raquetas de nieve de melena blanca), manzanos plateados y rosas árticas. Se han registrado más de 160 especies de aves en el parque, incluidos los gansos de Canadá, las águilas reales, los halcones de las praderas, los búhos cornudos, los pájaros azules azules y los sinsontes de salvia. Mamíferos como el castor, la marmota de vientre amarillo, el venado de cola blanca, el venado bura, el antílope americano y el conejo de nuez se codean con reptiles como la serpiente de cascabel o la serpiente de cascabel, la serpiente occidental y la serpiente de las llanuras.

El complejo rocoso está asociado principalmente con los Niitsítapi (Blackfoot) y sus antepasados que provienen de tres naciones diferentes: los Kainai, los Piikáni y los Siksika. Los Niitsítapi son parte de la familia lingüística algonquina. Tradicionalmente cazadores de búfalos nómadas, también eran guerreros formidables. Otros grupos nómadas como los Cree, los Gros Ventres, los Assiniboine o los Shoshones, también pudieron crear estas imágenes. Las obras de roca más antiguas de este sitio datan de hace 2.000 a 3.000 años. Buena parte de estas representaciones se remontan a la prehistoria tardía, ya sea del siglo III al XVIII y varios otros del período histórico, o de los siglos XVIII y XIX como lo demuestran ciertos grabados de caballos y armas europeas.

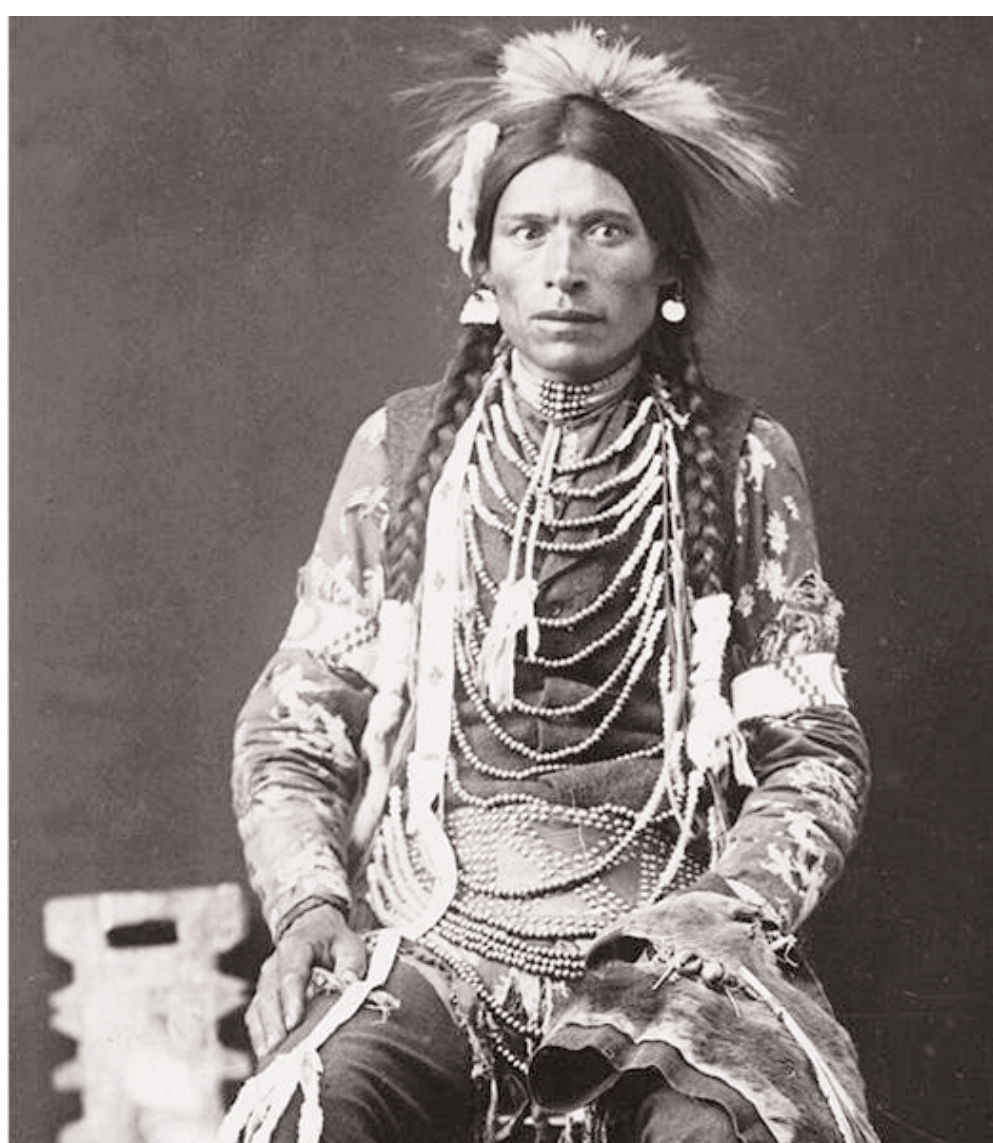
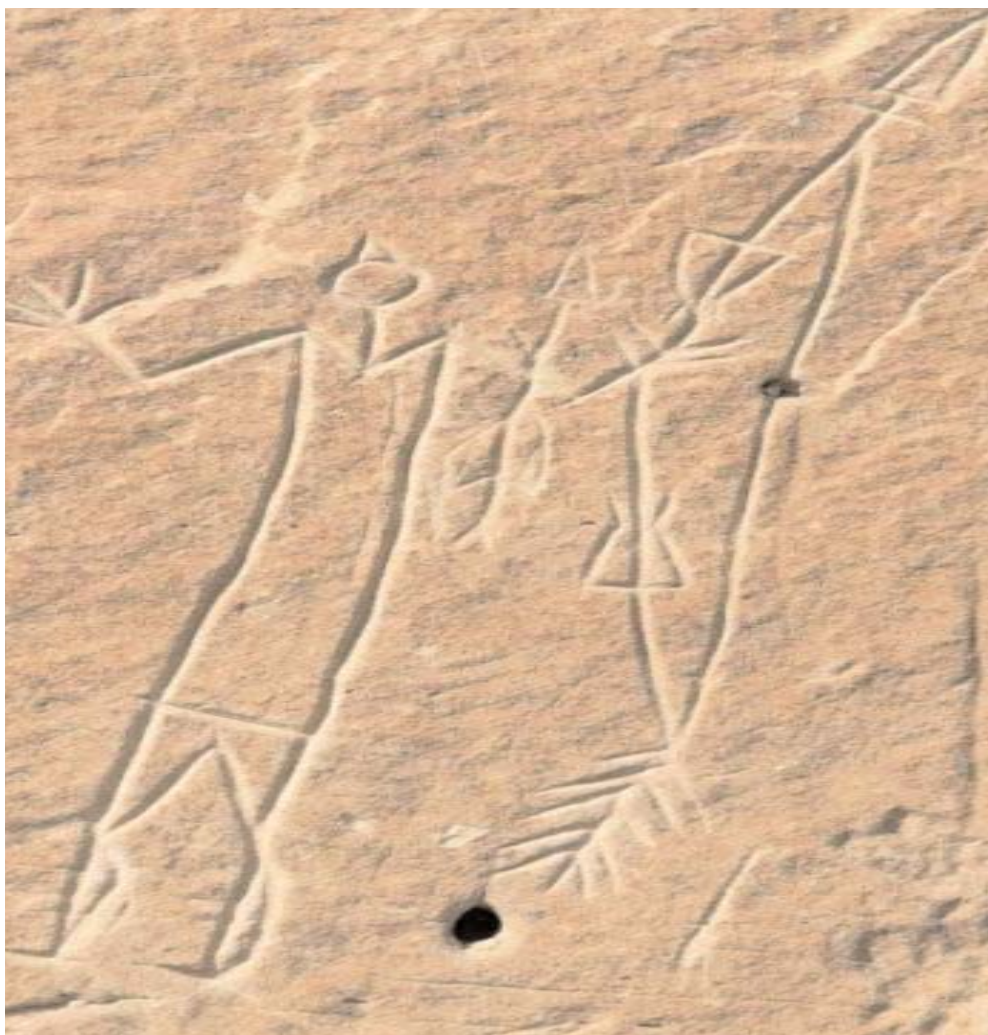
Cena de batalha

As representações de batalhas estão associadas à arte biográfica que proliferou durante o período histórico. Esta cena ilustra uma batalha no solo, na qual cinco guerreiros são protegidos por grandes escudos redondos. As duas figuras invertidas à esquerda provavelmente representam os mortos. A ausência de cavalos ou armas europeias indica que este é um dos raros relatos do período pré-histórico tardio.

O Thunderbird é um personagem mítico muito poderoso do mundo celestial; ele mora em uma caverna nas montanhas. Toda primavera traz tempestades e chuva. O bater de suas asas produz um trovão enquanto seus olhos lançam raios. Seu extraordinário poder é bem conhecido. É freqüentemente encontrado ilustrado nas artes das Grandes Planícies. Este Thunderbird, pintado em ocre vermelho no teto de um abrigo na rocha, tem envergadura de mais de um metro. Aqui, a linha em ziguezague emergindo de sua asa esquerda representa o relâmpago ou seus poderes espirituais.

Guerreiros

A arte rupestre em Áísínai'pi representa principalmente seres humanos.

Existem figuras com decote em V associadas à arte cerimonial. Essas figuras são mais ou menos elaboradas e também podem ser adornadas com detalhes como órgãos sexuais, órgãos internos como os rins ou linhas do coração. Essas representações são frequentemente associadas a objetos da cultura material. As figuras usam toucas ou roupas com franjas e portam armas (arcos e flechas) ou objetos cerimoniais. Aqui, a figura com os braços erguidos em oração talvez esteja honrando os espíritos e suas armas simbolizando poder e força.

COMANCHE

Um grupo nômade da América do Norte que nos séculos 18 e 19 vagou pelas Grandes Planícies do Sul, os Comanche são uma ramificação do Shoshone de Wyoming; antes de emigrar para o sul, eles viviam de forma semi-sedentária de caça e coleta. Eles rumaram para o sul em estágios sucessivos. No início do século 19, os Comanches eram uma tribo poderosa que contava com entre sete mil e dez mil pessoas. Sua língua, que pertence ao ramo Shoshone da família lingüística Uto-asteca, tornou-se a língua franca da maior parte desta região.

O Comanche foi dividido em doze bandas autônomas. Esses grupos locais não tinham linhagem, nem organizações clássicas ou tribais, nem sociedades militares, que normalmente são encontradas entre outros índios das planícies. O Comanche não executou a dança do sol até 1874, nem qualquer outra cerimônia tribal. Para o Comanche, a vida religiosa consistia essencialmente em experimentar individualmente, na puberdade, uma revelação sobrenatural que se obtinha por meio do jejum e da solidão. O bisão forneceu a base para sua comida e roupas, bem como a cobertura para suas tendas; além disso, com os tendões do animal, faziam linha e, com o estômago, faziam garrafas para transportar água.

Os comanches foram uma das primeiras tribos indígenas a obter cavalos dos espanhóis e, até certo ponto, os únicos a criá-los.

APACHE

Etnia nativa americana do sudoeste da América do Norte, que desempenhou um papel importante na história desta região durante a segunda metade do século XIX. Liderados por líderes como Cochise, Mangas Coloradas, Geronimo e Victorio, os apaches viveram no Arizona, Colorado, Novo México, Texas, bem como ao norte de Chihuahua e Sonora, no atual México. Os ancestrais dos Apaches provavelmente chegaram ao sudoeste, por volta do ano 1000. Assim que o cavalo apareceu, esses índios e outras planícies apaches foram fortemente empurrados para o sul e oeste pelo Comanche e pelo Ute.

Do ponto de vista cultural, os apaches se dividem em dois grupos: os apaches orientais (Mescalero, Jicarilla, Chiricahua, Lipan, Apache Kiowa) e os apaches ocidentais (Cibecue, Mimbreno, Coyotero, Tonto do norte e do sul, também chamado de Apache Mogollon). A falta de organização tribal centralizada é a principal característica do Apache Oriental e do Apache Ocidental, com exceção do Apache Kiowa. Reunião autônoma de pequenos grupos locais dentro de uma região específica, a "banda" formou o grupo político fundamental, bem como o grupo de base para guerras e ataques; o líder mais poderoso dentro dos grupos locais tornou-se de fato o da banda, e várias bandas puderam ser unidas sob a liderança de um líder.

A função dos xamãs apaches era curar os enfermos e garantir o bem-estar da tribo. Os apaches acreditavam que as meninas tinham poderes especiais na época da puberdade que traziam fertilidade e saúde para toda a tribo, então os ritos de passagem das meninas pela puberdade formavam uma parte importante de seu ritual. Eles viviam da caça e coleta de plantas silvestres, mas também dos produtos do cultivo e da pilhagem. Por exemplo, os Jicarilla cultivavam milho e outros vegetais, mas, como outros índios das planícies, também caçavam búfalos.

Índios das planícies da América do Norte que pertencem à família lingüística dos Algonkins, os Arapaho viviam, no século XIX, ao longo dos rios Platte e Arkansas. Seus mitos mais antigos sugerem que eles foram sedentários e viviam em aldeias estabelecidas nas florestas do Oriente, onde praticavam a agricultura. Gradualmente emigraram para o oeste e, a partir de 1830, se dividiram em grupos do norte e do sul; o grupo do sul se estabeleceu na região do rio Arkansas.

Chemise (poncho à manches) d'homme, vers 1830, artiste des Plaines du Nord, probablement Blackfeet. Reflétant la vision du monde des chasseurs amérindiens, cette chemise, dans le respect de la forme des peaux utilisées, cherche à préserver l'identité et la puissance spirituelle de l'animal. Plus qu'un vêtement de protection contre le mauvais temps, il s'agirait de tenues de cérémonie réservées aux chefs et aux guerriers d'exception. Les larges rosettes en piquants de porc-épic sur le devant et le dos représentent le Soleil et la Lune et rappellent les cercles peints sur la poitrine des guerriers et des hommes en quête de vision. Le motif en croix figure l'Étoile du Matin, fils du Soleil et de la Lune. La griffe est un ajout personnel, signe de puissance. Quant à la frange de cheveux, il s'agissait d'un don que faisaient les membres d'une communauté. Peaux d'antilope ou de mouflon, broderie de piquants de porc-épic, perles de verre, pigment, crin de cheval, boucles de scalp, tendons et griffe de grizzli. Dim. : 100 x 70 cm. © Bernisches Historiches Museum, Berne, Suisse, coll. L. A. Schoch, Inv. 1890.410.7.

OJIBWA or CHIPPEWA

Índios do grupo de línguas algonquinas, que viveram na margem norte do Lago Huron e nas margens do Lago Superior, os Ojibwa também são encontrados nos territórios canadenses a oeste do Lago Winnipeg, onde são chamados de Saulteaux.

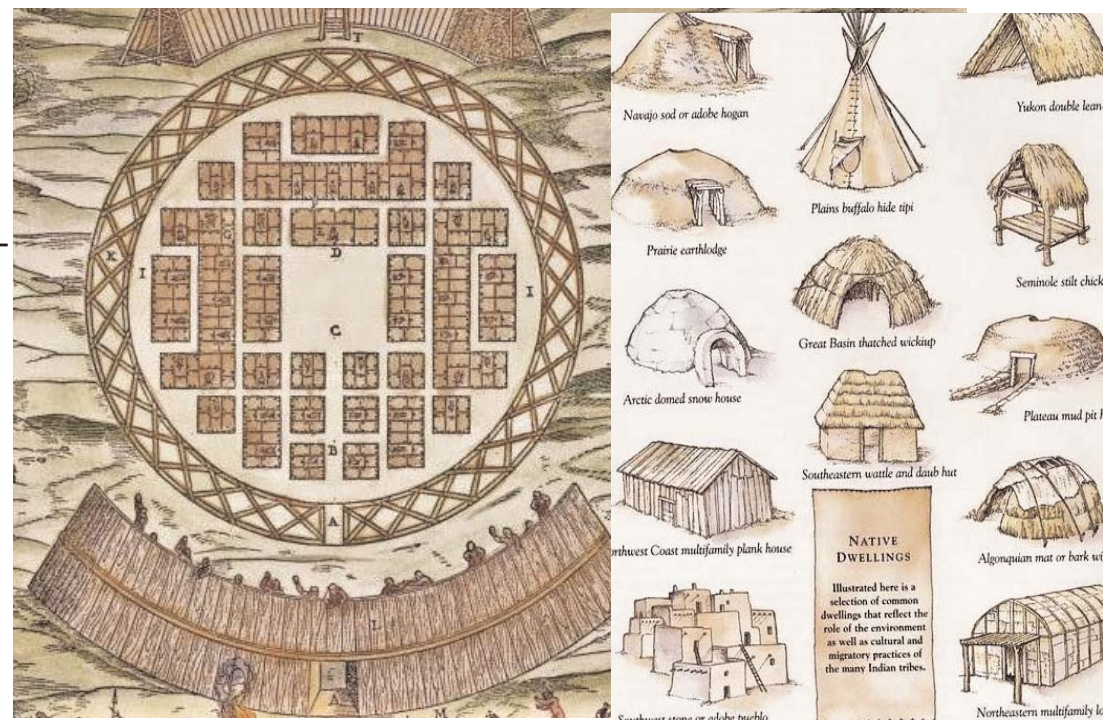
Cada tribo Ojibwa foi subdividida em bandos nômades. No outono, os bandos se dividiram em grupos familiares que se dispersaram em seus respectivos campos de caça; no verão, as famílias costumavam se reunir nas áreas de pesca. Alguns grupos cultivavam milho, os Ojibwa também colhiam arroz selvagem, seu alimento básico. Eles usaram a casca de bétula extensivamente para fazer suas canoas, cabanas em forma de cúpula e vários utensílios. Os clãs exogâmicos, representados nos diferentes bandos, deram uma certa unidade a esses grupos que não tinham chefes tribais nem chefes nacionais. Originalmente, os líderes da banda não eram muito poderosos; mas, após o estabelecimento (por volta de 1670) das relações entre os Ojibwa e os primeiros comerciantes de peles franceses, essa função ganhou importância e tornou-se hereditária na linha paterna. O midewiwin era a cerimônia Ojibwa mais importante.

Todos os anos se celebrava ali a "grande sociedade médica", uma organização religiosa secreta aberta a homens e mulheres. Se você pertencia a esta sociedade, você recebia ajuda sobrenatural e tinha um certo prestígio. O midé, ou seja, os xamãs, podia fazer cair a chuva, prever o futuro, ajudar os guerreiros. As canções, orações e cerimônias do meio representavam toda a religião dos Ojibwa. Para se tornar um meio, era preciso passar por um aprendizado bastante longo: era preciso conhecer as plantas e saber usar os pictogramas que permitiam memorizar os saberes dos xamãs.

AS PRIMEIRAS PESSOAS

Leste da américa do norte

Descobertas arqueológicas nos dizem que o leste da América do Norte é habitado há mais de 12.000 anos, enquanto os primeiros habitantes do continente chegaram há mais de 30.000 anos. No entanto, essas são regiões que não experimentaram glaciações, como o Yukon. No entanto, o gelo cobriu a maior parte do Canadá e grande parte dos Estados Unidos até 10.000 aC. É por isso que a ocupação nativa dos Estados Unidos geralmente data desse período. Após o recuo das geleiras (8.000 anos antes de nossa era) em direção ao Pólo Norte, os nativos teriam retornado ao Norte para repovoar grande parte do território norte-americano. Eles teriam povoado todo o continente ao longo da costa do Pacífico até o extremo sul da América do Sul, onde os incas e astecas, por exemplo, criaram grandes impérios. Outros grupos de caçadores supostamente se mudaram para o norte, em direção aos Grandes Lagos e além, implantando-se no Oceano Atlântico.

Quando os europeus começaram a se estabelecer na América do Norte no século 17, os nativos americanos estavam espalhados por todo o continente e falavam centenas de línguas diferentes. Os nomes pelos quais as comunidades são agora conhecidas são os de suas famílias linguísticas. A diversidade étnica e cultural dos primeiros povos era relativamente forte no início da colonização europeia, dependendo se eles estavam no Alasca, a leste, ao sul dos Grandes Lagos, a sudoeste ou perto do Pacífico. Sem dúvida, uma das comunidades mais vibrantes era a dos iroqueses que viviam no Vale St. Lawrence, na região do Lago Erie e Ontário, no Vale do Rio Hudson e na parte oeste dos Apalaches (vasta região montanhosa do leste da América do Norte, quase paralelo à costa atlântica, da província de Quebec ao norte do Alabama.

Carte de la Nouvelle-France, 1607 par Samuel de Champlain, ©Sam
Champlain/Bibliothèque du Congrès Washington, USA

Os iroqueses tinham pelo menos seis grandes comunidades: Tuscarosa, Senecas, Cayugas, Oneidas, Onondagas e Mohawks. Todos esses povos deixaram hoje descendentes no Canadá e nos Estados Unidos.

Outro grupo igualmente importante nesta região dos Estados Unidos, o Nordeste, foram sem dúvida os Algonquins. Também incluíam vários povos, incluindo Abenaki, Ojibway, Fox, Chippewa, Delaware, Cheyenne, Arapahos, Shawnees, etc.
Durante a época das primeiras colônias europeias na América do Norte, os povos Algonquin ocuparam não apenas o que é hoje New Brunswick e grande parte do Canadá, mas também Nova Inglaterra, New Jersey, o sudeste de Nova York, Delaware e toda a costa atlântica, bem como ao redor dos Grandes Lagos em Minnesota, Wisconsin, Michigan, Illinois, Indiana e Iowa. Na época da chegada dos europeus, a confederação hegemônica dos iroqueses, com sede nas atuais Nova York e Pensilvânia, estava regularmente em guerra com seus vizinhos algonquinos.

Quanto ao povo Abenaki em particular, eles estavam localizados no norte da Nova Inglaterra no que hoje é Maine, New Hampshire e Vermont no que hoje é os Estados Unidos, e também no leste de Quebec (então chamado de Canadá); eles estabeleceram relações comerciais com colonos franceses que se estabeleceram ao longo da costa atlântica e do rio São Lourenço.

Os franceses encontraram os povos algonquinos também no "meio-oeste" por meio de seu comércio e da colonização limitada da Nova França ao longo dos rios Mississippi e Ohio. Os povos históricos da "terra de Illinois" foram Shawnee, Illiniwek, Kickapoo, Menominis, Miami, Sauk e Meskwaki. No "Alto Oeste" estavam os Ojibwa, Chippewa, Odawa, Potawatomi e vários grupos Cree que viviam na península superior de Michigan, Wisconsin, Minnesota e nas pradarias canadenses. Todos esses povos falavam línguas algonquianas.

Os índios do nordeste dos Estados Unidos começaram a interagir regularmente com os europeus no início do século XVI. A maioria dos visitantes era francesa ou inglesa e, a princípio, estavam mais interessados em cartografia e comércio do que em conquistas físicas. Como suas contrapartes do sudeste, a maioria dos nativos americanos no nordeste dependia de uma combinação de agricultura e alimentos, e muitos viviam em grandes povoações muradas. No entanto, as comunidades do Nordeste geralmente evitam as hierarquias sociais comuns no Sudeste. As tradições orais e o material arqueológico sugerem que eles experimentaram rivalidades intertribais cada vez mais ferozes no século antes da colonização; Supunha-se que esses conflitos contínuos tornavam as nações do nordeste muito mais preparadas para ações ofensivas e defensivas do que os povos do sudoeste ou sudeste.

Mais ao sul, encontramos os Muskogeans (Muskogeans) assentados perto do Mississippi e do Atlântico, dos Apalaches à Flórida: Streams, Cherokees, Choctaws, Chickasaws e Seminoles. Nas regiões da Virgínia e da Carolina do Norte, bem como no centro do continente, viviam os Sioux: Assiniboine, Crows, Dakotas, Lakotas, Hidatsas, Iowas, Kansas, Osages, Omahas, Ponas, Quapaws. No sudoeste, os povos sedentários viviam em um território semi-árido, os Athapaskans: os Hopi, os Navajos e os Apaches. Outros Atapaskans viveram no Norte: Kaskas, Tananas, Chipewayans, Kutchins, etc. Finalmente, no Alasca de hoje, havia os Inuit.

Esses povos da América foram ignorados por ignorar o nome dos índios. Acreditando-se na Índia, foram os espanhóis que deram aos índios o nome de índios (em espanhol: índio no singular e índios no plural). Na verdade, Cristóvão Colombo batizou os índios nativos porque não conseguia estimar corretamente o tamanho real do globo! Posteriormente, os franceses também designarão os nativos como índios ou selvagens, termo que só caiu em desuso durante o século XX. Os britânicos e mais tarde os americanos usarão o termo índios, mas adicionarão Indiens Rouges (Redskins franceses), que se oporão a Rosto pálido (em francês: Rostos pálidos). Nos Estados Unidos, agora preferimos usar os termos povos indígenas (ameríndios ou povos nativos), nativos ("nativos"), grupo tribal ("grupo tribal") ou, mais raramente, autóctones (povos nativos ou nações nativas) .

No Canadá, Primeiras Nações ou Primeiras Nações são freqüentemente usadas. Nos países da América Latina, além das palavras Índio / Índios, Indígena / Indígenas, Comunidades Indígenas / Comunidade Indígena, às vezes um grupo tribal ("grupo tribal") e, mais raramente, povos indígenas ("nativos"). Freqüentemente, esses termos se opõem a civilizado ("civilizado").

As línguas dos povos indígenas

O mapa abaixo mostra oito famílias de línguas principais (menos a família maia) que existiam na atual América do Norte antes que seus falantes fossem em grande parte substituídos pelos europeus. Obviamente, algumas famílias se espalharam tanto no Canadá quanto nos Estados Unidos ou México.

As cordas falantes

Se a genética nos mostra que houve de fato uma continuidade migratória da Sibéria para a Beringia e depois da América do Norte para o Sul, então também deveríamos ter correlações culturais. Claro, existem muitos deles. Mas o mais enigmático é o uso de um código de expressão quase secreto: o wampun no norte, a quipa no sul.

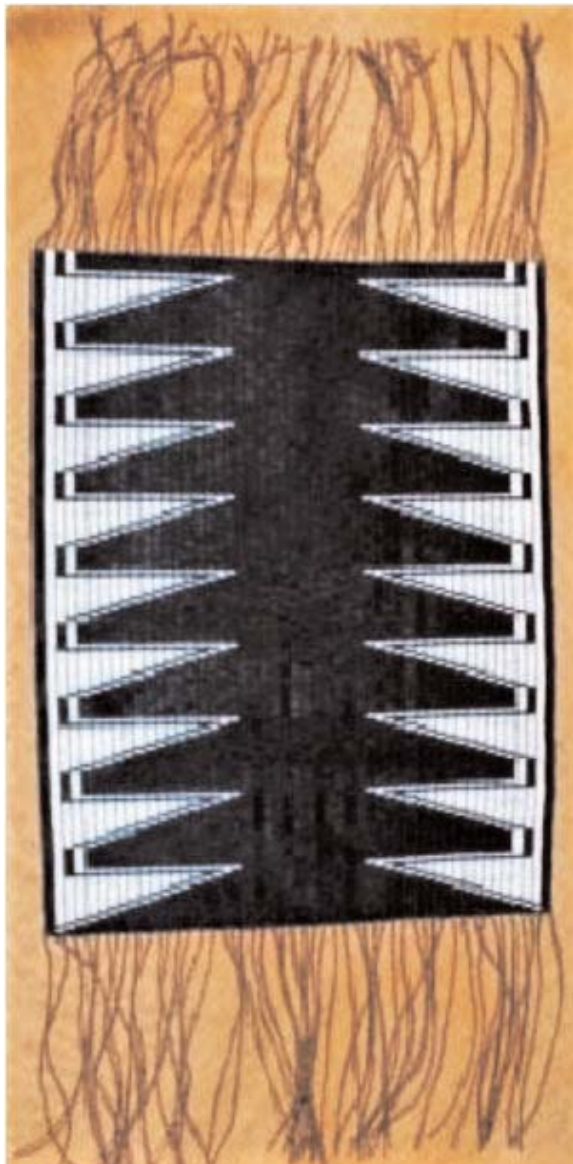
O wampum índio norte-americano

Wampums, cujo nome deriva de uma palavra narragansett (da família da língua algonquina) que significa "cadeia de conchas brancas", são pérolas tubulares feitas de conchas marinhas da costa atlântica. Diferentes conchas podem ser usadas, mas as pérolas brancas são principalmente de conchas de búzio (também chamadas de caracóis do mar) e as pérolas roxas de conchas de molusco (uma espécie de molusco).

Muitas nações indígenas no nordeste do continente usaram wampums para gravar e enviar mensagens. O wampum consistia em pérolas roxas e brancas cortadas de conchas de amêijoas madrepérolas.

Famille	Langues	Région
Eskimo-aléoute	aléoute, alutiiq, yupik, inupiak	Alaska
Athapascan	kaska, tanana, chipewayan, kutchin, etc. apache, navajo, etc.	Alaska Arizona, Nouveau-Mexique, Texas
Algonkienne	atsina, blackfoot, cri, ojibway, menimini, potawatomi, winnebago, sauk, fox, illinois, cheyenne micmac, abénaki, massachuset, delaware	Montana Minnesota, Wisconsin, Michigan Illinois, Indiana, Iowa, Missouri Maine, Massachusetts,
Iroquoienne	huron, mohawk, seneca, oneida, cherokee	Maine,Vermont, New York Tennessee
Sioux	assiniboine, crow, dakota, lakota, hidatsa, iowa, kansa, osage, omaha, pona, quapaw	Dakota du Nord, Minnesota, Montana, Dakota du Sud, Wyoming, Ne
Salishan (salish)	nooksack, salish, skagit, coeur d'Alène, etc.	Washington, Idaho, Montana
Uto-aztèque	shoshoni, paiute, ute, hopi, comanche, piman, etc.	Californie, Nevada, Utah, Colorado, Arizona, Texas
Muskogéenne	alabama, chickasaw, choctaw, creek, séminole, appalache, etc.	Mississippi, Alabama, Géorgie, Caroline du Sud, Floride

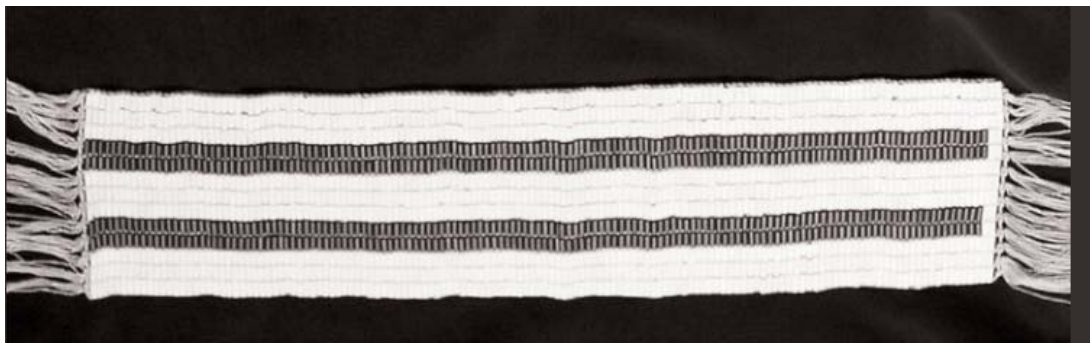
Os povos indígenas que vivem ao longo do litoral recolhem as conchas, fazem as pérolas e as comercializam no interior, por exemplo, trocando-as no Haudenosaunee por cascas, milho, feijão ou abóbora. Essas pérolas eram de valor considerável no leste do Canadá e nas Ilhas Marítimas. Ali eram valorizados como objetos ornamentais ou cerimoniais, bem como para o comércio de peles e trocas diplomáticas, principalmente nos séculos XVII e XVIII.

Wampums são amarrados ou tecidos para fazer pulseiras, colares, lenços e, posteriormente, cintos que servem como representações físicas de cartéis políticos. Os padrões simbolizam eventos, alianças ou laços familiares entre pessoas diferentes.
Assim, wampums podem ser usados para confirmar laços, pedir a alguém em casamento, expiar o assassinato ou pagar resgate para libertar prisioneiros.
Miçangas e cintos também validavam tratados e representavam tradições orais.
Em muitas comunidades, os tratadores wampum são responsáveis por proteger os cintos e interpretar as histórias que contam.

A infinita árvore wampum representa essa árvore da paz que cresce sem parar. Em suma, isso significa que nossos diferentes povos devem evoluir separadamente. Essa leitura insiste no respeito a um espaço de autonomia que se articula em uma separação estrita entre sociedades indígenas e não indígenas. As contas serviram como um lembrete para o remetente transmitir a mensagem inteira.
Considerados como objetos sagrados, os wampums inspiravam um profundo respeito porque carregavam mensagens de suprema importância.

Usamos um wampum para:
* estabelecer, manter ou interromper alianças políticas entre nações ameríndias e, entre nações da mesma aliança, celebrar acordos de paz e tomar decisões de interesse comum;
* formar e manter relações familiares e fazer propostas de casamento;
* mostrar o papel importante de certas pessoas dentro de uma nação ou tribo;
* praticar cerimônias espirituais;
* selar alianças, tratados ou acordos com europeus

Eles são particularmente importantes para tratados e acordos entre povos indígenas e potências coloniais europeias. Os cintos Wampum são usados para representar acordos feitos entre os povos. (George Washington enviou wampums para povos nativos americanos com os quais desejava se aliar.)
Gus-wen-tah e convivência baseada no respeito, paz e amizade.

Três fileiras horizontais de pérolas brancas circundam cada fileira de pérolas roxas. Toda essa brancura faz sentido. Uma dessas linhas brancas incorpora um princípio de respeito, a outra um princípio de paz e a terceira, um princípio de amizade que deve vincular os povos indígenas e não indígenas.

As duas fileiras roxas nunca se tocam. Eles evoluem eternamente em paralelo sem interagir. Essa leitura insiste no respeito a um espaço de autonomia que se articula em uma separação estrita entre sociedades indígenas e não indígenas. Em suma, isso significa que nossos diferentes povos devem evoluir separadamente. Simbolizando um princípio filosófico fundamental de respeito e amizade, o cinto pode ser usado como um veículo para melhorar as relações entre os povos indígenas. Miçangas e cintos também aceitavam tratados e representavam tradições orais. Em muitas comunidades, os tratadores wampum são responsáveis por proteger os cintos e interpretar as histórias que contam.

O quipu sul-americano

Na América do Sul, os Incas construíram um imenso império, cuja expansão começou no início do século XV. O "Império das Quatro Peças", ou Tahuantinsuyu na língua Quechua, se espalhou pelos territórios atuais da Colômbia, Equador, Peru e grande parte do Chile, mas também por toda a parte ocidental. Bolívia e nordeste da Argentina, em uma área total de aproximadamente 2.000.000 km².

O funcionamento deste império nada tinha a invejar dos reinos europeus: com base no trabalho obrigatório imposto à população, a produção agrícola e manufatureira era objeto de uma centralização impecável gerida por uma administração complexa e hierárquica. Os incas, entretanto, ignoraram a escrita. Por que esse instrumento nunca foi desenvolvido, mas considerado essencial para a coesão de qualquer império? Se não sentiram necessidade, foi porque possuíam um sistema de gravação único e extremamente preciso: o quipu.

No entanto, um simples feixe de cordas com nós, o quipu (do quíchua khipu, "nó") formou a base de um sistema complexo usado pelos tratadores dos quipus (ou quipucamayocs) para registrar qualquer coisa que pudesse ser útil para os olhos. o cidadão. Império. A quantidade de informações que esses artefatos têxteis poderiam fazer lembrar os surpreendidos cronistas espanhóis do século XVI. José de Acosta, por exemplo, fez esta descrição: "Estes quippos são memoriais, ou discos, que são feitos de ramos nos quais existem vários nós e várias cores que significam várias coisas, e é estranho que o que 'eles' expressassem e representado. Este meio. Para os quippos, valem tanto quanto livros de história, leis, cerimônias e registros de seus negócios. "Pedro Sarmiento de Gamboa achou" admirável ver os detalhes [que os incas guardavam] nessas modestas correntes ", enquanto Martín de Murúa explicou que "nos lembramos como se fosse ontem [dos acontecimentos registrados], até muito mais tarde".

O kip de "nós de memória"

Normalmente feitos de algodão ou lã de camelídeo (principalmente alpaca), os quipos às vezes eram feitos de fibras vegetais ou até mesmo cabelos. Para fazer um quipu, bastava ter um cordão horizontal (o cordão principal) e suspender os cordões verticalmente (os cordões secundários), ao qual poderiam ser amarrados outros cordões (os cordões subsidiários). A informação foi escrita ali na forma de nós colocados nas cordas suspensas (secundárias e subsidiárias). Embora o comprimento dos cabos possa variar, o cabo principal sempre foi mais longo do que o segmento em que os cabos foram suspensos.

Cordas de cores diferentes podem ser penduradas no mesmo quipu ou na mesma corda. A obtenção de um resultado monocromático ou policromado dependia da cor dos fios usados e de como eles eram enrolados no cordão. Existem até cordas cuja cor muda no meio. Alguns são decorados com um sinal distintivo, como uma pena da cor de um pássaro, facilitando o reconhecimento da origem geográfica do proprietário.

Arquivos do Império

Os quipus têm diferentes tipos de nós, simples ou compostos, cuja observação revelou que a escolha de amarrar a corda à esquerda ou à direita foi deliberada. Também sabemos que a criação dos quipos não era irreversível: a informação registrada poderia ser modificada simplesmente desfazendo e refazendo os nós de destino.

Sabe-se agora que a forma de trançar os fios, sua cor, a distância entre as cordas suspensas e a corda principal, a localização dos nós, sua forma, sua direção e seu número corresponderam às variáveis dos dados registrados. Os quipus não deixavam nada ao acaso: cada detalhe importava. Sem dúvida, sua complexidade facilitou o arquivamento de dados de todos os tipos: administrativos (censo, arrecadação de impostos), genealógicos, calendário, históricos, religiosos, etc.

Muitos pesquisadores tentaram decifrar o código dos quipos. Durante as décadas de 1970 e 1980, Marcia e Robert Ascher analisaram um corpus de 206 espécimes, dos quais observaram cuidadosamente os nós (tipo e localização) e cordões (cor, comprimento e relação). Este estudo permitiu-lhes descobrir a existência de quipos numéricos baseados em sistema de notação decimal (unidades, dezenas, centenas, etc.), onde cada tipo de nó corresponde a um valor situado de 0 a 9. É, portanto, possível "ler "os números escritos em strings adicionando o número de unidades, dezenas, centenas, etc.

A queda do Império Inca, portanto, mudou esta ferramenta antiga sem minar seus alicerces. É por isso que os Andes ainda abrigam comunidades que perpetuam seu uso. Sejam objetos rituais ou símbolos de prestígio, ou mais recentemente tomem a forma de objetos têxteis muito distantes dos quipos incas, todos testemunham o enraizamento profundo desses "modestos cordões" na organização das empresas.

AS TRIBOS AMERICANOS DA AMÉRICA LESTE

A pesquisa arqueológica realizada no que antes era o coração canadense da Nova França revelou locais de ocupação altamente variados, refletindo a adaptação e o desenvolvimento de diferentes comunidades ameríndias a um ambiente físico altamente contrastante. Do sul, as primeiras populações humanas, espalharam-se pelo território a partir de 11.000 AA e o ocuparam já que a fauna e a flora cobrem os espaços abertos pelo degelo da geleira.

Depois que a geleira derrete, o clima esquenta consideravelmente a ponto de Nova York desfrutar de um clima quase tropical. Cerca de 10.800 anos atrás, a Nova Inglaterra e a Nova Escócia deram as boas-vindas a seus primeiros habitantes, e grupos posteriores viajaram para Newfoundland, cruzando Cabot Sound, saindo da ilha de Cape Breton. É da Terra Nova que os migrantes chegarão à costa norte inferior, há cerca de 8.500 anos. Em Anse-Amour, perto de Blanc-Sablon, foi encontrado um cemitério datado desse período. Supõe-se que os aborígines da época viajavam de canoa em vez de canoa de casca de árvore.

Essas populações, que os arqueólogos chamam de "Paleoíndios", praticavam extenso nomadismo. Eles não eram apenas especialistas na caça de caribus, mas também cortadores de pedra finos, preferindo variedades ricas em sílica para fazer suas pontas estriadas, seus vastringues, suas brocas e seus raspadores de bico. Seus ciclos de movimentação no território provavelmente foram planejados de forma a perseguir rebanhos de grandes mamíferos, garantindo o acesso às principais pedreiras. Os sites de Debert em Nova Scotia e Mégantic em Quebec são os mais conhecidos.

Após o aquecimento global, o ambiente subártico é substituído de 9.000-8.000 anos AA e até cerca de 5.000 anos AA por florestas mistas. Hordas de caribus migram para o norte. Os sítios arqueológicos revelam um abandono das antigas pedreiras em favor de materiais de menor qualidade, como o quartzo e as pedras metamórficas. Os grupos reduzem, assim, as viagens e concentram mais as suas atividades nos mesmos locais. Grandes pontas de pedra provavelmente serão substituídas por ferramentas feitas de chifre e osso (que raramente sobreviveram no solo) e uma grande variedade de ferramentas rudimentares são produzidas para corte ou esmerilhamento. Introduzida recentemente, a técnica de polimento de pedras permite fazer machados, enxós e goivas. Em seguida, são explorados todos os tipos de ambientes, principalmente os das margens e pântanos do interior, que de certa forma livram os índios das longas e constantes viagens pelo território imposto pela caça ao caribu.

Entre 6.000 e 4.000 anos atrás, as populações que ocupavam o alto vale de San Lorenzo também exploravam regiões como Saguenay e o Upper North Shore. Pela primeira vez, podemos atestar a presença de cães que acompanham os caçadores em sua jornada.

Por volta de 5.000 anos AA, as populações ameríndias que viviam nas terras baixas de San Lorenzo e na região dos Grandes Lagos continuaram a praticar a caça, a pesca, a caça com armadilhas e a coleta (plantas, frutos e moluscos). Esses "Laurentiens Arcaicos" se apropriaram mais do território e posteriormente exploraram múltiplas variedades de pedra, como as sílex esverdeadas dos Apalaches, os quartzitos esbranquiçados extraídos do escudo canadense ou as sílex azuladas extraídas da Península do Niágara.

A partir dessas matérias-primas, pontas com fenda, raspadores, facas e brocas de vários tamanhos foram esculpidas. Eles refinaram suas técnicas de polimento de pedra e fizeram pontas, machados, goivas, pesos líquidos, pesos de propulsão e baionetas magníficas. Vários objetos de pedra. Os ossos foram feitos para as necessidades da pesca, e o cobre extraído de afloramentos particularmente localizados no Lago Superior foi usado para produzir uma variedade de ferramentas e ornamentos tão variados quanto pedra. como rebolos, atesta a transformação de materiais vegetais para consumo. Maior número e dispersão geográfica de sítios e usos As matérias-primas líticas locais mais marcadas mostram um aumento da população, uma redução da superfície dos territórios explorados e menor mobilidade. Esses grupos desenvolveram tradições funerárias caracterizadas pelo uso de ocre vermelho e oferendas funerárias de uma qualidade que excede em muito a dos objetos do dia-a-dia.

Pouco depois de 4000 anos AA, o Nordeste é marcado por múltiplas mudanças, tanto nos tipos de ferramentas, no esquema de estabelecimento e nos métodos funerários, o que sugere uma influência ideológica muito forte por parte das populações do sul chamadas "Susquehanna". . A geografia cultural que descreverão as primeiras chegadas de europeus já é perceptível por volta dos 3.000 anos AA. Nas províncias marítimas, os "Proto-Maliseet / Micmacs / Pesmocody" continuam a ocupar o território e a explorar os seus recursos, tal como os seus antecessores. Essas populações, muitas de cujas áreas costeiras agora estão submersas, acrescentam duas inovações ao seu dia-a-dia: o arco e a flecha, além da cerâmica. No Vale de San Lorenzo e na região dos Grandes Lagos, as populações conhecidas como "Pointe Péninsule / Meadowood / Saugeen" também adotam a cerâmica e aderem maciçamente a uma nova tecnologia de corte chamada Meadowood e associada a um material lítico retirado da Península de Niágara, o Pederneira Onondaga. O uso do fumo, o uso de novos instrumentos de pedra polida (gargantas, pedras aviformes, tubos tubulares), enfeites de latão e a prática de comportamentos funerários altamente elaborados também marcarão este episódio. Embora raramente sejam encontradas nas províncias marítimas, essas manifestações coincidem com o desenvolvimento das línguas proto-algonquianas nos territórios Mi'kmaq, Maliseet e Abenaki.

Por volta do ano 2000 AA, assistimos ao nascimento dos primeiros ensaios hortícolas num contexto onde várias comunidades já optaram por um estilo de vida semissedentário garantido pela pesca frutífera e um amplo conhecimento dos recursos vegetais da floresta. A cerâmica é onipresente, e vasos cônicos totalmente decorados com linhas onduladas ou irregulares são rapidamente substituídos por vasos de formato globular. As barrigas passaram a ser submetidas a um tratamento superficial e as decorações passaram a limitar-se à parte superior e por vezes até à parede, uma novidade.

Começa a migração de tribos iroquesas de Ohio para a Pensilvânia e Nova York. Esses recém-chegados trazem alguns "hábitos e costumes", incluindo a coleta de plantas e a fabricação de cerâmica. As redes de troca chegam então a um clímax: dentes de tubarão do Golfo do México, conchas do litoral do Atlântico, obsidiana de Wyoming e tubos de pedra-sabão feitos em Ohio acabam nas mãos dos ocupantes do Nordeste.
O último milênio da pré-história será marcado por uma grande mudança na forma como os alimentos são obtidos. Sem abandonar a caça, a caça com armadilhas, a pesca e a coleta, os ameríndios se transformam gradativamente em horticultores. Uma variedade de produtos que vão do milho ao pepino, melão, abóbora, abóbora, girassol, tabaco, alcatrão e feijões de todas as cores não são apenas cultivados e consumidos, mas também armazenados ou usados como moeda.

A chegada da horticultura tem importantes consequências socioculturais. Com a chegada do milho, notamos um aumento acentuado nas guerras intertribais. Caça e façanhas militares sempre foram as principais fontes de prestígio dos homens ameríndios. O teste final que permitia a um caçador demonstrar seu talento e coragem era garantir a sobrevivência de sua família durante os rigores implacáveis do inverno. A partir de agora, a horticultura, área reservada às mulheres, permitiu que a comunidade se alimentasse adequadamente, os homens, sentindo-se ameaçados por esta nova importância dada às mulheres e de trabalhar a terra em detrimento da caça, viraram guerra, único caminho. agora eles tinham que adquirir prestígio pessoal. . Acredita-se que os algonquinos teriam forçado os iroqueses a emigrar para o estado de Nova York ou que eles teriam simplesmente migrado naturalmente para o sul em busca de terras e um clima mais propício à horticultura. Sabemos, devido à alta densidade populacional das aldeias, que os iroqueses geralmente deixaram suas aldeias 15 anos após seu estabelecimento.

As casas, onde tradicionalmente viviam uma ou duas famílias, estendem-se por vários metros. A produção de alimentos vegetais permite que se estabeleçam e o número de indivíduos que podem viver o ano todo ou quase no mesmo local é multiplicado por dez, chegando a 2.000 pessoas.

As pessoas que vivem ao longo do Atlântico, como as que vivem nas florestas boreais, não participam da mesma forma desta revolução alimentar e continuam explorando os recursos terrestres e marinhos. Alguns aterros também contêm grandes quantidades de conchas de moluscos que testemunham longas estadias na costa. Viajar em alto mar não guardou segredos para os Mi'kmaq: a bordo de barcos de até 30 pés de comprimento, esses canoístas cruzaram os 90 quilômetros que separam Cape Breton (Nova Escócia) das Ilhas Magdalen, como evidenciado pelas semelhanças do material descoberto nos sites dessas duas regiões.

Algonquianos e iroqueses

Na época da chegada dos primeiros europeus, o nordeste do continente norte-americano era ocupado por duas grandes famílias lingüísticas e culturais, os algonquinos e os iroqueses.

Os grupos algonquinos são os mais numerosos. Embora falem línguas relacionadas, seus estilos de vida variam muito, dependendo do ambiente em que operam. As florestas boreais e laurentes que se estendem dos Maritimes às pastagens ocidentais são frequentadas por bandos de caçadores-coletores nômades. Embora essas bandas familiares se reúnam na temporada de verão em locais costeiros ou ribeirinhos, elas se dividem e se dispersam no interior da terra no inverno.

Os Algonquianos também incluíam vários povos, incluindo Abenaki, Ojibway, Fox, Chippewa, Delaware, Cheyenne, Arapahos, Shawnees, etc.

No leste do Canadá, a família Algonquin inclui os Micmacs (Gaspésie), os Maliseet (Bas-St-Laurent, os Abenakis (Centre du Québec, os Naskapis (Haute Côte-Nord), os Montagnais (Saguenay-Lac-St-Jean- Côte-Nord), os Algonquins (Abitibi-Témiscamingue), os Crees (Baie-James), os Attikamek (Haute Mauricie), os Outaouais (Gatineau) e os Beothuk (exterminados-Terra Nova).

Durante os dias das primeiras colônias europeias na América do Norte, os povos Algonquin ocuparam não apenas o que é hoje New Brunswick e grande parte do Canadá, mas também Nova Inglaterra, Nova Jersey, sudeste de Nova York, Delaware e por toda a costa do Atlântico, bem como em torno dos Grandes Lagos em Minnesota, Wisconsin, Michigan, Illinois, Indiana e Iowa. Na época da chegada dos europeus, a Confederação hegemônica dos iroqueses, com base nos atuais estados de Nova York e Pensilvânia, estava regularmente em guerra com seus vizinhos Algonquin. Com relação a Abenaki em particular, eles estavam localizados no norte da Nova Inglaterra no que hoje é Maine, New Hampshire e Vermont no que se tornou os

Estados Unidos, e também no leste de Quebec (que era então chamado de Canadá); eles estabeleceram relações comerciais com colonos franceses que se estabeleceram ao longo da costa atlântica e do rio São Lourenço.

As populações algonquinas que habitam desde o sul dos Grandes Lagos até a bacia do Mississippi, bem como ao longo da costa atlântica até as Carolinas, no entanto, têm um modo de vida mais sedentário: cultivam a terra e levam uma existência de aldeia. Os povos históricos do "país de Illinois" foram Shawnee, Illiniwek, Kickapoo, Menominis, Miami, Sauk e Meskwaki. No "Alto Oeste" estavam os Ojibwa, Chippewa, Odawa, Potawatomi e vários grupos Cree que viviam na península superior de Michigan, Wisconsin, Minnesota e nas pradarias canadenses. Todos esses povos falavam línguas algonquianas. Comunidades que falavam línguas algonquianas estavam entre as nações indígenas mais populosas e mais bem organizadas da América do Norte quando os europeus chegaram.

Território, mobilidade e organização social

Os algonquinos que viviam nas províncias marítimas frequentavam quatro tipos de ambientes: offshore, ilhas offshore, ambientes ribeirinhos a montante do limite da maré alta e lagos e rios interiores. As viagens eram frequentes e nem sempre obedeciam a um horário fixo. Para alguns, o inverno era vivido ao longo da costa, caçando focas, por exemplo, enquanto outros preferiam passar esta temporada no interior em busca de alces. Portanto, tais condições não teriam permitido estabelecer uma estratificação social, como nas comunidades da costa oeste do Canadá, por exemplo. A exploração de pedras de granulação fina, que eram cortadas ou polidas para obter uma infinidade de ferramentas, também estava na agenda das viagens. Fomos direto para as pedreiras, caso contrário, assinamos uma vasta rede de abastecimento. Por exemplo, os cherts esverdeados do Lago Touladi em Témiscouata ou os cherts Borgonha extraídos do Lago Munsungun no noroeste do Maine foram adquiridos por grupos que viviam na costa do Atlântico, enquanto os cherts coloridos da Baía de Fundy na Nova Escócia foram adquiridos. foi negociado com os Apalaches e o Vale de San Lorenzo. E isso sem contar a importação de quartzitos extraídos de Ramah Bay, no norte de Labrador, do setor Mistassini e dos cherts Onondaga coletados na junção do Lago Erie com Ontário. Os Mi'kmaq, por exemplo, podiam viajar grandes distâncias em alto mar, como caçadores de Cape Breton às ilhas Magdalen.

As sociedades algonquinas do Mar são consideradas essencialmente igualitárias e os dados arqueológicos não apresentam uma hierarquia marcada. Os Mi'kmaq, por exemplo, praticavam exogamia, garantindo assim casamentos entre comunidades diferentes. Gangues patrilocais nomeavam um chefe do sexo masculino que, na verdade, tinha poderes limitados. As aldeias eram compostas por seis famílias nucleares, ou cerca de 30 pessoas, que se dividiram em grupos menores e se uniram à medida que se moviam pelo território.

Em geral, os locais foram ocupados por algumas famílias que voltavam aos mesmos locais, ano após ano. As reuniões sazonais mais importantes foram realizadas em áreas estuarinas, onde a abundância de recursos foi aproveitada. Esses lugares, situados na encruzilhada de grandes eixos de navegação, eram também pontos de encontro essenciais. Mais especificamente, privilegiaram-se as zonas de fácil acesso por canoa, muito próximas de uma fonte de água potável, banhadas pelo sol e protegidas dos ventos frios. As lareiras abertas formadas por uma plataforma de pedra com aproximadamente um metro de diâmetro serviam para cozinhar alimentos e garantiam o conforto dos ocupantes que ficavam alojados em tendas circulares ou ovais com cerca de quatro metros de diâmetro. Os poços eram usados para armazenar reservas de alimentos para superar os rigores do inverno, como em um local no rio Miramichi em New Brunswick que tinha até sessenta. Algumas casas foram preparadas cavando o solo com meio metro de profundidade. Os escritos dos jesuítas do século XVII também evocam uma técnica de isolamento contra o frio que consistia em erguer as paredes da casa com duas camadas de casca de

bétula separadas por musgo.

Hábitos alimentícios

A costa estava repleta de recursos animais: mamíferos marinhos, peixes de água salgada e doce, aves migratórias e moluscos eram explorados em diferentes épocas do ano, dependendo da sua abundância ou disponibilidade. As redes foram espalhadas na foz dos rios para capturar o salmão, e o bacalhau foi colocado em um ângulo ao largo da costa. As barragens de estacas de madeira também eram utilizadas para a pesca, tanto em espaços abertos na maré baixa como nas descargas em lagos. Os pântanos estavam cheios de moluscos (ostras e amêijoas) que foram arrancados da lama às centenas. Quando essas espécies faltavam, os grupos se moviam para o interior ao longo dos rios e capturavam castores ou alces. Os cães podem ser usados para rastrear alces e detectar a presença de castores em suas cabines. Infelizmente, os restos de crustáceos, frutas doces, nozes, plantas cultivadas, como o milho, ou variedades silvestres como os violinos, quase nunca sobreviveram em sítios arqueológicos, embora fizessem parte da Dieta. Ossos de mamíferos foram divididos ou triturados para extrair o tutano, um alimento rico em proteínas.

Cultura material

A cultura material desses grupos que sobreviveu nos solos consistia em vasos de terracota, pontas de projéteis com entalhes na base (que marcam a adoção do arco e flecha e que se destacam entre as mais pontas). agachamento usado como lanças), em pequenos raspadores do tamanho de moedas, em facas bifaciais de vários formatos, em enxós de pedra lascada ou polida e em uma série de entulhos esculpidos em pedra cujas bordas afiadas os transformaram em facas descartáveis incomparáveis. Ossos de animais, dentes e marfim forneciam uma matéria-prima ideal para fazer facas de lâmina curva (por exemplo, dentes de castor), arpões de cabeça destacável e agulhas ou socos.

O vale de San Lorenzo

Os iroqueses

Uma das comunidades mais dinâmicas foram, sem dúvida, os iroqueses que viviam no Vale do St. Lawrence, na área do Lago Erie e Ontário, no Vale do Rio Hudson e na parte oeste dos Apalaches (vasta área montanhosa). Do leste da América do Norte , quase paralela à costa atlântica, da província de Quebec ao norte do Alabama. Os iroqueses tinham pelo menos seis comunidades principais: Tuscaroses, Senecas, Cayugas, Oneidas, Onondagas e Mohawks. Todos esses povos hoje deixaram descendentes no Canadá e os Estados Unidos. Esses iroqueses falavam uma língua diferente dos outros grupos iroqueses encontrados pelos europeus em outras partes do nordeste dos Estados Unidos, como Onondaga, Mohawks, Oneida e Hurons, por exemplo.. Certeza quando chegaram a San Lorenzo. alguns, a sua forma de ocupação e exploração do território e as suas tecnologias cerâmicas e líticas. s é percebida desde o século V DC. Para outros, a Esta continuidade não é suficiente eloqüente em sítios arqueológicos e é necessário considerar um assentamento real dessas populações apenas a partir do século XIV. A questão ainda surge. Quanto à parte do Vale de São Lourenço localizada a jusante de Quebec, presume-se que era frequentada pelos iroqueses, Huron-Wendat e Mi'kmaq.

MICMAC

A maior e mais importante tribo indígena nas províncias marítimas do Canadá (Nova Escócia, New Brunswick e Ilha do Príncipe Eduardo). Os censos canadenses de 2001 e 2006 nos levam a estimar o número de Mi'kmaq (ou Mi'kmaq) em cerca de 20.000 no início do século XXI. Seu dialeto Algonkin, ainda falado por um terço deles, é muito diferente do dialeto de seus vizinhos; por isso acredita-se que os Mi'kmaq chegaram recentemente a esta região, um pouco antes da época da conquista. Historicamente, eles são certamente os índios que Jean Cabot conheceu em 1497. Os primeiros cronistas os descreveram como ferozes e beligerantes; no entanto, eles foram os primeiros a aceitar os ensinamentos dos jesuítas e a se casar com os colonos da Nova França. Nos séculos XVII e XVIII, eles foram constantemente aliados dos franceses contra os ingleses e frequentemente organizavam ataques nas fronteiras da Nova Inglaterra. Os ingleses não conseguiram pacificá-los até 1779.
O Mi'kmaq formou uma confederação de vários clãs (Mi'kmaq significa "aliados"). Cada clã tinha seus próprios símbolos e seu próprio líder, cuja importância, entretanto, não era muito grande. Em geral, os senhores da guerra eram aqueles que realizaram feitos excepcionais. Aparentemente, não havia classes sociais hereditárias; a escravidão não existia entre eles, porque os prisioneiros de guerra eram geralmente torturados até a morte e mulheres e crianças cativas eram integradas à tribo.

Em certas estações, o Mi'kmaq levava uma existência nômade. No inverno, eles caçavam caribus, alces e pequenos animais; Eles então viviam em cabanas de formato cônico, cobertas com peles de bétula ou casca de árvore. No verão, eles pescavam, coletavam conchas e caçavam focas nas margens; eles viveram, durante esta temporada, em cabanas de formato oblongo e altamente ventiladas. Eles usavam as roupas encontradas em todos os índios das matas nordestinas: tangas para os homens, cobertores para as mulheres e cobertores para todos; essas roupas muitas vezes estavam puídas. Os Mi'kmaq eram muito bons em dirigir suas canoas.

De acordo com alguns relatos, suas cerimônias eram muito complexas, mas pouco se sabe sobre a natureza de seus ritos e crenças religiosas. Sabemos apenas que no final dos séculos 17 e 18, os Mi'kmaq copiaram um pouco as missões católicas e tomaram emprestados deles certos elementos de suas crenças religiosas quando não se converteram. Como entre os Algonkin, a lenda de Mi'kmaq reconta o culto do herói Gluskabe, que realizou muitos feitos e, em particular, matou

HURONS - WENDAT

Os Huron-Wendat são uma nação que fala a língua dos iroqueses que se estabeleceram no Vale de San Lorenzo e na região onde o San Lorenzo deságua nos Grandes Lagos. "Huron" é um apelido que os franceses dão ao Wendat; significa "a cabeça de um javali", uma reminiscência dos penteados dos homens furões, ou "um valentão" ou "um patife" em francês antigo. Seu nome na Confederação era Wendat (Ouendat), que provavelmente significava "pessoas que vivem nas costas de uma tartaruga". Durante a era do comércio de peles, Huron-Wendat aliou-se aos franceses que se opunham aos Haudenosaunee (iroqueses). Durante os conflitos armados do século 17, os Huron-Wendat foram dispersos pelos Haudenosaunee em 1650. No entanto, ainda existem representantes da Primeira Nação Huron-Wendat (com base em Wendake, Quebec).

Historicamente, as tribos que compõem esta confederação são os Attignawantans ("tribo de ursos"), os Attignaenongnehac ("povo de Corde"), os Arendaronons ("povo do Rock"), os Tahontaenrats ("povo de Daim") e os Atadoschronons ("gente do Marais"). Essas tribos são conhecidas como "nações", enfatizando o fato de serem entidades políticas e territoriais distintas com culturas semelhantes, uma origem comum em um passado distante, e que falam línguas vizinhas, mas não idênticas.

Os Huron-Wendat são divididos em 18 a 25 aldeias, algumas com 3.500 habitantes. Sua economia de subsistência é baseada no cultivo do milho, feijão, abóbora e pesca. A caça é uma atividade menor, exceto no outono e no final do inverno, e é praticada muito além dos limites das terras Wendat. As aldeias maiores são fortemente fortificadas com paliçadas e geralmente localizadas em locais ligeiramente elevados, perto de uma fonte de água permanente e boa terra arável. Os Huron-Wendats se movem a cada 10 a 15 anos, depois que o solo e a lenha acabam.

Cada Huron-Wendat pertence a um dos oito clãs matrilineares. Membros do mesmo clã são considerados descendentes de um ancestral lendário comum (urso, veado, tartaruga, castor, lobo, mergulhão e esturjão, falcão ou raposa) e não têm o direito de se casar. Alguns substituem o mergulhão, o esturjão e a raposa por porcos-espinhos e cobras. Um menino não pode se casar com um membro do clã de sua mãe, mas pode se casar com um membro do clã de seu pai. A força do sistema de clãs reside no fato de que os membros, independentemente das aldeias e nações em que vivem, são obrigados a ajudar uns aos outros em tempos de necessidade ou guerra.

A Confederação Iroquois

Foi, e ainda é, uma Liga Norte-Americana de Índios originalmente composta por cinco nações: Mohawks, Oneida, Onondaga, Cayuga e Sêneca. Quando os europeus chegaram pela primeira vez à América do Norte, a Confederação era baseada no que hoje é o nordeste dos Estados Unidos, principalmente no interior do estado de Nova York, mas também em Nova York. -Inglaterra, Pensilvânia, Ontário e Quebec. Uma sexta tribo, os Tuscarora, juntou-se à Carolina do Norte entre 1720 e 1722 e estabeleceu-se entre os Oneida e os Onondaga.

Iroquois não é o nome que essas tribos usam para se referir a si mesmas. Em vez disso, eles usam o termo Kanonsionni, ou hoje mais comumente Haudenosa unee (hoo-dee-noh-SHAW-nee).
Haudenosaunee significa "O povo da maloca", ou mais precisamente, "Eles estão construindo uma maloca". o ocidental.
O termo Iroquois tem três origens potenciais:
possivelmente uma versão francesa de irinakhoiw, que os franceses escreveram com o sufixo -ois. É um nome Huron / Wyandot, considerado um insulto, significando "cobras negras" ou "víboras reais".

Os iroqueses eram inimigos dos Hurons e dos Algonquins, que se aliaram aos franceses por causa de sua rivalidade no comércio de peles; os Haudenosaunee costumavam encerrar sua oratória com a frase hiro koué; hiro pode ser traduzido como "eu falei" e koué é apenas uma exclamação. Hiro koué ao encontro francês com o Haudenosaunee soaria como "Iroquois", pronunciado / irokwe / na língua francesa da época; outra versão, apoiada por linguistas franceses como Henriette Walter e historiadores como Dean Snow, afirma que "Iroquois" deriva de uma expressão basca, Hilokoa, que significa "gente assassina". Isso teria se aplicado aos iroqueses porque eram inimigos dos algonquinos locais, com os quais os pescadores bascos negociavam. Porém, como não existe "L" nas línguas algonquinas da região do Golfo de São Lourenço, o nome passou a ser Hirokoa, nome que os franceses entendiam quando os algonquinos se referiam à mesma língua. pidgin do que o usado com os bascos. Os franceses então transliteraram a palavra de acordo com suas próprias regras fonéticas, fornecendo assim "iroqueses".

Os Haudenosaunee foram provavelmente o maior regime político indígena ao norte do Rio Grande durante os dois séculos antes de Colombo, e certamente o maior durante os dois séculos seguintes. Os membros desta confederação falavam diferentes línguas da mesma família iroquesa, sugerindo uma origem histórica e cultural comum. Mohawk era a língua comumente usada no Grande Conselho e nos festivais religiosos iroqueses. As tribos algonquinas que cercam o Corredor Iroquois têm uma formação cultural e linguística diferente. Portanto, parece provável que os iroqueses tenham migrado para esta região em algum momento. No entanto, não está claro quando.

Idioma

Os seis idiomas iroqueses são semelhantes o suficiente para permitir uma conversa fácil. Mohawk e Oneida são bastante semelhantes, assim como Cayuga e Seneca; Onondaga e Tuscarora são bastante diferentes dos outros cinco. Uma característica comum é a ausência de sons labiais, como / p /, / b / e / m /. Iroquois é rico em palavras para coisas tangíveis, mas carece de expressões abstratas. Um tratado de 1901 observou que "para as variedades, sexos e idades de um único animal, eles teriam uma infinidade de termos, mas nenhuma palavra geral para animal. Ou teriam palavras para bom homem, boa mulher, bom cachorro, mas não palavra para bondade. "

Outras tribos, como os Hurons, que viveram em Ontário e Quebec, e os Cherokee, cuja pátria histórica foi no sudeste dos Estados Unidos, são aparentados com as tribos da Confederação Iroquois, falam línguas relacionadas, mas nunca fazem parte dos Iroqueses .
Confederação. Na verdade, eles estavam regularmente em guerra com os iroqueses. Os Erie Iroquois viveram em Nova York, Ohio, Pensilvânia e Indiana. Seus pais também, o Attawandaron (Neutros), Honniasont (Minqua Negra), Mingo, Susquehannock (Susquehanna ou Conestoga), Tabaco, Wenro e Wyandot (você). Essas tribos tam-

bém não se juntaram à Confederação. Ironicamente, com exceção dos Wyandot, todas essas tribos morreram hoje.

Mensagem de paz

Apesar de sua cultura e língua comuns, as relações entre as cinco tribos haviam se deteriorado a um estado de guerra quase constante nos tempos antigos. As lutas internas os tornaram vulneráveis aos ataques das tribos Algonquin vizinhas. Esse período, conhecido na tradição oral iroquesa como "tempos sombrios", atingiu um ponto baixo durante o reinado de um líder Onondaga psicótico chamado Tadadaho (ou Tododaho). Diz a lenda que ele era um chefe guerreiro que considerava a paz uma traição e era um canibal que comia tigelas feitas com o crânio de suas vítimas. Deve-se notar que, no passado, o canibalismo não era raro nesta parte do mundo.

O Onondaga / Mohawk Ayonwentah e (possivelmente Huron) Deganawidah, o Grande Pacificador, levaram uma mensagem de paz às tribos em disputa. Várias tradições fornecem diferentes relatos de seu passado, mas a maioria diz que Deganawidah não era membro das Cinco Nações. Ele era um xamã estranho, que havia deixado sua cidade natal em uma canoa de pedra branca e vagou pelas florestas de Adirondack e Allegheny, então um lugar de violência constante e canibalismo intermitente.

Deganawidah tinha uma mensagem de paz, que ele não conseguia encenar facilmente, pois tinha um grave problema de fala, possivelmente gagueira. De alguma forma, ele se conectou com Ayonwentah, que era um orador famoso. Ayonwentah também é conhecido como Ayenwatha, que é frequentemente, mas incorretamente, considerado o poema Hiawatha de Henry Wadsworth Longfellow. Ao longo dos anos, Deganawidah e Ayonwentha persuadiram Sêneca, Cayuga, Oneida e Mohawk a formar uma aliança, em vez de lutar constantemente. Tadadaho e seu Onondaga, entretanto, continuaram a recusar. Em conversas, Deganawidah pegou uma única flecha e convidou Tadadaho a quebrá-la, o que ele fez com facilidade. Ele então coletou cinco flechas e pediu a Tadadaho para quebrar o feitiço. Ele não conseguiu. Da mesma forma, Deganawidah profetizou que as Cinco Nações, cada uma fraca em si mesma, cairiam nas trevas a menos que todas estivessem juntas. Pouco depois do aviso de Deganawidah, ocorreu um eclipse solar. O inquieto Tadadaho concordou em adicionar Onondaga à nova aliança. Mas ele exigiu que a principal cidade de Onondaga, agora soterrada sob a atual Syracuse, Nova York, se tornasse a sede da Confederação.

Apesar de todas as convulsões da história, os Onondaga detêm o fogo do Conselho pelos Haudenosaunee até hoje. Tadadaho continuou sendo o título do orador principal da aliança, o quinquagésimo líder, que se senta com os Onondaga no conselho, mas ele é o único dos cinquenta eleitos por todo o povo Haudenosaunee. A Grande Paz forjada por Deganawidah e Ayonwentah produziu uma estrutura não escrita, mas claramente definida para a Confederação Iroquois. A constituição não foi escrita até 1850. Os fundadores imaginaram que a paz resultante se estendesse além dos membros originais da Liga, de modo que todas as pessoas eventualmente viveriam em cooperação. A lei e a ordem continuaram sendo uma preocupação interna de cada tribo, mas o canibalismo foi legalmente proibido pela Liga, um sinal de que o canibalismo ainda era praticado regularmente.

Localização das tribos iroquesas de ontem e hoje

A confederação

Os senecas eram residentes dos atuais estados de Nova York, Ohio, Pensilvânia, Indiana, Wisconsin e Oklahoma, bem como da província de Ontário. Atualmente, eles são encontrados apenas em Nova York, Oklahoma e Ontário.

Cayuga era sediada no interior do estado de Nova York. Atualmente, eles moram em Nova York, Oklahoma e Ontário.

Os Onondagas eram originalmente de Nova York e agora estão baseados em Nova York e Ontário.

Os Oneida eram sediados em Nova York e agora estão localizados em Nova York, Wisconsin e Ontário.
Os Mohawks permaneceram em grande parte em seus países de origem nos últimos séculos: Nova York, Ontário e Quebec.
Os Tuscarora podem ser encontrados na Carolina do Norte,

Pensilvânia e Nova York. Eles estão atualmente baseados em Nova York e Ontário.
Iroquois não confederado
Grupo Norte
O Attawandaron (Attiwendaronk ou Neutros) viveu em Ontário, Michigan, Ohio, Nova York e Indiana. Chamado de Attawandaron por Huron, que significa "povo de uma língua ligeiramente diferente" e Neutro pelos franceses, enquanto tentavam permanecer neutros entre os hurons e os beligerantes iroqueses, seu nome foi perdido. Eles formaram uma confederação com seus pais iroqueses Aondironon, Ongniarahronon, Atiragenratka (Atiraguenrek) e

nom anglais	Iroquoien	Sens	Lieu 17e/18e siècle
Sénèque	*Onondowahgah*	"Les gens de la Grande Colline"	Lac Seneca et rivière Genesee
Cayuga	*Guyohkohnyoh*	"Les gens du Grand Marais"	Lac Cayuga
Onondaga	*Onõñda'gega'*	"Les gens des collines"	Lac Onondaga
Oneida	*Onayotekaono*	"Les gens de la pierre debout"	Lac Oneida
Mohawk (1)	*Kanien'kehá:ka*	"Les gens du Grand Silex"	Rivière Mohawk
Tuscarora (2)	*Ska-Ruh-Reh*	"Les gens en chemise"	De Caroline du Nord (3)

Conkhandeenrhonon. Todas essas tribos estão extintas hoje.
Os Eries (gente gato) viviam em Nova York, Ohio, Pensilvânia e Indiana. Extinto hoje.
O Honniasont (Black Minqua) habitou Pensilvânia, West Virginia e Ohio. Extinto hoje.
Os furões, agora extintos, estavam baseados nas províncias canadenses de Ontário e Quebec. Os furões eram compostos de Attiguaouantan (povo urso), Attigneenongnahac (povo Corda), Arendahronon (povo Rochas), Tohontaenrat (Atahontaenrat ou Tohontaenrat, Orelhas Brancas ou Veado), Wenrohronon (Wenrochronon) e o Atonthratadoson.
Os Mingo foram baseados ao sul do Lago Erie no rio Allegheny entre Fort Venango e Fort Pitt e viviam a oeste de Delaware (ou Lenni Lenapi). Extinto hoje.
O Tabaco (também Petun e Tionontati) vivia em Ontário e Wisconson. Os descendentes podem ser encontrados entre os Wyandots.
Os Susquehannocks (Susquehanna ou Conestoga) viviam mais a oeste ao sul do Lago Erie e eram originalmente baseados na Pensilvânia, Nova York e Maryland, a leste de suas conexões com Mingo e ao sul de Sêneca. Extinto hoje.
Wyandot (te) (Wendat): Antes da chegada dos europeus, a Confederação expulsou os Wyandots (descendentes dos furões) de suas terras nativas de Ontário e Quebec. Eles se mudaram para Ohio, Illinois, Indiana, Kansas, Michigan, Minnesota e Wisconson. Hoje, eles só podem ser encontrados em Oklahama e Kansas.

Grupo sul
O Cherokee consistia em pelo menos três divisões, Elati, Middle Cherokee e Atali, que uma vez ocuparam toda a região montanhosa de Allegheníes do Sul, sudoeste da Virgínia e oeste da Carolina do Norte. e Carolina do Sul, Geórgia do Norte, Leste do Tennessee, Nordeste do Alabama, Arkansas, Kansas e Oklahoma. Atualmente, os Cherokee estão baseados apenas em Oklahama e na Carolina do Norte.
Acredita-se que os Corree, residentes da Carolina do Norte, também tenham pertencido à família Iroquois. Hoje eles estão extintos.
Os Meherrins ocuparam a Virgínia e a Carolina do Norte. Extinto hoje.
Os Nottaways moravam na Virgínia. Extinto hoje.

Hoje, é difícil estabelecer o número total de iroqueses.
Aproximadamente 45.000 iroqueses foram oficialmente contados no

Canadá em 1995. No censo de 2000, 80.822 pessoas nos Estados Unidos afirmaram ser iroquesas, incluindo 45.217 que alegaram ser apenas de origem iroquesa.

Características da Confederação

A maioria dos antropólogos tradicionalmente assumiu que a Confederação foi criada entre meados do século 15 e o início do século 17. No entanto, estudos arqueológicos recentes sugeriram a exatidão do relato encontrado na tradição oral, que sustenta que a federação foi formada em 1090 ou, mais precisamente, em 31 de agosto de 1142, com base em um eclipse solar coincidente. O Haudenosaunee teria assim o segundo parlamento representativo mais antigo conhecido do mundo. Apenas o Althing islandês, fundado em 930 DC, é mais antigo.

Constituição

A união das nações criou uma constituição conhecida como Gayanashagowa (ou "Grande Lei da Paz"), estabelecida por Deganawidah. Os Haudenosaunee (comumente conhecidos como Iroqueses) traçam o nascimento da Liga das Cinco Nações com a "Lenda das Raízes Brancas da Paz", o épico dos fundadores de sua liga, Hiawatha e Deganawidah.

Deganawidah é o herói cultural que tem uma visão de um novo mundo governado por ideais mais elevados, superando a guerra, o canibalismo e as práticas mágicas decadentes por meio da tripla mensagem de retidão, saúde e poder.

De Hiawatha, muitas versões da lenda dizem que ele é um líder reverenciado, mas também um canibal. Hiawatha é o ser humano por excelência que luta entre seus ideais superiores e sua natureza inferior.

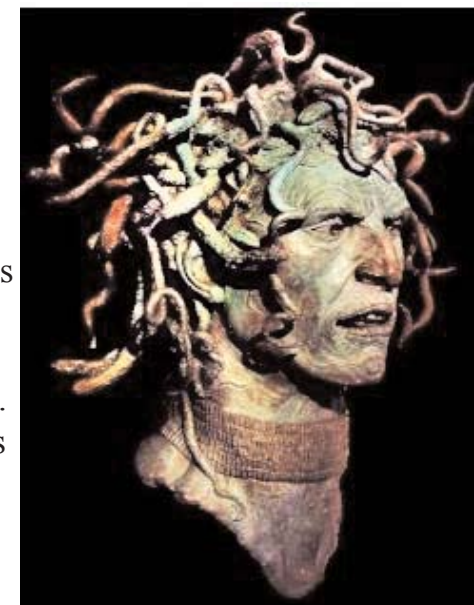
O chefe Hiawatha foi sem dúvida um dos chefes iroqueses famosos. Na verdade, a história afirma que ele foi a principal partícula da Confederação Iroquois. Seu poder foi o que formou as 5 tribos com a Confederação. Seu governo confederado foi a base da paz e da democracia, embora não tenha realmente durado. Isso geralmente acontece com um governo diferente. Essas 5 tribos são Onondaga, Mohawk, Oneida, Cayuga e Sêneca. Juntos, eles foram recebidos pela Liga das 5 Nações.

A criação da Confederação Iroquois também é resultado da reunião do Chefe Hiawatha e Deganawida. Deganawida era um chefe da tribo Mohawk. Durante seu reinado, ele se afastou da ideia de exercer violência contra as tribos vizinhas.

Infelizmente, a violência está no cerne da tribo Mohawk durante esse tempo. Ele tentou apelar ao conselho sobre suas maneiras, mas este último não está aberto a sugestões para dissuadir a agressão de seu povo. Com isso, Deganawida saiu. Ele foi para o oeste e lá encontrou o Chefe Hiawatha à beira do lago. Ao se encontrar, Deganawida ficou maravilhado com a sabedoria do Chefe Hiawatha, levando-o a decidir trazê-lo para sua tribo. A posição filosófica de

Hiawatha acabou sendo bem aceita pela tribo Mohawk. A história do chefe Hiawatha Iroquois mostra como alguém pode ser abraçado por diferentes tribos apenas com sabedoria. O principal objetivo da confederação era instalar a unificação entre as diferentes tribos para reduzir as guerras intertribais que resultam em mais mortes do que o necessário.

Por insistência de ambos, deu-se a formação da "Grande Lei da Paz". Isso solidificou a posição do chefe Hiawatha como um iroquesa famoso.

Os esforços conjuntos de Deganawidah e Hiawatha trazem a conversão e redenção de Atotarho, cujo cabelo é uma massa de cobras emaranhadas, cuja mente é torta e cujo corpo é torto. Seu grito "Hwe-do-ne-ee-eh?" É "o grito zombeteiro do cético que matou homens destruindo sua fé". Ele é aquele que reina como um tirano sobre as cinco nações. Acima de tudo, ele é um mago decadente.
Existem diferentes versões da história, mas a maioria parece concordar que Adodarho (ou Atatarho) tinha a cabeça cheia de cobras, um sinal de pensamento confuso. Outra característica proeminente da história e de Adodarho é que ele tinha uma lesão no pênis de um metro e oitenta em volta da cintura. Isso não estava relacionado ao sexo (de acordo com a estudiosa Barbara Alice Mann), mas indicava "um remédio muito ruim".
Como não tinham um sistema de escrita, os iroqueses confiavam na palavra falada para transmitir sua história, tradições e rituais. Como um auxílio de memória, eles usaram conchas e contas de concha. Os europeus chamavam contas de wampum de wampumpeag, uma palavra usada pelos índios locais que falavam línguas algonquianas. Wampum é feito a partir do búzio canalizado do Atlântico Norte (busycotypus canaliculatus) ou pérolas roxas e brancas, feitas da concha do molusco (mercenário mercenário), obtido através do comércio ou como tributo das tribos costeiras. Essas contas eram dispostas em faixas em padrões que representavam eventos importantes. Alguns anciãos foram encarregados de memorizar os vários eventos e artigos do tratado exibidos nos cintos. Esses homens podiam "ler" os cintos e reproduzir seu conteúdo com grande precisão. Os cintos foram armazenados em Onondaga, capital da Confederação, sob os cuidados de um guardião wampum designado. Os cintos Wampum também serviam como símbolos de autoridade ou contrato. Padrões ou figuras tecidos em cintos wampum registravam os termos dos tratados; As correias duplicadas foram entregues a cada uma das partes contratantes. Devido aos seus usos importantes, o wampum se tornou uma mercadoria preciosa e às vezes era usado como moeda no comércio.

Os 117 codicilos da Grande Lei destinavam-se tanto a estabelecer os limites dos poderes do Grande Conselho quanto a concedê-los. Sua jurisdição era estritamente limitada às relações entre nações e grupos externos. Os assuntos internos eram da responsabilidade de cada nação. Segundo a Grande Lei da Paz, quando o conselho dos sachems decidisse "sobre um assunto particularmente importante ou urgente", seus membros deviam "submeter o assunto à decisão do seu povo" numa espécie de referendo.

Ótimo conselho

A igualdade de gênero tinha uma forte filiação na Confederação, e as mulheres, que tinham títulos de propriedade sobre a terra e todos os seus produtos, também tinham poder real e podiam votar contra as decisões dos líderes masculinos da Liga e exigir que uma questão fosse reconsiderada. . , em particular para aprovar ou vetar declarações de guerra. O Grande Conselho de Chefes foi eleito pelas Mães do Clã e se um chefe não cumprisse a Grande Lei da Paz, ele poderia ser removido pelas Mães do Clã.

Originalmente, o objetivo principal do Conselho era levantar sachems para preencher vagas nas fileiras do corpo diretivo causadas por morte ou impeachment; mas ele cuidou de todos os outros assuntos relacionados com o bem comum.
Finalmente, o concílio foi dividido em três tipos, que podem ser distinguidos em civil, luto e religioso. O primeiro declarou guerra e fez as pazes, enviou e recebeu embaixadas, concluiu tratados com tribos estrangeiras, acertou os assuntos das tribos subjugadas e outros assuntos de bem-estar geral. O segundo levantava sachems e os revertia ex officio, chamado de Conselho de Luto (Henundonuhseh) porque a primeira de suas cerimônias era o lamento do soberano falecido cujo lugar vago deveria ser preenchido. A terceira foi realizada para a observância de um feriado religioso geral, como uma ocasião para as tribos confederadas se unirem sob os auspícios de um conselho geral na observância de ritos religiosos comuns.

DÁ-AH-DE-A
A SENECA IN THE COSTUME OF THE IROQUOIS.

O Grande Conselho é a instituição governamental mais antiga em sua forma original na América do Norte, e cada tribo envia sachems para atuar como representantes e tomar decisões para toda a nação.
Diferentes nações tinham diferentes números de sachems, mas a desigualdade pouco significava, uma vez que todas as decisões tinham que ser unânimes. O número de envelopes nunca mudou.
14 Onondaga
10 Cayuga
9 Oneida
9 mohawk
8 sêneca
0 Tuscarora
Os Tuscaroras nunca tiveram assento no Conselho. Tendo buscado a proteção da Confederação ao deixar a Carolina do Norte para escapar dos britânicos em 1720-22, seu status é diferente daquele das 5 tribos originais.

Via de regra, os sachems eram substituídos por seus sobrinhos, mas o sistema não era inteiramente hereditário. Sachems poderia ser acusado se seu clã não gostasse dele e se seus sobrinhos fossem considerados inadequados para uma posição, alguém de fora da família poderia assumir.

Sénèque	Cayuga	Onondaga	Tuscarora	Oneida	Moha
Loup	Loup	Loup	Loup	Loup	Loup
Ours	Ours	Ours	Ours	Ours	Ours
Tortue	Tortue	Tortue	Tortue	Tortue	Tortue
Bécassine	Bécassine	Bécassine	Bécassine	-	-
Cerf	-	Cerf	Cerf	-	-
Castor	-	Castor	Castor	-	-
Héron	Héron	-	-	-	-
faucon	-	faucon		-	-
-	-	Anguille	Anguille	-	-

Clãs, casamento e infância

O número de clãs varia entre as nações, atualmente de três a oito,

com um total de nove nomes de clãs diferentes. Originalmente, as tribos iroquesas foram organizadas em oito clãs, agrupados em duas metades: lobo, urso, castor e tartaruga; e veados, narcejas, garças e falcões. Nos tempos antigos, os casamentos mistos não eram permitidos dentro de cada grupo de quatro clãs, mas devido à grande redução da população, os casamentos mistos eram, em última análise, proibidos apenas dentro de cada clã.

A afiliação tribal não afetou a adesão ao clã; por exemplo, todos os membros do clã dos lobos eram considerados parentes de sangue, fossem eles membros das tribos Mohawk, Sêneca ou outras tribos iroquesas. Ao nascer, cada um se tornou membro do clã de sua mãe.

Dentro de uma tribo, cada clã era liderado pela mãe do clã, que geralmente era a mulher mais velha do grupo. Em consulta com as outras mulheres, a mãe do clã escolheu um ou mais homens para servir como chefes. Cada chefe foi nomeado vitalício, mas o clã a mãe e seus conselheiros poderiam despedi-lo por má conduta ou violação do dever.

As mulheres arranjavam casamentos, geralmente escolhendo um homem jovem para uma mulher mais velha, geralmente uma viúva e, inversamente, um homem mais velho para uma garota mais nova. O sistema tinha a grande vantagem de proporcionar aos jovens um cônjuge experiente e evitar o risco de dois jovens chafurdarem nos mistérios do sexo e do casamento para comprometer o relacionamento. Além disso, a noiva tinha garantida a segurança de um caçador experiente e um guerreiro bem-sucedido com status e posição. O recém-casado, por outro lado, tinha a vantagem de ter um companheiro rico, dono de plantações de milho, feijão e abóbora, e versado na paternidade e nas tarefas domésticas.

As crianças eram valorizadas entre os iroqueses; devido à sociedade matrilinear, as filhas eram um pouco mais apreciadas do que os filhos. O nascimento do primeiro filho de um casal foi saudado com uma festa na casa da família da mãe. O casal ficou ali alguns dias e depois voltou para casa para preparar outro banquete.

As mães eram as principais responsáveis por criar os filhos e ensinar-lhes o bom comportamento. Para manter a natureza descontraída da sociedade Haudenosaunee, as crianças aprenderam informalmente com suas famílias e com os mais velhos de seu clã. As crianças não são espancadas, mas podem ser punidas com água no rosto. Crianças difíceis podem ter medo e se comportar melhor com a visita de alguém que usa a máscara de Nariz Comprido, o palhaço canibal.

Os bebês foram nomeados ao nascer; quando o menino atingiu a puberdade, ele recebeu um nome de adulto. Nomes que se referem a fenômenos naturais (como a lua ou o trovão), características da paisagem, ocupações e papéis sociais ou cerimoniais; os nomes dos animais eram muito raros. Aqui estão alguns exemplos do significado dos nomes: No centro do céu, Flor suspensa, Carregar notícias e Palestrante. Uma pessoa nunca foi chamada pelo nome durante a conversa; quando se fala de uma pessoa, especialmente de um parente, o nome só é usado se não puder ser claramente identificado pelos termos do relacionamento ou pelo contexto da discussão. A puberdade marcou o momento de aceitação da adesão adulta à sociedade.

Por ocasião de sua primeira menstruação, uma garota se retirou para uma cabana isolada durante sua menstruação. Ele teve que fazer tarefas difíceis, como cortar madeira dura com um machado cego, e foi proibido de comer certos alimentos. O período de iniciação para um jovem era mais longo; Quando sua voz começou a mudar, ele foi morar em uma cabana isolada na floresta por até um ano. Um velho ou uma velha assumiu a responsabilidade por seu bem-estar. Ele comia pouco e passava muito tempo em atividades fisicamente exigentes, como correr, nadar, tomar banho em água gelada e coçar as canelas com uma pedra. A sua procura chegou ao fim quando foi visitado pelo seu espírito, que o acompanhará durante toda a sua vida adulta.

Habitação e estabelecimentos

Aldeias de 300 a 600 pessoas eram protegidas por uma paliçada de paredes triplas com estacas de madeira de 5 a 6 metros de altura. Essas paliçadas muitas vezes eram equipadas com prateleiras para segurar pedras para atirar no inimigo e baldes de água para apagar incêndios. Os iroqueses preferiram construir suas aldeias em uma colina para se proteger. Locais próximos a fontes de água doce ou a um rio foram favorecidos para facilitar o transporte. Uma aldeia teria de 20 a 100 malocas. As malocas foram construídas em padrões aleatórios para evitar a fácil propagação do fogo. As safras eram plantadas em grandes campos fora da cerca e, aproximadamente a cada 20 a 30 anos, os suprimentos para caça e lenha nas proximidades acabavam e as terras cultivadas acabavam. Ao longo de um período de aproximadamente dois anos, os homens iriam encontrar e limpar um local alternativo para a aldeia, que seria então totalmente reconstruída.

As malocas tradicionais acomodavam cerca de 60 pessoas e às vezes tinham mais de 30 metros de comprimento, 5 a 6 metros de largura, empenas ou abobadadas, com uma porta e vestíbulo em cada extremidade. Eles consistiam em uma estrutura de toras com uma variedade de coberturas, geralmente casca de olmo. Cada maloca abrigava um clã inteiro, ou até 60 pessoas. Mais tarde, as malocas iroquesas podiam abrigar várias centenas de pessoas e tinham até 300 pés de comprimento.

No corpo da casa, um corredor central de 2,5 metros de largura separava duas fileiras de compartimentos. Cada compartimento, medindo aproximadamente 13 pés por seis pés, foi ocupado por uma família nuclear. Uma plataforma de madeira a trinta centímetros do chão servia de cama à noite e de cadeira de dia; alguns compartimentos incluem pequenos beliches para crianças. Uma prateleira suspensa continha objetos pessoais. A cada 6 metros ao longo do corredor central, um vestíbulo servia às duas famílias que moravam em lados opostos. As portas de casca ou pele nas extremidades dos edifícios eram fixadas no topo; essas aberturas e os orifícios de fumaça no teto 15 a 20 pés acima de cada chaminé forneciam a única ventilação. Os Algonquins vizinhos geralmente viviam em cabanas (cabanas com uma estrutura arqueada de postes cobertos com casca de árvore, pele de animal ou esteiras trançadas).

Refeição

Os iroqueses eram uma mistura de fazendeiros, pescadores, coletores e caçadores, embora seu alimento básico viesse da agricultura. As principais safras que cultivavam eram milho, feijão e abóbora, chamadas de "as três irmãs" e que eram consideradas presentes especiais do Criador. Essas safras foram cultivadas estrategicamente. Os caules do milho cresciam, os pés de feijão subiam pelos caules e a abóbora crescia embaixo, mantendo as ervas daninhas do lado de fora. Nessa combinação, o solo permaneceu fértil por várias décadas. Os alimentos eram armazenados para o inverno e duravam de dois a três anos.

Um viajante em 1669 relatou que seis milhas quadradas de milho geralmente cercavam as aldeias de Haudenosaunee. Esta estimativa foi corroborada aproximadamente duas décadas depois pelo Marquês de Denonville, governador da Nova França, que destruiu a colheita de quatro aldeias Haudenosaunee adjacentes para impedir futuros ataques.

Denonville informou que destruiu 1,2 milhão de bushels de milho, 42.000 toneladas. Hoje, os agricultores de Oaxaca, no México, normalmente plantam cerca de 1,25 a 2,5 acres para colher uma tonelada de milho cultivado localmente. Se essa relação fosse verdadeira para o interior do estado de Nova York, uma suposição grande, mas não ridícula, quatro vilas, próximas umas das outras, estariam cercadas por 8 a 16 milhas quadradas de campos de milho. Também John Sullivan, o general americano que devastou as cidades iroquesas aliadas aos britânicos durante a Revolução Americana em 1779, ficou surpreso ao observar os maiores campos de milho da América do Norte.

Além de fornecer alimentos, os pés de milho eram usados para fazer uma variedade de outros produtos. A partir dos caules, foram feitos tubos contendo remédios, xarope de milho, bastões de guerra e lanças e canudos de brinquedo para ensinar as crianças a contar. As cascas de milho viraram lâmpadas, lenha, colchões, varais, cestos, sapatos e bonecas. Peles de animais eram fumadas sobre fogueiras de espigas de milho. Além do milho, do feijão e da abóbora que cultivavam com ele, os iroqueses comiam uma grande variedade de outros alimentos vegetais. Frutos silvestres, nozes e raízes foram coletados para complementar as safras cultivadas. As bagas são secas para serem utilizadas durante todo o ano. A seiva do bordo era usada para adoçar, mas o sal não era comumente usado.
A dieta tradicional incluía mais de 30 tipos de carne, incluindo cervos, ursos, castores, coelhos e esquilos. A carne fresca era popular durante a temporada de caça e algumas eram fumadas ou curadas e usadas para preparar pratos de milho no resto do ano. Os iroqueses faziam uso extensivo dos cursos de água da região para transporte, mas os peixes eram relativamente insignificantes para alimentação.

Roupas e equipamentos
O básico nas roupas masculinas eram calcinhas feitas de uma tira de camurça ou tecido. Passando entre as pernas, era presa com cinto abdominal, e as lapelas decoradas com a calcinha caíam na frente e nas costas. O cinto, ou cinto, era um item favorito; ora era usado apenas na cintura, ora também no ombro esquerdo, era tecido em tear ou nos dedos e podia ser decorado com pérolas. O produto básico das roupas femininas era uma anágua curta. Outros itens usados por ambos os sexos incluíam uma túnica sem mangas com franjas, mangas separadas (conectadas umas às outras por tiras, mas não conectadas à túnica), perneiras, mocassins e um manto ou cobertor. As roupas eram adornadas com bordados de cabelo de alce com figuras de linhas curvas e pontas enroladas. Bolsas decoradas para carregar objetos pessoais completavam o guarda-roupa. As mulheres usavam alças de sustentação, que eram colocadas na testa, para apoiar as macas que eram usadas nas costas. Os iroqueses começaram a adquirir bens comerciais franceses por meio de ataques a outras tribos indígenas. Eles encontraram machados, facas, enxadas e potes de metal muito superiores a suas ferramentas de pedra, osso, concha e madeira. Os tecidos começaram a substituir as peles de animais comumente usadas para roupas. No final do século 18, o tecido comercial substituiu a pele de veado como o material básico da vestimenta. Contas de vidro importadas substituíram as penas de porco-espinho como itens decorativos.

Os caçadores iroqueses usavam arcos e flechas com pontas de sílex ou osso como suas principais armas de caça. Revólveres eram usados para pequenas presas. Feitos do caule oco do amieiro do pântano, eles tinham cerca de um metro e oitenta de comprimento e uma polegada de espessura, com um diâmetro de meia polegada; as flechas tinham dois pés e meio de comprimento. Os pescadores iroqueses geralmente usavam lanças e varas de pesca. Ferramentas importantes incluíam enxós de pedra, facas de sílex para esfolar animais e enxadas de madeira para a agricultura. Os iroqueses eram carpinteiros habilidosos, fumegando madeira que poderia ser transformada em ferramentas curvas. Alguns iroqueses ainda fazem bastões de lacrosse dessa maneira hoje. Às vezes, os iroqueses usavam casca de olmo ou canoas para pescar, mas geralmente preferiam viajar por terra. Originalmente, as tribos iroquesas usavam cães como animais de carga. No inverno, os iroqueses usavam raquetes de neve e trenós para navegar na neve.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

O PAPEL DOS COZINHEIROS

A organização do poder entre os povos nordestinos variava de uma sociedade para outra. Mas cada grupo, banda ou clã deu a si mesmo um líder. Este último, seja um líder civil ou militar, teve que confiar nas decisões tomadas pelo conselho após longas discussões. As discussões tiveram como objetivo reunir o maior número de pessoas possível. Portanto, era necessário permitir um certo período de tempo para que a opinião geral concordasse.

As qualidades necessárias para se tornar um líder são: força, habilidade, coragem, sabedoria e generosidade. A essas características essenciais foram adicionadas outras qualidades pessoais, como ser um bom orador ou um grande xamã. O líder não mostrou nenhum sinal externo de superioridade. Ele se distinguia dos outros apenas por causa de seu valor e do respeito que recebia. A sua influência baseava-se nas suas qualidades pessoais e no seu poder de persuasão que estava ligado à sua capacidade oratória, à sua eloquência, ou seja, ao seu talento para falar bem, comover e convencer com a sua fala. Sua autoridade permaneceu limitada e não lhe deu nenhum poder de coerção ou direito de usar a força.

O CHEFE CIVIL E O CHEFE DAS MILITARES

O Huron-Wendat e o Iroquois reconheceram dois tipos de líderes: o líder civil e o líder militar. O chefe civil era responsável pelos assuntos internos do clã, incluindo a organização de festivais e jogos. Eles também cuidavam das relações com outros clãs. O líder civil foi escolhido de acordo com a linhagem de seu clã. A paternidade costumava ser hereditária entre as mulheres, mas o mérito individual também importava. Todos os chefes de clã faziam parte do conselho da aldeia, que se reunia com freqüência para discutir assuntos da comunidade. Os chefes de todas as aldeias se reuniram para formar o conselho da nação. Os conselhos das nações formaram um agrupamento ainda maior, a federação.

O outro chefe estava encarregado das atividades relacionadas com a guerra. Ele foi escolhido levando em consideração suas qualidades pessoais, embora a linhagem pudesse ser levada em consideração. Os líderes militares se reagruparam da mesma forma que os líderes civis, em conselhos de aldeias, conselhos nacionais e, em seguida, dentro da federação.

DEKANAHOUIDEH

De acordo com uma tradição iroquesa, a Liga Iroquois (Ho-de'no-sau-nee) foi criada na segunda metade do século XV. Seu nascimento está associado a um eclipse solar que teria ocorrido em Iroquoisie em 1451. O crescimento populacional, o comércio e a guerra teriam levado à criação desta federação sob a liderança do lendário herói Dekanahouideh, o "Mensageiro Celestial". Depois de perder sua família em um conflito intertribal, Hiaouatha teria se juntado a este projeto de paz entre todas as nações iroquesas. O símbolo da Liga Ho-de'no-sau-nee é a árvore da paz, o pinheiro branco.

O SHAMAN

O xamã era um indivíduo respeitado nas sociedades indígenas, pois podia curar, quebrar feitiços, mas também enfeitiçar. No entanto, não teve a exclusividade do universo sobrenatural. Cada um permaneceu autônomo em suas relações com os Espíritos e cada um pôde se comunicar com eles. O xamã, mas tam-

bém outros indivíduos, tiveram acesso a diversos meios para entrar em contato com o sobrenatural, como jejuar, ver, dançar e sonhar. Esse médico, geralmente uma mulher, era reconhecido como o especialista no universo sobrenatural. Ele serviu como um intermediário entre espíritos e humanos. Ele foi chamado de arendiouane, "aquele cujo poder espiritual é grande" ou oki, "espírito poderoso" entre os Huron-Wendat. O xamã poderia prevenir doenças, diagnosticar o mal e sugerir o remédio adequado, pois conhecia bem as plantas medicinais. Ele também era muito bom em interpretar sonhos.

Esse papel não era necessariamente hereditário. Exigia qualidades pessoais excepcionais e um longo aprendizado. O xamã possuía talentos especiais, incluindo a habilidade de entrar em contato com espíritos e fazer previsões. Ele obteve seus poderes da força de um oki (espírito) específico e de sua prática de jejum.

Alguns xamãs se especializaram em encontrar itens perdidos, pessoas desaparecidas e prever onde o jogo poderia ser encontrado. Para chegar lá, eles realizaram a cerimônia de sacudidela da tenda. O xamã entrou em uma pequena cabana onde cantou e enviou espíritos em busca do que queria encontrar. Xamãs iroqueses, homens ou mulheres, geralmente agrupados em sociedades médicas.

MULHERES IROCHIANAS

As mulheres estavam na base da organização social iroquesa. Eles deram a identidade do clã às crianças. Cada indivíduo, no momento do nascimento, tornou-se membro do clã de sua mãe. Na mitologia iroquesa, uma mulher chamada Aataentsic é a origem da humanidade. Ela é considerada a mãe dos seres humanos.

As relações de parentesco eram a base da organização social e política das sociedades iroquesas. Seu sistema de parentesco era baseado na ancestralidade materna. É por isso que essas sociedades são classificadas como matriarcais ou matrilocais. Na verdade, a linhagem foi definida por mulheres. Uma habitação comunal, a casa comunal, reunia membros da mesma linhagem, ou seja, indivíduos relacionados entre si pelo lado das mulheres, descendentes da mesma mãe ou da mesma avó. .

As mulheres tiveram uma grande influência nas sociedades iroquesas. Eles regulavam os assuntos do dia-a-dia participando de decisões importantes, como guerrear ou mudar de aldeia. Foram as mulheres que possuíam os campos e as casas e que negociaram os casamentos. Além de guardiãs da tradição, as mulheres tinham um importante papel político. Essas chamadas mães de clã (as mulheres mais velhas e experientes) elegeram os homens que formavam o governo. As mulheres escolhem o líder de seu clã e, quando este não tiver um bom desempenho, podem tentar removê-lo. As mulheres não participam de conselhos, mas podem fazer discursos lá.

As mulheres, que tinham que cuidar dos campos, eram mais sedentárias do que os homens. Como a agricultura, a coleta de frutas, raízes e plantas medicinais era reservada para eles. Outras tarefas femininas incluíam preparar refeições, coletar lenha e pescar. Eles preparavam peles de animais e confeccionavam roupas, faziam vários objetos de casca de árvore, palha de milho, junco ou terracota. As mulheres costuraram a casca da canoa e teceram o interior dos sapatos de neve.

MÃES DE CLÃ

"*A Mãe Terra enviou um chamado a todos os que fizeram parte da Criação. Este chamado foi ouvido por aqueles que ouviram com seus corações." Estou dando à luz um legado que vai trazer o melhor de tudo para a humanidade ", gritou. A beleza do aspecto feminino nunca ficará escondida daqueles que buscam a luz da Vó Lua ou daqueles que confiam no meu dom para cuidar deles e receber a força que os guiará no caminho.*

Vou legar a todas as mulheres da Terra o Remédio de que precisam para dar à luz seus filhos e também os sonhos coletivos. Então, com eles, vou reverter os padrões de medo que feriram o coração de todos os meus filhos. Minha promessa ao povo das plantas, ao povo

das pedras, ao povo daqueles que têm asas, barbatanas, quatro pernas e aos que rastejam na terra é que minha compaixão e meu amor estarão presentes no Dois. Pernas chamadas Yeo, a esposa. Pode levar tempo e requerer a ajuda de Seus entes queridos na Família Planetária, mas a mulher encontrará seu caminho, restaurando em cada ser vivo o amor que se perdeu na turbulência do Primeiro Mundo. "E foi assim que as visões oníricas das Treze Mães Originais do Clã Original ganharam carne e se aninharam no coração da Mãe Terra, profundamente enterrado em sua Terra Interna."

*"Enquanto a voz de sua Orenda * se desvanecia, a Mulher Ouvinte ouviu os sussurros fracos da brisa que se ergueu, escalou os cumes da Montanha Sagrada e circulou em torno da Mãe Terra; as vozes dos Ancestrais montaram Ventos da Mudança, sussurrando para todos que podia ouvi-los:*

*"Ahora es el momento de que regrese el Bisonte Blanco. Es hora de dejar ir sus miedos y unirse a nosotros en la búsqueda de la integridad y la unidad. Niños, llamen a esta abuela que puede enseñarles la armonía de la paz interior en sus corazones. La mujer que escucha escucha sus llamadas y está lista para mostrarle cómo encontrar el camino. Escuche el dulce sonido de los pasos de sus antepasados a través del golpeteo de los cascos del buey blanco, y sepa (qué Oriente). Sepa que todas las noches enciende los fuegos del retorno a través de la inmensa extensión de la Nación del Cielo. Te esperamos en Tiyoweh **. Te traemos los susurros de los viejos tiempos para señalarte la pista de Armonía que te lleva de regreso al hogar de teu coração . "*

A mulher que estava ouvindo ficou quieta e ouviu. As vozes que se ergueram chamando seu nome vieram até ela sem surpresa. Finalmente chegou a hora de os humanos ouvirem e alcançarem a unidade espiritual, deixando de lado a separação e a limitação. " Da história do Conselho da Casa das Tartarugas, As 13 Mães Originais, Jamie Sams

LE SYSTÈME MATRILOCAL CHEZ LES IROQUOIENS

La mère la plus âgée déterminait le clan familial des individus vivant dans une même maison longue (10 à 15 familles pouvaient l'habiter). Le village rassemblait des individus qui faisaient partie de différents clans. Chaque clan se reconnaissait une affinité symbolique en partageant le même animal protecteur. Chaque clan possédait un chef représentant son lignage familial. La réunion de tous les chefs formait le conseil du village.

MAISON
Clan du Chevreuil
Chef

MAISON
Clan de l'Aigle
Chef

MAISON
Clan du Lièvre
Chef

L'ensemble des chefs des clans formait le conseil du village

VILLAGE - NATION - FÉDÉRATION

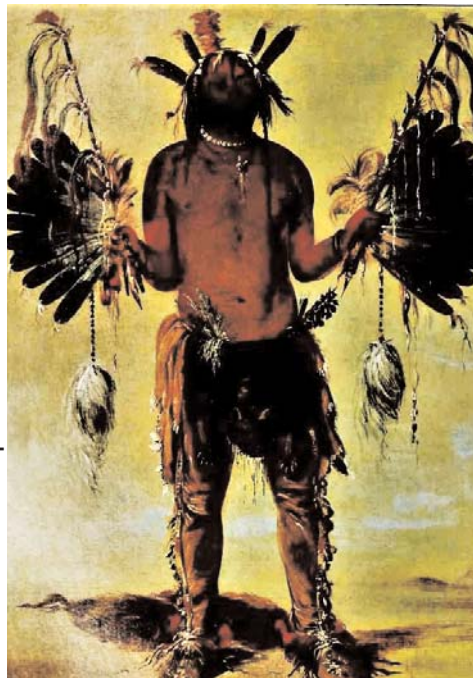
La réunion de plusieurs chefs de village pouvait former le conseil de la NATION.

La réunion de plusieurs chefs de nation pouvait donner naissance à une FÉDÉRATION.

MOHAWK

Uma tribo nativa americana pertencente à família de línguas iroquesas e nativa do atual estado de Nova York, os mohawk, como outras tribos iroquesas, levavam uma vida semissedentária. As mulheres cultivavam milho, enquanto os homens iam caçar no outono e inverno e pescar no verão. Várias famílias aliadas viviam juntas em "malocas", um símbolo da sociedade iroquesa. A se acreditar nos relatos tradicionais, foi o chefe Mohawk Hiawatha quem primeiro aceitou as idéias de paz do profeta Dekanawida, fundador da Liga dos Iroqueses (1450). Os Mohawks tiveram nove representantes na liga. Cada comunidade Mohawk também tinha um conselho local que orientava os chefes da aldeia. Eles foram divididos em três clãs: o urso, o lobo e a tartaruga. Os Mohawks freqüentemente lutavam contra seus vizinhos, os Algonquins. Quando os holandeses introduziram as armas de fogo como método de pagamento para peles de castor, as vitórias do Mohawk aumentaram. No entanto, o contato com os europeus causou um rápido declínio na população. A maioria dos Mohawks ficou do lado dos ingleses na guerra contra os franceses e os índios. Mas alguns dos que se converteram à religião católica (os devotos índios de Quebec), e que se estabeleceram em missões ao longo do San Lorenzo e especialmente em Caughnawaga, abraçaram a causa dos franceses. Eles até serviram como guias em expedições contra seus ex-aliados na Liga dos Iroqueses. Mais tarde, durante a Guerra da Independência, os Mohawks tomaram, sob a influência de seu líder Joseph Brant, que mais tarde seria seguido no Canadá, o partido dos ingleses.

Hochelaga (Québec), ?-1540 CE

Tionondogen (New York), 1666-1693 CE

tNITASINO

Nome Innu que designa o território ancestral habitado pelas comunidades Innu e Naskapi. Este imenso território abrange todo o Labrador, o Upper North Shore, o Saguenay e todo o litoral do rio entre a comunidade de Essipit (Les Escoumins) e a de Pakuashipi (Saint-Augustin). Os conflitos, que separaram os iroqueses de San Lorenzo e seus vizinhos durante os últimos séculos de silvicultura, teriam desempenhado um papel fundamental. O vazio deixado pela dispersão dos horticultores iroqueses de São Lourenço foi preenchido pelos caçadores-coletores Algonquin, Innu e Algonquin. São eles que Champlain conheceu em todo o território laurenciano: Le Nitassinan

Desde o início, dois grupos distintos ocuparam o território de Nitassinan: são os Montagnais (Innu) da floresta e os Montagnais (Innu) do mar. Na verdade, todos frequentam tanto a floresta quanto o rio, mas em proporções opostas. . A permanência dos Mer montagnais na costa de setembro a abril e a caça de focas nas baías sem gelo. A qualquer momento, eles podem trocar peles e óleo por comida nas feitorias. Às vezes, no caso de uma caça fracassada, eles recorrem à caça grossa na floresta no inverno. Seja moradia, meio de transporte, ferramentas, armadilhas, tudo que se adaptou à cultura nômade dos índios. Nem imaginamos toda a logística necessária para viagens nômades, verdadeiros artistas de transporte adaptados ao meio ambiente. Em suma, a simplicidade voluntária existe há muito tempo; muito antes da filosofia moderna hoje. Antes de sua vida sedentária total, o ciclo anual dos montagnais nômades da floresta era marcado por sete grandes deslocamentos:

1) A subida para o rio Churchill foi de meados de agosto até o final de setembro. As famílias acampam nos lugares que costumam ocupar. Os braços do rio marcam a divisão dos viajantes em pequenos grupos, geralmente por famílias, e constituem o ancestral território de caça a eles atribuído. Caça pequena, pesca e caça grossa são capturadas e estão principalmente sujeitas a reservas que são deixadas em estoque para as próximas temporadas.

2) A caça de outono é feita a partir de um acampamento base onde as armadilhas são instaladas após uma viagem de reconhecimento do território.

3) A descida para o litoral ocorre em meados de dezembro para algumas famílias, outras preferem ficar no interior. Com a chegada dos europeus, de fato, as famílias decidiram retornar rapidamente às feitorias para trocar peles por comida antes do inverno frio.

4) A caça de inverno é feita em um acampamento base bem protegido dos ventos e onde a lenha é abundante. Em janeiro e fevereiro, os homens saem da armadilha para se concentrarem no grande jogo e depois são parados pelo manto de neve. Em meados de fevereiro, a captura de peles de animais foi retomada com maior intensidade.

5) A caça inverno-primavera marca o início do retorno ao litoral onde as famílias param por cerca de uma semana em diferentes campos de caça diferentes dos da caça de outono.

6) A caça na primavera ocorre dentro de 40 km da costa de meados de maio a meados de junho. É hora de pescar aves aquáticas e ovos, peixes de água doce, porcos-espinhos e ursos.

7) As atividades de verão acontecem na costa entre meados de junho e meados de agosto. Aproveitamos esse período para construir novas canoas, consertar armadilhas, caçar focas e pescar salmão. É a hora de casamentos e alianças entre diferentes comunidades.

COMENSALISMO

La circulación de alimentos y ropa es una característica muy distintiva de la organización social inuit previa al contrato. Llamado comensalismo, este principio organizativo basado en compartir la comida entre cazadores primero, el parentesco extendido en segundo lugar y, finalmente, la donación comunitaria en la fiesta prevaleció durante siglos en todo el Ártico.

Mesmo hoje, o comensalismo funciona bem, pois a carne de caça ainda não tem o status de mercadoria. Na verdade, 85% dos alimentos locais (caribu, foca, peixes, pássaros, plantas) são transmitidos por meio de redes de parentesco ampliadas, 13% são redistribuídos para a comunidade através de freezers municipais e apenas 2% são vendidos principalmente para a cooperativa. para os estrangeiros

INNU (eles) (humanos reais)
Olá, diz "KUEI-KUEI" na língua Innu.
Reagrupamento de Innu e Naskapis, portanto, das seguintes tribos: Betsiamites, Papinachois, Ouchestigouek, Ounescapis, Oumamiois. Geograficamente, os Betsiamites vivem na bacia do rio Betsiamites, os Papinachois nas bacias dos rios Outardes e Manicouagan, Ouchestigouek e Ounescapis nas bacias do interior de Ungava e Labrador, o Oumamiois nas bacias dos rios Moisie e La Romaine. , Natashquan, Olomane e Petit-Mécatina. Os naskapis referem-se a todas as tribos ameríndias do interior da costa norte superior de Quebec, em oposição aos ameríndios da costa norte de São Lourenço a que se referem os Montagnais. Esta denominação (Montagnais) é atribuída a Champlain, que poderia possuí-la dos bascos, entre os primeiros europeus que interagiram com as populações locais, que identificaram três grupos indígenas: os "esquimós" (inuit), os "montanheses" (montagnais) e os "Canaleses" (iroqueses). De Champlain, os Montagnais designam todas as tribos que vivem na costa entre Quebec-Tadoussac-Sept-Îles-St-Augustin. Até o século 20, com exceção de algumas aldeias costeiras não nativas, os Innu eram praticamente os únicos habitantes da costa norte do San Lorenzo. No início, viviam da caça, pesca e coleta neste imenso território que se estendia por até 600 quilômetros para o interior. Então, no século 18, após o estabelecimento de feitorias, os Innu direcionaram suas atividades para a captura de peles de animais. A chegada das indústrias mineira e florestal e a construção de barragens hidroeléctricas aceleraram a sua sedentarização e levaram à criação das actuais nove aldeias. Aos 14.300, os Innu representam a nação ameríndia mais populosa de Quebec e 70% deles vivem nas reservas de North Shore.

As comunidades Innu são: Essipit - rio das conchas (Les Escoumins), Pessamit - onde a lampreia (Betsiamites), Kawawachikamach - rio sinuoso (Schefferville), Matimekosh - pequeno rio ou peixinho (Schefferville), Uashat - Maliotenam - la baía, vila de Marie (Sept-Îles), Ekuanitshit - onde algo está encalhado (Mingan), Nutukuan - onde o urso é caçado (Natashquan), Unamen Shipu - rio colorido (La Romaine), Pakua Shipi - rio seco (Santo - Agostinho) , Mashteuiatsh - onde há um ponto (Pointe-Bleue). Este último, localizado em Lac-St-Jean, é a única comunidade Innu fora do North Shore. Em Labrador, existem duas outras comunidades, Sheshatshiu (Goose Bay) e Utshimassiu (Davis Inlet). As únicas instituições aborígenes reconhecidas pelo governo federal até 1960 são os Conselhos de Banda, eleitos a cada dois anos e dotados de poderes muito limitados. Em novembro de 1975, 11 gangues ameríndias se

reuniram para formar a primeira organização permanente, o Conselho Attikamek-Montagnais, que preparou os arquivos de reivindicação de terras, que são relevantes até hoje. Dissolvido em 1994, este Conselho foi substituído pelo Conselho Nacional Attikamek, o Conselho Tribal Manuitum e o Conselho Tribal Mamit Innuat.

NASKAPIS (o)

Os naskapis referem-se a todas as tribos ameríndias do interior da costa norte superior de Quebec, em oposição aos ameríndios da costa norte de São Lourenço a que se referem os Montagnais. Esta denominação (Montagnais) é atribuída a Champlain, que poderia possuí-la dos bascos, entre os primeiros europeus que interagiram com as populações locais, que identificaram três grupos indígenas: os "esquimós" (inuit), os "montanheses" (montagnais) e os "Canaleses" (iroqueses). Os Naskapi e seus ancestrais começaram a ocupar o interior da península Ungava-Labrador há mais de 3.500 anos. Anteriormente divididos em pequenos grupos de caçadores autônomos e altamente móveis, compostos por uma ou algumas famílias aparentadas, os Naskapis vagavam pelas florestas e tundras seguindo os movimentos sazonais dos caribus. Embora eles caçassem e pegassem pequenos

Animais de caça e peles em uma base sazonal, nenhum desses recursos fornecia tantas matérias-primas quanto o caribu, e nenhum poderia ser obtido em quantidade suficiente para permitir que eles hibernassem. Apesar das flutuações na abundância de caribu, o uso deste recurso permitiu aos Naskapi construir uma identidade cultural distinta, bem como desfrutar de alguma segurança econômica e independência das sociedades vizinhas. O equilíbrio dinâmico entre o Naskapi e o caribu era garantido pelo número limitado de caçadores, bem como pelos valores aborígines e regras religiosas que atuavam como mecanismos de gestão da vida selvagem. No início e no final do inverno, os Naskapi caçavam principalmente caribu do rebanho do Rio George, onde o rebanho cruzava o rio Koksoak e o rio Caniapiscau inferior. No início do verão, a caça era tradicionalmente realizada no rio George, perto do lago de la Hutte Sauvage. Ainda hoje, o local onde os caribus cruzam o Rio George é sagrado para os Naskapi, pois foi ali que eles reafirmaram seus laços familiares e sociais em festas, danças e cerimônias religiosas. Os Naskapi caçavam caribus para sua subsistência e, em uma extensão muito menor, capturavam animais peludos (principalmente martas, martas e raposas) para ordenha. As temporadas de caça do caribu e captura de carregadores de peles se sobrepunham, mas esses animais não tinham os mesmos habitats e não eram coletados da mesma forma, dificultando a combinação eficaz das duas atividades. Os naskapis, não querendo desistir da caça aos caribus, nunca foram capazes de estabelecer e operar linhas de arrasto permanentes e produtivas. Como resultado, negociar com a Naskapi nunca foi muito lucrativo para as empresas de comércio de peles. No entanto, a expansão do comércio de peles no interior da península Ungava-Labrador transformou profundamente o sistema econômico e sócio-cultural dos Naskapi.

A Hudson Bay Company (HBC), motivada pela possibilidade de negociar com Naskapi (e Cree) no interior, procurou estabelecer rotas de abastecimento nas quais teria adicionado estações de satélite para ligar a estação de Fort Chimo à estação de Lake Melville. / Hamilton Inlet . , na costa de Labrador, e de Mingan, no Golfo de San Lorenzo. Por isso, o HBC organizou diversas expedições ao interior para

conhecer os rios, a variedade e abundância de peles de animais, os povos indígenas e seus locais preferidos, além de outras condições locais. Erlandson, a serviço do HBC, foi o primeiro em 1832 a explorar o interior de Ungava, rio acima do Forte Chimo, para promover o comércio com Naskapi. Ele estabeleceu um posto que chamou de Casa do Rio Sul no Rio Caniapiscau. No entanto, esta iniciativa não teve sucesso e o posto foi encerrado em 1833. Vários fatores contribuíram para frustrar os esforços do HBC para estabelecer atividades comerciais lucrativas em Ungava. As transações comerciais regulares com a Naskapi ocorreram principalmente no posto avançado HBC em Fort Chimo. Em 1916, James Watt, então gerente do posto do Forte Chimo, foi obrigado a construir o Forte Mackenzie para atender às necessidades dos Naskapi e à crescente demanda mundial por peles de zibelina de qualidade. Era uma estação de satélite localizada no interior do Lago LeMoyne (também conhecido como Canichico), cerca de 12 km a montante da travessia dos rios Swampy Bay e Caniapiscau. O comércio de peles não apenas criou uma dependência de mercadorias do exterior, mas também levou ao isolamento genealógico dos grupos de caça naskapi e ao estreitamento de seus horizontes. Os Naskapi, Cree, Montagnais e Innu do Labrador eram provavelmente as mesmas pessoas quando migraram para a península Ungava-Labrador. Eles se dividiram em grupos de caçadores e estavam cientes de seus respectivos movimentos. Eles se reuniram em vários lugares, por acaso ou em lugares que lhes pareceram apropriados em um encontro anterior. Um grupo de caçadores conhecia bem seus locais de caça e, além de seu horizonte, confiava no conhecimento de outros grupos de caçadores. A chegada de feitorias transformou este sistema

o contrário, pois eles se tornaram locais comuns para reunir, planejar e celebrar casamentos. À medida que os vários grupos de caçadores mudavam-se cada vez com mais frequência para diferentes feitorias, eles gradualmente se afastavam uns dos outros, o que teve o efeito de reduzir enormemente o conhecimento de cada um dos grupos de caçadores de recursos. presente além de seus horizontes e seus campos de caça. As pessoas que poderiam ter fornecido essa informação não estavam mais lá. Os Naskapi geralmente não subiam o Rio George para a Baía de Ungava e raramente viajavam para o Vale do Rio Koroc por medo de conflito com os Inuit. No entanto, eles se reuniam anualmente no Forte Chimo para estocar, dividir em grupos de caçadores e buscar consenso sobre as estratégias de subsistência a serem adotadas. Como as fronteiras dos territórios Inuit e Naskapi se sobrepunham, as interações entre os Inuit e os Naskapi eram às vezes marcadas por amizade e cooperação, às vezes hostis, mas eram caracterizadas principalmente por um certo medo de estranhos.

Debido a las diferencias en la cultura, el idioma, los métodos de caza y la visión del mundo, así como al hecho de que rara vez habían entrado en contacto antes de la llegada de los primeros europeos, los dos pueblos experimentaron aprehensión y miedo el um do outro. A história oral, apoiada pelas tradições locais Kangiqsualujjuaq, sugere que as Naskapis estavam presentes na região, particularmente em torno dos rios Koroc e George a montante do Pico da Pirâmide. De vez em quando, Naskapi remava no rio George para coletar munição no posto comercial de George River, embora os encontros entre Inuit e Naskapi ao longo do rio George fossem raros. No início do século 20, o isolamento dos grupos de caçadores e o rápido declínio do rebanho de caribus, além da mudança em suas rotas de migração, causaram muita miséria e sofrimento, e até fome, entre os Naskapi.

CRIS (o)

Entre os paralelos 49 e 55, a Bacia Baie-James, a maior reserva de água doce de Quebec, é o território ancestral (Eeyou Istchee) dos Crees. Designando-se como um povo nômade caçador (Ndooheenou), os Crees moviam-se de acordo com as estações do ano, seguindo as migrações dos animais. Nativos das planícies do oeste do Canadá, os Crees percorrem essas vastas paisagens de densas florestas boreais intercaladas com lagos e rios onde mamíferos (castores, alces, caribus, lobos, linces, raposas, ursos) pássaros (patos, gansos) abundam. corujas brancas, nevadas, águias, falcões, chumbo grosso, gansos, mergulhões-do-mar) e peixes (lúcios, walleye, truta, truta ártica, salmão, truta do lago). O fim do verão anuncia o período de colheita

de bagas e pequenos frutos usados como alimento, remédio e tintura. A floresta boreal gradualmente dá lugar à taiga do norte. O clima do território é frio continental, caracterizado por significativas variações de temperatura. A luminosidade do céu do norte brilha com milhões de estrelas e centenas de grandes auroras boreais em cores incríveis (opalescente verde-azul-rosa). Com mais de 16.150 habitantes, os Crees formam a terceira nação mais populosa de Quebec. As nove aldeias Cree estão localizadas nas margens de James Bay (Waskaganish, Eastmain, Wemindji e Chisasibi) e Hudson Bay (Whapmagoostui), bem como no interior (Nemiscau, Waswanipi, Mistissini e Oujé - Bougoumou). Toda a população fala a língua cree, enquanto o inglês é a segunda língua da maioria. Um grande número de pessoas, principalmente jovens, também fala francês. Observe que os Crees não têm o mesmo status legal que os Inuit. Os Crees estão sujeitos à Lei Indígena, um verdadeiro código civil que estabelece a tutela federal do governo branco sobre as comunidades nativas americanas canadenses . Os crees pertencem ao grupo de línguas algonquinas, que inclui a maioria dos ameríndios do leste da América do Norte. Os Cree usam um sistema de escrita silábica desenvolvido pelo missionário metodista James Evans em 1840 para disseminar textos religiosos. Por décadas, a escrita silábica foi conhecida e usada por quase todos os adultos Cree.

URSO NEGRO (aksak)

O urso preto representa para os norte-americanos (Canadá - EUA); o que o urso polar significa para o Inuit; o que o jaguar representa para os astecas e maias; o que o Urubu diz que o "purificador" representa para os Incas, ou seja, um animal totêmico dentro de sua respectiva cultura.

Entre os Cree, os xamãs mais poderosos são aqueles que têm ursos como mediadores e amigos; ainda melhor para aqueles que podem se transformar em ursos e fazer o que os ursos fazem. A caça ao urso para fins rituais é realizada de acordo com um rito em que o caçador, sozinho na frente do urso adormecido em sua cova de inverno, deve primeiro fazer um tapete de abeto porque é neste tapete que o urso deve ser morto para que o o sangue não toca a neve. Carinhosamente chamando-o de comis (avô) ou kokan (avó), ele pede permissão para matá-lo e levar sua carne para alimentar sua família e seu povo. Depois que o sacrifício foi feito, os homens fumaram para homenagear o espírito do urso e colocaram um pouco de fumo em sua boca. É graças ao fumo, dom espiritual por excelência, que o xamã se relaciona com os Espíritos, porque para os indígenas fumar equivale a rezar. O tabaco e esses substitutos (folhas, cascas, ervas, cactos, cogumelos) eram usados em todas as cerimônias. Fumadas, queimadas, comidas, enterradas ou enterradas, essas substâncias às vezes alucinógenas faziam parte da espiritualidade dos primeiros povos. Em seguida, o urso é levado para uma tenda onde o xamã zela por ele a noite toda e, por meio de encantamentos,

agradece por dar sua vida para manter viva outra vida que não a sua. Ao amanhecer, o animal é esfolado e abatido após a verificação de que não há crianças ou mulheres na área. Essa precaução impedia as mulheres de dar à luz natimortos e morrer por espancamento de crianças. Após a falta, o xamã, o caçador e seus companheiros esfregam gordura de urso em seus cabelos e então a cabeça do urso é pendurada em uma árvore a uma altura inacessível aos lobos para que o espírito do urso possa viajar desimpedido para as constelações. . A carne comestível é levada para a aldeia onde um festival de urso (makotan) acontecerá. Esta refeição festiva inclui apenas a carne do plantígrado e é intercalada com danças e cantos que, aos olhos dos ameríndios, são orações dirigidas ao Grande Manitou. Quando você dança enquanto veste a pele do urso e imita seu andar pesado, você com certeza provocará um novo encontro com o animal durante uma caçada que se aproxima. O coração do animal voltou diretamente para o caçador que o havia derrubado para receber a coragem, a força do urso. Os cães nunca devem comer ossos ou recortes, não importa quão pequenos. Após a refeição, os ossos e entranhas não utilizados eram embrulhados em um prato de casca de árvore e colocados em uma árvore decorada com fitas. Assim, os outros ursos descobririam que seus companheiros os trataram e honraram bem. Esse respeito pelo urso por parte dos Crees contrasta fortemente com a atitude dos brancos que começaram a inundar a bacia necessária para a represa de La Grande no final do outono, enquanto os ursos dormiam em sua cova. Cerca de 300 ursos morreram afogados em hibernação.

O urso preto, o menor urso vivo da América do Norte, é um onívoro oportunista. O urso preto (URSS americana) é hoje um dos animais selvagens mais famosos. Pertence à família Ursidae, encontrada em quase todos os lugares do hemisfério norte e em algumas partes do norte da América do Sul. Na América do Norte, os outros membros desta família são o urso pardo (urso pardo) e o urso polar (polar), ambos consideravelmente maiores que o urso preto. Normalmente, um urso preto tem pêlo preto e focinho acastanhado, e uma mancha branca frequentemente adorna a parte inferior da garganta ou o peito. Embora o preto seja a cor mais comum, algumas pessoas têm pêlo marrom, marrom escuro, loiro, bronzeado ou preto-azulado. Os ursos albinos (pêlo branco, olhos e narizes vermelhos) também são vistos, mas são raros. Uma população não-albina única de cabelos brancos habita as Ilhas Kermode, na costa do Pacífico, na Colúmbia Britânica. Os ursos claros são mais numerosos no oeste e nas montanhas do que no leste. Essas diferentes tonalidades podem ser encontradas em filhotes da mesma ninhada, mas geralmente os filhotes são todos da mesma cor de sua mãe.

Vale do Mississippi

No Vale do Mississippi, são as populações pertencentes à chamada cultura "Mississippi" que floresceu do século IX ao século XVI. Os especialistas costumam dividir esse período em três. O Baixo Mississippi, que varia de 800 a 1000 (a periodização varia de região para região), representa uma primeira fase de transição durante a qual várias populações abandonam as formas de organizações tribais características da floresta em favor de um estilo de vida sedentário e agricultura intensiva. e centralização política. O Médio Mississippi, que se estendeu pela maioria das áreas entre 1200 e 1400, representa o apogeu desta nova cultura, a época em que as grandes metrópoles atingiram seu auge e a difusão da arte e do simbolismo que a caracterizava estava no auge. Entre 1400, época dos primeiros contatos europeus, o Alto Mississippi caracterizou-se pela intensificação da convulsão política e social e, por fim, pela dispersão das populações.

Hábitos alimentícios

Embora o cultivo de milho não tenha alcançado os Grandes Lagos e a região de Upper St. Lawrence até o início do século 14, essa revolução alimentar começou no Vale do Mississippi no início do século 9. O milho cresceu excepcionalmente bem ao longo do Mississippi e seus afluentes, regiões com solos férteis e clima temperado. Por permitir sustentar uma população maior, aglomerações mais densas, bem como uma especialização da mão de obra, o cultivo intensivo do milho levou à formação de uma série de metrópoles e comunidades satélites.

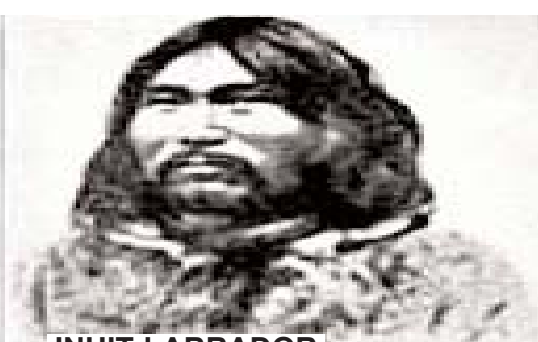
A abundância de azevinho de pedra em sítios arqueológicos atesta a importância fundamental da agricultura na vida do Mississippi. Além do milho, cultivavam-se abóboras, feijões e girassóis. Os rios próximos aos quais cidades e vilas se estabeleceram forneciam peixes, moluscos e outras criaturas aquáticas, como tartarugas, que serviam como suplementos importantes para a dieta do Mississippi. A caça, especialmente de veados, assim como a coleta de nozes e frutas vermelhas também tiveram um papel importante.

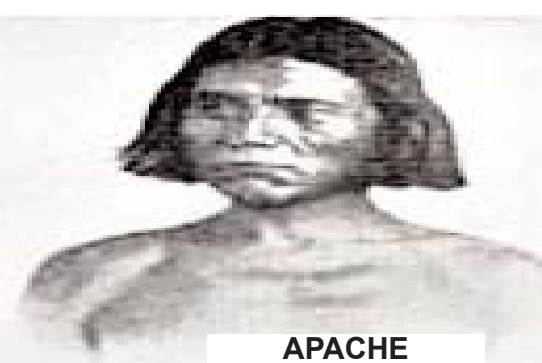
Ocupação do solo e organização social

A maioria das aldeias da região, antes da transição para a fase Mississippi, era pequena e ocupada apenas sazonalmente. Com o cultivo do milho e o aumento populacional, a variedade desses locais se multiplicou: vilas, aldeias, vilarejos e casas isoladas. As cidades maiores serviam como centros religiosos, políticos e administrativos para a população das comunidades satélites vizinhas. As casas tinham uma planta quadrada ou retangular de cerca de trinta e cinco metros quadrados, muitas vezes com paredes de gesso e telhados de palha, e geralmente eram alinhadas ordenadamente em torno de uma praça central. Além disso, as comunidades do Mississippi foram especialmente caracterizadas pela presença de montes retangulares de topo plano, atingindo até 30 metros de altura, coroados por templos, edifícios mortuários e residências de elite. Uma paliçada ou um aterro defensivo usado para completar o conjunto.

A estratificação social foi mais pronunciada entre o Mississippi do que entre os povos indígenas do Nordeste. O controle do poder político e religioso estava nas mãos de uma elite, até mesmo de um indivíduo. Chefes, cujas fundações parecem ter sido hereditárias, governavam a redistribuição de alimentos entre as comunidades satélites e as grandes cidades. Eles poderiam mobilizar uma grande população para a guerra ou obras públicas, como evidenciado pela existência de montes cuja construção exigiu um esforço coletivo sustentado. Embora o estado de conhecimento permaneça limitado, a elite parece ter acumulado funções políticas e religiosas. É provável que os chefes fiscalizassem a troca de mercadorias dentro de seus territórios e com territórios vizinhos, além de dirigir a atividade de toda uma gama de artesãos especializados.

O declínio do Mississippi

Mesmo antes de os primeiros exploradores europeus chegarem ao sudeste dos Estados Unidos nos séculos 16 e 17, a cultura do Mississippi começou a declinar. A população Cahokia se dispersou bem cedo durante o Alto Mississippi, por volta de 1350 a 1400, possivelmente migrando para outros centros políticos ascendentes. No entanto, a população dos outros centros se dispersou ao longo do próximo século e meio. Entre as possíveis explicações, destacamos o impacto de epidemias de cepa européia, como a varíola, mas também do resfriamento planetário da Pequena Idade do Gelo, bem como os longos períodos de estiagem que teriam prejudicado o cultivo do milho e forçado a dispersão de habitantes de grandes metrópoles.

INUIT LABRADOR

INUIT GROENLAND

APACHE

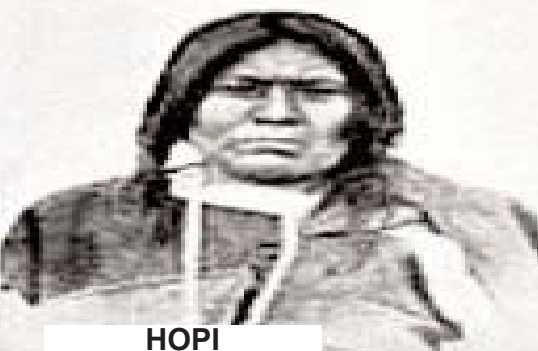
NAVAJO

ILLINOIS

CHEYENNE

MANDAN

UTE

DAKOTAS

HOPI

NEZ PERCÉ

WICHITA

Cahokia

A cidade de Cahokia, que era uma das cidades mais poderosas da América do Norte antes da colonização europeia, não desapareceu nem misteriosa nem repentinamente, de acordo com as últimas descobertas de antropólogos. O que quebrar um pouco mais as idéias recebidas sobre o passado da cidade ameríndia de exceção.

Em seu auge, por volta do século 12 DC, Cahokia foi uma das maiores cidades da América do Norte, uma terra que ainda não havia sido tocada pelos europeus. Levará quase 600 anos para outra cidade, Filadélfia, atingir o mesmo tamanho nos Estados Unidos. No entanto, hoje, aquele que abrigava as pirâmides mais altas do Mississippi, no que hoje é o sul de Illinois, está mais perto de uma simples clareira denteada do que de um sítio arqueológico majestoso (nada a ver com Teotihuacan, berço da civilização pré-colombiana onde, alguns séculos antes, as maiores pirâmides de todo o continente também foram encontradas). Dos índios Cahokia, não sobrou muito, os incorporadores e construtores de estradas acabaram, até a década de 1960, destruindo seus restos, já deteriorados pelo tempo.

Une vue d'artiste de la ville de Cahokia, qui fut l'une des plus grandes cités amérindiennes d'Amérique du Nord aux alentours de 1100 ap. J.C. Elle se situe dans le Sud-Ouest de l'actuel État de l'Illinois, aux États-Unis.

Fale sobre ... fezes

Na revista American Antiquity, o autor principal do estudo e antropólogo AJ White relata que, após analisar estanóis fecais humanos (veja o quadro abaixo), pólen fossilizado ou mesmo carvão, ele e seus colaboradores puderam estabelecer que os habitantes da maioria A metrópole pré-colombiana da América do Norte também não "deixou de repente" sua cidade enfraquecida.

Shiloh Mounds (Tennessee), 1000-1350 CE

Há cerca de 800 anos, uma cidade ficava no alto penhasco do rio Tennessee, a leste do planalto de Shiloh. Entre duas ravinas íngremes, uma paliçada de madeira contém sete montes de terra e dezenas de casas. Seis montes, de forma retangular com topos planos, provavelmente serviram como plataformas para importantes edifícios da cidade. Essas estruturas podem ter incluído uma casa de conselho, edifícios religiosos e residências para governantes de cidades. O monte mais ao sul é um monte oval com um topo arredondado no qual os governantes da cidade ou outras pessoas importantes foram enterrados.

Esta cidade era o centro de uma sociedade que ocupava um trecho de cinquenta quilômetros do vale do rio Tennessee. Por volta de 1200 ou 1300 DC, os moradores se mudaram desta parte do Vale do Tennessee, possivelmente para locais a montante agora submersos sob o Lago Pickwick. Dado que a sociedade Shilo se desintegrou várias centenas de anos antes que houvesse um registro escrito para nos dizer quem eles eram, não está claro se os residentes de Shiloh eram parentes de sociedades posteriores como Choctaw, Chickasaw ou Creek, ou como eram parentes deles .

Os arqueólogos chamam a sociedade centrada em Shiloh de "chefia". O chefe teria sido o líder político mais importante, assim como a figura religiosa. Provavelmente um conselho, formado por anciãos e membros respeitados da comunidade, compartilhava o poder com o chefe. Os parentes próximos do chefe teriam sido tratados como nobres; alguns provavelmente foram enterrados no "Monte C."

Os residentes do local Shiloh eram agricultores. O milho (milho) era seu alimento mais importante. Eles também cultivavam abóboras e girassóis, bem como culturas menos conhecidas, como pés de galinha, pântano e erva-cidreira. Além de suas colheitas, eles também comiam uma grande variedade de plantas e animais selvagens. Os alimentos vegetais selvagens mais importantes eram nozes e bolotas. A maior parte de sua carne veio de veados, peixes, perus e pequenos animais como guaxinins, coelhos e esquilos.

Além do local de Shiloh, a chefia incluía seis pequenas aldeias, cada uma com um ou dois montes, e fazendas isoladas espalhadas no alto do vale do rio. Rio abaixo no lado leste do rio, Savannah, Tennessee, marca o local de outro assentamento de paliçada com vários montes. A maioria dos montes de Savannah foi construída muito antes, cerca de 2.000 anos atrás, mas o local foi reocupado na mesma época que o local de Shiloh. Não sabemos se essas duas cidades foram ocupadas exatamente ao mesmo tempo. Os edifícios modernos de Savannah destruíram a maior parte do sítio pré-histórico.

A chefia Shilo tinha outras chefias como vizinhos no que hoje é o Alabama, Mississippi e o oeste do Tennessee. A maioria das chefias ocupava partes dos principais vales dos rios, como Tennessee e Tombigbee. Algumas das sedes vizinhas teriam sido hostis à sede de Shilo, enquanto outras estavam ligadas a Shilo por alianças políticas. A evidência arqueológica dessas alianças sobrevive na forma de "bens de prestígio" trocados pelos chefes como um penhor de amizade. Muitas vezes podemos dizer onde produtos de prestígio específicos foram feitos. Se soubermos onde um determinado item foi feito e para onde foi enviado, podemos saber quem está negociando com quem. No caso de Shilo, pode-se dizer que havia vínculos políticos com uma poderosa sede em Cahokia, perto de Saint-Louis. Em contraste, não há evidências de laços políticos com a sede central do Tennessee.

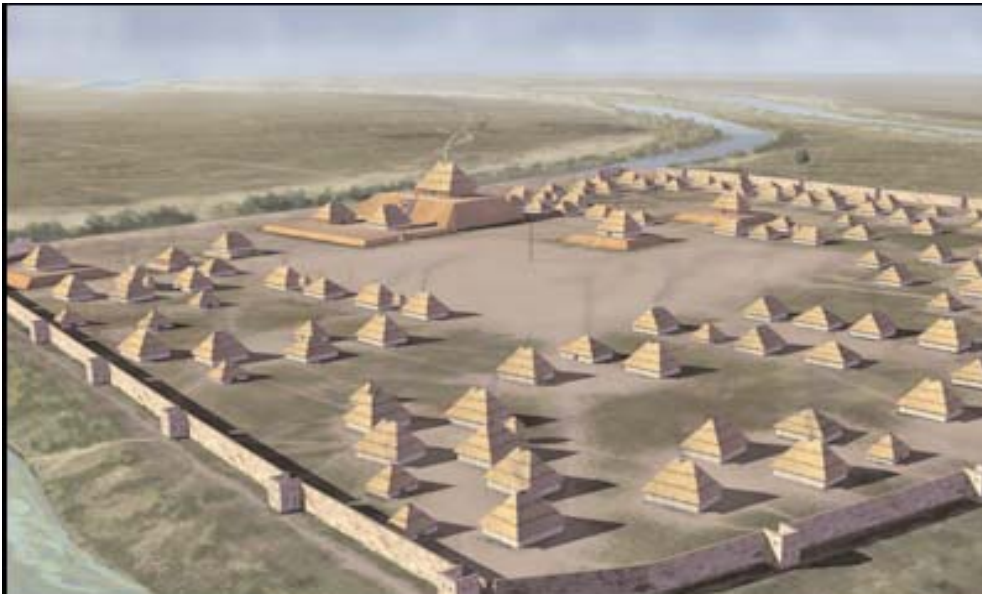
A primeira escavação arqueológica de Shiloh ocorreu em 1899 quando Cornelius Cadle, presidente da Comissão do Parque Shiloh, cavou uma trincheira em "Mound C." Lá ele encontrou o artefato mais famoso do local, um grande cachimbo de pedra esculpido na forma de um homem ajoelhado. Agora em exibição no Tennessee River Museum em Savannah, Tennessee, este cachimbo de efígie é feito da mesma pedra vermelha distinta e é esculpido no mesmo estilo que várias estatuetas humanas do Chiefdom of Cahokia, localizado perto de Illinois. de Saint-Louis.

O trabalho de reconhecimento no inverno de 1933-1934 revelou numerosos pequenos montes redondos no local de Shiloh, cada um com cerca de 30 a 6 metros de altura e diâmetro, restos de lama e casas de barro. Essas estruturas possuíam paredes de postes verticais entrelaçados com galhos (acácia), os quais eram então recobertos por uma espessa camada de argila (sabugo). Cada casa tinha uma lareira no centro do andar. Uma paliçada, também feita de acácia e sabugo, protegia o local.
A inclusão antecipada da área de montículo dentro dos limites do Parque Nacional Militar protegeu o local do uso moderno. Como o local de Shiloh nunca foi perturbado pela aragem, a lama das paredes desmoronadas sempre se parece com anéis ou montes baixos. Shiloh é um dos poucos lugares no leste dos Estados Unidos onde os restos de casas pré-históricas ainda são visíveis na superfície do solo.

A construção pré-histórica de montículos é uma prática observada em toda a América do Norte. A Bacia do Rio Mississippi é o lar de milhares desses montes, incluindo os Shiloh Indian Mounds, localizados em um platô elevado acima do Rio Tennessee. O local, também conhecido como campo de batalha da Guerra Civil, contém pelo menos sete montes e os restos de quase uma centena de edifícios. Escavações arqueológicas revelaram que uma paliçada periférica protegia este complexo, construído com postes de madeira e potencialmente preenchido com argila. O complexo de 22 hectares foi organizado em torno de uma praça centralizada.

O local data de cerca de 1100-1300, ou cerca de 800 anos atrás, e pertencia a uma sociedade de chefias que ocupava o vale do rio Tennessee. De acordo com o National Park Service, que atualmente administra os Shiloh Mounds, os habitantes locais eram fazendeiros, cultivavam plantações como milho, abóbora e girassóis, enquanto caçavam para obter alimentos como veados, perus e peixes. Dos montes existentes no local, seis são de forma retangular com topo plano, sugerindo que serviram de plataforma para outras estruturas, como casas de conselho ou habitações. Um dos túmulos é oval e arredondado. O trabalho arqueológico no local começou já em 1867 e inclui mapeamento de montículos e medição por CB Moore em 1914; a maior terraplanagem, Monte A, mede 14 pés e 6 polegadas, enquanto a mais baixa, Monte E, mede 5 pés e 1 polegada. Uma escavação feita pela Administração de Obras Civis em 1933 revelou os restos de estacas resistentes, de cerca de 30 centímetros de altura, que os pesquisadores dizem ser restos de estruturas de barro e espigas de milho. Eles foram construídos com vigas de parede ao redor de espaços que variam de 3 a 6 metros, cada um com uma chaminé centrada no interior. Como o corte não é permitido, Shiloh é um dos poucos locais que preservou os restos dessas estruturas.

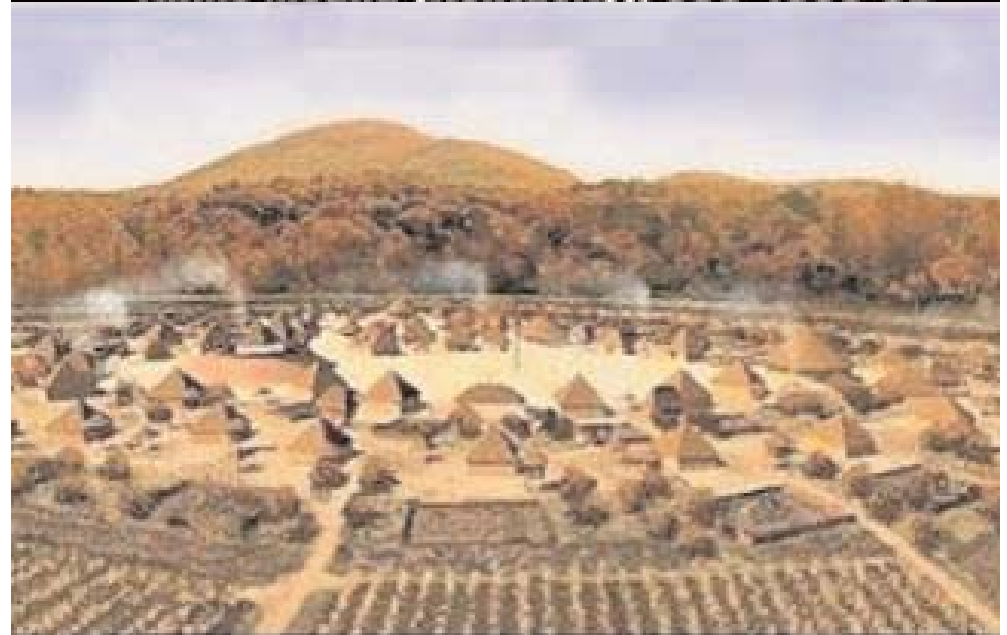
A barreira da paliçada também foi construída a partir de postes retos e estreitos. Como sugerem pesquisas geoarqueológicas recentes, montes de terra como Shiloh devem ser considerados projetos monumentais, já que a avaliação de solos e sedimentos sugere um nível de sofisticação para construir essas formas. Habilidades pré-colombianas incluíam conhecimento do solo, engenharia e processos de construção, sem mencionar o acesso a uma força de trabalho qualificada. Em Shiloh, diferentes solos foram deliberadamente misturados, enquanto blocos de grama revestiam o aterro do monte, a totalidade do qual tinha acabamento com um verniz vermelho. A construção de montículos, como o próprio Shilo sugere, não era simplesmente um processo de acumulação de solo, mas sim um ato social, deliberado e pensativo com a intenção de comunicar algo sobre sua sociedade.

Taskigi Mound (Alabama), 1200-1830 CE

Parkin - Arkansas - 1400-1650 CE.

Troyville Earthworks (Louisiana), 100 BCE-700 C

EMERALD MOUND- (MISSISSIPPI) - 1200-1730

Annis Mound (Kentucky), 800-1300 CE

Newark Earthworks (Ohio), 100 BCE-400 CE

Nacoochee Mound (Georgia), 100-1600 CE

Kincaid Mounds (Illinois), 1050-1400 CE

Ichisi (Georgia), 990-1600 CE

Town Creek Mound (N Carolina), 1150-1400 CE

SunWatch Village (Ohio), c. 1200 CE

A cultura Hopewell prospera em todo o meio-oeste. A tradição cultural de Hopewell surge no Vale do Rio Ohio e gradualmente se estende ao sul até o Golfo do México e ao norte até os Grandes Lagos. Essa cultura tem muito em comum com a tradição Adena que antecede o que hoje é Ohio. Como o Adena, o Hopewell obtém alimento por meio da caça e da coleta, complementado pela agricultura. Os fazendeiros de Hopewell acabarão adicionando uma nova safra, o milho, que lhes dá um suprimento mais seguro de alimentos e permite que sua população cresça.

Great Serpent Mound, est construit dans ce qui est maintenant Adams County, Ohio, par les Indiens de l'Adena - Hopewell (CA. 200 avant JC à 400 après JC). serpent mesure environ cinq pieds de haut, 20 pieds de large et presque un kilomètre de long. Vu du ciel, on dirait un gigantesque déroulement su serpent avec sa bouche ouverte, tenant un ovale, uneforme qui peut représenter un œuf ou un corps céleste. Le serpent est évoqué souvent dans les traditions orales des Indiens de la région.

Os Hopewells vivem em pequenas aldeias, geralmente agrupadas em torno de grandes centros cerimoniais. Os assentamentos têm montes muito maiores do que aqueles construídos por Adena. Esses montes cobrem criptas que servem como câmaras mortuárias para a população e a elite política. Enterrados com os cadáveres ou suas cinzas cremadas, encontramos vários produtos elaborados, como cobre e couraças e enfeites de orelha, cachimbos de animais esculpidos, colares de pérolas, tecidos pintados e formas humanas e animais feitas de folhas planas de cobre e mica. Muitos itens são feitos de matérias-primas obtidas comercialmente. Os comerciantes carregam materiais para os centros cerimoniais desde o extremo oeste até as Montanhas Rochosas, tanto a leste quanto a costa do Atlântico, ao norte até o atual Canadá e ao sul até a Flórida. Nos centros urbanos, os artesãos fabricavam itens que trocavam por itens de luxo, muitos dos quais eram exportados para áreas remotas sob a influência de Hopewell. A causa do declínio de Hopewell no século IV não é clara. As mudanças nas condições climáticas podem ter diminuído seus recursos de alimentos silvestres, ou a introdução de arcos e flechas pode ter levado ao aumento da guerra. Outras teorias sustentam que o cultivo de milho pode ter destruído a safra de Hopewell. O milho, como fonte confiável de alimento, pode ter eliminado a necessidade da rede de negócios de Hopewell. Também pode ter encorajado os Hopewells a abandonar seus centros cerimoniais urbanos por assentamentos menos densamente povoados, onde a fome generalizada era muito menos provável, mesmo se a safra de milho de um determinado ano fosse baixa.

A NAKOAKTOK CHIEF

AN APACHE CHIEF

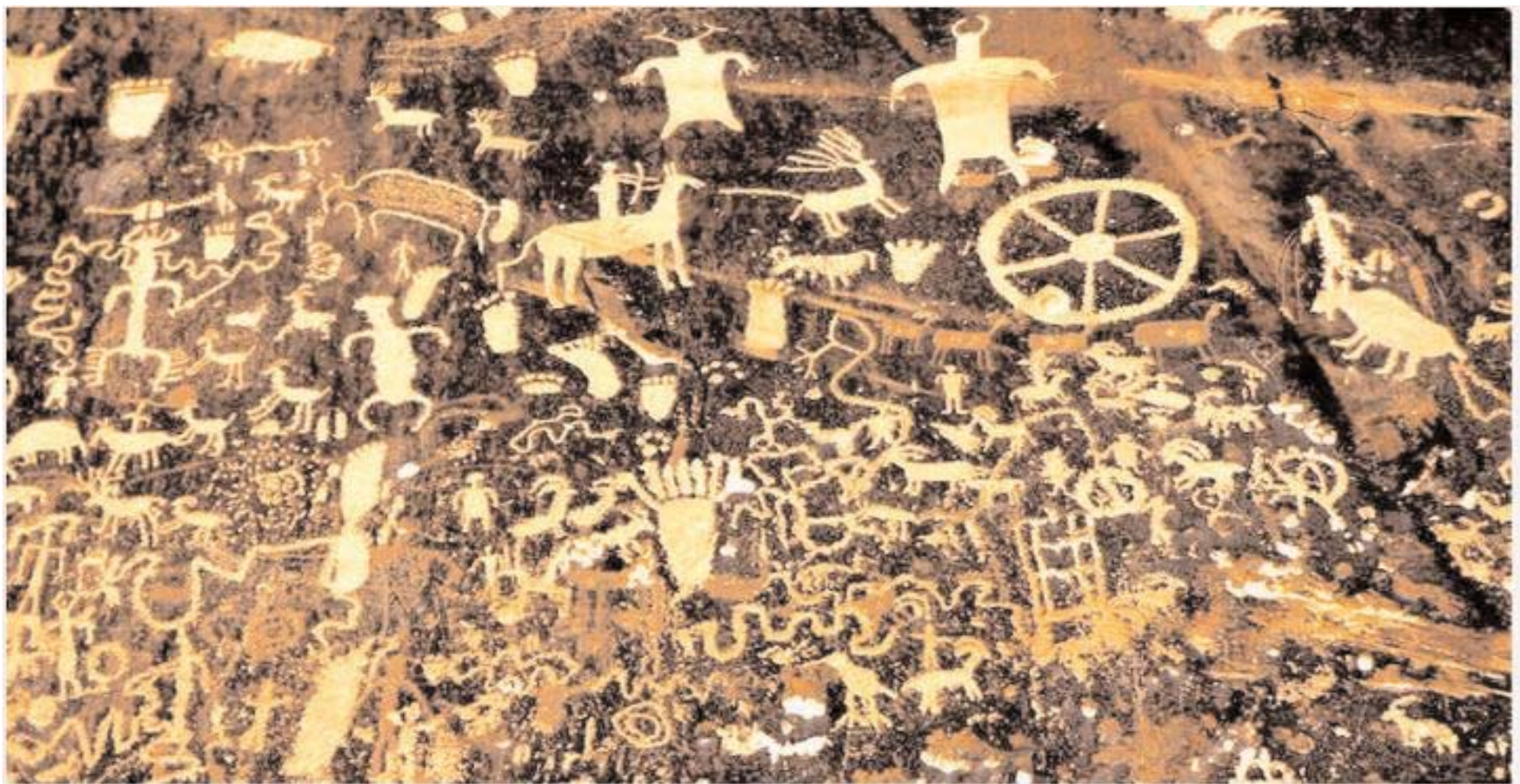
AN APSAROKE WARRIOR

A WISHRAM BRIDE

A LUMMI WOMAN

A ZUNI GOVERNOR

KWAKIUTL CHIEF

A PAPAGO WOMAN

Anciens pétroglyphes amérindiens au Newspaper Rock, Indian Creek, Parc National de Canyonlands, Utah

Il y a sept siècles, la région des Four Corners (région des États-Unis où, fait unique, les frontières séparant quatre États : Arizona, Utah, Colorado, Nouveau-Mexique) se coupent à angle droit) abritait une civilisation indienne sophistiquée que les Navajos, arrivés des siècles plus tard, ont appelée culture des Anasazis (les Anciens). Ces agriculteurs habitèrent la région pendant plus d'un millénaire. Newspaper Rock est une surface rocheuse de 200 pieds carrés dans le comté de San Juan, dans l'Utah, qui est couverte par des centaines de pétroglyphes amérindiens, un art rupestre ciselé qui enregistre près de 2000 ans de l'activité humaine dans la région, comme un journal. Bien qu'ils sont typiques de nombreux sites à travers les États-Unis, ces pétroglyphes sont un des plus grands, les mieux conservés et facilement accessibles dans le Sud-Ouest. Les pétroglyphes disposent d'un mélange de formes abstraites représentant les cultures Fremont, Anasazi, Navajo et des formes humaines, animales . Les premières sculptures ont été faites il y a près de 2.000 ans par le peuple Anasazi qui était mieux connu pour leurs maisons de pierres et de terre plutôt que leur art. Le peuple Fremont, qui était contemporain des Anasazis, a également contribué à la pictographie de Newspaper Rock. Puis, vers 1300, ils sont soudain partis vers le sud en abandonnant leurs terres, leurs villages permanents [pueblos], leurs champs et les tombes de leurs ancêtres. Plus tard, les Utes et le peuple Navajo ont ajouté des figures représentant les chasseurs à cheval, et des images de boucliers, des guerriers et des roues.

NAVAJO ou NAVAHO

De todas as tribos indígenas nos Estados Unidos, o grupo Navajo é o segundo maior: no início do século 21, tinha uma população de aproximadamente 340.000 pessoas espalhadas pelo noroeste do Novo México e nordeste do Novo México. leste do Arizona, sudeste de Utah e leste da Califórnia. Os Navajo falam uma língua Apache da família Athapaskan.

Os Navajo e Apache deixaram o que hoje é o Canadá para migrar para o sudoeste, provavelmente entre 900 e 1200. Os Navajo foram influenciados pelos índios Pueblo desde o início do século XVII. Encontramos essa influência na agricultura, que se tornou seu meio de vida mais importante, e em seu modo de existência sedentário. Posteriormente, a criação de ovinos, caprinos e bovinos complementou a agricultura. Em algumas regiões, ele até o destronou. Os Navajos vivem em hogans de toras e lama. Os homens costumam praticar banhos de vapor, que servem como ponto de encontro para eles e permitem que escapem da curiosidade e da influência das mulheres. Na verdade, os filhos são reconhecidos na linha materna e os homens muitas vezes têm uma posição difícil na família da esposa.

A semelhança entre os navajos e outros povos apaches é encontrada na ausência de uma organização tribal ou política centralizada. No passado, os Navajos eram agrupados em pequenos bandos cujos membros eram aparentados, liderados por chefes locais. Hoje, encontramos grupos locais do mesmo tipo, mas que são formados a partir do local de residência e não mais por parentesco.

A cerâmica pintada e os famosos tapetes Navajo são o resultado do contato com o Povo. O mesmo se aplica a certos ritos, como pinturas na areia. A ourivesaria, também famosa pelo artesanato Navajo, data de meados do século XIX. Provavelmente foram os prateiros mexicanos que lhe ensinaram.

UTES

Índios de língua Shoshone, os Utes viviam no oeste do Colorado e no leste de Utah, o estado ao qual deram seu nome. Quando o pai espanhol Silvestre Vélez de Escalante cruzou seu território em 1776, enquanto procurava uma passagem de Santa Fé (no atual Novo México) para as missões da Califórnia, os Utes não tinham cavalos. Eles viviam em pequenos grupos familiares que se alimentavam dos produtos da reunião. Naquela época, não havia distinção real entre os Utes e os Paiutes do Sul, que falavam Ute, uma língua que faz parte do ramo sul das línguas numéricas.

Depois de adquirir cavalos no início de 1800, os Utes do oeste do Colorado e, mais tarde, os do norte de Utah, organizaram-se em bandos de caça; no entanto, eles não eram organizados de forma muito rígida. Quando essa região foi colonizada por europeus, essas gangues se especializaram em roubar gado. No entanto, nas partes do sul de Utah, Nevada e Califórnia, os Utes e Chemehuevi continuaram a se mover a pé e se aliaram aos Paiutes do Sul.

PUEBLO, etnia

Descendentes dos Mogollon e Anasazi, povos que viveram antes da Conquista, os Pueblo são um grupo de povos que ocupam diferentes partes do nordeste do Arizona e do noroeste do Novo México. No censo de 2000, havia 74.000, dos quais 62 % eram. 100 no Novo México e 17 p. 100 no Arizona. Eles vivem em aldeias permanentes, com casas bem lotadas, conhecidas como pueblos (da cidade espanhola, "pueblo" ou "pueblo"). Este nome foi dado a eles pelos primeiros colonos espanhóis no século 16 para distingui-los dos índios nômades. Antes de se estabelecerem em suas aldeias atuais, os Pueblo viveram em aldeias cujos vestígios - aldeias trogloditas em penhascos íngremes ou grandes cidades em vales - atestam que sua arquitetura já era bastante elaborada. Essas cidades datam do século 14, o apogeu da cultura Pueblo.

A diversidade cultural e linguística que existe entre os Pueblo das diferentes regiões já existia muito antes da conquista. Do ponto de vista linguístico, existem quatro famílias linguísticas: Hopi, Zuñi, Keres, Tanoan.

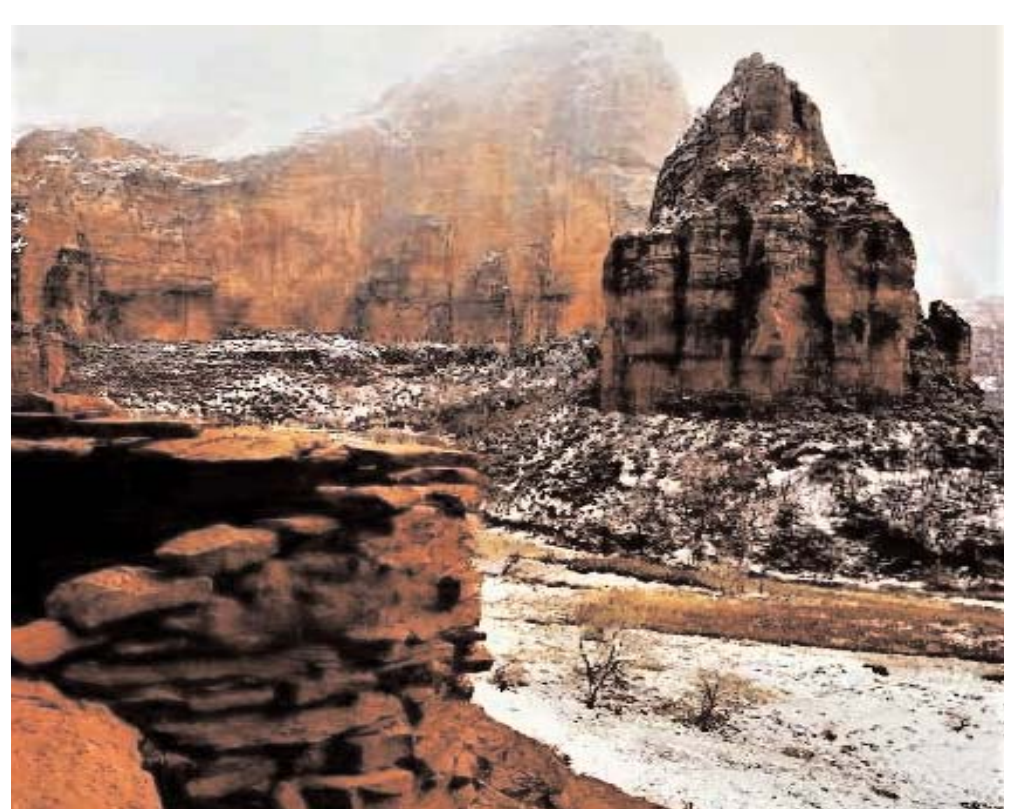
Os pueblos são principalmente agricultores, mas o tipo de agricultura e o significado da propriedade variam muito de região para região. Em direção ao Rio Grande, os indígenas cultivam campos de irrigação de milho e algodão nos vales dos rios. Eles costumavam ter empresas especializadas na caça de veados e antílopes nas montanhas. Alguns povos do leste, como os Taos e os Picuris, caçavam bisões nas planícies. A cidade praticava a caça de coelhos, estendendo-se por cidades inteiras; mulheres colheram plantas selvagens. Entre os Pueblo do Oeste, especialmente os Hopi (o maior grupo com 11.100 habitantes em 2000), a agricultura era mais arriscada porque o clima era mais seco.

HOPI

O grupo de índios Pueblo mais a oeste, os Hopi, vivem nos planaltos do nordeste do Arizona, no meio da reserva Navajo e na orla do Deserto Pintado. Os Hopi, também chamados incorretamente de Moki e que se autodenominam Hopituh Shi-nu-mu ("o Povo Pacífico"), falam uma língua Shoshone da família Uto-asteca. No censo de 2000, havia 6.946 Hopi. As casas geminadas em estilo de cidade são feitas de pedra e adobe e estão próximas umas das outras.

Não sabemos exatamente a origem dos Hopi nem de sua organização em comunidades independentes. Seus mitos de origem dizem que seus ancestrais passaram por quatro câmaras subterrâneas chamadas kiva e viveram em lugares diferentes antes de chegar ao seu território atual. Os Hopi são subdivididos em vários clãs, agrupados em metades exogâmicas. Sua economia é baseada na agricultura (milho, feijão, abóbora, principalmente) e na ovinocultura. A prole é matrilinear e o lar é matrilocal. O kiva serve como um ponto de encontro para eles; lá eles tecem, pintam, fumam e rezam.

Como todos os outros índios Pueblo, os Hopi são pacíficos e altamente religiosos. As crianças começam seu curso cerimonial aos seis anos de idade, durante sua iniciação no culto katchina (kachina). Os Hopi Katchina são representações mascaradas de uma variedade de deuses, espíritos, ancestrais mortos e nuvens. A kachina inflige o chicote ritual nas crianças e então lhes revela que elas não são seres sobrenaturais, mas homens do povo disfarçados. O ano Hopi é regulado por diferentes festivais. O mais importante é a dança da serpente que traz chuva.

Assim que sua vida em uma sociedade isolada terminou, os índios Hopi foram apanhados em um processo de rápida revolução cultural que quebrou sua sociedade tradicional.

Oraibi (Arizona), 1000 CE-present

As antigas aldeias de Walpi e Old Oraibi, localizadas em planaltos desolados em forma de dedo na Reserva Hopi, no nordeste do Arizona, foram estabelecidas em meados do século XII. No topo da Terceira Mesa (a mais a oeste) está a Velha Oraibi, a única aldeia Hopi antiga que permanece em sua localização original. (A Velha Oraibi não deve ser confundida com Nova Oraibi, ou Kykotsmovi, a sede tribal do governo localizada a leste e em uma elevação mais baixa na Terceira Mesa.) A aldeia de Walpi, localizada em Primeira Mesa (a mais oriental), foi reconstruída a uma altitude mais elevada por volta de 1692. Ambas as cidades ainda são habitadas, e Old Oraibi rivaliza com Acoma Pueblo do Novo México como o assentamento mais antigo continuamente ocupado no que hoje são os Estados Unidos. A velha Oraibi, que já foi considerada a "capital" da nação Hopi, foi declarada Patrimônio Histórico Nacional em 1964. O colono espanhol Antonio de Espejo registrou seu primeiro encontro com Oraibi em 1583, descrevendo-a como o povo Hopi mais importante. o maior da região, com uma população de 14.000 habitantes. Uma carta escrita pelo padre Vélez de Escalante em 1775 declarava que 800 famílias viviam em onze grandes edifícios. Em 1882, quando o governo federal criou a reserva Hopi, Oraibi era uma das maiores aldeias Hopi, com 150 casas. No início do século, um cisma se desenvolveu na cidade entre os tradicionalistas, que queriam romper todos os laços com os estrangeiros, e os liberais que estavam abertos a outras influências culturais.

Em setembro de 1906, durante um evento conhecido como Oraibi Split, metade da população (os tradicionalistas) deixou Oraibi para sempre e criou três novas aldeias na Terceira Mesa. Desde então, a população de Oraibi permaneceu estagnada e a cidade está parcialmente deserta. Hoje, a maioria das casas originais está vazia e as do quadrante sudeste estão desabando. Os demais habitantes vivem na parte noroeste da cidade.

A aldeia consiste em sete filas de casas unifamiliares orientadas de norte a sul. Geralmente orientados para o leste, os blocos de quartos são escalonados em altura e se erguem de três a quatro andares acima do chão da mesa em suas elevações oeste. Cada linha contém dois ou três quartos retangulares contíguos e é separada da próxima linha pelo espaço de uma casa. Estradas estreitas e não pavimentadas (orientadas de norte a sul) dividem as fileiras de casas. As fundações dos blocos desintegrados se misturam às pilhas de lixo, tornando o terreno irregular. Na extremidade sul da mesa estão os restos de uma igreja menonita construída em 1901 e destruída por um raio em 1942.

No final do século 13 e no início do século 14, as aldeias Hopi foram planejadas em termos de defesa: blocos de quartos foram construídos em ângulos retos com as praças internas. Essa configuração foi preservada pelos séculos seguintes. Os blocos de quartos são construídos com arenito local e adobe com vigas de madeira, e alguns apresentam pátios internos com várias entradas. As kivas retangulares, estruturas religiosas parcialmente subterrâneas, estão localizadas em pátios fechados ao longo da borda da mesa no canto sudeste do assentamento. No final do século 19, Oraibi tinha treze kivas, mais do que qualquer outro povo Hopi, cada um associado a um clã de aldeia específico. A pequena escala das novas casas em bloco ajuda a combinar a construção moderna com o ambiente histórico construído. Infraestrutura adicionada no século 20, incluindo água, esgoto,

O domínio espanhol dos povos Hopi nesta região não se enraizou até 1629, quando três missões foram estabelecidas, incluindo a missão de São Francisco em Oraibi. Este edifício foi incendiado durante a revolta de 1689, quando os Hopi expulsaram os padres espanhóis de todas as cidades. Em 1700, os chefes Oraibi e Walpi lideraram um ataque à aldeia Hopi de Awatovi e conseguiram expulsar as influências espanholas e estrangeiras em Oraibi por quase dois séculos. Foi nessa época que Walpi, antes localizado no meio de uma mesa em um terraço rochoso, foi transferido para o topo da Primeira Mesa, para se defender da retaliação espanhola.

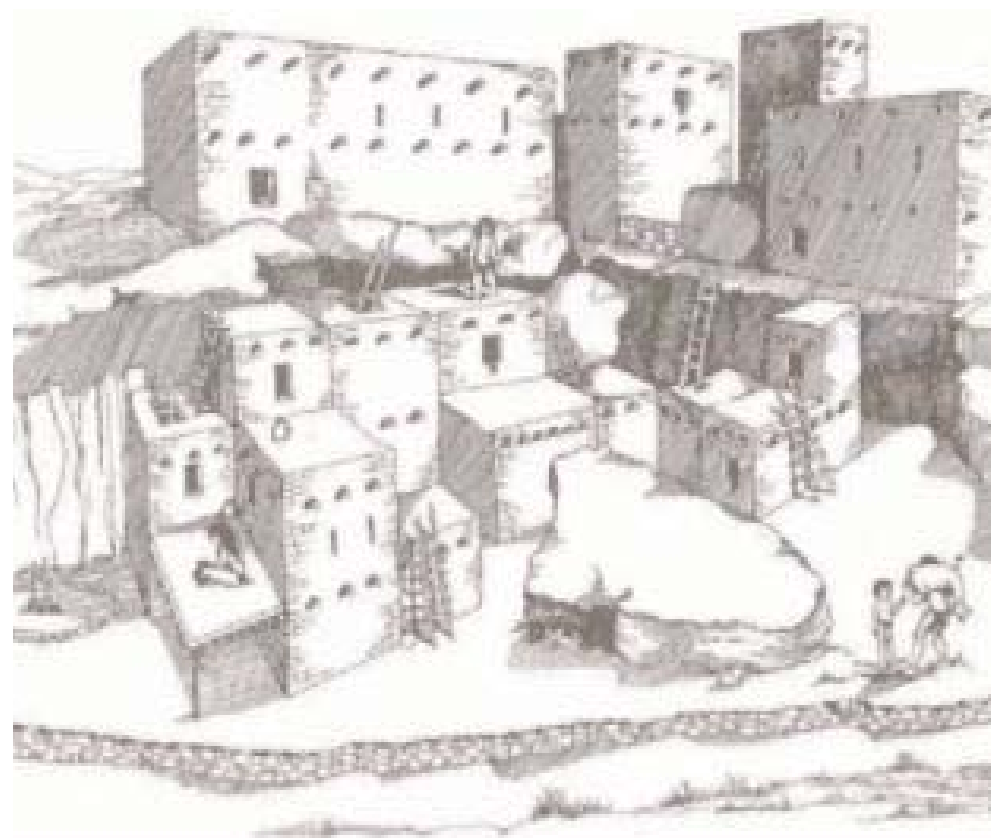
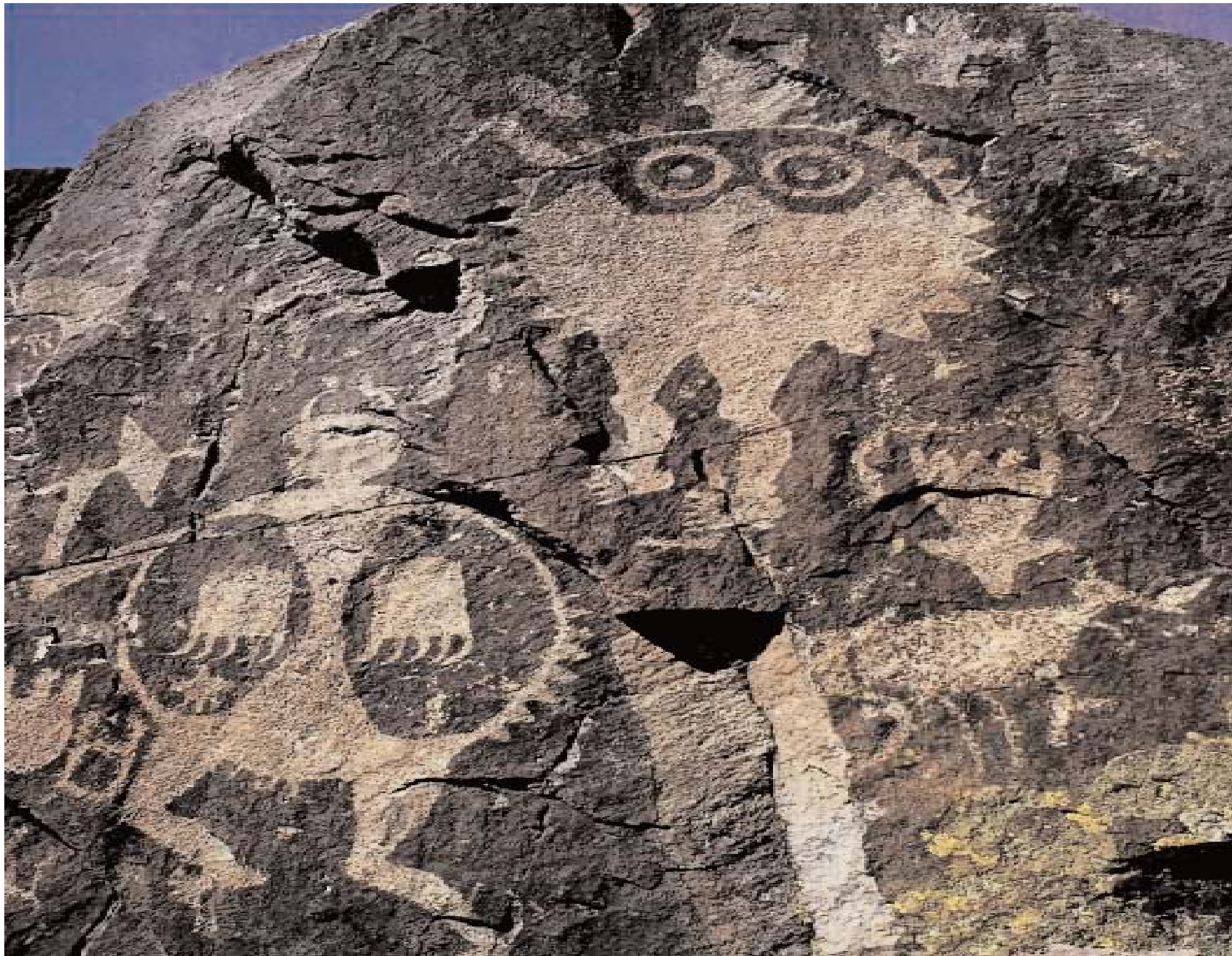
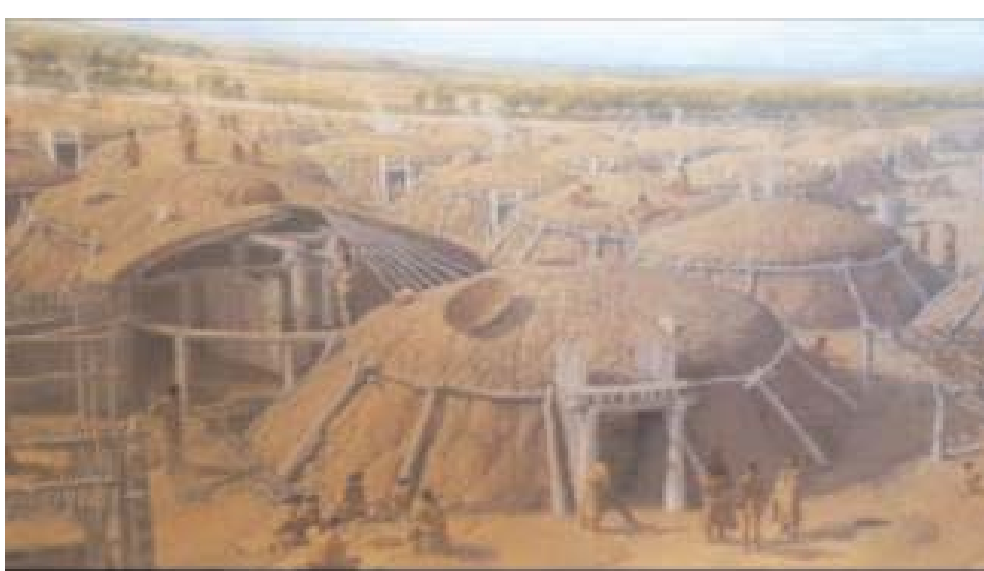
Walpi, ou "o local do entalhe", está agora em uma projeção estreita (150 pés em seu vão mais largo) na extremidade sul da mesa, que cai abruptamente em três lados no deserto pintado mostrado abaixo. abaixo. Considerada a cidade matriarcal de First Mesa, Walpi apresenta casas de três andares construídas com pedras e vigas recuperadas do assentamento original no nível do terraço e estruturas abandonadas mais antigas. Vigas de pinheiro e postes de zimbro cortados e arrastados de San Francisco Peaks cortaram paredes de arenito cobertas de lama. As paredes internas são acabadas com gesso leve aplicado à mão ou almofadas de lã para criar uma textura de vieira. As aberturas da lareira perfuram tetos planos e todas as outras aberturas, incluindo janelas e portas, foram mantidas pequenas. Walpi contém cinco kivas afundadas ao longo da borda da mesa. Eles foram restaurados e revogados novamente em 1975. O povo Hopi ainda vive em sua terra natal e é conhecido por ter dois dos povos mais antigos continuamente habitados nos Estados Unidos, Walpi Village e Oraibi, que remontam ao século 11 DC.

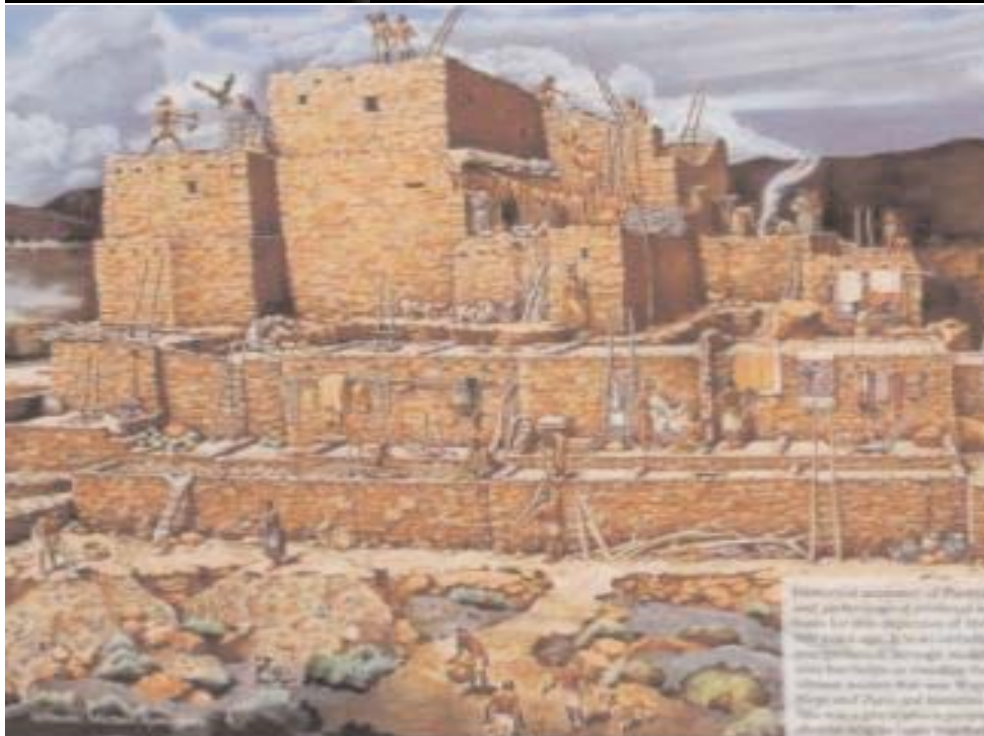
Edward S. Curtis, c1906

Os Hopi viviam em casas tradicionais de estilo de aldeia empoleiradas em planaltos para afastar os inimigos. O povo Hopi está profundamente enraizado em sua religião e espiritualidade, seguindo os costumes tradicionais de seus ancestrais até hoje. Essas tradições eram importantes o suficiente para que, apesar de seus costumes pacíficos, o povo Hopi se mantivesse firme quando outras sociedades intervieram para "educá-los" e mudar seus costumes.

Os membros da tribo ainda falam a língua Hopi, que é uma das 30 línguas uto-astecas. Cada cidade tem artesãos qualificados entre eles. First Mesa tem ceramistas, escultores e artistas. A Second Mesa tem fabricantes de cestos, joalheiros e escultores de bonecas kachina. Third Mesa treinou aldeões e tecelões. Também conhecido por sua capacidade de viajar longas distâncias com muita rapidez, o povo Hopi historicamente corre para caçar e enviar mensagens para as aldeias vizinhas. Hoje eles funcionam com propósitos espirituais e físicos. Um hopi teria viajado 72 milhas em 36 horas. Um corredor famoso foi Louis Tewanima. Ele ganhou a medalha de prata nos 10.000 metros nas Olimpíadas de 1912.

Um pouco de história: os Hopi também são conhecidos em todo o mundo por suas profecias. Sua profecia Blue Stardit de que a terceira guerra mundial começará em países antigos (Índia, China, nações islâmicas, África). A guerra será um conflito espiritual com questões materiais. As terras e os povos da América serão destruídos por bombas atômicas e radioatividade. Apenas as terras Hopi serão preservadas como um oásis para refugiados.

Os assuntos materiais serão destruídos por seres espirituais, que então criarão um mundo e uma nação sob um único poder: o Criador. Quando um Kachina tira a máscara e dança na praça diante de crianças não iniciadas (o público em geral), ele representa uma estrela azul distante, mas invisível, que aparecerá logo em seguida. Esse período foi anunciado em cantos durante as cerimônias, primeiro em 1914, pouco antes da Primeira Guerra Mundial, e novamente em 1940, antes da Segunda Guerra Mundial. A desunião, a corrupção e o ódio que contaminam os rituais Hopi seriam um sinal dos mesmos males que estão se espalhando pelo mundo. A canção foi re-cantada em 1961. Quando "a estrela azul" chegar, diz-se que por um tempo não haverá mais cerimônias ou fé. Mas Oraibi vai rejuvenescer com sua fé e cerimônias, inaugurando um novo ciclo de vida Hopi.

Hovenweep (Utah), 900-1350 CE

On-A-Slant Village (North Dakota), 1550-1780 C

Cliff Palace (Colorado), 1190-1260 CE

Wupatki (Arizona), 500-1225 CE

Pueblo Grande (Arizona), 450-1450 CE

Mesa verde
Há 9.500 anos antes de nossa era, os nômades paleoíndios chegaram à região, perseguindo rebanhos de caça grossa. Embora vivam na região apenas sazonalmente, o aquecimento global tem permitido que sua população cresça.

Do período arcaico por volta de 6000 aC. C., havia uma população permanente em Mesa Verde, que vivia em casas de barro e madeira. Eles tinham uma vasta rede comercial que se estendia até o Oceano Pacífico.

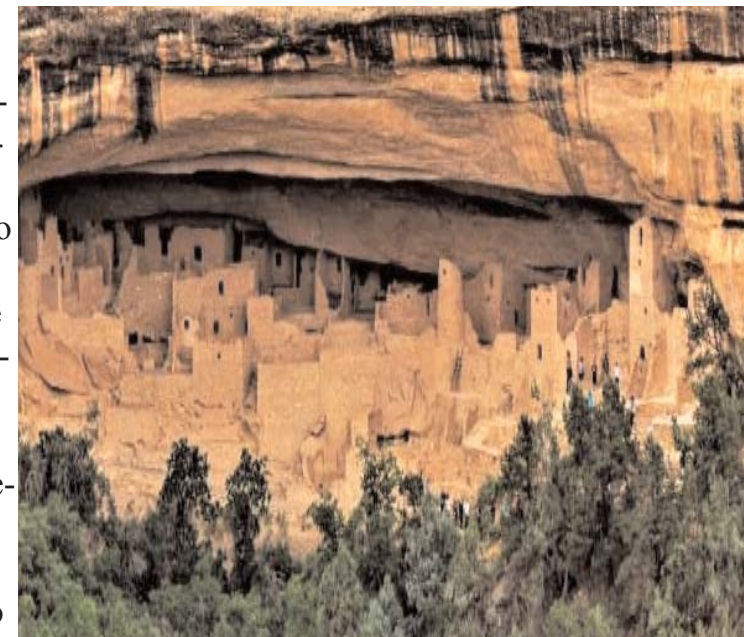
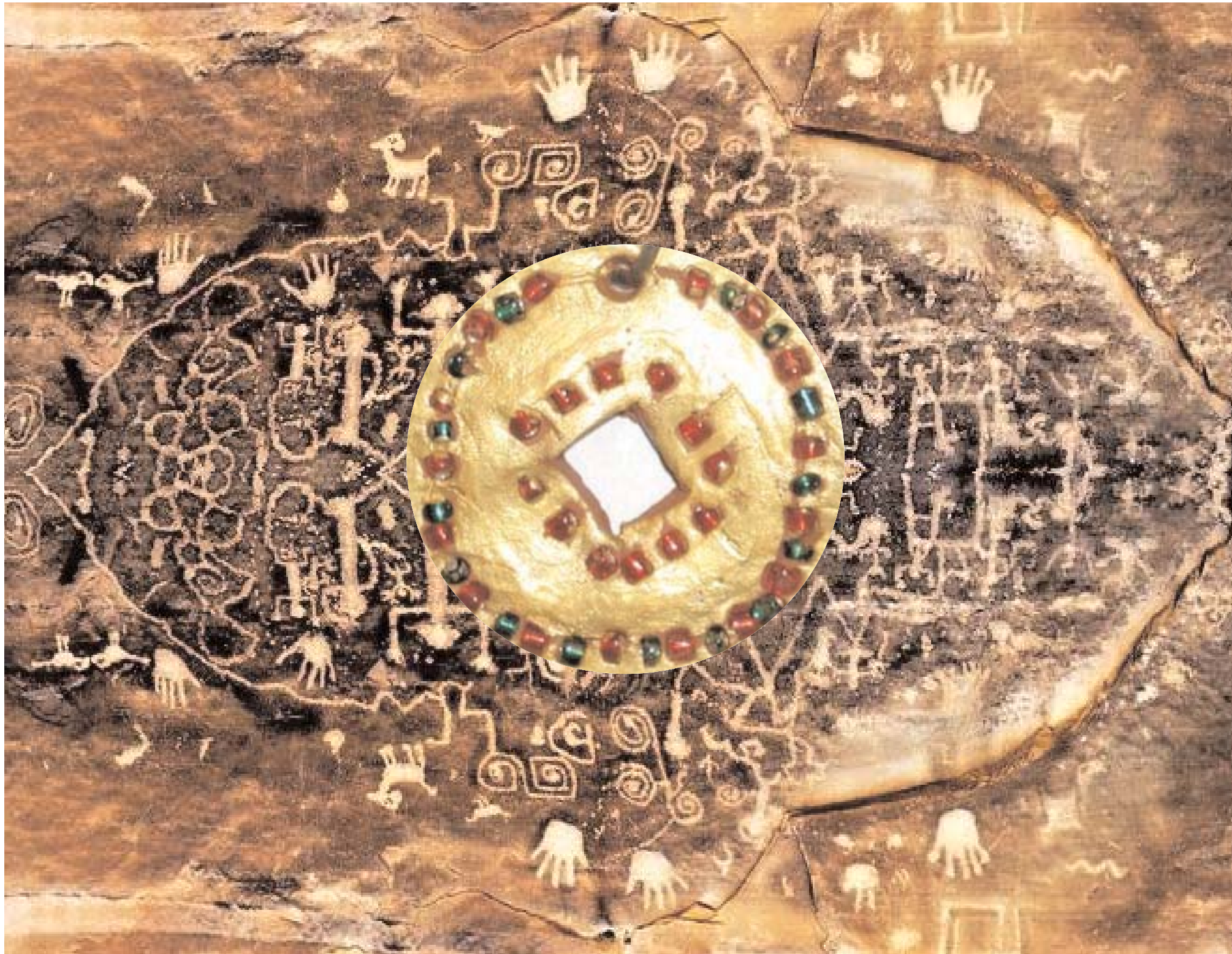
A cultura Basketmaker, que começou por volta de 1000 AC. C., trouxe poços permanentes quando o Basketmaker II começou a se alimentar e cultivar, dependendo menos de fontes de alimentos silvestres e mais de plantações do que eles próprios cultivavam e cultivavam.

Há cerca de 2.000 anos, os vales dos rios dessa região foram ocupados por indígenas nômades que posteriormente adotaram uma vida sedentária. No século VI, por razões ainda desconhecidas, regressaram ao planalto densamente arborizado e às suas gargantas, onde encontraram solos férteis e um bom abastecimento de água. O local foi abandonado no século XIV.

Os vestígios bem preservados de Mesa Verde consistem em habitações em cavernas dos índios Anasazi. Isso inclui casas de poço no planalto e moradias em penhascos nas laterais dos desfiladeiros, casas de adobe ou de pedra de vários andares construídas em torno de uma praça central (aldeias) e locais de culto. (kivas).

No final da era da cestaria, por volta de 700 DC, a população de Mesa Verde pode ter aumentado para 1.500. Eles haviam trazido feijão e milho e estavam construindo grandes edifícios no terreno.

750 DC é geralmente considerado o início do período Pueblo, um período que durou até cerca de 1300 DC, quando Mesa Verde foi abandonada. Durante esse tempo, eles construíram vilas e kivas, aumentando sua capacidade de armazenamento de alimentos e sua própria densidade populacional.

A arquitetura de Mesa Verde foi fortemente influenciada pelo sistema Chacoan (nativo do Chaco Canyon ao sul), com edifícios de alvenaria de estilo Chaco, como a Far View House que apareceu por volta do século 11 DC teve um impacto profundo na arquitetura do século 19. XIII dC Foi nessa época que alguns dos edifícios mais elaborados de Mesa Verde foram construídos - estruturas maciças de vários andares como o Cliff Palace, o mais alto de todos.

DAKOTA, Indian

Confederação de tribos norte-americanas cujo nome significa "aliados" e que foram chamados de Sioux pela redução da tradução do nome Ojibwa Nadouessioux. Existem três grupos principais em Dakota, que se distinguem por seu dialeto e história. Os Santee ou Dakota do Leste (seus descendentes eram 16.000 em 2004), a quem as outras tribos chamaram de Dakota, formaram o primeiro deles e incluíam os Mdewkanton, Wahpeton, Wahpekute e Sisseton: estabelecidos antes de 1650 na região do Lago Superior, eles viviam colhendo arroz e feijão selvagem, caça de veados e bisões, e os produtos da pesca submarina de canoas; em guerra com os Ojibwa, eles tiveram que migrar para o sul e oeste do atual Minnesota. O segundo grupo, os Yanktons (7.200 em 2004), chamados de Nakota pelos outros índios Dakota, se dividiram em Yankton propriamente dito e Yanktonai; como o terceiro grupo, os Tetons (quase 76.000 em 2004), foram expulsos de Minnesota e se estabeleceram na atual Dakota; Eles adotaram o modo de vida dos índios das planícies (seus vizinhos eram os Ravens, os Cheyenne, os Ponca e os Omaha) e abandonaram sua agricultura e cerâmica tradicionais. Estabelecidos mais a oeste e em contato com os Ravens, Cheyenne e Arikara, os Tetons, também chamados de Lakota, se dividiam em sete bandas: Sihasapa ou Pieds-Noirs, Brûlé, Hunkpapa, Miniconjou, Oglala, Sans-Arcs e Dois -Kettle o Oohenonpa.

Culturalmente próximos de outros índios das planícies, os Dakota viviam em uma tenda (a palavra está na língua deles); Como em grupos étnicos vizinhos, façanhas de guerra, como pegar cavalos ou escalpos, conferiam prestígio e status social a seus autores. A guerra e o sobrenatural estavam intimamente relacionados: se um índio visse certos desenhos durante uma visão, ele os pintaria em seu escudo para se proteger.

SIOUX

Os índios das planícies da América do Norte, os Sioux (um nome de origem depreciativo que agrupa três tribos que se autodenominam Dakota, Lakota e Nakota) pertencem à família das línguas Sioux, que inclui: Assiniboin, Crow, Dakota, Hidatsa, Iowa, Kansa, Mandan, Missouri, Omaha, Osage, Oto e Ponca. Os Sioux eram principalmente caçadores de búfalos. Algumas tribos do leste e do sul cultivavam milho e colhiam arroz selvagem. Antes da introdução do cavalo em 1740, que transformou suas vidas, os Sioux costumavam mudar seu acampamento de cães atrelados para Travois.

A banda, formada por várias linhagens, constituía a unidade social básica; ele vivia sob a direção de um chefe hereditário ou eleito, assistido por um conselho de anciãos. Quando as bandas se reuniam em certas ocasiões, as tendas formavam um círculo ao redor da tenda do conselho. A organização política nunca foi centralizada; por outro lado, muitas vezes havia uma força policial composta por membros de sociedades militares e rituais. A importância de um homem era medida por suas façanhas de guerra. Você tinha que comandar uma expedição de guerra, roubar um cavalo de um acampamento inimigo, matar um inimigo ou, melhor ainda, desarmá-lo ou atacá-lo. Para lembrar suas façanhas, os Sioux usaram pictogramas que desenharam em vestidos de búfalo ou em sua tenda.

Como outros índios das planícies, a essência da vida religiosa Sioux era encontrar um protetor sobrenatural. Para fazer isso, os jovens tiveram que jejuar e orar e até mesmo se torturar em um lugar solitário para ter uma visão. Em geral, o iniciado mantinha um objeto que servia de talismã. A Dança do Sol foi sua cerimônia mais importante. Isso foi suprimido em 1881 pelos brancos devido a "seus aspectos desumanos".

Peau peinte racontant les exploits d'un chef sioux ou mandan lors de guerres entre Arikara, Sioux et Mandan, région de Plaines. Cape d'apparat, vers 1800-1830, région des Plaines. Le travail des peaux est réservé aux femmes. La peau de bison était tendue puis raclée. Avant d'être tannée, enduite, et peinte avec des pigments. Les motifs rappellent les peintures rupestres.
Source : http://philippebourgoinarttribal.com/2014/05/07/indiens-des-plaines/

O sudoeste

Uma região de desertos áridos, vales de rios verdes e montanhas altas e íngremes com picos nevados, o sudoeste é amplamente delimitado pelos atuais estados do Novo México e Arizona, bem como pelas regiões do norte do México. com pequenas extensões no Texas, Utah e Colorado. Podemos distinguir quatro grupos tribais principais: os povos, os navajos, os apaches e os cultivadores do deserto.

Tribos

Embora existam traços claros de habitação humana que datam de menos 12.000 anos, está no século 1 aC. AD Mesaverde que surge a civilização Anasazi, que foi a primeira a construir essas "aldeias" fabulosas, aldeias labirínticas de casas cúbicas aninhadas e embutidas em vastas cavernas. No século 13, os Anasazis absorveram a cultura dos Mogollons. Eles perpetuam o artesanato dessas primeiras tribos, especialmente cerâmica e tecelagem, mas também mosaicos e esculturas. A cultura dos povos conhecidos não floresceu plenamente até cerca de 900 DC. Nesta data, essas tribos, os "Pueblos", os "Pimas", os "Papagos", os "Hopis" e os "Zuñis", - que eram os descendentes dos antigos Anasazis (nome Navajo que significa "Anciões"), dos grupos étnicos Hohokam e Mogollon, compartilharam a mesma cultura em vários graus. Por exemplo, cultivavam feijão, abóbora, milho de várias cores, algodão e fumo, antes da aridez adotaram as técnicas de irrigação de seus predecessores (Anasazi, Hohokam e Mogollons), e a criação de perus. . Eles produziram belas cerâmicas retorcidas, polidas e pintadas, enquanto seus trajes consistiam em cobertores e outras peças de roupa que eram tecidas em altos teares verticais. Eles também abandonaram seu estilo inicial de moradias em cavernas e casas semi-enterradas (para escapar do calor opressor), os Pueblos construíram vastas moradias comunitárias em adobe gesso, enquanto os Pimas ergueram edifícios em forma de pedra. cúpula e telhado de colmo, de postes, arbustos e terra, cuja porta sempre voltada para o leste.

Por volta de 1400 outras cidades chegaram do norte. Esses povos, de origem lingüística Athabaskan, são conhecidos hoje pelos nomes de Navajo e Apaches. Toda uma série de cidades ao longo do Vale do Rio Grande foram abandonadas pelo medo inspiradas pelos Navajos e Apaches, que gradualmente se infiltraram no sudoeste, onde se tornaram semi-nômades. Os navajos viviam principalmente em hogans cobertos de terra, enquanto os apaches se refugiavam sob os wuckiups, uma espécie de arbusto frequentemente coberto com palha de grama de urso. Essas chegadas posteriores adotaram muito da cultura do sudoeste, mas com a aquisição de ovelhas, introduzidas pelos espanhóis, os navajos logo substituíram o algodão pela lã. Eles se tornaram tecelões de mantas experientes e mais tarde, na década de 1850, os mexicanos os introduziram na arte de trabalhar a prata, que eles associaram à turquesa da região para criar joias finas altamente cobiçadas. A Reserva Indígena Navajo do Sudoeste está atualmente localizada no nordeste do Arizona e agora é a maior dos Estados Unidos.

Quanto aos apaches, excelentes e formidáveis guerreiros, nômades, eles lutaram contra os navajos e caçaram. Os apaches foram uma das tribos que mais resistiram à invasão americana antes de serem finalmente derrotados.

The Grand Bassin

À medida que se desce para o sul, o planalto encontra a Grande Bacia, a magnitude e a importância dos rios diminuem gradualmente e nas regiões agora chamadas de Utah e Nevada, o "País dos Sagebrush", os desertos de gramíneas e matagais dominam. O Colorado atravessa esse território de norte a sul antes de chegar às profundezas do Grand Canyon.

Sul de Utah e Nevada

É aqui que o Grande Lago Salgado, o Grand Canyon do Colorado e o Vale da Morte se encontram. Esses nomes não evocam uma terra de fartura ou uma terra de fartura. O cavalo permitia movimentos rápidos, facilitava a caça aos búfalos e as trocas entre as tribos. Os cheyenne transformaram sua tradicional cabana na famosa tenda, que bastava para desmontar e puxar um cavalo em um travois para se locomover. Com a chegada do cavalo, muitos povos abandonaram a agricultura para caçar búfalos. O cavalo foi a melhor coisa que aconteceu aos índios das planícies daquela época.

Tribos puramente nômades como os Black-Foot, Sioux (Lakotas) e Comanches, bem abastecidos com cavalos, cruzaram as Planícies em busca do bisão e veado que lhes permitia comer, vestir-se (mocassins de couro) e ficar. em tendas.

Outras tribos, como os Mandans, Pawnees e Omahas viviam no que é chamado de "alojamentos" de terra e usavam a tenda durante expedições de caça nas planícies. Esses povos foram classificados como os índios mais ricos da América, e a riqueza é avaliada pela quantidade de alimentos disponíveis: carne de búfalo, vegetais silvestres e frutas vermelhas, por exemplo.

Mitologia

Nesta sociedade, os homens imploravam aos Espíritos associados aos animais e ao Céu, dos quais o Sol era o poder supremo, embora as Estrelas da Manhã e da Noite fossem de particular importância para os Cheyenne e Pawnee, respectivamente.

Todos acreditavam na existência de uma força que penetrava toda a natureza e podia fazer o homem, o animal ou a planta transbordar de poderes. As cerimônias das planícies eram invariavelmente descritas em termos de contos mitológicos. Esses mitos geralmente se referiam à origem do homem e da terra, aos heróis e à topografia. Esses mitos eram frequentemente apresentados em cerimônias complexas, de modo que permaneceram praticamente inalterados ou por gerações sucessivas.

Diante do avanço inexorável dos pioneiros brancos, as tribos das planícies foram obrigadas a travar guerras incessantes, o que não impediu a colonização de seu território. Após a derrota dos índios e o extermínio do bisão, a Planície viu a chegada de enormes rebanhos de vacas e depois ovelhas.

POVOS DO SUDESTE AMERINDIANO

Na época, o sudeste dos Estados Unidos era povoado por grupos nômades paleo-indianos que se estabeleceram após a última era glacial. Paleo-índios ou Paleo-americanos viveram na América no final do Pleistoceno, durante o último período pré-histórico do Paleolítico Médio e durante o Paleolítico Superior. Descobertas recentes permitem-nos dizer que eles também conheceram a última idade do gelo, bem como o início do período pré-histórico do Neolítico ao Holoceno.
O clima subtropical permite o cultivo de milho, batata e abóbora, mas também a colheita de batata-doce, banana e cana-de-açúcar. Eles também cultivavam plantas medicinais e tabaco.
Os nomes dados aos meses do ano por alguns povos indígenas (veado, urso, peru ... morango, milho, melão, arroz selvagem) sugerem que havia uma diversidade de espécies de caça e plantas ao seu alcance.

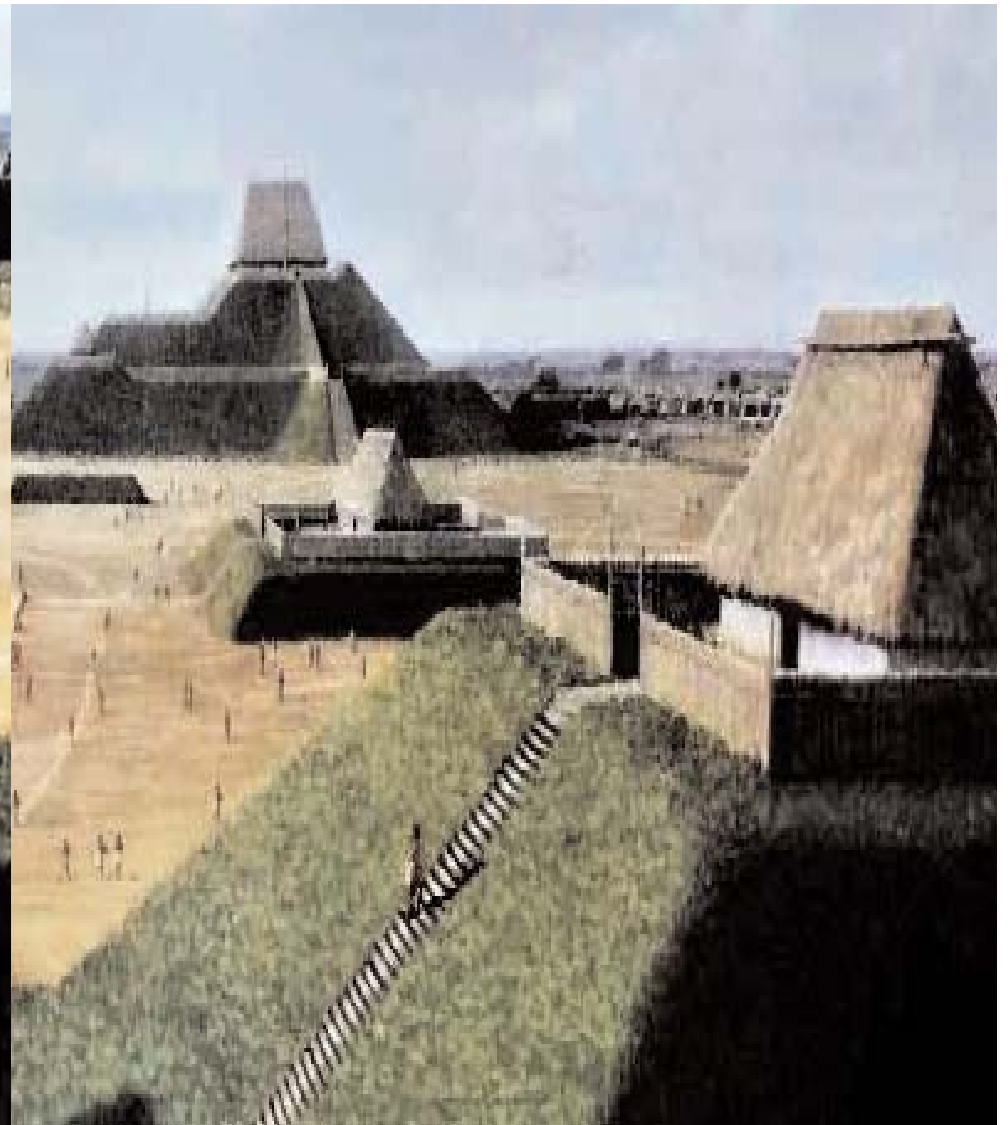
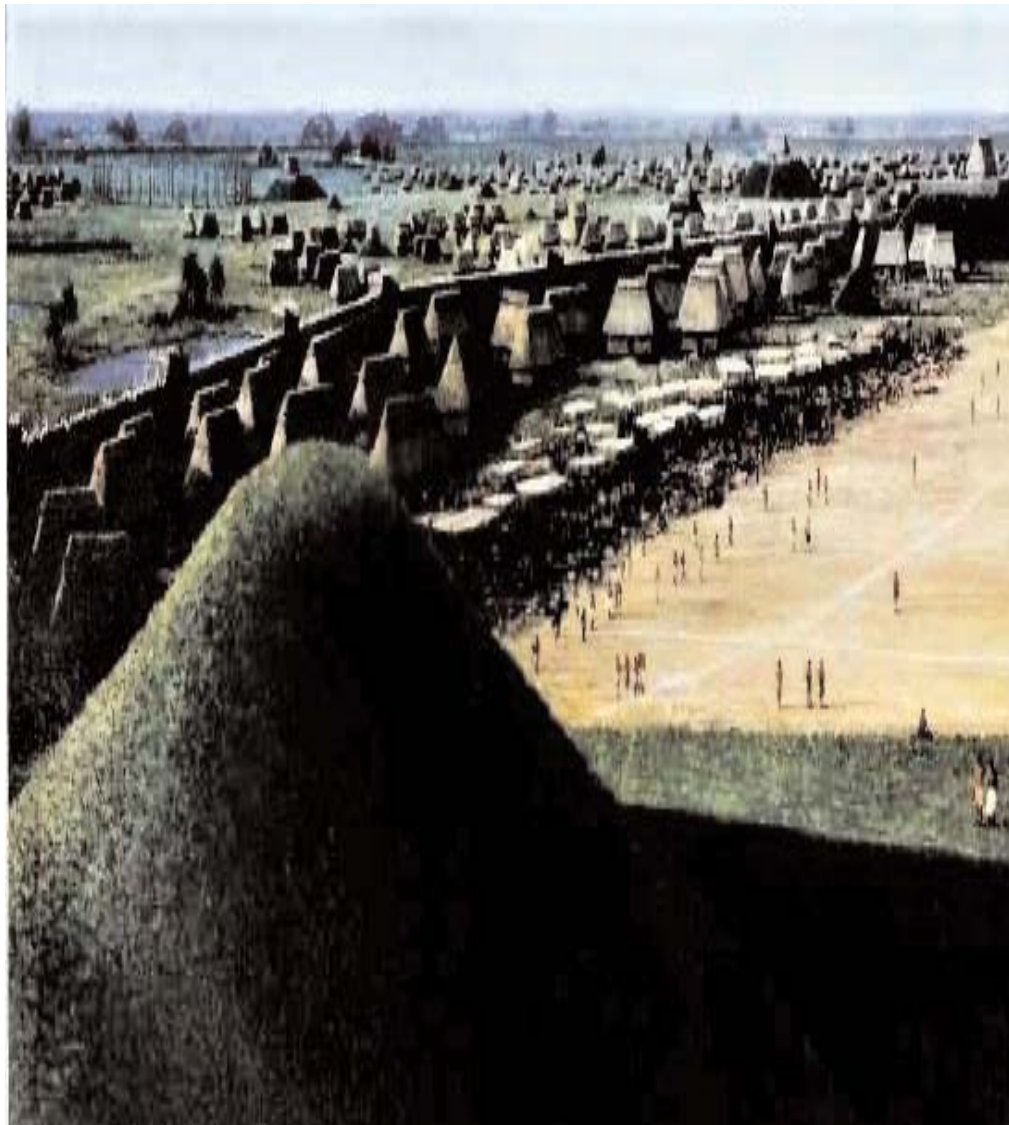
As áreas localizadas no sul de Ohio e ao redor do Golfo do México se beneficiam de um ambiente favorável para a agricultura e abundante vida selvagem.

As casas adotam uma planta retangular, são rebocadas com barro no verão. No inverno, as cabanas cônicas semienterradas servem de abrigo. Nas regiões do sul, os nativos americanos vivem quase nus em cabanas leves cobertas por palmeiras.

Mitologia
Como a maioria das tribos caçadoras, os índios do Sudeste acreditavam em muitos espíritos de animais e plantas, que eles acreditavam incorporar uma força misteriosa que permeou toda a natureza. Acima reinavam os Espíritos do ar e da terra, dominados por aquele que chamavam de Mestre da Respiração. As colheitas foram acompanhadas por numerosas cerimônias; a dança do milho verde foi uma das mais importantes e marcou o final do ano.

Streams
Era a nação mais poderosa do sudeste dos Estados Unidos. Os riachos fazem parte das cinco tribos ditas civilizadas.
Eles são chamados de muskogee ou muscogee, que escrevem mvskoke.

Idioma: fluxo (mvskoke) da família de línguas Muskogeanas

Eles foram divididos em dois grupos: Georgia, Alabama
- O muskogee (riachos superiores) ao norte do território do riacho
- Os riachos (Hichiti e Alabama), com as mesmas tradições, mas com dialetos diferentes.

Os Creeks são provavelmente descendentes dos construtores de montículos da civilização do Mississippi, relacionados com o Utinahica do sul da Geórgia. Mais como uma confederação solta do que como uma única tribo, os Muscogees viviam em aldeias independentes no vale do rio dos dias atuais na Geórgia e no Alabama. Eles eram formados por muitos grupos étnicos que falavam várias línguas diferentes. Comerciantes britânicos na Carolina do Sul chamavam aqueles que viviam ao longo do rio Ocmulgee de "Creek"; mais tarde o nome foi aplicado a todos os nativos da região.

Estilo de vida

A confederação do ribeiro denominado "Italva" era composta por cerca de cinquenta cidades com vilas satélites, cada cidade tinha os seus chefes eleitos, o "micco", assistido por um conselho de anciãos. Tribos como os Mobiles, Alabamas e Coushattas estavam ligados à confederação dos riachos. A cidade tinha todas as características de uma cidade real, com sua vasta praça rodeada de edifícios comunitários em cujo centro ardia constantemente um incêndio. Houve um jogo de bola onde você pode dançar e se apresentar. Cada casa era composta por pequenos edifícios: cozinha, sala de reuniões, quartos, armazém, tudo à volta de um pátio interior e um jardim cultivado por mulheres. As casas eram retangulares, as paredes de gesso, o telhado de duas águas coberto de palha.

As cidades foram divididas em dois grupos:

- As aldeias brancas que eram usadas para cerimônias de paz.
- As aldeias vermelhas que eram usadas para cerimônias de guerra.

Algumas cidades tinham um templo, um edifício com telhado de palha em forma de cúpula construído em um monte de 2,5 metros de altura. A caça e a pesca eram de menor importância uma vez que a agricultura foi adotada. Os homens trabalhavam nos campos, até mesmo os patrões fora do tempo de guerra. Parte da colheita foi destinada ao abastecimento da família e o restante a celeiros coletivos. As reservas serviam para alimentar os guerreiros, os hóspedes, os necessitados ou em caso de fome. Os campos estavam localizados ao redor da cidade, eram comunitários: plantações de milho, feijão, abóbora, abóbora, batata-doce, melão, girassóis.

A linhagem materna e o papel do tio.

Os riachos eram matrilineares: as crianças pertenciam ao clã de suas mães. Se as relações familiares eram importantes, era sobretudo a pertença a um clã (uma aliança de famílias) que determinava um indivíduo. Os clãs eram matrilineares, o que significa que a participação em um clã era determinada pela mãe. E dentro de um clã de riacho, por exemplo, muitas vezes era o tio materno (irmão da mãe) que desempenhava o papel de guardião e modelo para uma criança do sexo masculino. Os homens do riacho governavam cidades, trocavam e participavam de guerras. As mulheres cuidavam das crianças e preparavam as refeições.

Os riachos, como outras tribos civilizadas, tinham escravos negros que eram carregados para todos os lugares. Em 1860, a população do riacho era de 9,5% de escravos negros. Sob pressão de seus parceiros comerciais do sul, o Grande Conselho emitiu seu primeiro código sobre a escravidão em 8 de maio de 1859.

No entanto, eles eram mais relaxados do que os do sul. Se o menino de Black and a Creek pode reivindicar a cidadania, a união de um Creek e de um Black está condenada. Essa nuance se explica pela primazia dada à filiação matrilinear.

AS CERIMÔNIAS

Havia muitos deles, muitas vezes relacionados à agricultura. O Festival do Milho Verde aconteceu em agosto, com promessa de safra futura em outubro. Ritual de renovação, todos passaram a limpar e consertar as casas. Então, depois de um período de juventude, houve uma grande festa onde se provaram milho novo e veado. O fogo sagrado foi aceso e cada casa veio acender seu fogo. Danças, jogos de bola completavam a festa. Depois, a purificação no rio acabou com esta festa, fazendo com que fosse possível esquecer as lutas e ofensas.

A existência de patentes era de grande importância na vida social. A classificação era atribuída com base no mérito (destreza na guerra) ou sabedoria, mas não no nascimento.

Chefe Mc Gillivray: em 1776 durante a revolta Cherokee, alguns guerreiros Creek liderados pelo Chefe Mc Gillivray trouxeram sua ajuda aos Cherokees liderados por Dragging Canoe e seus "chickamuagas" resistirão até 1788. Os Estados Unidos que conquistaram a independência de seu país querem punir os riachos que não os apoiaram contra os ingleses. Com a ajuda de um "tratado" assinado em 1730, eles se apoderam das terras dos gregos e colonos ali se estabeleceram ilegalmente. Mac Gillivray consegue expulsar os colonos pacificamente, então pede proteção a George Washington contra invasão, que não a fornece e até envia um agente para espionar os riachos. McGillivray trabalhou para a ascensão do nacionalismo Creek e a centralização do poder Creek lutando contra os chefes de aldeia que venderam terras individualmente para os Estados Unidos.

CHEROKEE

Originalmente cultivadores / caçadores. Sua capital no século 18: Echota. É aqui que o Grande Conselho da Nação Cherokee se reúne. Havia cerca de 60 vilarejos em torno da capital. Os etnologistas estimam que existam entre 5 e 7 milhões de descendentes de Cherokee.

Seu nome Cherokee: ah-ni-uy-wi-ya
O nome que eles se dão: tsalagi
Idioma: Cherokee (idioma iroquês)

Cada aldeia é administrada por dois chefes:
- Um homem branco que se autodenomina " o mais amado" e que pode ser mulher. Trata de assuntos cívicos, justiça e cerimônias religiosas.
- Um tinto que trata de temas relacionados à guerra e ao jogo de lacrosse.

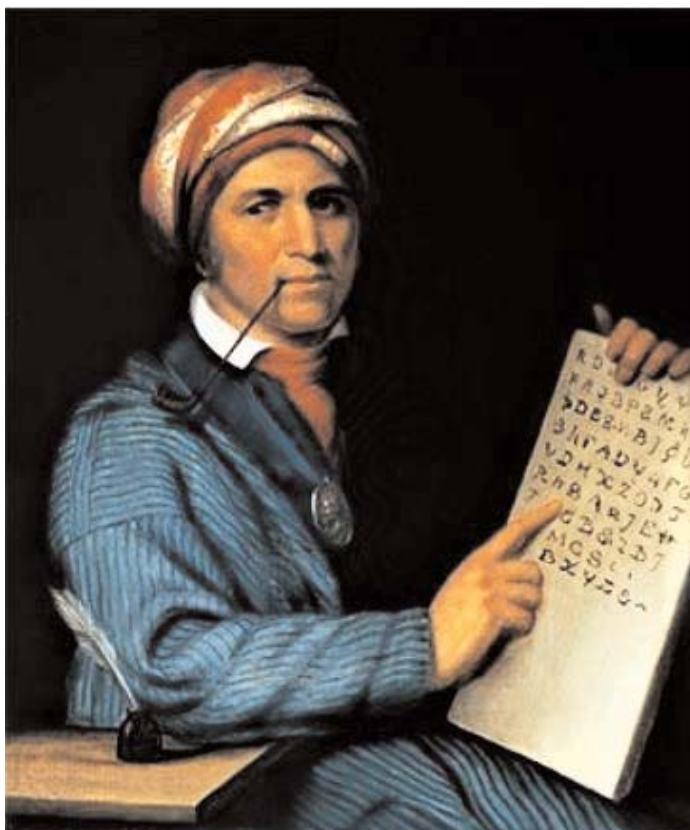
Uma guerreira acompanhava os guerreiros para dar-lhes assistência e conselhos e para decidir o destino dos prisioneiros.

La sociedad está organizada en siete clanes matrilineales divididos en 12 grupos de guerra y paz.

Alguns pertenciam ao grupo de meio-paz, outros ao grupo de meio-guerra. A família matrilinear é um sistema de filiação em que cada um pertence à linhagem de sua mãe. Isso significa que a transmissão, por herança, de bens, sobrenomes e títulos passa pela linhagem feminina.

Quando ocorreu o primeiro cruzamento, as crianças nascidas de uma união entre Cherokee e mulheres não indianas eram consideradas totalmente Cherokee e não mestiças, em oposição aos filhos nascidos de um pai Cherokee e uma mulher branca. .
Quando um membro de um clã era culpado de assassinar uma pessoa de outro clã, a lei do sangue exigia vingança (lei da vingança) para restaurar a harmonia entre os clãs.

Os laços de sangue foram fortalecidos com a teoria da procriação Cherokee, segundo a qual a mulher fornece sangue e carne ao feto enquanto o pai, por meio do esperma, constrói o esqueleto.

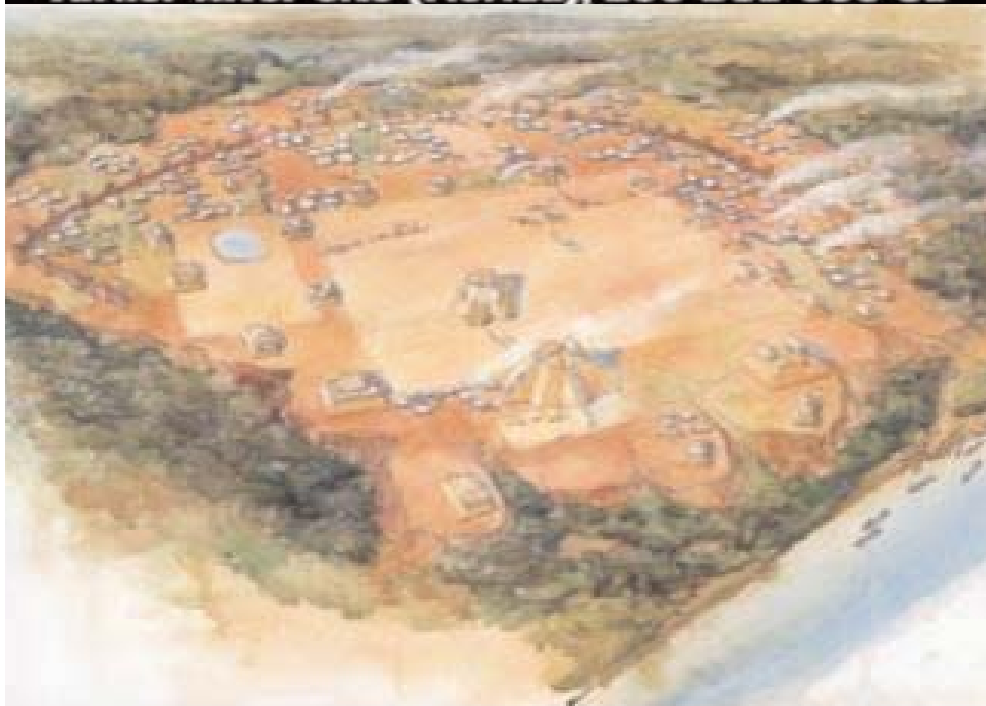
Como ourives, Sequoyah está em contato com a população branca. Em 1809, ele assistiu à instalação de uma impressora operada pelos brancos, que havia caído após saquear nas mãos dos Cherokees. Convencido de que o branco deve sua força à capacidade de ler e escrever, ele inventou um alfabeto que permitia transcrever as 86 sílabas do dialeto cherokee. Para isso, ele reaproveita as principais letras latinas encontradas na imprensa, às vezes virando-as de lado ou de cabeça para baixo. Esta invenção representa doze anos de trabalho para ele. Depois de alguma resistência, esse alfabeto foi oficialmente adotado pela nação Cherokee em 1825.

Em 1828, apareceu o primeiro jornal, parcialmente escrito na língua Cherokee, o "Cherokee Phoenix". Em seguida, siga outros jornais que usam esse alfabeto, que ainda é usado hoje. Esta criação é uma das realizações intelectuais mais impressionantes de um único homem. Posteriormente, enquanto continuava a disseminar seu alfabeto, Sequoyah empreendeu o projeto de um alfabeto universal para todas as tribos nativas americanas e trabalhou para reunir os dispersos Cherokees. Ele morreu durante uma viagem ao México.

Desde o início da escravidão, o destino das tribos indígenas do sudeste dos Estados Unidos se confundiu com o dos escravos. Acontece que os laços entre os índios e os que fogem de suas correntes se tornam tão estreitos, que os mestres brancos se preocupam com eles e tomam o cuidado de separá-los. Também acontece que os africanos não fazem nada além de cair de uma servidão em outra. Porque algumas tribos entendem rapidamente todo o interesse econômico que podem derivar dessa força de trabalho.

Em um censo da população dos Estados Unidos, descobriu-se que em 1860 várias tribos do sul tinham milhares de escravos; os Cherokees, por exemplo, tinham 2.504 escravos para 354 proprietários (até 50 para um único proprietário).

Em 1825, os 13.563 Cherokees possuíam 1.217 escravos
Em 1835, estimava-se que 10% dos Cherokee eram ancestrais africanos.

Turner River Site (Florida), 200 BCE-900 CE

Cofitachequi (South Carolina), 1300-1700 CE

Moundville (Alabama), 1100-1450 CE

Spiro Mounds (Oklahoma), 900-1450 CE

SEMINOLES

Povos Indígenas da Flórida e Oklahoma que fazem parte dos Povos Indígenas do sudeste dos Estados Unidos. Gente de fazendeiros, criadores, caçadores, coletores.

O nome vem da formação da palavra "simano-li" na língua "muskoke", (língua do riacho) que se traduz como cimarron em espanhol e pode ser interpretado pelos termos "selvagem, fugindo". Cimarron também deu o nome aos escravos negros em fuga, os quilombolas ou os negros granada.

Esta tribo heterogênea consistia principalmente de Lower Georgia Creek, Mikasuki de língua Muskogee e escravos marrons fugitivos afro-americanos, alguns americanos brancos e índios de outras tribos.

Um grupo de falantes do Hitchiti, os Mikasukis, estabeleceu-se ao redor do que hoje é conhecido como Lago Miccosukee, perto de Tallahassee. Outro grupo de falantes do Hitchiti liderado pelo Chefe dos Cowboys se estabeleceu no que hoje é o condado de Alachua, uma área onde os espanhóis mantinham fazendas de gado (fazendas) no século XVII. Uma das mais conhecidas se chamava "Rancho de la Chua", e a área recebeu o nome de "Pradera Alachua".

Outros grupos que viveram na Flórida durante a época das Guerras Seminoles incluíam os Yuchis, índios espanhóis, assim chamados porque na época eram considerados descendentes dos Calusas, bem como dos índios do Rancho, que viviam em vilas de pescadores no costas da Flórida.

Os escravos que conseguiram fugir das plantações dos colonos britânicos chegaram à Flórida espanhola e ficaram livres. As autoridades espanholas deram-lhes as boas-vindas permitindo-lhes que se instalassem na sua própria aldeia em Fort Mose e mobilizaram-nos, se necessário, na milícia encarregada de defender a cidade. Outros escravos fugidos partiram para se juntar aos vários grupos Seminole, fugindo de todo contato. com o homem branco e então se tornaram seus escravos ou membros plenos da tribo. Cerca de dois mil negros vivem entre os tradicionalistas Seminole, escravos que fugiram das plantações da Geórgia.

Os negros que permaneceram com os Seminoles e se integraram às tribos e aos seus costumes, às vezes casando-se com suas filhas, são chamados de "os Seminoles negros", formando assim uma aliança multiétnica e birracial. Esses bravos homens que, para conquistar sua liberdade, arriscaram enormemente para escapar, são recebidos pelos indígenas que os integram em sua sociedade, não como escravos, mas como homens livres. Escravos fugitivos colocam seu conhecimento do mundo branco a serviço de seus irmãos índios. Alguns ajudam na agricultura, pecuária, artesanato. Muitos participam com os guerreiros indígenas na defesa de sua nova cidade. Alguns deles até se tornaram líderes tribais importantes e outros se tornaram senhores da guerra. As condições impostas pelo tratado de Payne Landing aos negros que vivem como homens livres entre os índios darão aos Seminoles mais um motivo para resistir. Espera-se que todos os negros fugidos, mesmo por muitos anos, partindo para o Ocidente, sejam separados dos índios e devolvidos aos seus "legítimos" donos. Os Seminoles não podem aceitar tal condição que dilacera suas famílias e sua sociedade, especialmente quando eles aprendem que uma cláusula, mantida em segredo por algum tempo, prevê a escravização de todos os Seminoles mestiços com "sangue negro".

Ignoramos completamente a escravidão dos índios do sudeste. De fato, do século XVI até meados do século XIX, a maioria dos índios feitos prisioneiros, principalmente mulheres e crianças, mais fáceis de subjugar que os homens, foram sistematicamente reduzidos à escravidão. O preço de venda cobriu os custos das expedições militares. Os índios eram frequentemente enviados para as Índias Ocidentais, até mesmo para a Europa, para que não aproveitassem seu conhecimento do país para fugir.

A Cannow.

Habitação tradicional

As aldeias são pequenas e dispersas, a sociedade é organizada em um sistema de bandas autônomas em torno de clãs familiares. As aldeias costumam ser construídas em diques de terra no meio dos pântanos, chamados de "redes". A casa chamada "chickee" é uma construção leve e arejada coberta de palmeiras ou galhos de cipreste, adaptada a regiões úmidas, lembrando os carabóis dos índios da Guiana.

No centro da cidade há um chickee de cozinha onde cada clã vem para cozinhar juntos. Existem também chickees que servem como quartos, armazéns ou salas de reuniões.

Estilo de vida

Eles caçavam veados, pequenos animais, patos, perus selvagens, lontras, esquilos, tartarugas, crocodilos. Desde o início do século, a caça, além de fornecer-lhes fontes de alimentação, permitia que ganhassem renda com a venda de peles de lontras, guaxinins e crocodilos que seriam utilizadas na confecção de couro. Eles também vendem penas de pássaros coloridas, especialmente garças que vão adornar os chapéus das mulheres.

Agricultura, coleta e pesca

Nesse novo ambiente que é a Flórida, formado por florestas úmidas e densas, eles se esforçam para manter sua agricultura, seus povoados fortificados, seu modo de vida e organização social adaptando-os ao clima. Suas safras habituais eram milho, abóbora, feijão e batata-doce, aos quais logo se adicionaram bananas, abacaxis, cana-de-açúcar, chá e café.

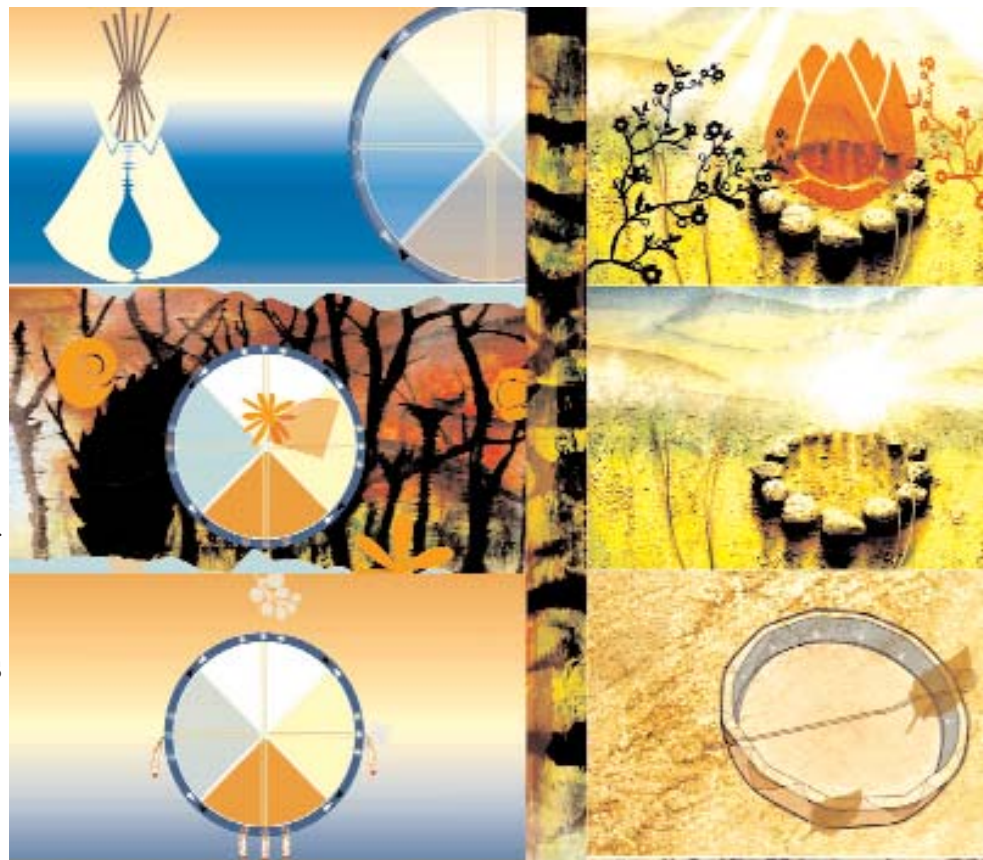
TRADIÇÕES DE VESTIDO

A técnica da "tradição americana" foi ela própria inspirada nas tradições da tribo indígena "Seminole" (antes da chegada dos colonos ao território americano) - difícil de datar com precisão, entre os séculos 18 e 19 - Ele se veste principalmente de peles e decorou suas roupas com faixas costuradas e trançadas de couro tingido com plantas da Geórgia e da Pensilvânia. Durante uma viagem à Flórida em 1830 para assinar um tratado de paz, eles descobriram o tecido industrial de algodão e o incorporaram aos seus costumes. A partir daí, uma vez por ano, os Seminoles subiam o rio até Miami e trocavam suas mercadorias. Trocavam peles de crocodilo ou plumas de garça muito em voga na burguesia americana por rolos de tecido de algodão que tingiam em seu território como faziam com couro.

Sua peculiaridade: fazer tiras de tecido costuradas paralelamente "achatadas", depois cortar transversalmente em vários graus, depois costurar para cima, depois cortar novamente e costurar ... às vezes 7 ou oito vezes, até que uma hábil "montagem sequencial" seja obtida ". o efeito mais agradável. Quatro elementos predominantes caracterizam o patchwork Seminole: as cores contrastantes, a textura das bandas produzidas, o movimento produzido pelos assemblages e o padrão que possui um determinado significado familiar, histórico ou religioso. Cada decoração escreve uma "frase" do épico Seminole. Cada família adota um tipo de "sequência Seminole" como sua assinatura. As mulheres penteavam os cabelos com coques amarrados na testa e usavam muitos colares. Eles usavam saias longas e largas e corpetes com capas. Os homens usavam túnicas soltas com cinto largo, turbante coberto de penas, às vezes devido ao calor, os Seminoles não usavam tecido leve para se vestir e cobriam o corpo com gordura para se proteger. picadas de inseto.

O circulo da vida

Todos os ameríndios do continente americano denunciaram seu controle e também as diversas iniciativas promovidas pelas autoridades para promover sua assimilação. e os métodos usados pelos missionários para encorajar o povo aborígine a abandonar suas crenças tradicionais e abraçar a fé cristã.

O mesmo se aplica à cosmogonia ameríndia que os missionários europeus estão tentando erradicar. Mas do que eles têm medo? Vamos reler estas palavras de Black Elk, oglada shaman, relatadas por TC Mc Luhan em Barefoot on the sagrado ground: "Você percebeu que tudo o que o índio faz é um círculo. É porque o poder do universo também funciona em círculo e tudo tende a ser redondo. (…) O céu é redondo e ouvi dizer que a terra é redonda como uma bola. E todas as estrelas também Quando o vento sopra mais forte, ele forma redemoinhos. Os pássaros fazem seus ninhos em círculo porque têm a mesma religião que nós. Ele se eleva em um círculo e se torna o mesmo. A lua faz o mesmo e as duas são pares. A mudança das estações forma um grande círculo e sempre retorna ao seu ponto de partida. A vida do ser humano descreve um círculo, da infância à infância, e também tudo o que é animado pela força do mundo. Nossas tendas eram redondas como ninhos de pássaros e sempre foram plantadas em círculo, o Anel da Nação, um ninho feito de muitos ninhos onde, segundo a vontade do Grande Espírito, nasceram nossos filhos. " O círculo é o símbolo de uma filosofia que defende a integridade de um modo de vida cujas qua mentiras foram comprovadas por centenas de gerações; enquanto a perda do círculo é uma tragédia da perda de comportamento social dos membros de uma tribo ou aldeia Como não traçar um paralelo entre essas etapas e o simbolismo transcendente e libertador de "Ouroboros", a famosa serpente que "morde o rabo"?

Esta serpente, ao traçar uma forma circular, rompe com uma evolução linear, marca tal mudança que parece emergir em um nível superior do ser, o nível do ser espiritualizado, simbolizado pelo círculo; Assim, transcende o nível da animalidade original, para avançar na direção do impulso mais fundamental da vida; e esta interpretação ascendente é baseada no simbolismo do círculo, a figura da perfeição cósmica.

Esses períodos alternados de expansão e contração, uma espécie de maré cósmica, implicam que a energia é rigorosamente conservada na escala do universo e que seu fluxo de densidade segue um curso cíclico que aumenta e diminui periodicamente ao longo do tempo. . Como a primavera difere em cada ciclo do anterior, essa maré cósmica de energia envolve a renovação de um universo diferente em cada estágio. No mundo do xamanismo, uma ordem única conecta o mundo humano com o mundo cósmico por meio da 'coluna de' 'ouro', uma espécie de interconexão entre os seres vivos naturais e sobrenaturais. A natureza, o homem, os objetos fazem parte da dimensão sagrada da Terra e do Céu.

A cosmologia de inspiração xamânica, ameríndia e inuíte também concebe a presença do Espírito (Isuma) em todas as formas naturais e além de todas as formas. No mundo nativo, não há lugar para o leigo. Toda a vida é sagrada e isso provavelmente explica por que nenhum termo preciso traduz a ideia de religião como a conhecemos. Eles não precisam de Deus, eles não O nomeiam. Eles não são teólogos que estudam o divino porque são o divino, eles são parte integrante dele. O Inuit tinha o maior respeito pelo mundo vivo (nuna). Como todos os caçadores nativos, eles acreditam que o próprio ato de caçar e matar para comer faz parte de um poderoso ritual religioso. "O maior perigo para a vida", disse um inuk de Igluit, "é que o alimento humano é feito inteiramente de almas. Todos os animais que matamos e comemos têm almas que não morrem com o corpo e que devemos apaziguar para que não venham a ti daquilo que tiramos do teu corpo. " Então eu sempre puxei para o mar um pedaço de fígado de morsa ou beluga, seja para beber água fresca à foca morta ou penas de pássaros que ficam presas na neve ou no chão. Essa forma de espiritualidade também. -chamado "polissintetismo" implica que qualquer criatura, como ponto de partida, pode chegar ao Grande Espírito, pois tudo é sua manifestação misteriosa .Este mistério dá às formas naturais um significado místico que associa ordem e harmonia com a beleza que gera.

A noção de respeito também é essencial na cultura Inuit porque, para eles, a falta de respeito por um animal ou humano pode criar dificuldades durante as caças que se aproximam. O termo "qikkutik" também corresponde à vergonha ou arrependimento que uma pessoa pode sentir se não respeitar um animal. A época em que homens e animais falavam não foi há muito tempo. A aliança entre homens e plantas, ar e água era óbvia para todos. Os animais pararam de falar com os homens após as asneiras de caçadores rituais desrespeitosos ou de mulheres que não mantiveram a distância adequada do mundo animal, criando monstros, anões, gigantes, mutantes: os tupilaks. Para eles, seu maior temor vem da certeza de que o não cumprimento das regras da natureza leva ao desaparecimento do ser humano ou ao retorno ao estado animal. Como a maioria das outras sociedades indígenas, eles consideravam viver em harmonia com a natureza sua "arte" suprema.

Este mistério dá às formas naturais um significado místico que associa ordem e harmonia com a beleza que ela gera, mas também significa que um mundo espiritual formidável está lado a lado com a vida humana da qual nos protegemos criando amuletos de proteção. É por isso que os Inuit dos tempos pré-históricos nunca deram uma palavra para arte, porque eles não precisavam dela. Toda a harmonia do cosmos, da terra, incluindo todos os seres vivos, está inscrita no círculo da forma perfeita que gera a vida. Assim, as tendas, os iglus, as casas são ovais como o ovo fértil. Os magos, reunidos para tomar decisões importantes, sentam-se em círculo. Em um círculo, todos são iguais, então só a sabedoria, a verdade, a justiça podem incubar, filosofia muito bem articulada pelo termo miyupimaatisiium: "estar bem de vida".

Levamos vinte e cinco séculos de filosofia ocidental, de método científico, para compreender o respeito metafísico por todas as coisas vivas dos povos primitivos. A partir de então, a modernidade terá criado pragas "que surgem da pretensão do homem de adquirir um conhecimento sobre-humano em nome do qual ele está inclinado a exercer onipotência sobre outros que não sofrem o desafio".

Assim acontecia com os povos arcaicos: em vez de ouvi-los, nós os eliminamos. Os deuses coletivos das antigas religiões associados às noções de povos, nações, territórios, sejam politeístas ou monoteístas, são sinais de identidade de cunho cultural e político. Espiritualmente falando, esses são conceitos errôneos e, como observou o etnólogo de Brosse: "Seria ótimo se os adoradores de gatos vivessem em harmonia com os adoradores de ratos. Em contraste, nas sociedades primitivas, Deus não" porque Deus só existe em relação aos O próprio "eu" em relação à comunidade e ao sentido de toda a sua vida está no esforço de encontrar o seu lugar e inserir-se na totalidade da qual é elemento.

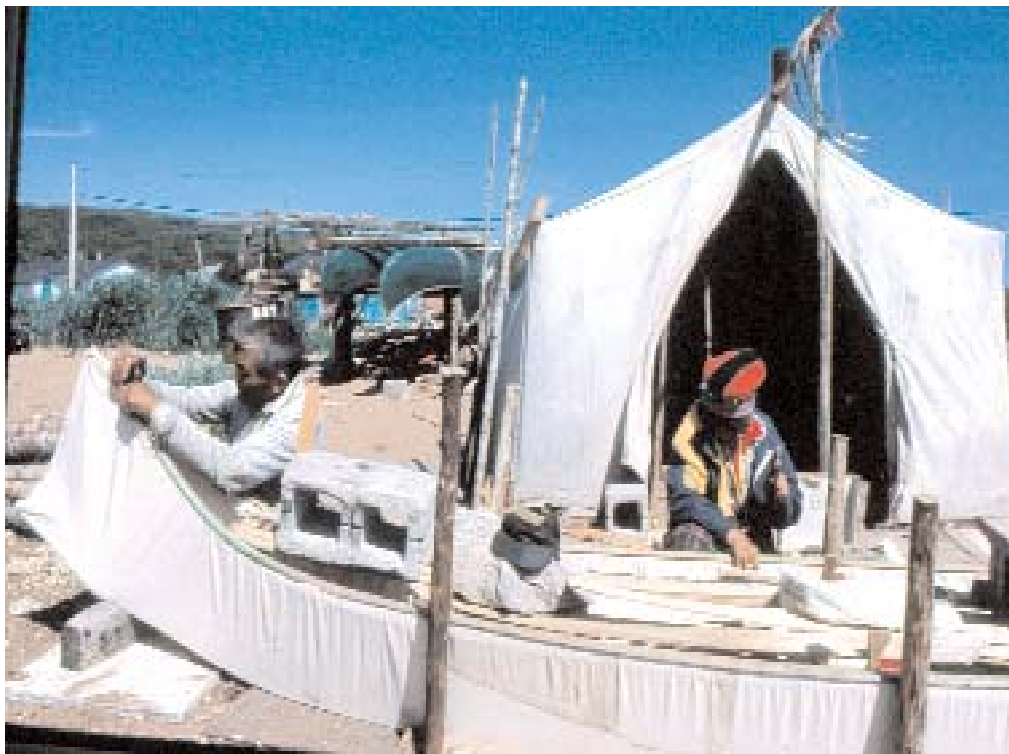
Em vez de unir tudo, fundindo-se racionalmente em um único deus que luta contra outros deuses pagãos, nossos ancestrais Australopithecus intuitivamente sentiram que todas as formas de biodiversidade convergem naturalmente no UM e que todas as manifestações de Deus na matéria, seres e formas, sua "teodiversidade" merece ser respeitado.

Acima de todo o conhecimento escrito, o animismo atesta um grande respeito por todos os seres da natureza, pois cada um teria uma alma que emana do Grande Espírito que é o Universo. Em vez de acreditar em espíritos determinados como os anjos, o animismo enfatiza um "poder" revigorante, misterioso e impessoal presente em todos.

Mais uma vez é importante especificar que o animismo representa uma força, um sopro, um espírito, um "logos" presente em tudo. Na verdade, é uma relação íntima entre o homem e o Universo que não deve ser confundida com o totemismo coletivo onde uma coisa, uma planta, um animal, um ser, são investidos de poderes sobrenaturais. objetivos e políticas sociais e culturais.

Portanto, esta diversidade de níveis de consciência comum a todas as espécies, não importa quão pequena, forma uma Unidade específica para todo o Universo. Assim se perpetua uma concepção do sagrado que associa a ordem cósmica à responsabilidade pessoal pela preservação do equilíbrio, da harmonia da Mãe Terra. Exploradores europeus trouxeram da América histórias de rituais sagrados incríveis: dança do sol (Sioux), hozho (Navajo), busca de harmonia e outros rituais que celebram a renovação cósmica das estações. Sem esquecer a descoberta de montanhas e lagos sagrados, pedras místicas, canções xamânicas com poder curativo. Todo o espaço, seres vivos, plantas, animais, ar, fogo, água, chuva; toda a criação é atravessada pela presença de um poder supremo. É toda a natureza que fala ao homem e lhe revela a grandeza do Grande Espírito, do Grande Manitou que reúne em si a multiplicidade dos sagrados mistérios.

"Ó Grande Espírito, cuja voz se ouve com o vento e que com um sopro anima todo o universo, escuta-me. Sou um dos teus filhos, pequeno e fraco. Preciso da tua ajuda, da tua sabedoria.

Que meus ouvidos estejam atentos à tua voz, que meus olhos contemplem para sempre o esplendor de um sol poente, que minhas mãos respeitem sua criação. Faça-me sábio para aprender o que você ensinou ao meu povo: a lição escondida em cada folha, sob cada pedra. Deus só existe em relação ao próprio "eu" em relação à comunidade e o sentido de toda a sua vida está no esforço de encontrar o seu lugar e inserir-se na totalidade da qual é um elemento.

(...) Esta é uma razão sujeita aos ditames do medo, medos que se agravam há milênios, a pretexto de eliminá-los; Essa razão deve ser definida simplesmente como um fenômeno patológico mórbido; É, literalmente, um motivo que não para de criar novas dores e que obriga o homem a sofrer cada vez mais por si mesmo e pelas consequências de seus atos. (...) Como o homem tem história, ele travou guerras, guerras cada vez mais cruéis e devastadoras. (Alguns estudiosos chegam a afirmar que a guerra é a única religião verdadeira do homem.) Que mais pistas precisam ser adicionadas para poder dizer que ao longo da história a razão ficou mais louca, e o homem que está sempre mais louco? Nada no homem desmascara o animal doente tanto quanto essa hipertrofia ilimitada de medo e violência. "

A sociedade branca cristã ocidental não fica de fora e se apresenta como niilista. Os franceses, cujo racismo contra os norte-africanos e os malgaxes atingiu dimensões repulsivas. Os espanhóis, que massacraram mais de três quartos dos índios sul-americanos com incrível brutalidade, os traficantes de escravos holandeses que escravizaram as populações locais da África do Sul, os italianos que, há apenas meio século, atacaram com rara coragem o gás da Etiópia, um Dos países mais pobres da África, os ingleses que escravizaram e exploraram quase metade do mundo, dispararam repetidamente contra multidões de povos indígenas e colocaram as tribos nativas americanas do Canadá em reservas. Afrikaners brancos que organizavam "festas nativas" onde o jogo era substituído por índios negros.

Genocídio bacteriológico na América do Norte e do Sul
Vírus e bactérias foram os primeiros biótipos de biogênese a aparecer na Terra e serão os últimos a desaparecer. O curso da humanidade está repleto de pandemias e doenças virais e bacteriológicas, provas da peste e do cólera que dizimaram populações inteiras. Mas, pela primeira vez na história da humanidade, os humanos (?) Espalharam doenças intencionalmente para exterminar outros humanos, resultando no genocídio de dezenas de milhões de indígenas nas Américas do Sul e do Norte. Mais tarde, os ameri-

Más tarde, los norteamericanos creerán haber recibido de la "Providencia" la misión de conquistar todo el continente y desarrollarlo para que todos los pueblos indígenas se beneficien de las virtudes de la "civilización". ¡La caza india se convertirá en un deporte nacional para la mayor gloria de Dios!

Luego, después de unos 200 a 300 años de contacto, así como enfermedades como la viruela, la tuberculosis, la escarlatina y el sarampión, todas asociadas con los conflictos armados y la hambruna, diezmarán a la mayoría de estas poblaciones. Un general yanqui dijo una vez que "un buen indio es un indio muerto".

Massacre do Joelho Ferido.

1890 (EUA), 15 de dezembro.
A morte de Touro Sentado. Durante sua prisão pelas autoridades americanas e a luta que se seguiu, Sitting Bull e seu filho Crowfoot são mortos a tiros. O cacique sioux, apelidado de "Touro Sentado", é o símbolo da resistência aos brancos que cobiçavam o ouro de suas terras. Em particular, ele liderou a Batalha de Little Bighorn (25 de junho de 1876), onde o General Custer e o 7º Regimento de Cavalaria foram massacrados.

1890 (EUA) 29 de dezembro
Em Dakota do Sul, quase 400 índios Sioux, a maioria mulheres e crianças, são exterminados pelas tropas americanas. O Massacre do Joelho Ferido acaba com as guerras indígenas que assolaram a América do Norte desde o início da colonização branca no século 17. Portanto, os brancos declararam a conquista dos territórios ocidentais concluída. Os índios da América do Norte foram conduzidos a reservas e sua caça principal desapareceu, os bisões são abatidos sob incentivos do governo federal.

Estes últimos morreram de fome (bônus pela matança de bisões), despojados de suas terras pela violência e engano (descumprimento dos acordos firmados) e privados da liberdade de culto, bem como do direito de falar suas línguas. Essa política costuma ser chamada de etnocídio.

La mort du chef Big Foot et le massacre de sa tribu à Wounded Knee marqua la fin des guerres amérindiennes contre les Yankee.

O declínio demográfico dos índios americanos se deve às epidemias, a mais conhecida das quais é a varíola. Não podemos chamar de "genocídio" o fato de uma população ter sido destruída por uma pandemia (uma pandemia que afetou também brancos, oito milhões de europeus e asiáticos mortos pela varíola enquanto as tribos, muito menos numerosas, estavam contaminadas). "Nas Américas, as doenças que infectaram os europeus se espalharam de tribo em tribo, viajando muito mais rápido do que os próprios europeus. Estima-se que 95% da população nativa americana pré-colombiana, as tribos mais populosas e as sociedades mais bem organizadas da América do Norte, as sociedades que viviam ao norte do Mississippi desapareceram entre 1492 e 1600, antes mesmo de os europeus se estabelecerem no Mississippi.

De acordo com o Dr. Jared Diamond (Universidade da Califórnia), Guns, Germs, and Steel: The Fates of Human Societies, WW Norton, 1997 (Prêmio Pulitzer de Melhor Livro de Ciências), páginas 78, 374: Estas são certamente as condições de (ruim) vidas que limitaram a expansão das tribos. Essas condições foram causadas em particular pelo nomadismo. Os indígenas tinham péssimas condições de vida e desenvolveram doenças que contribuiriam para o colapso demográfico: gripe violenta, encefalite, doenças dos olhos, pulmão, sem falar em todas as doenças transmitidas por mosquitos, animais e o clima. .

AS GRANDES CIVILIZAÇÕES PRÉ-COLOMBIANAS

Nos Estados Unidos, uma das culturas mais ricas é a dos montes (no leste do país), cuja base econômica era o cultivo do milho associado à caça e coleta. No S.-O. Nos Estados Unidos, os índios Pueblo são os mais representativos dessas civilizações agrícolas. Sedentários, esses aldeões cultivam milho e praticam o artesanato, principalmente a cerâmica. A cultura da cidade, que foi precedida pelo período Basketmaker (100 AC-700 DC), se consolidou por volta do século 7. de nossa era e não passa por grandes transformações até o século 10.

As culturas pré-colombianas são estudadas de acordo com suas áreas de difusão cultural: Mesoamérica (dos estados de Tamaulipas e Sinaloa no México até o noroeste da Costa Rica); Zona Circumcaraïbe (Antilhas, sul da América Central, Costa Rica, Panamá, costas da Colômbia e Venezuela no Atlântico e, ao sul, até a Guiana); Área Andina (Zona Andina ao Chile).

A maioria das civilizações pré-colombianas evoluem dentro de uma cronologia dividida em três grandes períodos, eles próprios subdivididos e que definem os estilos:
- o período Pré-clássico (por volta de 2.000 aC-cerca de 250 dC) inclui o Pré-clássico Antigo (por volta de 2.000 aC, cerca de 1.000 aC), o Pré-clássico Médio (cerca de 1.000 a cerca de 300 aC) e o Pré-clássico Tardio ou Tardio (por volta de 300 aC - cerca de 250 aC) DE ANÚNCIOS);
- o período clássico (c. 250 dC-950 dC) inclui o clássico antigo ou inferior (c. 250-c. 600) e o clássico recente ou superior (c. 600-c. 950);
- o período pós-clássico (cerca de 950-1500) inclui o antigo pós-clássico (cerca de 950-1200) e o pós-clássico recente de 1200 a 1500.

A ZONA MESOAMERICANA

No México, América Central e Peru, o chamado período "pré-colombiano" terminou no século XVI. ; em outras áreas, continuou até o século XVII, século XVIII, século XIX. ou mesmo o século 20. Por isso o nome "pré-hispânico" costuma ser dado às culturas das regiões conquistadas e colonizadas pelos espanhóis.

A penetração humana, em várias ondas, através do Estreito de Bering, provavelmente começou durante a última idade do gelo; eles são predadores com ferramentas líticas e ósseas. Esses caçadores-coletores pré-históricos são, sem dúvida, os autores de muitas das pinturas e gravuras de parede do continente americano. Por volta de 7000 aC, o recuo das geleiras causou o aquecimento global, que ocasionou a modificação das condições de vida do homem e o surgimento das primeiras práticas agrícolas.

Quetzalcoatl

Durante o Pré-clássico (2000 AC-300 DC), dividido nas fases antiga, média e tardia, aparecem características que se tornarão características das civilizações pré-colombianas, especialmente com os olmecas e seus centros cerimoniais (La Venta, San Lorenzo, Tres Zapotes e Monte Alban). Sua influência se estende a Chavín, na região andina, e a Kaminaljuyú, de onde logo sairão os maias. Na costa do Golfo do México, os Huaxtecas, depois de algumas semelhanças com as populações do altiplano, evoluem de forma independente. Na costa do Pacífico nasceram as culturas de Guerrero, Jalisco, Colima, Nayarit, etc., que perdurarão durante os períodos Clássico e Pós-Clássico. O período clássico (300-900 DC) corresponde ao florescimento da civilização Teotihuacán e ao desenvolvimento dos mitos de Tlaloc, o deus da chuva, e de Quetzalcóatl, então deus da Vegetação, frequentemente representado em murais e nas paredes de cerâmica. As máscaras funerárias de pedra dura confirmam o talento dos escultores; os complexos monumentais com pirâmides imponentes e as ruínas de palácios atestam uma verdadeira preocupação com o planejamento urbano.

Teotihuacán se irradia para Kaminaljuyú e Tikal, onde brilha a civilização maia, para El Tajín, centro dos Totonacas, e Monte Albán, capital dos Zapotecas. No início do período pós-clássico (do século X à conquista espanhola), esta ainda construiu o centro de Mitla que, por volta do século XIII, passou para as mãos dos Mixtecas. O pós-clássico começou com o declínio dos homens de Teotihuacán, substituídos pelos toltecas, que têm Tula como metrópole e cuja organização, significativamente diferente das cidades anteriores (grandes templos, fortificações, etc.), parece corresponder à guerra aspirações da população, refletidas também por seu deus Tezcatlipoca. Tula caiu sob os golpes de invasores do norte, entre eles os chichimecas e os astecas, que fundaram Tenochtitlán (México), cujas criações artísticas não deixam dúvidas sobre seu caráter bélico.

AMÉRICA CENTRAL E ÁREA CIRCUNCARIBE

A América Central é marcada pela interpenetração das influências mesoamericanas e andinas; a evolução de suas civilizações costuma ser próxima à do México. Entre as criações artísticas estão estatuetas femininas de terracota, cerâmica e meta (pedras de amolar), esculpidas com grande habilidade, assim como ornamentos de pedra dura e ouro. Relativamente recente, a cultura Tairona se desenvolveu ao longo da costa atlântica da Colômbia. Nas Índias Ocidentais, os principais vestígios - aqueles ligados à cultura dos Tainos, índios da família Arawak, completamente dizimados durante a conquista - são objetos de madeira entalhada de muito boa qualidade (assentos do chefe), ruínas de jogos de bola e numerosos pinturas rupestres.

No norte dos Andes, que atualmente correspondem à Colômbia, Equador e parte da Venezuela, o artesanato mais desenvolvido é o da ourivesaria, como evidenciam os magníficos objetos, em ouro ou tumbaga, de Muisca, La Tolita, etc.

O período formativo (1800-300 aC) atingiu seu auge com o sítio de Chavín, cuja influência se encontra em todas as costas do Peru, especialmente em Paracas. O período de desenvolvimento regional (300 AC-600 DC) foi marcado pela descoberta da irrigação, construções de adobe (templos e pirâmides) e por uma certa individualização das culturas: no norte as culturas de San Agustín e Tierradentro, no litoral norte , o de Moches, o de Nazca na costa sul e o de Tiahuanaco, no lago Titicaca, cuja expansão entre 600 e 1000 se estende até o Chile; Huari influenciará a cultura dos Chimús. Assim floresceram entre 1000 e 1400 reinos que trazem peculiaridades locais, que serão abandonados sob o domínio do Império Inca, ele próprio aniquilado pela Conquista.

Christian Duverger: O termo foi cunhado pelo antropólogo alemão Paul Kirchhoff em 1943. A Mesoamérica é um território que se estende desde o Trópico de Câncer, no norte, até o Istmo do Panamá, no sul. Nesta área geográfica conviviam povos que falavam nahuatl, maia ou mesmo otomí ... Circulavam livremente, sem limites de fronteira e compartilhavam uma cultura comum. Na verdade, eles tinham práticas sociais, religiosas e de culto idênticas. Uma das condições dessa convivência era que todos falassem as línguas mais importantes da Mesoamérica. É ilusório querer traçar um mapa linguístico desta região, pois vários idiomas foram usados no mesmo lugar.

Nossa ignorância e nossa incompreensão deste mundo vêm do século XIX. Os primeiros estudos americanistas sérios datam de 1875. Naquela época, a Europa estava se tornando um Estado-nação. E os pesquisadores queriam a todo custo transpor o modelo ocidental para a Mesoamérica. Numa visão "balcanizada" do mundo, eles definiram um povo de acordo com um território e uma língua.

Para aumentar a confusão, pensar sobre essas sociedades antigas também se confunde com o comércio de arte. Os comerciantes exóticos, seguindo alguns cientistas que já se aventuraram neste campo, inventaram o "mosaico de culturas". Para eles, cada vale correspondia a uma civilização. E como temos um vale a cada 50 quilômetros, encontramos um catálogo de culturas fantásticas: tepanecas, zapotecas, mixtecas, mazatecas ... Enquanto em todos os lugares, entre os maias, astecas ou toltecas, o nome não importava. No mundo pré-hispânico, o nome da cidade em que você morava só fazia sentido: se você morasse em Cacaxtla, você era um Cacaxteca, se morasse na Cidade do México, Mexica.

Todos esses povos eram originalmente tribos nômades. Sabemos quando as grandes cidades-estado foram estabelecidas para fundar?

É difícil responder a essa pergunta com grande precisão. Cautelosamente, eu diria que as tribos se estabeleceram por volta de 1500 AC. C. Ou seja, três séculos antes do advento da escrita na Mesoamérica. Os primeiros glifos conhecidos datam de 1200 aC. C. Entre essas duas datas, não sabemos como isso aconteceu. Existem tentativas, tentativa e erro? Nada nos permite saber com certeza. A verdade, porém, é que antes eram grupos nômades, moderadamente numerosos por questões logísticas: 30 a 80 pessoas, ou seja, um pouco acima do nível familiar. Quando surgem os primeiros escritos, percebemos que já estavam organizados em sociedades altamente desenvolvidas e hierarquizadas, com saber fazer e saber: sabiam caçar, pescar e dominar a agricultura.

Noventa e cinco por cento dos glifos foram decifrados. O que dizem as primeiras escrituras?

Entre os povos pré-colombianos, a escrita é usada pela primeira vez para redigir o pacto "legal", para usar um termo anacrônico, que legitima a presença de um clã em um território. A aquisição, para esses nômades antigos, é essencial. A implantação é sempre feita de acordo com o mesmo processo. Eles começaram cavando um buraco no chão para colocar as oferendas, de acordo com uma codificação precisa. Além da oferta, eles construíram um "marco", ou seja, uma construção que servia para lembrar as futuras gerações de sua chegada ali.

Inicialmente, era um monte, sobre o qual mais tarde seria erguida uma pirâmide. Ele recebeu inscrições que diziam, em essência: "Nós, o povo fulano de tal, nos estabelecemos neste lugar, neste ou naquele ano, e decidimos chamá-lo assim." Graças a essas inscrições, todos conheciam a história da cidade. Eles também contam contos lendários, como a criação do mundo. Por fim, estão os atores da fundação da cidade, listas de soberanos ou sacerdotes-reis.

Como as cidades-estados são organizadas? Suas estruturas são comparáveis às da Grécia antiga?

Devemos ter em mente que o mundo pré-hispânico é único. Há algo muito bonito e muito especial nos mesoamericanos: são pessoas sedentárias que não se esqueceram de que eram nômades. E eles organizaram sua sociedade de tal forma que eles mantiveram um pouco de nomadismo em suas vidas. Podemos verificar isso observando os planos de suas cidades: no centro, sempre uma pirâmide, que lembra a oferenda feita aos deuses no momento de sua instalação. Outras pirâmides, templos, santuários e palácios são organizados em torno dele. Em seguida, vêm as casas. Eles não são necessariamente próximos um do outro. Ao contrário de nossas cidades medievais, onde as casas eram agrupadas, as cidades pré-colombianas usavam muito espaço. Finalmente, além dos bairros residenciais, os mesoamericanos preservaram um espaço de natureza selvagem. Não havia espaço nem cultura. Quanto aos campos, eles estavam além desta terra de ninguém.

O camponês asteca tinha que caminhar meia hora para chegar ao seu campo, este é o mínimo que pode ser observado, sendo o máximo uma hora e meia. Forçado a cruzar esta área em estado selvagem, o homem - apenas homens trabalhavam na terra, as mulheres que ficavam em casa podiam caçar, reunir e encontrar impulsos de seu passado migratório. Essa persistência do nomadismo na imaginação dos mesoamericanos também é encontrada em seus rituais fúnebres. Eles enterraram seus mortos com comida e bebida. Na verdade, eles acreditavam que o falecido precisava de provisões para migrar para a terra dos mortos. Sua jornada subterrânea durou quatro anos. Está além dos nômades.

Milho, abacate, batata ou mesmo tomate (que vem da palavra nahuatl tomatl), comuns em nossas mesas hoje, não eram apenas cultivados, mas também feitos por mesoamericanos. Eles eram mestres em agricultura?

Sua agricultura é, em todo caso, notável no sentido de que tudo foi planejado para evitar o esforço humano. O milho, por exemplo, alimento básico para eles, exige um mínimo de trabalho do agricultor. Para plantar seu milharal, seu campo, o fazendeiro pré-colombiano faz um buraco no chão com um pedaço de pau. Lá ele planta a semente. E isso e tudo ! Então o milho passa. Nós não o transplantamos. Não arrancamos ervas daninhas, pois as ervas daninhas não ultrapassam os 40 centímetros. Não se curva para colher, a orelha cresce até a altura do peito. Finalmente, você obtém uma produtividade extraordinária: para uma semente semeada, você coleta 80 sementes! Porém, o milho não é uma dádiva da natureza, é o resultado de um trabalho de seleção de plantas, uma construção "genética", como se diria hoje, dos mesoamericanos. O mesmo acontece com o tomate que foi trabalhado para obter duas outras plantas da mesma variedade de plantas.

A batata, que não existia no seu estado natural e que se obtinha desenvolvendo a parte da raiz do tomate. Tabaco: Eles modificaram a planta para produzir folhas que podem ser secas e fumadas.

O cacau também ocupava um lugar especial em sua sociedade. Porque ?

Segundo suas lendas, o cacau foi um presente dos deuses. Em algumas tradições, Quetzacóatl, a "serpente emplumada" ensinava as mulheres a moer feijão. Ao contrário dos povos amazônicos que comem o cacau frutado (cupuaçu é uma delícia), os mesoamericanos esperaram a maturação da vagem antes de colher os grãos. Era uma bebida de luxo, reservada às classes dominantes. O cacaueiro na verdade cresce na baixada, e importá-lo para o planalto, como no México (2.200 metros), armazenar os grãos, processá-los, era muito caro. Os astecas o chamavam de xocoatl ("água amarga"). Foi comido sem açúcar. Pimenta foi adicionada para obter uma bebida exclusivamente viril, supostamente um afrodisíaco. O feijão, que por muito tempo foi conservado, também servia como moeda.

Sacrifícios humanos, rituais sangrentos, poligamia, muitos aspectos da sociedade pré-colombiana chocaram os conquistadores do século XVI. Hoje, o trabalho dos arqueólogos proporciona uma melhor compreensão dessas práticas?

Sim, mas o mal-entendido provavelmente perdurará por muito tempo, porque o mundo mesoamericano é um contra-modelo para nós. No modelo ocidental, você tem uma cosmogonia de natureza divina e transcendente. A questão da criação do mundo foi resolvida de forma bastante simples: foi um deus - às vezes vários deles estão envolvidos - que criou o universo. A tarefa do homem é tentar compreender este mundo que lhe é imposto e do qual não pode mudar as regras. No mundo pré-hispânico, o homem é o criador da ordem terrestre e é responsável por ela. Todos os dias, você deve realizar uma série de ações para salvar o universo. Daí uma série de ritos, obrigações cerimoniais, entre as quais está o sacrifício humano.

Existem outras diferenças importantes. Vamos demorar: o Velho Mundo estabeleceu seu calendário de acordo com a criação divina. O cálculo dos dias é baseado em observações astronômicas ligadas ao movimento do sol. No mundo mesoamericano, o homem cria seus próprios ritmos de calendário: seu ciclo de 260 dias, por exemplo. Todos eles olharam para qual planeta ele poderia corresponder. No entanto, esta é uma aproximação do tempo de gestação humana. Não há astronomia aqui, uma pena para o mito romântico. Os mesoamericanos não ligam para o movimento das estrelas, pela simples razão de que são eles que fazem as estrelas andarem.

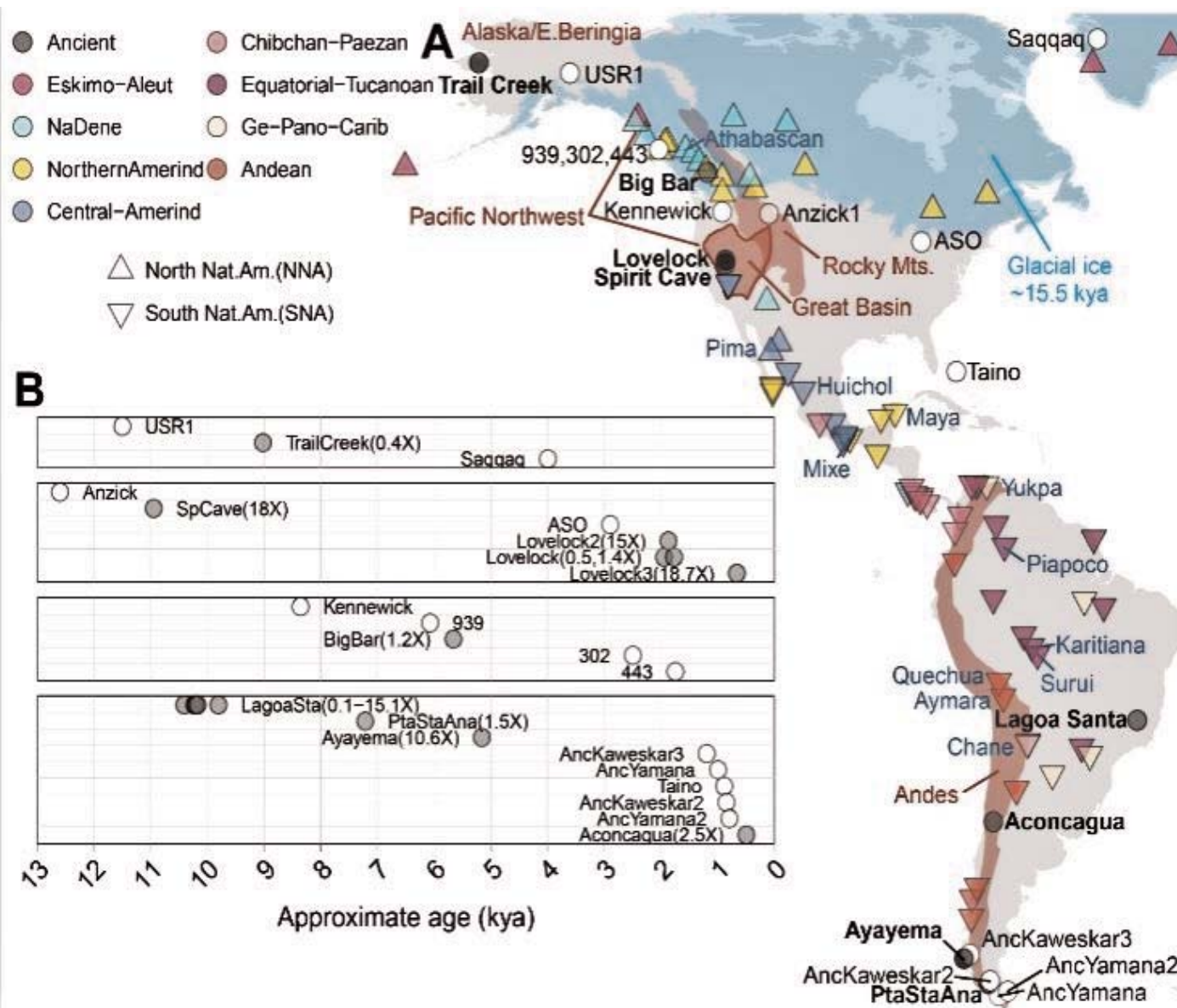
Outro exemplo de mal-entendido: poligamia. Não podemos reduzi-lo, com eles, ao prazer masculino. As mulheres na sociedade mesoamericana estão ligadas à terra. Representa a casa, que se inscreve em um bairro, depois em uma cidade, que em última instância pertence a uma geografia cósmica. Segundo a lógica desses povos, um chefe não pode reivindicar autoridade sobre um território se não for casado com uma mulher desse território. Moctezuma, o governante da Cidade do México, tinha 150 esposas para governar todo o Império Asteca. Tem havido muitos mal-entendidos porque, objetivamente, é complicado. Para cada detalhe, para cada elemento, os investigadores devem, cada vez, colocar-se a questão: não estamos em vias de, a fazer esta ou aquela interpretação, uma abordagem de uma ideia europeia?

Os vencedores costumam contar a história. Os conquistadores do século 16, e os religiosos que os seguiram para evangelizar as populações, não apresentaram esses povos como bárbaros para justificar sua conquista?

Para responder a essa pergunta, é necessário entender quem é o vencedor dos astecas. Depois de quinze anos nas Antilhas, Hernán Cortés viu o desastre da presença espanhola. Ele não queria que a cena de destruição e escravidão se repetisse no México. Já que essas cidades se encontravam de qualquer maneira, ele pensou, eles tinham que viver juntos. Seu grande projeto foi a miscigenação. Ele mesmo ligará seu destino a uma mulher nahua, La Malinche, que lhe dará um filho. Depois de ser dono da Cidade do México, desconfiando da Igreja Católica, Cortés trouxe missionários franciscanos, uma ordem que defende uma vida simples, pobreza e fraternidade.

No México, ele pediu a eles que convertessem os indígenas sem retirá-los de sua identidade. O batismo na fé católica deve salvá-los da escravidão, sem impedi-los de viver de acordo com suas tradições, com exceção dos sacrifícios humanos. Esses franciscanos se integraram às populações indígenas e aprenderam suas línguas. Eles coletaram informações sobre religião, práticas sociais, política, rituais ... Esta é uma fonte confiável? Absolutamente! Na medida em que o objetivo de Cortés e dos franciscanos era constituir um corpus histórico nacional para tornar o México independente a longo prazo. Porque Cortés era um independentista. O México que conhecemos hoje é o produto da visão que tinha 500 anos atrás.

Antigas dispersões de homens nas Américas

Os primeiros estudos genômicos mostraram que os ancestrais dos nativos americanos se separaram das populações da Sibéria e do Leste Asiático há cerca de 25.000 anos. Então, houve uma divergência entre 22.000 e 18.000 anos atrás entre os antigos beríngios e nativos americanos que mais tarde se dividiram em dois grupos: norte-americanos nativos e sul-nativos americanos entre 17.500 e 14.600 anos no sudeste da Beringia oriental. (agora Alasca).

Os paleogeneticistas sequenciaram 15 novos genomas antigos localizados entre o Alasca e a Patagônia e datados entre 10.700 e 500 anos: um indivíduo de 9.000 anos do sítio Creek Cave 2 no Alasca, um indivíduo de 5.600 anos do sítio Big Bar Lake em British Columbia, um indivíduo do site Spirit Cave em Nevada com 10.700 anos de idade, quatro indivíduos do site Lovelock Cave em Nevada datados entre 1950 e 600 anos, cinco indivíduos do site Lagoa Santa no Brasil datados entre 10.400 e 9.800 anos, dois dos indivíduos dos sítios de Punta Santa Ana e Ayayema na Patagônia de 7.200 e 5.100 anos atrás e uma múmia inca de 500 anos de Mendoza na Argentina:

Os autores realizaram uma análise multiescala. Na figura abaixo, os indivíduos são representados pelos mesmos símbolos da figura anterior. Os índios norte-americanos (NNA) estão no canto superior esquerdo, os índios sul-americanos (SNA) estão no canto esquerdo inferior e os siberianos estão à direita

:

Um estudo anterior mostrou que o indivíduo do Alasca USR1, representante dos antigos beríngios, permaneceu isolado e diferenciado dos nativos americanos do norte e do sul. O indivíduo Creek Cave 2 (TrailCreek) estudado aqui está próximo de USR1 nas duas análises anteriores. Portanto, esses dois indivíduos antigos do Alasca formam um grupo chamado Beringians Antigos e confirmam a hipótese de que a separação entre os Ameríndios do Norte e do Sul ocorreu no sul do Alasca (Beringie Oriental), e não no Alasca. . Isso implica em particular que os Athapaskans e Inuit, que agora habitam o Alasca e são índios norte-americanos, se mudaram para o norte após 9.000 anos (Age of TrailCreek).

Acredita-se que os nativos americanos do norte e do sul tenham divergido de 17.500 a 14.600 anos atrás. Os sul-ameríndios chegaram rapidamente à América do Sul. Os mesoamericanos se dividiram primeiro, seguidos pelos sul-americanos a leste e a oeste dos Andes. No entanto, os indivíduos antigos neste estudo de Spirit Cave em Nevada e Lagoa Santa no Brasil, com cerca de 10.000 anos de idade, sugerem eventos demográficos complexos. No ramo do nativo americano do sul, Spirit Cave está mais perto do antigo indivíduo Anzick1, enquanto Lagoa Santa está mais perto dos atuais grupos de nativos do sul.

As estatísticas f e D mostram que Anzick1, Spirit Cave e Lagoa Santa formam um grupo distinto de índios mesoamericanos mistos. Os modelos mostram que Mixe recebeu fluxo gênico de um grupo desconhecido, que os autores chamam de UPopA (População Desconhecida A). Essa população não é dos antigos beringos, nem dos índios norte-americanos, nem dos sul-ameríndios. Separou-se de outras populações ameríndias entre 30.000 e 22.000 anos atrás, aproximando-se assim da separação com as populações da Sibéria e do Leste Asiático, ou dos antigos beríngios com os ameríndios. Esses resultados sugerem que várias separações populacionais ocorreram na Beringia antes da descida para a América. Os autores estimaram a ancestralidade de UPopA (fantasmaA na figura abaixo) entre os Mixe em cerca de 11% há cerca de 8.700 anos. Assim, os ancestrais comuns de Anzick1 e Spirit Cave divergiram dos ancestrais comuns de Lagoa Santa e Mixe cerca de 14.100 anos atrás. Então, os ancestrais de Lagoa Santa e Mixe se separaram pouco depois, há cerca de 13.900 anos. Os indivíduos de Spirit Cave e Lagoa Santa são paleo-americanos com uma forma de crânio diferente de outros nativos americanos. Por outro lado, os Suruis amazônicos possuem em seu genoma um sinal de ancestrais ancestrais australianos. Os antigos indivíduos de Lagoa Santa também possuem este antigo marco australiano, mas o indivíduo da Caverna do Espírito não. Portanto, não há correlação entre a forma do crânio Paleo-americano e o marco australiano. A maioria dos sul-americanos hoje não se funde com os indivíduos antigos de Lagoa Santa, mas são derivados de uma mistura genética entre a população de Lagoa Santa e uma ancestral ancestralidade meso-nativa americana de acordo com a estatística D:

Por outro lado, os Karitiana da Amazônia e os antigos indivíduos de Lagoa Santa divergiram há cerca de 12.900 anos. O Karitiana então recebeu fluxo gênico (35%) de uma população meso-nativa americana (ghostM acima) que havia recebido anteriormente fluxo gênico da população UpopA. Esses fluxos de genes provavelmente diluíram o sinal australiano que poderia estar presente em populações maiores. No noroeste da América, houve uma diminuição nas chuvas em meados do Holoceno e um aumento na aridez que resultou em um declínio da população. Este último ainda acreditava nele cerca de 5.000 anos atrás. Mas é difícil saber se é a mesma população. Por outro lado, há indícios de que ancestrais de populações que falavam uma linguagem digital chegaram à América Ocidental há apenas 1000 anos. No entanto, as mudanças culturais ocorridas durante este período e que são visíveis no material arqueológico, não estão necessariamente ligadas a uma mudança linguística ou biológica. Portanto, os autores deste estudo compararam o genoma do indivíduo da Caverna do Espírito com o dos indivíduos da Caverna de Lovelock. Análises multi-escala e ADMIXTURE mostram que esses indivíduos se agrupam (veja as figuras acima). No entanto, os autores encontraram um fluxo gênico mesoamericano no genoma Lovelock3 de 700 anos que não existe no genoma Lovelock2 de 1.900 anos. Há, portanto, uma certa continuidade da população acompanhada pela chegada de uma nova população que poderia corresponder à chegada das linguagens digitais à região: não há reposição da população. Os autores também introduziram neste estudo os genomas de uma população atual da Colúmbia Britânica e uma antiga população do sudoeste de Ontário (ASO) que estão relacionadas às populações nativas americanas do Norte Algonquin. No entanto, existem diferenças: indivíduos antigos do noroeste do Pacífico se fundem com os atapascos e tsimshianos, enquanto o homem Kennewick e indivíduos antigos do sudoeste de Ontário assumem sua posição. . intermediário entre os ameríndios do norte e do sul.

Assim, a história desta região é marcada por misturas genéticas entre os ramos ameríndios do Norte e do Sul, e pelo isolamento de grupos na costa do Pacífico.

Hopewells
Mogollon
Anasazis
Hohokams
Olmèques
Mayas — Période classique
Zapotèques — Période classique
Teotihuacán
Toltèques
Tarasques
Aztèques
Chavín
Paracas
Moches
Nazcas
Huaris
Tiahuanacos
Sicán
Chimús
Incas
Chibchas

-1300 -1100 -900 -700 -500 -300 -100 100 300 500 700 900 1100 1300 1500 1700

Culture	Période	Localisation
Mayas	du XIe siècle av. J.-C. au XVIe siècle[21]	De la péninsule du Yucatán (Mexique) au Honduras
Olmèques	du XIIIe siècle av. J.-C. au VIe siècle av. J.-C.	Côte du Golfe et le long de la côte Pacifique (État du Guerrero, Oaxaca et Chiapas) jusqu'au sud du Costa Rica
Zapotèques	du VIe siècle av. J.-C. au VIIIe siècle	Côte pacifique de l'État d'Oaxaca (Mexique)
Teotihuacán	du IIe siècle av. J.-C. au VIIIe siècle	Ville de Teotihuacán, État de Mexico (Mexique)
Toltèques	du Xe siècle au XIIIe siècle	État de Mexico (Mexique)
Aztèques	du XIVe siècle au XVIe siècle	Ville de Mexico, principalement, mais aussi jusqu'à l'est de l'État de Veracruz (Mexique)

A civilização do milho

Na América pré-colombiana, outro cereal, o milho, também contribuiu para o desenvolvimento de grandes civilizações. O milho é cultivado a partir do teosinto, uma planta modesta cuja espiga, na natureza, tem apenas seis ou sete pequenos grãos. Consumido por caçadores-coletores do Paleolítico, o teosinto começou a ser cultivado há quase 9.000 anos em um vale superior do México. Desse berço, os ancestrais do nosso atual milho se espalharam primeiro pela Mesoamérica (México, Yucatán, Caribe ...) e depois para o sul do continente: há 7.000 anos, o milho era produzido em certos vales. das terras altas, uma altitude de 2600 m. Seis milênios depois, os nativos americanos aclimataram o milho com sucesso nas regiões temperadas do norte dos Estados Unidos e Canadá.

O cultivo do milho favoreceu o surgimento e o desenvolvimento de grandes impérios conquistadores e construtores, sendo os mais conhecidos os maias, os astecas e os incas. Além de seus benefícios nutricionais, o milho tem um duplo benefício. Em primeiro lugar, este cereal cresce rapidamente, o que dá tempo aos camponeses para outras atividades como as guerras de conquista e a construção de cidades poderosas com monumentos impressionantes. Além disso, em um ano normal, a alta produtividade do milho permite a geração de grandes excedentes que, trocados por outros bens, constituem uma fonte de riqueza. O milho é amplamente cultivado por seus grãos amiláceos, para consumo humano diário e como forragem animal. Alimento básico na América Central, o milho também tem uma dimensão sagrada para as civilizações que povoam os subcontinentes americanos, constituindo um elo entre os homens e os deuses: o milho tem, em muitas culturas pré-colombianas, uma dupla dimensão de dádiva. divino que permite o sustento. de homens e oferta de homens aos deuses. O milho está no cerne da cosmogonia, ou seja, da representação que as populações têm da criação e organização do universo.

É o caso dos maias, civilização mesoamericana localizada na península de Yucatán (atualmente corresponde ao sul do México, Guatemala, Honduras, Belize e El Salvador). Entre 600 a. CDC e por volta de 1000 dC, a cultura maia se desenvolveu em cidades-estado, como Copán, Tikal, Palenque e Chichén Itzá em torno do cultivo do milho. A palavra "maya" significaria "milho"; cereal que, portanto, ocupa um lugar primordial na mitologia e na vida cotidiana. Com efeito, os maias identificaram-se como "homens de milho" e praticavam, por meio de mesas de compressão, a deformação craniana desde muito cedo, por paralelismo com o formato de uma espiga de milho.

Os astecas ou mexicas sucederam politicamente aos maias do século XIII ao ano 1521. Divinizaram o milho sob o disfarce de Chicomecóatl, deusa da subsistência e da vegetação, em particular o milho e, por extensão, deusa da fertilidade.

É também chamado de Xilonen, ou seja, "o cabeludo", evocando assim as sedas das tenras espigas de milho. O culto Chicomecóatl centrado no mês de setembro, chamado huei tozoztli (jejum prolongado). Os altares das casas eram adornados com pés de milho e nos templos a semente era abençoada. Os sacrifícios estavam associados ao culto destinado a alimentar a deusa que assegurava ela própria a subsistência das comunidades humanas. Por outro lado, os mexicas adoravam uma divindade por estágio de maturação do milho (a deusa Ilamatecuhtli simbolizava o milho maduro, por exemplo, enquanto Chicomecoatl era associada ao milho jovem), lembrando assim, além do consumo diário desse cereal, o importância do ciclo de sua cultura no mundo asteca. Também na América do Sul, nas regiões andinas influenciadas pela cultura maia (Equador, Peru, Bolívia, Venezuela e Colômbia), este cereal ocupa um lugar preponderante no cotidiano e nas crenças. Assim, os padres xamãs consumiam chicha, bebida feita com milho fermentado, como parte de suas atividades espirituais. Hoje, a cultura maia ainda está muito presente em Yucatan e o milho continua sendo a base da dieta alimentar da América Central. Além disso, se o milho está intimamente ligado à representação do universo e dos deuses na América Central e do Sul, na maioria dos outros continentes o cultivo de cereais se reflete no cotidiano de uma comunidade, onde o calendário agrário serve de modelo para socialização. eventos e ritos.

Entre os povos da América Central (maias, astecas, etc.), bem como entre os incas dos Andes e certas tribos indígenas do norte do continente, o milho representava muito mais do que um recurso alimentar. Esse cereal havia adquirido o status de planta sagrada e estava presente em muitos mitos. Os índios Navajo acreditavam que um peru lhes trazia milho do céu, enquanto riachos afirmavam que a planta havia chegado a eles na orelha de um corvo.

Aristocratas maias deformaram os crânios de seus bebês para assumir a forma oblonga de uma ... espiga de milho. Os "homens do trigo" (este é o significado da palavra maia) viram neste cereal muito vertical a união da força ascendente do fogo e da energia descendente da chuva. Segundo o Popol Vuh, o livro sagrado do povo maia, foi o milho que permitiu a criação da espécie humana ... No início, os deuses tentaram moldar os homens com barro, madeira e muitos outros materiais. Todas essas tentativas falharam ... até que tiveram a ideia de amassá-los com fubá. Outro mito conta como os humanos descobriram o milho ... Eles aprenderam com a raposa que as formigas viram esse cereal escondido sob uma montanha. Em seguida, eles pedem a Chac, o deus da chuva, para ajudá-los. O que ele faz enviando relâmpagos pela montanha. Uma parte do milho escurece com a fumaça que emana, outra parte adquire a cor vermelha do fogo; o milho que recebeu apenas uma pequena quantidade de calor fica amarelo, enquanto o milho que não foi atingido por um raio permanece branco.

Olmèques

Mayas — Période classique

Zapotèques

Teotihuacán

Toltèques

Aztèques

00 -1000 -800 -600 -400 -200 0 200 400 600 800 1000 1200 1400 1600

Culture	Période	Localisation
Mayas	du XIe siècle av. J.-C. au XVIe siècle[21]	De la péninsule du Yucatán (Mexique) au Honduras
Olmèques	du XIIIe siècle av. J.-C. au VIe siècle av. J.-C.	Côte du Golfe et le long de la côte Pacifique (État du Guerrero, Oaxaca et Chiapas) jusqu'au sud du Costa Rica
Zapotèques	du VIe siècle av. J.-C. au VIIIe siècle	Côte pacifique de l'État d'Oaxaca (Mexique)
Teotihuacán	du IIe siècle av. J.-C. au VIIIe siècle	Ville de Teotihuacán, État de Mexico (Mexique)
Toltèques	du Xe siècle au XIIIe siècle	État de Mexico (Mexique)
Aztèques	du XIVe siècle au XVIe siècle	Ville de Mexico, principalement, mais aussi jusqu'à l'est de l'État de Veracruz (Mexique)

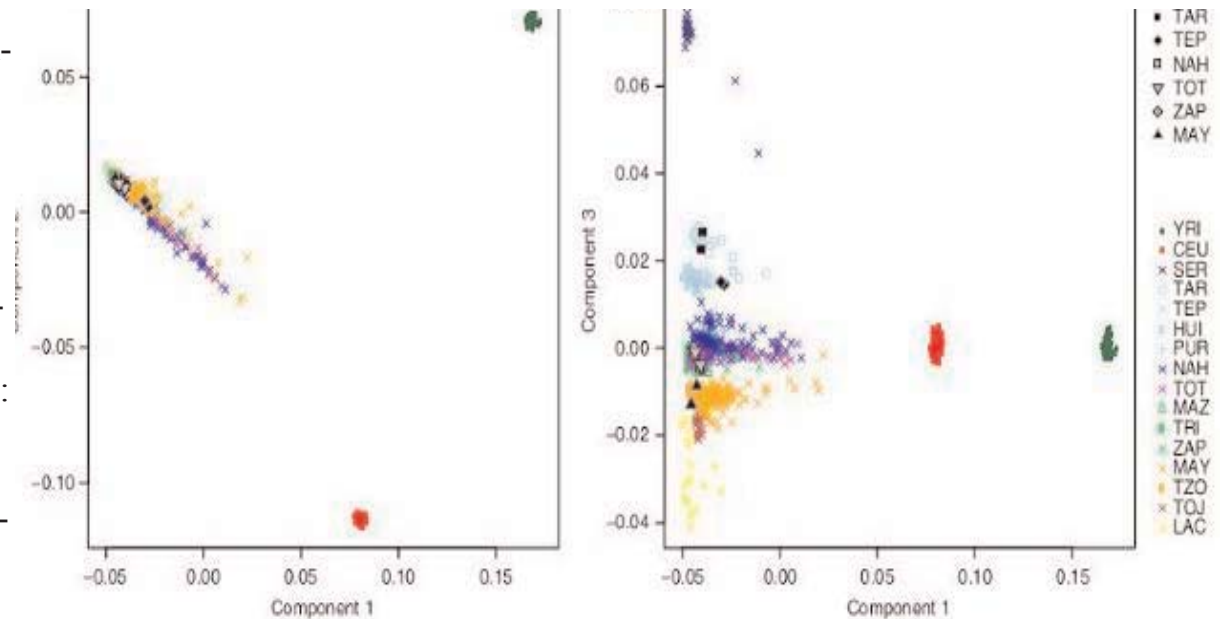
História genômica dos nativos americanos do México

O povo das Américas se originou no nordeste da Ásia há cerca de 23.000 anos, cruzou o estreito de Bering antes de se espalhar pelo continente. A população atual é resultado de várias migrações, misturas genéticas e processos de adaptação. No século XV, antes da conquista do México pelos europeus, o território era ocupado por vários grupos nômades e semi-nômades ameríndios. Após a conquista espanhola, muitos processos de mistura genética aconteceram, primeiro entre ameríndios e espanhóis, depois com uma população africana que chegou com o tráfico de escravos.

Existem atualmente 68 línguas nativas americanas conhecidas no México. Aproximadamente 21% da população se identifica com um dos grupos nativos americanos e 7% (ou aproximadamente 7 milhões de pessoas) falam uma das línguas nativas americanas.

Os paleo-geneticistas sequenciaram o genoma completo de 12 nativos americanos do México pertencentes a seis grupos étnicos diferentes (TAR: Tarahumara, TEP: Tepehuano, NAH: Nahua, TOT: Totonaca, ZAP: Zapoteca e MAIO: Maia) e três mexicanos Métis (MÊS : Mestiço). A ancestralidade ameríndia é estimada em mais de 98% para todos os indivíduos ameríndios, exceto os tepehuanos do norte, cuja ancestralidade ameríndia é estimada em 91%:

Eles também analisaram o DNA autossômico de 312 nativos americanos do México, obtido por microarrays. Os indivíduos são agrupados em três grupos: Norte, Sul e Maia.

Os autores realizaram uma análise multiescala. A Figura a abaixo representa os dois primeiros componentes que separam claramente os africanos em verde escuro, os europeus em vermelho e os ameríndios à esquerda (os 12 indivíduos sequenciados estão em preto e cinza):

Finalmente, o terceiro componente visível na figura b acima permite que os ameríndios sejam separados. O Seri (SER) está no canto superior esquerdo (cruz azul escuro) enquanto o Lacandona (LAC) está no canto esquerdo inferior (cruzes amarelas).

Os autores também realizaram uma análise com o software ADMIXTURE. Os indivíduos sequenciados são mostrados na Figura abaixo. A análise é ótima para um valor de K = 10. O componente africano é representado em verde escuro, o componente europeu em vermelho:

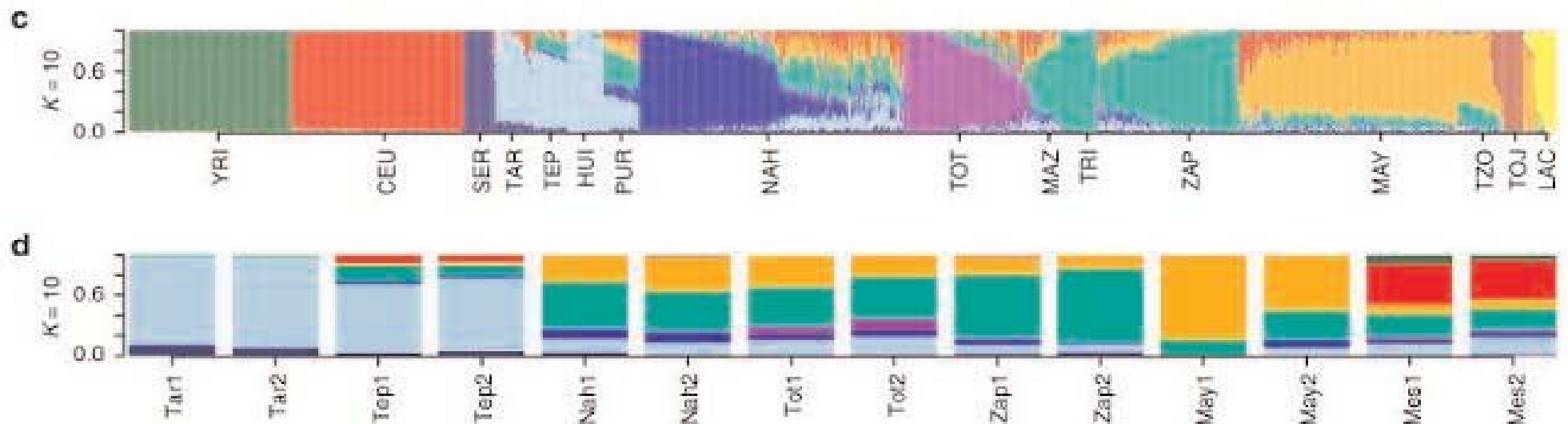
c

K = 10 0.6 0.0

YRI CEU SER TAR TEP HUI PUR NAH TOT MAZ TRI ZAP MAY TZO TOJ LAC

d

K = 10 0.6 0.0

Tar1 Tar2 Tep1 Tep2 Nah1 Nah2 Tot1 Tot2 Zap1 Zap2 May1 May2 Mes1 Mes2

A análise permite, assim, identificar um componente Seri em azul escuro, Huichol em azul-cinza, Nahua em azul, Totonaca em violeta, Zapoteca em verde claro, Maya em laranja, Tojolabal em marrom e Lacandona em amarelo. Entre os nativos americanos sequenciados, os Tarahumara e os Tepehuano têm a maior proporção de ancestralidade azul-cinza do norte. Nahua e Totonaca apresentam o maior mix de componentes. A diversidade de indivíduos Nahua é provavelmente uma consequência da expansão do Império Asteca no século 15 e no início do século 16.

Os autores determinaram os haplogrupos mitocondriais e do cromossomo Y dos indivíduos sequenciados: Existem 6 homens. Os cinco homens ameríndios pertencem ao haplogrupo específico Q1a2a das populações ameríndias, enquanto o homem mestiço é R1b comum na Península Ibérica. Todos os indivíduos têm um haplogrupo mitocondrial típico de populações nativas americanas. Estes dados confirmam a hipótese de que a contribuição europeia é predominantemente masculina. Os autores também construíram uma árvore com o software TreeMix dos 12 genomas ameríndios, 11 genomas da popu-

Table 1 Characteristics of Native American and Mestizo individuals

ID	Population	Location of origin	Linguistic group	Y chromosome	mtDNA haplog
Tar1	Tarahumara	Northern Mexico	Uto-Aztecan	Q1a2a1b	C
Tar2				—	C1c1a
Tep1	Tepehuano	Northern Mexico	Uto-Aztecan	Q1a2a1a1	C1b10
Tep2				Q1a2a1a1	A2c
Nah1	Nahua	Central Mexico	Uto-Aztecan	Q1a2a1a1	B2
Nah2				—	A2B
Tot1	Totonaca	Central Mexico	Totonac	Q1a2a1a1	C1c2
Tot2				—	A2u
Zap1	Zapoteca	Southwestern Mexico	Oto-Manguean	—	A2m
Zap2				—	A2
May1	Maya	Southeast Mexico	Mayan	—	A2
May2				—	C
Mes1	Mestizo	Central Mexico	Spanish	R1b1a2a1a2b1a1	A2g
Mes2				—	C

lação mundial e 4 indivíduos antigos: Neandertal, Denisova, um ex-ameríndio: Anzick e um ex-siberiano de Mal'ta:

A árvore acima separa claramente os grupos ameríndios do Norte

(Tarahumaras e Tepehuanos) daqueles do Sul (Totonacas, Zapotecas, Nahuas, Maias e Karitiana). O fluxo gênico da população siberiana ligada à criança Mal'ta para todas as populações ameríndias também é mostrado (seta laranja).

A reconstrução demográfica com métodos PSMC e MSMC mostra que as populações não africanas sofreram um gargalo genético entre 60.000 e 50.000 anos correspondendo à saída da África. Além disso, as populações ameríndias apresentam um baixo valor populacional efetivo da ordem de 2.000 indivíduos até 20.000 anos, data que corresponde à posição da população da Beringia antes de se espalhar para as Américas. Essa população permanece baixa até 10.000 anos. Portanto, a população da América do Sul está aumentando constantemente, ao contrário da população da América do Norte, que diminui até 4.000 anos.

No entanto, notamos descobertas que questionam o padrão geral de colonização da América pelos ameríndios. Alguns especialistas acreditam que o povoamento do continente americano não tem uma origem única. As teorias falam de povos oceânicos que teriam cruzado o Oceano Pacífico (teoria avançada por Paul Rivet), ou de povos europeus (hipótese do arqueólogo Dennis Stanford, que de fato acredita que uma tribo poderia ter vindo da Europa, está entre 12.000 e Tem 36.000 anos de antiguidade e hoje corresponderia a um grupo muito pequeno de indígenas: os Ojibwe, os Nuu-Chah-Nulth, os Sioux e os Yakamas, mas os estudos genéticos mais recentes contradizem esta tese.

A outra questão problemática é a data de liquidação. Mais uma vez, o trabalho dos arqueólogos parece mover a origem do assentamento de volta a tempos anteriores do que se acreditava por muito tempo:

Os ossos da esposa de Peñón (cerca de 13.000 anos), descobertos perto da Cidade do México, também exibem características europóides. As múmias foram desenterradas sob vários metros de depósitos de guano na caverna Lovelock em 1911 por colecionadores. Eles eram do tipo Europóide. Eles foram datados em cerca de 5.000 anos pela análise de radiocarbono 14. Outros foram descobertos em 1931 do mesmo tipo, não muito longe da caverna de Lovelock.

DNA mitocondrial antigo na América Central e no México

A população indígena contemporânea da América Central e do México apresenta uma grande variedade cultural, linguística e genética. Quase 300 grupos étnicos diferentes coexistem nesta vasta região entre o norte do México e o sul do Panamá. Esta região pode ser dividida em quatro zonas culturais principais: Grande Sudoeste no noroeste do México, América Árida no Nordeste do México, Mesoamérica e a área Istmo-colombiana (ver figura abaixo). Evidências arqueológicas mostram a continuidade da ocupação humana nesta região, há pelo menos 10.000 anos. A chegada dos europeus após 1492 causou o declínio e o desaparecimento de vários grupos. Hoje, os diferentes movimentos e distribuição das populações locais antes da chegada dos europeus permanecem obscuros, especialmente nas regiões periféricas das grandes culturas pré-colombianas, onde as antigas culturas de Grande Nicoya e Casas Grandes floresceram.

Durante os períodos Clássico (200-900 DC) e Pós-clássico (900-1519 DC), sociedades mesoamericanas complexas, como os maias e astecas, exerceram uma influência considerável na região e além. Por muito tempo, foi postulado que culturas de fronteira, como Gran Nicoya ou Casas Grandes, representam assentamentos avançados. Essas duas culturas mostram influências e comercializam longas distâncias com os núcleos mesoamericanos. No entanto, as evidências arqueológicas são insuficientes para identificar a origem e a história migratória dessas populações.

Ana Morales-Arce e seus colegas acabam de publicar um artigo intitulado: Reconstrução bem-sucedida de genomas mitocondriais completos da América Central e do México antigos. Eles analisaram o DNA mitocondrial de 14 indivíduos de quatro sítios arqueológicos na América Central e México: Jícaro e La Cascabel, da cultura Gran Nicoya, no noroeste da Costa Rica, e Paquimé e Convento, da cultura Casas Grandes. no noroeste do México:

Os métodos tradicionais de extração de DNA antigo (amplificação por PCR e sequenciamento SANGER) deram poucos resultados (apenas duas amostras). Em contraste, os métodos de sequenciamento de próxima geração produziram mais resultados (oito amostras): As oito sequências mitocondriais obtidas pertencem aos haplogrupos B e C. Todos os haplótipos são diferentes.

Os três indivíduos de Jícaro pertencem todos ao haplogrupo B2d, mas como seus haplótipos são diferentes, eles não são parentes maternos próximos. Este ramo B2d foi detectado em populações atuais do grupo étnico Arawak dos Wayuu da Colômbia e Chibchan Ngöbe do Panamá. As cinco sequências dos sítios Casas Grandes pertencem aos haplogrupos B2a, B2f, C1c1a e C1c5. O ramo B2a foi observado em grupos de nativos americanos, como Tsimshian, Chippewa e Pima. O ramo B2f foi observado em nativos americanos no México, o ramo C1c1a em nativos americanos nos Estados Unidos e o ramo C1c5 em nativos americanos no México.

Em geral, os resultados obtidos em indivíduos antigos das regiões periféricas das grandes culturas mesoamericanas, como os astecas e os maias, mostram uma afinidade genética maior com as populações atuais dessas regiões periféricas do que na Mesoamérica.

Sample ID	Site	Individual	Extraction 1-Calgary	Extraction 2-LMAMR	PCR amplification[a] (X)	#Range (bp) covered	Mitogenome in-solution capture (HTS)[a,b]	Haplogroup	
								PCR	HTS
1	Jícaro	31–127		LM3			Full coverage		B2d
2	Jícaro	1–133	LM3		Contamination (1x)	16267–16410 (143 bp)	Full coverage		B2d
3	Jícaro	64		RM2			Full coverage		B2d
4	Jícaro	22–33		RM3			Insufficient coverage		
5	Jícaro	24–96		LPM2			Insufficient coverage		
6	Jícaro	39–154	LI2	RI1	Negative		Insufficient coverage		
7[c]	Jícaro	24–130	RM1		Negative		Insufficient coverage		
7[d]				RPM1	Negative		Insufficient coverage		
8	La Cascabel	3–4	RPM1	RM1	Contamination (3x)	16112–16410 (298 bp)	Insufficient coverage		
9	La Cascabel	58–26	RM3	RPM2	Positive (1x)	16112–16410 (298 bp)	Insufficient coverage	C	
10	Paquimé	14–1 A	LI2		Positive (4x)	15989–16410 (421 bp)	Full coverage	C	C1c5
11	Paquimé	20–13		RI1			Full coverage		C1c1a
12	Paquimé	2–16		LI1			Full coverage		B2f
13	Paquimé	25–6		LI2			Full coverage		C1c1a
14	Convento	16		LI2			Full coverage		B2a

Comparaison entre les Civilisations Précolombiennes

Dates	Aire Méso Américaine	Aire Caraïbe	Aire Andine
	Début chronologie Maya (-3113)		Temple de KOTOSH (-1800)
-1500			
	Civilisations moyennes (-1500, -300) OLMEQUE(-1200, +400)		CHAVIN (-1200, -400) PARACAS (-1100, -200) SAN AGUSTIN (-600, +400)
0			
	ZAPOTEQUES I et II (0, 500) TEOTIHUACAN I et II (200, 400) Ancien Empire MAYA (292, 889)	ARAWAK	NAZCA (200, 600) MOCHICA (200, 700) CHANCAY (200, 1438)
400			
	TEOTIHUACAN III (400, 800) MONTE ALBAN III (500,1000)	TAINO	TIAHUANACO (500, 1000)
600			
	TOTONAQUE I (600, 1200)	CARIBE	HUARI (700, 1000) CHIMU (700, 1470)
800			
	TEOTIHUACAN IV (800, 1000) MIXTEQUE (838, 1289) TOLTEQUE (935, 1188)		
1000			
	Renaissance MAYA (987, 1441) MONTE ALBAN IV (1000, 1400) HUASTEQUE (1100, 1400)	**Civilisations d'origine imprécise qui influencèrent ou furent influencées par les autres aires culturelles**	
1200			
	TOTONAQUE II (1200, 1500) CHICHIMEQUE (1200, 1430) TENOCHCA (1335, 1428)		QUECHUA (1200, 1438) POPAYAN (1200, 1400)
1400			
	MONTE ALBAN IV (1400, 1521) TARASQUE (1400, 1521) AZTEQUE (1400, 1521)		CHIBCHA (1400, 1533) INCA (1438, 1533)

As culturas pré-colombianas são estudadas de acordo com suas áreas de difusão cultural: Mesoamérica (dos estados de Tamaulipas e Sinaloa no México até o noroeste da Costa Rica); Zona Circumcaraïbe (Antilhas, sul da América Central, Costa Rica, Panamá, costas da Colômbia e Venezuela no Atlântico e, ao sul, até a Guiana); Área Andina (Zona Andina ao Chile).

A maioria das civilizações pré-colombianas evoluem dentro de uma cronologia dividida em três grandes períodos, eles próprios subdivididos e que definem os estilos:
- o período Pré-clássico (cerca de 2.000 aC-cerca de 250 dC) inclui o Antigo Pré-clássico (cerca de 2.000 a cerca de 1.000 aC), o Pré-clássico Médio (cerca de 1000-cerca de 300 aC) e o Pré-clássico Tardio ou Tardio (cerca de 300 aC- cerca de 250 DE ANÚNCIOS);
- o período clássico (c. 250 dC-950 dC) inclui o clássico antigo ou inferior (c. 250-c. 600) e o clássico recente ou superior (c. 600-c. 950);
- O período pós-clássico (c. 950-1500) inclui o pós-clássico inicial (c. 950-1200) e o pós-clássico recente de 1200 a 1500.

Os olmecas: a "mãe" de todos os outros

Culturas mesoamericanas.

A cultura olmeca (também conhecida simplesmente como olmeca) foi uma cultura pré-colombiana que habitou a Mesoamérica desde o período formativo (cerca de 2.000 aC) até o período clássico (400 aC). Acredita-se que foi a "mãe" de todas as outras culturas mesoamericanas.

As origens da civilização olmeca?
O termo "olmeca" (Olmecatl) significa na língua asteca "habitante da região da borracha" e é a única palavra que temos para chamar essa civilização. Na verdade, não sabemos como os olmecas eram chamados. É possível que esse nome tenha sido dado pelo Império Mexica aos habitantes da região dos atuais estados mexicanos de Veracruz e Tabasco durante séculos, sem distinguir sua origem cultural ou lingüística.

Os olmecas são tradicionalmente considerados os inauguradores de um estilo artístico e arquitetônico mesoamericano, cujas ruínas ainda abundam, de Jalisco à Costa Rica. A construção de pirâmides e centros cerimoniais, cujas ruínas inspiraram outras culturas posteriores. Seus projetos foram posteriormente adotados por culturas posteriores da região. Isso significaria que a cultura olmeca permaneceu viva mesmo após seu declínio.

Localização geográfica dos olmecas
Os olmecas surgiram na região sudeste do atual México, principalmente nos estados de Veracruz e Tabasco. Posteriormente, sua influência se espalhou pela região mesoamericana, nos territórios do que hoje é a Guatemala, Belize, El Salvador, Nicarágua e Honduras.

Há evidências de sua origem em Chiapas e nos vales centrais de Oaxaca, bem como no Istmo de Tehuantepec. Mas seus principais centros cerimoniais eram: San Lorenzo (1150 aC), La Venta (1750 aC) e Tres Zapotes (900 aC).

Economia da civilização olmeca
É provável que a economia olmeca fosse principalmente agrícola, mas com espaço significativo para o comércio com os povos vizinhos por meio de redes comerciais extensas e elaboradas.

Foram os primeiros conhecedores do cacau, que souberam transformá-lo em formas primitivas de chocolate. Eles praticavam um esporte desconhecido, no qual usavam bolas de borracha em campos especialmente projetados.
Dessa forma, sua cultura foi adotada e difundida por todo o continente, à medida que era valorizada por outras culturas. A borracha, abundante na região, pode ter servido como um produto básico.

Religião e divindades da cultura olmeca
Tudo indica que a cultura olmeca era profundamente religiosa. Foi uma era teocrática e politeísta, com divindades predominantemente agrícolas, representando as estrelas, vulcões e outros aspectos do cosmos.

Eles tinham animais sagrados, como o jaguar, que reverenciavam abundantemente. Eles também adoravam sapos, crocodilos e uma vasta mitologia de seres que tinham cabeça de um e corpo de outro.

Acredita-se que seja uma religião dinástica, ou seja, vinculava diretamente seus governantes aos deuses, como se fossem seus herdeiros. Mas era uma religião complexa que ainda não foi totalmente decifrada.

Ao se estabelecer, os olmecas teriam fundado as primeiras cidades da Mesoamérica, uma área cultural que se estende do norte do México à Costa Rica. Entre estes podemos citar El Tajín, Tres Zapotes, La Venta e San Lorenzo. Essas cidades eram os locais de residência dos senhores e reproduzidas por sua arquitetura característica - pirâmides, montes de terra artificiais, templos, estelas - todo um simbolismo cósmico. A cosmogonia olmeca também se espalhou posteriormente entre todos os povos da Mesoamérica. O jade, muito encontrado nesta civilização, era considerado uma metáfora para a água, mas também para o sangue. É um índice do sacrifício humano, prática adotada por outros povos e que os olmecas iniciaram durante os rituais de obtenção de água. Da mesma forma, a serpente alada, uma reminiscência da serpente emplumada de Teotihuacán, aparece entre os olmecas em relação aos rituais de fertilidade. Na verdade, ficou mais perto da umidade, dos trovões e do céu.

Ao colocar a figura humana no centro de sua inspiração, a iconografia desta civilização nos informou muito bem sobre seu tipo físico. Nós os imaginamos adornados com pintura facial, olhos puxados, lábios carnudos e narizes provavelmente lisonjeiros. A obesidade também foi considerada um sinal de status social elevado. As cabeças colossais de Tres Zapotes, La Venta e San Lorenzo, feitas de pesados blocos monolíticos de várias toneladas, tornaram-se os mais famosos representantes da arte olmeca. Infelizmente, os estuques e pinturas que os cobriam desapareceram, deixando a porta aberta a várias interpretações. Alguns os vêem como retratos de chefes, outros como cabeças-troféu obtidas por decapitação de cativos; a ausência de expressão sugere que são cabeças de mortos.

Organização social da cultura olmeca

Pouco se sabe sobre como os olmecas se organizaram, mas a julgar pela complexidade de suas representações, é provável que tivessem uma sociedade complexa, com campos diversos, nos quais guerreiros e soldados desempenhavam um papel protagonista.

Roupas olmecas

A julgar pela arte e estatuetas olmecas preservadas, essa cultura provavelmente usava roupas leves de algodão cultivado. Eles também usaram vários métodos de adorno pessoal dependendo da atividade desenvolvida e seu lugar na ordem social e suas hierarquias.

Narinas, penas, argolas nasais e brincos peitorais eram provavelmente comuns em homens, especialmente em guerreiros. As mulheres usavam huipil e quechquemitl, com saias por baixo.

Contribuições da civilização olmeca

A civilização olmeca deu uma importante contribuição à cultura mesoamericana e, indiretamente, à civilização humana, por meio do desenvolvimento de um determinado estilo artístico, arquitetônico e filosófico, além da descoberta da borracha natural ou látex, originários da Hevea.

Suas imponentes esculturas enterradas, em forma de cabeça gigante (3 metros) e posteriormente reproduzidas por outras culturas locais, seja por escrito, cidades monumentais, rituais religiosos, calendário ou estruturas sociais, muitas culturas pré-colombianas encontram sua origem nesta civilização.

Mas a pilhagem distante dos locais, a difícil leitura dos glifos, a escrita mais antiga da América Central e o desaparecimento dos elementos pintados fazem com que muitas áreas cinzentas ainda persistem entre esse povo originário do mundo mesoamericano.

Mas os olmecas são mais conhecidos por terem formado cabeças gigantescas de monólitos pesando várias toneladas, que "não são extraterrestres ou de origem africana!" Ann Cyphers é rápido em especificar. Porque, desde a exumação, um mito tenaz envolve esses rostos estranhos, nascido dos comentários de um antiquário mexicano, José María Melgar y Serrano, que observou o primeiro descoberto em 1862 por um camponês em Veracruz. "Parecia um pouco 'etíope' para ele", explica o arqueólogo, que lembra que nenhum cientista da época imaginava a existência de sociedades avançadas na América. Das campanhas de Bonaparte no Egito à descoberta de Nínive no Iraque, todas as atenções estavam voltadas para o Oriente Médio. "A presença de fenícios ou mesmo de africanos na América era uma teoria popular na época", continua Ann Cyphers. "Era uma forma de negar às populações americanas a capacidade de estar na origem de civilizações poderosas", especifica Caterina Magni, uma especialista olmeca. No entanto, nunca se estabeleceu uma relação entre o continente africano e a Mesoamérica ". O que a genética confirmou recentemente, acrescenta o antropólogo Enrique Villamar Bercerit de Unam: "Um estudo pioneiro de DNA mitocondrial extraído de restos humanos concluiu que os olmecas têm uma origem americana inegável.

Zapothèques

Os zapotecas surgiram por volta de 1500 aC, no vale de Oaxaca, onde a agricultura floresceu graças a vários sistemas de irrigação. Monte Albán, sua capital, foi fundada no século V aC. C. Ele está em uma eminência, nivelado em seu topo com um trabalho considerável. Cidade funerária e religiosa, é a maior conquista desta cultura que, desde muito cedo, desenvolveu uma escrita glífica e utilizou um sistema de notação numérica semelhante ao dos maias (um ponto por unidade, uma barra para cinco unidades).

A praça central e o observatório astronômico de Monte Albán datam da primeira fase de ocupação, que se estende até o século I dC, assim como o Palácio dos Dançarinos, de influência olmeca, adornado com figuras no relevo inferior.

No entanto, a maioria dos edifícios data do período clássico (250-800). A população então atingiu 30.000 habitantes. As casas ocupavam os terraços abaixo da grande esplanada, reservados para cerimônias. A praça era cercada por templos revestidos de estuque pintado. Em Monte Albán mais do que em outros lugares, os arquitetos usaram a coluna para apoiar os tetos das grandes salas.

Convencido de que havia vida após a morte. Os zapotecas construíram tumbas com grandes câmaras subterrâneas, adornadas com afrescos que representam divindades, como pode ser visto na tumba recentemente descoberta em Huijazoo, 30 km a oeste de Monte Albán. Eles colocaram nesses cemitérios suas famosas urnas, estátuas de terracota que personificam os muitos deuses de seu panteão, vestidos com trajes suntuosos e joias. Monte Albán declinou a partir do século IX antes de se tornar uma necrópole Mixteca.

Matriarcado zapoteca: o mais
sociedade matriarcal antiga

Juchitán de Zaragoza é uma cidade de 100.000 habitantes, localizada no Vale de Oaxaca, no México, às margens do istmo de Tehuantepec, e um centro do comércio mundial, por estar localizada em uma rodovia que liga a América do Norte à América do Sul. A população é predominantemente zapoteca. Apenas as mulheres ainda falam a língua desta civilização de quase dois mil anos. Essa linguagem preservada permitiu-lhes desenvolver uma notável solidariedade feminina que é a base de sua sociedade matrilinear.

O notório poder das mulheres zapotecas
O Native American Handbook refere-se ao "poder notório das mulheres zapotecas" que se autodenominam Tehuanas. As mulheres são chefes de família, controlam a riqueza e representam a comunidade no exterior. Só mulheres vão ao mercado.

"O passatempo mais popular do mercado de Tehuanas, e que dá muito riso, é tirar sarro de um indivíduo, principalmente quando o objeto da zombaria é um homem." (O escritor aqui se ofendeu com o uso de apelidos dados a ele por mulheres, como "tartaruga", "mulher da cidade", "dentes grandes", "porquinho", "testículos grandes"). Existe uma forte solidariedade entre todas as mulheres e os idosos são altamente respeitados. A maioria dos curandeiros indígenas são mulheres.

Origens antigas
A civilização zapoteca foi uma civilização nativa americana pré-colombiana que floresceu no vale de Oaxaca, no sul da Mesoamérica, e desenvolveu uma sociedade com estrutura matriarcal. A posição particularmente vantajosa das mulheres na cultura matriarcal zapoteca significa que elas ainda são conhecidas hoje por sua tolerância a certas formas de homossexualidade masculina. Observe também o lugar especial dos homossexuais "com coração de mulher". Esses muitos são os únicos que têm permissão, em certas circunstâncias, de participar dos rituais ou atividades femininas. Na verdade, os homens com "corações femininos" (conhecidos como muxhe) são socialmente aceitos como um gênero adicional.

Uma homossexualidade tolerada
Mal explicado pelo fato de a virgindade da mulher antes do casamento ser considerada essencial (contribuição espanhola?), Não é incomum ver jovens formando um casal com muitos, que muitas vezes são considerados pessoas de boa companhia. No entanto, esses casais geralmente têm vida curta, sendo os casais heterossexuais a norma para a formação do núcleo familiar. No entanto, a grande tolerância dos zapotecas com a multidão contrasta com o que acontece em outras partes do México, por isso não é incomum ver muitos emigrar para o país zapoteca para viver lá com mais serenidade.

Matrilinearidade de herança
Como esperado, a mãe e a maternidade desempenham um papel importante nesta sociedade.

O nome, a casa, a herança passam pelas mulheres e o nascimento de uma menina é, portanto, uma grande alegria. Aos quinze anos, a jovem rainha da época foi entronizada após uma cerimônia de iniciação. O casamento também é objeto de práticas paralelas às cerimônias católicas. Depois disso, o marido, perdido para a família, irá morar na casa da esposa (casamento matrilocal).

Marido despejado da casa de sua esposa
A residência matrilocal realmente dá vantagem à mulher, pois ela pode expulsar o marido de sua casa, como é o caso dos pueblos. Certamente é uma superioridade nas relações matrimoniais, mas a situação do homem não é tão gravemente afetada por ela como parece à primeira vista, já que está sempre livre para se refugiar com sua mãe ou irmãs. ; ele sempre encontra refúgio, pelo reconhecido direito de residir em suas próprias parentes.

Uma economia feminina

Aqui sempre dominou uma economia regional, que também se baseia no intercâmbio com outras etnias da região. As mulheres se apropriaram do comércio e, conseqüentemente, do poder econômico da região. Os homens, por sua vez, têm atividades agrícolas de baixa renda. São agricultores, pescadores, artesãos e diaristas. Eles dão seus produtos e seus salários às mulheres.

O povo Mixtec
Os mixtecas são conhecidos como um dos principais rivais dos astecas, embora mais cedo ou mais tarde tenham sido subjugados por seu império.
Essa cultura foi uma das mais desenvolvidas e prósperas da Mesoamérica junto com os zapotecas, estabelecendo uma vasta rede comercial, desenvolvendo arte sofisticada e se organizando politicamente em pequenos reinos e cidades independentes.

Localização geográfica da civilização Mixtec
A civilização Mixteca originou-se nas terras altas ocidentais de Oaxaca no século 7 e durou até 1350. Devido às características geológicas da região (terreno muito acidentado), os Mixtecas se organizaram em solares independentes. Os mais importantes foram Tilantogo, Coixtlahuaca, Teozacoacoalco e Yanhuitlán.

Não foi até 750 DC que os Mixtecas começaram a povoar os vales do centro de Oaxaca e assim tomaram o controle de cidades zapotecas como Mitla, Yagul e Zaachila. O primeiro deles tornou-se o centro Mixtec mais importante.

Costumes e tradições mixtecas
Como mencionamos, os mixtecas compartilhavam muitas características com seus vizinhos, os zapotecas, bem como com os maias e astecas. Suas tradições e mitologia eram muito semelhantes às de outros povos mesoamericanos, especialmente centradas na divindade solar Yya Ndicahndíí ou Taandoco.
Acredita-se que o ritual do Dia dos Mortos, embora não fosse de origem mixteca, pelo menos na forma como era celebrado, teve grande influência na população do México atual.

A religião mixteca era animista e politeísta, como acontecia com a maioria das religiões mesoamericanas. Como uma divindade protetora, eles tinham Dzahui, que personificava a chuva. Essa divindade é muito semelhante ao deus Tlaloc, presente no panteão Teotihuacan e Tolteca. Com isso, encontramos também o deus do fogo Huehuetéotl, muito venerado no Bajo Mixto.

Para satisfazer os deuses, os Mixtecas praticavam sacrifícios humanos e animais, que eram encenados em seus templos construídos em cavernas ou picos, sendo o principal deles Apoala. Os padres tiveram grande importância na estrutura social, atuando como líderes religiosos supremos.

Seus rituais às vezes não envolviam matar ninguém, mas eles tiravam sangue e partes do corpo, como orelhas e línguas humanas, para mostrar sua lealdade e reverência aos deuses, jogando os membros em cestas cerimoniais.

Mas nem tudo eram rituais sangrentos e amputações. Eles também realizaram cerimônias com cerimônias cerimoniais e jogos, incluindo a mais famosa distração mesoamericana: o jogo de bola.

Assistir a um desses jogos não era como assistir a um jogo de futebol, mas algo muito mais importante. Este jogo representou a luta eterna entre os poderes do universo. O campo de jogo representava o céu e a bola o sol, tornando cada jogo um acontecimento repleto de religiosidade e simbolismo.

A linguagem e escrita dos Mixtecas

Os mixtecas pré-hispânicos falavam a língua proto-mixteca, o nome proposto para a língua de origem da maioria das línguas faladas pelos mixtecas hoje. Esta língua ancestral conseguiu sobreviver ao domínio asteca e espanhol, evoluindo e se diversificando em mais de 80 formas diferentes. A língua evoluiu tanto que suas variantes são muito diferentes, o que faz com que seus falantes não se entendam e se voltem para o espanhol como língua franca.

Embora não se saiba muito sobre o som Proto-Mixtec, é possível ver como é uma de suas variações atuais, o Xochapa.

No entanto, embora os esforços para restaurar o som Proto-Mixtec não tenham sido muito bem-sucedidos, sabemos como ele foi escrito. Assim como os zapotecas, os mixtecas usavam como sistema de escrita os hieróglifos que foram preservados e analisados em muitos códices, como o códice mixteca-zapoteca, vindoboninensis mexicanum, Brodley e Zouche Nuttal, nos quais as cenas são descritas. história, uma genealogia nobre e alianças sociopolíticas.

Organização social e política dos Mixtecas

A estrutura social Mixtec era composta por estratos organizados hierarquicamente. Era muito semelhante ao sistema Zapoteca. No topo estava o rei, mas também os líderes religiosos e a alta nobreza, mas nunca no mesmo nível do monarca. O próximo nível é o dos mercadores, muito apreciados, seguidos dos camponeses e artesãos que são o principal motor da economia. Finalmente, no degrau inferior estavam escravos e servos, principalmente prisioneiros de guerra e criminosos que representavam a força de trabalho de cada reino.

Os mixtecas não viviam em um país, mas em vários reinos e cidades-estado, como os gregos na antiguidade clássica. Cada estado independente era governado por um rei que cobrava impostos na forma de bens e serviços, sendo a nobreza a estrutura burocrática responsável pela cobrança de impostos de seus súditos. Esses reinos, embora fizessem parte da mesma cultura, ocasionalmente lutavam e se atacavam, embora também formassem alianças comerciais e militares.

Entre os líderes mais importantes da história Mixteca está Ocho Venado Garra de Jaguar, um líder que fundou vários reinos Mixtecas durante o século X. Este famoso líder iniciou um importante processo expansionista e é creditado com a unificação dos reinos de Tututepec (Yacudzáa), Tilantongo (Ñuu Tnoo Huahi Adehui) e Ñuu Cohyo sob seu único comando, governando-os até sua morte.

Como os mixtecos não se davam muito bem, eles não seriam amigos de outras culturas. Eles se deram especialmente mal com os toltecas, e em mais de uma ocasião lutaram com os zapotecas. No entanto, suas divergências étnicas foram superadas cada vez que os astecas tentaram se estabelecer como a principal potência no México, o que levou os mixtecas e outros povos a se unirem para enfrentar o inimigo comum.

Infelizmente, o sistema de alianças entre os reinos Mixtecas e outros países mesoamericanos acabaria por falhar, despertando velhas tensões étnicas que foram exploradas pelo Império Asteca no século XV. Mais tarde, os espanhóis conhecerão essa falta de unidade militar e estatal dos mixtecas e de outros povos, o que acelerará consideravelmente a conquista do México.

A economia dos Mixtecas

Sua economia dependia principalmente da agricultura. Os Mixtecos plantavam pimenta, feijão, abóbora, cacau, algodão e, claro, o milho que é tão importante para qualquer cultura mesoamericana. Vale ressaltar que o cultivo do cacau e do algodão só era possível se o terreno o permitisse, além do fato de que essa cultura enfrentava constantemente relevo acentuado e escassez de água. Portanto, eles tiveram que ter sucesso no desenvolvimento de um sistema de cultivo em terraço que chamaram de "coo yuu".

Como seus vizinhos, os zapotecas, os mixtecas não gostavam muito de pescar, caçar ou coletar frutas silvestres, embora se envolvessem nessas atividades de vez em quando. Por outro lado, sabe-se que os Mixtecos domesticaram o peru ou peru.

Eles eram muito bons em trabalhar com metal, especialmente ouro. Em sua cultura, esse mineral era considerado excremento dos deuses e tinha um importante significado sagrado. Acredita-se que a Mixtec deve ter sido uma das primeiras culturas a trabalhar com metais, embora também tenha sido cogitada a possibilidade de que posteriormente desenvolvessem a metalurgia. Da mesma forma, seu domínio dos metais era muito grande, transformando-os em estatuetas, além de fazer esculturas com ossos.

Sua cerâmica é policromada, com tons de laranja, preto, vermelho, branco, azul e lilás. Para tingir de vermelho os recipientes e tecidos, foram cultivadas as cochonilhas, inseto parasita do cacto que, quando amassado, dá uma cor vermelha brilhante. Além disso, extraíam caliche (carbonato de cálcio) e magnetita, que comercializavam com suas fábricas e algumas de suas lavouras.

A arte do povo Mixtec

Os Mixtecas distinguem-se pelo seu know-how como artesãos, ourives e pintores de códices. Eles trabalharam com metais como ouro, prata e cobre. Com eles fizeram pulseiras, colares, anéis e outras joias.

A influência dos toltecas

A civilização olmeca, que durou de 1200 a 400 AC. C., foi a primeira sociedade altamente organizada na Mesoamérica. Essa civilização se tornou a base para muitas novas culturas no México e na América Central. Os olmecas desenvolveram rotas comerciais e tinham um estilo artístico distinto, criando enormes cabeças de pedra esculpidas que ainda existem hoje. Os toltecas são um povo de guerreiros que vieram do norte e de cujas origens pouco sabemos, para conquistar novas terras e que ali fundaram sua capital, sob o reinado de seu líder chamado Mixcoátl. Esses invasores cuja origem é certamente Chichimeca (um termo que designa um conjunto bastante grande de grupos nômades do que uma tribo ou grupo étnico específico). São, pois, os descendentes destes bárbaros que, no entanto, darão origem a uma cultura de vida e costumes requintados segundo as lendas e vestígios que nos deixaram como em Tula (a sua capital mítica). Desde 500 a. C. até 1000 d. C., a civilização Zapoteca teve origem no Vale de Oaxaca, onde construíram pirâmides e palácios. O povo zapoteca também desenvolveu um alfabeto, um sistema numérico e seu próprio calendário.

Os toltecas desenvolveram sua cultura entre 850 e 1168 DC, o que os coloca nos períodos clássico e pós-clássico da história mexicana. Seu principal centro é a cidade de Tula, que atingiu seu auge em 400 DC.

Tula era povoada por dois grupos étnicos principais: os toltecas chichimecas e os nonoalcas. Essa cultura se desenvolveu muito rapidamente e influenciou a cultura maia da Península de Yucatan.

A palavra Toltec deriva do Nahuatl Toltecatl, que foi usado para se referir à cidade de Tollan, embora mais tarde esta palavra tenha sido usada para se referir a artesãos.

Localização geográfica dos toltecas
A cultura tolteca estava geograficamente localizada na região central de Haut Plateau. Esta cultura era muito rica e seus principais centros cerimoniais eram Huapalcalco em Tulancingo e a cidade de Tollan-Xicocotitlan (hoje Tula de Allende).

Ele é conhecido como tolteca por um grupo de falantes de nahuatl que veio do noroeste do México e estabeleceu seu centro político e religioso na cidade de Tula. O termo "tolteca" tem significados diferentes, mas geralmente é identificado com "gente dos juncos" porque eles eram associados à cidade de Tula (Tullan em nahuatl e significava "cañaveral"). Depois de algum tempo, passou a ser associado à palavra "construtor" e passou a ser sinônimo de "civilizado".

História da civilização tolteca
Tula apareceu por volta de 950 DC e foi em 1025 quando o rei Mitl conseguiu se estabelecer na guerra interna que foi combatida por parte da nobreza.

Segundo a lenda tolteca, essa cultura se originou em uma tribo chichimeca que, no início do século X, liderada por seu rei Miscoatl, se estabeleceu em Culhuacán. Ele foi sucedido por Topiltzin, que certamente será um personagem real, mas não seu antecessor.

Há uma grande controvérsia sobre sua relação com os maias, até mesmo alguns historiadores afirmam que Tula foi fundada por maias de Yucatan. É verdade que as duas tribos tinham intensas relações políticas, religiosas e comerciais. Isso era muito evidente em Chichen Itza. Pode ser visto nas estruturas do Castelo ou no Templo dos Guerreiros. Outro exemplo é o deus Quetzalcoatl que esteve muito presente em Kukulkan.

Os toltecas eram altamente qualificados no trabalho de construção, e sua influência se espalhou por todo o período pós-clássico em toda a Mesoamérica. Entre o povo daquela época, Toltec era sinônimo de pessoas que eram artistas e artesãos qualificados.

Cidade de Tula

Quando os toltecas chegaram a Teotihuacán, após sua migração (por volta do ano 1000), a cidade já estava abandonada há quase três séculos. Não sabemos que guerra ou cataclismo pode ter esvaziado o lugar de todos os seus habitantes. Recentemente, encontramos vestígios de um grande incêndio na cidade. Os toltecas conquistaram uma cidade fantasma e rapidamente a trouxeram de volta à vida. Eles reconstruíram parcialmente a herança desses ancestrais de prestígio, dos quais não sabiam quase nada. Eles fundaram sua nova capital, Tula, 50 km mais a noroeste e, em dois séculos, construíram um poderoso império que abrangia todo o centro do México.

Alguns historiadores afirmam que a cidade de Tula é o mapa da tradução de Vênus. Esses ciclos referem-se às etapas pelas quais Quetzalcoatl passou para se tornar um homem-Deus. Mesmo com o traje atlante, um exemplo é mostrado é o espelho preto no qual Quetzalcoatl se viu refletido e admitiu seus erros. Também é mencionado no chacmol que é uma representação de Quetzalcoatl emergindo do fogo escondido sob a Terra.

Cultura tolteca

Os toltecas conseguiram desenvolver uma cultura extraordinariamente avançada para a época. Seus emblemas são a águia e a onça-pintada, que simbolizam o planalto central e a planície costeira do golfo onde estenderam sua influência. Diz-se que inventaram a pintura e a arte com afrescos, a escultura, a poesia e, portanto, foram os primeiros a dominar a escrita. O regime político era feudal e os conflitos frequentes. De Toetihuacan eles assumiram o calendário e o uso de sinalização gráfica, mas eles próprios deram um grande impulso à medicina, astronomia e outras atividades cotidianas, como metalurgia e ourivesaria.

Como possuíam um grande império, criaram um sistema burocrático eficiente e estabeleceram um sistema postal primitivo (o primeiro da região) que era sustentado por uma rede de correios.

Arquitetonicamente, a influência de Teotihuacán é claramente visível e tinha um caráter monumental marcante que se refletiu na construção de grandes pirâmides, quadras de bola, templos e tumbas.

A escultura refletia suas crenças religiosas por meio da representação de guerreiros (como os famosos Atlantes de Tula), serpentes emplumadas que simbolizavam Quetzalcoatl e outras figuras, como as estátuas sentadas do deus Chac Mool. A posição reclinada deste último foi interpretada como uma representação do resto dos mensageiros durante suas viagens.

Fala-se muito sobre a influência tolteca na civilização maia, mas também é evidente que a arte e a arquitetura que podem ser vistas em Tula se parecem muito com as técnicas usadas pelos astecas. Ao mesmo tempo, a semelhança dos padrões representados demonstra uma semelhança ideológica e cultural entre as culturas.

Arquitetura tolteca
Os toltecas trouxeram inovações importantes na arquitetura para a Mesoamérica no século IX. As figuras humanas segurando os telhados dos edifícios com o pescoço são um exemplo.

Entre as construções arquitetônicas mais famosas, encontramos a pirâmide B com seus atlantes. Estes foram decorados com joias e mosaicos. Acredita-se que eles representem o guerreiro tolteca-chichimeca Mixcoatl (pai de Quetzalcoatl) ou o deus da estrela da manhã Tlahuizcalpantecuhtli. Outros elementos que definem o personagem são as colunas em forma de serpentes emplumadas.

Na arquitetura e na escultura, destacam-se pela construção de colunas serpentinas, placas em relevo de onças e águias, pilastras com figuras de guerreiros e outros detalhes que procuram enfatizar sua organização de cunho puramente militar.

Os atlantes de Tula são um exemplo claro de como essa cultura funcionou bem na pedra.

Economia tolteca
A economia baseava-se na agricultura, principalmente no cultivo de milho, feijão e amaranto. Outra importante fonte de renda era o comércio, a produção artesanal e os impostos.

A agricultura era praticada em campos irrigados por sistemas de canais. As principais safras eram milho, feijão e amaranto. No regime tolteca, o amaranto desempenhou um papel central porque, graças a ele, a fome era evitada em épocas de seca. Pelas suas características, esta planta é muito fácil de cultivar e também muito resistente à falta de água. Além disso, é fácil de armazenar por longos períodos sem danos. Também possui um alto valor nutricional, razão pela qual muitos a consideram a cultura mais importante de Tula.

Esta semente, amaranto também chamado de huatli ou alegria, também era usada em oferendas e rituais. Numerosos cronistas descreveram que em certas cerimônias usavam figuras feitas com amaranto aglutinado. Hoje, a mesma técnica usada pelos antigos toltecas é usada para fazer os famosos doces de amaranto da região.

Organização social e política
Os toltecas se desenvolveram entre os séculos 10 e 12 dC O estado tolteca se tornou o maior império que existiu no México até então. Politicamente, ela foi a primeira a passar de uma sociedade organizada sob uma teocracia religiosa para um tipo mítico e belicoso. Essa mudança na organização política é característica do período mesoamericano pós-clássico.

Essa formação de um novo sistema de governo tinha a característica de vincular questões religiosas e bélicas. Assim, os cargos antes exercidos pelas castas sacerdotais passaram para as mãos de chefes militares que foram agrupados nas chamadas ordens totêmicas (onça, coiote e águia). Essa mudança permitiu a criação de um exército forte e poderoso que possibilitou a expansão do império. Este ponto é considerado o início do militarismo na Mesoamérica.

A sociedade tolteca foi dividida em duas classes distintas:
* Grupo privilegiado: era composto por soldados, funcionários, padres e o líder supremo.
* Grupo não privilegiado: era formado por fazendeiros e artesãos.
Fato curioso Eles foram os primeiros na Mesoamérica a fazer os primeiros registros históricos e crônicas em que informações genealógicas de seus governantes podem ser encontradas.

Declínio e destruição de Tula
Por volta do ano 1160, secas, conflitos internos e a irrupção dos povos bárbaros do norte (Chichimecas) levaram ao declínio e despovoamento de Tula. Com o colapso de Tula, seus habitantes emigraram para o Vale do México, onde fundaram Culhuacán, enquanto outros se mudaram para o sul e se estabeleceram por volta de 1290 em Cholula, onde permaneceram até meados do século XIV.

Durante o reinado de Acamapichtli de 1375 a 1395, os astecas foram os súditos mais poderosos do vale. Eles prestaram homenagem e estavam sob o comando de Tezozomoc da cidade de Atzcapotzalco, que governou o vale até sua morte em 1426. Parte da homenagem aos astecas era lutar nas campanhas militares de Atzcapotzalco. Por fim, os astecas receberam permissão para travar suas próprias guerras para conquistar cidades, exigir tributos e obter terras agrícolas. Eles continuaram lutando por Atzcapotzalco, demonstrando seu poderio militar, e foram recompensados com terras.

Em 1426, os astecas provaram ser iguais aos guerreiros de Atzcapotzalco. O novo governante de Atzcapotzalco, o filho de Tezozomoc, Maxtla, era um governante instável e assassino. Em 1426, ele matou seu irmão para tomar o poder e, em seguida, assassinou o governante asteca Chimalpopoca. O conselho asteca rapidamente elegeu um novo líder, Itzcoatl, que era um guerreiro poderoso. Sob sua liderança, de 1427 a 1440, os astecas buscaram o apoio dos povos vizinhos para travar uma guerra contra Atzcapotzalco. Eles encontraram aliados nos líderes de Texcoco, Tlaxcala, Tlacopan e Xaltocan.

Essa guerra deu origem a uma aliança em 1431 entre três importantes cidades do Vale do México: Tenochtitlan, Texcoco (no leste) e Tlacopan (no oeste). Essa aliança foi o início do Império Asteca, com Tenochtitlan como sua capital.

A maneira mais rápida de os astecas aumentarem seus recursos e riquezas era a conquista. Os astecas começaram derrotando os povos que cercavam o lago Texcoco. Eles continuaram para o continente e passaram pelas montanhas de Ajusco em direção ao vale de Morelos. Cada cidade derrotada tornou-se uma cidade-estado com um império crescente. Cada cidade-estado devia homenagear os astecas na forma de bens ou serviços, que variavam de acordo com os tipos de recursos ou habilidades encontrados na área. Esses tributos também aumentaram com o tempo, à medida que aumentaram as necessidades do império em crescimento.

Em 1440, Moctezuma I se tornou o novo governante asteca. Durante seu reinado, o império se espalhou para terras mais distantes. Os astecas derrotaram os Huaxtecs no centro-norte de Veracruz em meados da década de 1450. Eles então derrotaram Coixtlahuaca em 1458 e, em seguida, derrotaram Cosamaloapan em 1459. Em 1472, poucos anos após a morte de Moctezuma I, o império que havia se espalhado para a Mesoamérica.

Um grande sacrifício

Quando a Grande Pirâmide foi concluída em 1487, Ahuitzotl realizou uma cerimônia de dedicação. No topo do grande templo, sacerdotes e nobres astecas, incluindo Ahuitzotl, abriram e removeram os corações de 20.000 ou mais prisioneiros de guerra. O sangue das vítimas sacrificadas escorreu pelas escadas do templo e se acumulou na praça abaixo, horrorizando os astecas e embaixadores convidados de outras nações. O sacrifício humano se tornou uma ferramenta política poderosa para Ahuitzotl e os futuros governantes do império.

Axayacatl, um príncipe de 19 anos, tornou-se o próximo governante asteca. Suas campanhas conquistaram as cidades e terras a oeste de Tenochtitlan. Durante seu reinado, os astecas também sofreram uma derrota contra os tarascanos perto do lago Pátzcuaro. Em 1481, Tizoc chegou ao poder, mas não expandiu o império durante seu reinado. Em vez disso, ele se concentrou em suprimir rebeliões nas cidades-estado do império. Sob Ahuitzotl, eleito soberano em 1486, o império deu uma guinada mais sangrenta e implacável. Seu enorme sacrifício humano na Grande Pirâmide foi um dos eventos mais sangrentos da história de Tenochtitlan. Suas conquistas expandiram ainda mais o império até 1502, quando o último governante do império, Moctezuma II, assumiu o poder.   Montezuma II queria garantir que a nobreza o favorecesse, então ele criou leis que exageravam as diferenças de classe na sociedade asteca. A maneira como as pessoas se vestiam tornou-se ainda mais importante, para que os nobres pudessem ser facilmente distinguidos dos plebeus A etiqueta da corte tornou-se mais elaborada para mostrar os mais altos níveis de respeito.

Tecnologia asteca

Os astecas usavam matemática para medir distâncias, comprimentos e áreas de terra. Seus avanços tecnológicos têm se concentrado no uso prático, como agricultura e construção. Os astecas usavam ferramentas de obsidiana e cobre para construir, esculpir e esculpir com pedra e madeira.

Canoas e barcos

Uma canoa foi muito útil para navegar pelos canais e pelo lago que circunda Tenochtitlan. Essas canoas eram feitas de troncos ocos queimados no fogo. Os carpinteiros astecas também fizeram um barco em forma de jangada de fundo plano feito de pranchas de madeira mantidas juntas por fibras rígidas.
A partir desse conhecimento, os astecas construíram uma impressionante variedade de ferramentas, estruturas e sistemas para ajudar sua sociedade a prosperar.

Enquanto a roda era usada apenas para brinquedos e não havia bestas de carga, os astecas desenvolveram vários meios de transporte de mercadorias por longas distâncias.

A forma mais comum de transporte de carga era em um contêiner de cana preso às costas de uma pessoa em uma estrutura de transporte. Transportadoras, chamadas de tlamemes, são especializadas nesse tipo de transporte. Cada tlameme pode carregar um pouco mais de 50 libras (23 kg) por aproximadamente 13 milhas (21 km) .1
Os viajantes navegavam entre as cidades ao longo de um sistema de rodovias. As rodovias mais desenvolvidas localizavam-se próximas às cidades. Uma estrada principal ligava as principais cidades do império. As cidades ou autoridades locais mantiveram os trechos das estradas localizados perto de suas cidades.

Em Tenochtitlan, cinco estradas principais ligavam a cidade ao continente. As pessoas podiam andar nas calçadas acima do lago fora da cidade. Essas calçadas de 3,7 m de largura eram feitas de estacas de madeira cravadas no leito do lago e cheias de areia, terra e pedras.2
Para permitir que a corrente flua através do lago, partes das calçadas, criando canais. Acima dessas lacunas havia pontes de madeira.

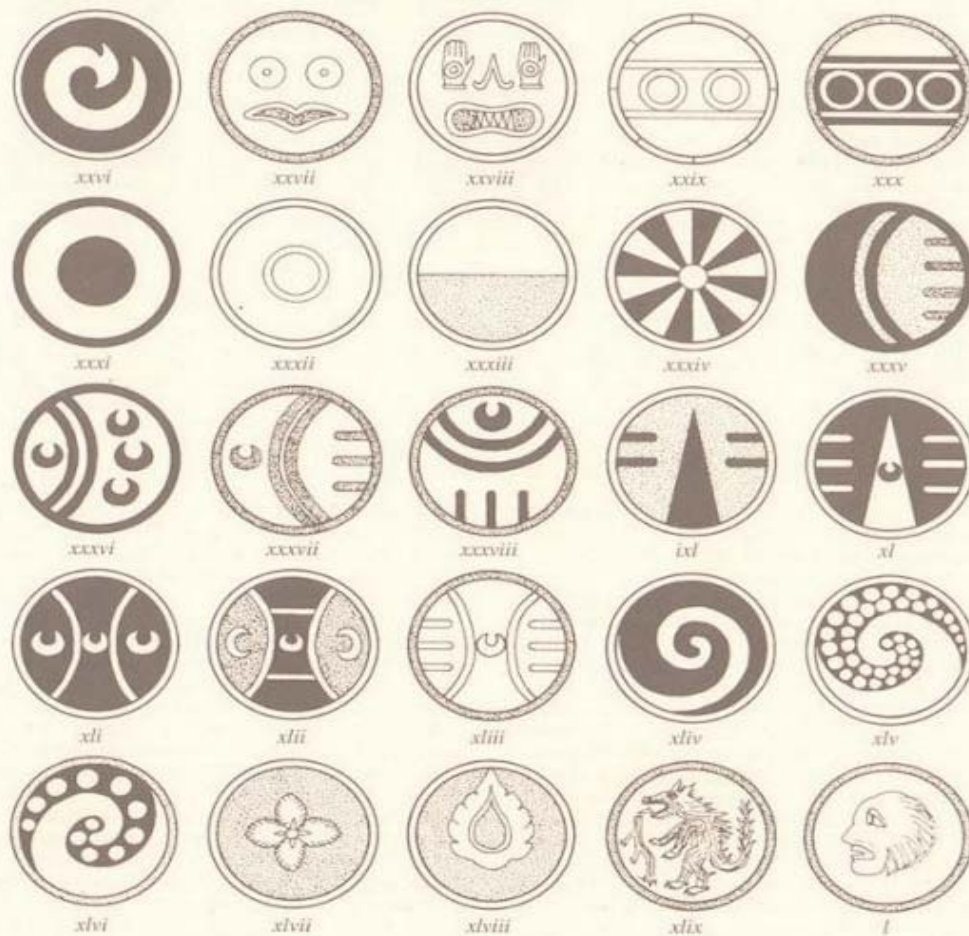
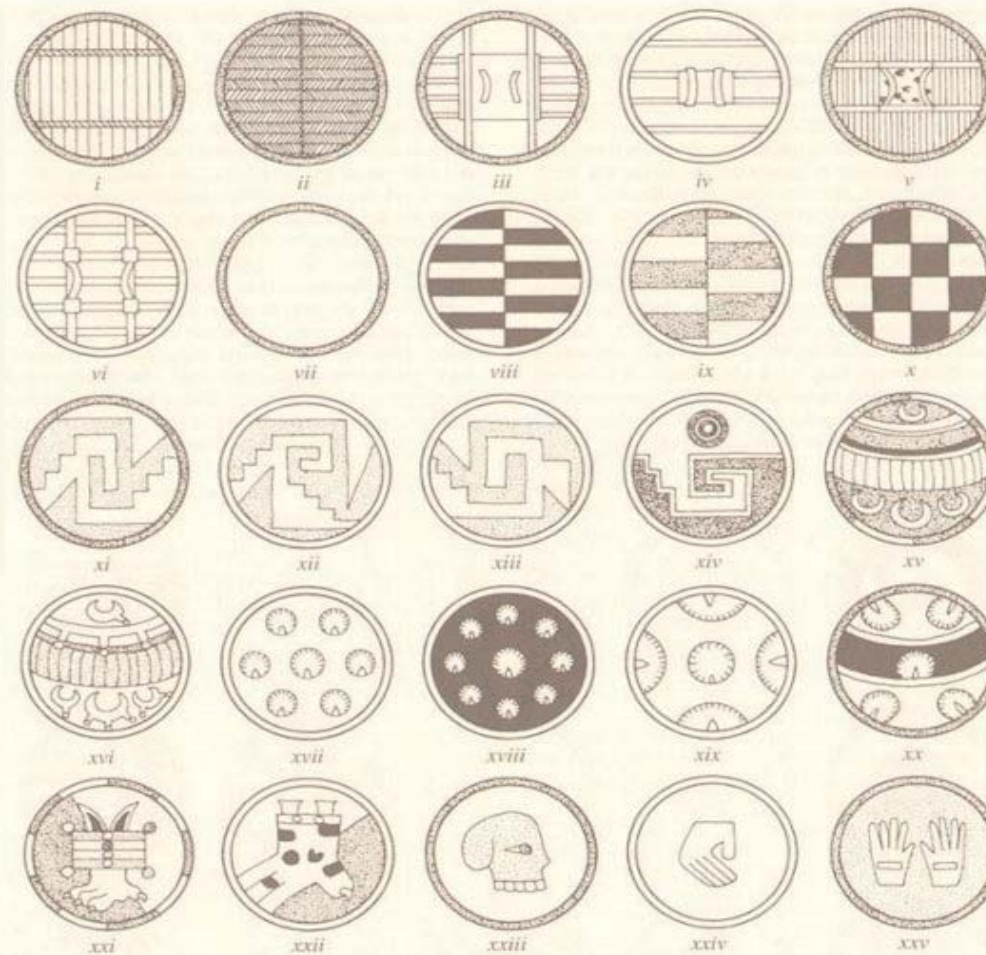
O manuscrito Badianus

Quando os espanhóis chegaram, os astecas já praticavam medicina há séculos. Esses especialistas em ervas tinham amplo conhecimento dos usos medicinais das plantas. Em 1552, dois eruditos astecas registraram uma lista de ervas usadas por seu povo no manuscrito Badianus, que foi escrita em nahuatl e mais tarde traduzida para o latim.

Os astecas tinham misturas medicinais específicas para tratar muitos tipos de doenças. Para parar uma hemorragia nasal. Os astecas misturavam o suco de uma planta de urtiga amassada com sal com urina e leite e colocavam essa mistura nas narinas. Como relâmpago, um ferido bebeu um líquido feito com folhas de diferentes árvores e esfregou uma bandagem feita de diferentes ervas em seu corpo.

Fertilizante para Chinampas

Os astecas eram agricultores orgânicos exemplares que não desperdiçavam nada, nem mesmo excrementos humanos. Eles encheram as canoas com os excrementos dos habitantes de Tenochtitlán e as enviaram para os campos chinampa. Esses resíduos humanos foram posteriormente usados como um rico fertilizante para o solo.

A 20th-century drawing of Tenochtitlán, based on Spanish descriptions of the Aztec capital. The tallest pyramid is the Great Temple of Huitzilopochtli, the god who was said to have led the Aztec to their homeland.(Neg. no. 326597, Photo by Rota, courtesy the Library, American Museum of Natural History)

Os pântanos não são ideais para a agricultura, mas os astecas tornaram a área ao redor da cidade-ilha de Tenochtitlán produtiva para a agricultura. Eles construíram canteiros agrícolas elevados chamados chinampas no leito raso do lago. Para construir uma chinampa, foi escolhida inicialmente uma área retangular e seus quatro cantos marcados por estacas de madeira que se estendiam em direção ao leito do lago. O tamanho dos chinampas variou de cerca de 10 a 16 pés (3 a 5 m) de largura e 20 a 98 pés (6 a 30 m) de comprimento.3 A área retangular foi então preenchida com camadas de lama e vegetação. O chinampa acabado estendia-se aproximadamente 3 pés (1 m) acima da água. Salgueiros foram plantados em cada canto para ajudar a estabilizar a chinampa. Às vezes, os agricultores também construíam suas casas nesses terrenos.

Embora vivesse em um lago, o povo de Tenochtitlan precisava de água limpa e água para irrigar as fazendas. Parte da água do lago era salgada e, portanto, intragável. Os engenheiros astecas projetaram um tipo engenhoso de aqueduto para levar água potável à cidade. O aqueduto de Chapultepec tem sua origem nas nascentes de Chapultepec e termina no centro da cidade. Foi construído sobre uma plataforma elevada, em uma estrada próxima à cidade. Em sua base havia estacas de madeira, encimadas por uma base de areia, cal e pedra. Esta base suportou dois canais de água de alvenaria. Enquanto um canal estava em uso, o outro podia ser limpo e mantido. Isso garantiu que o fluxo de água nunca parasse. O Aqueduto de Chapultepec foi o aqueduto mais avançado construído pelos astecas, mas eles construíram muitos outros aquedutos durante seu reinado.

Lendas astecas

O sol e a lua

O primeiro Sol, o Sol do Tigre, nasceu em 955 AC. Mas depois de um longo período de 676 anos, o Sol e os homens foram comidos por tigres.

O segundo sol era o do vento. Ele ficou impressionado e todos os que viviam na terra e se agarraram às árvores para resistir à tempestade se transformaram em macacos.

Então veio o terceiro sol, o sol da chuva. Uma chuva de fogo caiu sobre a terra e os homens se transformaram em perus.

O quarto sol, o sol da água, foi destruído pelas inundações. Todos os que viveram nessa época tornaram-se peixes. A água cobriu tudo por 52 anos.

Reflexivos, os deuses se reuniram em Teotihuacan:

- Quem será agora o responsável por devolver o amanhecer à terra?

O Senhor dos Caracóis, famoso por sua força e beleza, deu um passo à frente:

- Eu serei o sol, disse ele.

- Quem mais ?

Fique quieto.

Todos olharam para o Pequeno Deus Sifilítico, o mais feio e infeliz dos deuses, e decidiram:

- Você.

O Senhor dos Caracóis e o Pequeno Deus Sifilítico retiraram-se para as montanhas, que hoje são as pirâmides do Sol e da Lua. Lá, com o estômago vazio, eles meditaram.

Então os deuses formaram uma enorme pira, atearam fogo e gritaram por eles.

O Pequeno Deus Sifilítico decolou e se jogou nas chamas. Surgiu imediatamente depois e subiu, incandescente, para o céu.

O Senhor dos Caracóis olhou para a pira em chamas, com a testa franzida. Ele se moveu para frente, para trás, parou, circulou várias vezes. Incapaz de se decidir, os deuses exasperados o incentivaram a continuar. Mas antes que ele subisse para o céu, os deuses, furiosos, lhe deram um tapa e bateram no rosto com um coelho, tanto que tiraram o brilho.

Foi assim que o arrogante Senhor dos Caracóis se tornou a Lua. As manchas na lua são as cicatrizes de sua punição.

Mas o sol escaldante não estava se movendo.

O falcão de obsidiana voou até o pequeno deus sifilítico e perguntou-lhe:

- Por que você não se move?

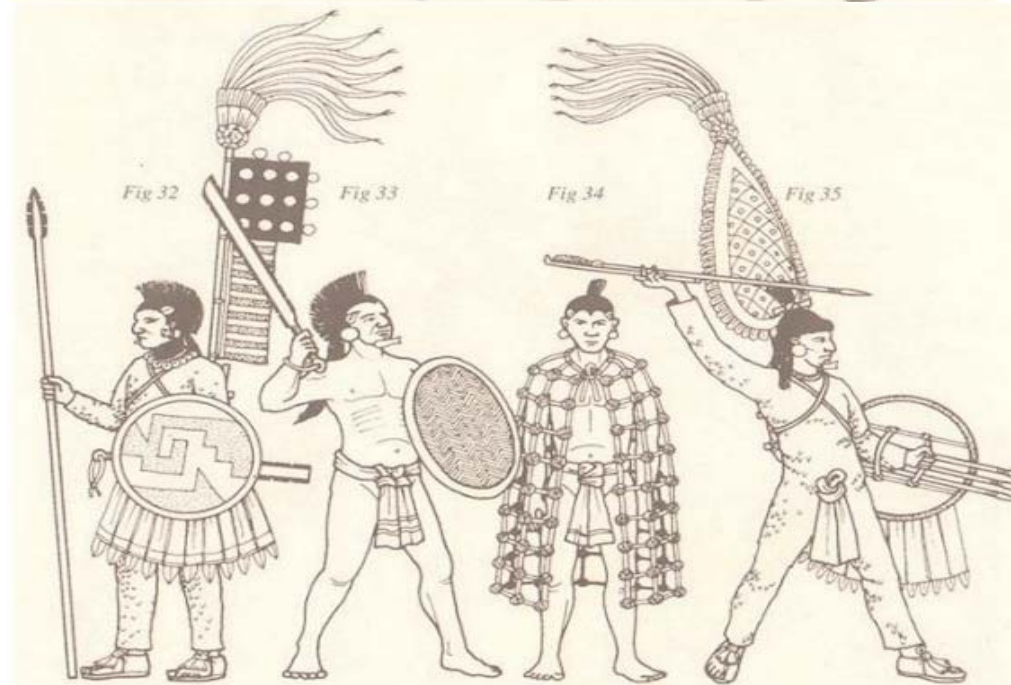
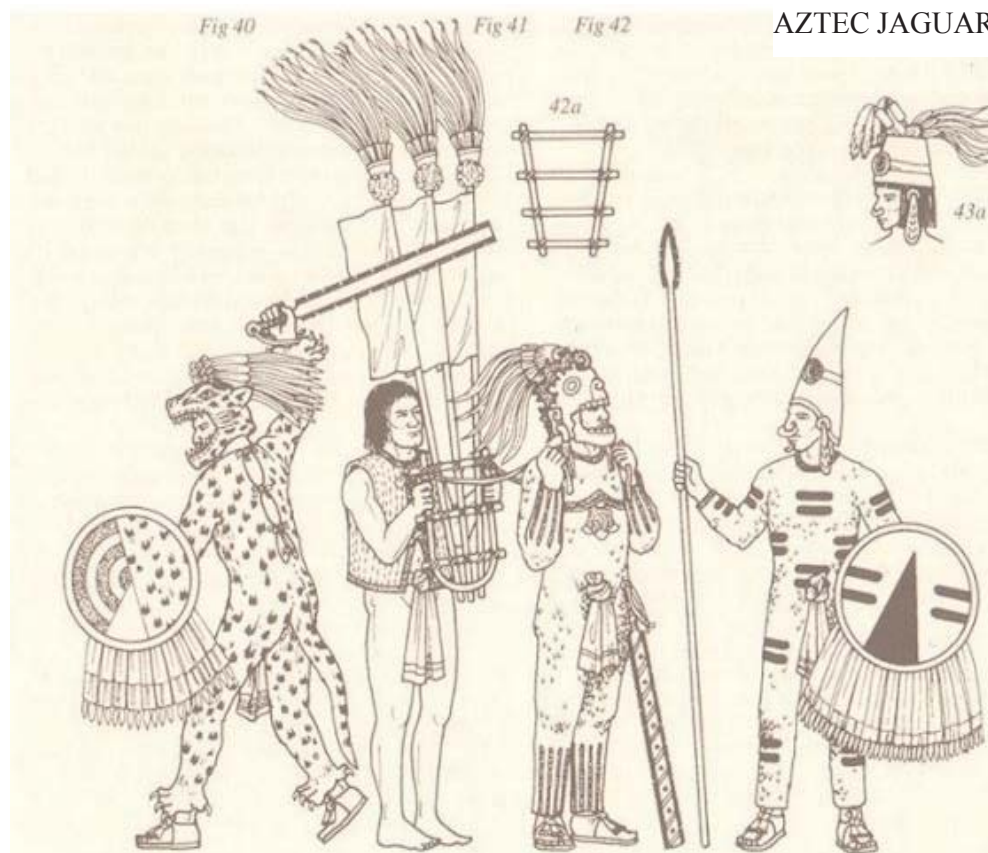
AZTEC JAGUAR WARRIOR

Fig 40 Fig 41 Fig 42 42a 43a

Fig 29 Fig 30 Fig 31 31a 31b 31c

Fig 32 Fig 33 Fig 34 Fig 35

Fig 36 Fig 37 Fig 38 Fig 39

36 & 38 AZTEC PRIESTS – 39 & 40

E ele respondeu, o subestimado, o purulento, o corcunda, o coxo:
- Porque eu quero o sangue e o reino.
Este quinto sol, o sol do movimento, iluminou os toltecas e iluminou os astecas. Ele tem garras e se alimenta de corações humanos.

Montanha de milho
Os deuses se perguntaram o que os humanos poderiam comer.

Um dia, Quetzalcoatl encontrou uma formiga vermelha nas proximidades de Teotihuacan. A formiga carregava um grão de milho. Muito interessado, Quetzalcoatl perguntou-lhe onde o tinha encontrado. No início, a formiga agiu como nada e continuou seu caminho. Mas, por insistência do deus, ela respondeu que o havia extraído da "Montanha do Nosso Alimento" e o convidou a segui-la.

Mas Quetzalcoatl era grande demais para entrar naquele lugar como as outras formigas. Então ele teve que recorrer à magia e se transformou em uma formiga preta. A formiga vermelha estava esperando por ele lá dentro, e o guiou até o local onde havia muito milho. Ela então o ajudou a coletar grãos suficientes para compartilhar com os outros deuses. O grande Quetzalcoatl agradeceu e foi embora. Quetzalcoatl trouxe o milho para os outros deuses, que então o deram para os homens comerem. A comida estava boa.
Precisávamos de mais milho, mas era uma tarefa cansativa virar formiga para trazer os grãos aos poucos. Quetzalcoatl tentou recuperar toda a "Montanha", mas não teve sucesso. Então os deuses pediram ao adivinho Oxomo e sua esposa Cipactonal para lançar um feitiço. Eles revelaram que se Nanahuatl lançasse um raio, a "Montanha da nossa comida" permaneceria aberta.

Huichol e milho
Os Huichols estavam cansados de comer coisas de que não gostavam. Eles queriam algo que pudessem comer todos os dias, mas de maneiras diferentes.

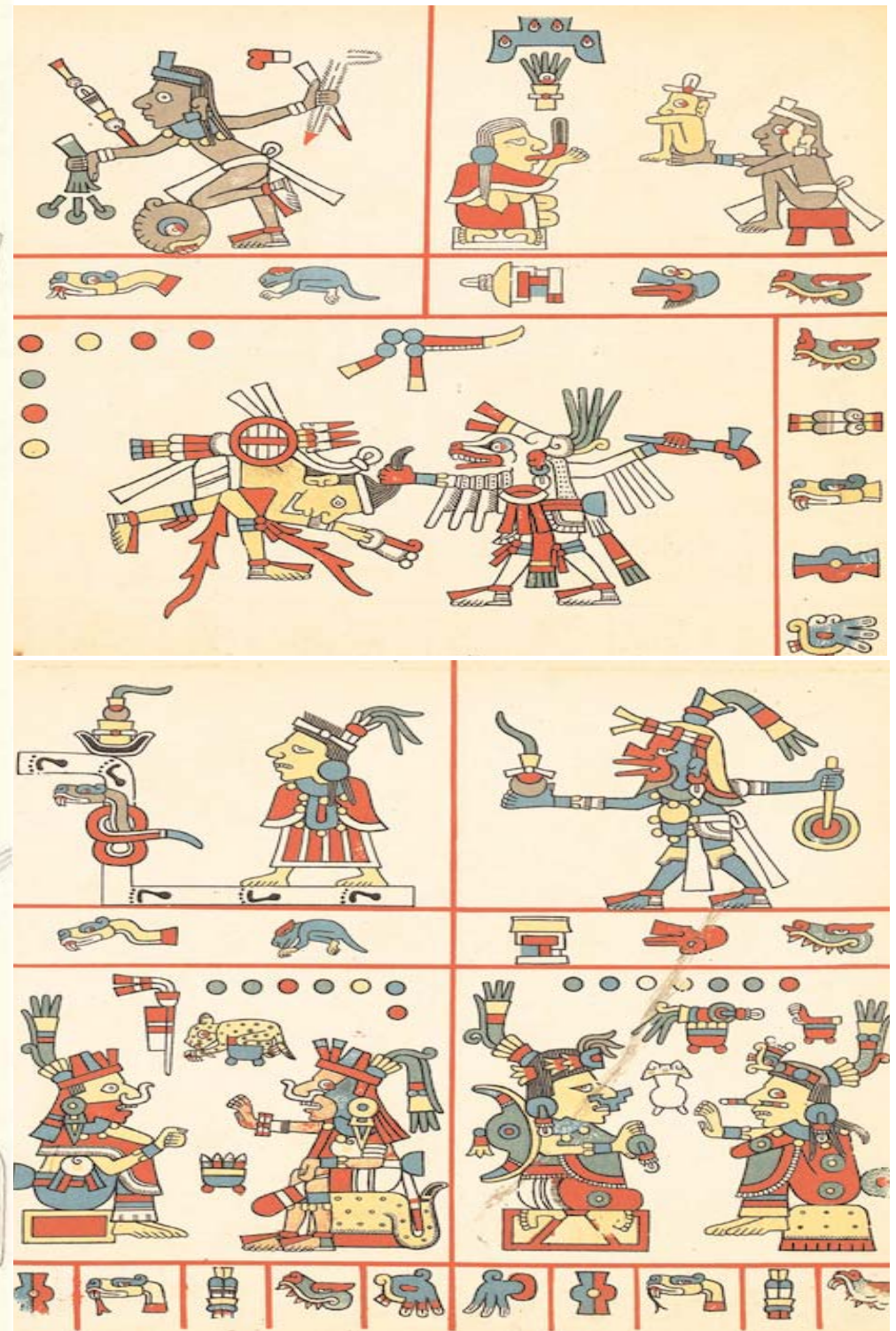
Um jovem Huichol ouviu falar do milho e seus famosos pratos, tortilhas, chilaquiles e a sopa de tortilha que se preparava com esse cereal. Mas o milho estava longe, do outro lado da montanha. Isso não o impediu e ele foi embora. Em pouco tempo ele viu uma linha de formigas e sabendo que algumas delas eram os guardiões do milho, ele as seguiu. Mas quando o jovem adormeceu, as formigas, sem nenhuma vergonha, devoraram todas as suas roupas, deixando-o sozinho com seu arco e flechas.

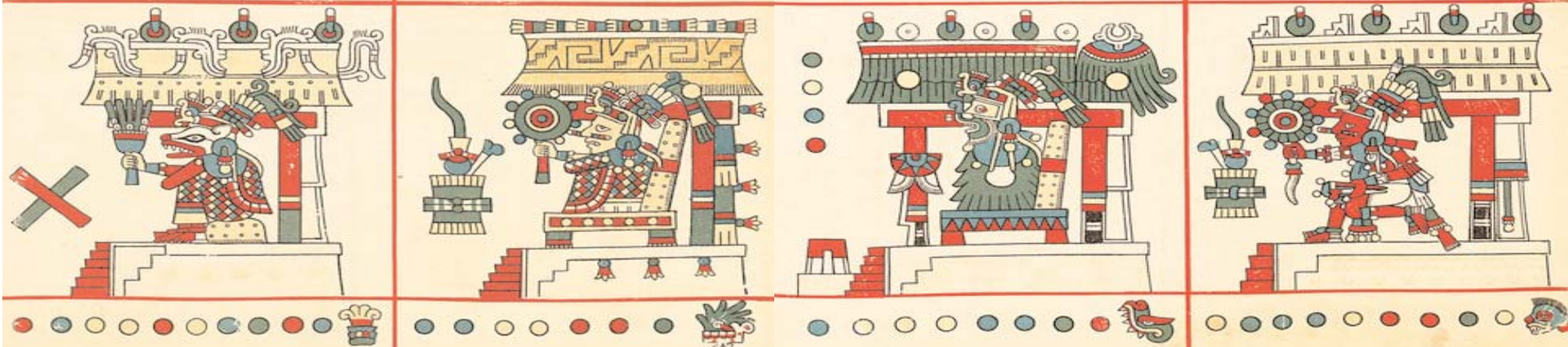
Nus e famintos, os Huichols começaram a lamentar. Foi então que um pássaro pousou em uma árvore próxima. O jovem apontou o arco para ele, mas o pássaro o repreendeu e disse que ela era a Mãe do Milho. Ela o convidou a segui-la até a Corn House, onde ela permitiria que ele levasse tudo o que estivesse procurando.

Na Casa do Milho havia cinco lindas moças, as filhas da Mãe do Milho: Espiga Branca, Espiga Azul, Espiga Amarela, Espiga Vermelha e Espiga Preta. Blue Cob o encantou por sua beleza e suavidade. Eles se casaram e voltaram para a aldeia Huichol. Como ele ainda não era um morador de rua, eles dormiram um pouco em um local dedicado aos deuses. Então, como num passe de mágica, a casa dos noivos enchia-se todos os dias de espigas de milho que a decoravam como flores. As pessoas vinham de todos os lugares porque Cobra Azul lhes oferecia espigas de milho com as duas mãos.

A bela esposa ensinou seu marido a plantar milho e cuidar da safra. Ao saber das iguarias oferecidas por esse novo alimento, os animais tentaram roubá-lo. Cobra Azul ensinou as pessoas a colocar fogueiras ao redor das plantações para assustar os animais em busca de orelhas tenras.

Dizem os antigos que Blue Cob, depois de ter ensinado tudo o que sabia, foi moldado e foi assim que os homens aprenderam sobre o excelente atole, uma bebida quente preparada com grãos de Pero.

27i
27ii
27iii
27iv
27v
27vi
27vii
27viii
27ix
27x
27xi
27xii
27xiii
27xiv
27xv
27xvi
27xvii
27xviii
27xix
27xx

Fresque Aztèque - Oaxaca - Mexique

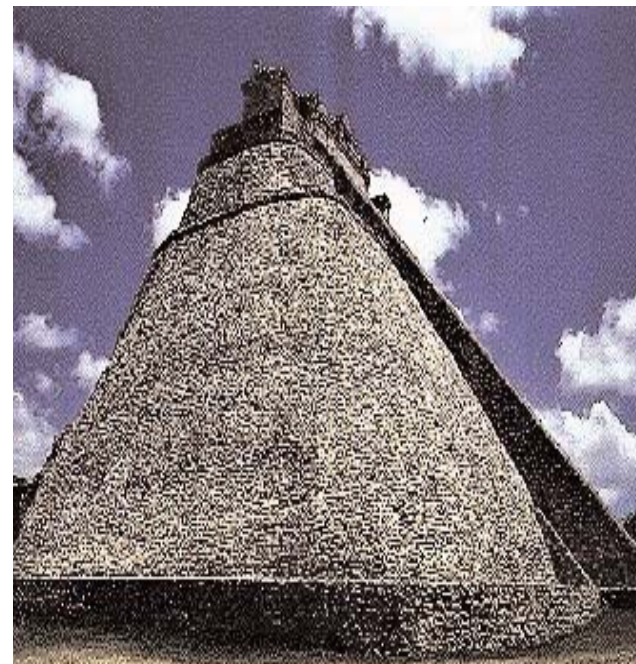
La vie des Aztèques était dominée par la religion, que caractérisaient un panthéon foisonnant, une riche mythologie, un rituel complexe fertile en épisodes dramatiques et sanglants mais aussi en cérémonies grandioses et en émouvante poésie. La civilisation aztèque avait réalisé la synthèse des divinités astrales des tribus nordiques (Huitzilopochtli, Tezcatlipoca), des dieux agraires adorés par les anciennes populations sédentaires (Tlaloc, Chalchiuhtlicue, etc.), des dieux étrangers tels que Xipe Totec (Oaxaca) ou Tlazolteotl (déesse de l'Amour chez les Huaxtèques). Le dieu des Aztèques à qui est adressé le culte est guerrier et triomphant. Huitzilopochtli est fils d'une déesse de la Terre, il personnifie le Soleil par sa victoire sur ses frères et sœurs, les Ténèbres et l'Étoile du matin. Soleil et guerre : tels sont les deux principes organisateurs de la religion aztèque. Ainsi, les morts au combat ou les sacrifiés connaissent une survie grandiose, car ils sont chargés d'aider le Soleil dans sa course. Tous les jours pendant quatre ans, ils l'accompagnent du levant au zénith. Passé cette période, ils se métamorphosent en colibris ou en papillons. Celui qui meurt dans sa maison, au contraire, disparaît dans les Ténèbres. Dès son enfance, l'homme aztèque est préparé à l'idée du sacrifice; il ne doit vivre que pour donner son cœur et son sang " à notre Mère et à notre Père, la Terre et le Soleil ", et contribuer de la sorte au bel ordonnancement du monde : permettre le lever du Soleil, la tombée de la pluie, la pousse du maïs... La " guerre fleurie ", pacte de sang entre tribus sœurs, de même origine et de même culture, a été scellée à cette fin.

O TEMPLO DO SOL DE PALENQUE

O "Palácio" domina a área central de Palenque. Situada em um grande monte feito pelo homem, esta rede de galerias e pátios tem o tamanho de um quarteirão padrão da América do Norte.

O templo do Sol, em Palenque, foi construído por Chan-Bahlum ("serpente-onça"), filho de Pacal, por volta de 690 DC. A cumeeira do telhado não tem função estrutural, mas pode-se considerar que se assemelha ao pena cerimonial vestindo um rei. O telhado de mansarda do templo é adornado com as magníficas figuras de estuque pelas quais Palenque é famosa, e com razão. A crista do telhado consistia em uma treliça de pedra que coroava a estrutura já alta dos templos piramidais. Talvez os arquitetos maias, temendo que esses templos não fossem grandes o suficiente, quisessem melhorá-los dessa forma. O escudo sempre foi fartamente decorado com relevos pintados em gesso, como as fachadas dos templos. As entradas, batentes das portas e fachadas de muitos outros edifícios maias também eram decoradas com uma infinidade de entalhes em madeira ou pedra.

Se os templos eram as estruturas mais imponentes, mais eram os palácios de um andar, de aparência semelhante, mas com plataformas muito mais baixas. Esses palácios continham algumas dezenas de quartos com paredes de gesso. Freqüentemente, ao contrário dos templos piramidais, um ou dois pátios internos foram instalados dentro das paredes dos palácios.

Não sabemos exatamente para que serviam esses "palácios". É possível que chefes ou outros membros da elite vivessem ali, embora os quartos fossem pequenos e desconfortáveis. Segundo os arqueólogos, é mais provável que os nobres vivam em edifícios que já desapareceram. Pode ser também que monges, freiras ou padres vivam nessas "celas", embora a existência de ordens eclesiásticas ou monásticas entre os antigos maias não seja atestada.

A Pirâmide do Mago, em Uxmal (norte de Yucatán), tem uma forma particular. É construído sobre uma grande plataforma oval, mas, além dessa peculiaridade, tem o mesmo formato dos templos piramidais tradicionais.

Segundo a lenda maia, o templo foi criado no espaço de uma noite por uma criança prodígio que se tornaria o governante do país. Na verdade, pode ter levado até 300 anos para erguer a estrutura que vemos hoje, pois na verdade existem cinco estruturas construídas uma em cima da outra.

O assentamento inicial da Mesoamérica MAYA

Maria Regueiro acaba de publicar um artigo intitulado: Sobre as origens, rápida expansão e diversidade genética dos índios americanos, de caçadores-coletores a agricultores, a partir do estudo do haplogrupo Q do cromossomo Y.

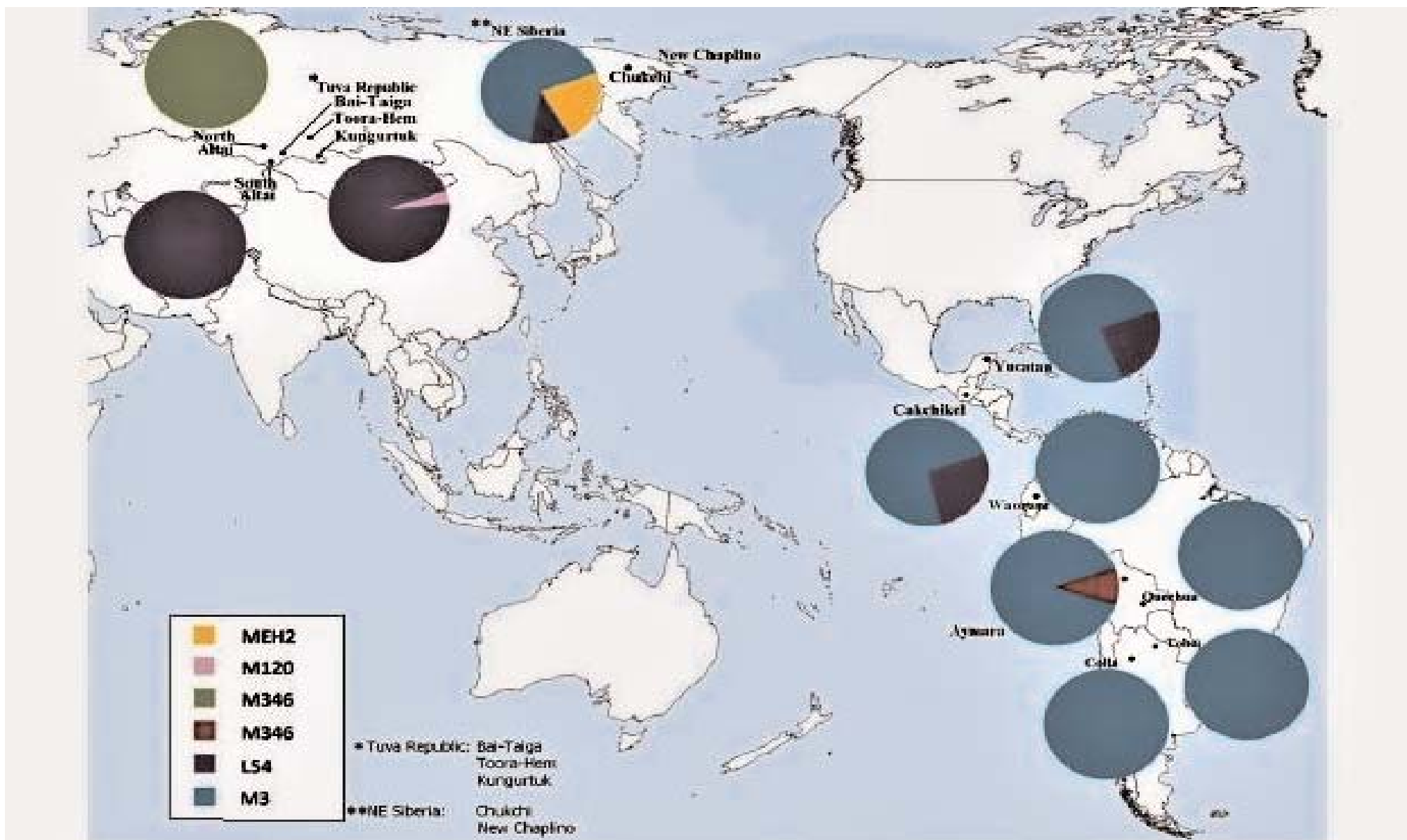
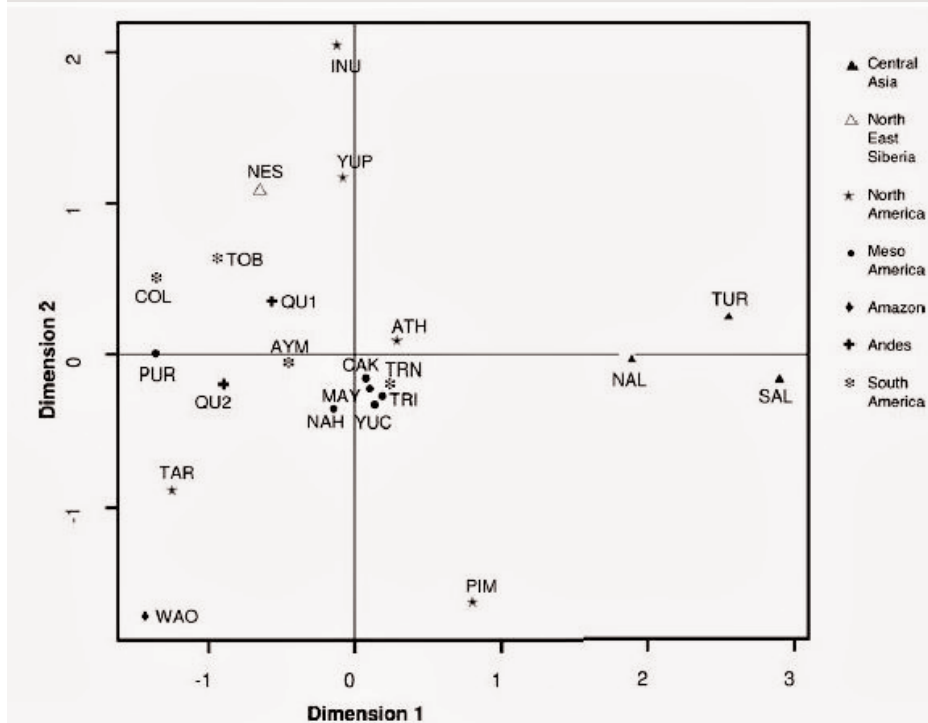
O processo de migração que trouxe a espécie humana para a América é dividido em três fases: a primeira é uma migração no norte da Sibéria que data de cerca de 40.000 anos, da região de Altai para Beringia. Então, as condições climáticas bloquearam o avanço dos homens por cerca de 15.000 anos em Beringia. A última fase consiste em chegar à América pela Beringia. Este movimento em direção ao sul foi provavelmente facilitado pelo aquecimento global, cerca de 12.500 anos atrás. Avanços na biologia molecular, bem como um melhor entendimento da arqueologia, lingüística e paleocimatologia iluminaram essa diáspora nos últimos anos. Duas janelas de tempo permitiram o acesso a Beringia: entre 40.000 e 20.000 anos e entre 16.000 e 12.500 anos, e ainda hoje há divergências sobre o número de migrações e o momento em que essas migrações.

O estudo atual se refere a várias populações do Leste Asiático e Nativos Americanos: 3 regiões da República de Tuva na Ásia Central, 2 regiões da área nordeste da Sibéria e os Maias de Yucatan e Guatemala. Um total de 293 amostras dessas 7 regiões foram estudadas: 146 da República de Tuva, 32 do nordeste da Sibéria, 72 de Yucatán e 43 da Guatemala. Os resultados de estudos anteriores também foram analisados. O número de amostras do haplogrupo Q é dado na seguinte tabela:

TABLE 1. Populations analyzed, their location, gene diversity, and mean variance

Population	Key	Ethnic group (geographic location)	Geographical coordinates, latitude/longitude	Reference	Number of individuals in Haplogroup Q	Gene diversity[a]	Mean variance (V_p
Central Asia							
Tuva Republic	TUR	Mongolian (Tuva Republic)		Present study	24	0.1864 ± 0.0446	0.171
Bai-Taiga		Mongolian	51°01′60″ N, 090°13′60″ E	Present study	3		
Kungurtug		Mongolian	50°35′58″ N, 097°31′22″ E	Present study	14		
Toora-Hem		Mongolian	52°29′52″ N, 096°23′50″ E	Present study	7		
North Altai	NAL	Mongolian (Altai Republic)	51°49′19″ N, 086°27′08″ E	Dulik et al., 2012	26	0.2946 ± 0.0568	0.350
South Altai	SAL	Mongolian (Altai Republic)	49°29′15″ N, 087°25′51″ E	Dulik et al., 2012	20	0.1400 ± 0.0485	0.133
North East Siberia	NES	Eskimo (Siberia)		Present study	9	0.5740 ± 0.0435	0.678
Chukchi		Eskimo (Siberia)	66°05′29″ N, 174°26′19″ W	Present study	7		
New Chaplino		Eskimo (Siberia)	64°29′51″ N 172°51′28″ W	Present study	2		
North America							
Athabaskan[b]	ATH	Eskimo (Alaska)	66°34′02″ N, 145°15′04″ W	Davis et al., 2011	31	0.5125 ± 0.0490	0.606
Inupiat[b]	INU	Eskimo (Alaska)	71°17′26″ N, 156°47′19″ W	Davis et al., 2011	101	0.4057 ± 0.0538	0.511
Yupik[b]	YUP	Eskimo (Alaska)	60°47′32″ N, 161°45′21″ W	Davis et al., 2011	98	0.4835 ± 0.0495	0.560
Pima	PIM	Native American (Mexico)	29°05′56″ N, 110°57′15″ W	Sandoval et al., 2012	49	0.2991 ± 0.0663	0.548
Tarahumara	TAR	Native American (Mexico)	28°45′08″ N, 107°38′05″ W	Sandoval et al., 2012	13	0.3975 ± 0.0680	0.430
Maya (Yucatan)[c]	YUC	Native American (Mexico)	20°42′35″ N, 089°05′39″ W	present study	56	0.5009 ± 0.0542	0.618
Maya (Yucatan)[c]	MAY	Native American (Mexico)	20°40′46″ N, 088°34′07″ W	Sandoval et al., 2012	14	0.5370 ± 0.0517	0.606
Nahua[c]	NAH	Native American (Mexico)	19°40′00″ N, 099°21′00″ W	Sandoval et al., 2012	56	0.4965 ± 0.0635	0.684
Purépecha[c]	PUR	Native American (Mexico)	19°34′41″ N, 101°37′20″ W	Sandoval et al., 2012	6	0.5156 ± 0.0565	0.798
Triqui[c]	TRI	Native American (Mexico)	17°04′04″ N, 096°43′12″ W	Sandoval et al., 2012	22	0.4730 ± 0.0578	0.670
Central America							
Maya (Cakchikel)[c]	CAK	Native American (Guatemala)	14°34′00″ N, 090°44′00″ W	present study	39	0.5232 ± 0.0490	0.678
South America							
Amazon							
Waorani	WAO	Native American (Ecuador)	01°05′00″ S, 075°55′00″ W	Geppert et al., 2011	36	0.2813 ± 0.0627	0.305
Andes							
Quechua1	QU1	Native American (Bolivia)	15°00′00″ S, 068°45′00″ W	Gaya-Vidal et al., 2011	33	0.4172 ± 0.0615	0.489
Quechua2	QU2	Native American (Peru)	06°25′38″ S, 076°31′09″ W	Sandoval et al., 2012	8	0.3976 ± 0.0670	0.326
Aymara	AYM	Native American (Bolivia)	18°10′00″ S, 068°11′00″ W	Gaya-Vidal et al., 2011	42	0.4449 ± 0.0541	0.523
Trinitario[b]	TRN	Native American (North Bolivia)	14°22′41″ S, 065°05′44″ W	Tirado et al., 2009	30	0.5144 ± 0.0438	0.522
Toba	TOB	Native American (Argentina)	32°57′02″ S, 060°39′59″ W	Toscanini et al., 2011	40	0.3692 ± 0.0596	0.341
Colla	COL	Native American (Argentina)	24°46′58″ S, 065°24′34″ W	Toscanini et al., 2011	10	0.4222 ± 0.0589	0.709

As estimativas dos tempos de coalescência dos diferentes haplogrupos foram feitas com a taxa de mutação evolutiva de Zhivotovsky e a taxa de mutação genealógica de Goedbloed: (canto superior esquerdo)

A taxa de mutação genealógica dá resultados 3 vezes mais jovens do que a taxa de mutação evolutiva. Em geral, a taxa genealógica está mais de acordo com os dados arqueológicos. No entanto, alguns propuseram que a taxa de pedigree se aplica mais a dados recentes com baixa diversidade, enquanto a taxa evolutiva se aplica mais a dados mais antigos com maior diversidade. Os tempos de coalescência mais antigos para todo o Haplogrupo Q são encontrados no nordeste da Sibéria (11.090 +/- 2.790 anos) e na América do Norte entre os Purepecha (11.270 +/- 3.740 anos) e Pima (10.870 +/- 5.250 anos). Anos) . Para SNP M3, as datas mais antigas são para os Nahuas da América do Norte (11.450 +/- 2.810 anos).

Portanto, a mutação Q-M3 ocorreu logo após o aparecimento de Q-L54. Isso apóia a ideia de um isolamento das primeiras populações americanas, criando um cenário demográfico que favorece múltiplos episódios de deriva genética resultantes de gargalos e efeitos fundacionais. A baixa diversidade do haplogrupo Q na Ásia Central é provavelmente o resultado de efeitos fundamentais seguidos por derivações genéticas causadas pelo estilo de vida nômade. Também é possível que isso seja devido a eventos demográficos recentes que modificaram a paisagem genética dessa região, ou simplesmente devido aos efeitos da subamostragem.

A prevalência e onipresença do SNP M3 dos nativos americanos é consistente com um único evento migratório pré-holoceno. Os próximos tempos de coalescência entre L54 e M3 sugerem que a população das Américas era rápida. O sequenciamento paleo-esquimó completo da cultura Saqqaq, datado de 4.000 anos atrás, por outro lado, indica uma migração recente datada de cerca de 5.500 anos atrás entre o nordeste da Sibéria e as Américas.

Population	N M242	Evo[a] TE	Gene[b] TE	N M346/L54	Evo[a] TE	Gene[b] TE	N M3	Evo[a] TE	Gene[b] TE
Central Asia									
Tuva Republic	24	7.24 ± 2.67	2.8 ± 1.03	23	7.45 ± 2.79	2.88 ± 1.07	0		
Bai-Taiga	3			3			0		
Kungurtug	14	10.00 ± 4.14	3.86 ± 1.60	13	10.59 ± 4.47	4.09 ± 1.72	0		
Toora-Hem	7	2.41 ± 0.99	0.93 ± 0.383	7	2.41 ± 0.99	0.93 ± 0.383	0		
North Altai	26	15.09 ± 4.69	5.83 ± 1.81	25[c]	13.52 ± 4.44	5.22 ± 1.71			
South Altai	20	5.19 ± 2.85	2.00 ± 1.10	20	5.19 ± 2.85	2.00 ± 1.10			
North East Siberia	9	28.71 ± 7.22	11.09 ± 2.79	1			6	16.90 ± 3.89	3.88 ± 1.50
New Chaplino	2			0			2		
Chukchi	7	26.57 ±6.52	10.26 ± 2.52	1			4		
North America									
Maya (Yucatan)	56	23.59 ± 5.02	9.11 ± 1.94	13	24.15 ± 5.41	9.33 ± 2.09	43	21.12 ± 4.90	8.16 ± 1.89
Maya (Mexico)	14	23.20 ± 5.67	8.96 ± 2.19				11	25.47 ± 6.85	9.84 ± 2.64
Nahua (Mexico)	56	27.21 ± 5.63	10.51 ± 2.17				22	29.64 ± 7.29	11.45 ± 2.81
Pima	49	28.14 ± 13.59	10.87 ± 5.25				1		
Purépecha	6	29.18 ± 9.70	11.27 ± 3.74				3		
Triqui	22	27.22 ± 4.66	10.52 ± 1.80						
Tarahumara	13	18.95 ± 4.57	7.32 ± 1.76						
Mesoamerica									
Maya (Cakchikel)	39	24.22 ± 5.64	9.36 ± 2.18	10	23.06 ± 4.06	8.91 ± 1.57	29	24.07 ± 6.73	9.30 ± 2.46
Amazon									
Waorani	36	16.50 ± 5.50	6.37 ± 2.12	0				16.50 ± 5.50	6.37 ± 2.12
Andes									
Quechua1	33	21.08 ± 5.07	8.14 ± 1.96	0			33	21.08 ± 5.07	8.14 ± 1.96
Quechua2	8	11.47 ± 2.85	4.43 ± 1.10				6	4.02 ± 1.52	1.55 ± 0.58
South America									
Aymara	42	22.25 ± 4.76	8.60 ± 1.84	5[d]	13.52 ± 3.79	5.22 ± 1.46	37	22.39 ± 4.53	8.65 ± 1.75
Toba	40	13.94 ± 3.38	5.39 ± 1.30	0			40	13.94 ± 3.38	5.39 ± 1.30
Colla	10	25.96 ± 7.32	10.03 ± 2.83	0			10	25.96 ± 7.32	10.03 ± 2.83

La gran diversidad dentro del haplogrupo Q-M3 indica un fuerte aumento en la población de las Américas probablemente debido al advenimiento del Neolítico entre 2000 y 1000 a. C. JC. La población maya es, por tanto, máxima en el período clásico alrededor del año 750 d.C.

Ixchel é a deusa da maternidade e da lua e está associada à água. Representada por uma velha, ela protege as mulheres e patrocina a tecelagem. Ele também pode se apresentar de forma maliciosa e ser responsável pela destruição, inundações e tempestades tropi-cais.

Itzamna é o deus supremo que criou o universo. Também dele vêm os conhecimentos de agricultura, escrita e astronomia. Ele geralmente era descrito como um monstro cós-mico semelhante a uma cobra-crocodilo que, uma vez na Terra, tornou-se um homem velho.

Os Maias

Povos indígenas da América Central, fundadores de uma brilhante civilização pré-colombiana que se espalhou pelos atuais territórios dos estados mexicanos de Chiapas e Yucatán, e pelos de Belize, Guatemala e Honduras. Hoje, os maias somam cerca de 2 milhões que pertencem ao grupo linguístico maia. Nas florestas tropicais de Petén e nas terras áridas de Yucatán, os maias desenvolveram, por mais de dois milênios, uma civilização de prestígio. No século 9 DC, suas cidades foram gradualmente abandonadas, apenas para serem redescobertas por exploradores do século 19. Mas os povos maias conseguiram preservar sua identidade até hoje, apesar das invasões e conquistas.

As origens

Um povo estável Vindo da Ásia pelo Estreito de Bering, como todos os povos americanos, os maias se estabeleceram em uma data ainda desconhecida no território atualmente ocupado por seus descendentes. No entanto, pode-se dizer que esse povo, ou melhor, esses povos - porque é preciso distinguir, de acordo com sua língua, os choles, os chortis, os iucatecas e tantos outros (os próprios maias agrupando 24 línguas indígenas) - conheceram excepcionalmente estabilidade: Apesar das vicissitudes da história, os maias não se mudaram desde o segundo milênio AC.

A zona maia

América do Norte: economias e áreas culturais ao redor de 1500 Seu território cobre o sudeste do México, Belize e Guatemala, o oeste de El Salvador e Honduras, entre 14 graus e 22 graus de latitude norte: todo o país é, portanto, tropical, mas esta uniformidade é apenas aparente. A área maia é tradicionalmente dividida em três grupos geomorfológicos: as terras altas vulcânicas do sul, férteis e temperadas; a planície central, bem drenada por grandes rios, como o Motagua ou o Usumacinta; o planalto árido de calcário de Yucatán, ao norte, com drenagem subterrânea. Esta distinção deve ser qualificada pela diversidade de relevo, solos e clima. As planícies centrais são intercaladas com grandes vales, mas são limitadas a sudeste pelas montanhas maias. O vasto planalto de calcário de Yucatán é interrompido pela cadeia de colinas de Puuc. A esta variedade de paisagens corresponde a multiplicidade de manifestações culturais locais: se existe de facto uma civilização maia, a riqueza da sua diversidade interior não pode ser subestimada.

Uma longa maturação

Os maias criaram terras aráveis cortando e queimando a vegetação. Eles cultivavam milho e plantas secundárias como feijão, abobrinha e tabaco. Nos planaltos ocidentais, eles limparam a floresta para plantar. Após um período de dois anos, eles cultivaram novos campos, deixando os antigos em pousio por dez anos antes de replantá-los. Eles viviam em pequenas aldeias compostas por grupos de casas ocupadas por famílias extensas. Suas casas com telhado de palha costumavam ser cabanas de um cômodo com paredes feitas de postes de madeira entrecruzados cobertos de lama seca. Essas cabines eram usadas principalmente para dormir, tarefas diárias, como cozinhar, eram feitas ao ar livre em um espaço comum central. A divisão do trabalho entre homens e mulheres era bem definida: os homens cuidavam das cabanas e cuidavam dos campos de milho, e as mulheres preparavam a comida, faziam roupas e cuidavam das necessidades da família. Esses métodos agrícolas antigos e tradições familiares sobreviveram ao longo dos séculos e ainda são o estilo de vida de muitas comunidades rurais.

No período pré-clássico médio, as crenças e idéias olmecas sobre a organização hierárquica da sociedade provavelmente se espalharam pela sociedade maia. Os maias do sul, nos vales das montanhas, optaram por se reagrupar sob a autoridade de chefes ou reis de alto escalão, mas a maioria dos maias das terras baixas resistiu à pressão, preferindo confederações tribais que não reconheciam nenhum poder nos anciãos de suas aldeias. O recente pré-clássico viu o surgimento do ahau, ou grande rei, e o surgimento de reinos em todas as terras maias. Durante o próximo milênio, a primeira realeza dominaria a vida dos maias.

Em cada reino maia, a sociedade era composta, em uma ordem hierárquica, de reis, nobres, professores, escribas, guerreiros, arquitetos, administradores, artesãos, mercadores, trabalhadores e fazendeiros. Além da capital, havia vários centros secundários distantes, cidades de um certo tamanho ou vilarejos simples e fazendas habitadas por uma família extensa.

Existem vários motivos pelos quais os maias se mudaram de pequenas comunidades agrícolas administradas por autoridades locais para reinos complexos no período clássico. A descoberta de formas de captação de água da chuva e a criação de novas terras aráveis para a agricultura tiveram um papel importante nesse desenvolvimento.
Uma força de trabalho não desprezível foi organizada para construir e manter os sistemas hidráulicos (reservatórios, cisternas, canais) e cuidar dos campos de milho. Essas inovações permitiram aumentar a produção de alimentos e gerar excedentes, desenvolver o comércio com os estados vizinhos e, portanto, promover o crescimento populacional. O fato de que um governo era necessário para administrar as atividades urbanas e rurais cada vez mais numerosas e complexas pode ser parte da razão pela qual os maias se dotaram de reis.
À medida que as cidades cresciam, em parte devido à chegada de pessoas de fora da região, cada vez mais mordiscavam as terras aráveis. O crescimento populacional, as secas e as colheitas ruins podem ter sido a causa de uma grave escassez de alimentos e desnutrição. Quando as colheitas eram ruins, as pessoas podem ter sido forçadas a se mudar para outro lugar para sobreviver. Outros fatores no declínio dos povos das planícies do sul em torno de 900 DC são talvez:

a escalada das hostilidades mais tarde no período clássico;
o nojo do estado cada vez mais prevalente da manteiga;
o alto custo de manutenção da realeza e nobres;
as despesas de construção de mais e mais templos;
e o hábito de trazer pessoas comuns para sacrifícios humanos (durante o Velho Clássico, apenas reis e nobres capturados eram sacrificados assim).

Quaisquer que sejam os motivos, os maias decidiram retornar a um modo de vida mais simples, cultivando milho e morando em aldeias rurais bastante semelhantes às de hoje.
Os maias do norte também entraram em um novo estágio quando ficaram sob a influência de seus vizinhos toltecas e outros grupos que se estabeleceram na península de Yucatán.

Implantação
Traços de ocupação anteriores ao segundo milênio foram identificados nas terras altas (Los Tapiales), Belize e Yucatán (Cuevas de Loltún). Mas as casas mais antigas - com prédios públicos próximos - que os arqueólogos descobriram, em Cuello, datam apenas de 1000 aC Eles também reconheceram um padrão de carpete, geralmente associado à ideia de poder e que é, portanto, o índice de uma hierarquia social. Objetos em jade ou obsidiana, minerais importados de depósitos distantes, comprovam a existência de trocas de longa distância. Naquela época, muitos locais foram ocupados, como Tikal, e os maias gradualmente colonizaram todas as terras baixas. No entanto, é difícil definir a natureza de suas relações com civilizações vizinhas, os olmecas por exemplo: parece que os centros das terras altas do sul, Izapa, Abaj Takalik ou Kaminaljuyú, herdaram certas características olmecas para se elaborarem. suas tradições (escrita, calendário), mas as modalidades de sua adoção nas terras baixas permanecem inexplicadas.

Cidades autônomas
Por volta de 300 aC, ocorreu um fenômeno de aceleração: à multiplicação dos sítios agregou-se uma intensa atividade arquitetônica, sinal de um forte aumento da população. Em Komchén ou El Mirador, os habitantes constroem vastas plataformas ou pirâmides; os primeiros jogos de bola aparecem em Cerros. A abóbada em balanço é usada em Tikal para tumbas decoradas com pinturas. Grandes máscaras de estuque adornam as fachadas, em Cerros ou Uaxactún. Cada local é desenvolvido de forma independente, mas a mesma cerâmica vermelha é usada por toda parte, uma marca inegável de unidade cultural.

Aguada Fénix - O mais antigo complexo cerimonial maia

A Aguada Fénix de 3.000 anos, o complexo cerimonial mais monumental de toda a civilização maia, foi vista pela primeira vez no estado de Tabasco, no México. Seria a maior construção pré-hispânica encontrada até hoje na América Central. Esta imensa plataforma de 1,4 km de comprimento, construída pela civilização maia, teria sido construída há 3.000 anos, muito antes das famosas pirâmides encontradas na região, o que também a torna o mais antigo monumento maia. . alto, de onde irradiariam nove estradas principais. Esta descoberta, concomitante com a de 21 outros locais menores, segue os estudos Lidar (detecção de luz e determinação de distância). Este método de sensoriamento remoto aéreo usa pulsos de laser em conjunto com GPS de alta precisão para detectar estruturas no solo, incluindo aquelas sob o dossel. Revolucionário, ele permite a geração de mapas digitais em 3D e seu uso, nos últimos anos tem virado o estudo do mundo maia ao revelar inúmeros sites totalmente desconhecidos. Foi o que aconteceu com Takeshi Inomata, arqueólogo da Universidade de Tucson (Arizona), com a descoberta dessa estrutura gigantesca até agora indetectável no solo.

Aguada Fénix teria sido erguida por volta do ano 1000 AC. C., período que os "Maias", especialistas do mundo maia, qualificam como "Pré-clássico Médio" (1000-350 aC). Ou antes do período de pico desta chamada civilização "clássica" (entre 250 e 900). Ainda mais do que os famosos locais de pirâmide de pedra verticalmente ascendente - como Tikal (Guatemala) ou Palenque (México) 1500 anos depois - "a estrutura de argila e terra de Aguada Fénix constitui uma plataforma que exigiu significativa mobilização da comunidade. Para acumular milhões de metros cúbicos de terra e argila (entre 3,2 m3 e 4,3 m3) ", explica Takeshi Inomata, o principal autor do estudo." Este local cerimonial era ... destina-se a rituais de massa? multidões poderiam ter se reunido lá durante grandes procissões ".

Mais extenso que o complexo piramidal de La Danta (400 aC - 200 dC), construído em uma colina natural no local de El Mirador (Guatemala); antes de Seibal (950 aC), até então considerado o centro cerimonial maia mais antigo… Aguada Fénix bate todos os recordes! Este local, detectado no estado mexicano de Tabasco, a sudoeste da Península de Yucatán, agora parece ser a maior e mais antiga estrutura já observada para esta antiga civilização: uma plataforma artificial de 1400 m de comprimento, 400 m de comprimento, orientada norte-sul m de largura e cerca de quinze metros.

Os pesquisadores da Universidade do Arizona se perguntam. Talvez durante eventos do calendário? Especulação apoiada pela presença no centro da plataforma de um edifício conhecido no universo maia sob o nome enigmático de "Grupo E". Um tipo único de estrutura, específico para esta civilização, ligada ao calendário solar e questões cerimoniais. Independentemente disso, o gigantesco A plataforma parece ter operado por apenas 200 anos antes de ser abandonada junto com vários sites vizinhos por volta de 800-750 AC.

A era Protoclássica

As tensões surgem, talvez devido a este rápido crescimento, entre os 50 e 250 da nossa era, período tradicionalmente denominado "Protoclássico". Não sabemos se é por dificuldades internas ou se é consequência de uma invasão, mas alguns sítios, como El Mirador, Komchén ou Cerros, desaparecem definitivamente, enquanto outros, Tikal ou Dzibilchaltún, são necessários. As cidades diminuem temporariamente (Seibal) ou ficam mais fortes (Becan). A instabilidade reina e beneficia algumas cidades, a exemplo de Tikal, que passará a valer no próximo período, conhecido como o "velho clássico".

Em direção ao poder dinástico

Cada cidade-estado tinha um governador: o halaj uinic (o homem real). O poder era freqüentemente passado de pai para filho. Foi ele quem zelou pela política interna e externa de seu estado e recebeu o imposto. No entanto, ele não governou sozinho. Um conselho de estado, composto pelos chefes dos chefes e sacerdotes, ajudou-o em sua tarefa. Abaixo dele estava o batab, ou seja, um chefe local responsável por garantir o bom funcionamento da aldeia. Ele também liderou o exército e os soldados comandados pelo nacom (líder militar). Escolhido para um mandato de três anos, ele não comia carne e não fazia sexo com mulheres. Finalmente, as tulipas (pequenos funcionários) agiram como policiais locais.

A sociedade também foi dividida em castas

Além desse aspecto muito militar e jurídico, a própria empresa seguia padrões muito precisos. Quatro classes coexistiram: os nobres, os sacerdotes, o povo e os escravos.

Eram os ahkin (sacerdotes) que tinham mais prestígio e poder. Seu papel era muito extenso e variado, desde aqueles que estavam no comando do culto até aqueles que previram o futuro, os chilanes, ou mesmo os sacerdotes chamados nacom.

O povo, que constituía a maioria da população, trabalhava no campo e construía os diversos edifícios da cidade. Finalmente, os escravos, que não tinham direitos, eram mais freqüentemente compostos de prisioneiros ou criminosos.

Em 292, Tikal ergueu a primeira estela datada conhecida, reivindicando assim um poder político dominante para sua dinastia, que iria impor sua marca em grande parte do mundo maia. O papel de Tikal parece ter sido reforçado por seus laços com a grande metrópole mexicana central, Teotihuacán. Esta última cidade, povoada por cerca de 200.000 habitantes, exerceu então sua influência sobre toda a Mesoamérica, e encontramos evidências disso tanto nas montanhas quanto nas baixadas, em Kaminaljuyú, Becan, Yaxhá ou Altun Ha. Mas Tikal tem relações privilegiadas: Alguns de seus líderes seriam aliados de grupos mexicanos, e o apoio da metrópole, que se manifesta na arquitetura, cerâmica e escultura, não é alheio ao jogo político de Tikal. : alianças (com Uaxactún) ou conquistas (a dinastia Río Azul é expulsa e substituída).

Pico cultural

Em meados do século VI, porém, em território maia houve uma desaceleração das atividades, o que resultou na interrupção da construção de monumentos datados. Essa parada marca o fim do velho clássico. Logo houve um ressurgimento da atividade arquitetônica e artística, acompanhado por um aumento acentuado da população: grandes sítios ainda estavam em desenvolvimento, outros emergiam de seu sono, como Seibal, e novas cidades foram fundadas. Em torno de centros onde abundam as pirâmides e monumentos esculpidos, as cidades-estado são organizadas para competir em prestígio. A cultura maia atingiu seu apogeu: durou até o século X.

Escrita maia

Glifos

A escrita dos maias é um sistema combinado de signos ideográficos e silábicos. Cada glifo é composto por um signo principal e afixos que completam seu significado. Esses glifos podem ser substantivos, verbos e formar frases. Embora muitos estejam relacionados a atos ou designem líderes dinásticos, uma parte importante corresponde à divisão do tempo.

MAYAS

ZAPOTHÈQUES

MIXTÈQUES

O calendário

Em matemática, os maias usam três signos: o ponto é igual a um, a barra é cinco e uma concha simboliza zero. Eles contam de 20 a 20 e, junto com o zero, usam numeração posicional. Com base nessas bases, foi desenvolvido um sistema de divisão do tempo, por ciclos e de origem diurna. Quando damos uma data, por exemplo segunda-feira, 1º de janeiro de 1993, combinamos vários ciclos, um de 7 dias, o segundo de 28 a 31 dias, o terceiro de 12 meses; e completamos com vários anos decorridos de um ano de origem. O calendário maia é semelhante: um primeiro calendário ritual combina 13 números e 20 nomes de dias, ou seja, 260 possibilidades; um segundo calendário, solar, tem 18 meses de 20 dias, mais 5 dias prejudiciais, ou 365 dias. Antes que o mesmo dia retorne em ambos os sistemas simultaneamente, 18.980 dias devem decorrer (aproximadamente 52 anos). O último elemento é baseado no número de dias decorridos desde uma data inicial, ou seja, dia 4 Ahau (calendário ritual) 8 Cumku (calendário solar) do ano 3113 aC Tal como acontece com nossas unidades, dezenas e centenas, os maias que usam subdivisões: o relativo, ou dia, é a unidade básica; o uinal é 20 dias, o tun é 360, o katun é 7.200 e o baktun é 144.000. Os maias costumavam erigir monumentos datados e datas inscritas em estelas e vasos, um sinal de sua obsessão com o tempo.

A economia do mundo maia

agricultura

Como outros povos do continente, os maias desconheciam a metalurgia e a pecuária, por isso não possuíam animais de tração. A sua economia, próxima à do Neolítico, baseia-se, portanto, principalmente na agricultura e na pedra lavrada. A agricultura de corte e queima é o sistema mais comum: o camponês limpa um campo (o milpa) na estação seca, depois queima a vegetação, as cinzas desempenham o papel de fertilizante; o campo é semeado no início da estação das chuvas e a colheita é feita no outono. O mesmo campo, que se esgota rapidamente, só pode ser cultivado por dois a três anos consecutivos, depois deve ser deixado em pousio por mais de dez anos. Portanto, cada cidade precisava de grandes territórios para sua subsistência, caso contrário, só poderia alimentar uma pequena população. No entanto, o tamanho da maioria das cidades e a escala do trabalho realizado em um curto período de tempo sugerem que esse modo de produção não atendia às necessidades. Os maias desenvolveram sistemas mais intensivos, como a agricultura em terraços (em Caracol ou Río Bec) ou em pomares, em torno de casas: um sítio maia não é uma cidade como no Velho Mundo, mas um habitat disperso, sem ruas, em torno de um núcleo central altamente concentrado. Caçar, pescar e coletar eram recursos adicionais.

Um equilíbrio frágil

A maior parte da atividade econômica ocorria dentro da família. Mas a fabricação de cerâmicas de luxo, a produção de roupas para as elites, a construção de edifícios ou esculturas sugerem a existência de categorias de especialistas. Mas, acima de tudo, a diversidade do território é acompanhada por uma variedade de recursos. As zonas costeiras produzem sal (e salsichas), que faltam noutras cidades, por isso a produção deve ser intensiva. Em Colha, a presença de depósitos de sílex permite a produção massiva de ferramentas agrícolas: foram aí identificadas grandes oficinas.

Na ausência de rodas ou animais de tração, somente o transporte ou a navegação possibilitavam as trocas, em pequeno número ou em curtas distâncias. O comércio de longa distância só poderia afetar bens de luxo, também em pequenas quantidades. Portanto, a situação econômica era estável, mas frágil, sensível a todas as contingências.

Sociedade maia

Organização social

A simplicidade desta economia respondia a uma estrutura social complexa, baseada na organização familiar patrilinear, na divisão sexual do trabalho e na distribuição por setores de atividade. Os camponeses, ou seja, a maioria da população, dividiam-se em camponeses, servos e escravos. A elite, por sua vez, foi dividida em guerreiros, padres, administradores e líderes.

Além disso, a elite e o povo não formavam categorias antagônicas, uma vez que os laços de parentesco ou aliança uniam líderes e servidores, chefes e camponeses. A organização urbana reflete muito bem essa unidade, desde os assentamentos dispersos da periferia, construídos com materiais perecíveis, até o coração de locais repletos de edifícios de prestígio, onde reside a elite: a maioria dos grandes edifícios, pirâmides ou palácios. , estão associados à linhagem governante, e a pirâmide principal freqüentemente abriga a tumba de um chefe ou ancestral.

Cosmogonia Maia

Mais do que um culto aos deuses (os maias possuem uma multiplicidade de divindades, que recebem elementos naturais como símbolos de adoração: fontes, nuvens, vento, etc.), a vida religiosa e suas manifestações parecem estar ligadas ao culto aos ancestrais. As estelas ou inscrições em Copán, por exemplo, representam o rei, rodeado por seus ancestrais e sua linhagem. Tumbas e pirâmides são sinais arquitetônicos do poder de uma dinastia, e pinturas de parede, como as de Bonampak, glorificam suas ações. A cosmogonia maia é o reflexo de uma visão de mundo pessimista (à frente do panteão maia está Chac, um deus zoomórfico que se deleita nos sacrifícios humanos) - como mostra o Popol-Vuh - e de uma concepção de história fundada em uma sucessão. de tempos marcados por inundações ou incêndios, e que descobrimos nas crônicas de Chilam-Balam. O rei, por ritos e por suas ações, garante a perenidade do mundo.

Divisões e decadência

Em um universo instável e assim considerado, na ausência de uma tecnologia elaborada e em face do crescimento populacional permanente, os maias não poderiam enfrentar o destino que tanto temiam. A guerra e as crises internas levaram ao declínio e depois à queda de suas cidades. Graças à sua capacidade de adaptação ou às contribuições estrangeiras (os toltecas), certas regiões escaparam do destino comum por um tempo, como as cidades de Puuc, Uxmal, Sayil ou Kabah. No período pós-clássico, Chichén Itzá poderia até ser, por um curto período, o chefe de uma imobiliária. Mas as cidades de Yucatán, por sua vez, foram afetadas pelo conflito. Chichén Itzá foi abandonada por volta de 1200, mais tarde Mayapan; então Yucatán foi dividido em províncias rivais em torno de centros menores, Tulum ou Tayasal.

Quando os espanhóis tentaram penetrar em Yucatán, a divisão reinou, mas a conquista não foi facilitada: Yucatán não se submeteu até 1540, Tayasal caiu em 1697. Um século e meio depois, as insurreições das castas de guerra mostrarão a superficialidade da conquista .

MAYAN LEGENDS

CRIAÇÃO DO MUNDO

Era uma vez nenhum homem, nenhum animal, nenhuma árvore e nenhuma pedra na terra. Não havia nada. Era apenas uma extensão vasta, desolada e ilimitada, coberta por água. No silêncio da escuridão viviam os deuses Tepeu, Gucumats e Hurakan. Eles conversaram entre si e concordaram no que fazer.

Eles trouxeram a luz que iluminou a terra pela primeira vez. Então o mar recuou, revelando uma terra que poderia ser cultivada, onde árvores e flores cresceriam. Surgiram aromas doces de florestas recém-criadas.

Os deuses se alegraram com esta criação. Mas eles acreditavam que as árvores não deveriam ser deixadas sem guardiões e servos. Então, eles colocaram todos os tipos de animais sob os galhos e perto das toras. Mas estes permaneceram imóveis até que os deuses lhes deram ordens:

-Você vai beber nos rios. Você vai dormir nas cavernas. Ele rastejará de quatro e um dia suas costas serão usadas para carregar cargas. Você, pássaro, vai viver nas árvores e voar pelo ar sem medo de cair.

Os animais fizeram o que lhes foi ordenado. Os deuses acreditavam que todos os seres vivos deveriam ser submissos em seu ambiente natural, mas não deveriam viver em silêncio; porque o silêncio é sinônimo de desolação e morte.
Então eles lhes deram uma voz. Mas os animais só sabiam chorar, sem proferir uma palavra inteligente.

Entristecidos, os deuses seguiram conselhos e se voltaram para os animais:
- Por não saber quem éramos, você estará condenado a viver com medo dos outros. Eles se devorarão sem nenhum ódio.

Ao ouvir isso, os animais tentaram falar. Mas apenas gritos vinham de suas gargantas e focinhos. Os animais se resignaram e aceitaram a sentença: logo seriam caçados e abatidos, sua carne cozida e comida pelos seres mais inteligentes por nascer.

CRIAÇÃO DE HOMENS
Os deuses queriam criar novos seres capazes de falar e colher o que a terra poderia lhes oferecer. Mas essas novas criaturas devem ser capazes de homenagear seus criadores.

Assim, eles formaram o corpo do primeiro homem em barro. Eles modelaram meticulosamente, sem esquecer nenhum detalhe. Infelizmente, o resultado foi deplorável: desdentadas, de olhos vazios, sem graça, essas bonecas não conseguiam ficar de pé e se desintegraram debaixo d'água. No entanto, o novo ser tinha o dom da fala, uma voz harmoniosa, nunca ouvida neste mundo. Mas ele não percebeu o que estava dizendo.

Apesar de tudo, os deuses decidiram que esses seres frágeis viveriam. Eles devem se esforçar para sobreviver, multiplicar e melhorar sua espécie, enquanto esperam que seres superiores os substituam.
As novas criaturas eram feitas de madeira para que pudessem andar diretamente no chão. Eles se uniram e tiveram filhos. Mas esses seres não tinham sentimentos. Eles não podiam entender que deviam sua presença na terra apenas pela vontade dos deuses.

Eles vagaram sem saber para onde estavam indo, como os mortos-vivos. Quando eles falaram, não havia emoção em suas vozes.

Eles viveram vários anos até que os deuses decidiram condená-los à morte: uma chuva de cinzas caiu sobre esses seres imperfeitos. Então a água correu tanto que atingiu o topo das montanhas mais altas. Tudo foi destruído.

Então os deuses criaram dois novos seres. Mas eles também não atenderam às suas expectativas. O pássaro Xecot Covah estripou seus olhos, enquanto o felino Cotzbalam os estripou. Os sobreviventes enfrentaram acusações de todos os seres e objetos que se acreditava não terem alma; as pedras de amolar, as panelas, os jarros, os cachorros, todos reclamavam dos maus-tratos que haviam recebido e agora ameaçavam os homens.

Eles se assustaram, fugiram, escalaram os telhados desabados. Em seguida, eles se refugiaram nas árvores. Mas os galhos quebraram. Eles tentaram se refugiar nas cavernas; Mas as paredes caíram

Os poucos sobreviventes se tornaram macacos. Por isso os macacos são os únicos animais que evocam a forma dos primeiros seres humanos das terras quiché.

Assim, os deuses se reuniram mais uma vez para criar um novo ser feito de carne e ossos e dotado de inteligência. Desta vez, eles usaram milho; Eles moldaram seu corpo com essa pasta amarela e branca e inseriram pedaços de madeira para torná-los mais rígidos. Rapidamente, os novos seres humanos mostraram inteligência: eles entendiam o mundo ao seu redor. Esses seres foram chamados de Balam Quitzé, Balam Acab, Ma Hucutah e Iqui Balam.
Então os deuses questionaram o primeiro deles:
- Fale em seu nome e em nome de outras pessoas e diga-nos como você se sente. Você está ciente de seus poderes?

Balam Quitzé respondeu:

- Você nos deu vida e graças a isso sabemos o que sabemos, somos o que somos; falamos, caminhamos e entendemos o que nos rodeia. Já sabemos onde estão os quatro cantos do mundo, que marcam os limites de tudo o que nos rodeia.

Mas os deuses não gostavam que os novos seres soubessem tanto. Eles tinham que conhecer apenas uma parte do mundo ao seu redor. Apenas parte do que existe seria revelado a eles e eles não deveriam entender tudo. Era preciso limitar o campo de seu conhecimento para reduzir seu orgulho. Do contrário, seus filhos perceberão as realidades do mundo ainda melhor até que conheçam tanto quanto os deuses e criem os próprios deuses.

Esse perigo precisava ser remediado, o que seria fatal para a ordem fecunda da criação. Portanto, os deuses limitaram o campo de seu conhecimento.

Para que esses seres não estivessem sozinhos, os deuses criaram as mulheres. Eles colocaram os homens para dormir e colocaram as mulheres ao lado deles, nuas e em paz.

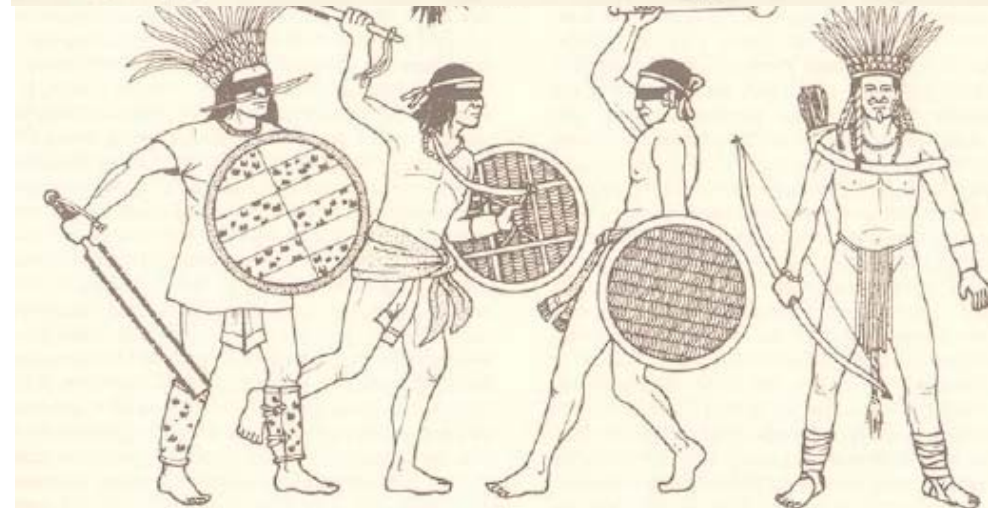
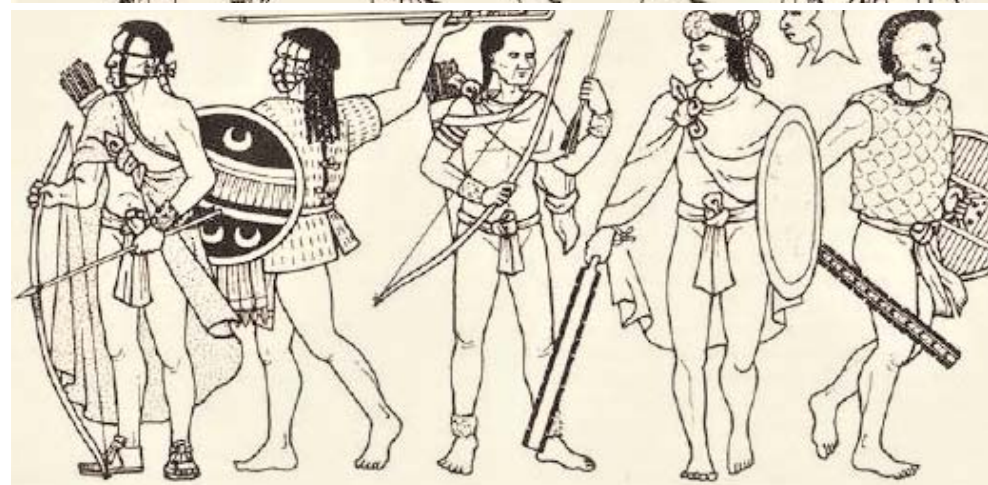
Quando eles acordaram, eles os viram com alegria, eles eram tão bonitos. Para distingui-los, deram-lhes nomes que evocavam a chuva de acordo com as estações.

Eles formaram casais e tiveram filhos que começaram a povoar a terra. Alguns deles eram melhores do que outros. Por isso os deuses os escolheram para se tornarem Adoradores e Sacerdotes, sacerdotes com altos cargos.

Os primeiros seres gerados eram tão bonitos quanto sua mãe, tão poderosos quanto seu pai, e eles conheciam o mistério de suas origens.
Foi assim que Balam Quitzé e os demais anciãos foram os progenitores dos seres humanos que viveram, desenvolveram e formaram as tribos Quiché. Esses primeiros homens espalharam-se pela terra, na região do Oriente.

57a

57b

54a

Les fresques de Bonampak datent de 790 et représentent une procession de prêtres et de nobles, un orchestre avec des trompettes et des tambours, des dignitaires discutant entre eux, des prisonniers torturés et prêts à être sacrifiés, des danseurs portants des masques à l'éfigie des dieux, et des membres de la famille royale se transperçant la langue avec des épines de cactus pour verser leur sang. Dans la langue des Mayas, Bonampak veut dire "murs peints", en raison des magnifiques fresques qui ont été découvertes à l'intérieur des temples de cette cité qui fut édifiée entre 580 et 800. Miraculeusement conservées les peintures de ce site, couvrant les murs et les voûtes, rassemblent quelques 300 personnages. Ces fresques nous renseignent sur des éléments qu'on ne peut aborder par l'archéologie : la musique, la danse, les rituels, la pratique de la guerre ou la succession dynastique. L'épisode le plus important est sans conteste placé dans la chambre centrale du complexe religieux : c'est la victoire du roi sur la cité ennemie. Les vaincus sont représentés dénudés, suppliant et montrant leurs mains mutilées. Leurs doigts ont été coupés ou leurs ongles arrachés. Ils seront sacrifiés. La guerre, qui sert à la fois à s'imposer sur la scène politique et à ramener des sacrifiés, est un facteur essentiel de l'émergence de la civilisation maya comme de son déclin. C'est en 1946 que Bonampak fut découvert par Giles Healy et Carlos Frey en suivant les indications des Indiens Lacandons José Pepe Chambor et Acasio Chan.

La plus vieille fresque maya

Ce mur peint date de 100 avant notre ère. Cette peinture murale décrit les mythes fondateurs de la civilisation Maya. La première partie de cette paroi représente la cosmogonie des Mayas. Ce récit de la création fait intervenir plusieurs divinités, incarnant le ciel, la terre, les eaux et le paradis. Au centre figure le couronnement du fils du dieu maïs. Sur l'autre partie de la paroi est représenté le couronnement d'un roi maya.

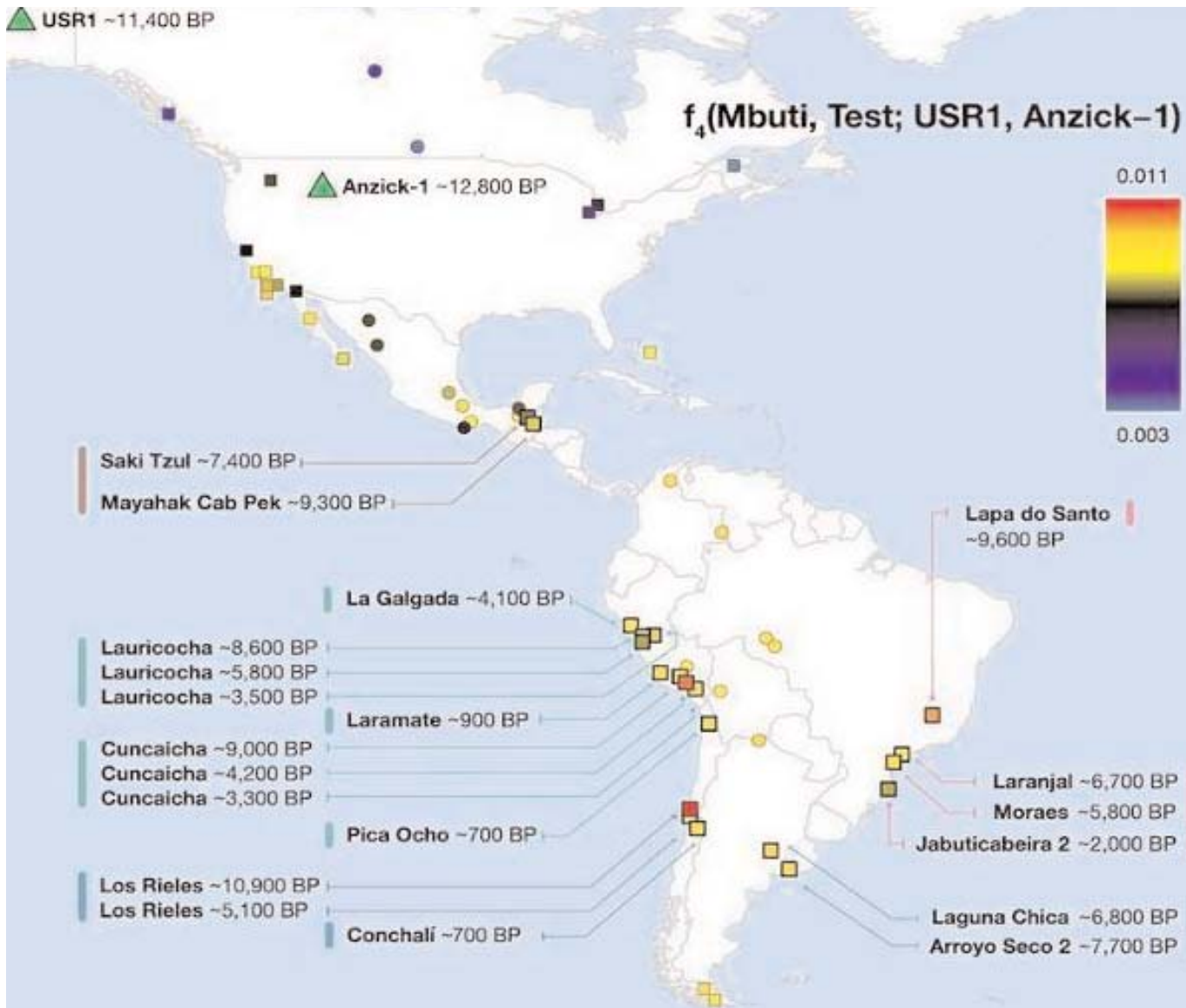
História genômica da América Central e do Sul

Estudos genéticos anteriores mostraram que a grande maioria dos nativos americanos fora do Ártico são derivados de uma única população ancestral. Acredita-se que essa população ancestral se tenha dividido em dois ramos entre 17.500 e 14.600 anos atrás: os ameríndios do sul e os norte-americanos. Um indivíduo antigo do sítio arqueológico de Anzick, em Montana, data de cerca de 12.800 anos atrás e está associado à cultura Clovis e pertence ao ramo sul-americano dos nativos. O ramo norte-americano dos nativos americanos está fortemente representado no nordeste da América e entre indivíduos antigos do sudoeste de Ontário ao Canadá. Por outro lado, alguns grupos atuais da Amazônia, como os Suruís, têm ascendência australiana. Os geneticistas sequenciaram os genomas de 49 indivíduos de quatro regiões diferentes: Belize, Brasil, Peru e o cone sul-americano (Chile e Argentina). Em cada uma dessas regiões, o indivíduo mais velho tem mais de 9.000 anos:

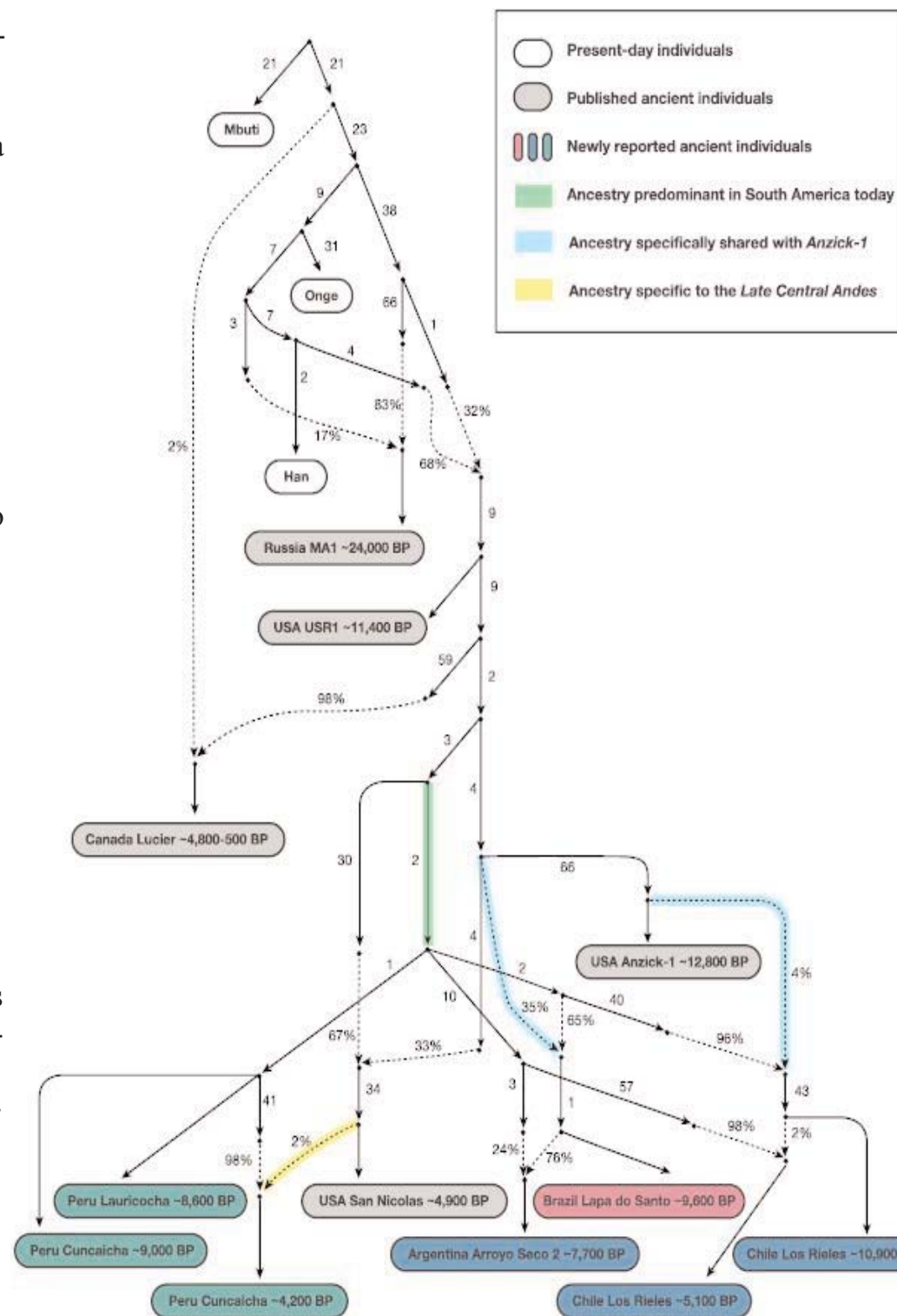
Os indivíduos mais velhos neste estudo não compartilham mais alelos com as populações nativas americanas atuais na mesma região do que com aqueles em regiões diferentes. No entanto, existe uma forte continuidade genética entre indivíduos antigos com menos de 5.800 anos e as populações atuais da mesma região.

No Peru, indivíduos mais velhos de Cuncaicha e Lauricocha compartilham mais alelos com os grupos indígenas americanos atuais nos Andes centrais.

Os antigos indivíduos Arroyo Seco 2 e Laguna Chica, de 8.600 anos, têm uma forte afinidade genética com os grupos indígenas americanos atuais no cone sul-americano.

No Brasil, a continuidade genética com os grupos atuais começa com o indivíduo Moraes de 5800 anos. Também existe uma forte continuidade genética entre os indivíduos Jabuticabeira 2 de 2.000 anos da cultura Sambaqui e os grupos atuais do sul do Brasil.

Esses indivíduos antigos compartilham mais alelos com os grupos de nativos americanos atuais que falam uma língua Gê do que aqueles que falam uma língua tupi-guarani. Esse resultado corrobora a teoria que liga a cultura sambaqui aos falantes da língua Proto-Gê, que teriam vivido há cerca de 2.000 anos. Isso também implica uma reposição populacional na costa brasileira: falantes da língua Gê substituídos por falantes da língua tupi-guarani.

A figura acima também mostra a afinidade genética dos diferentes esqueletos antigos com o Anzick-1 da cultura Clovis. Portanto, todos os antigos indivíduos da América do Sul e da América Central, assim como os californianos, estão próximos do Anzick-1, ao contrário dos antigos norte-americanos. No entanto, alguns estão mais próximos de Anzick-1 do que outros, por exemplo o espécime Los Rieles do Chile com 10.900 anos, o espécime da Lapa do Santo do Brasil com 9.600 anos, e vários espécimes do Peru datando de 4.200 anos. anos ou menos. Esses resultados são indicados pela estatística f4 e confirmados pelo software qpWave. O último indica ainda que a maioria dos antigos ameríndios do sul veio de três origens ancestrais diferentes, incluindo Anzick-1 e antigos californianos costeiros. Se, além disso, integramos os Suruí da Amazônia, acrescentamos uma quarta fonte ancestral de origem australiana.

Os autores então usam o software qpGraph para construir modelos demográficos. Assim, eles foram capazes de ligar nove populações diferentes das Américas do Norte, Central e do Sul a partir de uma população de origem única sem mistura genética significativa entre os ramos ameríndios do Norte e do Sul. Esse resultado vai contra as conclusões do artigo de Scheib, que assumiu misturas genéticas significativas entre os ramos ameríndios do sul e do norte. No entanto, se os autores incluem o ex-indivíduo Anzick-1 no gráfico, eles também devem incluir eventos de mistura genética:

Este resultado indica pelo menos 4 eventos de mistura genética entre a América do Sul e regiões fora da América do Sul: uma primeira fonte na origem de todas as populações de índios sul-americanos (em verde acima), uma linhagem próxima a Anzick-1 em 10.900 anos velho ex-indivíduo. Los Rieles de Chile, no ex-indivíduo da Lapa Do Santo, de 9.600 anos, do Brasil, ou no ex-indivíduo Arroyo Seco 2, da Argentina. 7.700 anos (em azul claro), uma ancestralidade ameríndia da costa sul da Califórnia (US San Nicolás) em indivíduos antigos do Peru (em amarelo). O último evento é representado pela ascendência australiana entre os Surwis amazônicos que não estão representados no gráfico acima.

Quase não há mistura genética entre os ramos norte e sul ameríndios. O único sinal proeminente é o detectado em antigos peruanos com mais de 4.200 anos, mas permanece abaixo de 2%.

Há muito pouca deriva genética nas diferentes linhagens levando aos grupos ancestrais da América do Sul, o que implica uma rápida disseminação da migração inicial para as diferentes regiões da América do Sul.

Há uma ancestralidade comum entre o ex-indivíduo Anzick-1 da cultura Clovis com os primeiros indivíduos da América do Sul ou Central, o que implica que um grupo associado à cultura Clovis foi associado a esta primeira população a chegar à América. do Sul, embora a maior parte dessa primeira população viesse de uma população diferente da cultura Clovis. Este resultado pode ser explicado por uma primeira migração na América do Sul de uma população associada à cultura Clovis, seguida por volta de 9600 anos por uma segunda migração que substituiu grande parte da população sul-americana. Esses resultados são notavelmente correlacionados com as evidências arqueológicas no Brasil. No entanto, poderia ser o contrário, uma primeira migração de uma população anterior à cultura Clovis, ligada por exemplo ao sítio arqueológico de Monte Verde, no Chile, de 14.500 anos, substituída por uma segunda migração ligada à cultura Clovis .

Os autores não detectaram o sinal australiano presente na atual população Suruí, em todos os indivíduos antigos analisados neste estudo.

Por fim, os dados deste estudo mostram que o gene EDAR ligado à forma dos dentes e à textura dos cabelos crespos e grossos, presente em todos os ameríndios e asiáticos da atualidade, não estava presente em todos os indivíduos antigos da América. como USR1, Anzick-1, Lapa Do Santo e Laranjal do Brasil. Portanto, é provável que esse gene tenha sido estabelecido entre ameríndios e asiáticos de forma independente e paralela.

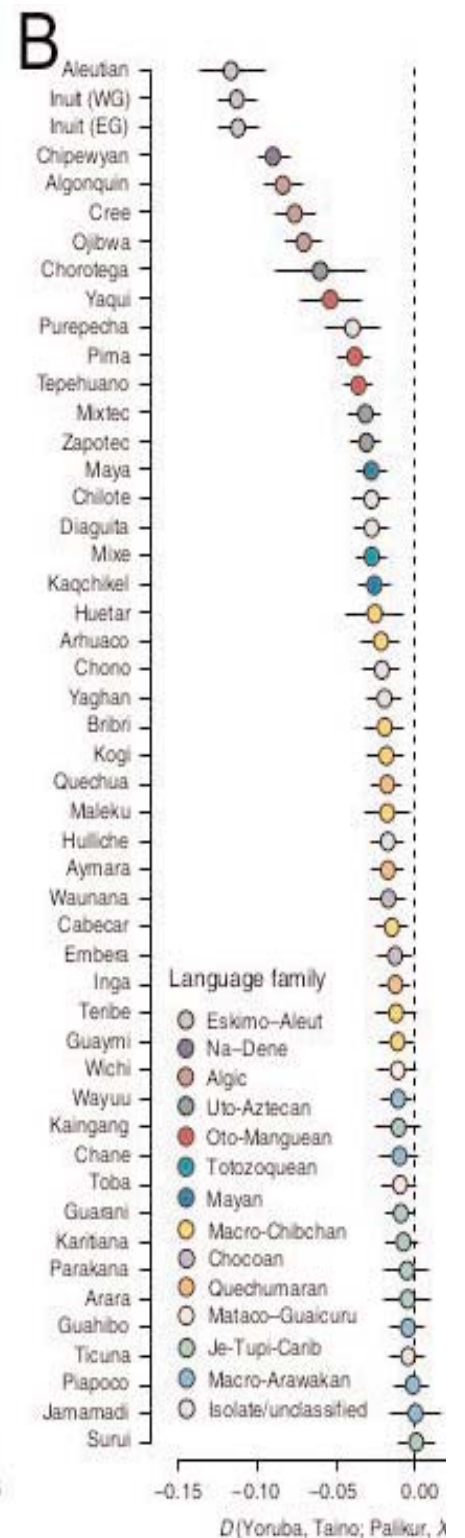
Genoma de um antigo Caribe

Quando Cristóvão Colombo pôs os pés nas Américas, os Tainos eram o grupo dominante nas Índias Ocidentais e nas Bahamas. Presume-se que seus ancestrais sejam os nativos americanos Arawak que entraram no Caribe vindos da América do Sul há cerca de 2.500 anos. As Bahamas não foram povoadas até cerca de 1.000 anos depois por uma cultura cujas evidências arqueológicas e linguísticas também sugerem fortes laços com a América do Sul.

Hannes Schroeder e seus colegas acabam de publicar um artigo intitulado: Origens e Legados Genéticos do Taino Caribenho. Eles sequenciaram o genoma de um indivíduo que viveu nas Bahamas mais de 500 anos antes de os espanhóis chegarem à região. Os restos mortais deste indivíduo foram encontrados na Caverna do Pregador na Ilha Eleuthera.

O dente do qual os autores extraíram o genoma foi datado diretamente entre os anos 776 e 992. Análises isotópicas mostraram que o indivíduo provavelmente cresceu ali.

Os autores demonstraram que o indivíduo era uma mulher cujo haplogrupo mitocondrial é B2. Os autores não encontraram um indivíduo contemporâneo que tivesse a mesma sequência mitocondrial.

Os autores então usaram a estatística f3 para encontrar a população nativa americana que era geneticamente mais próxima dos antigos Tainos. Os resultados mostraram que os Palikur da América do Sul e outros povos Arawak possuem a maior afinidade genética. Esses resultados foram confirmados pela estatística D:

Os autores então construíram uma árvore mostrando a proximidade do genoma Taino com os povos Arawak:

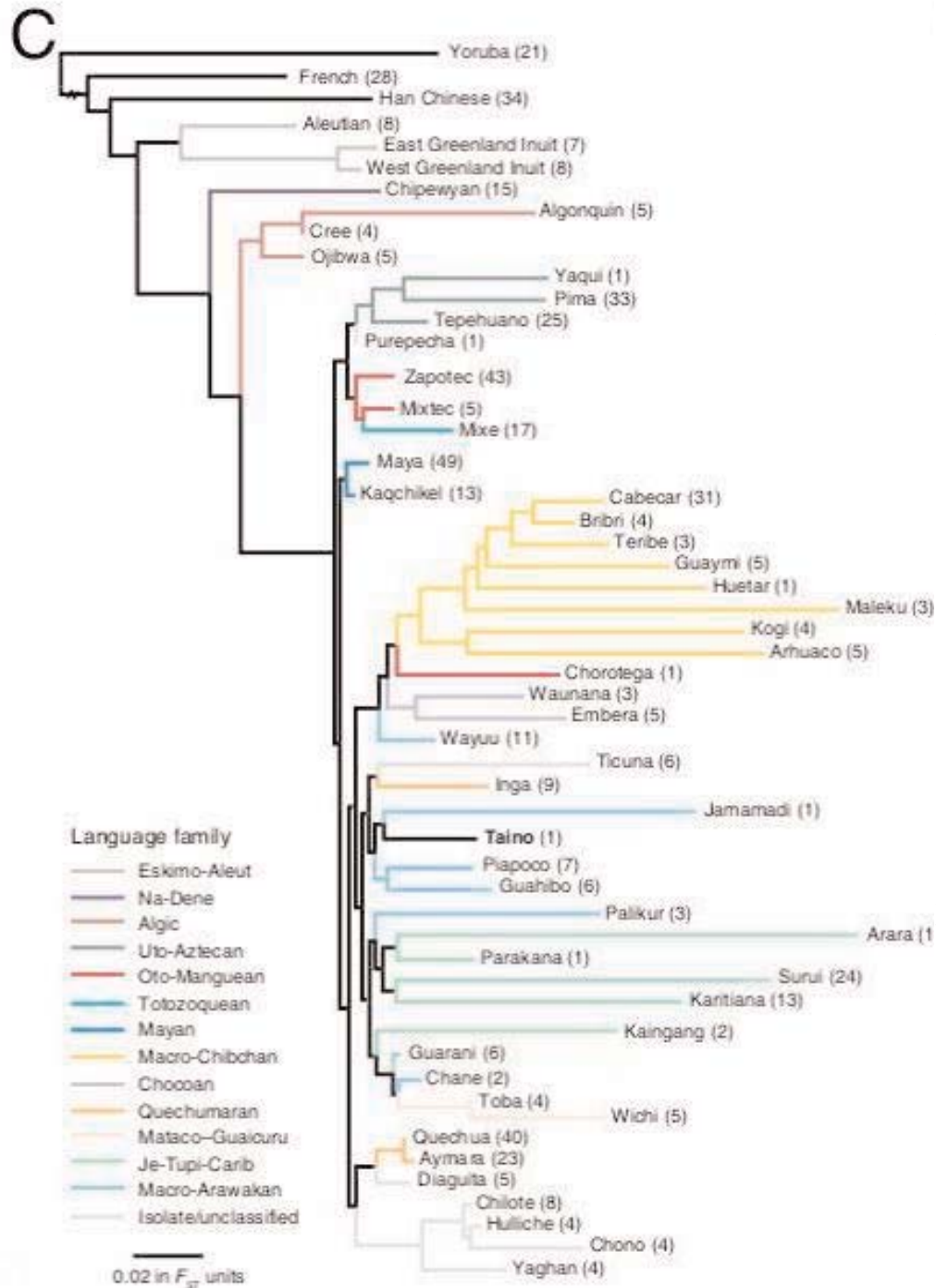
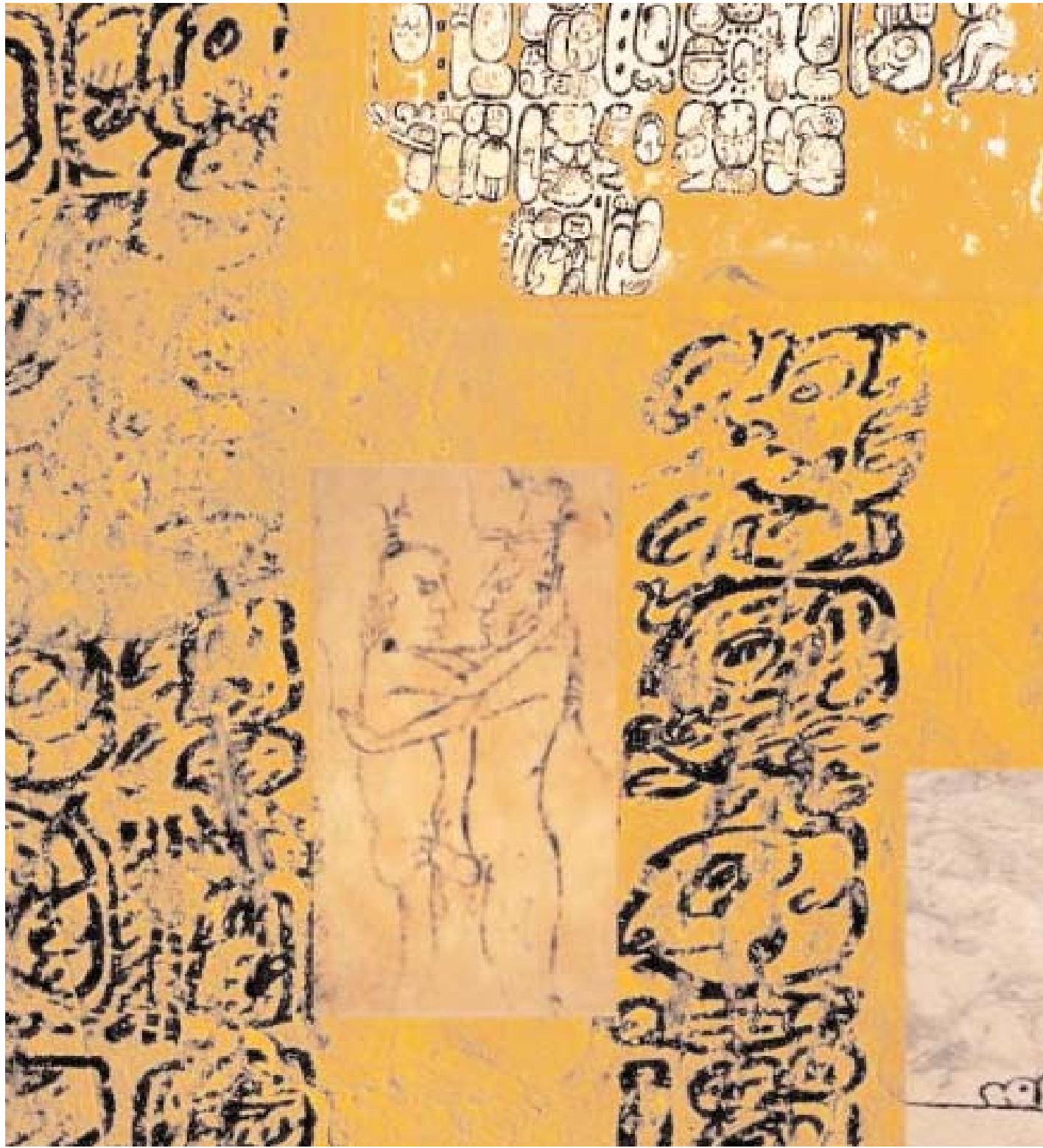
As análises com o software ADMIXTURE também confirmam este resultado.

Os autores então mostraram que os antigos Tainos não tinham afinidade genética com as populações da Austrália, Melanésia ou das Ilhas Adaman, ao contrário de certas populações amazônicas como os Suruis. Esse resultado sugere que esse sinal foi perdido entre os Tainos ou entrou nas populações amazônicas após sua divergência com os Tainos há cerca de 3.000 anos.

Os autores mediram os segmentos homozigotos nos antigos Taínos para estudar os dados demográficos anteriores de seu povo. Seu excesso de segmentos curtos indica que a população sofreu um ou mais gargalos genéticos. Ele também tem poucos segmentos longos que indicam uma população relativamente grande e unisolada. Considerando o pequeno tamanho da Ilha Eleuthera, isso sugere a existência de uma importante rede de comunicações que conectava as diferentes ilhas das Bahamas antes da chegada dos espanhóis.

Finalmente, os autores compararam o genoma dos atuais porto-riquenhos com o antigo genoma Taino. Para fazer isso, eles mascararam as mutações europeias e africanas nos genomas de Porto Rico. A análise com o software ADMIXTURE mostra que existem fortes semelhanças entre os genomas porto-riquenhos contemporâneos, os Arawaks e o antigo genoma Taino. A estatística f3 mostra ainda que os antigos Tainos têm mais afinidade genética com os porto-riquenhos do que com qualquer outra população nativa americana. Esses resultados são confirmados pela estatística D.

O melhor modelo demográfico obtido pelos autores é o seguinte:

Portanto, há uma certa continuidade genética na região há mais de 1000 anos.

" Naj Tunich " signifie " maison de pierre " en maya mopan. Au cours des périodes préclassique et classique, la grotte fut un important lieu de pèlerinage pour les Mayas. Les Mayas considéraient les grottes comme des accès à l'Inframonde ou Xibalba. Naj Tunich fut le théâtre de nombreuses activités rituelles, qu'il s'agisse de saignées rituelles ou de sacrifices d'enfants.

On y a découvert un grand nombre de peintures, de dessins, (18 dessins représentant une relation sexuelle), d'inscriptions, d'empreintes de mains, d'artefacts et de constructions maçonnées. Certaines inscriptions commémorent la visite de personnages importants dans la grotte, sans doute des souverains comme l'indique la présence du glyphe-emblème assez rare d'Ixtutz, un site à 35 km au Nord-Ouest de Naj Tunich ou encore une inscription mentionnant la visite de Tum Yohl K'inich, sans doute un souverain de Caracol. Sa découverte a joué un rôle pionnier dans le domaine de l'archéologie des grottes dans la civilisation maya.

TIKAL - CIDADE DO ESTADO DA MAIA

Formaram-se as cidades maias, com seu interior agrícola, centros administrativos e rituais. As grandes cidades maias eram densamente povoadas. Talvez o mais impressionante dos locais maias seja Tikal, na Guatemala. Bem no centro de Tikal, por exemplo, havia 15,6 quilômetros quadrados, cerca de 10.000 edifícios, variando de templos em pirâmide a cabanas com telhado de palha. A população de Tikal é estimada em mais de 60.000, uma densidade muito maior do que a média de uma cidade na Europa ou América ao mesmo tempo.

Uma cidade maia no período clássico geralmente consistia em uma série de plataformas em camadas cobertas por estruturas de alvenaria que podiam ser grandes templos e palácios piramidais, bem como casas unifamiliares simples. Em torno dessas estruturas, grandes pátios ou esplanadas foram dispostos. A arquitetura maia foi caracterizada pela abundância de baixos-relevos e pinturas murais que adornam os edifícios, denotando um forte senso de arte e decoração. Em grandes cidades como Tikal, estradas ou caminhos de pedra às vezes ligavam edifícios altos e grandes grupos uns aos outros.

Nessas fotos, vemos os edifícios que circundam a Grand Place: o Templo do Jaguar Gigante (à direita, por volta de 700 DC), o Templo das Máscaras (por volta de 699 DC) e a Acrópole Norte. O túmulo de um sumo sacerdote, sepultado com centenas de oferendas, neste caso vasos, jade, etc., está localizado no coração do templo do jaguar gigante. O local de culto no topo do edifício fica no topo de uma pirâmide com nove níveis.

As cidades, raramente dispostas em quadriláteros, parecem ter se desenvolvido sem um plano pré-concebido, os templos e palácios foram destruídos e reconstruídos muitas vezes ao longo dos séculos.

O arranjo aparentemente arbitrário das cidades maias complica o layout de suas fronteiras. Alguns são delimitados por fossos, enquanto outros às vezes, embora raramente, são cercados por fortificações. Normalmente, nenhuma parede foi construída ao redor dos locais, com exceção de algumas cidades recentemente descobertas que datam do colapso da civilização maia, onde foram protegidas contra o invasor.

Em algumas áreas, a água subterrânea era escassa, portanto, em grandes centros como Tikal, grandes reservatórios provavelmente foram construídos para servir a população durante a estação seca. Muitos sites também tinham áreas de lazer. Alguns estavam equipados com banhos de vapor, provavelmente de origem mexicana. Diante dos grandes templos e palácios das cidades importantes, uma infinidade de pilares ou estelas costumavam ser colocados no estuque dos terraços e esplanadas. Estas estelas, por vezes colocadas em plataformas, foram posteriormente utilizadas para apoiar templos piramidais e não era invulgar que à sua frente fossem colocados altares planos e baixos, de formato redondo.

Em 292, Tikal ergueu a primeira estela datada conhecida, reivindicando assim um poder político dominante para sua dinastia, que iria impor sua marca em grande parte do mundo maia. O papel de Tikal parece ter sido reforçado por seus laços com a grande metrópole mexicana central, Teotihuacán. Esta última cidade, povoada por cerca de 200.000 habitantes, exerceu então sua influência sobre toda a Mesoamérica, e dela encontramos evidências tanto nas montanhas quanto nas baixadas, em Kaminaljuyú, Becan, Yaxhá ou Altun Ha.

Mas Tikal desfruta de relações privilegiadas: alguns de seus líderes estão ligados a grupos mexicanos, e o apoio da metrópole, que se manifesta na arquitetura, cerâmica e escultura, não é estranho ao jogo político de Tikal. : alianças (com Uaxactún) ou conquistas (a dinastia Río Azul é expulsa e substituída).

Os maias também se destacam em arquitetura e arte. Eles constroem grandes palácios e altas pirâmides de pedra esculpida. Seus artistas, muitas vezes especializados em artesanato, produzem belos murais, máscaras, esculturas em pedra e madeira, roupas com penas e joias decoradas com jade, pérolas e conchas.

Pico cultural

Em meados do século VI, porém, em território maia houve uma desaceleração das atividades, o que resultou na interrupção da construção de monumentos datados. Essa parada marca o fim do velho clássico. Logo houve um ressurgimento da atividade arquitetônica e artística, acompanhado por um aumento acentuado da população: grandes sítios ainda estavam em desenvolvimento, outros emergiam de seu sono, como Seibal, e novas cidades foram fundadas. Em torno de centros onde abundam as pirâmides e monumentos esculpidos, as cidades-estado são organizadas para competir em prestígio. A cultura maia atingiu seu apogeu: durou até o século X.

Entre as constantes dos princípios arquitetônicos estão a abóbada em balanço e a cumeeira que coroa o telhado. Ao contrário dos arcos europeus, a abóbada não tinha chave, dando-lhe a aparência mais de um triângulo estreito do que de um arco. Embora essa forma incomum às vezes tenha sido atribuída à falta de conhecimento das técnicas exigidas para fazer as chaves, alguns argumentam que foi uma escolha deliberada. A abóbada ainda tinha nove camadas de pedra representando as nove camadas do submundo; a pedra angular sobreposta teria sido um elemento adicional, estranho à cosmologia maia.

Em cada reino maia, a sociedade era composta, em uma ordem hierárquica, de reis, nobres, professores, escribas, guerreiros, arquitetos, administradores, artesãos, mercadores, trabalhadores e fazendeiros. Além da capital, havia vários centros secundários distantes, cidades de um certo tamanho ou vilarejos simples e fazendas habitadas por uma família extensa.
Existem vários motivos pelos quais os maias se mudaram de pequenas comunidades agrícolas administradas por autoridades locais para reinos complexos no período clássico. A descoberta de formas de captação de água da chuva e a criação de novas terras aráveis para a agricultura tiveram um papel importante nesse desenvolvimento. Uma força de trabalho não desprezível foi organizada para construir e manter os sistemas hidráulicos (reservatórios, cisternas, canais) e cuidar dos campos de milho. Essas inovações permitiram aumentar a produção de alimentos e gerar excedentes, desenvolver o comércio com os estados vizinhos e, portanto, promover o crescimento populacional. O fato de que um governo era necessário para administrar as atividades urbanas e rurais cada vez mais numerosas e complexas pode ser parte da razão pela qual os maias se dotaram de reis.

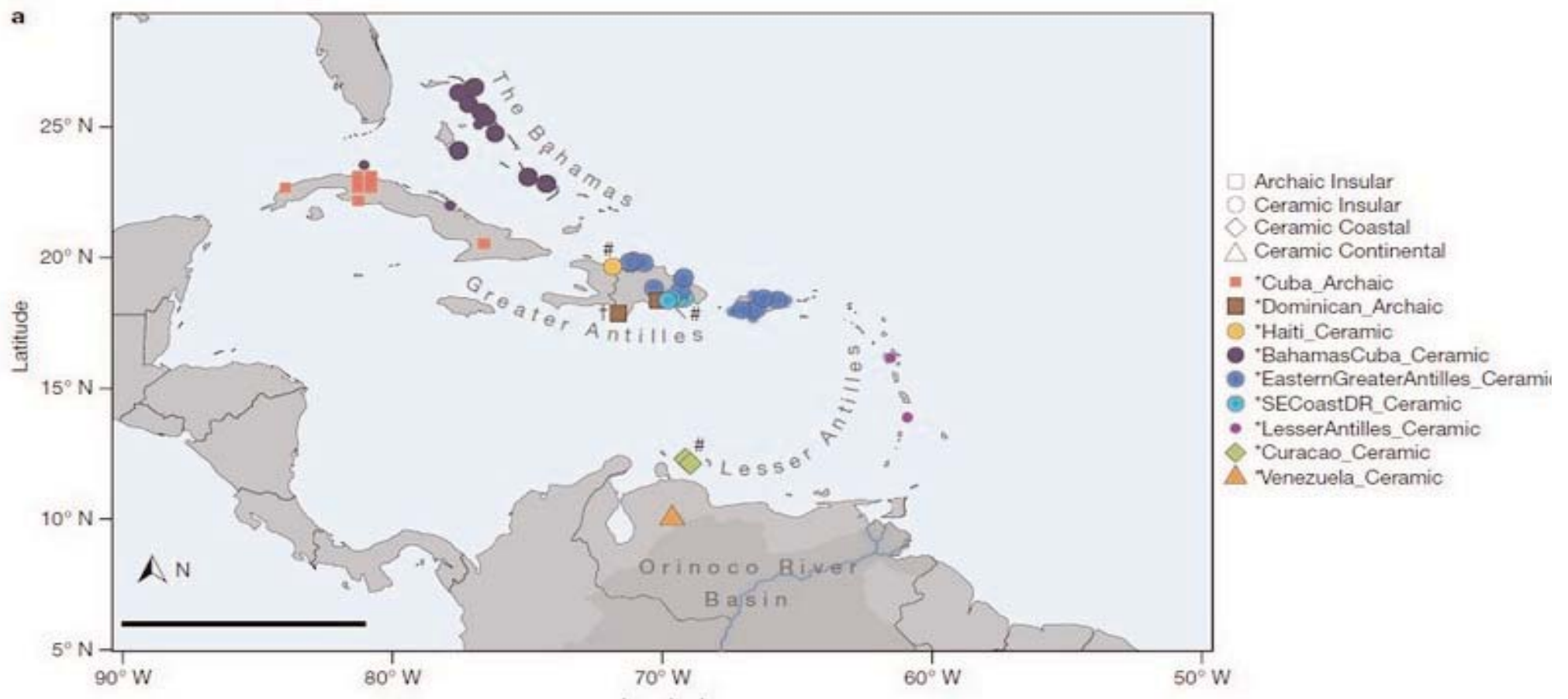
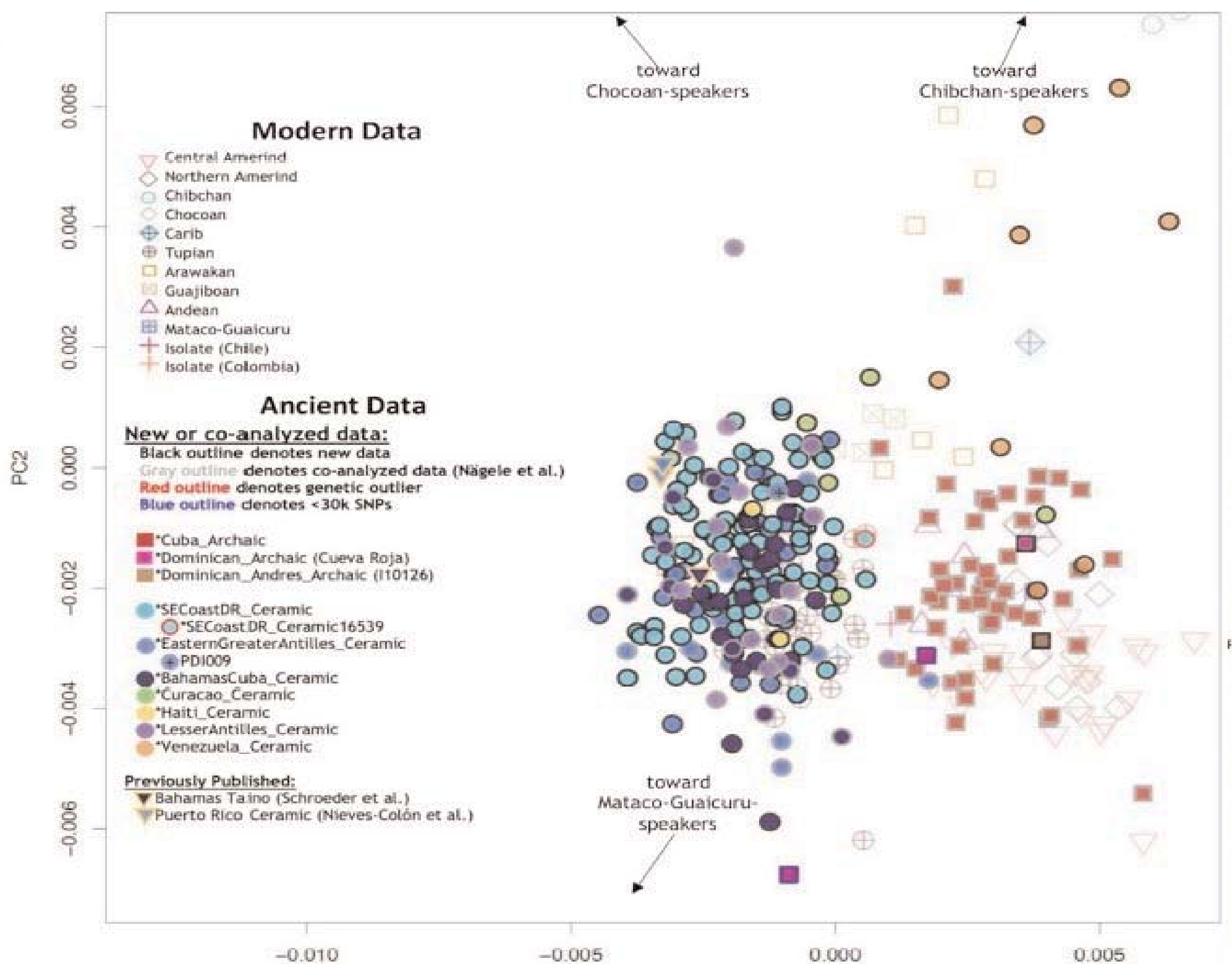
À medida que as cidades cresciam, em parte devido à chegada de pessoas de fora da região, cada vez mais mordiscavam as terras aráveis. O crescimento populacional, as secas e as colheitas ruins podem ter sido a causa de uma grave escassez de alimentos e desnutrição. Quando as colheitas eram ruins, as pessoas podem ter sido forçadas a se mudar para outro lugar para sobreviver.

História genômica do Caribe

Antes da chegada dos europeus, o Caribe era povoado por um mosaico de comunidades arqueológicas interconectadas, pois os primeiros migrantes chegaram a Cuba, Haiti e Porto Rico há cerca de 6.000 anos. As primeiras ocupações que definem o período arcaico são caracterizadas por uma indústria lítica específica. A era da cerâmica começa há cerca de 2.500 a 2.300 anos, caracterizada pela contribuição da agricultura e da cerâmica.

Os paleo-geneticistas acabam de publicar um artigo intitulado: A Pre-Contact Caribbean Genetic History. Eles sequenciaram os genomas de 195 indivíduos caribenhos antigos com idades entre 3.100 e 400 anos:

Esses genomas foram adicionados a 89 genomas antigos publicados anteriormente em um estudo anterior. Todos esses genomas são separados em dois grupos de acordo com sua datação e sua tecnologia: arcaico e cerâmico.

Os autores realizaram uma análise de componentes principais. A figura abaixo mostra que indivíduos arcaicos (símbolos quadrados) e cerâmicos (símbolos circulares) são separados em dois grupos distintos:

Indivíduos cerâmicos da Venezuela (símbolos circulares rosa) se destacam desses dois grupos e estão mais espalhados no canto superior direito da figura acima. A forte homogeneidade dos indivíduos cerâmicos independentemente de sua localização indica uma alta taxa de migração entre as ilhas neste momento. Alguns indivíduos apresentam uma mistura genética entre ancestrais arcaicos e cerâmicos.

Os antigos indivíduos arcaicos compartilham a maioria dos alelos com as populações atuais da América Central e do norte da América do Sul pertencentes a várias famílias linguísticas: Arawak, Caribs, Chibchanes, Chocó, Guahibanes, Mataco-Guaicuru e Tupi. Não há afinidade genética com as populações norte-americanas ao contrário do que foi indicado em estudo anterior. Todos os resultados sugerem que os antigos indivíduos cerâmicos provêm de uma única origem.

A chegada de grupos cerâmicos substituiu boa parte das populações em todo o Caribe, exceto no oeste de Cuba, onde uma ancestralidade arcaica persistiu por pelo menos 2.500 anos. Na época da chegada dos primeiros europeus, esta região era caracterizada por uma cultura e uma língua diferentes das outras partes do Caribe. A análise com o software ADMIXTURE mostra que os indivíduos cerâmicos antigos têm uma afinidade genética com as populações atuais de língua arawak. Na verdade, a figura abaixo mostra que esses antigos indivíduos de cerâmica consistem principalmente de um componente azul-esverdeado que predomina entre os Piapoco, uma população atual de língua arawak.

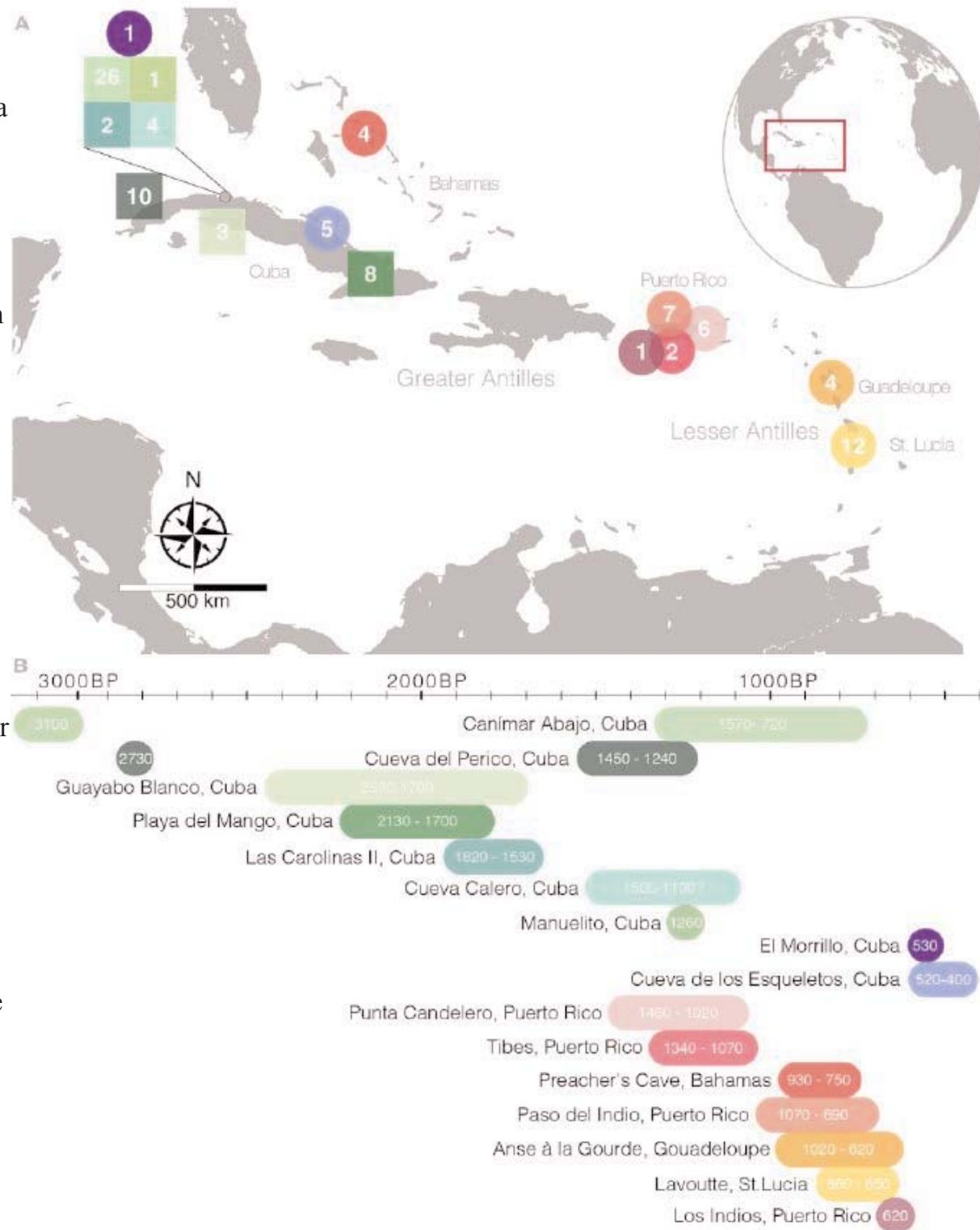
No entanto, a estatística f4 não confirma este resultado porque não mostra mais afinidade genética entre as cerâmicas antigas e as populações atuais da língua arawak em comparação com as populações atuais de outra família de línguas.

Cabécar
Surui
Piapoco
*Dominican_Archaic
*Dominican_Andres_Archaic (I10126)
*Cuba_Archaic
*Lesser Antilles_Ceramic
Bahamas Taíno (Schroeder et al.)
*BahamasCuba_Ceramic
*EasternGreaterAntilles_Ceramic
PDI009
Puerto Rico Ceramic (Nieves-Colón et al.)
*SECoastDR_Ceramic
*SECoastDR_Ceramic16539
*Curaçao_Ceramic
*Haiti_Ceramic
*Venezuela_Ceramic

A análise com o software ADMIXTURE acima mostra que os indivíduos cerâmicos antigos da Venezuela têm uma alta proporção de ancestralidade (azul escuro) encontrada no Cabécar da língua Chibchane. Indivíduos cerâmicos antigos de Curaçao podem ser modelados como resultado de uma mistura genética entre indivíduos cerâmicos antigos das Pequenas Antilhas (74,5%) e indivíduos cerâmicos antigos da Venezuela (25,5%). Por fim, os autores não demonstraram a chegada de um novo fluxo gênico há cerca de 1.150 anos, conforme sugerido por estudos craniométricos anteriores.

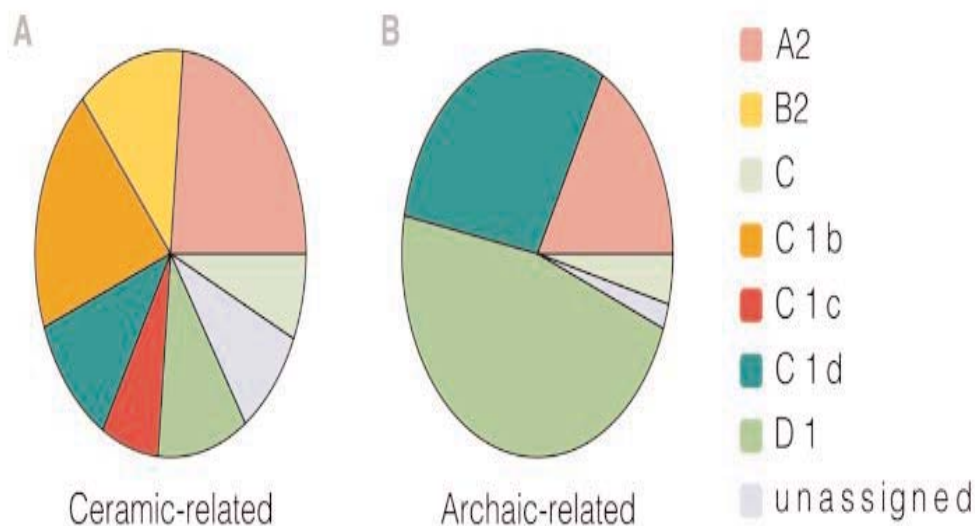
A análise do comprimento dos segmentos de homozigose mostra que houve consanguinidade de segundo ou terceiro grau entre essas populações antigas, sugerindo um pequeno tamanho populacional. Assim, o tamanho efetivo da população é estimado entre 200 e 300 para indivíduos arcaicos e entre 500 e 3000 para cerâmicas. O tamanho real da população tinha que ser entre 3 e 10 vezes maior do que o tamanho efetivo estimado da população.

Novos estudos

Evidências arqueológicas mostram que os primeiros habitantes do Caribe chegaram há cerca de 8.000 anos a Trinidad e, em seguida, cerca de 5.000 anos atrás, às outras ilhas. Então, há cerca de 2.800 anos, uma segunda onda de colonização varreu o Caribe, trazendo um novo estilo de cerâmica, assentamentos permanentes e agricultura. Esses recém-chegados vêm da América do Sul.

A Paleogenética acaba de publicar um novo artigo intitulado: Perspectivas genômicas sobre a colonização precoce do Caribe. Eles sequenciaram os genomas de 93 esqueletos de 16 sítios arqueológicos no Caribe que datam de 3.200 a 400 anos. Esses indivíduos vêm de dois contextos arqueológicos diferentes denominados arcaico (símbolos quadrados) e cerâmicos (símbolos redondos):

A Ceramic-related

B Archaic-related

A2, B2, C, C1b, C1c, C1d, D1, unassigned

Indivíduos arcaicos vêm de sete sítios arqueológicos em Cuba datados entre 3.200 e 700 anos, enquanto os indivíduos cerâmicos vêm de nove sítios arqueológicos em diferentes ilhas do Caribe: Cuba, Bahamas, Porto Rico, Guadalupe e Santa Lúcia datados entre 1.500 e 400 anos.

A análise dos haplogrupos mitocondriais revela diferenças importantes entre os dois grupos. Os indivíduos arcaicos pertencem principalmente aos haplogrupos A2, D1 e C1d, enquanto os do grupo cerâmico são mais variados e incluem também os haplogrupos: B2, C1b e C1c:

Os autores então realizaram uma análise de componentes principais. As amostras neste estudo são agrupadas em dois grupos de acordo com sua origem arqueológica: arcaica ou cerâmica:

A

PC1 - [9.2%]

PC2 - [6.8%]

LOI001 PCA001 ALG001

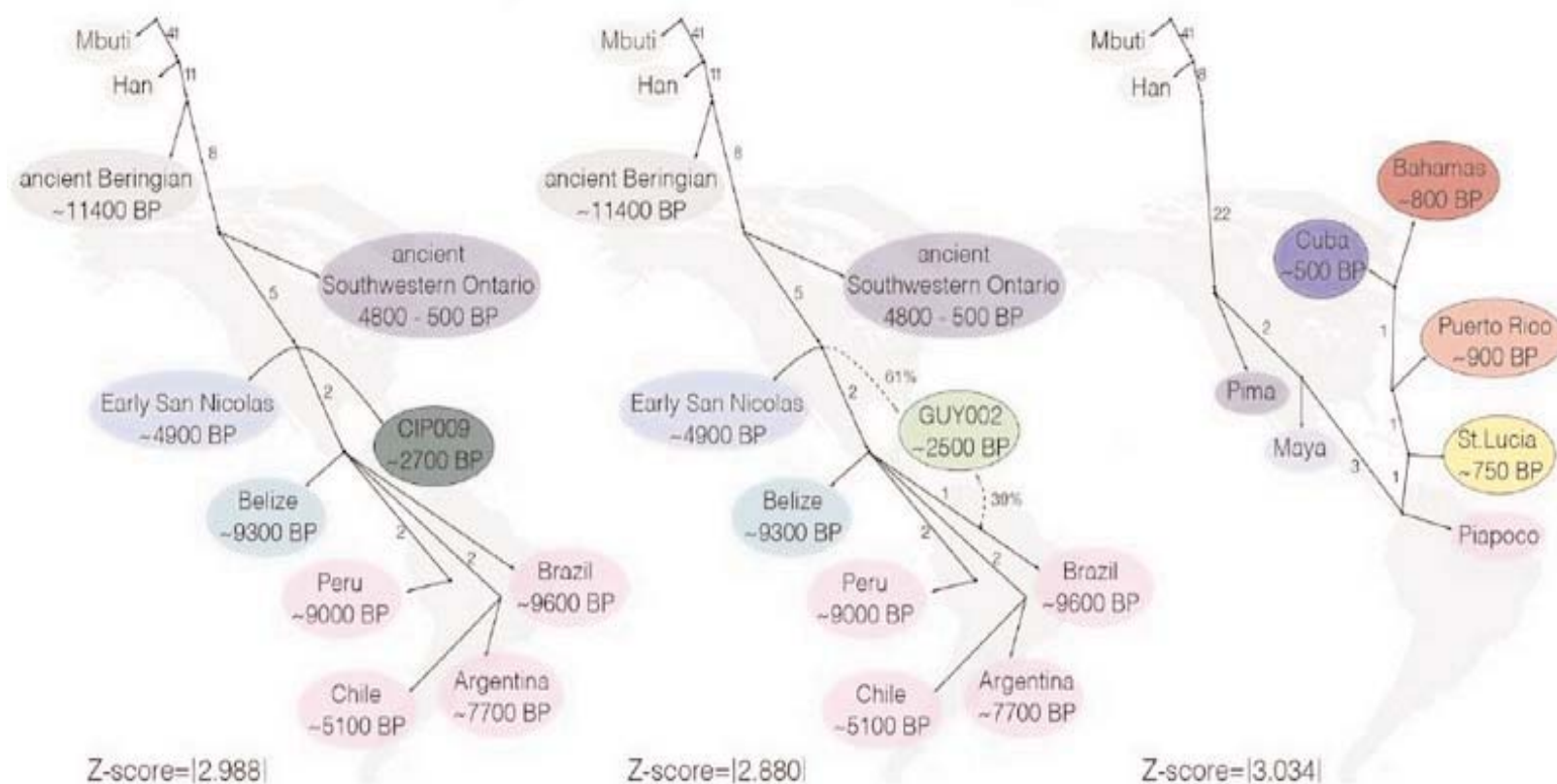
present-day American mainland: Cree / Chipewyan / Pima; Mixe / Mixtec / Maya/Zapotec; Piapoco/Karitiana/Surui; Chane/Quechua

ancient Archaic-related: Cueva del Perico; Playa del Mango; Manuelito; Canímar Abajo; Las Carolinas II; Cueva Calero; Guayabo Blanco

ancient Ceramic-related: Cueva de los Esqueletos; El Morrillo; Los Indios; Punta Candelero; Paso del Indio; Tibes; Preacher's Cave; Anse à la Gourde; Lavoutte

Os indivíduos do grupo cerâmico reagrupam-se com indivíduos sul-americanos antigos ou contemporâneos, enquanto os do grupo arcaico não se reagrupam com nenhuma população contemporânea.

Os autores então usaram a estatística f4 para ver se os ex-indivíduos neste estudo eram mais semelhantes ao ex-indivíduo das Bahamas da Caverna dos Pescadores publicada anteriormente ou aos ex-indivíduos das Ilhas do Canal na Califórnia. Não surpreendentemente, os indivíduos neste estudo da Caverna dos Pescadores têm a maior afinidade genética com o indivíduo antigo do mesmo local, seguido pelos outros indivíduos do grupo de cerâmica. Em contraste, os indivíduos do grupo arcaico têm menos afinidade genética com o indivíduo antigo das Bahamas. Além disso, um indivíduo da caverna Perico, em Cuba, é geneticamente ainda mais próximo dos antigos indivíduos da Califórnia.
O software qpWave confirma que os indivíduos nos dois grupos neste estudo vêm de duas linhagens ancestrais diferentes e não podem ser explicados apenas pela deriva genética sozinha. Além disso, embora alguns indivíduos nesses dois grupos vivessem quase ao mesmo tempo, não há sinais de mistura genética entre esses dois grupos.

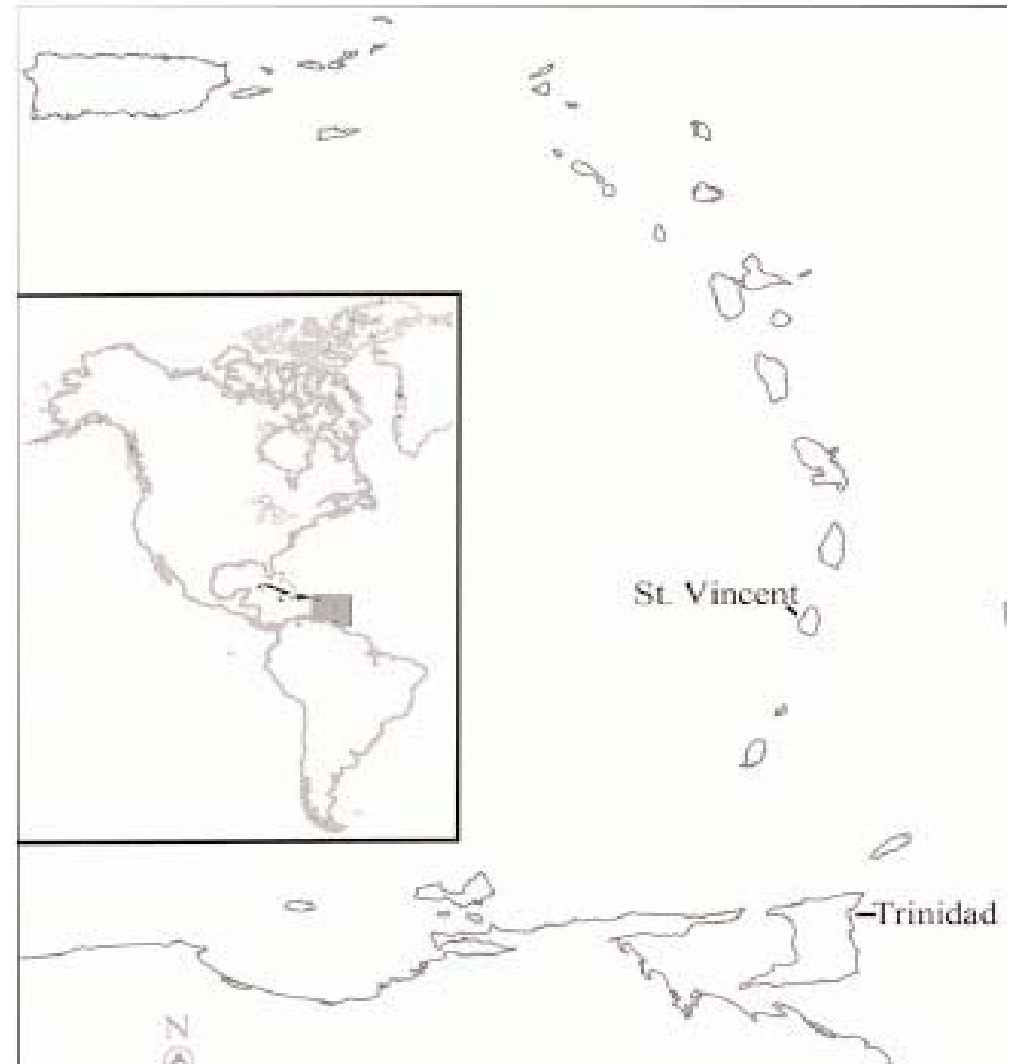
Os autores deste estudo destacaram duas origens distintas para os indivíduos do grupo arcaico, sugerindo várias ondas migratórias antes da chegada do grupo cerâmico. Assim, o indivíduo CIP009 da caverna Perico em Cuba parece provir de um ramo que diverge do ramo ameríndio principal ao mesmo tempo do ramo que conduz aos indivíduos das ilhas do Canal da Califórnia, antes da dispersão dos grupos. Americanos. Em contraste, outros indivíduos do grupo arcaico, como GUY002 do sítio Guayabo Blanco em Cuba, precisam de fluxo gênico adicional (39%) da América do Sul, conforme mostrado na figura oposta à esquerda:

Assim, esses resultados sugerem pelo menos duas ondas migratórias no Caribe antes da chegada do grupo cerâmico, sendo uma da América do Norte e outra da América do Sul. Por fim, a chegada do grupo cerâmico está ligada a uma segunda onda migratória da América do Sul.

Diversidade genética nas Pequenas Antilhas

O Caribe é uma região banhada pelo Oceano Atlântico a leste, a costa sul das Bahamas ao norte, a costa norte da América do Sul ao sul e a costa leste do México a oeste. Eles incluem cerca de 700 ilhas e 17 milhões de pessoas. A primeira presença humana data de 7.200 anos na ilha de Trinidad. Depois, há uma colonização das ilhas de Cuba, Hispañola e Porto Rico entre 8.000 e 5.000 anos, seguida pelas Pequenas Antilhas e Barbados entre 5.000 e 3.000 anos. Para o resto das ilhas, os dados arqueológicos e linguísticos apontam para a chegada do homem em migrações sucessivas até cerca do ano 1500. As diferentes fontes de população nas Pequenas Antilhas são a América do Sul ou as Grandes Antilhas. Pelo menos 8 grupos étnicos diferentes povoavam esta região quando os europeus chegaram: os Guanahatebay de Cuba, os Macorix e Ciguayo de Hispañola, os Taïnos Lucayens nas Bahamas, os Ciboney no Haiti, Jamaica e Cuba, os Clássicos Taino na República Dominicana, Porto Rico, Ilhas Virgens e Ilhas Sotavento e Kalipuna e Karina nas Ilhas de Barlavento.

Essas primeiras populações foram fortemente afetadas pela assimilação genética, doenças e genocídio durante a colonização europeia e o comércio de escravos. Eles também se espalharam para outras ilhas ou lugares nas Américas durante este período. Embora os dados arqueológicos, etno-históricos e linguísticos forneçam respostas cruciais para o povoamento e a história desta região, muitas questões permanecem sobre a origem e a data das migrações iniciais.

Jada Benn Torres acaba de publicar um artigo intitulado: Diversidade genética nas Pequenas Antilhas e suas implicações para o povoamento da bacia do Caribe. Ele analisou o DNA mitocondrial e o cromossomo Y de duas comunidades indígenas: a Primeira Comunidade dos Povos (FPC) de Santa Rosa em Trinidad e os Garífunas de San Vicente:

Foram coletadas 88 amostras para teste genético: 65 são garífunas de San Vicente e 23 da FPC de Trinidad. Após a extração de amostras relacionadas, 12 dos CPFs de Trinidad (incluindo 5 homens) e 43 Garífunas (incluindo 18 homens) permaneceram. Esses dados foram comparados com outras populações do Caribe e da América do Sul e Central.

St. Vincent

Trinidad

N

Os resultados mostraram que para as 2 comunidades, a proporção de linhagens maternas nativas é de 42%. No entanto, apenas 2 dos 5 principais haplogrupos mitocondriais nativos americanos foram detectados: A2 e C1:

:

Table 3. Mitochondrial DNA and Y-chromosome haplogroup frequencies in indigenous Caribbean communities.

mtDNA Haplogroup	Trinidad % (n)	St. Vincent % (n)	NRY Haplogroup	Trinidad % (n)	St. Vincent % (n)
A2	41.7 (5)	16.3 (7)	E1b1a	60(3)	44.4(8)
C1	16.7 (2)	20.9 (9)	Q-M3	20(1)	16.7(3)
L0	0 (0)	7 (3)	R1b	20(1)	22.2(4)
L1	0 (0)	4.7 (2)	I1	-	11.1(2)
L2	16.7 (2)	30.2 (13)	I2b	-	5.5(1)
L3	16.7 (2)	20.9 (9)			
M33	8.3 (1)	-			

Existem também 4 linhas maternas africanas (L0, L1, L2 e L3) e uma linha do Sul da Ásia (M33) em Trinidad. A diversidade genética é maior na comunidade de Trinidad do que entre os garífunas de San Vicente: (tabela 4)

No entanto, quando as linhagens africana e asiática são removidas, essa diversidade cai drasticamente. Isso pode ser devido a vários fatores, como deriva genética, perda de linhagens em tempos históricos e consanguinidade.

Uma análise multiescala das distâncias genéticas entre as amostras dentro de cada população foi realizada. Apenas haplótipos nativos americanos foram usados. Como as populações da América do Norte não fornecem informações adicionais, o seguinte foi removido desta análise:

Table 4. MtDNA summary statistics for the Indigenous Caribbean communities based on HVS1 sequences (np 16024–16400).

HVS1 (np 16024–16400)	n	Haplotypes	H (± SD)	π (± SD)
		All mtDNA lineages		
St. Vincent	43	25	0.942 (0.021)	0.020 (0.002)
Trinidad	12	10	0.955 (0.057)	0.018 (0.002)
		Native American mtDNA lineages only		
St. Vincent	16	4	0.650 (0.075)	0.012 (0.001)
Trinidad	7	5	0.857 (0.004)	0.013 (0.004)

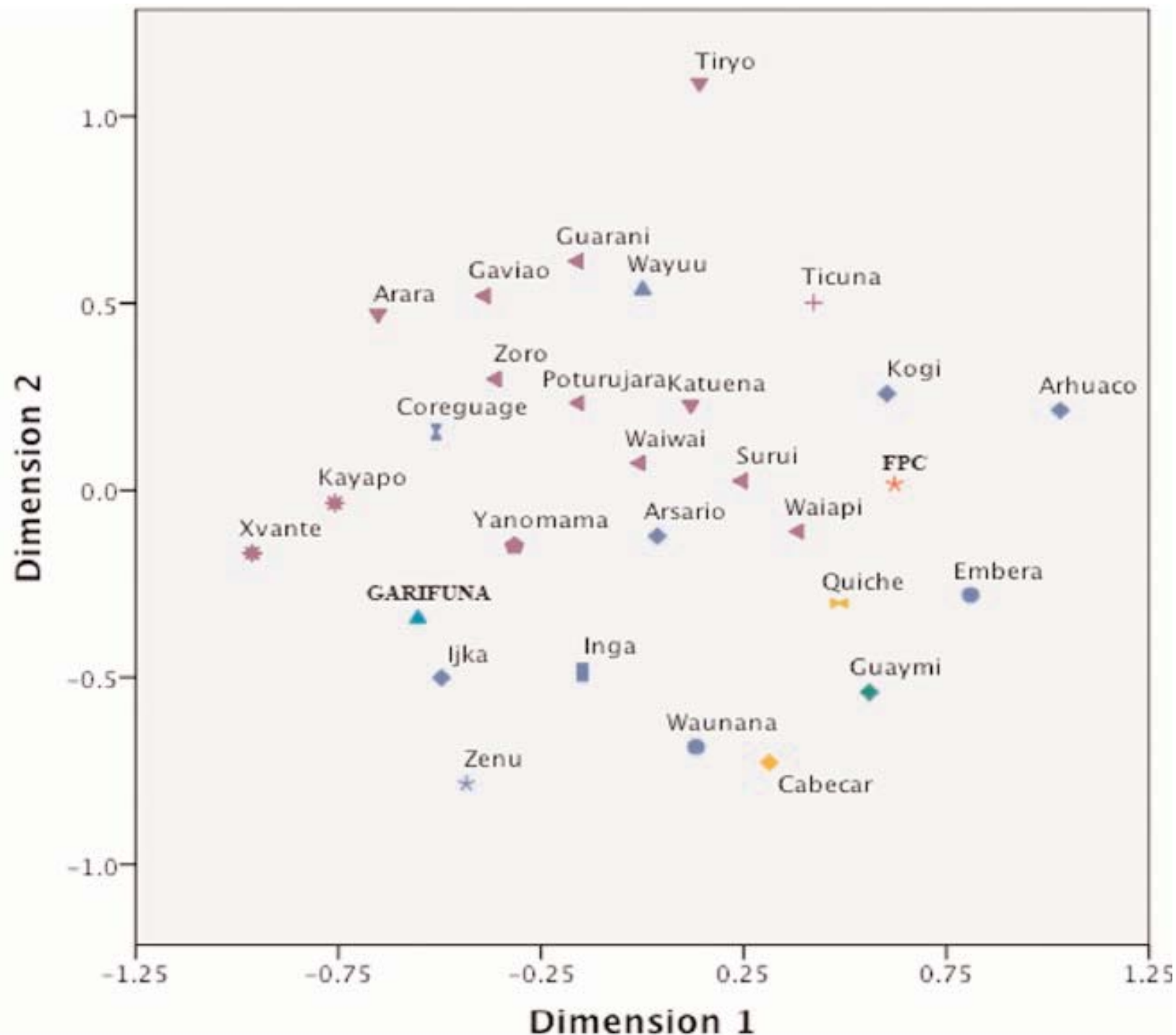
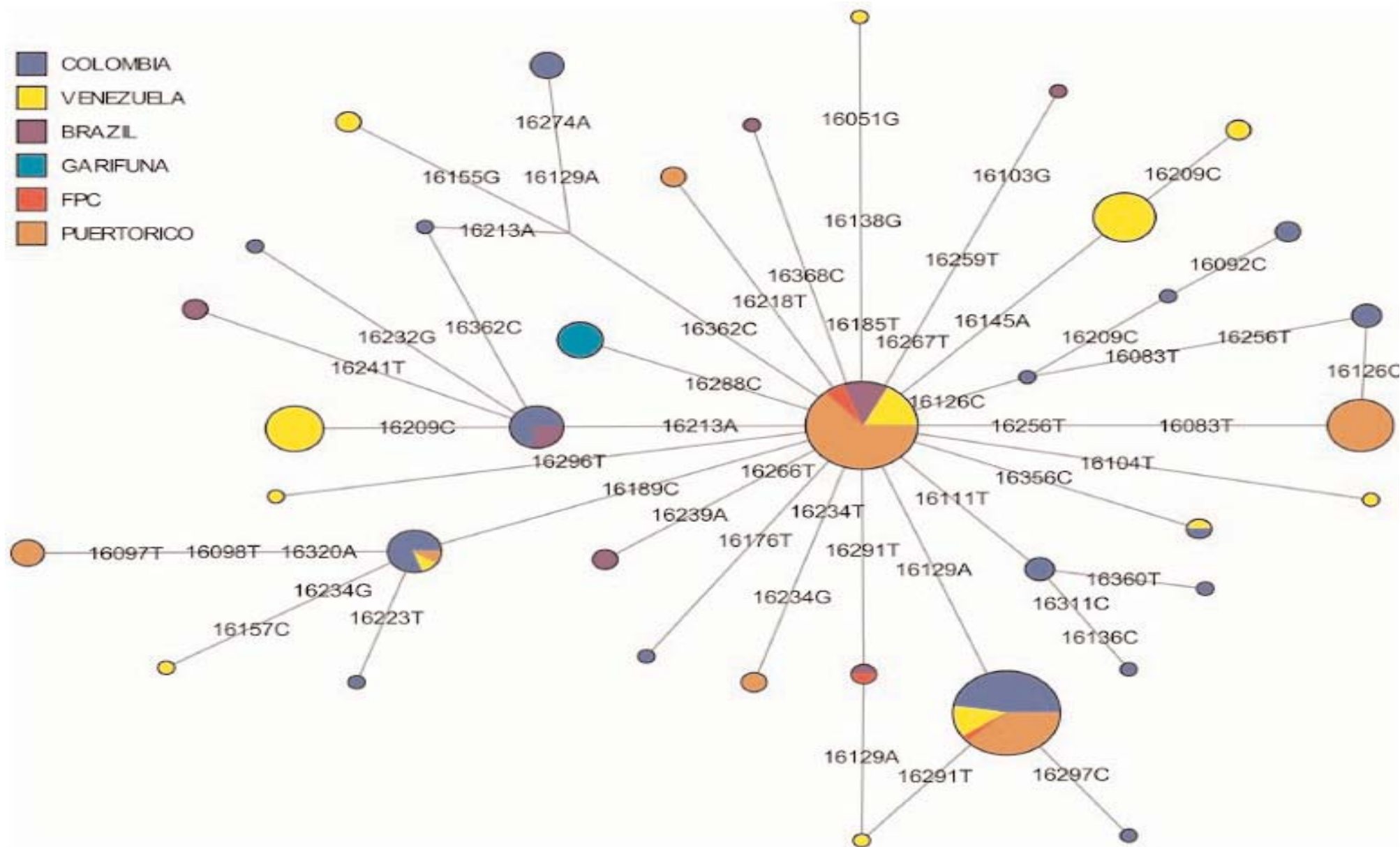
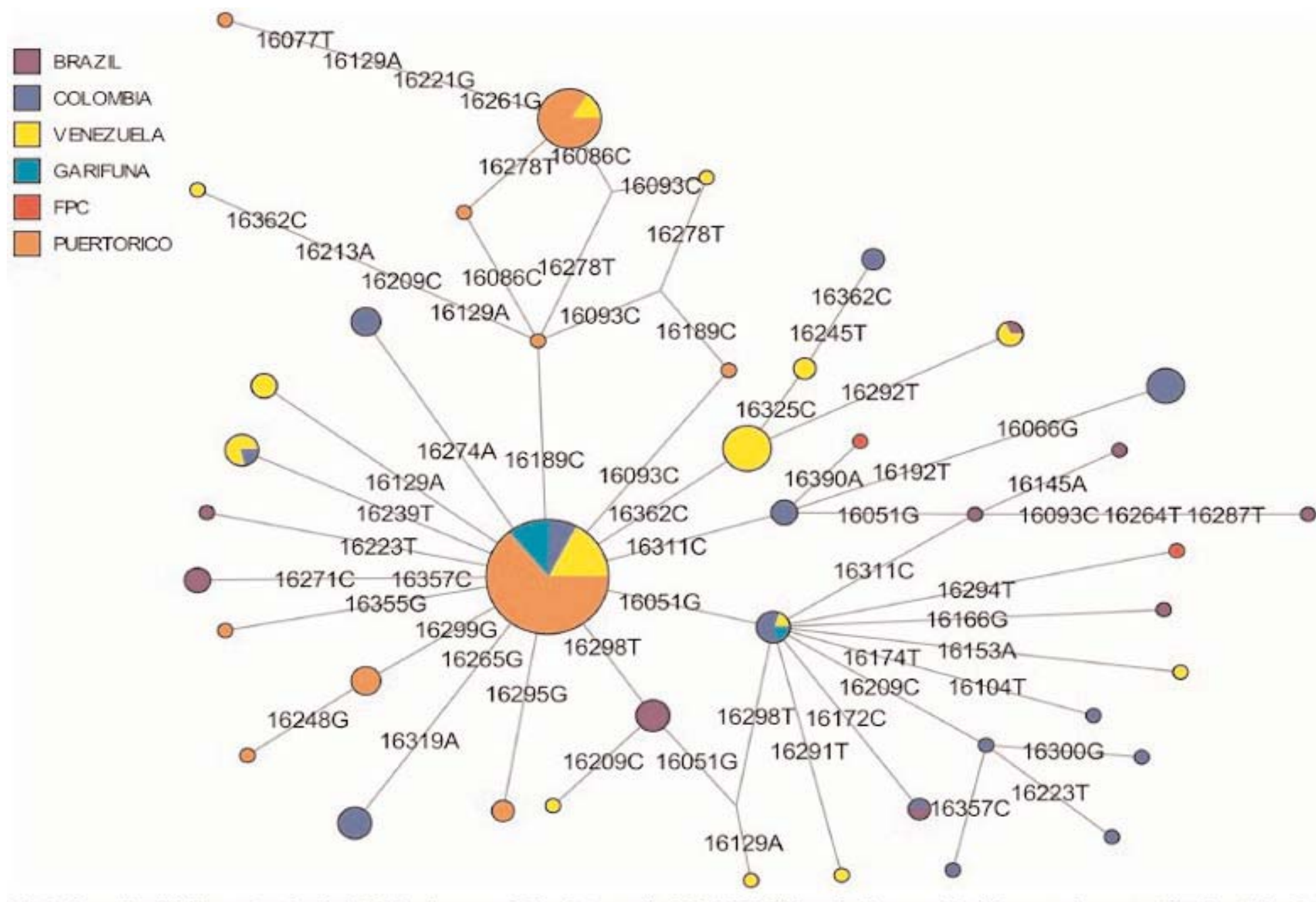



Fig 2. A MDS plot of FST estimates based on mtDNA HVS1 sequences (np 16024–16400) for Indigenous Caribbean and comparative Central and South American populations. The stress value of the plot is 9.8%. Data points are labeled with the population name and color-coded by geographic origin, with each shape corresponds to the language family of the sample.

Curiosamente, as populações caribenhas estão distantes umas das outras, com as populações sul-americanas no meio. Assim, o FPC de Trinidad está mais próximo de certas populações do Brasil, Colômbia ou América Central, enquanto os Garífuna de San Vicente estão mais próximos de diferentes populações da Colômbia ou do Brasil. Além disso, as populações caribenhas não parecem estar próximas de um grupo linguístico específico. No entanto, eles tinham que falar uma língua pertencente às famílias arawak e caribenhas.

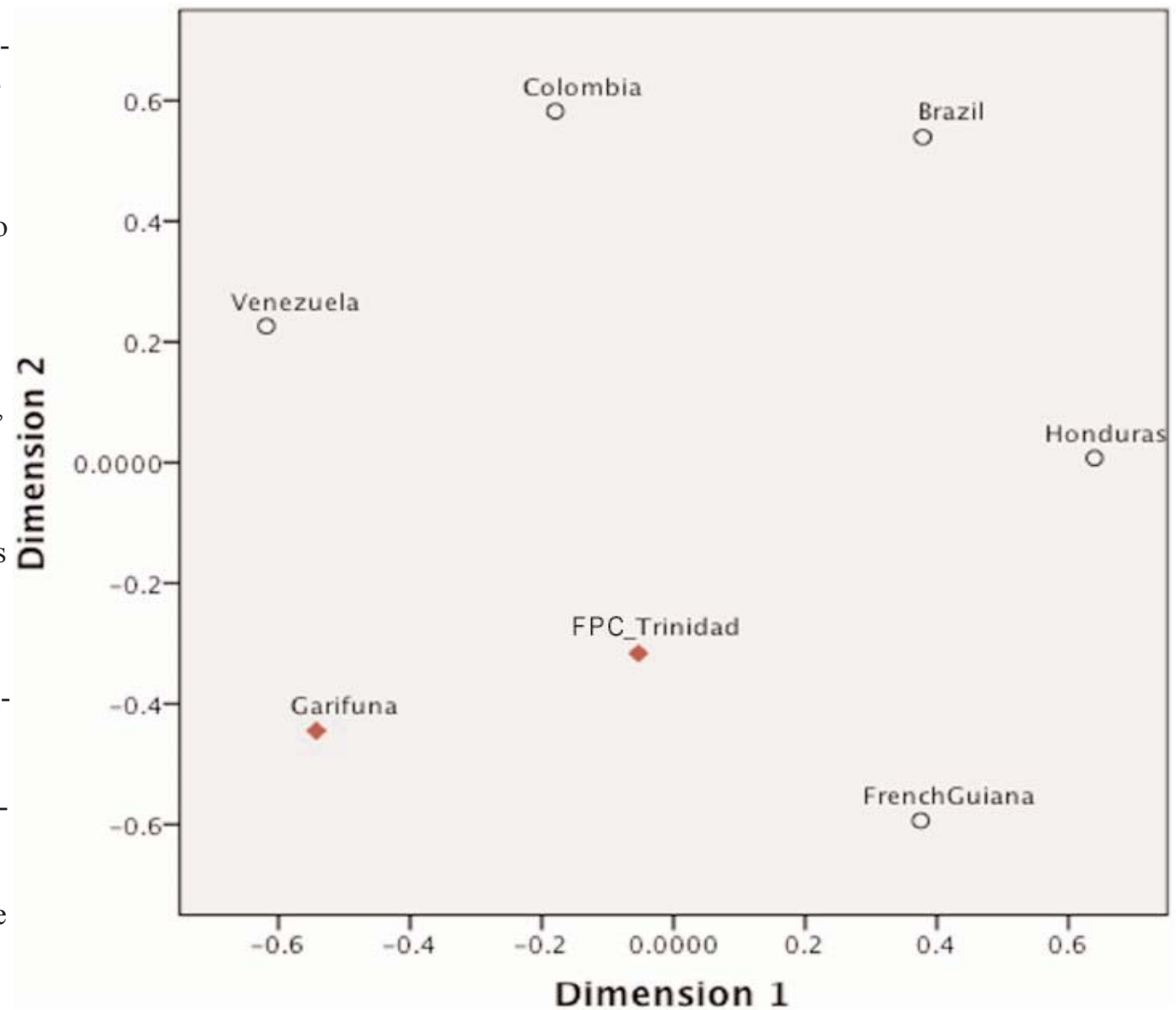
As redes foram então plotadas a partir das sequências HVR1 das diferentes populações, para os haplogrupos A2 e C1. Como os haplótipos das populações da América Central estão bem separados de outras populações, os seguintes foram removidos desta análise:

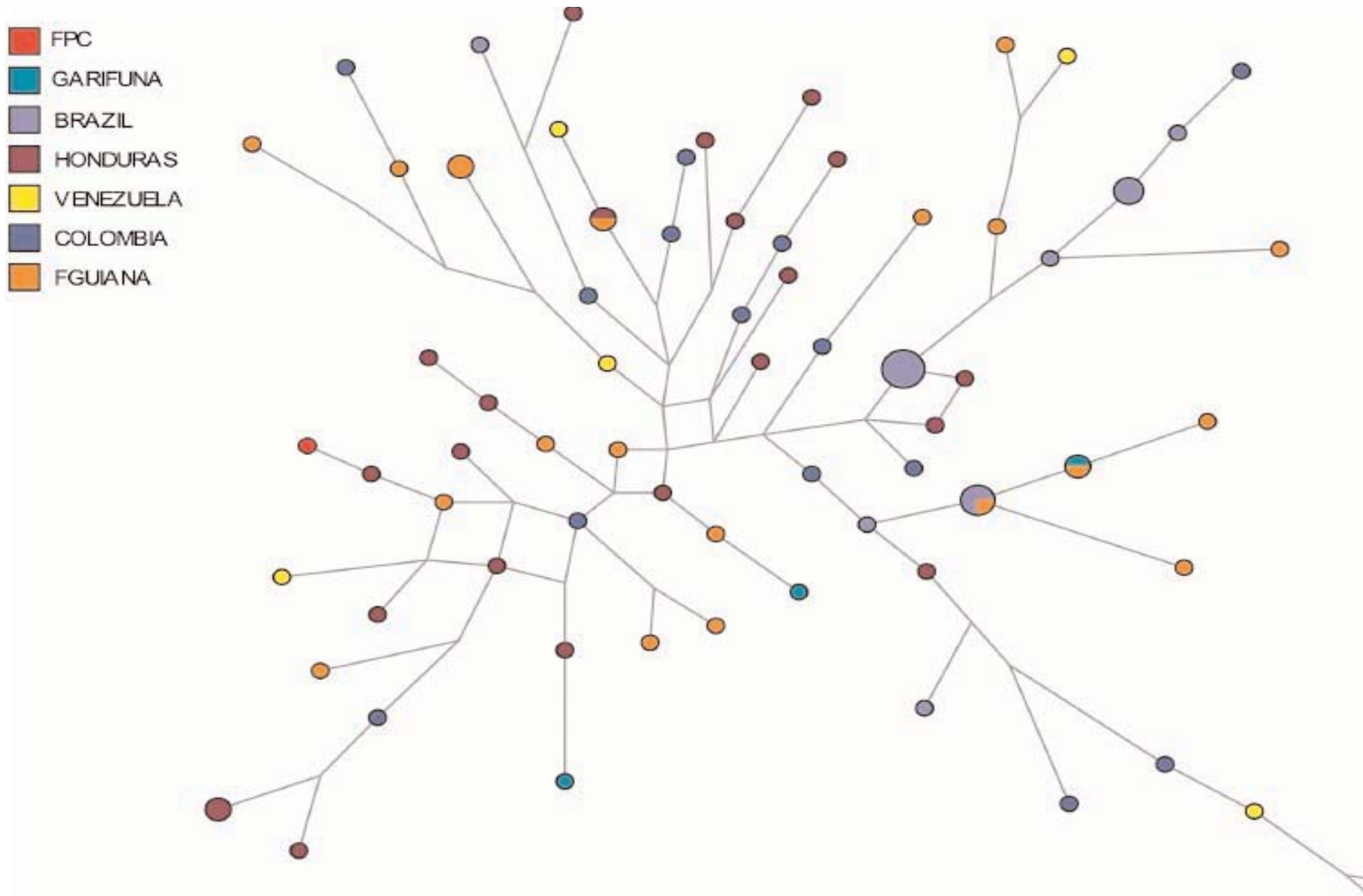
Na rede do Haplogrupo A2 acima, os haplótipos de Trinidad, Porto Rico, Venezuela e Brasil são encontrados no nó central. Um haplótipo relacionado definido pela mutação 16288C é visto apenas em San Vicente.

Os dois haplótipos San Vicente C1 correspondem a antigos haplótipos de Guadalupe localizados em Marie-Galante e La Désirade datados entre 1289 e 1445. Portanto, há alguma continuidade genética nas Pequenas Antilhas, pelo menos desde esta data.

Por outro lado, as linhagens maternas asiáticas em Trinidad não são surpreendentes, sabendo que após a emancipação de 1838, os escravos de origem africana de Trinidad deixaram a ilha e foram substituídos por trabalhadores do sul da Ásia de Bengala, Awadh no norte da Índia e Punjab.

As estimativas das idades das linhagens maternas de nativos americanos indicam que o Haplogrupo C1 é mais jovem (2.900 anos) do que o Haplogrupo A2 (8.500 anos). Essas datas coincidem com evidências arqueológicas que indicam que as Pequenas Antilhas foram habitadas há 7.200 anos em uma série de migrações de regiões vizinhas.

Os haplogrupos do cromossomo Y africano (E1b), europeu (R1b) e nativo americano (Q-M3) estão presentes nas populações de Trinidad e Saint Vincent. O haplogrupo C3c nativo americano, comum entre as populações Na-Dene da América do Norte, está ausente das populações do Caribe. Mais de 80% dos haplótipos no cromossomo Y não são nativos americanos. Em São Vicente existem tantos haplótipos africanos quanto haplótipos europeus, enquanto em Trinidad há muito mais haplótipos africanos (60%) do que europeus (20%) (ver Tabela 3 abaixo). acima de). A diversidade genética paterna das populações caribenhas é equivalente à das populações das Américas. Todos os haplótipos caribenhos são únicos, exceto um haplótipo comum de São Vicente com um haplótipo da Guiana Francesa (população Kali'na que fala uma língua caribenha).

Uma análise multiescala das distâncias genéticas entre as amostras dentro de cada população foi realizada:

Na rede do haplogrupo C1, as amostras de San Vicente encontram-se principalmente no nó central e no nó que define o subclado C1d (mutação 16051G), ao contrário das amostras de Trinidad ou Porto Rico:

Os grupos caribenhos estão muito distantes dos grupos do Brasil ou da Colômbia. Uma rede para o haplogrupo Q-M3 foi desenhada a partir de marcadores STR:

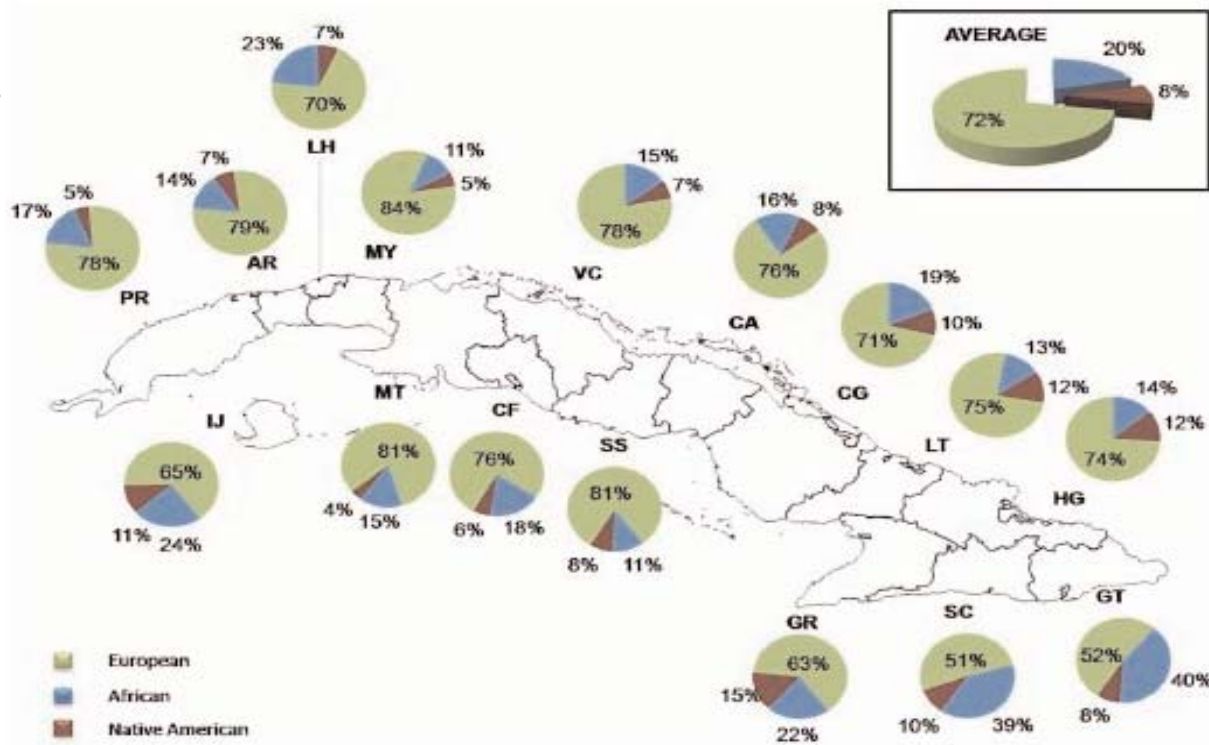
Os haplótipos caribenhos são únicos e estão espalhados por toda a rede. No entanto, a falta de haplogrupos no Caribe encontrada nas populações do sudoeste da América indica que a fonte potencial das populações do Caribe deve estar no Brasil ou na Venezuela.

Além disso, os haplótipos diferem entre Trinidad e São Vicente, apesar da pequena distância geográfica entre as duas ilhas. Isso implica que eles vêm de diferentes populações ou sofreram diferentes variações genéticas devido aos seus respectivos isolados. Esses dados genéticos apontam mais para uma origem entre os Kali'na, que falam uma língua caribenha. Atualmente estão localizados no norte do Brasil, Venezuela, Guiana Inglesa e Suriname.

História da mistura genética da população cubana

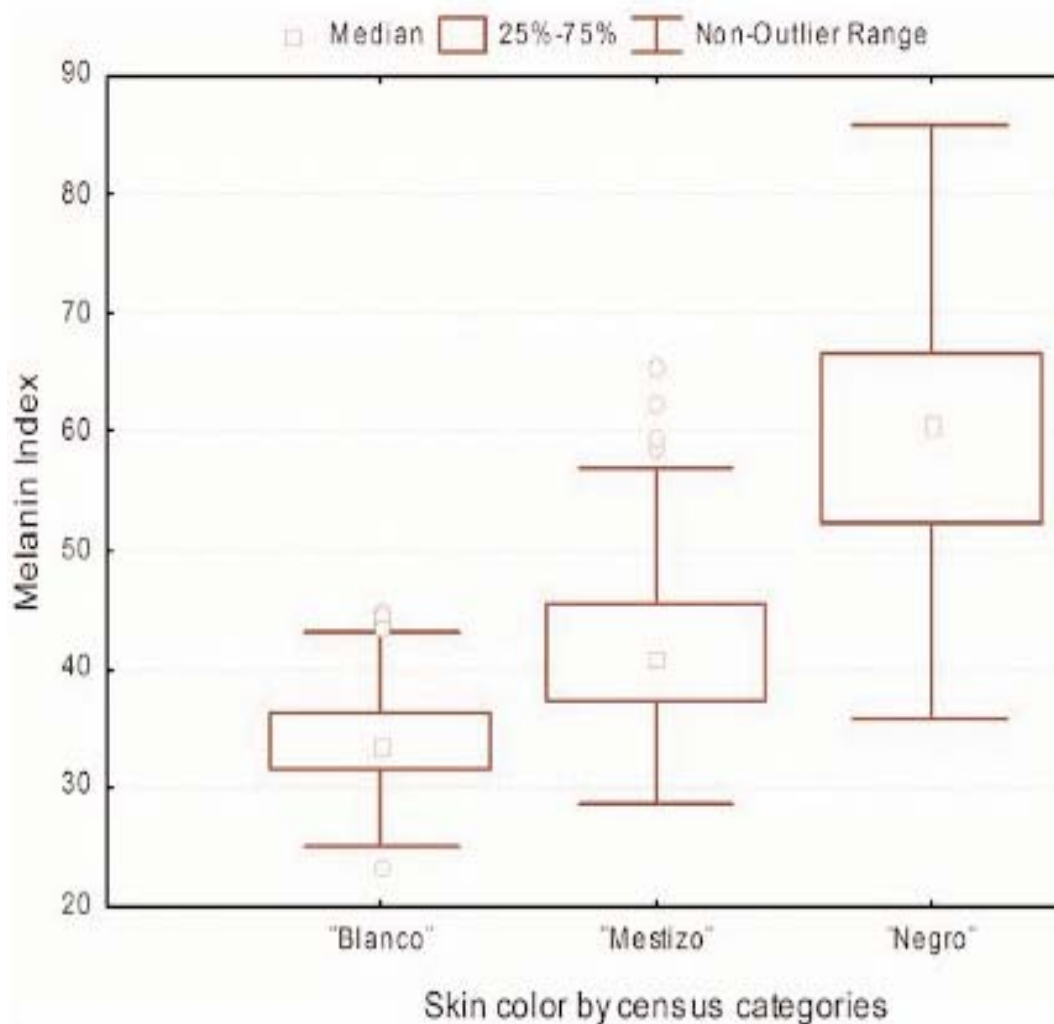
Beatriz Marcheco-Teruel acaba de publicar um interessante artigo sobre a genética da população cubana. É intitulado: Cuba: explorando a história da mistura e a base genética da pigmentação usando marcadores autossômicos e uniparentais.

As evidências da primeira colonização humana na ilha de Cuba datam de cerca de 7.000 anos. Quando os espanhóis chegaram, a população indígena era estimada em cerca de 110.000 indivíduos. Havia então dois tipos de população: os Guanahatabey eram caçadores-coletores que viviam no oeste de Cuba e representavam 10% da população total. Eles são considerados descendentes dos primeiros habitantes da ilha. Os Tainos eram agricultores que viviam no resto da ilha e constituíam 90% da população. Eles falavam uma língua arawak. Presume-se que ambos os grupos venham de populações sul-americanas. No espaço de 50 anos, a população indígena da ilha foi reduzida a alguns milhares de indivíduos. Os espanhóis então repovoaram a ilha com populações indígenas da América do Norte ou Central e com escravos da costa oeste da África. Estima-se que entre 700.000 e 1.300.000 africanos chegaram a Cuba durante o período do tráfico de escravos. A imigração da Espanha continuou até meados do século XX. Assim, a estrutura genética da atual população da ilha de Cuba é o resultado da história dessas diferentes misturas entre ameríndios, europeus e africanos. Hoje, o censo cubano classifica a população da ilha em três categorias: brancos, mestiços e negros.

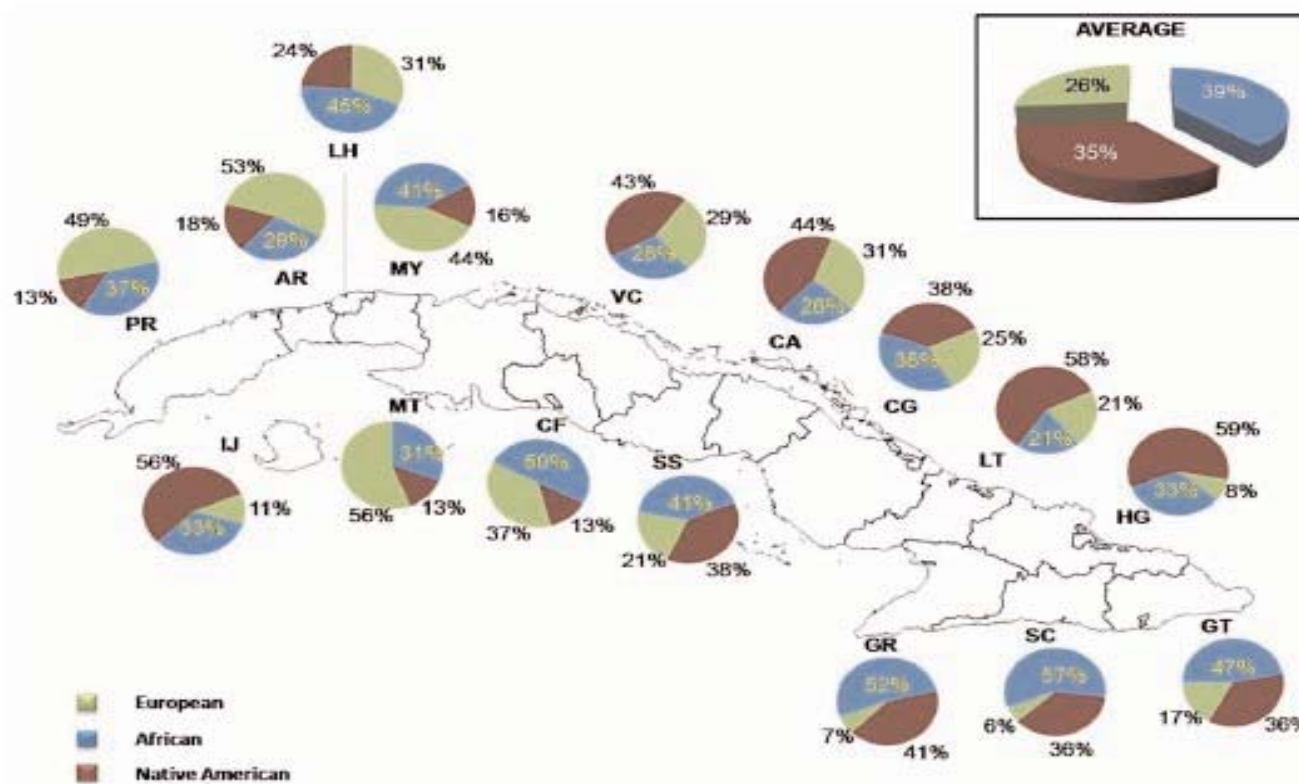
O objetivo deste estudo é apresentar os resultados obtidos em uma amostra de 1.019 indivíduos das 16 províncias de Cuba. 128 SNPs autossômicos foram usados para caracterizar a ancestralidade da população cubana. Além disso, testes de DNA mitocondrial e cromossomo Y foram realizados nesta amostra.

Finalmente, 16 SNPs relacionados à pigmentação da pele também foram testados. Assim, a proporção de descendentes de europeus varia de 51% na província de Santiago de Cuba a 84% na província de Mayabeque. A proporção de descendentes de africanos varia de 11% em Mayabeque a 40% em Guantánamo, e a proporção de descendentes de índios americanos varia de 4% em Matanzas a 15% no Granma.

A ancestralidade europeia é mais forte no oeste de Cuba, enquanto a ancestralidade africana e nativa americana é mais forte no leste da ilha.

A amostra estudada é composta por 55% de brancos, 33% de mestiços e 12% de negros segundo os critérios do censo cubano. Portanto, é interessante comparar essa classificação com, por um lado, uma medida objetiva da pigmentação da pele desses indivíduos e, por outro, sua ancestralidade genética. A pigmentação da pele é estimada a partir do nível de melanina. Este último é medido com um refletômetro de banda estreita na parte interna da parte superior do braço (pouca exposição ao sol) e na parte dorsal da mão (muito exposta ao sol). Em média, o nível de melanina é ligeiramente mais alto nos homens (40,68) do que nas mulheres (39,17). A média geral é de 39,8 para toda a amostra, mas varia de 23,4 a 85,9. O nível médio de melanina é 34,06 para brancos, 41,69 para mestiços e 60,59 para negros:

Os resultados dos testes autossômicos mostraram que, em média, a contribuição europeia para a população cubana é de 72%, a contribuição africana é de 20% e a contribuição dos índios americanos é de 8%. No entanto, esses valores variam muito dependendo da província:

O gráfico acima mostra que as diferentes categorias se sobrepõem. Assim, dois indivíduos com o mesmo índice de melanina podem pertencer a 2 categorias diferentes, por exemplo, brancos e pardos.

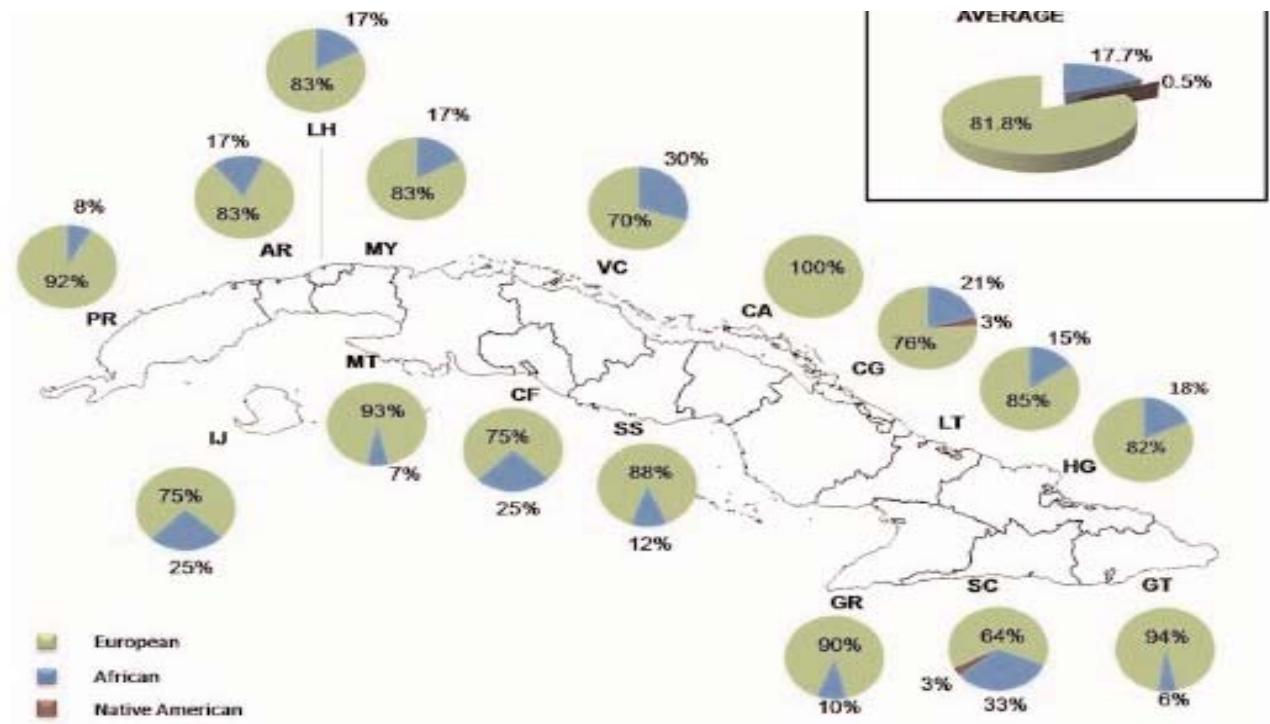
Entre os brancos, as contribuições de europeus, africanos e nativos americanos são, respectivamente, 86%, 6,7% e 7,8%. Entre os mestiços, esses valores são 63,8%, 25,5% e 10,7%. Por fim, entre os negros esses valores são 29%, 65,5% e 5,5%. Portanto, existe uma forte correlação entre a pigmentação da pele e a ancestralidade dos indivíduos. Portanto, a ancestralidade africana está positivamente correlacionada com o índice de melanina, a ancestralidade europeia é inversamente correlacionada com o índice de melanina, enquanto não há correlação entre a ancestralidade ameríndia e o índice de melanina. Além disso, em média, o índice de melanina é mais alto nas províncias de Santiago de Cuba e Guantánamo, de acordo com uma maior ancestralidade africana nessas duas regiões.

Existe uma forte correlação entre a proporção de afro-descendentes e a proporção de negros por província. Em contraste, nas províncias com alta proporção de afrodescendentes, os negros não têm mais afrodescendentes do que os negros localizados em províncias com baixa proporção de afrodescendentes.

amostra, 34,5% dos haplótipos são de origem ameríndia, 38,8% são de origem africana e 26,7% são de origem euro-asiática. Esses valores variam de província para província:

384 machos foram analisados quanto ao DNA do cromossomo Y em 12 SNPS para distinguir haplogrupos de origem africana, euro-asiática ou ameríndia. Assim, em geral, 81,8% das amostras são de origem europeia, 17,7% das amostras são de origem africana e apenas 0,5% das amostras são de origem ameríndia (2 amostras):

Também há uma correlação positiva entre a proporção de mestiços e ancestrais nativos americanos por província, embora seja mais fraca do que a correlação ligada à ancestralidade africana e a proporção de negros.

Finalmente, a proporção de afrodescendentes é maior nas áreas urbanas do que nas rurais. Em contraste, a proporção de descendência ameríndia é maior nas áreas rurais do que nas urbanas. Essas correlações estão ligadas à população negra e não à população branca e mestiça.

Um total de 943 indivíduos foram analisados quanto ao seu DNA mitocondrial em 18 SNPs para distinguir haplogrupos de origem africana, euro-asiática ou ameríndia. Assim, no total da

Portanto, há uma grande diferença entre a ancestralidade paterna e a ancestralidade materna na população cubana. Portanto, os imigrantes europeus eram em sua maioria homens que levaram mulheres de populações ameríndias ou africanas. Linhagens paternas ameríndias mal sobreviveram.

16 marcadores SNP autossômicos estão relacionados à pigmentação da pele. De acordo com este estudo, apenas quatro SNPs parecem influenciar significativamente o índice de melanina: é encontrado no gene SLC24A5, é encontrado no gene SLC45A2 e é encontrado no gene HERC2. Assim, o marcador de alelo A reduz o índice de melanina por um fator de 5,04 e o marcador de alelo G por um fator de 3,40. O marcador de alelo G diminui o índice de melanina por um fator de apenas 1,11. Os efeitos diretos do marcador não são significativos. Acredita-se que ele funcione em conjunto com o marcador localizado no mesmo gene no cromossomo 5.

Ascendência genômica das comunidades quilombolas da Guiana Francesa e do Suriname

Entre 1526 e 1875, aproximadamente 7 milhões de africanos foram transportados para a América do Sul. De acordo com os registros, eles embarcaram em diferentes regiões costeiras da África. Assim, as populações de origem africana na Guiana Francesa e no Suriname vieram principalmente da Costa do Ouro, do Golfo do Benin e da África Centro-Ocidental.

Estudos genéticos anteriores de populações americanas de ascendência africana revelaram diferenças em suas proporções de ancestrais africanos, europeus e nativos americanos, datas de misturas genéticas e fluxo gênico enviesado por gênero.

As comunidades Noir Marron são descendentes de escravos africanos que escaparam e formaram vilas de homens livres. Assim, a comunidade Noir Marron no Suriname e na Guiana Francesa é uma das maiores da América do Sul. Eles são descendentes de escravos africanos que fugiram das plantações holandesas no Suriname durante os séculos 16 e 17.

Cesar Fortes-Lima e seus colegas acabam de publicar um artigo intitulado: Ancestralidade ampla do genoma e história demográfica das comunidades afro-descendentes quilombolas na Guiana Francesa e no Suriname. Eles analisaram os genomas de 107 sul-americanos de origem africana, incluindo 71 quilombolas negras da Guiana Francesa e do Suriname (23 Aluku, 23 Ndjuka, 19 Saramaka e seis Paramaka), 16 afro-brasileiros e 20 afro-colombianos:

Eles também analisaram os genomas de 124 africanos ocidentais, incluindo 19 Fon, 24 Bariba e 24 Yoruba do Benin, 20 Ahizi e 17 Yacouba da Costa do Marfim e 20 Bwa do Mali. Esses resultados foram combinados com dois conjuntos de genomas obtidos anteriormente, incluindo 157 indivíduos do Caribe (ACB) e da América do Norte (ASW).

Os autores realizaram uma análise com o software ADMIXTURE. A figura a seguir dá o resultado obtido para um valor de K = 4 (abaixo) Os quilombolas representam a população afro-americana que contém a maioria dos descendentes de africanos (98%). É equivalente em todas as quatro comunidades, com exceção de um indivíduo Saramaka (90%) e um indivíduo Ndjuka (79%). Além disso, essa população apresenta alto coeficiente de consanguinidade e grande número de segmentos homozigotos, sinais de forte isolamento. Em contraste, os afro-brasileiros são 23% descendentes de europeus e 5% descendentes de ameríndios, e os afro-colombianos são 12% de descendência ameríndia e 11% de descendência europeia. Portanto, eles misturaram muito mais do que os Black Maroons. Esses resultados também são encontrados na Análise de Componentes Principais. Na figura oposta, as populações africanas estão em vermelho à esquerda, as populações europeias em azul escuro no canto inferior direito e as populações do Leste Asiático em roxo no canto superior direito:

Os autores então usaram o software GLOBETROTTER para estimar as datas das misturas genéticas. Assim, no século 18, várias ondas de misturas foram identificadas em diferentes populações. Os pardos negros receberam um fluxo gênico ameríndio por volta de 1750 seguido por um fluxo gênico europeu por volta de 1775. Os afro-brasileiros receberam um fluxo gênico ameríndio por volta de 1756 seguido por um fluxo gênico europeu por volta de 1796.

Finalmente, os afro-colombianos receberam um fluxo gênico nativo americano por volta de 1731 seguido por um fluxo gênico europeu por volta de 1749.

Esses fluxos de genes são sexualmente tendenciosos. Assim, na população afro-brasileira, a ascendência europeia é mais masculina, enquanto a ascendência africana e ameríndia é mais feminina. Na população afro-colombiana, a ascendência de europeus e nativos americanos é mais masculina, enquanto a ascendência africana é mais feminina.

Fresque - El Encanto" - Caquetá - Colombie

Nous pouvons trouver dans tout le territoire colombien des exemples d'art gravé sur les rochers, plus principalement dans les régions de Caquetá, Cundinamarca et Boyacá, où les investigations se sont recentrées et où les chercheurs en ont trouvé le plus grand nombre. Le reste du pays est encore à découvrir bien qu'il y ait des études isolées et des efforts de particuliers. En Colombie, l'étude des signes rupestres a dépassé les attentes; ils représentent une remarquable valeur esthétique en reflétant le comportement humain, les diverses caractéristiques de sa vie, ses peurs et ses espoirs. La Colombie par sa position géographique est une zone de contact entre les cultures d'importance comme celle du Mexique ou du Pérou, ce qui fait d'elle un pays de contraste et de convergence artistique.

De plus à La Florida, dans le Sud de l'Équateur, des archéologues de l'Institut de recherche pour le développement ont découvert un site funéraire, ou cérémoniel, daté d'environ 2 450 av. J.-C. C'est la plus vieille occupation connue de l'Amazonie occidentale. De la céramique, des récipients en pierre finement polie et un millier de perles en turquoise prouvent l'existence de sociétés complexes sur le versant amazonien des Andes, à une époque encore insoupçonnée. Cette découverte pourrait remettre en question les origines des grandes civilisations andines.

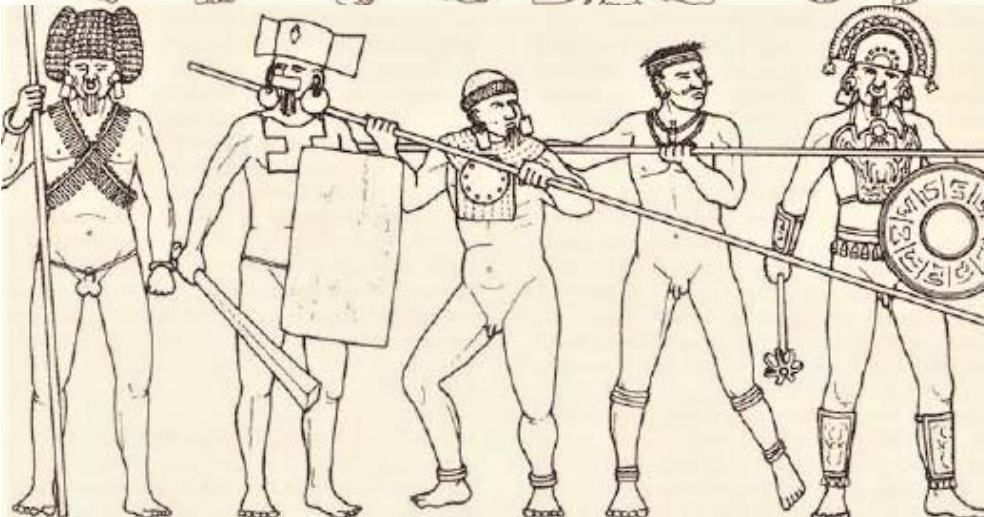
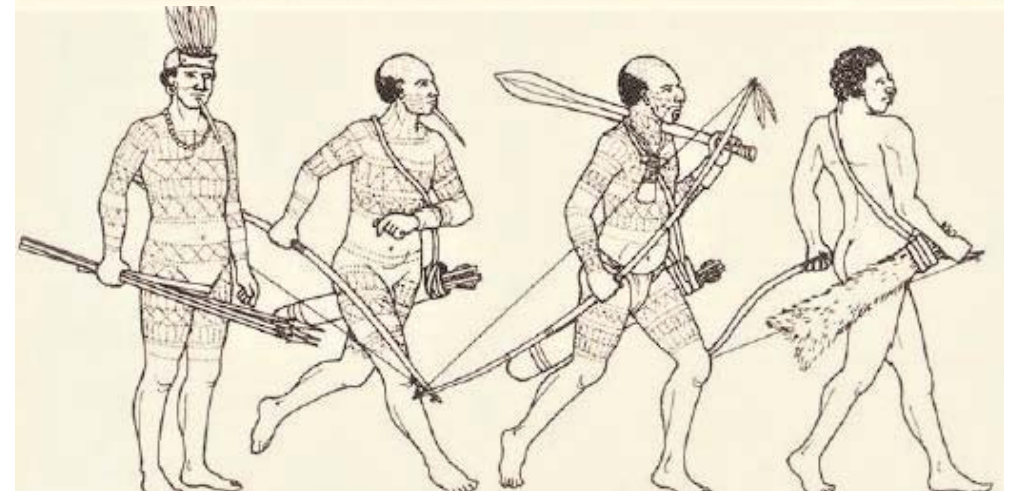
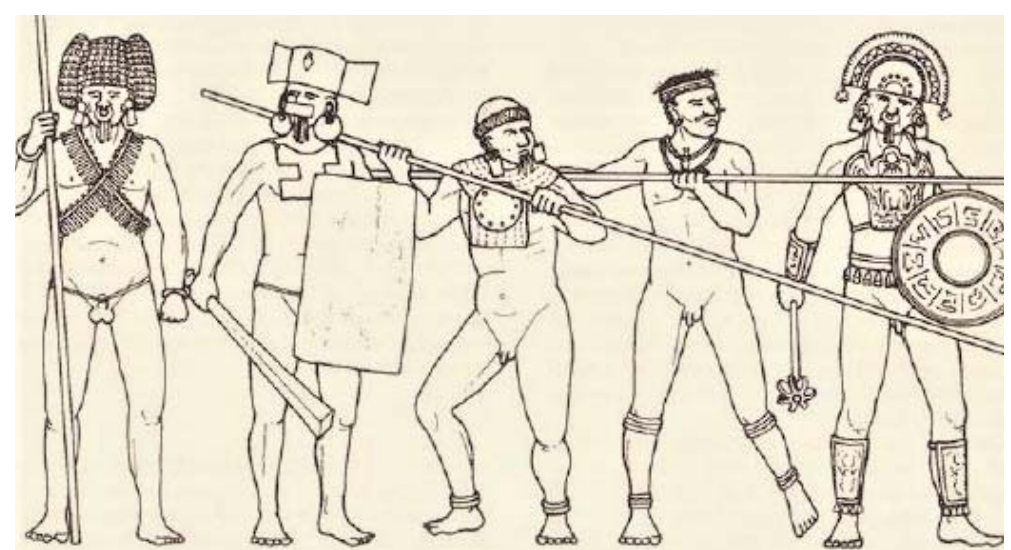
BRÉSIL AMAZONIE COLOMBIE

177a

179a

176a

Zones de déforestation

SURINAM
GUYANA
VENEZUELA
COLOMBIE
GUYANE FRANÇAISE
Océan Atlantique
ÉQUATEUR
Amazonie
BRÉSIL
PÉROU
Brasilia
Océan Pacifique
BOLIVIE
Rio de Janeiro
Ouest-France

Afinidade genética australiana-melanésia entre os índios amazônicos

Dois artigos acabam de aparecer simultaneamente nas revistas Science e Nature sobre uma afinidade genética australo-melanésia em certos ameríndios, particularmente na Amazônia.

Artigo de Maanasa Raghavan
Acredita-se que os ancestrais dos nativos americanos sejam descendentes dos povos siberianos que cruzaram o estreito de Bering no final do Pleistoceno. Além disso, a cultura Clovis, que remonta a cerca de 13.000 anos atrás, não corresponde aos primeiros habitantes da região. Na verdade, as evidências arqueológicas indicam que os humanos estavam presentes nos Estados Unidos há pelo menos 14.600 anos. No entanto, as interpretações divergem quanto à data de chegada dos primeiros humanos e ao número de ondas migratórias.

Maanasa Raghavan acaba de publicar um artigo intitulado: Pleistocene Genomic Evidence and Recent History of the Native American Population. Ele sequenciou 31 genomas de indivíduos contemporâneos da América, Sibéria e Oceania, bem como 23 genomas de indivíduos antigos datados entre 200 e 6.000 anos atrás da América do Norte e do Sul, incluindo Peru do México e Patagônia. da Tierra del Fuego ao extremo sul da América. Genomas publicados anteriormente foram adicionados a este estudo:

A análise foi realizada com o software Admixture.

Um componente nativo americano específico aparece para K = 4. Para K = 15, há uma estrutura que aparece entre os nativos americanos que separa os athabascanos e os índios norte-americanos (especialmente do Canadá) do resto dos nativos americanos. Como dissemos antes, o ex-indivíduo Anzick é encontrado entre os sul-ameríndios, enquanto o ex-indivíduo Saqqaq é semelhante às populações da Sibéria.

Este resultado é confirmado por uma análise com o software Treemix que mostra que todos os ameríndios formam um grupo monofilético que é dividido em dois entre os athabascanos do norte e os demais ameríndios. Os Paleo-esquimós e os Inuit estão em um ramo separado dos Nativos Americanos. Os siberianos Yupik e Koryak são os mais próximos geneticamente eurasianos:

Para estimar a data de divergência de ameríndios e eurasianos, os autores utilizaram o método diCal2.0 que define modelos demográficos e um método IBS (Identidade por Estado). O valor de divergência estimado entre os nativos americanos e os koryaks siberianos é de aproximadamente 20.000 anos com os dois métodos usados. Ao adicionar uma hipótese de fluxo gênico depois que os humanos chegaram pela primeira vez à América, os autores refinaram esse valor de divergência para aproximadamente 23.000 anos para todos os nativos americanos no norte e no sul das Américas. Este resultado induz uma migração única para os Athabaskans do Norte e outros nativos americanos, seguida por um fluxo gênico da Sibéria. Esses resultados sugerem ainda que o homem de Mal'ta veio de uma população nativa dos Athabascos e de outros nativos americanos.

Além disso, o método diCal2.0 sugere que os Athabaskans e Karitiana do Brasil divergiram há cerca de 13.000 anos. Essa discrepância provavelmente ocorreu no sul da América do Norte.

Por outro lado, ao comparar os ameríndios com outras populações usando a estatística D, os autores mostraram que certas populações ameríndias (aleutas, suruis do Brasil e athabascanos em particular) estão mais próximas dos australomelanésios. Na verdade, os Suruí são os nativos americanos mais próximos dos australo-melanésios e asiáticos. Os autores presumem que esse influxo genético ocorreu após a chegada inicial dos humanos modernos aos Estados Unidos. No entanto, as circunstâncias de sua chegada à América do Sul permanecem obscuras. Uma rota pelas Ilhas Aleutas está sendo considerada.

Fig. S1. Geographical locations of populations from the Americas that were analyzed in this study. See Section S1 and Tables S1, S3 and S4 for further information.

Stswecem'c
West_Greenlandic_Inuit
Nisga'a
Nor_Ath_3
Alaskan Inuit
East_Greenlandic_Inuit
Aleutian
Tlingit
939
Chipewyan
Haida
Cree
Algonquin
Coastal Tsimshian
MARC1492
Nor_Ath_4, Splatsin
Nor.Ath_1, Nor_Ath_2
USAmer_4
CanAmer_1
Ojibwa
Southern_Ath_1
USAmerindian_1-3,5,6
Purepecha
Pima, Yaqui
Mexican Mummies
Cucupa,Cochimi,Kumiai
Huichol, Tepehuano
Maya, Maya1, Maya2
Pericúes
Mixtec
Kogi
Arhuaco
Wayuu
Zapotec1, Zapotec2, Mexican
Yukpa
Mixe
Kaqchikel
Guahibo
Piapoco
Chorotega, Huetar, Cabecar, Teribe, Guaymi, Bribri, Maleku
Embera
Waunana
Palikur
Inga
Arara
Ticuna
Jamamadi
Enoque65
Karitiana
Parakana
Surui
Quechua
Aymara
Chinchorro
Chane
Guarani
Wichi
Kaingang
Diaguita
Toba
Huilliche
Chilote
Chono
Fuego-Patagonians
Yaghan

Present-day, SNP chip-typed (this study+published)

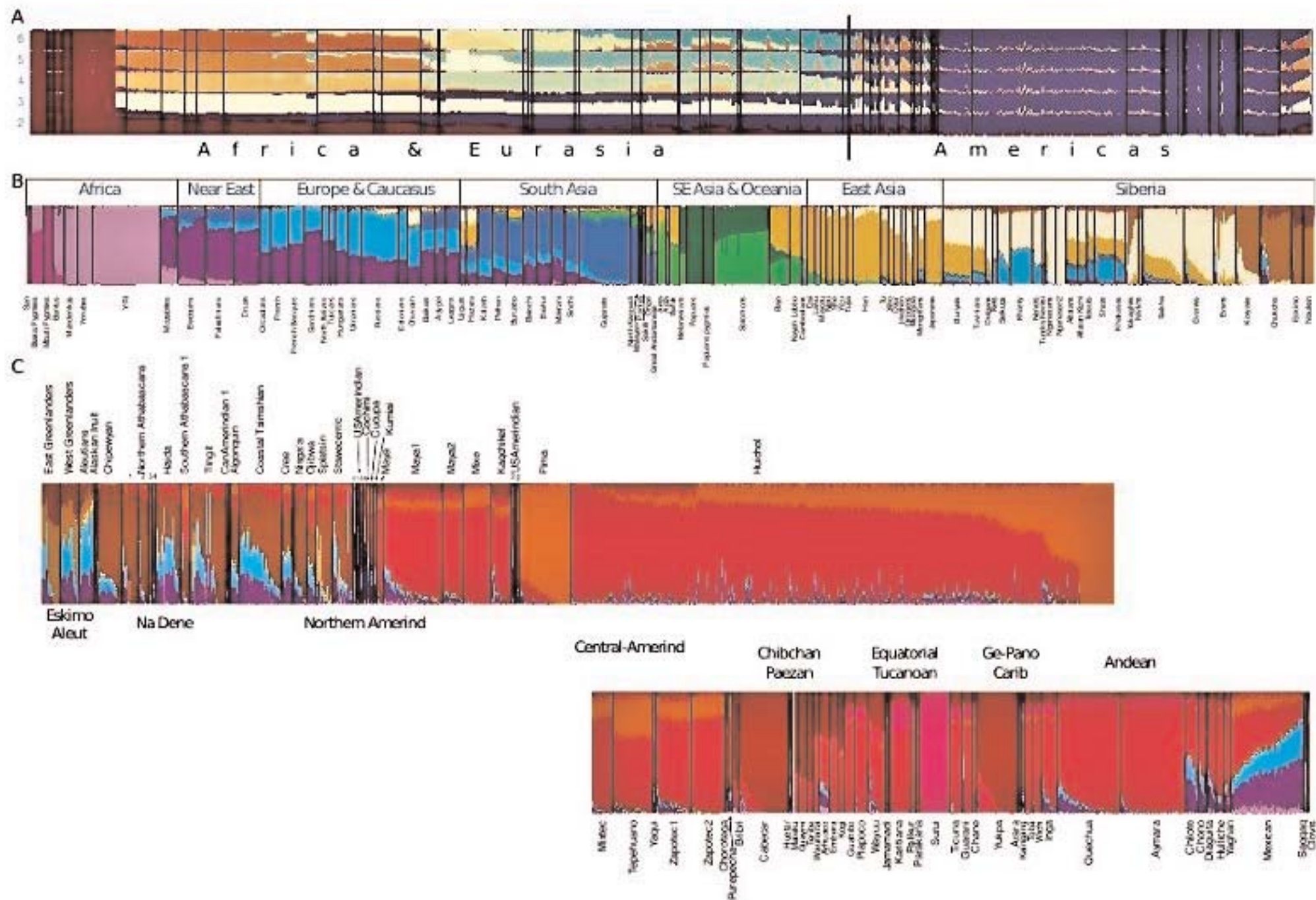
Present-day, SNP chip-typed (this study)

Present-day, SNP chip-typed (published)

Present-day, genome-sequenced (this study)

Present-day, genome-sequenced (published)

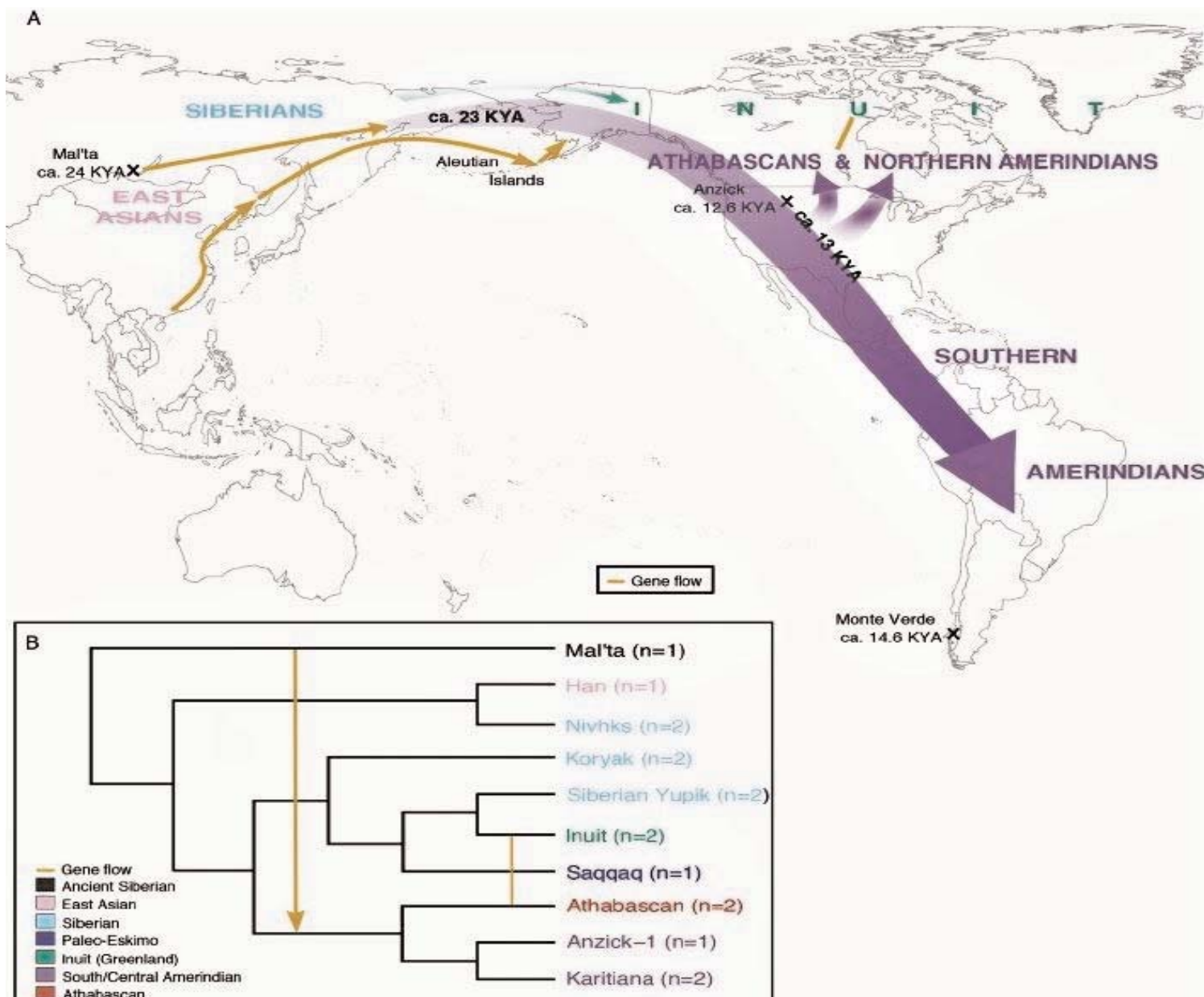
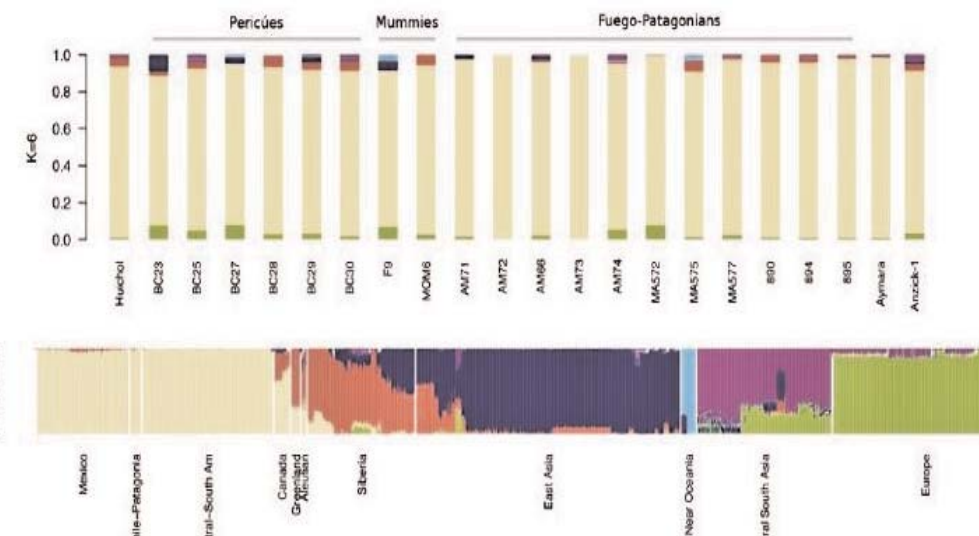
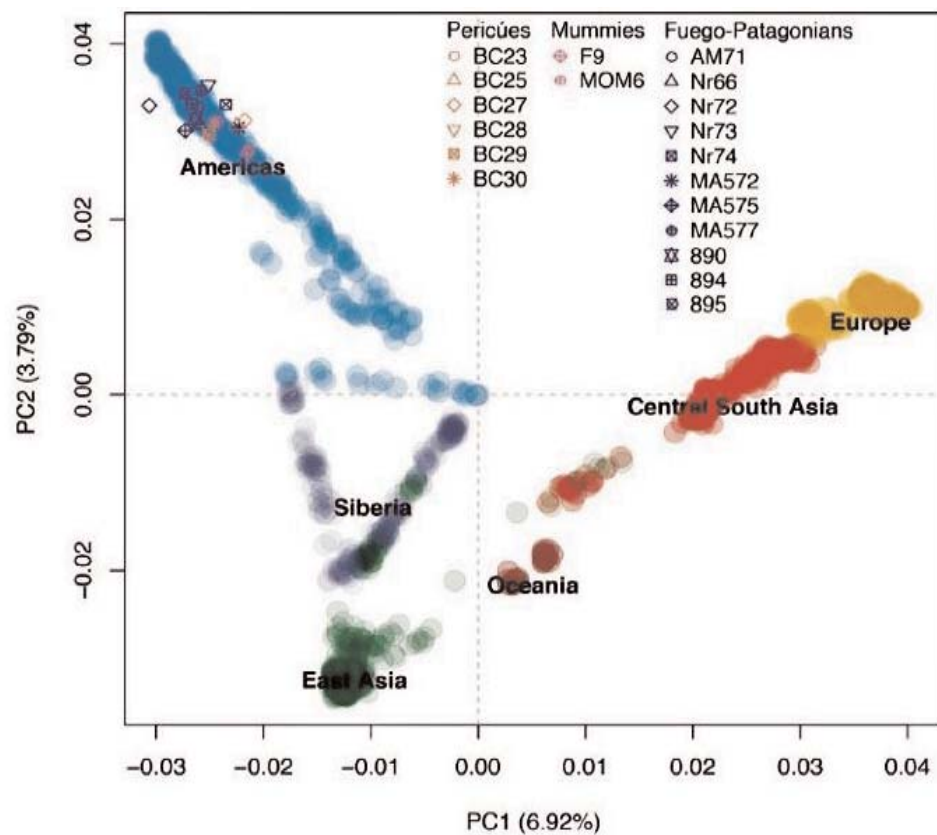
Ancient - genome-sequenced (this study)

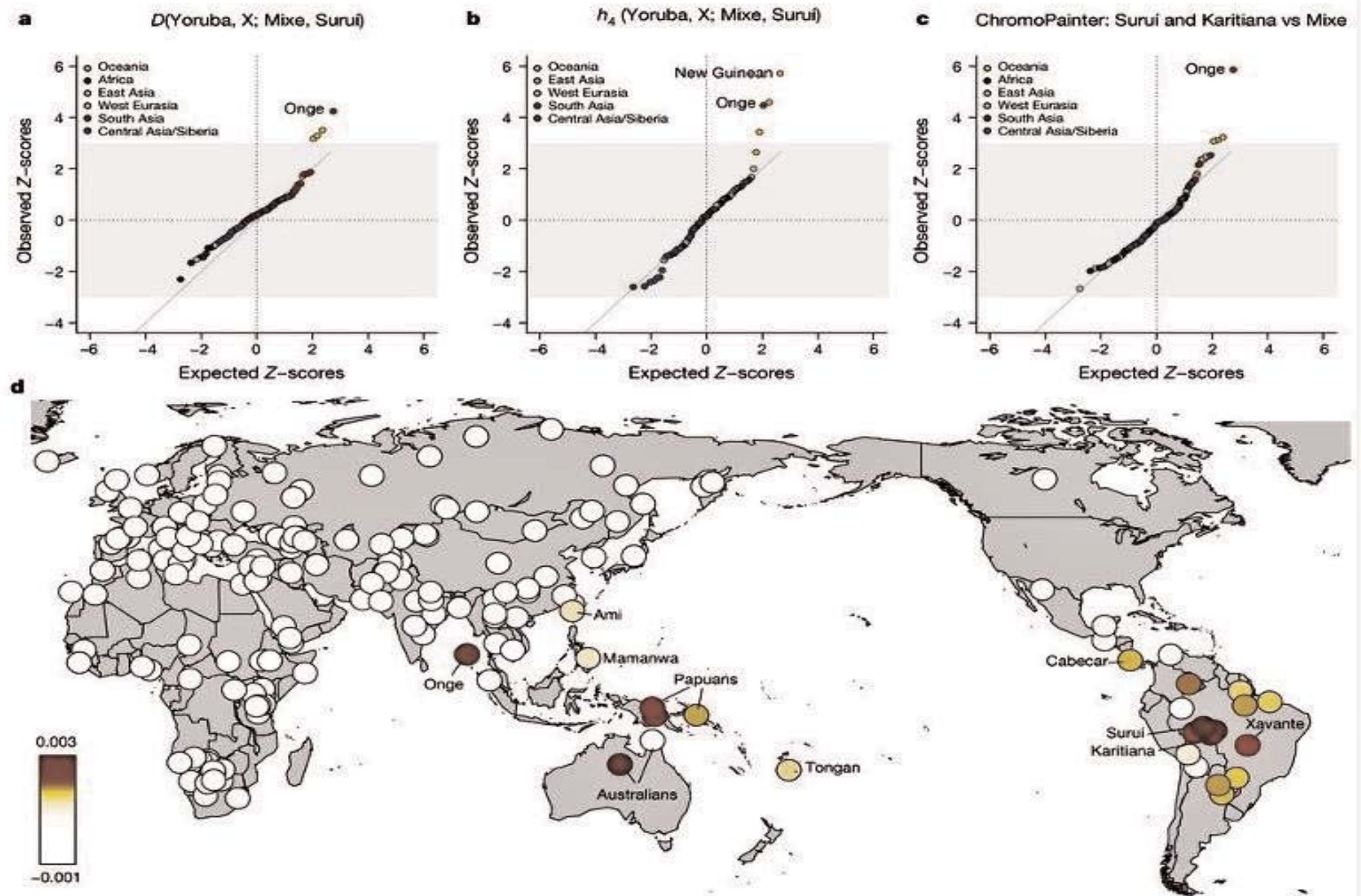
Fig. S4. Admixture proportions estimated using ADMIXTURE (*36*). Shown are plots with K=2-6 (**A**) and K=15 (**B** and **C**).

Este sinal australo-melanésio apóia o modelo paleoamericano que, baseado em parâmetros craniométricos, sugere a chegada de duas ondas diferentes à América. Uma primeira onda originária da Ásia seria a origem dos australo-melanésios e dos primeiros paleo-americanos. Esses então teriam sido amplamente substituídos pela chegada de uma segunda onda na origem da grande maioria dos nativos americanos hoje. A presença desses paleo-americanos é inicialmente induzida por antigos esqueletos da América do Norte e do Sul e também por algumas populações mais recentes, como os Pericúes do México ou os Patagônios da Terra do Fogo.

No entanto, estudos anteriores baseados em marcadores uniparentais (DNA mitocondrial e o cromossomo Y) mostraram que os dados obtidos nos Pericúes do México e nos Patagônios da Terra do Fogo indicam que seus haplogrupos são semelhantes às populações indígenas americanas contemporâneas. Os autores, no entanto, estenderam essa pesquisa ao DNA autossômico. Assim, 17 indivíduos antigos dessas populações foram sequenciados, bem como 2 múmias pré-colombianas do norte do México.

Os resultados mostram que todos esses indivíduos antigos se agrupam com populações indígenas americanas contemporâneas e estão fora das variações genéticas oceânicas:

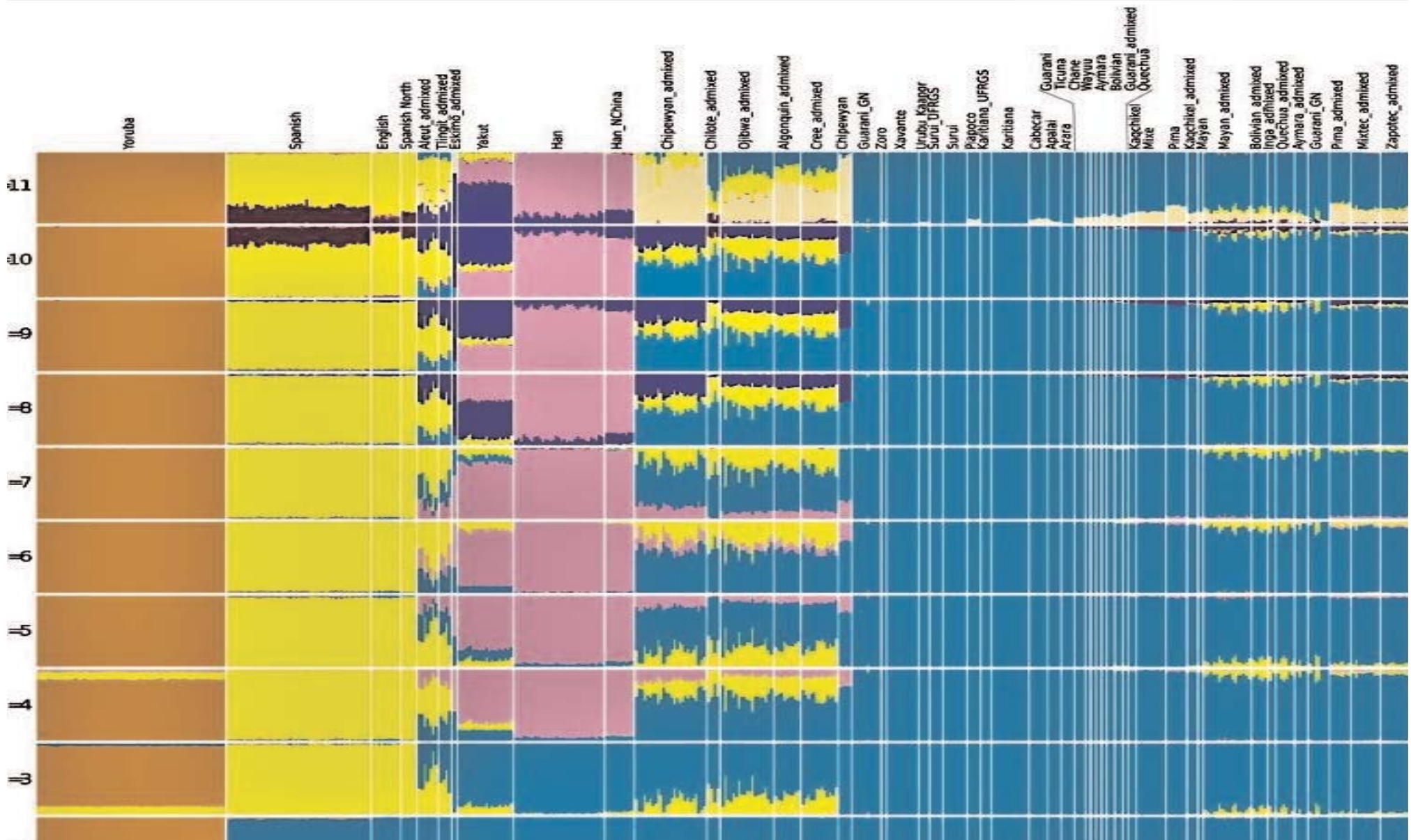
Portanto, esses resultados invalidam o modelo paleo-americano e, portanto, sugerem uma única migração para todas as populações ameríndias, seguida de vários influxos genéticos, incluindo um de afinidade australo-melanésia.

Artigo de Pontus Skoglund

Todos os nativos americanos têm seus ancestrais de uma população ancestral que migrou da Ásia pelo estreito de Bering há mais de 15.000 anos. Além disso, alguns grupos árticos ou norte-americanos têm alguns de seus ancestrais de migrações mais recentes. O estudo genético de um antigo indivíduo da cultura Clovis de 12.600 anos atrás mostrou que ele já possuía essa ancestralidade. No entanto, os caracteres morfológicos de alguns esqueletos americanos sugerem que eles têm características diferentes dos nativos americanos de hoje, mas mais como indivíduos atuais da Austrália ou da Melanésia. Esses caracteres sugeriam a existência de uma população ancestral paleo-americana que foi substituída por uma segunda população de afinidade genética siberiana. No entanto, as características físicas do esqueleto podem ser devidas não apenas à herança genética, mas também a uma evolução convergente independente devido à semelhança ambiental (clima, dieta, ...).

Pontus Skoglund acaba de publicar um artigo intitulado: Evidência genética para duas populações fundadoras das Américas. Ele analisou 63 indivíduos nativos americanos sem ancestrais europeus ou africanos pertencentes a 21 populações. Os autores então usaram a estatística f4 para comparar grupos de nativos americanos com populações não americanas. O resultado mostrou que nem todos os grupos de nativos americanos descendem de uma única população ancestral. Assim, os Suruí e os Karitiana: dois grupos amazônicos se distinguem dos Mesoamericanos, por sua afinidade genética com os Australo-Melanésios (os Onge das Ilhas Andaman, os Papuanos da Nova Guiné, os Negrito Mamanwa das Filipinas e os aborígenes de Austrália). Esses resultados foram confirmados pela estatística D. Os autores então criaram uma nova estatística h4 semelhante à estatística f4, mas que substitui as frequências alélicas por desequilíbrio de ligação. Este novo método confirmou a afinidade genética entre os Suruis da Amazônia e os Australo-Melanésios. Por fim, os autores utilizaram o método de pintura cromossômica que mais uma vez confirmou a afinidade genética das populações amazônicas com os australo-melanésios, em oposição às populações americanas. localizado ao norte do Panamá ou a oeste dos Andes.

a, Quantile–quantile plot of the *Z*-scores for the *D*-statistic symmetry test for whether Mixe and Suruí share an equal rate of derived alleles with a candidate non-American population *X*, compared to the expected ranked quantiles for the same number of normally distributed values. **b**, *Z*-scores for the h_4-statistic. **c**, *Z*-scores for the ChromoPainter statistic. **d**, Heatmap of ChromoPainter statistics. For non-Americans we display the symmetry statistic *S*(non-American; Mixe, Suruí and Karitiana) for donating as many haplotypes to Mixe as to Suruí and Karitiana. For the Americas we plot *S*(Onge; Mixe, American) for receiving as many haplotypes from the Onge as do the Mixe.

Os autores então testaram modelos demográficos para relacionar a ancestralidade dos nativos americanos aos chineses Han e Onges da Ilha de Andaman, incorporando a ancestralidade de uma população de malteses de quase 24.000 anos. O modelo mais provável que pode explicar esses dados é um modelo que assume a existência de uma população inicial Y cuja ancestralidade é próxima à dos australo-melanésios e que contribuiu para a ancestralidade dos amazônicos.

Essas informações permitem, em particular, explicar os parâmetros craniométricos de certos esqueletos americanos próximos aos das populações australo-melanésias. Esses esqueletos são particularmente numerosos no Brasil.

Esses resultados sugerem que a população da América foi composta por duas ondas migratórias diferentes porque a chegada da população Y à América não pode ser recente.

AMAZONAS

A floresta amazônica não é tão primitiva quanto parece. Uma civilização de pescadores, fazendeiros, cidade e construtores de estradas há muito tempo ocupa a região do Haut-Xingu.

Em 1961, o Brasil criou a Reserva Indígena do Xingu. A área é então soterrada ao sul da imensa floresta amazônica, longe de qualquer civilização moderna. Quando, em 1992, vim morar com os índios Kuikuro, os limites desse parque brasileiro nada mais eram do que linhas pontilhadas em mapas. Hoje, os limites do parque são materializados por um paredão de árvores que margeia um mosaico de parcelas cultivadas. Como aquela do Jurassic Park que marca a passagem para o tempo dos dinossauros, essa parede de vegetação parece marcar a fronteira entre o mundo moderno, com seus campos de soja, seus sistemas de irrigação, seus enormes caminhões e uma sociedade original em harmonia com o imaculado. natureza.

Hoje, o pulmão verde do planeta que é a floresta amazônica ocupa o centro do palco ecológico. Muito antes disso, a grande floresta já fascinava os ocidentais, que, à simples menção do seu nome, imaginavam selvas impenetráveis com vegetação exuberante, redes de rios inextricáveis, fauna selvagem perigosa, tribos indígenas que ali viviam. 'Idade da Pedra ... No imaginário coletivo, os amazônicos viviam necessariamente em sociedades primitivas, contentando-se em explorar os recursos da natureza.

Porém, não foi o que aconteceu no Xingu. Os Kuikuros constituem um importante grupo étnico dentro da população ameríndia do Xingu, população referida no Brasil pelo termo genérico "Xinguanos". Com a sua ajuda, descobrimos toda uma rede de antigas cidades, vilas e estradas, onde antes vivia uma população possivelmente 20 vezes maior do que hoje. Esta civilização desapareceu, devastada por micróbios carregados pelos europeus. Como isso pode ter passado despercebido até hoje?

Um enorme afresco de 12.500 anos descoberto na Amazônia
Uma enorme "tela" cheia de desenhos da Idade do Gelo foi descoberta recentemente na Amazônia colombiana. Esta "Capela Sistina dos Antigos", como a chamam os arqueólogos, é uma das maiores coleções de arte rupestre pré-histórica descoberta na região.

Uma descoberta excepcional
Ela passou despercebida o tempo todo, e ainda assim. Na verdade, esse incrível afresco ocupa espaço, abrangendo quase 13 quilômetros de rocha nas colinas que dominam três abrigos de rocha na Amazônia colombiana. Esses desenhos representam impressões de mãos, desenhos geométricos, mas também humanos e animais. Entre eles estão peixes, lagartos, veados, crocodilos, morcegos e até tartarugas.

Segundo o pesquisador, os povos indígenas provavelmente começaram a pintar essas ilustrações no sítio arqueológico da Serranía La Lindosa, no extremo norte da Amazônia colombiana, por volta de 12.600 a 11.800 anos atrás (datando em parte com base em representações desses animais extintos até tarde última era do gelo

Naquela época, a Amazônia, que antes parecia mais com a atual savana africana, composta principalmente de arbustos espinhosos e pequenas florestas espalhadas, estava gradualmente se transformando em uma floresta tropical.

"Se esses bois grandes são realmente mastodontes, isso confirma que a Amazônia foi povoada na era da megafauna, esses grandes animais do Pleistoceno que se extinguiram durante o Holoceno", explica Gaspar Morcote, que também espera encontrar vestígios de glptodontes (tatus gigantes) ou megaterios (preguiças gigantes). Para os paleobotânicos, as pinturas certamente os fascinam, mas servem principalmente como uma indicação de onde cavar.

Seu próprio hobby são os elementos microscópicos que podem ser encontrados no solo: pólens, fitólitos, tantas impressões digitais que contam a história dos povos da floresta, das mudanças climáticas, da domesticação das espécies, da introdução da agricultura. "Escrevemos a história de povos sem historiadores, damos voz aos povos sem história", exclama o paleoantropólogo Javier Francisco Aceituno.

Ainda dança

As pinturas, feitas com um mineral (principalmente manganês) que tem garantido sua conservação até agora, são impossíveis de datar cientificamente com o carbono 14. Mas os restos de carbono vegetal, ou os restos de sementes encontrados ao pé dos afrescos podem ser, e então são associados a elementos culturais como restos de cerâmica ou instrumentos de sílex encontrados no mesmo lugar.

Para isso, os arqueólogos realizam escavações meticulosas raspando a terra em camadas de 5 centímetros para trazer à luz os diferentes estratos geológicos, depois peneirar os sedimentos, lavá-los, classificá-los antes de estudá-los em laboratório. Algumas amostras de uma primeira remessa em 2015 eram carbono 14 datadas com certeza. Veredicto: 12-200 anos. "Vamos verificar outra data de 19.000 anos", disse o professor Morcote, esperançoso.

O estudo sistemático e científico desses tesouros da humanidade apenas começou. Em 1948, o explorador francês Alain Gheerbrant foi sem dúvida um dos primeiros a descobrir este "penhasco branco deslumbrante" onde "animais, homens e macacos vermelhos se sobrepunham em um palimpsesto de danças imóveis".

Região impenetrável

"Estávamos diante de algo completamente novo, absolutamente original na história das artes primitivas", acrescenta em seu livro Orénoque-Amazone (Folio, 1992). Cinco grandes afrescos já foram desenterrados na Serranía de La Lindosa, mas certamente existem outros. "Fazer arqueologia na Amazônia é fácil", suspira Javier Francisco Aceituno. Seus braços estão cobertos de picadas: no dia anterior, ele fez mais de quatro horas de caminhada extenuante pela floresta com um guia experiente para explorar um novo local. Um pouco mais ao sul do maciço de La Lindosa, o Parque Nacional Chiribiquete, declarado último Junho, um patrimônio mundial da humanidade, se estende por seus misteriosos 43.000 quilômetros quadrados de floresta virgem, onde indubitavelmente povos indígenas isolados ainda vivem. Milhares de outras pinturas rupestres foram descobertas lá. Mas as autoridades colombianas estão atualmente favorecendo a abertura ao público da Serranía de La Lindosa, declarada desde junho uma área arqueológica protegida, de muito mais fácil acesso.

A região há muito permaneceu impenetrável, palco da violência do longo conflito entre os guerrilheiros das FARC, o governo, os paramilitares e os narcotraficantes. Não foi até a década de 1990 que começaram as primeiras expedições científicas, mas é principalmente a partir de 2015, início do fim dos confrontos com as FARC, antes do histórico acordo de paz de novembro de 2016 que encerrou um conflito. mais de meio século depois que 260.000 pessoas foram mortas, os pesquisadores podem passar algum tempo lá.

Os primeiros colonos chegaram a San José del Guaviare, capital do departamento, no final do século XIX, devido à febre da borracha. Em seguida, outros se juntaram a eles para o boom de peles de tigre, pesca ou madeiras preciosas. Depois, houve a era de ouro da maconha na década de 1970, o apogeu da coca na década de 1980. Em cada etapa, os povos indígenas da selva - Guayavero, Nukak, Jiw - foram dizimados, perdendo, ao ritmo da violência e do desmatamento, grande parte de seu território e cultura. E os colonos acumularam fortunas, derrotas com a mesma rapidez.

Expiar por suas faltas

A uma hora de trilha ou de barco de San José del Guaviare, o povoado de El Raudal del Guayabero -de onde saímos para ver as pinturas rupestres- é testemunha dessas trágicas histórias. Hoje, muitos camponeses têm destruído suas plantações de coca de acordo com o programa de substituição de culturas do acordo de paz, mas a ajuda prometida em troca pelo governo demora a chegar.

Alguns, para sobreviver, foram replantar um pouco mais na floresta. Outros estão ansiosos para o turismo. Em Raudal del Guayabero, dois modestos mercadinhos e algumas barracas oferecem café e almoço, e vários guias aguardam os visitantes.

A outra grande questão é: como o povo da Amazônia pintou tão alto nesses penhascos íngremes? Em alguns desenhos podemos ver uma espécie de escada ou andaime. A resposta mais lógica para cientistas. Mas existem muitas lendas entre os povos indígenas. Don José, um ex-cocaleiro que se tornou um dos guias e guardiões das pinturas, gosta de dizer o seguinte: membros da comunidade considerados culpados de certos crimes foram enviados para desenhar nessas falésias para expiar suas faltas. E para que pudessem chegar tão alto, os xamãs deram-lhes uma poção para beber que os fez levitar ...

La lengua amazónica de los tambores

Na Amazônia, a linguagem dos tambores permite que as pessoas conversem por quilômetros. No coração da Amazônia, o povo Bora usa a linguagem dos tambores para se comunicar por quilômetros. Os ritmos dos tambores ressoam no coração da Amazônia. Nem sempre se trata de festas ou concertos, mas muitas vezes de uma linguagem e, por trás dos golpes, se articulam frases. Julien Meyer, pesquisador da Université Grenoble Alpes e do CNRS (Laboratoire Gipsa), e Frank Seifart do departamento de lingüística da Universidade de Amsterdã, é coautor com dois outros autores de um estudo na Royal Society Open Science sobre linguagem de bateria . de Boras, uma cidade no noroeste da Amazônia.

A linguagem do Bora não é única, existem muitos sistemas de comunicação de bateria em todo o mundo. "Existem dois tipos de linguagem de bateria", explica Julien Meyer. "Um que é totalmente independente da fala, que funciona como um código. Por exemplo, três pancadas para dizer peixe e duas para dizer caranguejo. Outra que imita a linguagem é o caso da língua tamborilada de Bora ".

Até agora, as características rítmicas dessas línguas foram pouco estudadas. "É muito difícil encontrar um corpus grande o suficiente para compreender totalmente todos os problemas", explica Julien Meyer. Com apenas dois tambores para se comunicar, os tons não variam muito, então a maior parte do vocabulário segue a batida. "Quando estudamos cuidadosamente o ritmo das percussões, percebemos que ele imita o espaço entre duas vogais de uma palavra falada na língua falada", acrescenta o pesquisador francês.

Linguagem contextual

Para transmitir essas mensagens com sucesso, a versão martelada da linguagem Boras é uma linguagem contextual: cada momento do anúncio é reservado para um tipo de informação. Os primeiros tempos são usados para anunciar do que se trata (convite, pedido, anúncio ...), a seguir designamos a pessoa a quem a mensagem é dirigida tocando o ritmo do seu nome completo, finalmente vamos ao cerne do mensagem. "Assim podemos cobrir quase todos os assuntos! Podemos até pedir a alguém que pegue um tênis e seque, por exemplo", explica Julien Meyer.

A linguagem dos tambores está no cerne da organização da sociedade tradicional Bora, todos podem vir e usá-los. Ao contrário das línguas assobiadas, que permitem o diálogo e a resposta mútua, as línguas tocadas em tambor são mais adequadas para anúncios públicos. Da mesma forma que os pregoeiros passaram a divulgar as últimas notícias, os tambores estão à disposição de todos para que as ouçam e divulguem o mais amplamente possível.

Há apenas um par de tambores por aldeia, um masculino e um feminino

Existem apenas dois tambores por cidade, chamados de Manguaré, compostos por um pequeno tronco e um grande buraco. O grande representa a fêmea e o filhote, o macho.

Muitos mitos acompanham esses instrumentos. Todos eles vêm juntos em torno de uma ideia: o masculino e o feminino devem ser combinados para explicar o mundo. Uma espécie de alegoria para explicar a linguagem. "O que é muito interessante é que esses tambores ficam em uma casa particular em cada cidade", acrescenta Julien Meyer. "Uma casa redonda de madeira com telhado de palmeira chamada Maloca. A casa e o tambor dependem do estado do dono. Tem até pequenos tambores, um buraco com duas tábuas onde se pode praticar."

Essas linguagens têm um objetivo: transmitir uma mensagem o mais amplamente possível. Na Amazônia, os textos dos primeiros exploradores falam de tambores em canoas que permitem às tribos avançar na selva anunciando sua chegada. Naquela época, as trocas eram comuns, embora línguas diferentes fossem conhecidas e difundidas.

Essas línguas antigas estão desaparecendo gradualmente
Essas linguagens inclusivas, ouvidas por todos localmente, sejam articuladas por tambores ou apitos, são também uma forma de comunicação e organização à distância e de serem compreendidas apenas pelos iniciados. "Em geral, não fazemos uma declaração de amor na bateria (há, em vez disso, poemas de amor em letras assobiadas), porque todo mundo que fala a língua vai entender", explica Julien Meyer. "Mas a palavra drummed é usada antes para alertar sobre um perigo, para anunciar a chegada de uma pessoa importante, para fazer um pedido a alguém, para mandar uma mensagem para uma cidade vizinha; enfim, organizar o dia a dia e se proteger. possíveis agressões externas. Infelizmente, esta antiga prática de telecomunicações está desaparecendo aos poucos, mas tivemos a sorte de poder estudar elementos suficientes para começar a entender toda a sua riqueza ".

"Seus sons de baixa frequência passam muito bem pela floresta enquanto se pode pensar que as árvores são um obstáculo, continua a jovem lingüista, coautora do artigo. As mensagens curtas assim transmitidas têm vários destinos. Portanto, pode-se pedir aos caçadores que tragam uma determinada presa, quando já tiverem saído da aldeia; ou para sinalizar a chegada de visitantes, a ocorrência de uma morte ou, em tempos mais antigos, a aproximação de inimigos. "Se a bateria codifica a letra, não o faz pelo código Morse, por exemplo, que se baseia no alfabeto e nas transmissões criptografadas com séries curtas ou longas de pulsos.

Entre os bora, a bateria imita a linguagem falada, usando a melodia das entonações da língua (variações acústicas de graves ou agudos). "Acima de tudo, dependem do ritmo, fundamental para a compreensão e inteligibilidade das palavras", especifica Julien Meyer após analisar 169 "despachos". Além disso, essas missivas sonoras seguem sempre o mesmo padrão: os primeiros batimentos cardíacos, dados com marretas, indicam o tema da mensagem (convite, festa, etc.), depois vem o nome do destinatário e por último a própria mensagem. mesmo. "Este sistema é semelhante ao dos anúncios públicos praticado na Europa com os pregoeiros", resume o linguista. Os Bora da América são o último grupo humano no continente a usar este processo, com a língua Bora sendo gradualmente substituída pelo Espanhol. Sistemas semelhantes ainda são comprovados na África Ocidental, especialmente em Burkina Faso, na República Centro-Africana ou na Costa do Marfim, mas também na Birmânia, China.

O ARQUIPÉLAGO DOS GALÁPAGOS

População da ilha

Essas ilhas foram descobertas em 10 de março de 1535 pelo dominicano Tomás de Berlanga, quarto bispo do Panamá. Este embarcou para o Peru para resolver uma disputa entre Francisco Pizarro e seus tenentes. Os ventos parados, seu navio começou a derivar, de modo que sua equipe chegou às ilhas. alguns vestígios encontrados em diferentes locais sugerem que índios sul-americanos já haviam visitado as ilhas antes de serem descobertos pelos espanhóis. As Ilhas Galápagos apareceram por volta de 1570 nos mapas feitos por Abraham Ortelius e Mercator. Eles foram chamados de "Insulae de los Galopegos" (Ilhas Tortuga).

Os fragmentos de cerâmica Huancavilca da costa equatoriana foram descobertos em 1956 por Thor Heyerdahl e Arne Skjølsvold, que os interpretaram como de origem Inca. Posteriormente, até o início do século XIX, foram para os piratas (e depois para os baleeiros), fontes de água e suprimentos para as tartarugas: uma tartaruga sobrevive muito tempo sem água e sem comida e, portanto, constitui uma reserva apreciável de doce carne. Deste covil, os piratas atacaram e saquearam os galeões espanhóis que transportavam ouro e prata do Peru para a Espanha.

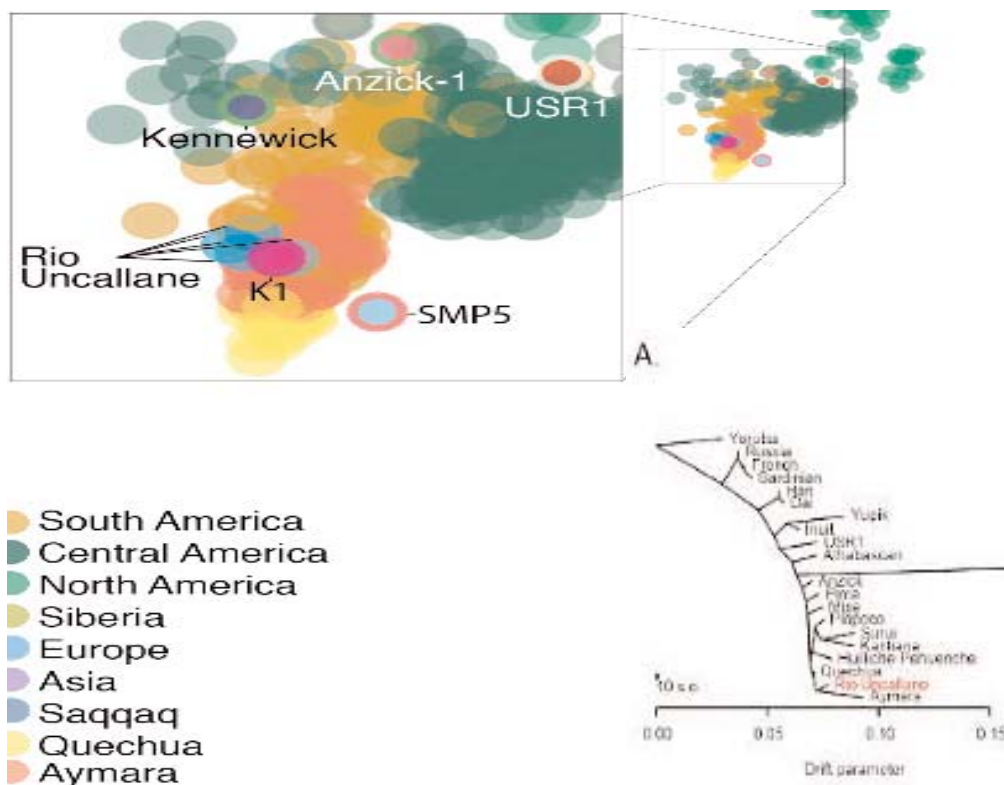
O Equador anexou oficialmente o arquipélago das Ilhas Galápagos em 1832. Cerca de um século depois, as ilhas foram habitadas por alguns colonos e foram usadas como colônias penais (que foram fechadas em 1959). Antes da década de 1930, várias tentativas de colonização agrícola falharam devido ao baixo número de voluntários, disponibilidade irregular de água, doenças e dissensão. O arquipélago tornou-se oficialmente um parque nacional em 1959. O turismo organizado começou no final dos anos 1960; Várias dezenas de milhares de pessoas visitam as ilhas todos os anos. Em 2007, a população sedentária era de 20.000 habitantes concentrados em três localidades (Ayora, Baquerizo Moreno e Villamil).

Existem 58 espécies de pássaros, 28 das quais são endêmicas do arquipélago: quatro espécies de pássaros mockingbirds (incluindo o mockingbird de Galápagos) e 13 espécies de tentilhões de Darwin, incluindo o geospize de mangue, o albatroz de Galápagos, três espécies de bispos (patas azuis booby, booby de pés vermelhos e booby mascarado), a fragata Soberbia e a fragata do Pacífico, o cormorão que não voa, o pombo de Galápagos e o pinguim de Galápagos, o único pinguim que vive em um ambiente quente, chegaram (como leões marinhos) por Humboldt Atual.

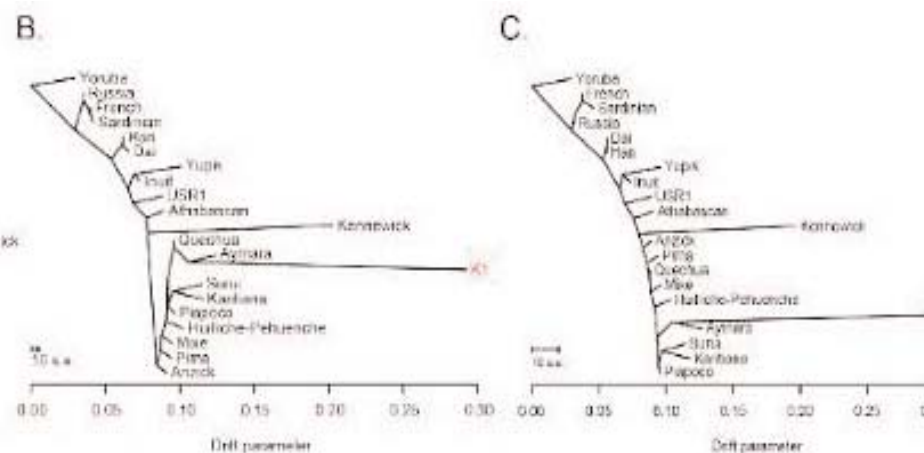
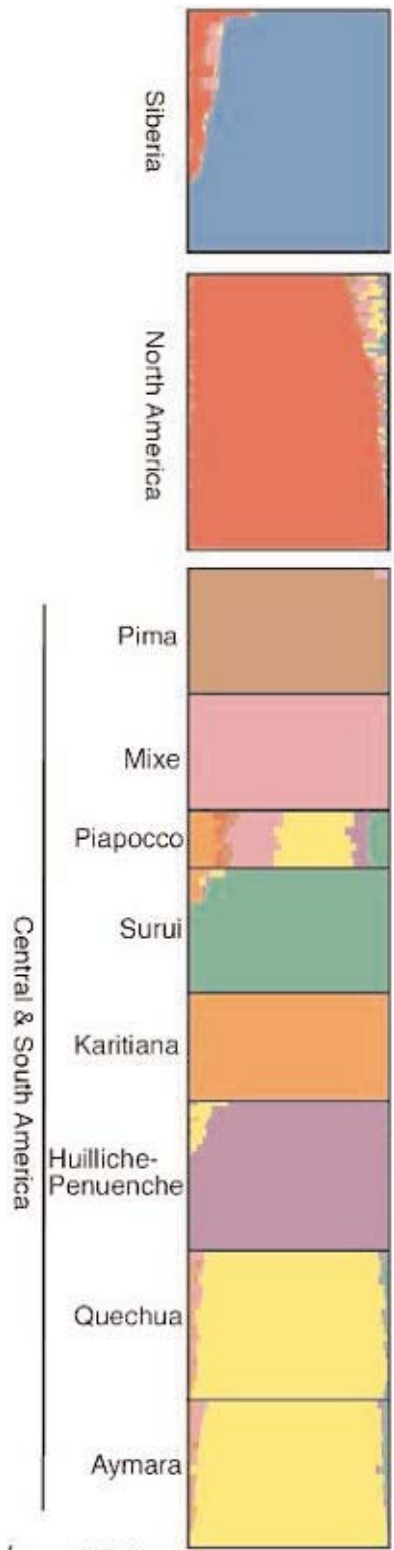
O falcão das Galápagos, único predador nativo de iguanas e jovens tartarugas, também é encontrado no arquipélago.
O arquipélago de Galápagos é povoado por quase 1.600 espécies diferentes de insetos, incluindo 300 espécies de besouros, 80 espécies de aranhas, 80 espécies de caracóis terrestres, 650 espécies de conchas e moluscos, 120 espécies de caranguejos (incluindo os mais conhecidos são os caranguejos Galapagos Reds) e muitos outros pequenos animais.

A história genética dos Andes

Os homens chegaram à Cordilheira dos Andes logo após chegarem à América do Sul. Os primeiros vestígios de ocupação datam de 12.000 anos, porém, a ocupação permanente da região está entre 9.500 e 9.000 anos. A pressão seletiva deve ter sido importante devido às condições ambientais adversas. Os primeiros contatos com europeus trouxeram muitas mudanças sociais, econômicas e de saúde, o que levou à redução da população ameríndia.

Os paleo-geneticistas sequenciaram o DNA de sete indivíduos antigos de três sítios arqueológicos diferentes: cinco do Rio Uncallane datados entre 1800 e 1400 anos, um de Kaillachuro (K1) 3800 anos e o último de Soro Mik'aya Patjxa (SMP5). data de 6.800 anos. Os autores também sequenciaram ou genotiparam o genoma de duas populações contemporâneas: 24 Aymara da Bolívia perto do Lago Titicaca na altitude e 39 Huilliche-Pehuenche do sul do Chile. Todos esses indivíduos têm menos de 5% de ancestralidade não-nativa americana.

A estatística f3 mostra que os 7 indivíduos ancestrais dos Andes têm mais afinidade genética com os ameríndios atuais e em particular com os andinos do que com qualquer outra população. A análise de componentes principais mostra que indivíduos antigos de Río Uncallane e Kaillachuro estão agrupados com as populações atuais dos Andes. O indivíduo SMP5 mais velho é encontrado próximo à linha de separação entre os quíchuas e os aimarás:

A análise com o software TreeMix também mostra que os ex-indivíduos se reagrupam com o povo Aymara da Bolívia:

Por fim, a análise com o software ADMIXTURE mostra que os ex-indivíduos do Rio Uncallane e Kaillachuro possuem um único componente (amarelo) também compartilhado pelos quéchuas e os aimarás, enquanto o indivíduo mais velho (SMP5) possui um segundo componente (azul) encontrado em Siberian. populações:

O indivíduo do Alasca USR1 de 12.000 anos, que se acredita pertencer a uma população ancestral de todas as populações da América do Sul, também tem esse componente azul, assim como os antigos indivíduos da América do Norte: Anzick-1, Saqqaq e Kennewick.

Os autores então usaram o método Fastsimcoal2 para gerar um modelo demográfico:

Essa redução é muito maior para as populações de várzea: 94 a 96%.

Em seguida, os autores estudaram o impacto da seleção natural nas populações andinas. Os resultados mostram que as populações antigas de altitude elevada têm um sinal significativo para genes MGAM relacionados à digestão do amido (influência da agricultura) e DST ligados a uma proteína ativa do citoesqueleto em células neurais e musculares.

O DST tem sido associado a condições de hipóxia (níveis baixos de oxigênio no sangue) e saúde cardiovascular.

Os resultados indicam uma separação entre as populações das terras altas (Aymara) e das terras baixas (Huilliche-Pehuenche) nos Andes em cerca de 8.750 anos. Eles também indicam uma redução na população andina de altitude em torno de 27% após o contato com europeus há 425 anos.

Além disso, dois sinais parecem estar ligados aos genes CD83 ligados ao vírus vaccinia usado em particular na vacinação contra a varíola, e IL-36R ligado à inflamação da pele e também ao vírus vaccinia a la inflamación de la piel y también al virus vaccinia.

Chibcha
Manteño-Guancavilca
Vicús
Chachapoyas
Sicán
Cupisnique
Moche
Chimú
Salinar
Virú
Recuay
Caral
Chavin
Kotosh
Chancay
Lima
Huari
Inca
Paracas
Nazca
Tiwanaku

-1500 -1300 -1100 -900 -700 -500 -300 -100 100 300 500 700 900 1100 1300 1500

En nuances de bleus et de violets correspondent les peuples des régions côtières.

En couleurs chaudes (oranges, rouges, marrons) correspondent les peuples des régions andines.

En nuances de verts correspondent les peuples des régions amazoniennes.

Le classement de haut en bas correspond aux localisations des cultures, du nord au sud.

Culture	Période	Localisation
Caral	du XXXe siècle av. J.-C. au XXVe siècle av. J.-C.	Dans le Pérou côtier et non loin de Lima.
Chavín	du IXe siècle av. J.-C. au IIe siècle av. J.-C.	Principalement dans les Andes péruviennes du nord
Vicús	du Ve siècle av. J.-C. au IVe siècle	Autour de la frontière actuelle entre le Pérou et l'Équa près du littoral
Tiahuanaco	du Ve siècle av. J.-C. au Xe siècle	Autour du lac Titicaca
Chibcha ou *Muiscas*	du Ve siècle av. J.-C. au XVIe siècle	Colombie andine.
Tayronas	du Ve siècle av. J.-C. au XVIe siècle	Nord de la Colombie (Cote caraïbe et Sierra Nevada Marta)
Paracas	du IIIe siècle av. J.-C. au IIe siècle	Région côtière du sud du Pérou
Virú	du IIe siècle av. J.-C. au IIIe siècle	Région côtière du nord du Pérou
Nazca	du IIe siècle au VIIe siècle	Littoral sud péruvien
Moche	du IIe siècle au VIIIe siècle	Littoral nord péruvien
Huari	du Ve siècle au IXe siècle	Tout le sud et le centre du Pérou
Sicán	du IXe siècle au XIVe siècle	Vallée du Lambayeque (nord du Pérou)
Manteño-Guancavilca	du VIIe siècle au XVIe siècle	Cote centrale et méridionale de l'Équateur
Chimú	du XIIe siècle au XVe siècle	Tout le littoral nord du Pérou
Inca	du XVe siècle au XVIe siècle	Ensemble des régions côtières et andines, de l'Équat jusqu'au nord du Chili et de l'Argentine

CIVILIZAÇÃO CARAL

A civilização Caral surgiu há cerca de 5.000 anos e era uma complexa sociedade pré-colombiana que incluía trinta grandes centros populacionais na costa norte do Peru. A sociedade de Caral prosperou em torno de uma economia comercial complexa, centrada na troca com os pescadores costeiros com os quais trocavam redes de pesca tecidas com o algodão que produziam para a pesca. É a civilização mais antiga conhecida na América que deixou uma impressionante arquitetura composta por pirâmides e anfiteatros.

Os pesquisadores encontraram estatuetas pré-colombianas no sítio arqueológico de Vichama, pertencente à antiga civilização Caral. É uma descoberta histórica. Estatuetas de 3.800 anos, datadas da época pré-colombiana, foram encontradas dentro de uma cesta de juncos amarrados com fios de algodão perto das ruínas de um prédio no sítio arqueológico. Localizado na costa peruana, perto da cidade de Vegueta, 130 km ao norte de Lima, este local pertence ao complexo cultural da civilização Caral, declarado Patrimônio Cultural do Peru em 2008.

Segundo o ministério peruano, as esculturas antropomórficas provavelmente eram utilizadas em rituais religiosos. As estatuetas de barro representam um homem e uma mulher nus pintados de branco, vermelho e preto, representando a nobreza da época. Uma segunda mulher com 28 dedos está coberta de tinta branca com pontos vermelhos simbolizando uma sacerdotisa.

A equipe de pesquisa, liderada pela arqueóloga Ruth Shady, também desenterrou duas cabeças femininas enlameadas envoltas em um pano coberto com penas amarelas, azuis e laranja.

O SITE PACHACAMAC

O sítio Pachacamac é um sítio muito importante para a arqueologia latino-americana ", explica o arqueólogo belga. Ele conheceu várias ocupações. Os Incas o transformaram em um lugar alto de peregrinação, mas a múmia descoberta é anterior. Pertence às populações Ychsma entre os séculos X e XV. "A civilização Ychsma está começando a se desenvolver gradualmente. Seu território, principalmente costeiro, não era muito grande, apenas do tamanho da Bélgica. Incomparável com o 'Império Inca que virá depois. Essa civilização, no entanto, deixou vários vestígios arquitetônicos e, em particular, pirâmides de rampa, típicas de sua cultura. "É muito difícil entender sua organização, porque os Ychsma não dominaram a escrita e, portanto, ainda estamos na pré-história", especifica Peter Eeckhout. Certamente não havia organização estatal, mas ainda uma forma de sucessão no poder.

No século 15, os Ychsmas foram conquistados pelos Incas. "Não há substituição de uma cidade por outra", explica Peter Eeckhout. "Houve assimilação e durante o período Inca, ainda encontramos traços culturais Ychsmas." Os incas fizeram de Pachacamac um lugar alto de peregrinação, construindo ali um templo de água e curandeiros, em vez de um cemitério de Ychsma.

Os arqueólogos descobriram muitas ofertas, como conchas de spondyla, importadas do Equador. Associadas à chegada das águas durante o El Niño, elas simbolizavam, por extensão, fertilidade, fecundidade e abundância. Além deste templo, os arqueólogos estudam dois outros edifícios. O primeiro é um monumento inca dedicado a acolher peregrinos e rituais. A segunda é sem dúvida uma das "capelas para peregrinos estrangeiros", já mencionada no século XVII pelo monge espanhol Antonio de la Calancha na descrição do local. "As divindades e o seu culto desempenharam um papel fundamental nas sociedades pré-colombianas", continua Peter Eeckhout, "os Incas compreenderam isso perfeitamente e integraram-no no exercício do seu poder. Promova grandes cultos comuns a todos os cidadãos do mundo. 'O Império ajudou a criar uma verdadeira identidade entre o mosaico de povos que o compôs. A Pachacamac é um dos melhores exemplos. "

Pachacamac, um famoso deus venerado pelos Incas em seu templo dedicado, era representado por uma estátua de mais de dois metros em madeira entalhada e colorida em vermelho, amarelo e branco.

O deus pachacamac

Nascido da união entre o Sol e a Lua, o deus Pachacamac fundou segundo a mitologia inca as cidades estabelecidas ao longo da costa do Peru. Após a criação dos primeiros Homens pelo deus Kon, Pachacamac assumiu o poder e transformou todos os humanos em macacos, antes de formar os dois primeiros representantes da nova humanidade, um homem e uma mulher, sem lhes dar de comer. Sucumbindo à fome, o homem morreu, deixando sozinha a mulher que logo depois deu à luz o filho que o Sol lhe deu ao fertilizá-la, uma criança que lhe ensinou os benefícios nutricionais das plantas silvestres que abundam no meio ambiente. Furiosa porque a mulher tinha adorado o Sol em vez dele, Pachacamac matou a criança cujo corpo se tornou terra fértil, dedicada ao cultivo do milho e de todas as plantas que cultivamos hoje.

Incas

Chavin

Os historiadores presumem que a cultura Chavín se manifestou por volta de 1000 aC. C. AD e era controlado por sacerdotes e altos dignitários que viviam em pirâmides subterrâneas. A cultura Chavín desapareceu por volta de 200 AC, levando embora todos os seus segredos. Hoje, os arqueólogos estão trabalhando para decifrar esses símbolos enigmáticos esculpidos na pedra.

Peuplement de l'Amérique
Chavín
Inka
des Européens
20000
1000
0
1200
1532
Avant J-C
Après J-C

Os Incas eram originalmente uma pequena tribo de guerreiros que residia em uma região de planalto ao sul da Cordilheira Central no Peru. Inca (Quechua Inka, "Filho do Sol"), nome dos governantes do povo Quechua, no Peru (Vale do Cuzco), que estabeleceram um império na Cordilheira dos Andes (América do Sul) de meados do século XV a a conquista espanhola em 1532. O termo também designa a população deste reino, bem como aqueles que foram submetidos a ele.

No século 12, eles começaram a se mudar para o Vale do Cuzco, onde subjugaram cidades vizinhas e lhes impuseram tributos durante três séculos. Não foi até meados do século 15 que os Incas começaram a consolidar e estender seu domínio sobre a região. Antes dessa data, seu maior avanço os havia levado cerca de 30 km ao sul da capital Cuzco, durante o reinado do sexto imperador inca Roca, que viveu no século XIV. A expansão começou para valer durante o reinado do oitavo imperador, Viracocha, que viveu no início do século XV. No entanto, o império atingiu sua extensão máxima durante o reinado do filho de Túpac, Huayna Cápac (c. 1493-1525). Em 1525, o território controlado pelos Incas abrangia o extremo sul da Colômbia, Equador e Peru, até a Bolívia, incluindo parte da Argentina e norte do Chile. O império se estendia por quase 3.500 km de norte a sul e 800 km de leste a oeste. Estima-se que o número de habitantes dessa imensa região, procedentes de populações muito diversas, era da ordem de 2,5 a 16 milhões.

Huayna Cápac morreu em 1525 sem ter designado seu sucessor, o que ocasionou a divisão do império. Foi neste momento crítico que o conquistador espanhol Francisco Pizarro desembarcou na costa acompanhado por uma tropa de cerca de 180 homens munidos de armas de fogo.

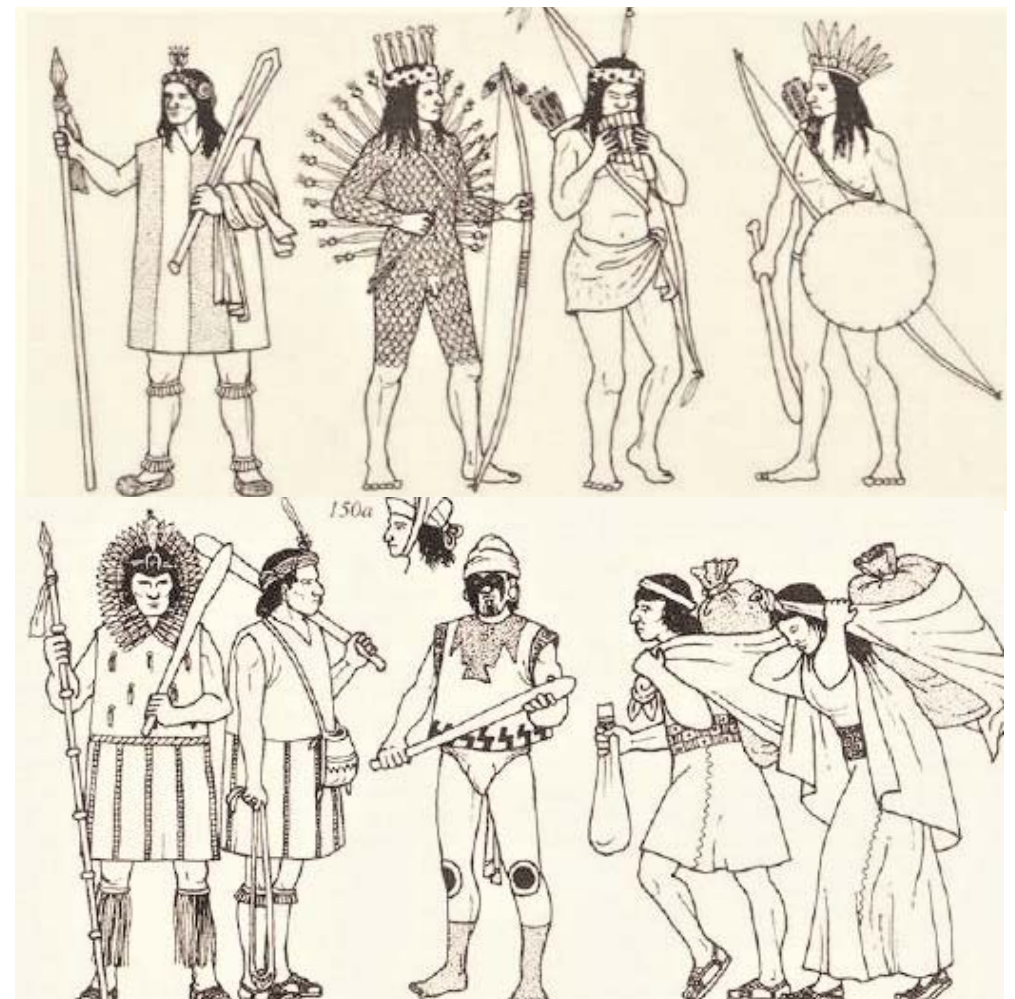
No auge de seu poder, os Incas desenvolveram um sistema administrativo e político sem paralelo entre as sociedades ameríndias. O estado Inca era uma teocracia baseada na agricultura, organizada sob um rígido sistema de castas e dominada pelo todo-poderoso Inca, que era adorado como igual a um deus vivo. Abaixo do Inca, em ordem decrescente de posição e poder, estavam a família real e a aristocracia, os administradores imperiais e a nobreza, então a grande massa de artesãos e agricultores.

Administrativamente, o império foi dividido em quatro regiões principais. Essas regiões foram subdivididas em províncias e várias outras unidades socioeconômicas menores, a menor das quais pertencia a uma família extensa, conhecida como ayllu. O cultivo do "ayllus", praticamente autossuficiente, era estritamente controlado pelo Estado.

TERRITÓRIO DO INCAS

Se a língua quíchua-inca conheceu uma época de tão rápida expansão, é porque o estado inca abrangia uma vasta área que se estendia por quase toda a extensão dos Andes. Essa área incluía não apenas os dois terços ocidentais do Peru moderno, mas também o oeste da Bolívia, a maior parte do Equador, uma faixa do noroeste da Argentina, norte do Chile e possivelmente até uma pequena parte do sul da Colômbia. O crescimento do Império Inca se deu por meio do que se chamou de diplomacia do "pau e da cenoura", que envolvia o envio de embaixadores às regiões que os Incas pretendiam conquistar, cuja tarefa era apontar ao inimigo todas as vantagens de fazer parte voluntariamente. do Domínio Inca. Se essa hábil bajulação não conseguisse uma submissão pacífica, os Incas partiriam para o ataque, cujo resultado era praticamente inevitável. O Império Inca atingiu seu auge sob Huayna Cápac (1493-1527).

O estado foi dividido em quatro províncias ou distritos principais de Antisuyu no leste, Cuntisuyu no oeste, Chinchasuyu no norte e Collasuyu no sul, todos nomeados respectivamente em homenagem a uma das principais tribos que vivem nessas direções da capital do país, Cuzco como o centro do Império. Historiadores posteriores se referiram a todos eles igualmente como "Incas", e seu país ficou conhecido como Império Inca, mas para os próprios índios era simplesmente Tawantinsuyu, "a terra dos quatro bairros", um estado integrado. sob o governante Quechua, o Sapa Inca.

Cada um deles era administrado por um Apu, geralmente um parente próximo da Sapa Inca. O império também continha quatro grupos linguísticos, compostos pelos próprios quechuas, os chimú costeiros, os aimarás no sul e os uru no norte, mas sob os incas todos eram obrigados a falar quíchua. A sociedade inca foi organizada em bases decimais para fins administrativos, e cada um dos quatro quadrantes do país foi dividido em províncias menores de 10.000 famílias, estas por sua vez em grupos de 1.000 famílias, e assim por diante. A população total do Império Inca no século 16 é desconhecida, foi estimada entre dois e dez milhões.

O rígido controle exercido pelos administradores imperiais sobre o império, que acabou deslocando populações inteiras e as instalando em uma nova região por razões econômicas ou políticas, foi em grande parte possível graças a este sistema de comunicações altamente eficiente.

corredores treinados em turnos podem cobrir até 400 km por dia seguindo essas rotas.

As estradas incas ligavam as terras de seu vasto reino, os incas eram baseados em uma rede de estradas excepcional. Mais de 25.000 quilômetros de estradas reais, usadas apenas por viajantes oficiais, permitiam uma comunicação rápida e segura com o centro de Cuzco.

O Império Inca, uma das civilizações mais burocráticas, porém, não tinha escrita. Em vez disso, seus funcionários usaram um sistema baseado em nós de diferentes tipos de lã em cores diferentes. As mensagens resultantes ou "quipus" eram usadas para registrar todas as mercadorias que entravam ou saíam dos armazéns estaduais. Eles só podem ser configurados ou decodificados por administradores treinados. A maioria dos quipos eram relatórios contábeis simples, usando o sistema decimal. Outros aparentemente serviram como auxiliares para lembrar ou contar histórias e fórmulas religiosas, e agora são indecifráveis.

No entanto, o governo de Cuzco conseguiu manter um contato estreito com o andamento dos negócios do império graças a uma organização muito elaborada. Uma complexa rede de estradas pavimentadas ligando todas as regiões do império acelerou as comunicações;

Sem essa infraestrutura, o enorme e complexo estado Inca teria entrado em colapso. As estradas foram projetadas para serem utilizadas por pedestres e caravanas de lhama. Abrigos estaduais foram encontrados a cada 20 quilômetros ou mais. Essa infraestrutura é incrível porque os Incas não conheciam a roda.

As conquistas mais impressionantes da civilização Inca foram os templos, palácios e fortalezas localizados em locais estratégicos, como Machu Picchu; Edifícios imensos com alvenaria precisamente ajustada, notadamente o grande Templo do Sol em Cuzco, foram construídos com técnicas e ferramentas limitadas.

Os edifícios são construídos com a técnica "pirca"; Consiste em colocar pedras em um almofariz de argila. Os incas atacaram várias residências suntuosas não muito longe de Cuzco, de acordo com um plano grandioso executado pelo rei Pachacuctec.

Cuzco, a antiga capital do Império Inca, tem a forma de um puma que simboliza força e poder. A cidade de Machu Picchu descoberta em 1911. Situa-se a uma altitude de 2.000 m, está rodeada de terraços agrícolas; os Andes, pacientemente construídos pelos camponeses incas. Eles cultivavam batatas e milho.

Outras conquistas excepcionais incluem a construção de pontes de corda suspensas (algumas com mais de 100 m de comprimento), canais de irrigação e aquedutos. O bronze (uma liga de cobre e estanho) era muito usado em ferramentas e ornamentos.

Esses trabalhos eram realizados pela força de trabalho ilimitada do império sob a "mita"; trabalho obrigatório devido ao estado. Este ambicioso monarca - o rei Pachacutec teve a paisagem circundante com terraços, com quilômetros de canais de irrigação para cultivo, aumentando a riqueza do rei.

Graças às enormes tropas, eles foram capazes de mobilizar, muitas vezes várias centenas de milhares de homens, e à qualidade de suas armas de curto e longo alcance; Os incas tinham, antes da chegada dos espanhóis, o exército mais formidável da América pré-colombiana. Só é composto por chamadas entre os 20 e os 25 anos. Essa força bem organizada se beneficiou de uma eficiente infraestrutura de comunicações e suprimentos. A viagem aconteceu em uma malha rodoviária de vários milhares de quilômetros ladeada por lojas cheias de roupas, alimentos e armas de todos os tipos.

Quem poderia ter descoberto Machu Picchu?

Em 24 de julho de 1911, após uma longa caminhada pela selva peruana, o explorador americano Hiram Bingham descobriu o santuário inca de Machu Picchu. Suas fotos foram o assunto de uma edição inteira da National Geographic em 1913 e Bingham se tornou famoso. No entanto, ele já temia naquele momento que tivesse sido espancado. "Machu Picchu descobriu um século antes? Bingham estava certo: em 2008, Paolo Greer, um explorador da região de Cuzco e examinador incansável dos arquivos peruanos, revelou que o primeiro descobridor foi na verdade o alemão Augusto Berns. Esse garimpeiro trabalhou anos 1860-1870 na região de Cuzco, onde possuía um vasto terreno que circundava Machu Picchu, claramente identificado em um de seus mapas! Seus arquivos até mostram que em 1887 ele obteve autorização do governo para 'operar uma huaca inca, digamos um lugar sagrado. Provavelmente Machu Picchu. Porque, na realidade, Machu Picchu nunca se perdeu completamente: já em 1843, o lugar aparecia nos mapas do Herman Gohring alemão. Com a possível exceção de um localizador de minas, ninguém em Cuzco Eu tinha visto as ruínas de Machu Picchu ou percebido sua importância ", escreveu ele em 1922.

Um arqueólogo, ele? Nunca ! Hiram Bingham se orgulha de ser um explorador, da realeza, empenhado em uma busca nobre: encontrar a última cidade ocupada pelos incas, antes que os conquistadores espanhóis derrubassem seu império no século XVI. Em 24 de julho de 1911, na selva do Peru, este ex-soldado de 36 anos atinge o local. Após seis dias de caminhada, você verá a cidade perdida de Machu Picchu - "a velha montanha" na língua quíchua. A vegetação se espalhou pelos 172 edifícios que compõem o complexo e pelas centenas de escadas de granito que descem pela encosta. Bingham tem seu Santo Graal!

Empoleirado a uma altitude de 2.400 metros, acima do vale sagrado de Urubamba, a 120 quilômetros de Cuzco, Machu Picchu cobre um planalto de dez hectares. A cidade surpreende com suas paredes de grandes pedras montadas sem argamassa, segundo uma técnica bem dominada pelos incas. O local consiste em cerca de 200 edifícios e está dividido em duas partes: a cidade alta e a cidade baixa. Descobrimos terraços para trabalhos agrícolas. A cidade era cortada por canais de irrigação. para começar, com estes imensos socalcos (também chamados de plataformas) destinados ao cultivo da batata ou do milho, por exemplo. A civilização Inca soube trabalhar a terra e torná-la fértil por muitos anos. No coração das casas da cidade foi instalado um jardim de plantas medicinais , onde encontramos nomeadamente as folhas essenciais da coca.

Note que entre estes socalcos, alguns serviam para combater a erosão das montanhas.

Machu Picchu é uma prova do poder e engenhosidade do Império Inca. Construída sem o uso de argamassa, ferramentas de metal ou uma roda, Machu Picchu se destaca como uma maravilha arqueológica do mundo antigo. Construída por volta de 1450, pouco antes da chegada dos espanhóis, para servir de local de descanso ao imperador Pachacutec (1438-1471) e sua família, longe do tumulto da capital Cuzco, teria abrigado no máximo 600 pessoas. .

Como o imperador também é um líder religioso (filho do Sol), a religião é inseparável de suas residências e em Machu Picchu identificamos edifícios que deveriam ser usados para ritos religiosos. Como prova, seu culto ao sol com vários lugares que foram construídos em sua homenagem: a Puerta del Sol (Inti Punku), que domina a cidade, ou o Templo do Sol, no coração de Machu Picchu. porque no dia 21 de junho o sol bate em uma rocha com três degraus descendentes de cada lado, então uma sombra aparece no chão que forma a chacana, a cruz dos Andes. Um observatório astronômico também foi construído.

Sua reportagem fotográfica, publicada pela revista National Geographic, daria a Machu Picchu notoriedade mundial e faria dela, um tanto excessivamente, o símbolo da grandeza do Peru pré-colombiano. Ele voltou aos Estados Unidos com uma ideia fixa: seduzir investidores e financiar outras expedições. O que você pode fazer? Diante do comitê de pesquisa da National Geographic Society (NGS), ele enfatiza o cenário natural único em que essas ruínas estão localizadas. Eles estão "empoleirados no topo de uma saliência estreita no canto mais inacessível da parte mais inacessível dos Andes", ele se entusiasma. Promete trazer de volta "o ouro dos Andes" e segredos ancestrais. Missão cumprida: NGS e Yale University oferecem a você $ 10.000 cada!

O aventureiro fará três expedições até 1915. De passagem, ele rouba milhares de artefatos que levará Yale quase cem anos para retornar ao Peru. Com base no trabalho de sua equipe, os especialistas espalharão a ideia de que partes de Machu Picchu têm 6.000 anos, 1.000 anos mais velhas que Babilônia.
Como eles estavam errados! Hoje sabemos que o local não foi ocupado até meados do século XV. Menos de um século após sua fundação, uma guerra civil assola os Incas. Os conquistadores espanhóis demoliram seu império e o local, que não contém ouro, não interessa mais aos conquistadores. Não importa as aproximações, lembre-se, Binhgam não é um arqueólogo! -, a maravilha dos Andes trouxe-lhe glória. Se Bingham não foi o descobridor de Machu Picchu, foi ele mesmo assim quem a destacou, principalmente ao limpar a vegetação. E assim ele contribuiu para o nascimento de um mito.

Sítio Huanchaquito

Descoberta macabra no Peru. Em agosto de 2019, uma equipe de pesquisadores desenterrou 227 esqueletos de crianças da civilização Chimú, no sítio arqueológico de Huanchaco, 700 quilômetros ao norte de Lima. Alguns meses antes, a poucos quilômetros de distância, no local de Huanchaquito, uma vala comum semelhante havia sido encontrada. Mas o que aconteceu com eles?

Uma primeira vala comum descoberta no local de Huanchaquito

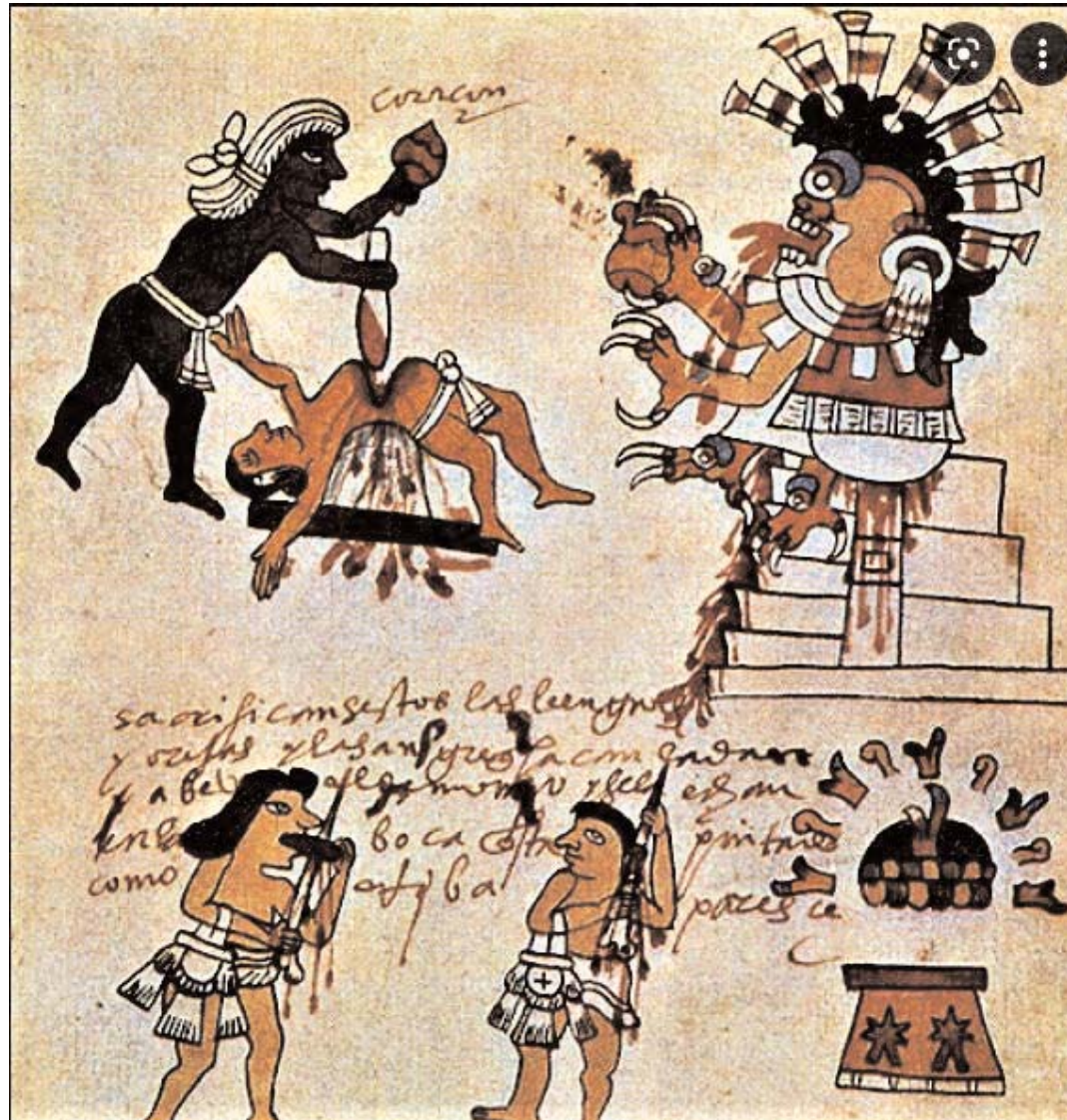
Tudo começou em 2011 em Huanchaquito. Os filhos de um dono de restaurante notam um estranho tufo preto emergindo da areia, a cerca de 300 metros do Oceano Pacífico. O pai dele vem, cava e desenterra ... cabelos, crânios, ossos em grande quantidade! Avise os arqueólogos. Foi então iniciada uma investigação que durará oito anos e três séries de escavações para que o local revele seu segredo: aqui estão os restos mortais de 140 pessoas e mais de 200 lhamas.

Arqueólogos liderados pelo professor Gabriel Prieto, da Universidade de Trujillo, exploram a duna. O mistério começa a se desvendar. Os investigadores sabem que este local foi habitado pelos Chimús, uma importante civilização pré-colombiana, que viveu entre os séculos XI e XV.

Mas quem são exatamente essas pessoas e por que essa vala comum?

Primeira pista: o estudo dos corpos. Encontram-se em muito bom estado de conservação: alguns ainda têm os cabelos e até restos de comida no intestino. "A aridez e a seca operaram um processo de mumificação natural", detalha o arqueólogo francês Nicolas Goepfert, que participou do estudo. No laboratório, análises de DNA confirmam que as vítimas são meninos, meninas e meninos não aparentados, com idades entre 5 e 13 anos. Para descobrir suas origens geográficas, a equipe está conduzindo estudos morfocranianos e isotópicos. Elas revelam que as crianças vieram do litoral, mas também dos Andes, ou de todo o império Chimú.

Como eles morreram?

"Suas costelas foram abertas, provavelmente para arrancar seus corações. Encontramos marcas de incisão ao nível do esterno e nas laterais. Tudo indica que foram mortos em sacrifício ", detalha Nicolas Goepfert. As datas mostram que foram mortos entre 1400 e 1450. Os toucados e os tecidos de algodão sugerem que pertenciam à elite local. A associação fúnebre com os lamas também mostra a importância do sacrifício.

Esses animais são usados para alimentação e transporte. Portanto, é uma mercadoria útil e preciosa que foi oferecida aos deuses.

Outro detalhe preocupante: "Os sacrifícios aconteceram em uma taxa significativa. Provavelmente em menos de um ano. Às vezes, apenas alguns dias entre eles", continua o especialista. O que fez o Chimus entrar em pânico? Por que eles sacrificaram seu bem mais precioso? As respostas surgem nas paletas dos pesquisadores. Uma das camadas de solo em Huanchaquito tem pegadas. O barro compacto pode ter preservado os últimos passos das vítimas inocentes. Porém, se há lama é porque choveu, e até muito. O culpado pode muito bem ser o El Niño, uma corrente oceânica que muda as temperaturas e… a precipitação. Em alguns anos, seus efeitos podem ser devastadores. Uma mudança climática que desorientou profundamente os Chimús.

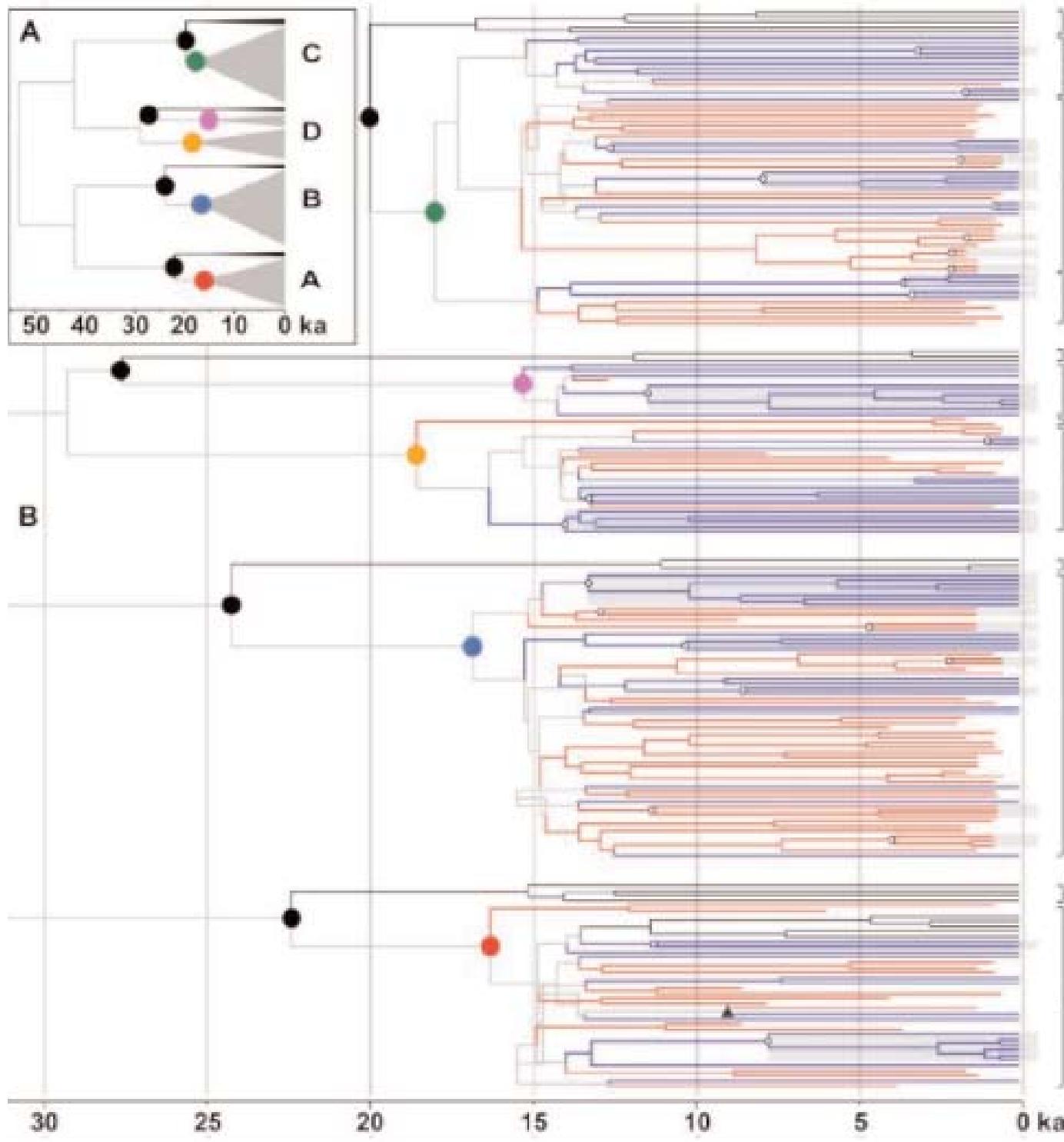
Engenheiros qualificados, prosperaram em uma das regiões mais secas do mundo, entre os séculos 11 e 15, graças a um sistema hidráulico capaz de trazer água do sopé dos Andes. Para eles, a questão da água é vital. "O El Niño pode ter causado medo, argumenta o arqueólogo. Para pedir misericórdia aos deuses, os Chimús sacrificaram seus filhos e seus rebanhos". Os deuses ouviram sua oração? Se houve trégua, foi breve: por volta de 1470, os Chimús desapareceram, vítimas do expansionismo dos incas.

Tezcatlipoca, cujo nome significa espelho fumegante, é um feiticeiro na origem dos sacrifícios humanos. Ele é o Deus das escolas militares, associado à guerra, à morte. Este deus é representado na forma animal de um jaguar. Os guerreiros jaguar (da palavra nahuatl "ocelotl", plural "ocelomeh") eram uma ordem militar profissional no exército asteca.

DNA mitocondrial antigo na América do Sul

O isolamento geográfico das Américas atrasou sua colonização até o final do Pleistoceno entre 20.000 e 10.000 anos atrás. É provável que os primeiros humanos tenham chegado da Ásia pelo Estreito de Bering acima do nível do mar durante o Último Máximo de Gelo. No entanto, neste momento, a maior parte da América do Norte estava coberta pelos mantos de gelo da Cordilheira e Laurentian que bloqueavam o acesso do leste da Beringia. Pouco depois do derretimento da placa da Cordilheira, cerca de 17.000 a 15.000 anos atrás, uma rota potencial foi aberta ao longo da costa do Pacífico. A rota alternativa através de um corredor a leste das Montanhas Rochosas foi inaugurada apenas entre 11.500 e 11.000 anos atrás. O tempo e a rota da primeira migração humana são importantes para entender o tamanho e a velocidade da migração.

Os estudos genéticos de populações ameríndias são complicados pelo colapso demográfico e perda significativa de diversidade genética que se seguiu à colonização europeia no final do século 15. No entanto, os resultados iniciais sugerem que a chegada de pequenos grupos fundadores em uma única migração está na origem da maioria dos ancestrais nativos americanos hoje, embora a distribuição de alguns haplogrupos mitocondriais sugira diferentes rotas de chegada ao longo da costa do Pacífico (para D4h3a), ou através o corredor a leste das Montanhas Rochosas (para X2a).

fig. S1. Location of archaeological sites (see table S2 for detailed information a samples). Camarones and Pica-8 have the same coordinates, as well as Jaurang Molinos.

Infelizmente, a precisão do relógio molecular é limitada nos estudos das Américas devido à baixa diversidade genética e à falta de pontos de calibração. Assim, eles estimam a chegada dos primeiros homens com pouca precisão entre 26.300 e 9.700 anos.

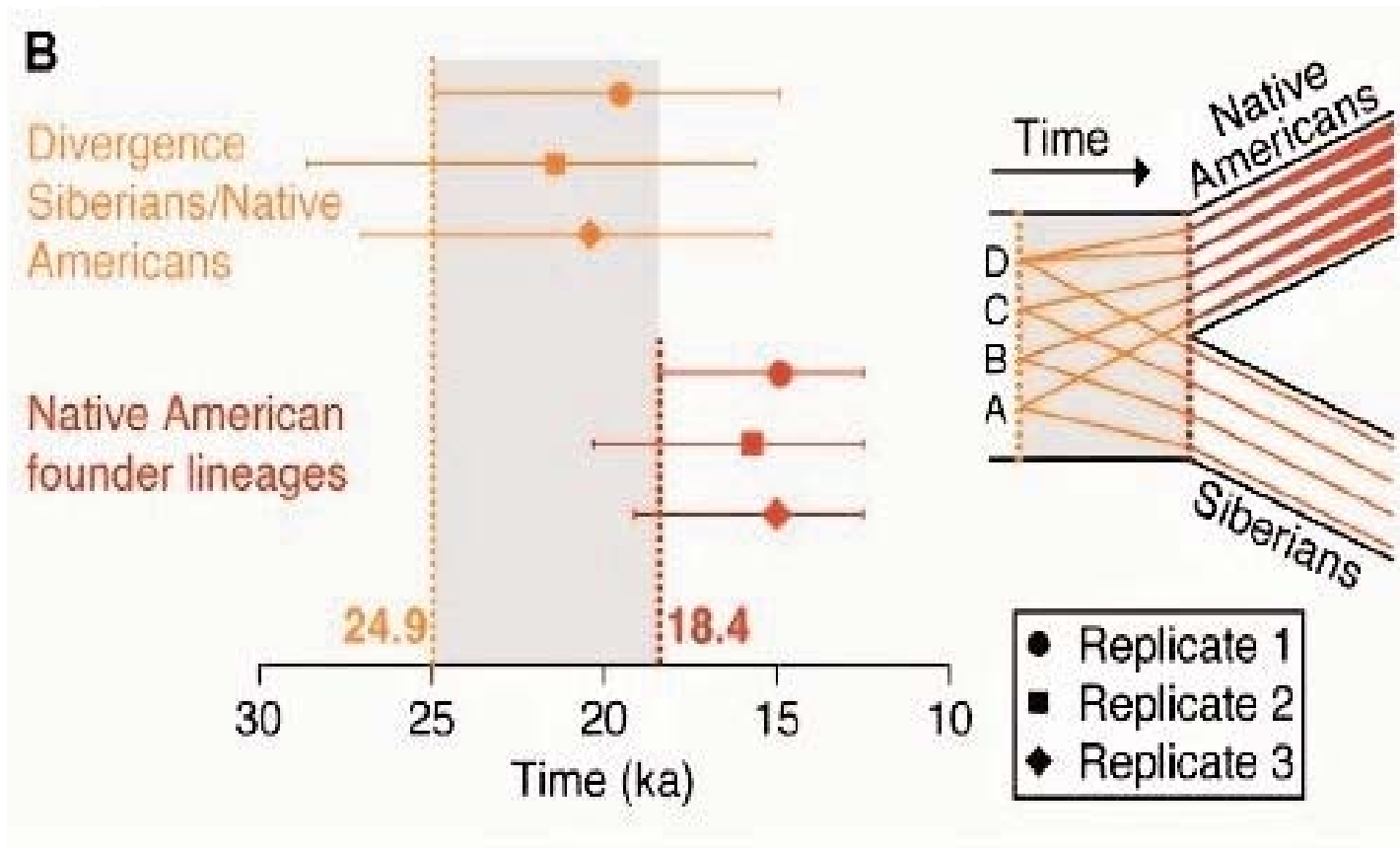
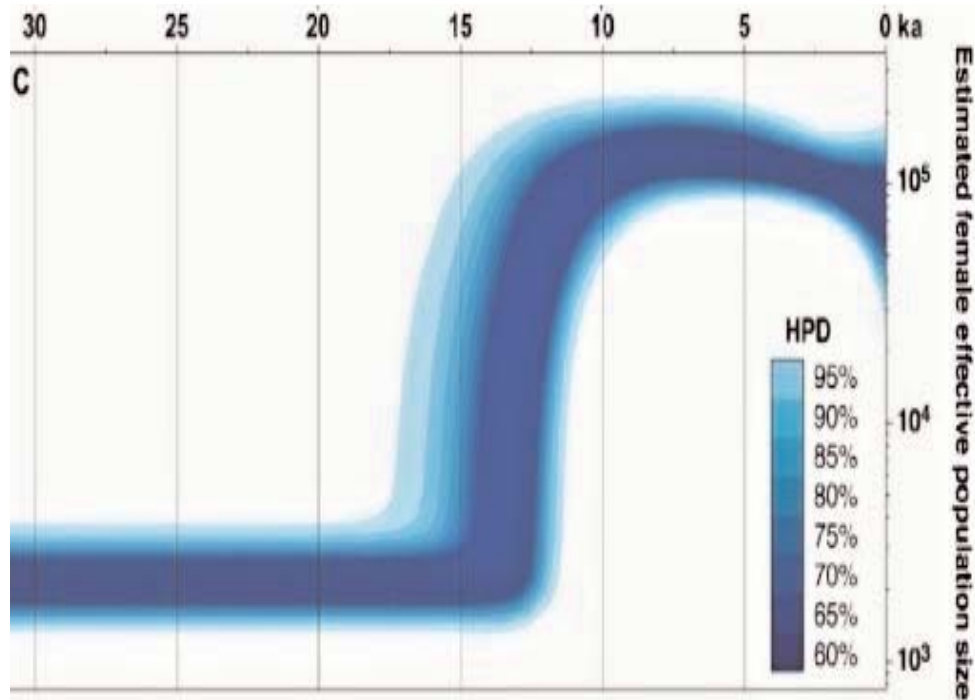
Os paleo-geneticistas acabam de publicar um artigo intitulado: Ancient Mitocondrial DNA fornece uma escala de tempo de alta resolução da população das Américas. Eles sequenciaram o genoma mitocondrial completo de 92 indivíduos pré-colombianos entre 8.600 e 500 anos de idade. Essas amostras estão localizadas no Peru (70), Bolívia (9), norte do Chile (6), México (5) e Argentina (2). O indivíduo Anzick localizado na América do Norte e previamente sequenciado foi adicionado a este grupo:

As amostras pertencem a 84 haplótipos diferentes cujos haplogrupos são A2, B2, C1b, C1c, C1d e D1. Não foi observado haplogrupo D4h3a. Nenhum desses 84 haplótipos antigos corresponde a um indivíduo contemporâneo. Esses resultados mostram a importância dos testes de DNA antigo para levar a medindo a diversidade genética do passado e reconstruindo o processo de colonização das Américas.

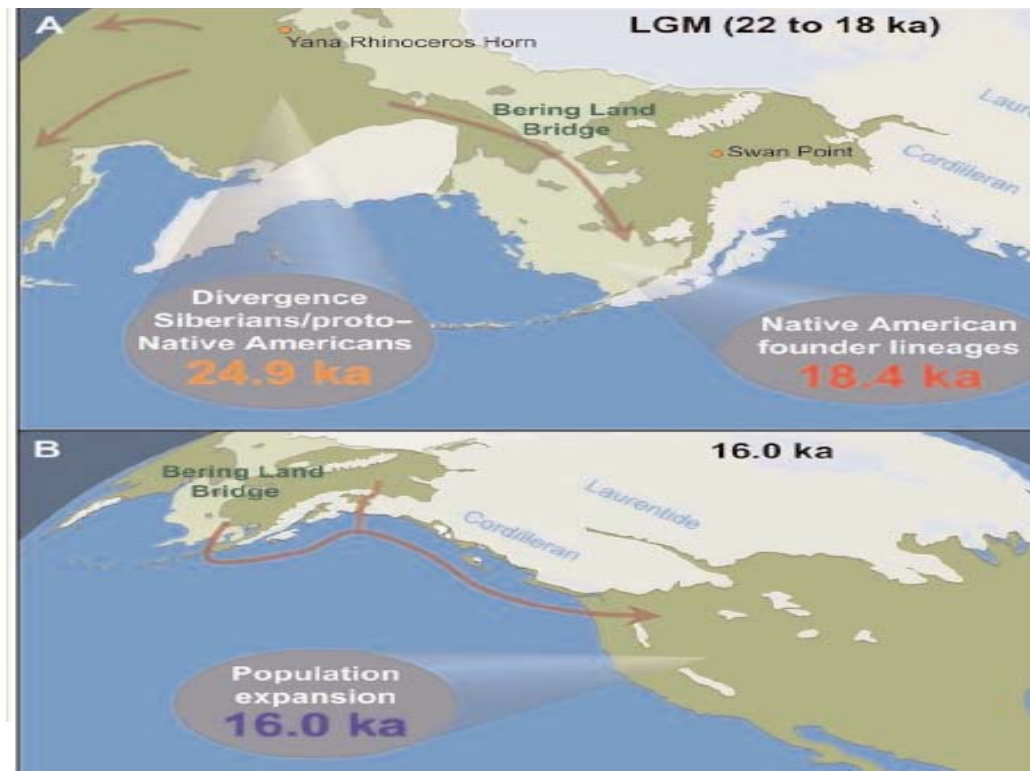
A estimativa de ancestralidade comum mais recente (TMRCA) para os haplogrupos A2, B2, C1, D1 e D4h3a é altamente síncrona, confirmando que esses cinco haplogrupos estiveram envolvidos na migração inicial. Na Figura A acima, os discos pretos indicam os pontos de divergência entre siberianos e nativos americanos. Os clados siberianos estão em preto e os ameríndios em cinza.

Na Figura B abaixo, os clados siberianos estão em preto, os clados nativos americanos contemporâneos em azul e os clados nativos americanos antigos em vermelho.

Os autores realizaram uma análise filogenética bayesiana das sequências mitocondriais. Como usar mais de 400 sequências para esta análise consome muito tempo computacionalmente, os autores usaram três conjuntos de 87 sequências contendo exclusivamente os cinco haplogrupos nativos americanos: A2, B2, C1, D1 e D4h3a para esta análise, mais 20 sequências siberianas. das linhagens de irmãos e os 92 genomas antigos deste estudo aos quais foi adicionado o genoma do indivíduo Anzick sequenciado em um estudo anterior. Assim, cada conjunto continha um total de 200 sequências, cujos resultados correspondem às três replicações indicadas na figura a seguir:

A figura abaixo mostra que a divergência genética entre os ancestrais dos siberianos e nativos americanos remonta a uma data entre 24.900 e 18.400 anos atrás. Podemos considerar que as duas populações se separaram após esta data. Não é possível saber se essa separação ocorreu na Sibéria ou na Beringia. No entanto, esta data de separação corresponde ao Último Máximo de Gelo. Podemos supor que as condições áridas levaram as populações em direção à orla ocidental da Beringia, ou seja, a atual Sibéria, a se refugiarem mais ao sul. Em contraste, as populações a leste das penínsulas de Kamchatka e Chukotka foram bloqueadas pelos cinturões de gelo das Aleutas e tiveram que permanecer isoladas no leste da Beringia. O tamanho da população feminina efetiva bloqueada em Beringia é da ordem de 2.000:

Embora esse número não possa ser traduzido diretamente no tamanho real da população, essa população tinha que ser relativamente pequena e não mais do que algumas dezenas de milhares de indivíduos. A observação da vida selvagem nesta região neste momento indica uma paisagem de tundra arbustiva que pode ter sido capaz de sustentar tal população. Portanto, esses dados são compatíveis com um refúgio glacial no Alasca e no Yukon durante o Último Máximo Glacial.

A árvore filogenética mitocondrial mostra que há uma expansão repentina de todos os haplogrupos entre 16.000 e 13.000 anos atrás, sugerindo que a data de 16.000 anos na verdade corresponde à entrada inicial dos primeiros humanos na América do Norte. Se assumirmos que o isolamento desta população se iniciou entre 24.900 e 18.400 anos, isso corresponde a uma permanência desses homens neste refúgio entre 2.400 e 9.000 anos.

Esta data de 16.000 anos corresponde ao recuo do manto de gelo da Cordilheira e, portanto, a uma rota ao longo da costa do Pacífico:

Sabendo que a primeira evidência arqueológica da presença do homem no sul do Chile tem 14.600 anos, demorou 1.400 anos para que essa população chegasse ao sul da América do Sul. Essa rápida migração dos primeiros humanos levou à formação de uma composição genética geográfica dessa população com fluxo gênico limitado entre essas várias regiões.

Já foi sugerido que a colonização europeia resultou em um efeito de gargalo na diversidade genética dos nativos americanos. Os dados deste estudo realmente mostram que os haplótipos modernos e antigos não compartilham ancestrais comuns com mais de 9.000 anos, apesar de seus números elevados. Os autores estudaram sete modelos demográficos diferentes para tentar explicar esses dados usando a ferramenta BayeSSC. Apenas o modelo que combina uma separação geográfica entre populações que abrigam haplótipos antigos e modernos e uma rápida extinção de linhagens antigas após a colonização europeia pode explicar as observações.

The giants of Patagonia
Universal cosmography (detail of the Land of Peru)
Guillaume Le Testu, Le Havre, 1556.
Illuminated manuscript on paper (118 p. Including 57 pl.), 53 x 36 cm
Vincennes, Historical Department of Defense, Library, D.1.Z.14, f. 48v FRANCE

The natives of the southern coasts of America were first described by Antonio Pigafetta who participated in Magellan's expedition around the world. The map of Peru shows the strait and its outlet on the Pacific Ocean, called "South Sea", and the "Land of Great Men", otherwise known as "Kingdom of Gingant or Ginganton". The mythical "giants" of Patagonia, unrealistically dressed in ancient loincloths and draperies, are painted in battle. The text states that "the inhabitants are ten to twelve cubits tall and speak only by whistling."

A pagan festival near the Rio de la Plata
Universal cosmography (detail)
Guillaume Le Testu, Le Havre, 1556.
Illuminated manuscript on paper (118 p. Including 57 pl.), 53 x 36 cm
Vincennes, Historical Department of Defense, Library, D.1.Z.14, f. 53v FRANCE

The American continent, to the south, is represented between the Rio de la Plata, "very rich in money" and the Strait of Magellan. The people of this land are "savage, ignorant of God" pagans and are dressed in "cotton garments". Further south is the kingdom of formidable fighting giants, called in other accounts the Patagons and here the "Gingantons". More whimsical than the text, the image shows a procession of men and women dressed in colorful loincloths, playing various musical instruments around a figure (a pagan idol?) Sheltered under a canopy.

Genomas antigos no sul da Patagônia

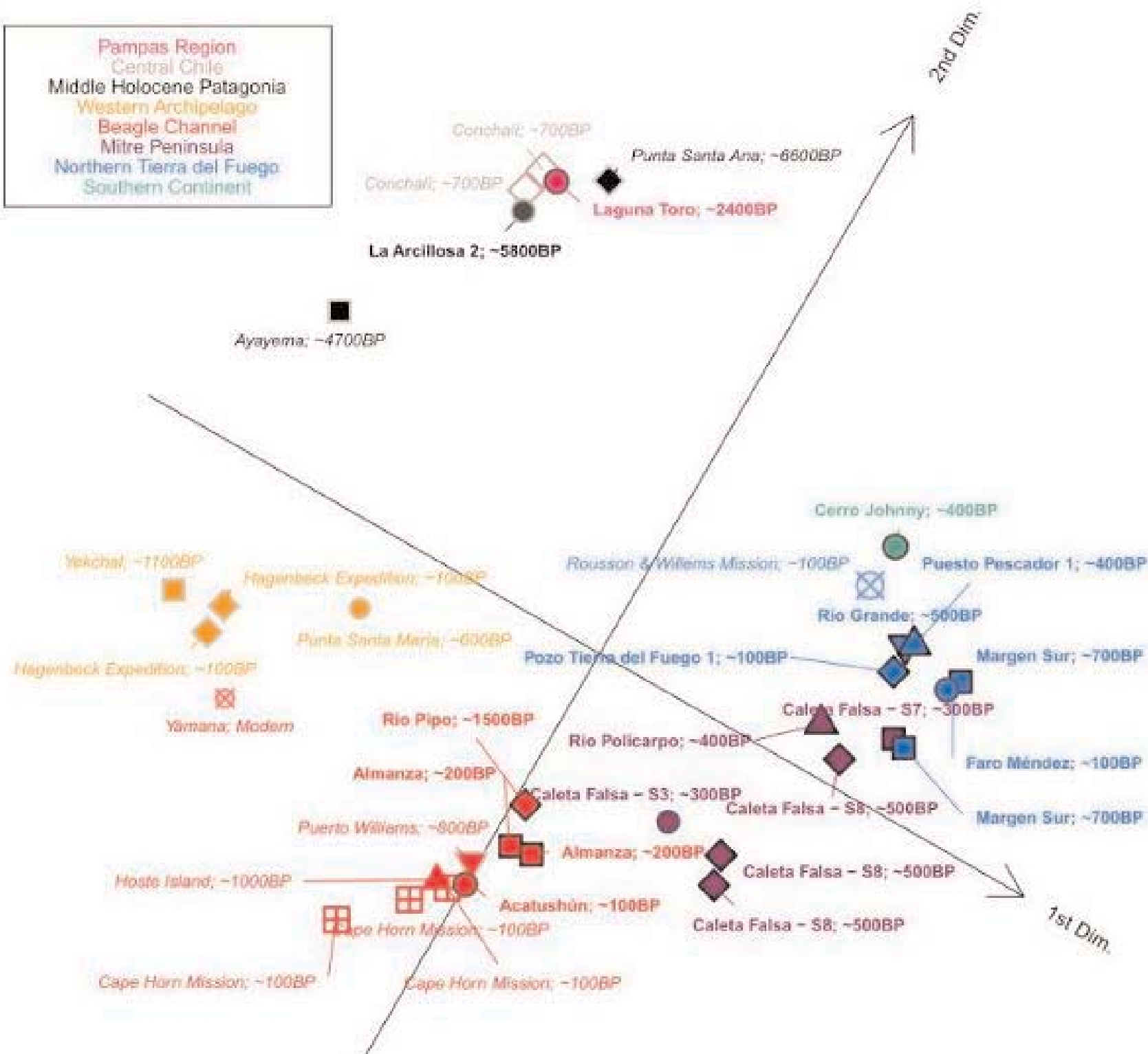
A Patagônia Meridional foi ocupada por humanos por pelo menos 12.600 anos. Alguns sítios arqueológicos datam entre 12.600 e 3.500 anos. A densidade desses sítios arqueológicos aumenta significativamente depois disso. O surgimento da tecnologia de navegação (canoas, arpões) remonta a cerca de 6.700 anos atrás. Nesta data começa a colonização dos arquipélagos da Patagônia Ocidental. Há um debate para saber se essa tecnologia surgiu localmente ou após a migração populacional ou a difusão de ideias do norte. Outra mudança tecnológica surge no arquipélago ocidental com o desaparecimento do uso da obsidiana verde no ferramental entre 6300 e 5500 anos atrás. Finalmente, há 2.000 anos, observamos um aumento no tamanho da população e inovações tecnológicas.

No século 16, os primeiros europeus descreveram cinco grupos de nativos americanos caçando e coletando no norte e no leste, ou pescando no sul e no oeste. Os primeiros são os Aónikenk ou Tehuelche do sul e os Selk'nam. Os segundos são o Yámana e o Kawéskar. No extremo sudeste da Patagônia, os Haush se dividem entre a caça de animais terrestres e a pesca de animais marinhos, embora não possuam tecnologia de navegação.

A paleogenética sequenciou o genoma de 19 indivíduos ancestrais da Patagônia com data entre 5.800 e 100 anos, e um indivíduo dos pampas argentinos com data de 2.400 anos. Esses genomas (em negrito abaixo) foram comparados com aqueles obtidos anteriormente (em itálico): Todos os indivíduos neste estudo pertencem aos haplogrupos mitocondriais: C1b, C1c, D1g5 e D4h3a e ao haplogrupo do cromossomo Y Q1a2a. Sua taxa de heterozigosidade está entre as mais baixas do mundo e corresponde a pequenas populações.

A estatística f4 mostra que todos os indivíduos ancestrais da Patagônia compartilham mais alelos com outros indivíduos da Patagônia do que com indivíduos ancestrais dos pampas argentinos ou do Chile central. Este resultado sugere um grau significativo de continuidade genética na Patagônia por pelo menos 6.600 anos.

Uma análise multiescala baseada na estatística f3 mostra que os indivíduos do Holoceno médio na Patagônia diferem dos indivíduos mais recentes. Eles estão agrupados com exceção do indivíduo Ayeyama de 4.700 anos do Chile, que se transfere para indivíduos mais recentes do arquipélago ocidental da Patagônia:

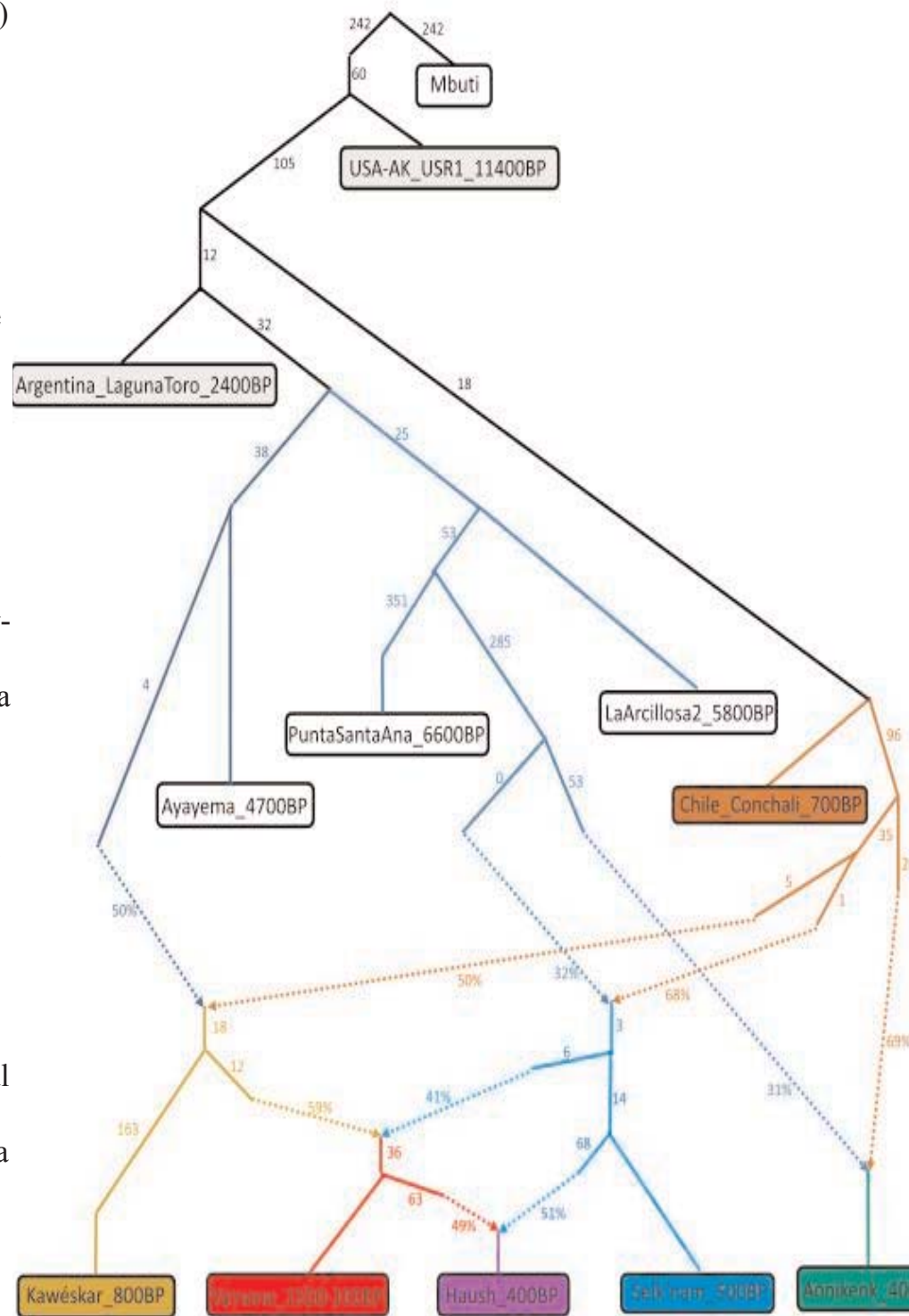
A figura abaixo também mostra que no final do Holoceno, os indivíduos se correlacionam com a geografia com diferentes grupos correspondentes a indivíduos do arquipélago ocidental (em laranja), à região do Canal de Beagle (em vermelho) e a região correspondente ao sul do continente e norte da Terra do Fogo (respectivamente em verde e azul). No entanto, os indivíduos da ponta da península de Mitre (em roxo) são distribuídos em um gradiente genético entre os grupos vermelho e azul. A estatística f4 mostra que os indivíduos antigos do Holoceno Médio: Punta Santa Ana do Chile de 6.600 anos atrás e La Arcillosa da Argentina de 5.800 anos são geneticamente equidistantes de todos os indivíduos antigos da Patagônia do Holoceno tardio. , e a mesma distância genética de qualquer outro grupo de nativos americanos fora da Patagônia. No entanto, os resultados isotópicos mostram que o indivíduo de Punta Santa Ana tem uma dieta marinha enquanto o de La Arcillosa tem uma dieta terrestre. Esses resultados sugerem que a adaptação ao ambiente marinho no sul da Patagônia não está ligada à migração do norte, mas ocorreu localmente. Além disso, o antigo indivíduo Ayayema do Chile com 4.700 anos é geneticamente mais próximo dos indivíduos do arquipélago ocidental, Kawéskar e Yámana, mas não de Selk'nam, Aónikenk e Haush. Este resultado sugere que a ancestralidade genética presente no indivíduo Ayayema contribuiu para indivíduos mais recentes baseados em recursos marinhos. Esse indivíduo de Ayayema data da mudança relacionada à perda do uso da obsidiana verde no arquipélago ocidental. Portanto, essa mudança tecnológica parece estar ligada à chegada de uma população do norte onde está localizada Ayayema.

A estatística f4 também mostra que indivíduos Conchali de 700 anos do Chile compartilham mais alelos com indivíduos do sul da Patagônia do Holoceno tardio do que com aqueles do Holoceno médio. Além disso, o software qpAdm mostra que Kawéskar e Yámana podem ser modelados como resultado de uma mistura genética entre os indivíduos Conchali (45 a 65%) e o antigo indivíduo Ayayema (35 a 55%). Este modelo não funciona se substituirmos os de Ayayema pelos de Punta Santa Ana ou La Arcillosa. Esses resultados confirmam o repovoamento do arquipélago ocidental durante o Holoceno Médio.

Por outro lado, o Selk'nam oriental pode ser modelado como resultado de uma mistura genética entre indivíduos de Conchali (50 a 60%) e o antigo indivíduo de Punta Santa Ana ou La Arcillosa (40 a 50%). Todos esses resultados, portanto, também sugerem a chegada de uma população do norte durante o Holoceno Final, próxima aos antigos indivíduos Conchalí e que se mesclou com todos os grupos do sul da Patagônia.

Em resumo, este estudo indica a chegada de pelo menos três populações ao sul da Patagônia. A primeira tem pelo menos 6.600 anos e corresponde à chegada dos ancestrais do indivíduo de Punta Santa Ana. A segunda está ligada à chegada do ancestral incluído no indivíduo Ayayema ao arquipélago ocidental há mais de 2.000 anos . O terceiro traz a ancestralidade incluída nos indivíduos de Conchali, no sul da Patagônia.

Por outro lado, a análise de indivíduos antigos do Holoceno tardio do sul da Patagônia mostra que os Selk'nam são geneticamente intermediários entre seus vizinhos Aónikenk, Haush e Yámana. Os Haush são geneticamente intermediários entre seus vizinhos Yámana e Selk'nam. Finalmente, os Yámana são geneticamente intermediários entre seus vizinhos Selk'nam e Kawéskar. As datas das misturas genéticas estão entre 1.200 e 2.200 anos. Em conclusão, esses resultados sugerem que existiam misturas genéticas entre cada um dos grupos vizinhos no sul da Patagônia.

Os autores usaram o software qpGraph para modelar as relações entre diferentes grupos no sul da Patagônia:

Finalmente, a comparação dos genomas das populações atuais do sul da Patagônia com os indivíduos antigos mostra que todas as populações atuais compartilham mais alelos com os indivíduos antigos da mesma região, o que sugere uma certa continuidade genética.

Descoberta do mais antigo traço conhecido da presença humana nas Américas.

No sul do Chile, eles descobriram uma pegada humana que data de pelo menos 15.600 anos. Uma época que faria dessa pegada o mais antigo vestígio conhecido da presença humana nas Américas.
Foi em 2010 que a descoberta foi feita em uma camada de sedimento no sítio Pilauco, na Patagônia chilena. Localizado na cidade de Osorno, este sítio paleo-arqueológico foi escavado desde 2007 por cientistas que encontraram numerosos ossos de animais, bem como vestígios da presença humana. Mas nunca impressões digitais ainda.

Uma pegada deixada por um homem descalço
O traço foi visto perto de uma casa, mas levou muitos anos para os arqueólogos da Universidad del Sur de Chile confirmarem que o traço era realmente humano. Ao mesmo tempo, eles realizaram análises de datação no material vegetal orgânico identificado próximo à trilha. Os resultados revelados em um estudo publicado na revista PLoS ONE sugerem uma idade entre 15.600 e 16.000 anos.

"Outras pegadas humanas foram descobertas nas Américas", disse o geólogo Mario Pino, membro da equipe do jornal El Austral, "mas até agora nenhuma foi datada". No sítio vizinho de Monte Verde, ao sul de Osorno, uma pegada já havia sido identificada, mas seria cerca de 1.000 anos depois. Segundo os arqueólogos, a pegada foi deixada no solo lamacento por um homem descalço, pesando cerca de 70 quilos. Pertenceria à ichnospecies Hominipes modernus, uma espécie nomeada a partir de vestígios de fósseis geralmente associados ao Homo sapiens. Junto com a pegada, ferramentas de pedra e ossos de animais também foram encontrados, confirmando a pegada humana.

Uma migração para revisar
Se a pegada bate um novo recorde, também abala a história da chegada dos humanos às Américas. As teorias há muito sugerem que os humanos chegaram ao continente há cerca de 13.500 anos, seguindo uma rota que os levou da Sibéria à América do Norte através do Estreito de Bering. Um cenário cada vez mais refutado por descobertas arqueológicas.

Em 2016, pesquisadores na Flórida encontraram ferramentas de pedra e ossos de mastodontes que sugerem a presença humana na área há 14.500 anos. Outros descobriram projéteis no Texas de um estilo ainda desconhecido que remonta a cerca de 16.000 anos. Tantas pistas que o que os especialistas chamam de cultura Clovis não é das mais antigas do continente americano.

A descoberta dessa marca obriga mais uma vez a revisar a cronologia e o mapa das migrações que levaram o homem a colonizar a América. Também apóia uma teoria que sugere que os hominíneos podem ter feito outra passagem conhecida como "Estrada das Kelp", que os teria levado 16.000 anos atrás, se não mais, da Ásia para a América do Norte e depois para a América do Norte, América do Sul.

"Esta pegada humana descoberta em Pilauco, icnologicamente atribuída ao Hominipes modernus, acrescenta evidências novas e independentes à colonização do norte da Patagônia, como alguns defendem há mais de quarenta anos", concluem os arqueólogos em seu estudo.

A rota das algas

Os primeiros americanos podem ter seguido uma "estrada de algas marinhas" dos recursos marinhos por uma rota costeira da Sibéria ao Novo Mundo. Leitos de algas ricas em nutrientes como esses próximos a Crook Point, na costa do Oregon, atraem salmões e outras espécies marinhas que teriam ajudado os primeiros exploradores. A agora submersa Beringia Land Bridge uma vez conectou a Sibéria à América do Norte. Durante anos, a história padrão nos ensinou que os caçadores-coletores siberianos a cruzaram a pé quando as geleiras recuaram o suficiente, no final da última era glacial, para abrir um corredor sem gelo. E as pessoas caminharam por Beringia quando essa estrada se abriu. Mas eles provavelmente não foram os primeiros americanos.

Graças a um crescente corpo de evidências arqueológicas e genéticas, vários pesquisadores dizem que é cada vez mais provável que os primeiros humanos a chegar às Américas seguiram uma rota costeira, aproveitando ao máximo os recursos marinhos em uma "estrada de algas marinhas" que se estendia ao longo da orla do Pacífico Norte, da Ásia à América do Norte. E eles fizeram essa jornada muito antes que as geleiras recuassem para abrir a rota tradicional por terra para a Beringia.

Beringia
Ushki Lake ~13,000
Incipient Jōmon ~16,000 to 13,000
Ryukyu Islands
Bismarck Archipelago
SAHUL
Triquet Island ~14,000 (?)
Paisley Caves ~14,000
Channel Islands ~13,000
NORTH AMERICA
Page-Ladson ~14,500
Huaca Prieta ~15,000 to 14,50[illegible]
SOUTH AMERICA
Quebrada Jaguay ~13,000
Quebrada Tacahuay ~13,000
Quebrada Santa Julia and Quebrada Huentelauquén ~13,000
Monte Verde ~14,500
~30,000
~15,000
~20,000
~13,500
~23,000

Cerca de 16.000 anos atrás, alguém viajando ao longo da costa norte do Oceano Pacífico a leste da Sibéria teria se deparado com uma rodovia quase aberta ao nível do mar, com disparou contra peixes, crustáceos, algas marinhas, aves marinhas e outros recursos, e nada perigoso em mar aberto.

A especificidade da hipótese, juntamente com as descobertas arque-ológicas subsequentes que desafiam a cronologia de Bering, tem levado mais e mais pesquisadores a se perguntar se eles gostariam de permanecer no campo da migração por terra.

Por quase um século, a principal teoria da população humana das Américas era que os grandes caçadores de Clovis entraram na América do Norte no final do Pleistoceno ao longo de um corredor sem gelo entre as calotas polares canadenses. , cerca de 10.000 anos atrás

O que há de novo na hipótese da rodovia das algas marinhas, de acordo com os autores do comentário de hoje, é que ultrapassamos um ponto crítico, e a maior parte do campo agora acredita que os primeiros americanos o fizeram. Ele acompanhou esse bufê de algas marinhas "Pacific Rim" da Sibéria à costa norte-americana e além. O que a hipótese da "estrada das algas marinhas" traz para o modelo de migração da costa do Pacífico é a ênfase na dieta dos chamados aventureiros que usaram a costa do Pacífico para se estabelecer. América do Norte e América do Sul. Essa meta dietética foi sugeri-da pela primeira vez pelo arqueólogo americano Jon Erlandson e seus colegas em 2007.

Erlandson e seus colegas propuseram que os colonizadores ameri-canos eram pessoas que usavam pontas de seda ou projéteis de bastão para sustentar uma abundância de espécies marinhas, como mamíferos marinhos (focas, lontras marinhas e morsas, cetáceos (baleias, golfinhos e botos), pássaros marinhos e pássaros aquáticos, crustáceos, peixes e algas comestíveis.

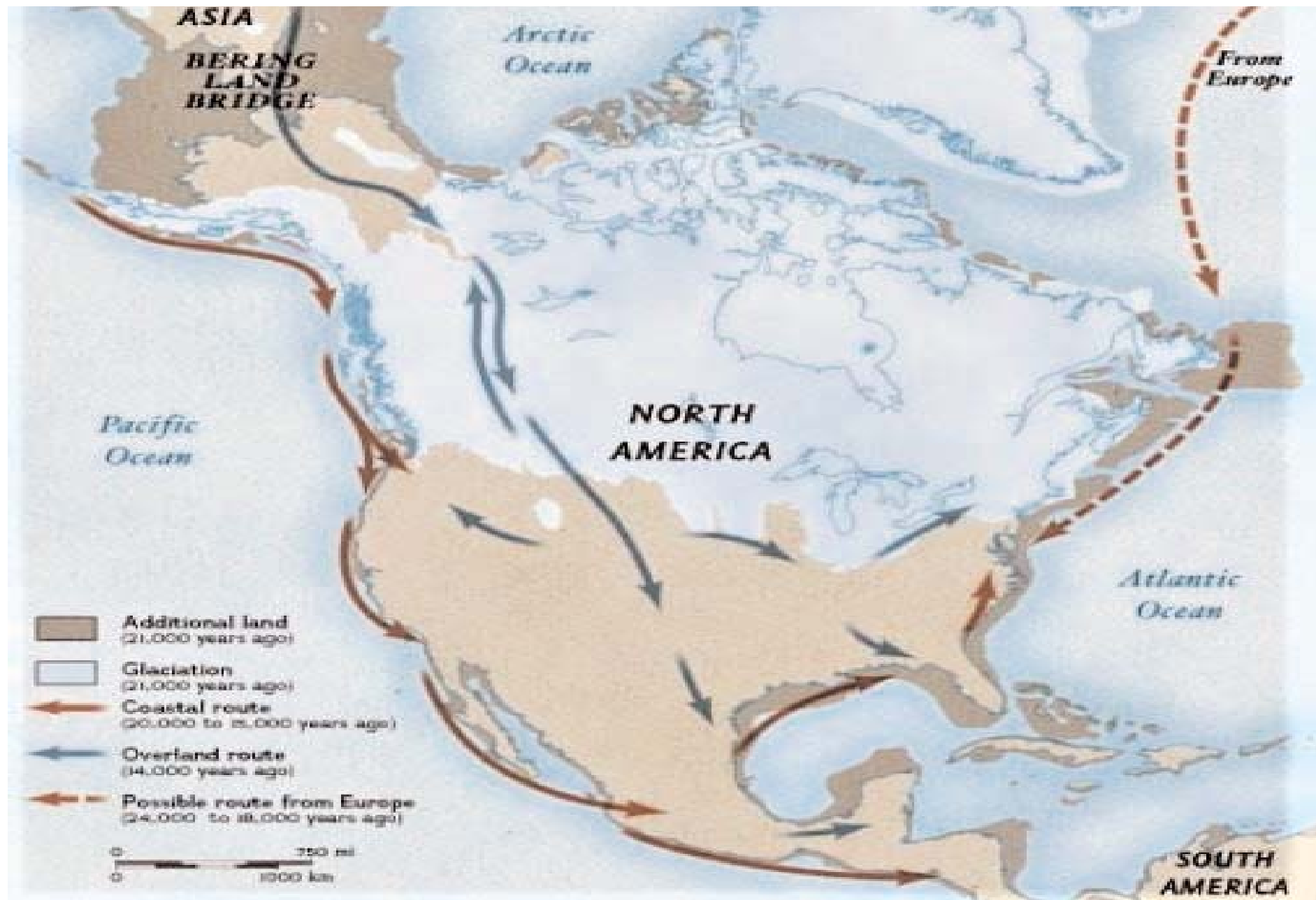
A tecnologia assistiva necessária para caçar, matar e processar mamíferos marinhos, por exemplo, deve incluir barcos, arpões e flu-tuadores em condições de navegar. Esses diferentes recursos ali-mentares são encontrados permanentemente em toda a orla do Pacífico. Embora a construção de navios tenha sido considerada uma habilidade bastante recente (os navios escavados mais antigos vêm da Mesopotâmia), os pesquisadores foram forçados a recalibrar isso. A Austrália, separada do continente asiático, foi colonizada por humanos há pelo menos 50.000 anos. As ilhas da Melanésia ociden-tal foram construídas há cerca de 40.000 anos e as ilhas Ryukyu, entre o Japão e Taiwan, há 35.000 anos.

À medida que esses primeiros americanos se mudaram para o sul da América Central, o ecossistema marinho teria mudado: mais tapetes de ervas marinhas, mas habitats de mangue, oferecendo meios de subsistência diferentes dos humanos adaptáveis que estavam usando. À medida que a hipótese da estrada das algas marinhas se torna cada vez mais plausível, a antiga ideia terrestre de Beringia como a única rota de migração enfrenta cada vez mais desafios.

Os defensores das algas marinhas sugerem que, já em 18.000 anos atrás, os caçadores-coletores asiáticos usaram a orla do Pacífico para viajar, alcançando a América do Norte há 16.000 anos e ao longo da costa, chegando a Monte Verde no sul do Chile em menos de 1.000 anos. Assim que as pessoas chegaram ao istmo do Panamá, seguiram caminhos diferentes, alguns ao norte ao longo da costa atlântica da América do Norte e outros ao sul ao longo da costa atlântica da América do Sul, além da estrada ao longo da costa do Pacífico da América do Sul que leva ao Monte Verde.

Os defensores também sugerem que a tecnologia de caça de grandes mamíferos de Clovis se desenvolveu como um método de subsistên-cia terrestre próximo ao istmo, 13.000 anos atrás, e se espalhou pelo centro-sul e o sul. - leste da América do Norte. Esses caçadores Clovis, descendentes de Pré-Clovis, por sua vez se espalharam para o norte por terra na América do Norte, eventualmente encontrando os descendentes de Pré-Clovis no nordeste do oeste dos Estados Unidos usando espinhos ocidentais. Foi só então que Clovis coloni-zou o corredor finalmente sem gelo para se fundir com a Beringia oriental.

Mas a hipótese da estrada das algas marinhas e o modelo de migração da costa do Pacífico são uma rica fonte de pesquisas futuras para determinar como as pessoas se mudaram para novos territórios, descobrindo os locais costeiros da vida marítima que são hoje. 'hui mergulhou 50-120 m abaixo do nível médio do mar devido ao aquecimento global.

Existem fortes evidências arqueológicas no sítio de Monte Verde, no Chile, de uma presença humana na costa da América do Sul, pelo menos 14.500 anos atrás, e potencialmente 18.000 anos atrás, no sítio Pilauco na Patagônia chilena. . E na Flórida, no ano passado, os pesquisadores encontraram evidências de uma área de matança gigante com cerca de 14.550 anos.

O mapuche

(literalmente "Gente da terra" em Mapudungun) são uma etnia e povos indígenas do Chile e da Argentina que formam várias comunidades, também conhecidas pelo nome de Araucanos (este sobrenome foi dado pelos espanhóis aos nativos que originalmente habitavam o Região Histórica da Araucanía) A rigor, o termo Mapuche se refere aos ameríndios que residem em Araucanía ou Arauco, coincidindo aproximadamente com a atual região administrativa chilena de Araucanía, ou seja, os araucanos e seus descendentes; Em um sentido mais amplo, o termo abrange todos aqueles que falam, ou falaram anteriormente, a língua mapuche ou mapudungun, incluindo vários grupos indígenas que entre os séculos XVII e XIX sofreram o chamado processo de araucanização em decorrência da expansão araucana. da Araucanía original (no atual Chile) às áreas a leste da Cordilheira dos Andes (isto é, na atual Argentina).

No Chile, eles vivem principalmente nas áreas rurais da região de Araucanía, bem como na região de Los Lagos e na região metropolitana de Santiago (a capital, Santiago do Chile). É estimado em cerca de 200.000 na Argentina, distribuídos principalmente na província de Neuquén, mas também na de Río Negro e Chubut. As outras populações indígenas menores no Chile são Aymara e Rapa Nuis. Nas províncias chilenas de Osorno e Chiloé, está estabelecido o povo Huilliche. Ocasionalmente, os Huilliches de Chiloé preferem chamar os próprios Veliches, assim como a variante da língua Mapudungun que usaram até o final do século XIX.

Nas províncias chilenas de Malleco e Cautín, os nomes de Nagche, 'gente de baixo' são usados para os habitantes do Vale Central e Wenteche, 'gente de cima', para aqueles que vivem na Pré-cordilheira andina; Esses dois nomes têm um significado territorial e não cultural.

As etnias indígenas habitam o solo de Neuquén há milhares de anos. Restos como pinturas rupestres e gravuras das culturas mais antigas ainda estão preservados.

Os últimos grupos que habitaram o território de Neuquén, antes da conquista, foram os Puelches, os Pehuenches e os Mapuches.

Puelches

Receberam este nome do Mapuche chileno, porque significa "povo do Oriente". Agrupados em tribos chefiadas por um chefe, eram monogâmicos, embora chefes e figuras importantes possam ter várias esposas.

Eles viviam em tendas, que carregavam de um lugar para outro. Eles dormiram em peles de ovelha. Eles estão vestidos com coturnos, poncho e botas de couro. As mulheres prendiam os cabelos em duas longas tranças e se cobriam com mantas amarradas na cintura com cintos coloridos.
Entre suas armas estavam as boleadoras, amarradas na cintura, e a funda e a lança, que usaram contra os espanhóis durante a conquista, principalmente depois que começaram a cavalgar. Como arma de defesa, eles também usavam uma espécie de capacete e escudo de couro cru.

A língua mapuche prevaleceu sobre as línguas de culturas anteriores.
Eles eram polígamos. O número de esposas variava de acordo com sua riqueza.

Outras novas hipóteses também foram formuladas sobre a origem da etnia Mapuche, mostrando que o atual território chileno teria sido habitado, antes do advento da cultura Mapuche, por grupos de colecionadores que, sem ter um local fixo de residência, ocupavam certas áreas, de forma estável, viviam da caça de guanacos e huemul, além da coleta de moluscos, frutos e sementes. Postulava-se que esses grupos eram a base da população mapuche, e que um desses grupos se impunha aos demais e sabia impor sua linguagem e crenças. No entanto, ainda não é possível indicar com precisão como se formou essa etnia, as evidências disponíveis permitem especificar apenas que por volta dos anos 500 e 600 anteriores. DC, havia uma cultura que pode ser seguida com certeza no tempo aos Mapuches dos séculos posteriores.

Na Argentina, os mapuches ou araucanos são os povos indígenas mais numerosos, embora seu número seja cerca de dez vezes menor do que no Chile.

Os mapuches primeiro tiveram que enfrentar os objetivos expansionistas dos incas, que certamente conseguiram subjugar os grupos mapuches do norte, chamados de picunches pelos historiadores, mas depois foram barrados pela resistência mapuche na altura do rio Maule (cerca de 250 km de distância , como se em linha reta, ao sul de Santiago), após a dura derrota de Túpac Yupanqui no final do século XV; depois, no século 16, às tentativas de conquista dos conquistadores espanhóis, que haviam acabado de derrubar o Império Inca (e ao mesmo tempo subjugado os Picunches) e encontraram diante deles os demais Mapuches estabelecidos entre o vale do Aconcágua e o centro da ilha de Chiloé.

Os Mapuche tiveram que enfrentar a expansão do Império Inca ou Tawantisuyo, cujo impulso se fez sentir a partir do século XV, com a extensão ao sul da região sul de Collasuyo, uma das quatro regiões ou direções.

Os incas chamavam Promaucaes ou Purumaucas ou mesmo purum aucca a essas populações ainda não submetidas ao seu império. Começaram por colocar sob sua tutela alguns povos do Vale do Chile, que doravante deveriam prestar sua homenagem. A guerra que esta campanha deu origem ao sul opôs, ao sul do rio Maule, 20.000 Yupanqui Incas e um número aproximadamente igual de Mapuches. A tribo Picunches, chamada de Promaucaes pelos espanhóis, ao saber da chegada dos Incas, concluiu uma aliança com os Antallis, os Cauquis e os Pincus.

Os Incas enviaram emissários para negociar e fazer os Promaucaes reconhecerem Túpac Inca Yupanqui como soberano. Os Promaucaes, porém, preferiram lutar e enfrentarão os Incas por três dias, evento conhecido como Batalha de Maule. A batalha causou um grande número de mortes de cada lado, sem exércitos vitoriosos. No quarto dia, decidiu-se não competir. Os Promaucaes retiraram-se do campo de batalha cantando vitória. Os Incas, que inicialmente cogitaram prolongar as operações e perseguir seus adversários, para garantir as conquistas até então alcançadas, acabaram resolvendo não avançar seu avanço, mas limitar-se a fortalecer suas posições e administrar os territórios já conquistados por eles. mais ao norte, onde os novos povos vassalos aceitaram de bom grado a tutela inca e poderão tirar proveito dela.

As crônicas ainda mencionam que na década de 1520, os dois filhos do Inca Huayna Cápac, Huáscar e Atahualpa, lutaram pelo Império em uma feroz guerra civil, que contribuirá para enfraquecer o exército Inca em território Mapuche, obrigando-os a abandonar suas posições. e volte mais ao norte para defender o resto do território conquistado pouco antes em condições mais seguras.

Sua principal atividade econômica era a agricultura, praticada em regime de agricultura migratória. Eles também estavam envolvidos na criação de lhama e estavam familiarizados com a cerâmica de grés.

Os mapuches (ou araucanos) nunca formaram um povo unido, mas se apresentaram como uma justaposição de tribos que falavam uma língua comum, o mapudungun. O conceito de nação Mapuche só começou a surgir no final do século XIX, durante o processo de conquista dos territórios Mapuche pelo Chile e pela Argentina.

O território reivindicado pelos Mapuche é por eles denominado Mapuche Wallontu Mapu, ou mais simplesmente Wallmapu ('terreno circundante, circundante'), e é dividido em duas partes, separadas pelo Pire Mapu (ou cordilheira dos Andes): o Ngulu Mapu e o Puel Mapu. Essas duas partes são subdivididas por sua vez em porções de território chamadas fütanmapus (ou butanmapus), que coincidem em certa medida com as butanmapus (confederações militares) da guerra de Arauco.

Os principais municípios araucanizados estão listados abaixo:

os Chonos: vivendo ao sul de Chiloé (arquipélago de Chonos), foram levados por missionários às ilhas e adotaram o modo de vida Huilliche. Presume-se que os Payos possam ter sido mais tarde mapuchizados Chonos.
os Poyas, incluindo os Vuriloches, depois "poyuche": viveram, e seus descendentes ainda habitam, principalmente nas áreas montanhosas do sul da província argentina de Neuquén e do noroeste da província de Río Negro.

os Puelches ('povo do leste'): se os mapuches deram este nome a diferentes grupos a leste dos Andes, é comum em espanhol designar com este termo aqueles que se autodenominam gününa küne. Eles foram agrupados em famílias extensas, chefiadas por um chefe. As famílias praticavam a monogamia, embora caciques e pessoas importantes pudessem ter várias esposas. Eles eram altos e de rosto comprido, que costumavam deformar artificialmente em seus bebês.

Seu modo de vida era nômade e seu principal alimento era obtido do guanaco e do ñandú, que caçavam com arco e flecha e com boleadoras. Por outro lado, coletaram raízes e sementes e souberam preparar bebidas alcoólicas. Eles se refugiavam em toldos (tendas) feitos de peles, e sua vestimenta era o quillango, um casaco de pele feito com pele de guanaco, os cabelos voltados para dentro, que decoravam com desenhos geométricos na face externa. Eles amarraram o cabelo com uma faixa na cabeça e usavam mocassins de couro. Eles também costumavam pintar o rosto em certas ocasiões.

os Ranqueles (rangkülche, 'gente da cana' ou 'gente da cana'): os Ranquels surgiram da mapucização de grupos aparentemente ligados aos Puelches. No século XIX, principalmente na época do cacique Calfucurá, tiveram um papel muito ativo nas guerras e incursões contra a população argentina na província de Buenos Aires.
os Tehuelches: viviam na Patagônia, ao norte do Estreito de Magalhães, principalmente no que hoje é território argentino. Os mapuches referiam-se a todos os tsoneks, chamados patagones pelos espanhóis, pelo nome de Chewelche, "povo valente", pela resistência que se opunham à expansão mapuche para o leste dos Andes. Sua estrutura sociopolítica era a linhagem, ou seja, baseada no reconhecimento das linhagens, cada uma liderada por um chefe e apoiada por xamãs. Suas crenças religiosas simples postulavam a presença em seu mundo de espíritos benevolentes que causam alegria e espíritos malignos que causam danos e doenças.

Enterravam os mortos e com eles seus pertences em sepulturas escavadas no solo ou em cavernas que cobriam com pedras. Sua economia dependia da caça de guanacos e emas, para os quais se serviam de suas famosas boleadoras, e da coleta de todo tipo de raízes e sementes silvestres. Vestiam capas de pele de guanaco amarradas na cintura com bandana e cobriam os pés com uma espécie de mocassim de couro muito grosso.

Alguns autores classificam os Patagones como um ramo Mapuche; outros, ao contrário, consideram que diferenças culturais, como p. antigo. a linguística, entre patagônios e mapuches, tem uma importância paralisante. É verdade que a relação entre Tehuelches e os araucanos era continuamente beligerante. Os tehuelches do norte, inferiores em número e em táticas de combate, não tiveram outra saída, em face da invasão mapuche de Comahue e da região pampeana, que recuar para o sul; a maioria dos sobreviventes deixados lá serão aculturados.

Espiritualidade

O NGUILLATUN, durante o qual são feitas orações a NGUENECHEN, o senhor dos índios, "dono do povoado", é um dos mais famosos. Durante esta celebração, vários ritos são realizados, incluindo a chamada dança loncomeo. Uma de suas figuras era o choique purrún, no qual os dançarinos imitavam os movimentos do ñandú ou choique.

A intervenção do machi ou do xamã, uma espécie de médico ou feiticeiro, foi fundamental. Ela era responsável pela cura usando ervas e outros procedimentos, como feitiços, sacrifícios de animais e baforadas de fumaça. A cerimônia aconteceu em um vale, onde ergueram um altar que chamaram de rehue com estacas ou gravetos plantados.

As cores dos nguillatúns são o azul (do céu) e o amarelo (do sol). Às vezes também usavam verde (grama).

Instrumentos musicais indígenas

O clima inóspito e a luta para sobreviver nesta terra nevada por tantos meses dão à música um caráter doloroso onde a paixão é cruel e desesperada. A paixão não pode ser expressa nem com choro nem com amor. Daí a simplicidade de seus instrumentos musicais e o fato de a música araucana ser repleta de gemidos e angústias. Eles usaram vários instrumentos musicais: cultrun, trutruca, pifilca, orquin, quinquer-cahue ou violino araucano.

Cultrun: tambor feito de uma peça oca de madeira, em forma de tímpano. É forrado com pele de cavalo bem cuidada. É cravado com um único pau, cujo cabo é decorado com fios coloridos.

Pifilca: flauta de madeira ou osso. É curto e parece um apito. Eles o penduram no pescoço com uma corda. Atualmente, é esculpida em pedaços de madeira de 30 a 40 centímetros. A extremidade inferior do tubo é fechada e os orifícios abertos até a metade do comprimento. Ele emite um único som e essa única nota é mixada ao longo de uma música ou peça instrumental sem qualquer relação rítmica ou melódica com o resto.

Trutruca: Este instrumento é feito com uma bengala colihue com comprimento de até quatro metros. Ele é cortado ao meio para torná-lo oco. As duas metades são então amarradas com um fio de lã e embrulhadas em tripas de cavalo. Um chifre de vaca é colocado em uma extremidade e soprado na extremidade oposta. Seu som é como o rugido de um touro e representa a força da tribo. É um dos dois tipos de aerofones grandes que existem em nosso país (o outro é o erke)

Quinquercahue: tinha dois arcos (geralmente costelas) completados por uma única corda de crina. Era tocado colocando um dos arcos, o corpo do violino, contra os incisivos superiores com a mão esquerda. A mão direita, por sua vez, passou a corda do outro arco, a do violino, sobre a anterior, produzindo um som lamentoso e doloroso.

Lolquin: semelhante à trutruca, mas muito menor. É feito com a cana-de-cardo, chamada troll.

Clarín: já era conhecido desde a chegada dos espanhóis e imitado com materiais locais (cana vegetal e madeira)

Cullcull: Foi o clarim que foi usado como alarme em caso de emergência ou guerra. Era feito de chifres de boi.

Pinquilhue: desde os tempos antigos, era uma espécie de flauta feita com base de colihue.

Caquel cultrum: é um tambor feito com o corte oco de um tronco.

Huala: uma espécie de maracá, feito com uma cabaça que ressoa com sementes secas e às vezes pedrinhas dentro.

Cada Cada: grandes conchas que ressoam esfregando suas bordas e rostos arranhados. Vários dos instrumentos mencionados são geralmente tocados juntos durante as cerimônias rituais: nguillatunes e machitunes.

Genomas antigos na Ilha de Páscoa

A Ilha de Páscoa (Rapa Nui) desempenha um papel central no debate sobre os possíveis contatos pré-europeus entre polinésios e nativos americanos. A descoberta da batata-doce na Polinésia por volta do ano 1000 é um forte argumento a favor desse contato. Além disso, um estudo recente sobre o genoma dos atuais habitantes da Ilha de Páscoa mostrou que eles tinham aproximadamente 6% de ancestrais nativos americanos. Os paleogeneticistas acabam de publicar um artigo intitulado: Rapanui Genetic Ancestry Before and After European Contact. Eles analisaram o genoma de 7 esqueletos da Ilha de Páscoa, parte dos quais datam de antes da chegada dos europeus em 1722. Os autores obtiveram resultados para cinco desses indivíduos antigos, três dos quais datam de antes da chegada. Europeu, e os

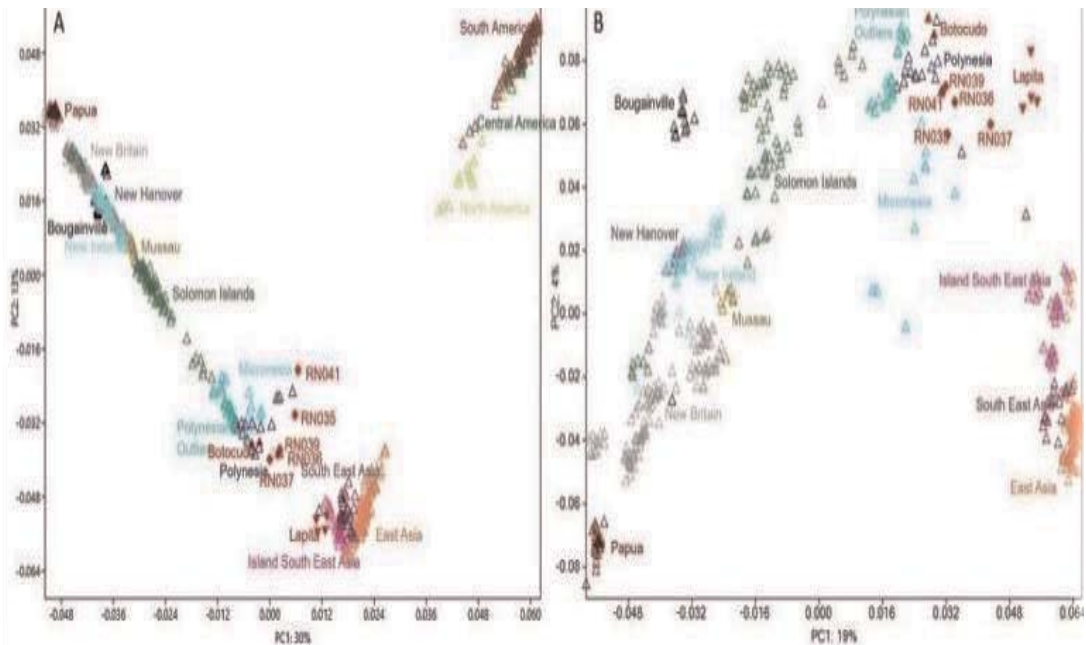
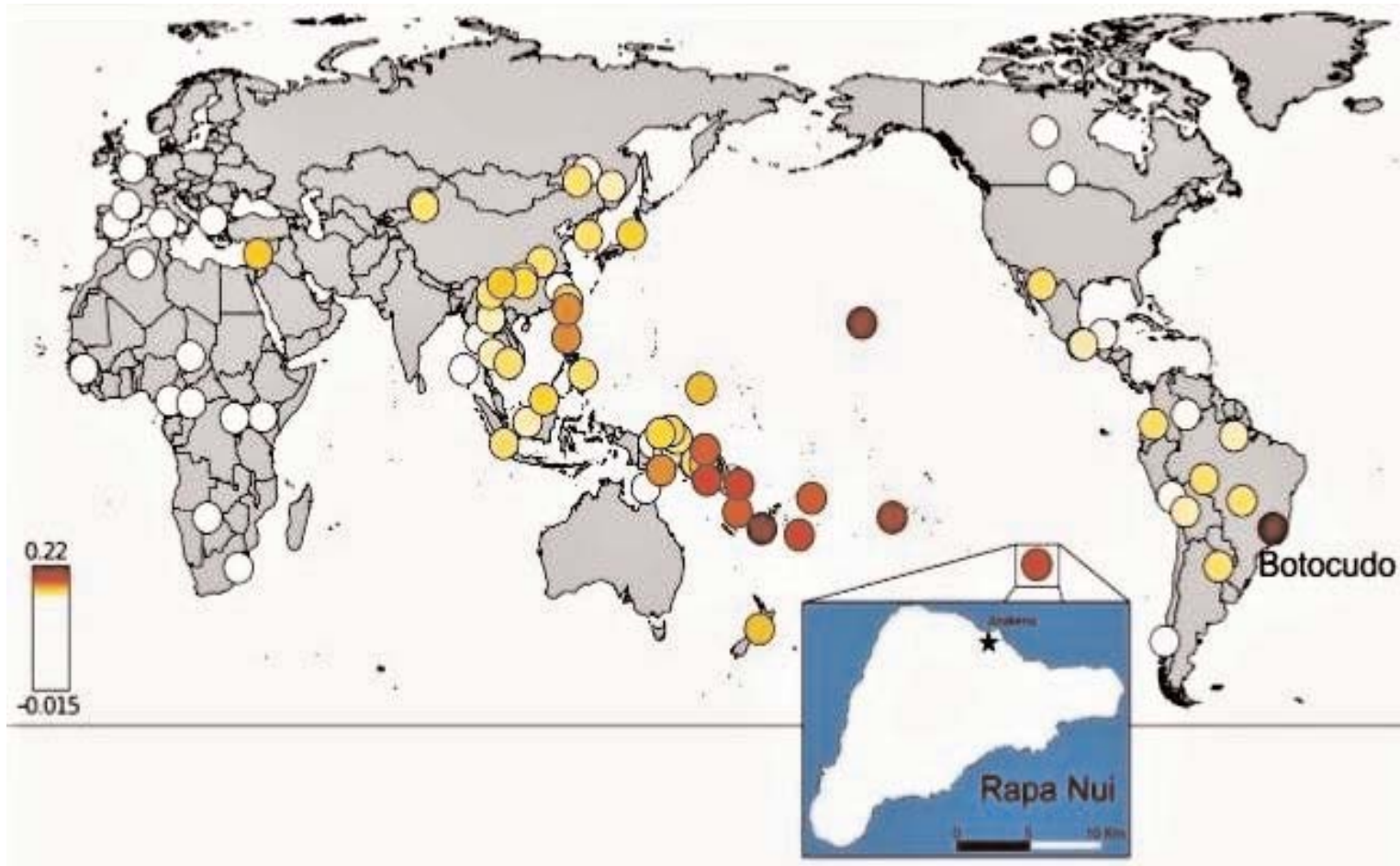



Table 1. Radiocarbon Dates and DNA Sequencing Results for Five Ancient Rapanui Samples

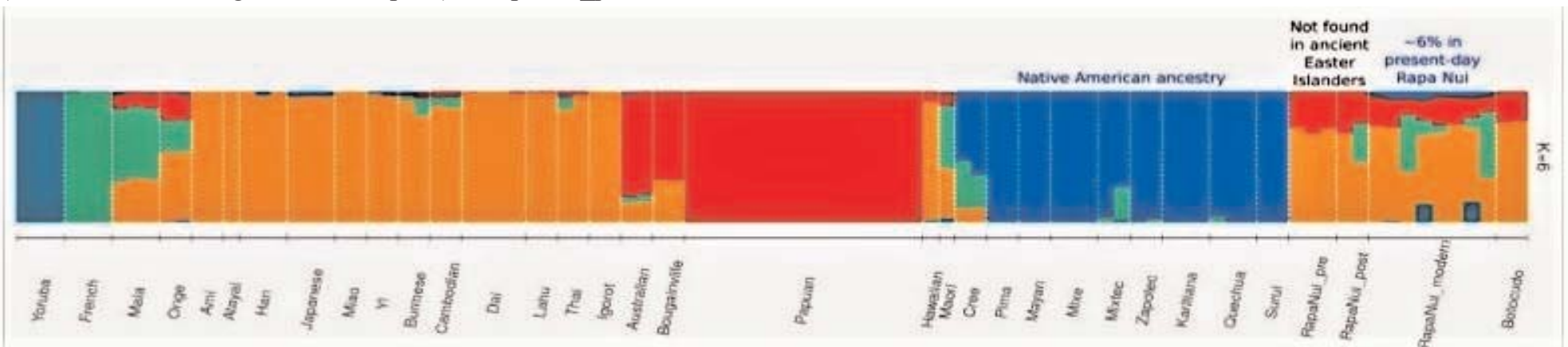
Sample	Date	Mapped Reads	Genome Coverage	Covered SNPs Human Origins	Covered SNPs SGDP	mtHG	Sex	mtContamination (Average)	Damage
RN035	1445–1620 CE	223,312	0.0041	2,402	35,629	B4a1a1	XY	0.57%	14%
RN036	1458–1624 CE	45,212	0.001	459	8,368	B4a1a1m1	XY	0.04%	16%
RN041	–	101,754	0.002	746	14,622	B4a1a1m1	XY	0.78%	19%
RN037	1815–1945 CE	24,162	0.0004	104	4,060	B4a1a1m1	?	9.46%	12%
RN039	–	36,518	0.001	369	6,658	B4a1a1	XY	0.35%	11%

dois últimos de acordo com:
Quatro desses cinco indivíduos são homens. O sexo do quinto indivíduo não pôde ser determinado. Todos esses indivíduos carregam o haplogrupo mitocondrial polinésio típico: B4a1a1.

Os autores então realizaram uma análise de componente principal para comparar esses indivíduos antigos da Ilha de Páscoa (diamantes vermelhos abaixo) com as populações atuais e com dois indivíduos antigos do Botocudo no Brasil (triângulos vermelhos voltados para cima), mas com indivíduos polinésios e antigos lapitas. cultura (triângulos vermelhos para baixo) na Oceania:

Os resultados mostram que os antigos indivíduos da Ilha de Páscoa estão agrupados com os antigos e atuais polinésios. Esses resultados são confirmados pela estatística f3, conforme mostrado na figura a seguir:

Assim, os três indivíduos antigos da Ilha de Páscoa datados de antes da chegada dos europeus têm cerca de 80% de ancestralidade asiática (em laranja) e 20% de ancestralidade papua (em vermelho) de forma semelhante aos atuais polinésios e ex-indivíduos do botocudo. . Eles não têm ascendência ameríndia (em azul) ao contrário dos atuais habitantes da Ilha de Páscoa (RapaNui_modern) que têm entre 5 e 9%. Um dos dois indivíduos antigos da Ilha de Páscoa datado após a chegada dos europeus tem aproximadamente 20% de ancestralidade europeia (em verde).

Além disso, a estatística D confirma que os antigos indivíduos da Ilha de Páscoa datados de antes da chegada dos europeus não têm ascendência nativa americana.

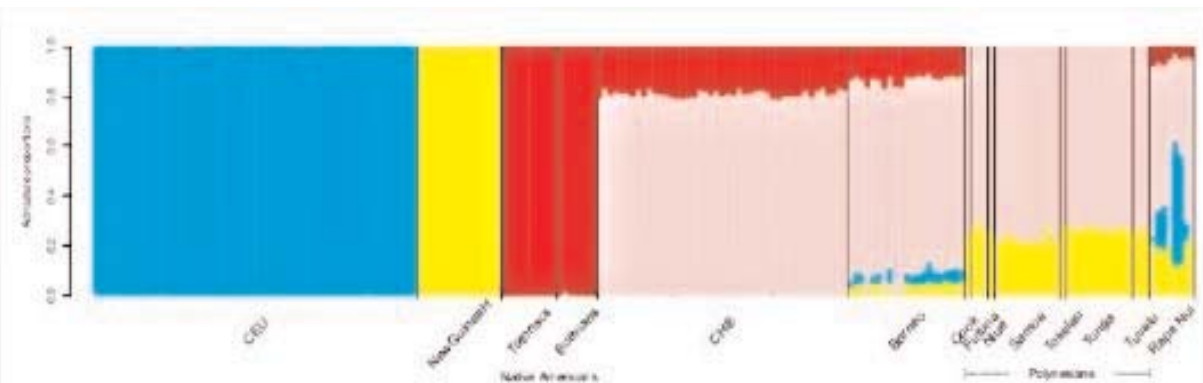
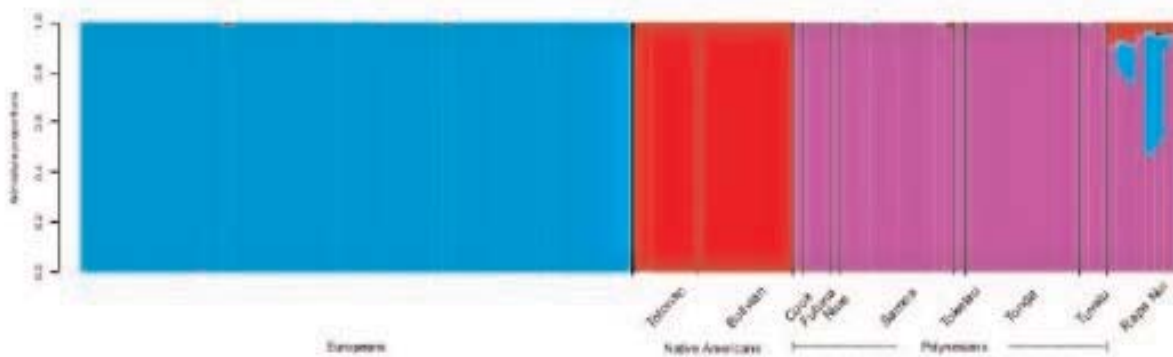
Posteriormente, os autores realizaram uma análise com o software ADMIXTURE, cujos resultados ótimos foram obtidos para K = 6. Abaixo dos indivíduos antigos da Ilha de Páscoa estão RapaNui_pre (datado antes da chegada dos europeus) e RapaNui_post:

Ascendência nativa americana entre os Rapanui da Ilha de Páscoa

A Polinésia é definida pelas ilhas do Pacífico que se estendem entre a Nova Zelândia ao sul, o Havaí ao norte e a Ilha de Páscoa (Rapa Nui) a leste. Este último está localizado a 3700 km a oeste da América do Sul. Possui uma área de 163 km2. Hoje é aceito que a Polinésia foi colonizada após a expansão austronésica que se originou em Taiwan e nas Filipinas há cerca de 5.000 anos. Este é caracterizado por uma identidade linguística, uma cultura específica chamada Lapita e um tipo particular de navio. A colonização de Tonga e Samoa foi estimada por volta de 800 AC. C. JC. e todas as ilhas da Polinésia entre 1200 e 1300 DC. Assim, a Ilha de Páscoa foi colonizada por volta do ano 1200 por uma população estimada entre 30 e 100 indivíduos.

Os Rapanuis se distinguem por uma cultura arqueológica específica formada por plataformas de pedra gigantes (ahu), nas quais estátuas de pedra monumentais (moai) são colocadas. Cerca de 900 estátuas estão registradas na ilha.

A Ilha de Páscoa foi descoberta pelos ocidentais no domingo de Páscoa de 1722. Esse contato deu início a um período dramático na história dos Rapanuis, que incluiu, em particular, a exposição dos nativos às doenças trazidas pelos ocidentais, depois o tráfico de escravos pelos peruanos no Década de 1860. Estimou-se que a população da ilha, estimada na chegada dos ocidentais em cerca de 4.000, diminuiu para apenas 110 habitantes. Uma consequência desses contatos foi também a introdução do fluxo gênico na população nativa.

A origem exata da população Rapanui permanece indefinida. De fato, se a dispersão austronésica atingiu a Ilha de Páscoa, certos indícios apontam para o contato com populações ameríndias, em particular a presença de culturas como a batata-doce ou a abóbora antes da chegada dos europeus. Por outro lado, no Chile foram encontrados restos de galinhas com assinatura genética polinésia datadas de antes da chegada dos europeus.

Os paleo-geneticistas publicaram um artigo intitulado: Os padrões de ancestralidade do genoma em Rapanui sugerem uma mistura pré-europeia com os nativos americanos. Eles analisaram o genoma de 27 indivíduos Rapanuis em mais de 650.000 SNPs autossômicos. Esses dados foram comparados com genomas de indivíduos de outras populações: europeus, Papua-Nova Guiné, ameríndios, asiáticos e outros polinésios.

Os autores usaram o software ADMIXTURE. A figura a seguir fornece o resultado para um valor do parâmetro K = 4. O componente europeu está em azul, o componente papua em amarelo e o componente ameríndio em vermelho. Os polinésios são constituídos por uma ascendência majoritária rosa e uma ascendência minoritária papua:

Os Rapanuis estão à direita da figura. Embora sejam muito semelhantes aos polinésios, eles contêm uma pequena proporção de ancestrais nativos americanos em vermelho e ancestrais europeus em azul. Os autores então restringiram as populações a europeus, nativos americanos e polinésios. O software ADMIXTURE para K = 3 fornece o seguinte resultado:

A ancestralidade nativa americana entre os Rapanui é então de 6% em média e a ancestralidade europeia em torno de 16%. No entanto, a ancestralidade ameríndia é mais homogênea do que a europeia entre os Rapanui, provavelmente um sinal de maior antiguidade.
Essa ascendência nativa americana entre os Rapanui não significa que houve contato pré-colombiano entre a Ilha de Páscoa e a América do Sul. Para isso, é preciso datar as misturas genéticas ameríndias e europeias entre os Rapanuis. Portanto, os autores usaram o software RFmix. Eles mostraram que os segmentos de DNA dos nativos americanos em Rapanuis são mais curtos do que os segmentos de DNA europeus, indicando uma maior antiguidade da mistura genética dos nativos americanos.

Os autores então modelaram as misturas de genes ameríndios e europeus em Rapanuis e determinaram a probabilidade das distribuições de comprimento dos segmentos de DNA ameríndios e europeus em função dos tempos de mistura de genes em Rapanuis. A figura a seguir mostra essa distribuição em função dos tempos de mistura genética:

Esses resultados mostram que o contato entre os Rapanui e os índios data de antes da chegada dos europeus à Ilha de Páscoa. No entanto, não se sabe como surgiu essa mistura genética. Existem dois cenários possíveis: os nativos americanos navegaram para a Ilha de Páscoa ou os polinésios foram para a América do Sul e voltaram para a Ilha de Páscoa. No entanto, o segundo cenário é o mais provável, considerando as habilidades de navegação das duas populações.

ILHA DE PASCOA

A civilização desaparecida, a população de Pascuan, na época da descoberta da ilha, está dividida em uma dezena de clãs diferentes sobre os quais reina um rei. O primeiro deles teria sido um certo Hotu Matua, que chegou com sua esposa e seus companheiros de outro atol polinésio em meio à guerra.

Na década de 1950, o navegador norueguês Thor Heyerdahl argumentou que os primeiros habitantes desta terra eram descendentes de peruanos (os chamados homens de orelhas compridas) e que uma segunda onda de imigração chegou à Polinésia pouco antes da descoberta. da ilha. Que evidência temos, além desta história, para apoiar a teoria do contato Inca?

O historiador peruano José Antonio del Busto apresenta mais de trinta evidências para apoiar sua ideia. Entre outros:

* Existe em Mangareva (assim como nas Ilhas Marquesas) uma lenda interessante, que conta a história de um rei chamado Tupã, que veio do oriente em jangadas, trazendo ourives, cerâmicas e têxteis.
* O filho do Grande Inca, na Ilha de Páscoa, teria se autodenominado "Mahuna-te Ra'a", que significa "filho do sol" ... O que une os nomes clássicos dos Incas e suas crenças segundo os Os chefes incas são os descendentes do deus sol.
* Conta-se também que, em seu retorno ao Peru, Tupac Yupanqui trouxe gente de pele negra e objetos desconhecidos que mais tarde foram guardados na fortaleza de Sacsayhuaman.
* Um mito de Rapa Nui conta que um dia navegadores de origem e cultura desconhecidas chegaram à Ilha de Páscoa. Eles eram fisicamente muito diferentes: maiores e mais robustos, eles também tinham os lóbulos das orelhas mais alongados ... Esta última característica física os aproximou dos Incas da alta sociedade.
* Indo um pouco mais longe esta lenda, os últimos Moaïs podem ser considerados representações dos Incas: nariz pontudo, lábios finos, queixo proeminente… características típicas dos Incas! * * O pukao representaria o Inca llautu: um turbante que apenas o Inca e seu guarda podem usar, um sinal de elite, bem como as orelhas alongadas.
* Segundo o historiador francês Jean Hervé Daude, as plataformas (ahu) de Vinapu são construídas segundo o mesmo modelo das "Chullpas de Sillustani" do Lago Titicaca no Peru e das paredes de Cuzco.
Infelizmente, a parede de Ahu Tahira foi danificada com dinamite pela tripulação do USS Mohican em 1886, em busca de ouro e materiais preciosos (para finalmente encontrar apenas alguns ossos…).
* Para o arqueólogo Sergio Rapu, os olhos dos Moaïs constituem um elo entre as culturas Rapa Nui e Inca: a técnica por trás desses olhos de obsidiana e coral também é encontrada entre os Mochicas.
* Estudos genéticos, conduzidos por Jean Dausset, argumentariam que os antigos Rapa Nuis têm o mesmo DNA que os nativos sul-americanos. Mas este estudo genético tem sido controverso: estudos mais recentes de DNA ligam os habitantes das ilhas de Páscoa aos polinésios. E, geneticamente falando, estes últimos estão mais próximos dos asiáticos do que dos sul-americanos. Mas essa tese dificilmente encontra eco hoje. A única certeza em relação aos habitantes da Ilha de Páscoa parece ser seu parentesco com os polinésios.

Cerca de trinta soberanos sucederam Hotu Matua até 1862. Um segundo rei, ou líder militar, também é eleito a cada ano após uma cerimônia religiosa dedicada à cabeça de um Homem-pássaro na primavera. Os recursos e a configuração da ilha explicam que a sociedade pascal é formada principalmente por pescadores e agricultores. Muito hierárquico, é continuamente atormentado por lutas violentas e o canibalismo é uma prática comum. Mas foi uma grande invasão de escravos em 1862, por traficantes de escravos peruanos, que desferiu um golpe fatal dizimando quase todos os seus habitantes. Hoje a Páscoa original praticamente desapareceu, e a Ilha de Páscoa, com cerca de 2.000 habitantes, nada mais é do que um departamento do Chile, que a anexou em 1888.

Continua enigmático e não é possível dizer com certeza se se trata de edifícios erguidos em homenagem aos mortos ou ídolos. Alguns autores acreditam que essas estátuas teriam a missão de proteger a ilha, mas o fato de essas estátuas estarem orientadas para o interior da terra, e não para o mar, não torna essa hipótese crível. Esses são resquícios de um continente perdido?

Os habitantes das ilhas de Páscoa de hoje, mais ou menos misturados, dizem que essas estátuas representam ancestrais poderosos, iniciados e manejadores de mana, um poder mental específico. Vários especialistas apóiam a tese de que os MOAIs foram construídos pelos herdeiros da Lemúria, um mundo altamente civilizado equivalente à Atlântida, mas localizado no Oceano Índico.

Outros veem nela os vestígios da civilização avançada de Mu e, finalmente, uma terceira hipótese seria a de que a Ilha de Páscoa teria sido uma espécie de posto avançado da civilização atlante no Pacífico.

Eles são visitantes celestiais?
O que permitiu a alguns autores muito imaginativos ver a influência de alienígenas altamente evoluídos ali, e iniciar os nativos no passado. Para eles, o MOAI seria, portanto, uma representação desses visitantes do espaço ... estátuas gigantes, chamadas "moai".

Vamos voltar para a terra! Os Rapanuis, nativos da Ilha de Páscoa, embarcaram na construção megalítica logo após sua chegada no século XIII. Eles fizeram um total de quase 1.000 estátuas (moai), das quais 400 ainda estão, abandonadas, em sua pedreira original em Rano Raraku. Centenas de outras foram movidas e instaladas em terraços retangulares de pedra (ahu) espalhados por toda a ilha, geralmente perto da costa. Entre os séculos 18 e 19, todas as estátuas colocadas em ahu foram derrubadas, supostamente durante as guerras de clãs. Desde então, um pequeno número deles foi treinado novamente em sua plataforma.

Os últimos estudos científicos dizem que os monólitos foram esculpidos para promover a fertilidade do solo e a agricultura. E não apenas do ponto de vista simbólico. O trabalho dos pesquisadores se concentrou em dois monólitos localizados na região interna da pedreira Rano Raraku, fonte de 95% dos mil moai da ilha. Uma análise mais detalhada mostra vestígios de alimentos como banana, taro e batata-doce. Prova, segundo os pesquisadores, de que o local servia tanto como pedreira quanto como local de produção agrícola. Por que as estátuas enigmáticas da Ilha de Páscoa foram colocadas ali ao longo da costa? Os pesquisadores nos dão uma pista: água.

Surpreendente para uma ilha onde não corre rio ... Os monólitos da Ilha de Páscoa foram erguidos perto de nascentes de água, particularmente preciosas nesta terra sem rios. Porque as águas subterrâneas são a única reserva de água possível na ilha.

O MOAI

Parados ali, imóveis, por centenas de anos, os Moai se tornaram um símbolo de Rapa Nui, mais conhecida como Ilha de Páscoa. Mas por que e como esses monólitos esculpidos enigmáticos foram erguidos? Embora os especialistas concordem que as estátuas testemunham certa engenhosidade humana, o mistério está longe de ser resolvido.

Várias teorias foram propostas para justificar a construção de cerca de 1.000 Moai pelos Rapanuis. Um deles, publicado no início de 2019 na revista PLoS One, sugere que a localização dos colossos teria servido para indicar as preciosas fontes de água da ilha. Hoje, porém, é uma hipótese completamente diferente a de que os pesquisadores avançam no Journal of Archaeological Science.

Segundo o estudo, a exploração da rocha e a construção dos gigantes visavam, na verdade, promover a fertilidade do solo, a agricultura e, portanto, a produção de alimentos nessas terras isoladas a cerca de 3.500 quilômetros da costa do Chile.

O solo mais fértil da ilha.
Esta conclusão é o resultado de cinco anos de escavações realizadas na pedreira do vulcão Rano Raraku. Este local é considerado a origem de 95% dos Moai e alguns ainda estão lá. Durante a escavação do local, os cientistas desenterraram duas estátuas gigantes, uma em um pedestal e a outra em um buraco profundo, enterrados no subsolo e em escombros.

As análises realizadas permitiram estimar que os colossos teriam sido erguidos entre 1510 e 1645, enquanto as atividades nesta parte da pedreira teriam se iniciado por volta de 1455.

Mais importante, os pesquisadores descobriram que as esculturas estavam em uma posição que sugeria que seu destino era ficar ali e não ser transportadas, como outras, para o resto da ilha.

Qual propósito? As análises do solo circundante trouxeram uma pista inesperada. Os resultados revelaram a presença anterior de safras de banana, taro e batata-doce. Eles também indicaram que o solo neste mesmo lugar era particularmente rico em vários elementos. "Quando recebemos os resultados do teste, tive que dar uma segunda olhada", disse Sarah Sherwood, co-autora do estudo.

"Havia níveis muito altos de elementos que eu nunca pensei que encontraria aqui, como cálcio e fósforo. A química do solo tem mostrado altos níveis de elementos que são essenciais para o crescimento das plantas e essenciais para o crescimento das plantas. obter produções importantes ", continuou o geoarqueólogo em nota à imprensa.

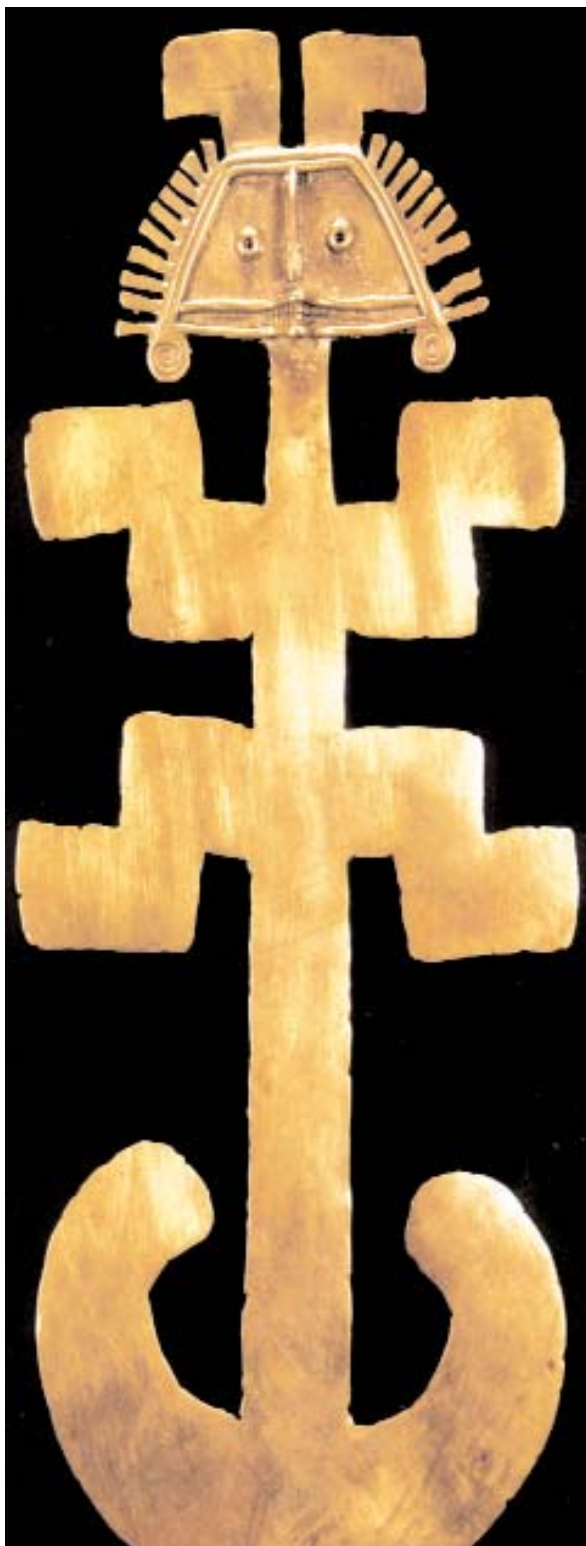
Pedreira e área agrícola produtiva

Segundo a equipa, os solos de Rano Raraku são provavelmente os mais ricos da ilha e sem dúvida há muito tempo. Portanto, a pedreira não teria sido usada simplesmente para extrair pedras e esculpir os Moai, mas também para cultivar culturas essenciais para a sobrevivência dos habitantes. Duas atividades que estariam intimamente ligadas, diz o estudo.

Se o solo ficou tão rico, foi graças ao processo de extração da rocha local, o tufo vulcânico. "Na pedreira, o fluxo constante de pequenos fragmentos de rocha gerados pelo processo de mineração permitiu um sistema de retorno perfeito de água, fertilizantes naturais e nutrientes", disse Sarah Sherwood.

Além dessa atividade, o povo de Rapa Nui teria tido a boa intuição de plantar várias safras no mesmo local, o que teria promovido ainda mais a fertilidade do solo. Depois de concluído e instalado no local, o Moai teria servido para manter o caráter sagrado da pedreira.

"Os Moai estavam no centro da ideia de fertilidade e, na crença dos Rapanui, sua presença aqui estimulou a produção de alimentos agrícolas", disse Jo Anne Van Tilburg, diretora do Projeto da Estátua da Ilha de Páscoa, que está trabalhando no por mais de trinta anos. a ilha chilena. "Este estudo quebra completamente a ideia de que todas as estátuas de Rano Rarku estavam esperando para serem transportadas para fora da pedreira."

Estas obras constituem, segundo os seus autores, a primeira prova científica de que a pedreira representava uma paisagem complexa e de que existiam ligações entre a fertilidade do solo, a agricultura, a exploração da pedreira e a natureza sagrada dos Moai. No entanto, o enigma das estátuas gigantes ainda contém muitas áreas cinzentas. Por exemplo, três das estátuas gigantes têm, nas costas, desenhos gravados que não existem em nenhuma das outras 1.000 estátuas listadas na ilha e cujo significado permanece obscuro. Jo Anne Van Tilburg e seus colegas iniciaram um novo estudo para analisar as gravuras e tentar desvendar seu segredo.

BACK TO THE ETERNAL BEGINNING OF THE ORIGINS

Os humanos estão na América há 130.000 anos.
A descoberta em San Diego, Califórnia, de ossos de mamute de 130.000 anos que se acredita terem sido quebrados por mãos humanas define a data geralmente aceita de chegada dos primeiros humanos nos Estados Unidos há mais de 100.000 anos. Os detalhes dessa descoberta, que certamente despertará ceticismo, foram publicados na revista Nature.

Os restos de um mastodonte com vestígios de carnificina mostram que ferramentas de pedra foram usadas 130.000 anos atrás na América do Norte.
Em 1992, durante um projeto para estender uma rodovia na Califórnia, paleontólogos do Museu de História Natural de San Diego foram chamados para examinar ossos que as escavadeiras acabavam de trazer à superfície. Os restos mortais são identificados como pertencentes a uma espécie prima do mamute, o mastodonte. Em meio aos ossos fossilizados, os pesquisadores desenterram molares quebrados e uma presa, mas também grandes pedras dispostas de forma não natural. Para o geólogo Tom Deméré parece que "o processo geológico que aos poucos depositou o lodo sobre os ossos não poderia, por outro lado, ter transportado as pedras", explica. A presença deles ao redor dos ossos sugeriu que alguém os trouxe lá ...

Em 1992, paleontólogos do Museu de História Natural de San Diego, no sul da Califórnia, desenterraram os fragmentos deste mamute no meio de uma construção de estrada. Enterrados sob três metros de sedimento, os ossos, presas e molares deste mastodonte foram encontrados reunidos perto de ferramentas de pedra que se assemelham a martelos e bigornas.

De acordo com os pesquisadores, os "planos de fratura em espiral" dos ossos e molares indicam que eles se quebraram sob o impacto de golpes de uma ferramenta de pedra ainda frescas. Além disso, vários espécimes de ferramentas de osso e pedra mostram traços de percussão e estão cercados por fragmentos de osso e pedra, provavelmente do golpe em sua superfície com o martelo de pedra, disse Richard durante uma entrevista coletiva. Fullagar, geoarqueólogo do Centro de Ciências Arqueológicas da Universidade de Wollongong, Austrália. Para os paleontólogos que participaram do estudo, as pegadas gravadas nos artefatos não podem ser atribuídas à erosão, pisoteio ou roedura de ossos por animais, ou mesmo carnívoros que acreditam não conseguir abrir o fêmur fresco de um mamute.

Para confirmar a hipótese, os pesquisadores partiram para quebrar ossos de um elefante, que pertence a uma espécie aparentada com os mamutes, que morreu de causas naturais usando grandes pedras em forma de martelo. . "Desta forma, fomos capazes de reproduzir exatamente os mesmos padrões de fratura que observamos em ossos de mamutes encontrados no sítio do Mastodonte Cerutti", disse o primeiro autor Steven Holen, diretor de pesquisa do Centro de Pesquisa Paleolítica Americana em Dakota do Sul. . "Esta é uma tecnologia muito antiga que era usada pelos povos da África há 1,5 milhão de anos para extrair e comer medula óssea dos ossos e fazer ferramentas. E quando os humanos deixaram a África e viajaram pelo mundo, eles continuaram a usar essa tecnologia e, assim, a espalhá-la pelo mundo. "

Martelo de pedra encontrado próximo a ossos quebrados

Stone hammer found next to broken bones

Em 2014, quando os paleontólogos se convenceram de que os fragmentos de osso e pedra que descobriram foram moldados por humanos, eles chamaram o geólogo James Paces, do Serviço Geológico dos Estados Unidos, para perguntar sobre isso. 'ele estima a idade. Como os ossos não continham mais colágeno, ele foi incapaz de usar o método de datação por carbono 14. Paces então recorreu ao "método de desequilíbrio da série de urânio", que revelou que os fragmentos de osso e ferramentas de pedra estavam enterrados no sedimento há 130 mil anos.

Estupefação

Esse resultado foi literalmente uma surpresa para os pesquisadores do estudo, visto que os vestígios mais antigos da presença humana nos Estados Unidos que foram descobertos até agora datam de no máximo 24.000 anos. No entanto, aos seus olhos, todas as evidências encontradas no campo tornam sua hipótese indiscutível. Em um comentário publicado na mesma edição da Nature, Erella Hovers do Instituto de Arqueologia da Universidade Hebraica de Jerusalém, Israel, e do Instituto de Origens Humanas da Universidade Estadual do Arizona, também disse que "evidências do site Cerutti Mastodon que tem sendo rigorosamente documentado, será difícil refutar. "

No entanto, os pesquisadores estão menos confiantes na origem e na espécie desses homens que provavelmente viveram nos Estados Unidos há 130.000 anos. "Quando o último período interglacial começou, a ponte terrestre da Beringia que conecta a Ásia à América do Norte estava começando a inundar devido ao aumento do nível do mar", disse Steven Holen. Se esses primeiros humanos chegaram a pé, eles devem ter chegado ao Alasca há mais de 130.000 anos. Caso contrário, eles conseguiram chegar à América de barco, cruzando um estreito de no máximo 80 km. Temos evidências de que os primeiros humanos usaram navios muito cedo, especialmente quando chegaram a Creta, no Mediterrâneo, há mais de 130.000 anos, e à ilha de Sulawesi, na Indonésia, entre 118.000 e 194.000 anos atrás. "

De acordo com Richard Fullagar, representantes de três espécies diferentes do gênero Homo conseguiram chegar ao norte da Califórnia há 130 mil anos. Eles podem ser neandertais (Homo neanderthalensis), cujos ossos e ferramentas datando de 130.000 anos foram encontrados em várias partes da Sibéria, ou denisovanos (hominídeos denisovanos), cuja presença foi confirmada por análise genética de uma falange de dedos encontrada no Altai montanhas. , entre a Rússia, China, Mongólia e Cazaquistão. O Homo erectus também é um candidato, já que vestígios de pelo menos 1,4 milhão de anos foram desenterrados na China. "Embora não se saiba quando o Homo erectus foi extinto no Leste Asiático, os vestígios mais recentes desta espécie que foram descobertos em Java datam de cerca de 140.000 anos atrás", especifica Fullagar, antes de acrescentar que "não há vestígios. Homo sapiens datados de 130.000 anos foram descobertos na Sibéria, apenas dentes entre 80.000 e 120.000 anos foram desenterrados na China. "

Quando os pesquisadores são apontados que sua descoberta contradiz estudos genéticos dos povos indígenas da América do Norte que indicam que seus ancestrais de ascendência asiática chegaram ao novo continente há cerca de 23.000 anos, eles levantam a hipótese de que humanos que quebraram ossos e fizeram ferramentas de pedra em A Califórnia, há 130.000 anos, fazia parte de um grupo que provavelmente deixou a região.

Os paleontólogos do Museu de História Natural de San Diego agora planejam escavar sítios que datam de 130.000 anos nos quais nunca haviam se interessado antes de sua descoberta.

Homens na América há 130.000 anos?
A colonização do continente americano é um debate acalorado. Ou exatamente é a data da chegada dos primeiros homens às Américas que representa um problema. Até agora era aceito principalmente que a presença humana no continente americano era atestada por 14 a 18.000 anos. Além disso, durante vários anos, muitos sítios arqueológicos apresentaram datas muito mais antigas que questionavam a comunidade científica. Pode-se citar, por exemplo, o sítio Pedra Furada no Brasil, que apresenta pinturas rupestres em um sítio datado entre -35 e -45.000 anos, mas também as cavernas BlueFish na América do Norte que podem remontar a -25.000 anos.

Um novo estudo de ossos de mastodonte
No novo estudo publicado na revista Nature por Judy Gradwohl (Museu de História Natural de San Diego), os pesquisadores analisaram minuciosamente os ossos encontrados em 1992 que estavam em posse do museu.

Com os últimos avanços tecnológicos, a equipe de cientistas conseguiu datar ossos e pedras próximas. Este método de datação por radiocarbono mede a decomposição do urânio em tório. A medição de suas respectivas taxas permite estimar suas idades aplicadas aos ossos de mastodontes. Esse método permitiu datá-los de -130.000 anos atrás, o que não é ilógico para esses animais naquela época e na região.

A equipe então examinou os próprios restos fossilizados. Na verdade, os ossos tiveram quebras que não podem ser causadas por carnívoros ou movimento do solo. Os ossos foram quebrados intencionalmente, talvez até com a ajuda das pedras ao redor. Esta última poderia ter servido de massa e bigorna, como os pesquisadores puderam observar ao realizar reconstruções arqueológicas.

Além disso, o exame das fraturas indica claramente que o osso estava fresco quando foi quebrado, conforme indicado pela equipe. "" Em 9.000 anos, esses ossos, que ainda estavam frescos quando foram fraturados com ferramentas. pedra, eles foram enterrados 130.000 anos atrás. "

Podemos falar de um sítio antropogênico?

Até agora, nada indicava a presença humana nos Estados Unidos há 130.000 anos. E, no entanto, quem, além de um hominídeo, poderia ter quebrado esses ossos servindo como pedras de martelo e bigorna? Esta descoberta surpreendeu os próprios cientistas que realizaram as medições em diversas ocasiões, suspeitando que as conclusões seriam controversas ...

"Parecia um sítio arqueológico, mas não podia ser!" Diz a equipe do Museu. "Os ossos e vários dentes demonstram claramente que os humanos os quebraram deliberadamente com habilidade e experiência", explica Steve. Holen, co-autor do estudo.

"Esta descoberta lança uma nova luz sobre a nossa compreensão da chegada da humanidade ao continente americano. As evidências que encontramos neste local indicam que uma ou mais espécies de hominídeos viveram na América do Norte 115.000 anos atrás, antes do que se pensava", disse Judy. Gradwohl (Museu de História Natural de San Diego) ".

Isso levanta várias questões sobre como os primeiros humanos chegaram aqui e quem eles eram. "Na verdade, há 130 mil anos ainda não é possível determinar quais espécies estavam presentes no local. Como possíveis pretendentes, temos o Homo sapiens, os denisovanos, mas também os neandertais.

unta delgada
y puerto
golfo
ylheos
dos ylheos
costa tela
del golfo
unta delas figueras

ABYA SOURCE

https://fr.wikipedia.org/wiki/Liste_des_peuples_indig%C3%A8nes_des_A
m%C3%A9riques
https://fr.wikipedia.org/wiki/Civilisation_pr%C3%A9colombienne
https://fr.wikipedia.org/wiki/Tikal
https://fr.wikipedia.org/wiki/Tulum
https://mail.google.com/mail/u/0/#label/ABYA+RECHERCHE/FMfcgzGlkj
hCXknsXCGrQnlthTgzPChN
https://www.geo.fr/histoire/mayas-tolteques-azteques-qui-etaient-les-peu-
ples-de-la-meso-amerique-193080
https://www.larousse.fr/encyclopedie/divers/pr%C3%A9colombien/82203
https://www.lescereales.fr/culture/une-cereale-cosmogonique-le-mais
https://www.archaeology.org/issues/430-2107/features/9751-autobiogra-
phy-of-a-maya-ambassador
https://www.axl.cefan.ulaval.ca/amnord/usa_6-1histoire.htm
https://oraprdnt.uqtr.uquebec.ca/pls/public/gscw031?owa_no_site=85&o
wa_no_fiche=85&owa_bottin=
https://www.sciencesetavenir.fr/archeo-paleo/archeologie/des-
chercheurs-brisent-le-mythe-de-la-civilisation-perdue-de-cahokia-vaste-
cite-amerindienne-au-coeur-de-nombreux-fantasmes_140937
https://www.geo.fr/histoire/les-statues-de-lile-de-paques-ont-elles-enfin-
revele-leur-secret-199101
https://www.geo.fr/histoire/au-chili-des-archeologues-decouvrent-la-plus-
vieille-empreinte-humaine-des-ameriques-195451
https://www.geo.fr/histoire/au-xve-siecle-plus-de-220-enfants-ont-ete-
sacrifies-pour-les-dieux-au-perou-194829
https://www.thoughtco.com/kelp-highway-hypothesis-171475
https://www.sciencesetavenir.fr/archeo-paleo/archeologie/la-plus-anci-
enne-et-plus-importante-structure-du-monde-maya-revelee-par-le-
lidar_144920
http://www2.ggl.ulaval.ca/personnel/bourque/s4/pangee.auj.html
https://www.ledevoir.com/opinion/idees/617103/histoire-epidemies-et-
colonisation-de-l-amerique

GÉNÉALOGIE GÉNÉTIQUE
Toutes les études génétiques sont sur ce site
GENETIC GENEALOGY
All genetic studies are on this site

http://secher.bernard.free.fr/blog/index.php?
http://secher.bernard.free.fr/blog/index.php?post/2012/12/03/M%C3%A9l
anges-g%C3%A9n%C3%A9tiques-ancien
http://secher.bernard.free.fr/blog/index.php?post/2016/07/07/Assimilation
-des-hommes-archa%C3%AFques-par-les-hommes-modernes
http://secher.bernard.free.fr/blog/index.php?post/2013/01/08/Le-peuple-
ment-des-Am%C3%A9riques
http://secher.bernard.free.fr/blog/index.php?post/2016/04/05/ADN-mito-
chondrial-ancien-aux-Am%C3%A9riques
http://secher.bernard.free.fr/blog/index.php?post/2018/11/09/Dispersions-
anciennes-des-hommes-en-Am%C3%A9riques
http://secher.bernard.free.fr/blog/index.php?post/2018/11/10/Histoire-
g%C3%A9nomique-de-l-Am%C3%A9rique-Centrale-et-du-Sud
http://secher.bernard.free.fr/blog/index.php?post/2017/12/22/ADN-mito-
chondrial-ancien-en-Am%C3%A9rique-Centrale-et-au-Mexique
http://secher.bernard.free.fr/blog/index.php?post/2015/02/04/Le-peuple-
ment-du-Groenland-vu-%C3%A0-travers-l-ADN-du-chromosome-Y
http://secher.bernard.free.fr/blog/index.php?post/2014/09/02/La-
pr%C3%A9histoire-g%C3%A9n%C3%A9tique-du-grand-Nord-
am%C3%A9ricain
http://secher.bernard.free.fr/blog/index.php?post/2017/10/17/ADN-mito-
chondrial-ancien-%C3%A0-Terre-Neuve%2C-Canada
http://secher.bernard.free.fr/blog/index.php?post/2013/08/27/Le-peuple-
initial-de-l-Am%C3%A9rique-du-sud
http://secher.bernard.free.fr/blog/index.php?post/2017/11/15/Ascendance
-g%C3%A9nomique-des-communaut%C3%A9s-Noir-Marron-de-
Guyane-Fran%C3%A7aise-et-du-Suriname
http://secher.bernard.free.fr/blog/index.php?post/2018/01/04/Le-
g%C3%A9nome-d-un-individu-membre-de-la-population-fondatrice-des-
Am%C3%A9rindiens
http://secher.bernard.free.fr/blog/index.php?post/2015/01/19/La-diver-
sit%C3%A9-mitochondriale-autour-du-d%C3%A9troit-de-Bering-
%C3%A9claire-les-migrations-pr%C3%A9historiques-entre-la-
Sib%C3%A9rie-et-l-Am%C3%A9rique-du-nord-arctique
http://secher.bernard.free.fr/blog/index.php?post/2016/09/21/Les-popula-
tions-Na-Dene-descendent-des-Pal%C3%A9o-Eskimos
http://secher.bernard.free.fr/blog/index.php?post/2017/01/26/Ascendance
-Am%C3%A9rindienne-chez-les-Rapanuis-de-l-%C3%AEle-de-
P%C3%A2ques